

J. GIBRÃO CHRYSTELLE

# Crónica Açores:

Uma Circum-Navegação

De Timor e Macau,  
Austrália, Brasil, Bragança até  
aos Açores



J. GIBRÃO CHRYSTELLE

## Crónica Açores:

Uma Circum-Navegação

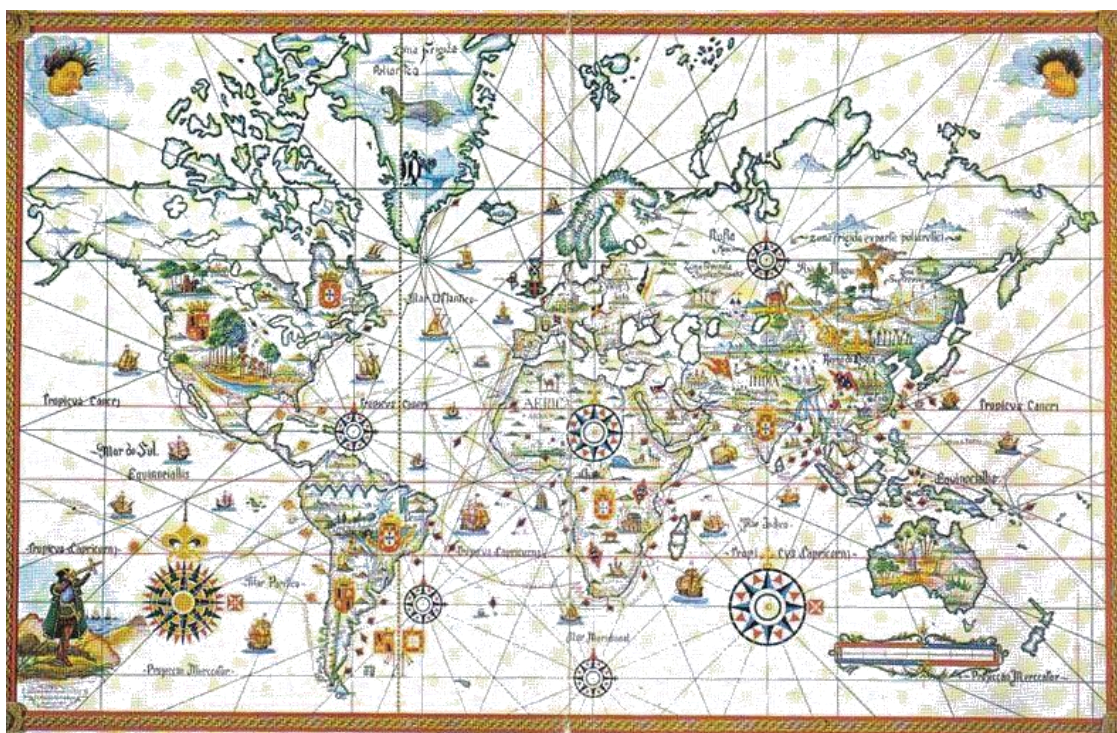
De Timor e Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores



# CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM- NAVEGAÇÃO

volume 2 (2011, revisto em 2018)

DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES



*J. CHRYS CHRYSTELLO*

## Badana 1

*Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad e outros, cavaleiros da Távola Redonda em busca do Santo Graal. Neste livro não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar. Há apenas um cavaleiro da poesia, armado de utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.*

*De Trás-os-Montes, sua pátria, partiu à conquista do “Iulic” em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um “Anno Horribilis” no verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul e com passagem pelo Oriente do Meio e seus emirados.*

*Viajou por metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países para, por fim, aterrar como um milhafre, que é afinal um Buteo buteo rothschildi na ilha de S. Miguel (Açores).*

*Daqui fascinou a conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge. Em qualquer delas viveria se o deixassem.*

*Se na pátria (Austrália) descobriu uma tribo aborígene a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança divisoa a sua mátria e nos Açores desencerrou o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.*

*Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto as terras, as gentes e os costumes e tradições.*

*Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recuperando as suas origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta “Atlântida” onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil literatura açoriana fundíbulo de autonomias por cumprir.*



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,  
VOLUME 2 (2011 revisto 2018)**

**DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES**



**J. CHRYS CHRYSTELLO**

**Outras Obras do autor**

2017. *Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas*, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada

2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.

2017. *A língua portuguesa na Austrália, Capítulo no livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório*

[https://www.academia.edu/32435126/A\\_L%C3%ADngua\\_Portuguesa\\_no\\_Mundo\\_3p\\_TL\\_-1\\_12-04-2017.pdf](https://www.academia.edu/32435126/A_L%C3%ADngua_Portuguesa_no_Mundo_3p_TL_-1_12-04-2017.pdf)

2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dez 2016

2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in *A condição de ilhéu, capítulo do livro A condição de ilhéu, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa*

[https://www.academia.edu/32435182/N%C3%A3o\\_se\\_%C3%A9\\_ilh%C3%A9u\\_por\\_nascer\\_numa\\_ilha\\_in\\_A\\_CONDI%C3%87%C3%83O\\_DE\\_ILH%C3%89U](https://www.academia.edu/32435182/N%C3%A3o_se_%C3%A9_ilh%C3%A9u_por_nascer_numa_ilha_in_A_CONDI%C3%87%C3%83O_DE_ILH%C3%89U)

2016. Prefácio do livro "Um missionário açoriano em Timor" de D. Carlos F Ximenes Belo

2015. *CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia.*

<https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>,

<https://blog.lusofonias.net/wp-admin/post.php?post=58615&action=edit>

2015, livro *Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015,*

[https://www.academia.edu/12547068/Cr%C3%B3nicas\\_Austrais\\_1978-1998](https://www.academia.edu/12547068/Cr%C3%B3nicas_Austrais_1978-1998)

<https://blog.lusofonias.net/wp-admin/post.php?post=58622&action=edit>

2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. *Calendário de Letras e AICL* [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672015000300016](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016)

2013, livro *Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 3ª edição 2013* <http://lusofonias.net/images/pdf/CRONICAS%20AUSTRAS%201978-1998%203%20ed%20livro.pdf> ,

2012, livro *Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0*

(*Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0* <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

2012, livro *Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646*

2012, livro *Timor Leste vol. 3, As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) 1ª ed.* <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf>

2012, livro *East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. 2012*

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução livro de Caetano Valadão Serpa "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine"

2012, livro *Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter - DVD - 1ª ed. 2005-2012*  
<https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>  
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>

2011, *Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras*

2011, livro *Crónica Açores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras* [www.calendario.pt/](http://www.calendario.pt/)

2010, tradução para inglês dos *Guia: Mergulho da Madeira; Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor*

2009, livro *Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online*

[https://www.academia.edu/12546837/Chr%C3%B3nica%C3%A7oes\\_uma\\_circum-navega%C3%A7%C3%A3o\\_O\\_livro\\_volume\\_um\\_de\\_Timor\\_%C3%A0\\_Austr%C3%A1lia\\_Brasil\\_Bragan%C3%A7a\\_at%C3%A9\\_aos\\_A%C3%A7ores](https://www.academia.edu/12546837/Chr%C3%B3nica%C3%A7oes_uma_circum-navega%C3%A7%C3%A3o_O_livro_volume_um_de_Timor_%C3%A0_Austr%C3%A1lia_Brasil_Bragan%C3%A7a_at%C3%A9_aos_A%C3%A7ores),

<https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA> .

<https://blog.lusofonias.net/wp-admin/post.php?post=58612&action=edit>

[https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief\\_results](https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results)

2009, livro *Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed 2009*

2008, *Tradução para inglês do livro "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá. Ed. VerAçor.*

2008, *Tradução do livro "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Soares, prelo, ed. VerAçor.*

2008, *Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada*

2007, *Tradução do livro português "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal*





*"A maior prova de coragem é suportar as derrotas sem perder o ânimo."*  
(Robert G. Ingersoll)

## O EGO DO ANTI-HERÓI

*The best way to predict the future is to invent it."*  
(Alan Kay)

JC sempre agasalhara o que escrevia tal como seu pai arquivava tudo contrariando a metódica ordenação da mãe que albergava só o essencial. Arribou a manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma. Tamanhos, formatos e estilos matizados pela pátina do tempo, não catalogados nem ordenados. Outros pejavam o verso de folhas A4, recicladas de traduções, de notícias e de cartas. Havia que descortinar o real do inventado ou meramente sonhado, já publicado ou no eterno prelo. Decifrava cronogeograficamente eventos por datas, continentes e países. Lá passara, caixeiro-viajante impaciente e insatisfeito à cata de pátria, mátria, lar. Mal refeito da maratona de dividir o volume um, meteu mãos à obra. Este tomo não seria mera extensão do anterior, mas granjearia vida própria. Não era fácil. As palavras encadeiam-se, umas nas outras, que nem hera. Labaredas de fogo que nenhum bombeiro conseguia controlar.

Fora um apátrida escarafunchando nações como quem demanda amores. Sociável, quedava-se agora à sombra protetora do ninho. Abdicara de espadanar contra déspotas, corruptos e mediocres, como fizera por nove lustros. Não foram as chuvaradas azóricas que apagaram os fogachos da paixão. Debelaram-se quando subitamente o desespero se apossou. Sem premeditação. Dissiparam-se na sublimação do hábito que torna os quotidianos em fainas, cada vez mais, penosas. Passara o tempo da dor. Sorria pouco. O presente seria fruído sem os hedonismos de outrora, com a frugalidade que o seu paradigma de vida lhe permitia. Não poderia repeti-la, mas bisá-la-ia em idênticas circunstâncias. O passado já não era. Os traumas de guerra e do SMO (Serviço Militar Obrigatório do Exército Colonial Português) que o afetaram, aguilhoando a sua vida sem sarar ou desaparecer, impeliam-no. Iria refazer a vida. Ser feliz. Ter a família e a estabilidade que compensassem as carências e desprazeres que a destruição do seu *modus vivendi* trouxera.

Martelava ferozmente o teclado. Lá gastara a última grosa de vida. Doze dúzias de anos lhe pareciam. No exterior, a vida decorria sem rapidez. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria corroer com a humidade infundável, secreta fórmula destas ilhas sempre verdes. Incessantemente se entesouravam escritos na prisão para onde desde miúdo arrojara o que produzia. Um dia ser-lhe-iam úteis. Aprendera com o seu pai. Redizia-o até à exaustão. A experiência ditava-lhe secretamente que seriam profícuos. Várias vezes o haviam sido.

Sabia ser abstruso. Os que o rodeavam descompreendiam o frenesim, a angústia de escrever. Recusavam a lógica irrepreensível. Tinha uma missão diferente, sem rotas nem itinerários. Eremita,

rodeado de gente pouca, por todos os lados. Como convém a quem é ilha. Incapaz de se contagiar por clamores externos. Otimista quanto a melhores dias que virão. Sem desalentos. Quando menos se espera.

Dos poucos romeiros a visitá-lo, o inefável Daniel de Sá com seus dogmas e a crença infinda na bondade humana. Temperada pelo desapontamento dos excessos de democracia. Por vezes, cavaqueava longamente com o escritor Cristóvão de Aguiar. Exaltados e revoltados contra a injustiça, quimera ensinada em verdes anos. Não terçaria diálogo com o escritor Dias de Melo, reconhecido pela epopeia baleeira e não como lutador contra a injustiça de capitalismo e feudalismos que são o cartão-de-visita do arquipélago. JC conjugava a utópica visão herdada da juventude.

Optara pelo isolamento, quiçá aprendido de Nietzsche, bandeira de aprendizagens várias. Arvorava-se em arauto da liberdade de expressão que os cravos da revolução (1974) trouxeram. Lamentava não ter surgido o verdadeiro motim das mentes. Nunca amnistiaria quem usara o lápis azul da censura. Amputaram-lhe para um terço o primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita. Nunca amnistiaria o país que o mandara para o exército colonial. Embotara-lhe os sonhos, o direito à felicidade. Temia e abominava todos os totalitarismos e fundamentalismos. Receava ser apodado de elitista. Concebia-se privilegiado, vivera três vidas e três carreiras profissionais. A todas enlaçara. Sem materialismos para mostrar à mãe sempre preocupada com o seu bem-estar.

Acarreava a pesada bagagem de conhecimentos e culturas que teimava em expatriar com as suas viagens. Saltimbanco em busca de freguesia. Como jornalista fora sempre independente. Os novos escribas viviam de costas alquebradas à censura económica dos patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevia. Quase ninguém imprimia livremente. Não havia já quem lesse. Analisava conjunturas, mundiais ou nacionais, usando o senso comum. Lastimava que a arraia-miúda, ora livre e com direito a voto, não discernisse com clareza e transparência. A democracia é como o verniz, demora a infiltrar-se.

Carpia ter secado a fé com que crescera, mas comprazia-se aplicando os seus ensinamentos. Ironizava. Era mais católico do que muitos praticantes do rito. Fizera bem sem olhar a quem. Outros se benziam e comungavam numa encenação de parafilia pública que lhe repugnava. Lá estava ele a meter o sexo na igreja. Sempre existira. Deixara aos filhos a liberdade religiosa. Nunca ia à missa só porque sim, como o seu pai a acompanhar a mãe praticante. Os tempos eram outros. Não havia o estigma de faltar ao culto. Cria na coerência.

Observava o mundo a seus pés. Convicto de os humanos poderem ser iguais, independentemente do género, nacionalidade ou cor. Lucidamente consciente desta e doutras utopias. Haveria sempre os ricos favorecidos pela “sorte” e os outros. Quem enriquece à custa de trabalho honesto? Persistia nos arraigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. As leis, independentemente do país, estão repletas de iniquidades. Favorecem ricos e corruptos. Quem se

“lixa é o mexilhão”. Os pequenos servem de exemplo. Bastava nascer no Ruanda, Tuvalu (Pacífico Sul) ou numa favela para o futuro ser radicalmente distinto do “rapaz da sua idade” do palácio de Buckingham.

Sem deformações congénitas ou deficiências genéticas adquirira uma perigosíssima estirpe viral: do conhecimento. Outra imperfeição genética paterna: a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e pensamento. Malformação que lhe valera dissabores pessoais e profissionais. Descera das nuvens, que pairavam como um capelo sobre as ilhas, num dia de sol radioso e humidade excessiva. Permanecera como quem não quer poisos certos. Cedera ao peso das dúvidas. Ou das dívidas. Desesperança.

Deslizava vagarosamente pelo calendário dos dias, sem marcas na paisagem, apenas umas baforadas de cigarros, acesos, uns atrás dos outros. Haveria de deixar de fumar, nem que fosse ao morrer. O pai em coma, agonizante no leito de óbito, acendia cigarros imaginários que levava à boca ressequida, enquanto olhava para o relógio de pulso que já lá não estava. Com medo de não cumprir a tempo e horas um encontro que JC desejava adiado. Para partilharem missões por cumprir, guardadas para estes anos finais. Quando as chamadas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam de memórias. Atribuía-o à idade, embora envelhecesse suavemente, sem pressas nem negações. Não devaneava, mas tinha saudades de áreas extensas e horizontes sem fim, típicos da sua Austrália, continente-ilha.

Sentira-se caduco ao espirrar e lhe saltara a dentadura postiça. Estava tolhido. A nesga de mar e terra vislumbrava-a pela janela. Como quem almeja novo passaporte. O verde afetava-o como o sol de que carecia para a sua função clorofilina. Obrigara-se a nunca se queixar. Sempre contentado sem se aprazer. Resignado era o termo. Fingia que nada o afetava nem inquietava. As perplexidades e os temores assolavam-no numa escala metafísica pouco consentânea com as apreensões mais comezinhas dos que o rodeavam. Tornara-se taciturno, monossilábico. Sempre discursara, ora, calado e ensimesmado não tinha com quem dialogar. Ao seu redor, surdos que não mudos, falavam a língua com sotaques estranhos. Quiçá incompreensíveis. Sentia-se estrangeiro. Bienalmente, partilhava palavras com os seus pares nos Colóquios. Organizava-os à custa de muita labuta, sem provento nem proveito próprio. Deixara de viajar como fizera toda a vida. Locais exóticos só no pequeno ecrã. Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, nunca se cansava de falar em liberdade de expressão, de opinião: a individual mais vital do que o pão ou o dinheiro para saldar contas.

Não se coibia de dizer **NÃO** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim. Não pactuava com falsas noções. Socialmente incorreto. Não comparecia porque não apetecera. É difícil aceitar declarações honestas. Ninguém gosta de saber que não querem estar connosco. Ficar em paz. Coisa banal que se resume a não estar com os outros. Há momentos para tudo. Para connosco e para com

os outros. Essa era a liberdade. Quando algo o constrangia, não deixava que o atormentasse. Punha termo ao mal-estar. Mesmo que houvesse ofendidos e tristes por preferir a sua companhia.

Era avesso a todas as formas de dirigismo ou controlo. Nunca fora de Partidos. Queria decidir por si. Mesmo quando inconscientemente manipulado pelo que lia e ouvia. Preferia a solidão do seu “castelo” a juntar-se às proles gentias. Sem cerimónia dizia-se alérgico a hordas. Já o escrevera no poema que abria o livro de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil, 1972] *“... por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir.”* Ideia premonitória. Ainda não a vivera. Decorria então a primavera da ditadura marcelista estiolada.

A relação com os outros fora sempre problemática. Averso a ditames. Fora assim com a autoridade paternal, com os militares no decurso da sua não-vida no exército colonial e na esfera profissional. Invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham e estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, alienígenas.

Preferia o silêncio do teclado martelado suavemente com ideias. Ansiava interlocuções profundas. Elegia argumentos “intelectuais” em que se esgrimissem fundamentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo. Nem a sociedade, nem os políticos, se encarregariam de fazê-lo.

Acreditava que marcaria a diferença e começava as revoluções em casa. Rompera com a tradição. Iria ajustar a identidade à *persona* que adotara como seu alter ego.

O problema existencial de JC era saber quem venceria o duelo. Ele ou o duplo. Esta dicotomia definira a personalidade, independente de heranças genéticas e outras.

Sempre quisera construir o rumo sem transportar o peso morto das expetativas. Seria isto uma demonstração da sua não-aceitação do destino marrano? Ou a necessidade de reafirmação da sua cristandade?

**Iria finalmente exorcizar os seus demónios neste segundo volume da trilogia?**

## CAPÍTULO 1 - INSULARIDADES AZÓRICAS

*Hegel tinha razão quando disse que aprendemos com a história que o  
homem nunca pode aprender nada com a história*  
*George Bernard Shaw*



## 1. DA DESCOBERTA DA ESCRITA AÇÓRICA

*Nada vos pertence mais que os vossos sonhos!*

*Friedrich Nietzsche*

Falara e escutara **Daniel** [de Sá], **Cristóvão** [de Aguiar], José **Dias de Melo**, **Vasco** [Pereira da Costa], **Onésimo** (de Almeida), **Urbano** [Bettencourt], **Álamo** [de Oliveira], [Victor] **Rui Soares**, entre outros. Com eles aprendera e compreendera a canga que os cachaços insulares carregavam, muitas vezes, sem o saberem. O mal da descoberta da escrita açoriana para um leitor neófito é ser um vírus altamente contagioso. Foi o que lhe adveio ao ler Dias de Melo. Exagerara mesmo numa mesa-redonda na RTP-Açores (março 2009) ao afirmar que merecia ser mais conhecido que Hermann Melville, o da baleia Moby Dick, ao que Cristóvão retorquira ser uma hipérbole. A propósito do mesmo assunto esclareceria:

*Continuamos com a mesma pecha, a chamada açorianite aguda, que eu julgava que os Colóquios tinham banido para sempre: o melhor da literatura, o mais belo que já li em toda a minha vida, e outros disparates do género. Ridículo! Enfim, só falta acrescentar que devia ter ganhado o Nobel, pelo menos este, que se houvesse mais elevado, seria este. Afinal, continua tudo na mesma, tal qual a música da Relva: o mesmo e mais forte. Elogia-me a mim, para que te elogie a ti. Oh compadre, aqui na freguesia há só duas pessoas inteligentes. Um sou eu, agora diga o compadre quem será a outra... Já o Álamo e o João Afonso escreveram em 1981 no jornal União, de Angra, que O meu Mundo não é deste Reino, de João de Melo, era superior ao Mau tempo no Canal e melhor que o Apocalipse de São João (Vide: Relação de Bordo I, pp. 297 a 301 (10 de junho de 1983). Francamente... Assim, não passamos de paroquianos convencidos de que somos os melhores do mundo. Chamei um dia a este complexo de superioridade "A Insular Bazófia". Haja juizinho...*

Numa fase seguinte, entre muitos que ia lendo, voltara-se para a obra deste autor. Uma prosa que se cola como uma sanguessuga e retira o sangue impedindo a irrigação cerebral. Fica-se refém da sua escrita, que não sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão daquilo que lhe está subjacente. Embrenhara-se noutros escritores que ia desbravando. Com a literatura os autores açorianos poderiam chegar mais longe. Libertar-se. Para isso teriam de mondar mercados novos e virgens. Como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações açorianas, poderiam alcançar descendentes, expatriados e os que aprendem o orgulho da nação açoriana, na sua cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas andam hoje. Mas os colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos, até à velha Cortina de Ferro onde há apetência para escritores lusófonos.

JC não mentia ao escrever. Tudo o que saía era sentido. Cristóvão de Aguiar fora lisonjeiro ao dizer-lhe que também Torga nunca mentira ao escrever poesia. Havia tão-só a origem transmontana comum. Nem JC era Torga, nem exprimia senão sentimentos reprimidos. Após meses de silêncio

exercitara a pena de croniqueiro com a verve de jornalista que nunca deixara de ser. Era isto o que a escrita de Cristóvão, lentamente descortinada além das brumas, lhe proporcionava. Para aquele autor nunca seria catarse, mas fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...enquanto para JC a escrita e os colóquios da lusofonia são a expiação constante da sua guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros.

*Caro Amigo Chrys,*

*Após a longa conversa telefónica entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança. Como escrevi em epígrafe, é de mais! De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofensa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arredores de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha. Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor. Como o padre no Ofertório, digo-te: Senhor, non sum dignus! De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa (em março-abril do corrente ano 2009). Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual... Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas espero desvenenar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário [Girão dos Santos] com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Será este o ano da minha morte? Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato. Um forte abraço do Cristóvão.*

Ao que respondera JC como segue:

*Cheguei agora dos Moinhos, a praia favorita entre as parcas e negras nesgas de areia da ilha. Pópulo e Milícias desgostam pelos nomes pejados de falsa democracia malcheirosa. [Perdão, que alguém ao ler estas linhas (ora que o governo guarda as mensagens eletrónicas nunca se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que, como esquerdista declarado, não perfilha de amor pela democracia]. Mentiria se não o afirmasse, só que a versão à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades delas grandes como a australiana e de países desse tamanho...*



*No verão Quente do meu descontentamento, deixei os maoísmos quando vi a China por dentro, depois de encaminhar livros e teorias aos aprendizes de feiticeiro da Fretilin. No entanto, vivi monárquico até à entrada na Uni, antes de me manifestar contra a guerra colonial e organizar convívios com Zeca Afonso, Mário Viegas, Manuel Freire e outros...hoje estou um descolorado político. [só em maio de 2010 tornei a falar com Manuel Freire e disse-lhe <sup>1</sup>“O meu amigo deve ter sido deveras importante, só assim explico ainda me lembrar de o ter contratado a atuar num Convívio de Economia no Palácio de Cristal em 31 de maio de 1969. Ele riu-se e retrucou “onde isso vai...”*

*Tinha razão Adriano Moreira, sou um poeta. Antes isso que pateta. Ateu numa espiritualidade sem deuses, com laivos de anticlericalismo eivados de Debates do Cenáculo. À moda do fim do século 19. Uma contradição perfeita totalmente coerente. Caro Cristóvão “Nunca digas que é demais”. Nunca o será enquanto escrever o que penso e sinto. Não será minha a culpa de os açorianos serem uns nabos iletrados que não te apreciam, nem tampouco me culpes por serem como os portugueses. Limito-me, dentro das modestas ambições e inúmeras limitações dos colóquios da lusofonia, a fazer o que as fundações, academias e ministérios da cultura há muito deveriam ter feito. Não sou da FLA nem nutro sonhos políticos, aqui ou em qualquer torrão terreno. Escrevo o que penso e sinto. Sempre o fiz, o que valeu suspensões sem conta na Lusa e no Público que ajudei a nascer. Deixa-nos ser (Rosário [Girão], Zélia [Borges] e outros/as) a tua varinha mágica. Descansa em vida.*

*Este não é o ano da tua morte, mas do renascimento como Pessoa que Grande Escritor já o és sem o saberes. Há muito. Abraço,*

Ao contrário de Cristóvão que já deu de caras com um leitor seu em flagrante delito num banco de jardim em Coimbra, nunca deparara JC com alguém que o lesse. Nem sabia como reagiria! Talvez fosse a correr, com a sofreguidão de um putito excitado, oferecer um autógrafo.... Sentia que todos o liam por obrigação e nenhum por devoção. Seria, decerto, por ter escrito meia dúzia de livros e serem específicos os seus temas. Se bem que tal encontro de terceiro grau não se tivesse verificado (à data), recebera a crítica literária e a recensão da Rosário [Girão dos Santos] que escalpelizou os escritos descobrindo coisas que o autor lá plantara e germinara em flores por ele ignotas. Ficara comovido, quase perturbado, a seca lágrima furtiva ao canto do olho a escapar-se sob os holofotes. Prontamente lhe agradecera tão imerecida exegese. Sentira-se desfolhado sem abrigo nem resguardo, inadequado e sofrido como nunca. Estes amigos escritores estão a despertar nele o bichinho larvar que se aminhoca nos dedos, no teclado e começa a sugar as energias, espontâneas como as plantas daninhas no quintal. Assim agradecera.

*Caros amigos Rosário e Manuel:*

*Estou há dias, estupebrado e despalavrado. Apenas labutei para encontrar um estilo narrativo com o qual me identificasse. Nunca pretendi mais do que partilhar Mundividências e*

---

<sup>1</sup> na apresentação de “A Grande Ilha Fechada” de Daniel de Sá na livraria Bertrand Parque Atlântico.

*Mundivivências, conhecimentos, avulsos e a granel, armazenados no grande celeiro da memória. Que tivessem utilidade e não estiolassem no desinteresse de leitura dos filhos por esta resenha de muitas vidas pelas quais passei como passageiro incómodo que nunca incomodado. Nada mais a dizer ou a acrescentar que nestas coisas aprendo devagarosamente mesteres de artes que não as minhas. Orgulho-me do livro, mas não me acho nem metade do que lá me abona. Quis narrar o ambiente em que cresci e vivi e dá-lo a partilhar aos outros com a visão crítica do mundo que me rodeia. Não quis partir sem deixar essa herança publicada.*

*Rosário Girão, bem-haja por me ter encontrado, Chrys.*

P.S.: Apetece-me ler-vos este poema de há mais de trinta outonos:

*469.I LE POISON D'AVRIL*

*(hoje, todos os jornais cumpriram  
nem uma só mentira se imprimiu  
era a verdade toda  
a do sonho não vivido  
talvez possível  
em letras garrafais*

*HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE*

*proclamava o editorial  
a duas colunas no canto esquerdo  
a páginas quinze  
era minha a foto e o nome  
nem me impressionou!  
ri mesmo com desprendimento  
negra cruz encimava frontispício  
dizeres os do costume  
a missa presente no corpo do finado  
hora a habitual  
na residência  
o féretro saíria para jazigo familiar*

*lembram-se de cada!*

*(claro que me importei quando o padre disse  
que **ELE** me chamara à sua presença)*

*todos compungidos*

*choravam rezas e eulogias  
vestiam negro  
exceto as flores  
e as palavras vazias  
adivinhaei um sorriso dissimulado  
nos lábios da viúva  
andei por aqui e ali  
ouvindo este e aquele  
pediam à minha alma  
que os libertasse  
queriam alívio*

*disfarcei-me por entre sombrias colunatas  
e fugi  
(ainda hoje me procuram!)*

Deu por si a sorrir, facto inusitado. Deveras inopinado. Encontrava tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que lhe apetecia cruzar este Mar Oceano e ir ter com ele ao Pico consolar as velhas penas. Tanto amor insofrido, que a *Relação de Bordo* acaba por ser a mais longa carta de amor jamais vista. Nem o *Mau Tempo no Canal* [Vitorino Nemésio] dedicado a *Margarida Clarck Dulmo* se equipara.

*Embora saibamos que o Cristóvão detesta comparações a sua veia nemesiana foi destilada em 938 páginas. Haveria logo quem dissesse, que estopada de amor. Doentio. Ou talvez não. Em “O Pastor das Casas Mortas”, Manuel Cordovão do Daniel de Sá só sofreu, numa vida inteira, 95 páginas, um décimo apenas.*

Sensibilidades, personalidades e escritas distintas, como os autores. De ambos gosta e desgosta, consoante os estados de alma e de fé, seus e deles. Com o Cristóvão está mais à vontade, ambos são “brutos” e dizem o que pensam e sentem sem olharem a consequências, com o Daniel é mais preciso ter mais cuidado, não ofender os seus dogmas e manter acesa a chama da amizade profunda entre tradutor e autor.

*Durante 45 anos sofrera JC, calado, ou nem tanto. Escrevera para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas. Ora podia ler no seu livro mágoas antigas e feridas por sarar. Gostava de as apreciar na sua forma final. Era quase uma libertação, o monstro saíra da sua jaula sem grades, da sua prisão sem carcereiros. Como quem escapa da longa escuridão da noite, do silêncio, do sofrimento e se depara com o sol brilhante. Ofuscado. Como quem se liberta. Só quem viveu agrilhado sabe descrever esse sentimento.*

Abateu-se então uma chuva miudinha, de molha-tolos e molha-todos, o habitual cacimbo micaelense acompanhado de súbito nevoeiro. Estava no Aquaparque da Vila Franca. O aguaceiro constrangera a Relação de Bordo II de Cristóvão de Aguiar que há horas lia ininterruptamente. Nigel, o filho benjamim, a “mãe” (mulher, esposa, cônjuge, a que insistia em chamar mãe porque era amiga, amante, companheira, mãe e tudo o mais que era preciso para o manter vivo), a filha mais velha e a neta, vieram agasalhar-se sob o toldo do para-sol.

*Sim, que nisto de exposição solar, JC tornara-se um acirrado sofredor de heliofobia desde que vira alguns dos seus amigos australianos serem vitimados pelo cancro de pele. No entanto era incapaz de viver sem a presença refulgente do astro-rei para a sua função clorofilina mental. Dias sem sol abatiam-no. Quase depressivamente. Por isso detestava outonos e invernos europeus. Curioso ou irónico, para quem vivera nos trópicos e vizinhanças subtropicais, durante décadas, como escravo do tisonado. Em Macau, usava mesmo uma lâmpada de infravermelhos, durante o inverno, para obter o bronze típico á semelhança do que fazia um tal Paulo Portas, líder do CDS partido do centro-direita na política portuguesa, descabelado, vestido em Saville Row e com o tom de pele em moda nos anos setenta.*

A praia da “Vinha D’Areia” esvaziou-se como se alguém tivesse gritado *tsunami*. Parecia um balão a desinsuflar-se. Dezena e meia de banhistas lançara-se às águas. O mar é mais acolhedor com chuva do que as areias de negro basalto nas pequenas angras da ilha do Arcanjo. Deve ter sido nesse momento que as turbas acudiram ao bar impelidas pela mola, invisível, mas real, que caracteriza as multidões.

*Foi num ápice que deu conta do seu envelhecimento temporal. Aquele que se nota nos instrumentos burocráticos que acompanham um ente da nascença ao túmulo. O mesmo pedaço de papel que não cessa de assinalar os dias percorridos na corrida infernal para uma meta que, raramente, se deseja. Inelutável e fatal como o destino. Esse era o fatum de que o Poeta falava. Verdade seja que não sentia a idade nem a passagem do tempo, aparte as manifestações ruidosas de articulações e ossos cuja existência sempre desconhecera até chegar a esta húmida ilha. Identicamente se despreocupava com as cãs, com a calvície frontal e com as luas de Saturno, plenas de gordura natural, que orlavam o seu equador.*

Vagavam os olhos, como mendigos, pelo entorno humano aglomerado ao balcão de comes e bebes, representantes lídimos da espécie de cachalote humano que ali pulula como representante da beleza rural insular. Sobressaindo, porém, como um oásis em pleno deserto, havia dois corpos esbeltos e jovens a preencherem o compartimento mental da beldade feminina, nesse pequeno recetáculo onde se acumulavam ninfas imaginadas por conquistar. O deve e haver de outras eras, a conta-corrente que deixara caducar. Por entre comissuras, montes e vales foi JC levado pelas asas dum qualquer deus a visitar essas recordações juvenis, adolescentes e mais maduras. Nunca soubera definir o que encontrava de belo no ente feminino. Por vezes podiam não ser as curvas ou

falta delas, cabelos ou outros adereços, bastava um olhar, uma sobrancelha ou um cílio. Doutras vezes bastava uma palavra, um pensamento, um poema, uma carta por responder, um telefonema sem atender, um toque de mãos, a alquimia desconhecida que nunca descodificara.

*Consta, e alguns cientistas já o provaram, que há intuições e instintos reprodutores que se sobrepõem às noções impostas pela sociedade ao longo dos séculos. Uma delas, a da concepção de beleza do sexo oposto, prende-se com noções mais ligadas à procriação e perpetuação dos genes dos machos alfa. A noção de beleza da sociedade ocidental difere radicalmente da dos aborígenes australianos e vice-versa. Apesar dos vórtices mentais, os estímulos normativos de imposição artificial pela sociedade, enviavam anti-histamínicos naturais alertando que as visões não eram do seu reino, nem as suas proprietárias súbditas da sua vontade adolescente revisitada. Imenso era o desfasamento de idades. Dum lado, o alvo do campo de visão e do outro, os lobos occipitais localizados na parte inferior do cérebro. Coberta pelo córtex cerebral, esta área, processa estímulos visuais. É constituída por várias subáreas que instruem os dados visuais do exterior depois de passarem pelo tálamo. Se o córtex estava ativo, hiperativo estava o lobo frontal, o córtex pré-frontal, que lida com estratégia, decidindo as sequências de movimento a ativar, em que ordem e a avaliar o resultado. As suas funções abarcam o pensamento abstrato e criativo, a fluência do pensamento e da linguagem, respostas afetivas e capacidade para ligações emocionais, julgamento social, vontade e determinação para ação e atenção seletiva.*

É desgostoso quando o corpo que carregámos se não apercebe da sua degenerescência e reage a estímulos óticos que se entrecruzam nas avenidas do olhar. Agora nem Taiti, Fidji ou Bali, por mais mágicos que possam ter sido chegavam para estimular a testosterona. Nunca dispusera do espírito ou da mente de um Vicente van Gogh ou dum Gauguin, para sonhar com núbias companheiras. Contentar-se-ia com memórias de arrebatamentos juvenis à flor da pele.

*Nessa era, os dias surgiam como BONS, no diário adolescente. Bastava trocar uns olhares, palavras desconexas entrançadas em risinhos inconsequentes ou meros e fortuitos toques de derme. Muitos foram os desgostos, paixões assolapadas, vontades súbitas de morrer na pira dos amores incompreendidos, já que respirar não valia a pena. A vida entremeava-se entre o branco e o preto, sem qualquer tonalidade cinzenta. Naquela idade não havia arco-íris para os sentimentos e esse símbolo não representava coligações de gays e lésbicas. Tudo era simples e linear, subordinado a um soberbo Eros, majestoso rei e senhor do Império dos Sentidos, que se assenhoreava das impressões digitais da retina depois enviadas para processamento ao laboratório forense do recato. Ali onde o limbo da imaginação se escondia sob alvos lençóis da enorme energia despendida na imaginação do seu vórtice, cume inalcançável, nunca consubstanciada. O ADN não fora descodificado e nem se sabia sobre o genoma humano. Na TV não havia CSI, mas Perry Mason, o advogado das causas perdidas.*

Entrando estes eflúvios na piscina, um cruel sorriso se assenhoreou da sua face ruborizada pelo irrealismo ridículo de poder vir a estar acompanhado de tão núbeis donas, pavoneando-se ufano, sem que fizessem parte do seu núcleo familiar.

*Deixaria essa apologia do caricato para aqueles calvos, mais envelhecidos do que um Vinho do Porto Vintage, ao volante dum descapotável Mercedes SLK. Era ponto assente que tais fogos-fátuos demonstram à saciedade que a virilidade dos carecas a conduzirem carros convertíveis não era proporcional à idade das belas acompanhantes, nem sempre louras, nem sempre burras, mas sempre sedentas de atenção masculina. Exemplificavam a noção burlesca do que na sua língua-mãe se chamava "Sugar Daddy". A língua inglesa é traiçoeira, por vezes, mais que a portuguesa. Como se alguém pudesse açucarar jovens daquelas. As poses exibicionistas em carros ou outras dádivas materiais servem meramente para ocultar a falta do normal desempenho sexual por mais comprimidos azuis que se tomem.*

Divagava já. A chuvarada abrandara. Afastou-se, deixando por concretizar mais uma conquista adolescente, mas sentindo-se feliz e orgulhoso da mulher que seguia a seu lado, onde tem estado plantada de estaca inabalável ao longo duns três quinquênios assistindo ao seu amadurecimento tardio. São estas pequenas coisas que fazem JC feliz e não as aparências. Esta noite teria de lhe dizer que ao amá-la conquistara mais um cume, o K2 do seu Evereste. Que as avalanchas lhe sejam leves.

---

## 2. A MUNDIVIDÊNCIA DA AÇORIANIDADE EM AUTORES CONTEMPORÂNEOS

### 2.1. ILHICES

A ilha para **Natália Correia** é Mãe-Ilha, para **Cristóvão de Aguiar**, Marilha, para **Daniel de Sá**, Ilha-Mãe, para **Vasco Pereira da Costa**, Ilha Menina, mas para JC nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.

*Toda a vida fora ilhéu e tendo perdido sotaques não malbaratara as ilhas-filhas. Trazia-as a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes.*

*Primeiro em Portugal, essa ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguidamente em mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente denominada Austrália, e nessa ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar à Atlântida Açores.*

Com o tempo constatara o quase total desconhecimento do arquipélago para além do micaelense sotaque "de uma falsa sonoridade afrancesada" tão difícil de entender na ponta mais ocidental do antigo Império Português. Cumes de montanhas submersas que assomam, a intervalos, aqui no meio do Grande Mar Oceano onde se mantêm gentes orgulhosas e ciosas das suas tradições e costumes,

em torno duma família nuclear dizimada pelo chamado progresso. Os políticos ocupados na sua sobrevivência sempre se olvidaram da presença mágica destas ilhas de reduzidas proporções e populações. Graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela, gente houve que aprendeu mal algo sobre este mundo à parte, quiçá ainda por descobrir. Como se fosse uma espécie de triângulo das Bermudas, onde tudo o que é relevante desaparece dos telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudou quanto à visibilidade real destas ínsulas, apenas evocadas pelas catástrofes naturais e pelo anticiclone do bom ou mau tempo.

Acolhia JC como premissa o conceito de açorianidade formulado por **José Martins Garcia** que, «por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura», admite a existência de uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»<sup>2</sup>. **Onésimo de Almeida** escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema: A “*Questão da Literatura Açoriana*” (1983), “*Da Literatura Açoriana - Subsídios para Um Balanço*” (1986) e “*Açores, Açorianos, Açorianidade*” (1989).

Antes do Onésimo, já **Eduíno Borges Garcia** escrevera uma série de artigos sobre literatura açoriana, publicados no semanário “*A Ilha*” e reunidos em opúsculo, nos quais, ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores açorianos a incluírem nos seus escritos a vida concreta do povo. Queria que a literatura escrita nos açores tendesse para o neorrealismo, que refletisse a sociedade real. Hoje, é questão aceite e arrumada para a maioria enquanto se não define teoricamente a terminologia. O polémico debate académico em torno da expressão «*literatura açoriana*» criou entre os autores que se reuniam nos anos 80, amizades, inimizades, afinidades intelectuais e intertextualidades. Em “*Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana*”, **J. Almeida Pavão** (1988) afirmava

*“...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de Pedro da Silveira, Ruy Galvão de Carvalho, Eduíno de Jesus, Carlos Faria, Ruy Guilherme de Moraes, João de Melo e outros mais, quase todos estes compendiados e mais ou menos discutidos na obra A Questão da Literatura Açoriana, de Onésimo Teotónio de Almeida, que passou a tornar-se órgão indispensável de consulta para quem de novo se proponha abordar o problema. Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradita, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas.”*

**Pedro da Silveira** (1922-2003 autor de *A Ilha e o Mundo* 1953) foi perentório:

---

<sup>2</sup> [http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade\\_pavao\\_1988.htm#\\_ftn11#\\_ftn11](http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11)

*«Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana.» (Silveira, 1977: 11). O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois, viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina (“Açores”, Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977)».*

Falava-se em artesanato, folclore e cultura açoriana, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas. Em 1975, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista já extinto, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como sinal de identidade nacional.

Citando J. Almeida Pavão (1988)

*“...de **Onésimo de Almeida**, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o **Almeida Firmino de Narcose** ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de “As Ilhas Desconhecidas”. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de **insularidade** e **açorianidade** três extratos diversos de idiossincrasias:*

*– Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

*– O dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;*

*– E ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão e este autor.”*

Outros preferem o termo “*matriz açoriana*”. Há vários autores, os residentes no arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores. Falta destriçar quais incluir nessa designação açórica.



*Machado Pires discursando sobre esse fenómeno descontinuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo “Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto” (p. 57).” sugeriu a expressão “literatura de significação açoriana” quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e encaracterizante a designação de ‘açoriana.’ (p. 59 - “Para um conceito de literatura açoriana” in Raul Brandão e Vitorino Nemésio. Ensaios. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, col. “Temas Portugueses”, 1987).*

No 4º Encontro Açoriano da Lusofonia (abril 2009), **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona. «*O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa*», afirmou à agência Lusa o escritor. «*É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa*» adianta **Eduardo Bettencourt Pinto**, angolano, «*escritor açoriano*» por escolha própria.

Um escritor açoriano injustamente esquecido, **José Martins Garcia** nasceu na Criação Velha, Pico (1941) tendo feito os seus estudos no Pico e parte dos liceais na Horta. Em Lisboa licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras.

*Foi mobilizado para a guerra na Guiné-Bissau (1966 -1968). Entre 1969 e 1971 foi leitor de Português em Paris. Foi professor assistente na Faculdade de Letras de Lisboa (1971 a 1977). Na América, lecionou na Brown University, (1979 a 1984), ingressando, de seguida na Universidade dos Açores, onde permaneceu até à sua morte, a 4 de novembro de 2002. Aqui introduziu a cadeira de Literatura e Cultura Açorianas, doutorou-se com uma tese sobre Fernando Pessoa e atingiu a cátedra. Ocupou o cargo de Vice-reitor e dirigiu a revista Arquipélago, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas.*

A sua obra apresenta uma diversidade de intervenções<sup>3</sup>, desde o ensaísmo, à poesia, passando pelo romance, pelo conto e pela crítica jornalística. No jornalismo português destacou-se, antes e depois do 25 de abril, no República, Jornal Novo, A Luta, A Capital, o Diário de Notícias, O Diabo e a Vida Mundial. David Mourão-Ferreira, um dos maiores críticos literários, disse (1987) sobre José Martins Garcia:

---

<sup>3</sup> No ensaio e crítica: “Linguagem e Criação” (1973), “Cultura, Política e Informação” (1976), “Vitorino Nemésio. A Obra e o Homem” (1978), “David Mourão-Ferreira. A Obra e o Homem” (1980), “Temas Nemesianos” (1981), “Fernando Pessoa - “Coração Despedaçado” (1985), “Para uma Literatura Açoriana” (1987), “David Mourão-Ferreira - Narrador” (1987), “Vitorino Nemésio - à luz do Verbo” (1988), “Exercício da Crítica” (1995). No teatro: “Tragédia Exata” (1975) e “Domiciano” (1987). No conto: “Katafaraum é uma Nação” (1974), “Alecrim, Alecrim aos Molhos” (1974) “Querubins e Revolucionários” (1977), “Receitas para Fritar a Humanidade” (1978), “Morrer Devagar” (1979), “Contos Infernais” (1987), “Katafaraum Ressurreto” (1992). No romance: “Lugar de Massacre” (1ª edição: 1975), “A Fome” (1ª edição: 1978), “O Medo” (1982), “A Imitação da Morte” (1982), “Contrabando Original” (1987) e “Memória da Terra” (1990). Na poesia: “Feldegato Cantabile” (1973), “Invocação a um Poeta e Outros Poemas” (1984), “Temporal” (1986), “No Crescer dos Dias” (1996).

*“Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a “barca do purgatório” anda sempre mais carregada que as outras duas /.../ o nome de José Martins Garcia deveria ser hoje unanimemente saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; /.../ com igual mestria tanto abrange os registos da mitificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo.”*

Lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de quantidade. Na maior parte dos casos sem projeção significativa para além destas ilhas, com exceções contemporâneas como as de **João de Melo, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Vasco Pereira da Costa e Dias de Melo**, para citar alguns.

Nos Colóquios da Lusofonia, na sua versão insular dos Encontros Açorianos, o ponto de partida fora o debate sobre a identidade açoriana, a escrita, as lendas e tradições, numa perspetiva da LUSOFONIA com todas as diversidades culturais que, com ela podem coabitar. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, pode-se aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana. Ambiciona-se contribuir para o levantamento de fatores exógenos e endógenos que permeiam a açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os fatores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do caráter açoriano.

A meritória ação de várias entidades nas últimas décadas tem proporcionado um estreitamento entre açorianos, expatriados e descendentes numa forma fechada e limitada, quase conversas em família. Os Colóquios pretendem ir além: levar os Açores ao mundo, em especial aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, pretende-se que mais lusofalantes e lusófilos fiquem a conhecer a realidade insular e as suas peculiaridades.

---

## 2.2. À DESCOBERTA DOS AUTORES. AS PRIMEIRAS LETRAS TRADUZIDAS

Era imperioso que alguém lesse os autores de origem literária açoriana, lhes insuflasse nova vida e os trouxesse à mais que merecida ribalta. Coubera a JC o privilégio de aprender idiossincrasias insulares ao traduzir autores como Daniel de Sá, Manuel Serpa e Victor Rui Dóres. Deparara com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso que se lhes apõe hodiernamente. No Dicionário Morais vêm todos os termos “chamados” açorianos. A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos.

Tratava-se de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não buscara a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra. Também não cuidara de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Antes quisera apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e locais de origem.

Deduzira características relevantes para a açorianidade:

- 1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;*
- 2. Os habitantes quedam quase tão distantes de Portugal como há séculos;*
- 3. O recorte dos estratos sociais: é vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;*
- 4. A adjacência das gentes à terra persiste fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.*

---

### 2.2.1. DANIEL DE SÁ

**Assis Brasil (Luiz António de)** analisou a obra de Daniel de Sá especialmente a narrativa de ficção (*Ilha grande fechada. Lisboa: Salamandra, 1992; Crónica do despovoamento das Ilhas. Lisboa: Salamandra, 1995*), que revela facetas características da identidade insular, em especial da ilha de origem.

*“Coloca-se a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, nunca é satisfatória: o emigrado jamais deixa de ser americano, e mesmo que construa uma casa suntuosa em sua freguesia, contribua para a igreja e participe das festas, todos lhe conhecem a história. Intentando uma análise mais ampla, percebemos quanto os componentes tradicionais da literatura açoriana estão presentes nessa obra: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras.”*

Daniel de Sá, em *“O Pastor das Casa Mortas”* dá-se ao luxo de exportar, por mimética, para a Beira Alta, o herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados. Calcorreia paixões sofridas por entre o pastoreio, numa verdadeira apologia da solidão física e mental, retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só. O autor diz ser um livro dedicado *“Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.”* A narrativa

traduz metaforicamente a ode ao açoriano apartado de si e do mundo, num amor impossível que nunca se concretiza nem quando a barca de Caronte ronda.

A transposição do personagem deixa-nos na dúvida se a Teresa do “*Pastor*” não será irmã gémea da sua congénere que garante a digressão por “Santa Maria: a ilha-mãe”.

Em ambas as obras “*as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca se ofender alguém.*”

A escrita de Daniel de Sá é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos o enredo que vagueia por tempos infindos. Os personagens são credíveis. Servem de conduto e acarream-nos ao local para partilharmos sentimentos com os interlocutores numa interatividade entre leitor e personagens. Trata-se de uma visita não ao “*despovoamento das ilhas*”, mas ao país real, montanhoso, interior. Não se resgata o imaginário coletivo no que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Não há a memória plural de Gaspar Frutuoso, mas a ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza só na digressão pela Beira Alta. Essa *mundividência* conduz a um interessante roteiro turístico. O título gerou controvérsia, na versão portuguesa e inglesa, como o autor notaria: “*Não se trata de “mãe” adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen. É uma ilha que é mãe também...*”

*As Casas Mortas são apresentadas como o resultado inevitável e inelutável sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, personagens e leitor, que levou a rever enésimas vezes, cada passagem do livro para lhe dar em inglês o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. Não era ocasião única, mas recorrente à totalidade da obra ficcionada.*

*“Santa Maria ilha-mãe” é uma viagem ao passado, permeada de uma nostalgia quase lírica e da magia da infância de cores despreziosas, mas bem refulgentes. Fala-se do isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, ameaça constante a inculcar mais vincadamente as crenças de origem religiosa - na ilha pouco assolada por terremotos ou explosões piroclásticas.*

Diz Daniel “*O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro*” e, em qualquer língua para que se traduza o livro, sentimos os odores, cores e as melopeias que nos descrevem. Magistralmente, a canadiana Ann-Marie MacDonald afirmou,

*“A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.”*

Como tradutor, sentira JC uma síndrome de Estocolmo, ficara cativo e apaixonado pelos captores. Teria de se libertar da poção mágica que ingerira na escrita doutrem. Daí nasceu “CrónicaAçores: uma circum-navegação”. Este é o efeito avassalador que os autores açorianos inculcam nos que aqui não nasceram.

*O Daniel, Cristóvão e outros acordaram um vulcão adormecido que na sua assinatura eletrónica assinalava que a escrita nos Açores era piroclástica. Todos conhecem o perigo dos vulcões endormidos. Tal como os ursos hibernados não podem ser molestados no seu descanso. Nunca se sabe o que podem fazer quando enraivecidos, perseguindo os humanos como se fossem presas fáceis, enquanto os vulcões derramam a lava sob a forma escrita, expelindo raivas ancestrais incontidas, sofrimentos amarfanhados, dores insofridas, paixões por materializar e tudo o mais que temporariamente calaram à espera do dia do juízo final, em que pudessem falar como se não houvesse amanhã, como se tudo tivesse de ser dito já hoje e agora, aqui, sob pena de se perder o momento, essa janela do tempo que nos permite, por meros instantes, ser quem realmente somos, sem qualquer máscara ou peia social.*

---

### 2.2.2. DIAS DE MELO

Dias de Melo postulou

*“A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim”*

**Surpreendia-se JC com a sua ignorância.** Até maio de 2008 pouco ou nada sabia sobre este autor que convidara a estar presente no 3º Encontro da Lusofonia para representar a literatura açoriana que queria dar a conhecer aos que, como ele, nem sequer sabiam da sua existência. **Dias de Melo** era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da ilha do Pico. Escreveu como se da janela da sua “Cabana do Pai Tomás” no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

*Andara JC meses na descoberta da sinceridade da obra de Dias de Melo que já lera. Fora uma paixão literária à primeira vista, que se embrenhara como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se quisesse resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA.*

*É da sua denúncia que trata ao abordar a emigração, a vida no Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão no Estado Novo. Em todas as situações, para além dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá está a denúncia da iniquidade.*

*Entendendo as suas obras e a sua luta fica-se com a sensação de se pertencer à mesma família, espécie de alter ego daquilo que muitos gostariam de ter sido.*

Dias de Melo ficará conhecido como o escritor da baleação. Coube-lhe a sorte de ter recebido merecidas homenagens nos últimos meses de vida e a reedição dos seus melhores livros. Cumpre não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações. Dias de Melo era um espetador atento da luta quotidiana e da condição humana e resolveu contá-la ao mundo. Só o honraremos se o continuarmos a ler e a traduzir.

---

### 2.2.3. CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Este processo de aprendizagem é lento se bem que recheado de surpresas inoxidáveis. **Cristóvão de Aguiar** é outro autor favorito apesar de ser um escritor incómodo na rota do inconformismo. Não só se libertou das grilhetas do espaço confinado das ilhas como conseguiu provar com a sua prolífica produção literária aquilo que mais se entreteve a negar: a existência da literatura açoriana. Embora padeça da falta de confiança típica dos grandes escritores domina a língua como poucos e jamais se dá por satisfeito ao burilar, no basalto da sua ilha adotiva do Pico, as letras com que nos entretém. Exigente consigo e com os outros, com fama de inabalável, não se limita a ser controverso.

Como estive do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Igualmente consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra em São Miguel, onde nasceu, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica. A fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor, apenas dinheiro e bens materiais. Ao escrever sobre a ilha em que nasceu diz:

*“São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados... Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. ... Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluídas com todos os poderes... foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes*

*percalços - no ápice de um instante imprevisto esse terreno enfastiado de tanta aridez fementida e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente."*

Cristóvão é um permanente "Passageiro em Trânsito", título do seu mais benquisto livro. É a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. As longas narrativas mais se assemelham a uma técnica de *travelling* em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos, delongando-se nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara escarpeliza a alma daqueles que filma com as suas palavras, aceradas como o vento mata-vacas que sopra do Nordeste. Psicanalisou as gentes e a terra que o viram nascer, mas adotou o Pico como nova ilha mátria em 1996:

*"A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço... Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeadada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação... Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo."*

**Cristóvão de Aguiar**, já se disse, não é um autor fácil nem facilita, exige quase tanto dos seus leitores como de si mesmo. Ele é o magma de que são feitas as gentes de bem destas ilhas, tal como as palavras sentidas, gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas, mas que se encontra na Relação de Bordo I.

Este era o autor que ora descobria como se o conhecesse há muito, como se tivessem sido irmãos ou *compagnons de route à la Jack Kérouac* na Route 66, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo papel onde escrevo. Verdade seja que ando imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido às escuras fora do ventre materno.

Quando JC apreciava a obra dum autor não sabia como fazê-lo. Nem hermenêutica nem exegese o tocavam, pois, são ramos do conhecimento para além da sua compreensão que estudos em Humanidades não tivera nem seus pais o deixaram. Pressagiava cordões umbilicais curiosos.

Encontrava neste amigo novo um escritor (ou encontrara um escritor que era um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim. É um ser acossado por tudo e por todos, sobretudo por si mesmo.

Para Cristóvão a escrita nunca será catarse pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha. Como diz (Relação de Bordo II pp. 199-200)

*Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que connosco carregámos...*

JC era como era e a seu pai o devia, tal como Cristóvão é devido ao pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criaram os sulcos que hoje trilham percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que lhes interrompiam a escrita e os dispersavam da missão sagrada. Ambos plantaram árvores, publicaram poesia e tiveram filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal. Desconfiava JC que não existia, a não ser na busca incessante com que criaram uma *raison d'être* nas suas mentes conturbadas. Cristóvão afirmava sobre os Colóquios da Lusofonia (Lagoa, março 2009):

*“Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual...”*

*Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvenhar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido.*

*Há dias, foi a Maria do Rosário [Girão dos Santos] com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos.*

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas, mas percorre uma viagem tridimensional recheada pelos sentidos que fluem da escrita como lava “*pahoe-hoe*” (pron. *pah hoi hoi*) de aparência viscosa, mas fluida, brilhante e entrançada como cordas prateadas. Outros autores subitamente parecem ser do tipo lava “*A a*” (*ah ah*), grossa e áspera, magma de rochas solidificadas e empurradas.

Aqui nada é impelido embora se assemelhe na descrição e nos contornos emocionais à pedrapomes que é o piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela, quase sempre, a existência de *vesículas* disseminadas na rocha e de tal modo



estanques, que a penedia pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo conseguido escapar para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos *ad eternum* todos os leitores.

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no imaginário. Ela instigara JC a escrever esta lamentação com o frêmito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente os Açores. Essa é a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer. Para que ilha desate as grilhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente da tarefa hercúlea de carregar a ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas. É ele o lídimo representante da mundividência açoriana na escrita contemporânea e é tarefa dos Colóquios da Lusofonia torná-lo mais benquisto e conhecido no mundo inteiro.

---

#### 2.2.4. VASCO PEREIRA DA COSTA

Um dos mais recentes convertidos ao espírito dos Colóquios da Lusofonia foi Vasco Pereira da Costa.

Quedemo-nos, doravante, na perspicaz apreciação que faz Cristóvão de Aguiar<sup>4</sup> da sua obra intitulada *Nas Escadas do Império*:

*“Não é por acaso que Vasco Pereira da Costa, poeta de mérito, se apresenta no mundo das letras sobraçando uma coletânea de contos. Numa terra onde quase todos sacrificam às (as) musas e se tornou quase regra a estreia com um livrinho de poemas, a atitude (ou opção) do autor de Nas Escadas do Império não deixa de ser de certo modo corajosa como corajosos são os contos que este livro integra.*

*Não fora o receio de escorregar na casca do lugar-comum, e eu diria que esta mancheia de contos vivos, arrancados com mãos hábeis e um sentido linguístico apuradíssimo ao ventre úbere, da sua terra de origem, vem agitar as águas paradas, onde se situa o panorama nebuloso e um tanto equívoco da literatura de expressão açoriana.*

*O conto que abre esta coletânea, Faia da Terra, é bem a prova do telurismo, no sentido torquiano do termo, de que o jovem escritor está imbuído, sem cair no pitoresco regionalista, tão do agrado de muitos escritores açorianos. Não resta a mínima dúvida de que o Gibicas, A Fuga e outras peças de antologia que aqui figuram vêm contribuir para o enriquecimento do conto português de especificidade e característica açoriana.*

*Contudo, Vasco Pereira da Costa corre o risco (e ele mais do que ninguém disso está consciente) de vir a ser queimado nas labaredas inquisitoriais de certos meios ideológico-literários*

---

<sup>4</sup> In Relação de Bordo, trilogia, Diário ou nem tanto ou talvez muito mais (1964-1992, edição d'autor, Coimbra 27 de setembro de 1978

*açorianos que têm tentado, oportunisticamente, mas sem raízes verdadeiras, edificar [...] uma literatura açoriana em oposição à Literatura Portuguesa. Nas Escadas do Império, quer queiram ou não os arautos da mediocracia, vem dizer-nos exatamente o contrário.”*

Com efeito, não podia deixar de ser mais justo o juízo de valor supracitado.

*Em primeiro lugar, estreia-se Vasco Pereira da Costa, em 1978, com uma coletânea de contos, Nas Escadas do Império, à qual se seguirão a novela Amanhece a Cidade (1979), publicada em Coimbra pela Centelha; a memória Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo (1980), dada ao prelo em Lisboa; os poemas de Ilhíada (1981), editados em Angra do Heroísmo; Plantador de palavras Vendedor de lérias, antologia de novelas galardoada com o prémio Miguel Torga - cidade de Coimbra no ano de 1984; Memória Breve, datada de 1987 e surgida em Angra do Heroísmo; Risco de marear (Poemas), vindo a lume, em 1992, na cidade de Ponta Delgada; e, por fim, três obras poéticas, a saber Sobre Ripas Sobre Rimas, Terras e My Californian Friends, respetivamente publicadas em Coimbra, Porto e Gávea Brown, com data de 1994, 1997 e 1999. Em segundo lugar, urge referir a originalidade de Vasco Pereira da Costa, evidente tanto na sua obra poética como na sua obra em prosa, que vem, segundo o Autor de Raiz Comovida, “agitar as letras açorianas”.*

*Assim sendo, e numa perspetiva temática, cumpre realçar o telurismo genuíno patente em “Faia da Terra”, história do enamoramento de Teresa por um americano da Base, da sua subsequente partida para o Novo Mundo, já com o nome de Mrs. Teresa Piel, e da secagem da faia, dois meses após a descolagem do avião da Pan America. Nesta novela inaugural perpassam vivamente, como que fotografadas ao vivo, as rotineiras fainas insulares que, pela via da repetição, regem o quotidiano do ilhéu:*

*“Era sexta-feira e a mãe amassava o crescente com a farinha de milho. No forno estalavam a rapa, o eucalipto e o loiro: [...]. Lavou depois as folhas de botar pão e veio sentar-se ao pé dos meus socos de milho - bois de veras, espetados com palhitos queimados arremedando os galhos - no estrado do meio-da-casa. Arrumou as galochas no sobrado [...].”*  
(1978: 11).

Por vezes, é a loucura insular que faz a sua aparição em cena, na figura do poeta Vicente, “*um Côte-Real impotente, tacanho e degenerescente*” (1978: 71), o qual, volvido esse tempo em “*que escrevia coisas tão lindas, de tanto sentimento*”, tem o despautério de acumular guarda-chuvas na falsa e de publicar no jornal da Ilha desairosos alinhavos poéticos:

*“Prometeu / Prometeu / Não cumpriu / A promessa / Homessa” (“A Fuga”, 1978: 74).*

Cumpre salientar o apurado sentido linguístico, responsável pelo discurso das personagens (direto, indireto e indireto livre) que, caricaturalmente individualizado, se torna emblema de um falso cosmopolitismo insulano, ao qual não é alheio o inevitável açorianismo:

*“Os americanos [...] Abancam mesmo rés-minés ao lado dos ingleses. Cinco. [...]*

*Cham-pa-gne! Cham-pa-gne!*

*Everybody drinks!*

*Ei, senhore!*

*Today, pay day!*

*Ouviste? Olha que o mar não está de lapas! [...]. Nove taças na bandeja; [...]*

*Os ingleses que no thank you; os americanos que yes, que sim senhor; os ingleses, dedos a abanar, que nada de caltraçadas, just Porto Wine; os americanos, pegadinhos, que O.K. para cima, que O.K. para baixo, [...] Nosso Senhor os aparte em bem. Se assim não fora, tínhamos para aí camponia.”*

*(“Belmiro & Delmiro”, 1978: 42-43).*

Em terceiro lugar, e ainda na ótica de Cristóvão de Aguiar, a coragem de Vasco Pereira da Costa, que a sátira, nas suas diversas vertentes, revela à saciedade.

Assim sendo, atente-se quer na crítica ao salazarismo, regime repressor, totalitário e punitivo dos que ousam transgredir as regras impostas - *“Como vim aqui [à ilha] parar? É simples: por ser anarquista e não peitear o Manholas de Santa Comba”* (*“O Manel d’Arriaga”, 1978: 31*)-, quer na crítica à mentalidade medíocre, cuja pequenez constrangedora se espraia, em espaço íntimo e público, pela vida de outrem tão sigilosamente resguardada quanto violada de supetão - *“[...] cada qual dava a sua sentença, todos em grande pensão, e não havia alcatra de couves que, à hora da ceia, não fosse temperada com palpites de desenlace.”* (*“primavera”, 1978: 59*) / *“... Todas três varadas pela língua maledicente de uma cidade [...] Tocava-lhes a vez de serem as atrizes da comédia, a elas, que sempre foram espetadoras críticas nas melhores coxias.”* (*“A Fuga”, 1978: 75*)-, quer na crítica ao jornalismo barato e ao provincianismo dos articulistas, cujo discurso, pouco inovador, se vai ritualizando - *“Começou então o embaraço. No jornal de amanhã, por entre os aniversários da gente fina [...] as partidas e as chegadas, os partos e as notícias do País e do Estrangeiro, os casamentos e os pedidos de; os horários de barcos e de aviões, as orações ao Menino Jesus de Praga e ao divino Espírito Santo [...]”* (*“A Fuga”, 1978: 82-83*)-, quer, por fim, na crítica a uma certa ‘cultura de superioridade’ que ‘Mestre’ Gibicas se apresta a denegar: *“[...] estávamos de língua entre os dentes para sibilar o th. O professor fazia empenho pois [...] era uma vergonha virem por aí abaixo os americanos e nós sem sabermos agradecer. [...] Até que foi a tua [Gibicas] vez. [...] Agarraste na caixinha vermelha, azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera: - SANABOBICHAS!”*

*(“Gibicas”, 1978: 137-138-141).*

Em asterisco de rodapé, explica o Autor o neologismo: “Son of a bitch”.

Em quarto lugar, a variedade genológica em que se move o Escritor homenageado, desde o conto e a novela, até à memória e à “crónica” breve, passando pela Poesia.

A este propósito, não resistimos à tentação de transcrever o poema “*Dinis, the Portuguese teacher*”

*Na língua ausente a saudade maior  
na palavra saudade a língua viva  
Não a saudadinha de folclore  
pitoresca e digestiva  
constitucional e estatutária  
de meter dó em dó menor  
no caldo verde no rubro chouriço  
Mas a saudade necessária:  
Apenas quatro sílabas de compromisso  
(My Californian Friends, 1999: 17) -*

- bem como o poema “Rose era o nome de Rosa”:

*A mãe disse não mais  
não mais eu não mais tu filha  
não mais nomes na pedra do cais  
não mais o cortinado da ilha*

*não mais Rosa sejam Rose agora  
não mais névoas roxos ais  
não mais a sorte caipora  
não mais a ilha não mais*

*Porém Rose o não mais não quis  
e quis ver a ilha do não mais  
o cortinado roxo infeliz  
os nomes na pedra dos cais*

*Pegou em si e foi-se embora.  
Não mais Rose. Rosa outra vez agora.  
(My Californian Friends, 1999: 25).*

Não estaremos nós perante a universalidade da açorianidade?

---

### 2.2.5. AFETOS E INTELIGENTZIA AÇORIANA (nov. 2009)

Desde o 12º colóquio da lusofonia que JC se debate com uma crise existencial de falta de tempo e de inspiração. O verde das pastagens e das vacas não chega e o clima cinzento em prelúdio de inverno afastam as musas que o alimentam.

*Duas conferências internacionais a que fora (out-nov. 2009) na Universidade dos Açores prometiam. Uma delas foi um desapontamento que causa motivos para meditação. A Convergência de Afetos organizada pela Direção Regional das Comunidades tinha mais de 80 convidados de todo o mundo, metade da diáspora, com oferta de viagens de avião, alojamento e refeições, coisa para uma centena de milhares de euros. Os ilustres estiveram reunidos na Aula Magna (poucos, bem poucos) fazendo as suas comunicações, sem tempo para debate ou conclusões. Se o objetivo era para se encontrarem e se conhecerem resultou, caso contrário não dava para mais. Uma função profilática familiar ou mais uma reunião de claques e de cliques? De elites não era. Ouviram-se laudas, palmadas nas costas e encómios bajuladores aos pretensos líderes mentais da intelligentsia açoriana. São sempre os mesmos, dizia-lhe uma voz oculta. A mesma quadrilha que viaja à custa do Estado sem nada fazer que justifique tais mordomias. Foram nomeados dezenas de autores açorianos.*

Como sempre, entre dezenas de oradores nem um só falou de Cristóvão de Aguiar. Podia ser uma coincidência, mas dessas deve o autor andar farto há quarenta anos. Ficara JC chocado. Já o tinham alertado para o branqueamento dos nomes incómodos. Houve autores, desmerecendo tal epíteto, convidados a falar durante vinte dolorosos minutos, pois a produção é mínima e o valor das parcas linhas é de tal forma redutor e medíocre que nem uma nota de rodapé mereceria. Não adianta citar nomes pois são sempre os mesmos. Não se percebe porque o chamaram a estar presente e silente, talvez fosse um desafio para se integrar no seu seio e fazer parte da “pandilha”. Não está nem fará. Prosseguirá no rumo que tem dado aos colóquios, criando o curso de Estudos Açorianos na Universidade do Minho.

*Uma conferência destas fica sempre bem no relatório anual de qualquer direção geral. Pensara em não escrever a lamúria por este desperdício de meios com vista a fim nenhum pois arrisca-se a não receber apoios futuros, mas não seria agora que ia calar o que sente. A memória seletiva dos que apadrinham as panelinhas culturais permite a perpetuação da clique.*

Passando ao segundo evento organizado pela Universidade, denominado “Mundividência da Açorianidade” também reuniu dezenas de pessoas, alguns expatriados, na sua maior parte artistas (pintores, escultores) além de historiadores, filósofos e escritores. Neste encontro tivera JC direito a 15 minutos de voz e usou-os com toda a veemência das suas crenças sem deixar de falar extensamente sobre Cristóvão de Aguiar. Conhecera alguns participantes com interesse para futuros colóquios e o debate foi aceso com várias vozes discordantes por entre a manada submissa dos que seguem a via única do pensamento oficial. Uma rica experiência que permitiu intercâmbios e trocas

de ideias e de projetos. As maiores decepções foram os conceituados Onésimo de Almeida e Vamberto Freitas de quem se esperavam comunicações bem estruturadas: mas que se limitaram a debitar graçolas sem dignidade tratando a audiência com sobrançeria. Melhor soube o jornalista Rui Simas exprimi-lo desta forma no artigo “Mundividências versus professor Onésimo de Almeida” (30 nov. 09 jornal Açoriano Oriental *online*: <http://www.acorianooriental.pt/opinioes/readOpiniao/197185/>)

*A última conferência a que assistí, no passado dia 19 de novembro, com a temática “Reflexão sobre Mundividências da Açorianidade”, foi de facto muito interessante do ponto de vista da “consciência de ser-se ilhéu” e da reflexão sobre o conceito de Açorianidade... Registo que não conheço a “obra” do professor Onésimo Almeida, apenas em rasgos transversais de leitura pude apurar a importância da mesma e o seu inegável valor voluntarioso.*

*De forma alguma a observação que me apraz registar se insere no pleito da vasta obra, somente, e reitero somente, enjeito a decadência de princípios, de ética e, na escala mais cinzenta, da moral, erigida na comunicação do professor Onésimo Almeida.*

*A sua comunicação começou pobre e deselegante e acabou paupérrima, contrastando com as demais comunicações. Ser-se “irreverente”, ou mesmo tentar ser engraçado só faz sentido em algumas “tertúlias” de tasca.*

*Com o devido respeito pelas mesmas. Enquadrando a minha repulsa e asco perante tal comunicação aviltante do professor Onésimo Almeida, julgo oportuno esclarecer que a citada comunicação, em vez de se focalizar no tema, e possivelmente por esgotamento de criação intelectual, começou por denegrir o trabalho de uma jornalista que, em jeito de “malandrecão”, fez questão de salientar a incompetência da mesma no trabalho de casa.*

*Possivelmente não informaram o Sr. professor Onésimo Almeida que uma jornalista não é uma aluna. A jornalista recolhe depoimentos, realiza entrevistas, coloca perguntas, cujo destino é o público, sem que a matéria recolhida sirva para a mesma defender qualquer tese.*

*O público, por sua vez, tem o direito de ser informado sobre o “pensamento” do entrevistado. Naturalmente que existem perguntas idênticas de jornalista para jornalista. O público não é obrigado a ler sempre o mesmo OCS. Daí surgirem perguntas idênticas.*

*Conclusão, foi triste e desprestigante o aproveitamento imprudente do Sr. professor, demonstrando estagnação e vazio no contexto da nossa realidade.*

Em Portugal houve eleições, o primeiro-ministro manteve-se, para má sorte dos que cá andam, o país continua em crise sem ideias nem saídas, com alegada corrupção de personalidades de topo do aparelho estatal. Nada muda e a situação agrava-se, dia após dia, refletindo-se no endividamento do país e no seu, a um ritmo galopante e estonteante, que um dia levará todos ao fundo do poço financeiro, que é como quem diz à falência.

*No resto do mundo as notícias são ainda menos animadoras, com catástrofes, umas seguidas a outras, sismos, inundações, furacões, vulcões, enfim a panóplia de efeitos especiais com que a natureza sempre brinda os habitantes deste planeta, cada vez menos, verde. O grotesco lado*

*animal da raça humana registou-se no Peru onde um grupo organizado matava aldeões para lhes retirar a gordura e vender a fabricantes de cosméticos.*

*Prosegiu a histeria da gripe H1N1, ou porcina até subitamente desaparecer dos noticiários (tal como chegara) junto com as vacinas que ficaram por administrar.*

*Continuou a haver notícias de pedofilia na Igreja Católica e de pais que violam e abusam, repetidamente, de filhos e filhas, em todo o mundo; Berlusconi o líder italiano dificilmente consegue passar uma semana sem causar mais um escândalo embora nada lhe aconteça tal como sucede ao seu homólogo português, o homem revestido a Teflon protetor.*

*No futebol, uma mão divina, de Thierry Henri, daria à França o apuramento para o campeonato mundial de 2010, sem ninguém assinalar que o futebol é para ser jogado com os pés...a vingança serve-se fria e o país sairia do Mundial na primeira fase sem honra nem glória. De nada serviu a mão na bola.*

As notícias foram tantas e tão díspares que nem saberia enumerá-las. O melhor será ignorá-las e fingir pois vive neste idílico recanto com a cabeça na areia como boa avestruz que é. Preocupa-se não só com o seu futuro, mas com o dos netos, que já foi totalmente hipotecado e não se vislumbram melhoras para o futuro no país e na Europa, enquanto os EUA perdem lentamente a sua posição predominante lentamente substituída por tudo e todos numa anarquia de valores que o faz sentir uma geração perdida e à deriva.

---

### 3. AS "TIAS" DOS MOINHOS - agosto 2009

De manhã aguardava-o um excelente dia de praia, mas ficara em casa com a ameaça de gripe do filho. Correrá à farmácia da Maia pois o termómetro digital recém-adquirido, dava "febres" de 35 °C para todos. Experimentara outro com o mesmo efeito. Por fim, trouxera três aparelhos até que a febre coletiva se estabilizou nos 36 °C. Pensara ter chegado o momento que todos temem. Com 35 °C estariam pouco menos do que mortos e em hipotermia, mas sentiam-se de sangue quente, bem vivinhos da costa, como os chicharrinhos da ilha antes de capturados. Ao fim do dia o jovem estava sem febre. Como prémio os céus enviaram um pôr-do-sol espetacular sobre a Bretanha até se deter devagarosamente no oceano, lá na sua ilha mítica, Autonomia, que ninguém jamais viu.

No dia seguinte, nos Moinhos (Porto Formoso) uma micaelense disfarçava com sotaque citadino um bocejo: os novos lavabos e balneários (inaugurados em 2009) mais pareciam masmorras em betão. A ignorância não paga imposto, valha-nos Deus. Quem vira as anteriores faltas de condições para os banhistas decerto apreciaria a obra moldada na paisagem sem ser demasiado agressiva na sua estética moderna. Este melhoramento favorece o ambiente a saúde pública, mas aparentemente ia contra privilégios antigos da dita senhora, a cujo sogro pertenceram terrenos e casas limítrofes ora devassadas, conforme apregoava alto e bom som para todos ouvirem. Riu-se JC, evocando o bidé das Marquesas em S. Martinho do Porto onde passara os verões do seu

descontentamento matrimonial original. Faltava à senhora (cujo pomposo nome deveria advir da feudal fidalguia que, durante séculos, gerira com pulso de fero a plebe micaelense) a sofisticação das “tias” da Linha do Estoril, mas as acompanhantes não dissimulavam a micaelense origem fonética a que a matriarca tão desesperadamente queria escapar. Complexo de inferioridade ilhéu dissimulado? Querer ser mais importante, provar que já ia aquela praia há quarenta anos, sobrelevar o sogro e outros nomes bem-sonantes. Os ingleses usam a expressão *name-dropping* que é como quem deita nomes ao ar em vez de atirar rebuçados às crianças pobres. Só faltava ser professora da universidade da malagueta como lhe chama o Cristóvão. Ou seria malgueta, malga pequena? Aqui na Macaronésia tudo é possível....

Na Austrália trabalhara anos com dezenas de pessoas sem saber quais eram as suas habilitações, cá andam coladas aos dedos e à cara como um Bilhete de Identidade genético.

*Em ocasiões destas, e em tantas outras que não apetece evocar, descoroça em total desespero, ansiando lançar os braços ao mar e nadar para a novi-ilha do Cristóvão de Aguiar e ali arribado, falar, falar até desfalecer. Noutras, iria até à sua amada Austrália onde estes espécimes humanos só se avistam em zoológicos na secção das espécies em vias de extinção. Lá existem e cuidam-se muito britânicos, mais do que os próprios apesar de nados e criados há gerações naquele continente-ilha.*

Há solidões solitárias e multidões ermas, faltam tertúlias como as que recorda dos seus anos finais do Liceu Dom Manuel II e do início do percurso na faculdade.

*Já tivera um arremedo de reuniões assim nas longas noites de invernia insular no bar dos Moinhos com o Manuel Sá Couto, o Daniel de Sá, e tantos outros e outras que iam e vinham consoante a chuva, o frio e a humidade ilhoa que desperta essa vontade inaudita de contaminação humana. Todos à deriva neste imenso Mar Oceano.*

Tivesse JC fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo o fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para o Triângulo Sagrado onde faria imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas esse triângulos isósceles, que nunca escaleno obsceno, seria ótimo pousio final para as suas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de há quase seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que sonhara sempre lançar ao Pacífico Oceano.

Já o escrevera alhures, mas contentar-se-ia com o Atlântico, derivado líquido da lendária Atlântida que muitos gostariam de encontrar nos continentes submersos cujos picos habitam.

---



## 4. LOMBA DA MAIA

### 4.1. O CASTELO

*O castelo é uma fortificação, estrutura arquitetónica com funções defensivas e residencial geralmente em posição dominante no terreno, para facilitar o registo visual das forças inimigas e comunicações a grandes distâncias.*

*O castelo clássico com praça de armas era cercado pelas edificações adossadas às muralhas, sendo o topo percorrido por um adarve e protegido por ameias e o acesso pelo Portão de Armas (principal), havendo a "Poterna" ou "Porta da Traição" para a eventual retirada dos defensores. As muralhas, reforçadas por torres, eram elementos defensivos, com mata-cães e ameias. A defesa ampliada por barbacãs, fossos e valas (secos ou inundados) para dificultar a aproximação e proteger contra os trabalhos de sapa dos invasores.*

*A torre de menagem era um pequeno castelo dentro da cidadela. Os portões defendidos por pesadas portas levadiças com uma grade nas ombreiras do portão bloqueando a passagem. Diversos castelos portugueses foram erguidos sobre castros pré-romanos, em locais ocupados até à invasão islâmica.*

*Aquando da Reconquista cristã foram aproveitadas alargadas e reforçadas. Lá residia uma população escassa. A restante nos campos vizinhos só recolhia em caso de ataque. A estrutura arquitetónica do castelo sofreu mutações e em meados do séc. XIV com as armas de fogo, tornou-se necessário modificá-los. Já se utilizavam trons (bombardas) desde o tempo de D. Fernando. Foi preciso criar um novo espaço defensivo, a fortaleza, que levou ao abandono da maioria dos castelos no território.*

*Nos Açores existem fortalezas, mas chamam-se Castelo de São Sebastião (Porto de Pipas séc. XVI), Castelo de São João Baptista (Praia Formosa, Santa Maria) e são uma construção torreada, seguindo um modelo defensivo tardo-medieval.*

*Existe um "castelo" na Lomba da Maia, na aparência do tipo doméstico micalense com a típica cozinha e forno, quarto de dormir e falsa. Não tem torreões, ameias ou ponte levadiça, nem tampouco paliçadas ou fossos. Não se lhe conhece nome nem pendão. Foi batizado numa visita de Daniel de Sá por lá se avistar, dia e noite, um castelão teclando obstinadamente lusofonia. Por isso, todos os anos, o passeio lúdico-cultural dos Colóquios da Lusofonia passa pela Lomba da Maia para provar o vinho "abafado" local e para os conferencistas espreitarem a janela do "castelo" e se aperceberem de que é possível organizar eventos internacionais por detrás daquela janela bem menos imponente que uma torre de menagem.*

Longe de tudo e todos. Em plena costa norte. Agreste e fresca, pejada de ventos enregelantes de nordeste e sul. Calma pelo bucolismo das suas encostas, das vacas alpinistas e do extenso panorama de terra e mar. Ainda mal refeita da incapacidade em mudar o nome para N. S<sup>ra</sup>. do Rosário e da desfeita real de 1699 quando perdeu a sua eterna luta de rivalidade com a vizinha Maia.

*"...o rei, por certo, não teria hesitado em desautorizar o bispo D. António. Havia-o feito naquele ano de 1699...a Lomba da Maia, sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegara a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia."(in Mário Moura: a criação de uma paróquia")*

A Lomba da Maia (20,5 km<sup>2</sup>) fica a 21 km da sede do concelho (Ribeira Grande), virada para o mar, latitude 37.83 (37°44') N, longitude 25.35 (25°21') W e uma altitude de 339 metros. Foi elevada a freguesia em 1876, um ano antes da construção da sua imponente igreja de face ativa ao mar, arrogante na sua distância e altura. Deve o nome a um dorso geográfico, que a caracteriza como uma lomba. Designação utilizada na toponímia açoriana para designar as elevações alongadas encaixadas entre os talwegues de cursos de água adjacentes. A povoação, com importante atividade pecuária, foi habitada, provavelmente, no primeiro quarto do século XVI, infelizmente, há poucos registos históricos a assinalá-lo.

*Lomba da Maia é o principal aglomerado urbano, centrado na lomba que dá o nome à localidade. Tem como núcleo principal uma malha urbana relativamente densa em torno da Igreja. Prolonga-se por arruamentos maioritariamente de orientação norte-sul, paralelos às ribeiras, para norte (Rua da Igreja) e para sul. Na parte alta há o lugar de Trás do Outeiro. Mais a sul do Pico do mesmo nome, há o Burguete entre os vales da Ribeira da Faia, a oeste, e da Ribeira do Cavalo, a leste. Tem uma estrutura linear norte-sul, com as habitações alinhadas ao longo da estrada que sobe ao longo da margem direita da Ribeira da Faia. O Pico do Burguete é um cone vulcânico sobranceiro à costa da Lomba, com 321 m de altitude no seu ponto mais alto, dissimétrico com a vertente norte mais inclinada, formado por piroclastos basálticos.*

Motivo de orgulho é a Praia da Viola para sossego e relaxamento. Sugere-se a descida a pé pelo trilho da Ribeira do Preto. Há outro, junto à praia, que data da época dos moinhos que maceravam o milho, sustento de toda a freguesia e vizinhas. De carro basta descer até ao fim da Lomba, ao Miradouro do Tio Domingos restaurado em agosto 2008.

*A igreja paroquial é dedicada a N<sup>ª</sup> Sra. do Rosário e no interior poderá admirar talha dourada. A festa da padroeira é celebrada no último domingo de agosto, com procissão e arraial com a duração de uma semana de festejos. Nos últimos anos, a afluência de emigrantes e visitantes tem aumentado substancialmente e vive-se um outro espírito na freguesia, as pessoas empenham-se em embelezar tudo. No domingo de festa, as ruas por onde passa a procissão são decoradas com tapetes de flores.*

Foi durante muitos anos uma fonte de emigração para os EUA e Canadá. Também aqui há artesãos locais com trabalhos típicos para exibirem orgulhosamente aos forasteiros, nomeadamente na Festa do Linho em agosto. Aparte a visita anual dos conferencistas da Lusofonia, a Lomba retorna

às notícias e aos ecrãs apenas aquando do Rali SATA que aproveita as excelentes picadas em terra junto ao Clube de Golfe da Achada das Furnas.

---

---

#### 4.2. BENEMÉRITOS E FILHOS ILUSTRES:

- *Amâncio da Câmara Leite, professor de primeiras letras, muito contribuiu para o desenvolvimento cultural da localidade, no ensino da música, do teatro e no apoio à criação de grupos de jovens vocacionados para o efeito. Foi durante vários mandatos presidente da Junta de Freguesia. É patrono da escola do primeiro ciclo designada Escola Básica Professor Amâncio da Câmara Leite.*

- *Jonas de Amaral Medeiros Negalha (1933-2007), professor, poeta, escritor, filósofo, diplomado em literatura (1972) e filosofia (1976), membro da União Brasileira de Escritores viveu no Brasil e faleceu em S. Paulo. A sua obra é contestada por vários intelectuais.*

- *Elias de Medeiros Negalha, radicado em Lisboa e autor de Os Meninos da Rua: Prevenção da Delinquência Juvenil (S. Paulo, 1993) obra considerada de elevado mérito pedagógico.*

- *Agnelo Clementino serviu o Exército Português e fundou um grupo de Escuteiros. Em 1940 emigrou para Santo Domingo, malograda experiência para centenas de micaelenses com contratos de trabalho. Um ano depois, estavam cheios de fome, maltratados e abandonados pelo Governo Português. Escreveu uma carta aberta ao Diário de Notícias de Nova Bedford, apelando à ajuda para emigrarem. Alguns regressam à terra natal e Agnelo emigra para a Venezuela onde trabalha como empregado doméstico. Por intermédio do irmão Manuel, consegue carta de chamada para a Califórnia onde inicia lides radiofónicas na KTIM de San Rafael (1947). Fadista amador e tocador da guitarra, Agnelo supera a falta de discos e preenche o programa com originalidade. Durante 30 anos dirigiu um programa diário em língua portuguesa com mais de cem mil ouvintes. Importou filmes portugueses, projetados em mais de 12 cidades e contratou artistas portuguesas como Amália Rodrigues. Angariou centenas de milhares de dólares para as mais diferentes causas. Faleceu em San Rafael em 1977.*

- *Serafim Clementino de Medeiros emigrou muito novo para as Bermudas. Na cidade de Hamilton, alia-se ao seu conterrâneo Mariano Raposo e a outros emigrantes e funda a Associação Benemérita Vasco da Gama em 1936. Foi Tesoureiro até 1943, já esta agremiação contava com 125 sócios.*

- *Manuel Eduardo ("Eddy ") de Mello (n. em 1937) emigrou para as Bermudas com a família aos 11 anos. É o seu próprio empresário musical e produz gravações dos principais artistas locais. Trouxe aos palcos Ray Charles e Amália Rodrigues. Foi presidente do Clube Desportivo Vasco*

da Gama (1967-84) e serviu de intérprete comunitário. Diretor de um programa em língua portuguesa por mais de 30 anos, serviu no Centro Cultural Português, e foi membro do comité para a residência permanente nas Bermudas. Foi agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1979) e em 1988 foi condecorado pela rainha da Inglaterra com um Certificado e Medalha de Honra pelos serviços prestados à comunidade portuguesa e ao entretenimento. Em 2004 foi reconhecido com o prémio "Bermuda Arts Council's Lifetime Achievement Award" pela sua contribuição em prol das artes.

- Eng.º Clemente Clementino de Medeiros nasceu na Rua do Rosário. Filho de António e Rosa Clementino Craveiro, desde novo demonstrou qualidades de bom estudante e enorme habilidade mecânica. Construiu vários engenhos em miniatura. Foi o primeiro aluno universitário da freguesia, formando-se em engenharia na Universidade de Coimbra.

Na Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada foi Chefe das Obras Públicas até a sua morte (aos 50 anos). Construiu a estrada das Pedras do Galego (Furnas) que tinha sofrido enormes derrocadas porque os traços anteriores não conseguiam desviar as águas da estrada. Foi responsável pelas modificações na estrada da Ribeira Grande ao Nordeste, incluindo a ponte da Ribeira do Preto na Lomba da Maia.

Foi benfeitor da Casa do Trabalho (Nordeste), empreendimento de valor para a preservação do artesanato regional. A mãe explorou uma mercearia na parte inferior da casa. Em Ponta Delgada comprou lotaria, e com os 300 contos do prémio (1931) adquiriu a fábrica da chicória na Ribeirinha, que o pai geriu por muitos anos.

- José Arruda - O Tio José Arruda do Burquete merecia o enorme respeito da freguesia. Depois da 2ª Grande Guerra, criou a feira de gado da Achada das Furnas. Por mais de 20 anos os lavradores do Nordeste a Porto Formoso, e do sul, traziam gado para vender na estrada às quartas-feiras no verão. O local tornou-se o maior mercado de gado da ilha, melhorando a vida dos lavradores que nunca falhavam as feiras semanais. Mais tarde foi transferida da estrada para uma propriedade privada.

- Anthony de Sá, n. em Toronto, filho dum açoriano da Lomba da Maia. É autor de *Barnacle Love* (Random House, 2008) que interseja o sonho emigrante com a desilusão e realidade amarga da experiência do açoriano num mundo onde o leitor caminha do isolamento e sossego da ilha para o multiculturalismo e alvoroço da cidade.

Decorrendo de experiências e vivências do autor, caracteriza sucinta, mas sugestivamente o 'emigrante', dando-lhe uma feição universalista.

Os curtos contos de ficção têm sido publicados em jornais e revistas literárias norte-americanas. Frequentou a Humber School for Writers (Toronto) onde chefia o departamento de Inglês e dirige escrita criativa.

*O primeiro livro foi um sucesso, traduzido para português pela D. Quixote (2009). Vive com a mulher e três filhos em Toronto e esteve no 13º Colóquio da Lusofonia em Santa Catarina, Brasil.*

*- Manuel Sá Couto, é influente figura política micaelense e professor de Filosofia na Escola Antero de Quental, uma referência local de vulto.*

*- João Augusto Soares Brandão (1844-1921), aos 11 anos rumou ao Brasil, onde se tornou num ator de comédia, conhecido como Brandão, o Popularíssimo. João desembarcou da sua supliciada viagem em 1855, no cais Pharoux, na atual Praça 15 de Novembro, Rio de Janeiro...em 1860 resolveu ser ator...contava 16 anos quando entrou para um grémio amador..."*

*Seu filho, o ator Brandão Filho, também atingiu notoriedade. O livro "Popularíssimo, o ator Brandão e seu tempo" de Marco Santos publicado em 2007 foi apresentado no Colóquio da Lusofonia em Santa Catarina, Brasil.*

*Em 1983, os conterrâneos fizeram uma homenagem, na Lomba da Maia, indicando 1845 no monumento como data de nascimento. O filho, o também comediante Brandão Filho, garantia 19 de junho de 1844 como data de nascimento. Na certidão de batismo de Brandão aparece a data de 27 de setembro de 1844. "João, filho de José Soares Brandão, casado, e de Francisca Carreira, solteira sui juris, naturais da Paróquia da Senhora Mãe de Deus da vila da Povoação, nasceu em vinte e sete de setembro de mil oitocentos e quarenta e quatro e foi batizado em cinco de outubro da dita era por mim, José Ignácio Moniz, cura, e foi padrinho José Jacintho de Medeiros, tesoureiro paroquial do Divino Espírito Santo da Maia e testemunhas o sacristão João Muniz e seu filho Venâncio Muniz que comigo assinarão este termo em dia, mês e ano ut supra."...*

Na Lomba poucos sabem quem foi o ator Brandão. Em junho 2009, escrevera ao Presidente da Junta local:

*"a sugerir que sejam batizadas Ruas da Freguesia em homenagem a ilustres da Lomba da Maia.*

*Mais se sugere que nas placas toponímicas se acrescente uma pequena nota sobre os homenageados.*

*Por último, deverão convidar-se os homenageados vivos e os descendentes dos falecidos. Ass.) Colóquios da Lusofonia*

Como nada disto se concretizasse, em protesto, decidira passar a chamar Fish Tails a Rabo de Peixe, Slim Point a Ponta Delgada e Maia Hump a Lomba da Maia. Desistia de homenagens, seguiria a sua própria toponímia: a Rua do Rosário seria a Rua Sá Couto, a sua Rua da Igreja seria Rua da Lusofonia, etc.

---

#### 4.2. TELEMÓVEL NO CEMITÉRIO

Há tempos disseram-lhe que um falecido na vizinha Lombinha da Maia pediu para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel. O homem viera da *Calafona* (ou do Canadá, já não se recordava) e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso. Qual não foi o espanto ao transitar pelo cemitério num fim de tarde, já encerrado a visitas nesse dia, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas tinha uma mão agarrada às grades e com a outra segurava o aparelho. Estaria a falar com o falecido? Será que o finado atendeu do lado de lá das grades lá dentro do seu caixão de mogno envolto na bandeira canadiana ou no “*Stars and Stripes*”? De que falariam, que fofoquices estariam trocando? Lamentar-se-iam os vivos da falta que lhes fazia ou estariam meramente a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer? Estariam a queixar-se dos herdeiros ou a culpá-lo por um inexistente testamento?

Tratando-se de gente rural será de augurar que os sentimentos dos vaqueiros andem centrados nos proventos económicos e nas vacas. Não devem almejar grandes conquistas culturais ou espirituais. Por tal motivo, pressupõe JC ser esse o jaez da conversação. Não se crê que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a sua falta. Quem sabe de que se queixavam agarrados às grades com uma mão enquanto na outra seguravam o pequeno aparelho.

Merecia futuro estudo, talvez houvesse uma universidade que para atrair os fugidios estudantes quisesse lançar um mestrado inovador sobre o tema.

Uma pessoa interroga-se sobre a duração das baterias do aparelho no esquife. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena.

Admira-se que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial se viesse acompanhado de possibilidades de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? Novos planos poderiam surgir em operadoras como a Vodafone ou outras. Coincidência deveras insólita, pouco depois um amigo que há anos deixara de ver, telefonara a perguntar o significado de R.I.P. Lá explicara “*rest in peace*” ou “*Requiescam In Pacem*” ...

### 4.3. CONVERSAS DO ALÉM

E assim ficou a versão final do texto anterior, homenageando o rico léxico açoriano:

Há tempos ficara *menente* quando lhe disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel. O homem sem *pitafe*<sup>2</sup> algum viera da *Amerca*<sup>3</sup>, ali da antiga *Calafona*<sup>4</sup>, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso.

Qual não foi o espanto, num *alpardusco*<sup>5</sup> de *camarça*<sup>6</sup>, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho.

Não tinha *tarelo*<sup>7</sup> nenhum. Não querendo ser *lambeta*<sup>8</sup>, interrogava-se “*Estaria a falar com o falecido, que nascera empelicado*<sup>9</sup>?” Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na “*Stars and Stripes*” à prova de *leiva*<sup>10</sup> ou continuaria na sua eterna *Madorna*<sup>11</sup>? Teria acendido um *palhito*<sup>12</sup> para ver quem lhe ligava? De que fariam? Que mexericos trocavam?

Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer? Estariam a queixar-se da *sorte caipora*<sup>13</sup> dos herdeiros ou a culpá-lo pela *caltraçada*<sup>14</sup> criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de *ao pé da porta*<sup>15</sup>? Falariam do gado *alfeiro*<sup>16</sup> sem touro de cobrição? Talvez dum derriço dum filha numa constante *arredouça*<sup>17</sup>, *às fiúzes*<sup>18</sup> do namorado da cidade?

JC ia *ficar a nove*<sup>19</sup> mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas.

Não devem escalar grandes cumes culturais ou espirituais. Pressupunha ser esse o jaez da conversação. Não se crê que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas. Quem sabe que lastimavam? Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para se discutir à mesa, sem ninguém a *atramoçar*<sup>20</sup>, com uns *calzins*<sup>21</sup> de *abafado*<sup>22</sup> até se ficar meio *piteiro*<sup>23</sup>.

Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquife. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha.

Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena.

Admira-se que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho.

Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas?

Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis. Um tema a merecer estudos futuros, talvez a local universidade da malagueta (ou era malgueta, pequena escudela?) quisesse lançar um mestrado inovador sobre o tema para atrair os fugidios estudantes.

Coincidência deveras insólita, dias passados, um amigo, que há anos deixara de ver, telefonara a perguntar o significado de R.I.P.

Lá explicara “*rest in peace*” ou “*Requiescam In Pacem*” (texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M. Soares de Barcelos, autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro

1 **Menente**, espantado, estupefacto (**São Miguel**)

2 **Pitafe**, defeito, atribuído quer a pessoas, quer a objetos. Nódoa na reputação.

3 **Amerca**, corruptela de América, ou Nova Inglaterra por oposição ao outro grande polo de emigração, a Califórnia

4 **Calafona**, Califórnia, na estropiação dos emigrantes de antigamente

5 **Alpardusco**, o mesmo que alpardo, crepúsculo, lusco-fusco (**São Miguel**)

6 **Camarça**, tempo húmido (**São Miguel**)

7 **Tarelo**, juízo, tino (**São Miguel**)

8 **Lambeta**, intrometido (**São Jorge**)

9. **Empelicado**, diz-se de pessoa afortunada, usado na frase nascer empelicado (**Terceira**)

10 **Leiva**, designação dada a formações de musgo de várias espécies Sphagnum, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, Calluna vulgaris, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.

11 **Madorna**, sono leve, sonolência, torpor

12 **Palhito**, o mesmo que fósforo (**Terceira**)

13 **Caipora**, de qualidade inferior, reles. **Sorte caipora**: que pouca sorte, sorte maldita (**São Miguel**)

14 **Caltraçada**, confusão, mixórdia, trapalhada

15 **Vizinho do pé da porta**, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (**vizinho de ao pé da porta em São Miguel**)

16 **Alfeiro**, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)

17 **Arredouça**, confusão, desordem

18 **Fiúzes (São Miguel) ou Às fiúzas de**, à custa de, viver à custa de outrem (**Terceira**)

19 **Ficar a nove**, não entender nada do que ouviu.

20 **Atramoçar**, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (**São Miguel**)

21 **Calzins**, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas

22 **Abafado**, O vinho abafado é um vinho tradicional dos Açores, constituindo uma tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos vinhos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micalense, o abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (**São Jorge**)

24 **Piteiro**, aquele que bebe muito (**Terceira, Flores**)



#### 4.4. PEREGRINAGENS

JC jamais se habituaria às buzinas que diariamente lhe enchiam os tímpanos, para apregoar o talho e a peixaria, os vegetais, legumes e outros produtos que perambulam em busca de compradores. Sonoridades irritantes e incessantemente repetidas. Rua acima. Rua abaixo. Suspendendo o fluxo de ideias, silenciando o chilrear risonho dos pássaros. Mera poluição sonora indesejada. *Desconhecia em que dia vinha o quê.*

A carrinha dos CTT, não buzina e parava sextas-feiras à espera de clientes, no Largo da Igreja.

*As buzinas eram uma constante saudação aos conhecidos com que se cruzavam os condutores. Hábito dos tempos em que poucas viaturas havia e se alertavam os pedestres para a sua passagem.*

Aparte estas sonoridades, o ambiente bucólico, satisfaria António Feliciano de Castilho, autor hoje esquecido, como tantos outros. Propício para uma Florbela Espanca escrever poesia mais alegre, ou a António Boto ser menos suicida, menos indicado para Cesário Verde ou para o António Nobre se sentir menos “Só”.

Os pássaros a gorjear nos telhados, já que árvores havia poucas, recriavam sempre mentalmente uma cena tipicamente retirada dum álbum de memórias de tempos que não vivera. Uma bela vista sobre o mar imenso propenso a nortadas cortantes, o célebre “mata-vacas” de nordeste, motivando sempre o irónico comentário “fecha o frigorífico”.

Todas as manhãs ia a meio da manhã ao café buscar o seu jornal da antevéspera. Os jornais chegam à aldeia com 24 horas de atraso. Chama-lhe o preço da interioridade na insularidade.

Para sua surpresa, mesmo em frente, em plena escadaria da igreja centenária, estavam já cinquenta peregrinos, romeiros como aqui são chamados, cantando e orando a plenos pulmões.

*Haviam partido de Ponta Delgada na antevéspera, dirigindo-se ao Nordeste na peregrinação anual a toda a ilha. O governo regional concede uma semana de tolerância de ponto para calcorrearem, dia e noite, chuva ou faça sol, as estradas estreitas e perigosas que atravessam este cachalote insular. Param nas capelas e igrejas, vão-se aboletando em casa deste ou daquele, onde lhe são servidos alimentos antes de prosseguirem nesta romagem bem arreigada de laivos religiosos ancestrais. Dizem que os adolescentes fazem percursos mais pequenos entre localidades vizinhas, mas em todos os grupos se viam jovens. Estes romeiros percorrem a pé, numa semana, os 250 km da ilha. Fosse ela plana e bem mais fácil seria a devoção, mas dada a inclinação íngreme da maioria dos caminhos e estradas, podem aquilatar como será difícil a andança. As vias são estranguladas e nalguns pontos nem dois carros se cruzam. É raro existirem passeios para peões, mesmo nas localidades. A hipótese de acidente é grande. Aqui não se*

*cumprem as normas do código da estrada. A maioria desconhece-as e muitos conduzem sem cartas de condução. Os romeiros circulam no sentido do trânsito e não de face para ele. Os automobilistas defrontam redobrados perigos. Além das vacas que podem surgir a qualquer momento, também podem deparar com um rancho de romeiros em qualquer esquina.*

Dizem que a fé move montanhas. Eis a prova, para quem quiser ver para crer.

*Seguem entoando e orando durante o percurso, numa manifestação religiosa única que durante uma das semanas da Quaresma, visitam igrejas e ermidas onde se venera a imagem de Maria. Reza a tradição que esta visita às casas de Nossa Senhora, data das calamidades causadas pelos terramotos e erupções vulcânicas que arrasaram Vila Franca do Campo e a Ribeira Grande, em 1522 e 1563, respetivamente. Nessa época, os micaelenses fizeram preces públicas aos Céus por intermédio de Maria, para invocarem a misericórdia divina e jamais deixaram a prática. Estas romagens servem de penitência pelos pecados próprios e alheios e para suplicar as bênçãos de Deus para os Açores, Portugal e todo o mundo. Dado o estado do país não parece que estejam a dar bons resultados.*

Parafraseando Daniel de Sá:

*“...A ilha, toda inteira... Passo a passo há de João andá-la de ponta a ponta, duzentos e cinquenta quilómetros em redor, cinquenta léguas compridas de cansaços e Ave-Marias. Romeiro, ele, cristão de pouco ir à Missa...a pão e água, a promessa!... O pior será depois de o corpo repousar por umas horas e todos os músculos se recusarem a reagir, com a facilidade de hoje, ao esforço do amanhã. Tem à vista o reino da Tronqueira, com o Pico da Vara a apontar o céu, numa oração em silêncio. E parece que se notam as marcas deixadas pelos imensos dedos do Criador, no ato de modelar a lava de que tudo isto é feito. Se um louco destrísse todos os templos da ilha, restavam as montanhas, que já os deuses antigos por aí é que habitavam...” (Ilha Grande fechada, 1992)*

Mais uma curiosa manifestação deste povo, que ao domingo deixa os homens em amena cavaqueira à porta das igrejas e depois, durante o ano, os vê a pegarem nos andores das inúmeras procissões e a fazerem as suas romagens. O pagão e o tradicional cristão estão de tal forma cruzados que nem se entende onde um começa e outro acaba. Perpetua-se a manutenção de fachadas tradicionais cristãs para os vizinhos verem em trajos domingueiros.... Os “mordomos” dos “Impérios” na sua compita para serem melhores e maiores do que os antecessores. Tudo isto tem pouco de católico e de cristão. Rituais repetidos que as pessoas reproduzem sem se inquirirem. Capazes de afiançar, por alma deste, daquele, e daqueloutro, em nome do Santíssimo, do Divino e do Santo Cristo, que são do mais católico que alguma terra portuguesa já mostrou. Incongruências sobre as quais não convém falar. Menos ainda debater. Aqui ficam registadas para que se saiba.

As mulheres, que não ficam à porta das igrejas e vão à missa, cumprem outros rituais sagrados, como o da procriação. Mas a elas compete continuarem com a sua tarefa de mulheres. Submissas. Ordeiras. Devotas. Obedientes aos superiores interesses do machismo feudal e eclesiástico. Como aquele que ora se critica nas sociedades muçulmanas. Sem voz que se ouça exceto nas cavaqueiras femininas à volta da mesa do café, mas só durante o dia, que à noite essa frequência de cafés e bares está reservada aos homens. Apenas a eles. Esta ruralidade evoca Portugal em 1950. Há mais carros, televisão, internet, mas os homens continuam a mandar.

*Num qualquer dia fora à Ribeira dos Caldeirões apreciar o sossego das quedas de água e embevecer os olhos na flora ancestral. Passaram-se os anos, quatro para ser mais preciso (junho 2009) e nesse ínterim cumpriu JC alguns rituais locais. Um deles foi uma comemoração comunitária relacionada com o Divino: a Festa do Espírito Santo e do Império dos Jovens da Lomba da Maia. Após os habituais cortejos pelas ruas da freguesia, a exposição pública das ricas coroas e outras prendas do Império (escondidas durante o resto do ano) juntaram-se centenas de pessoas. Iam todos comer umas tantas vacas e doces típicos da ocasião festiva no calendário ritual de procissões e paganismo infetado de fé cristã que eivam a seiva dos locais.*

Não pudera JC recusar e fora bem-recebido, nesta primeira incursão a uma festividade pela qual já havia passado quatro anos sem se imiscuir. Todos contribuíram para fazer a comida, mas o deus das borrascas decidiu mandar vir a chuva. As festividades culinárias foram cumpridas dentro de portas, num armazém que era garagem ou vice-versa. Acabou por sobrar comida, pois só estiveram duas das cinco centenas de pessoas esperadas. Já a tradição não é o que era. Esta celebração dos Jovens deve-se ao facto de, há vários anos, não ser possível conseguir arranjar um Mordomo para as festividades. A Lomba (da Maia) sempre foi assim, menos crente nas suas possibilidades que os vizinhos habitantes da Maia, mais ciosos de tudo o que lhes diz respeito. Daí a inútil e quezilenta rivalidade entre as vizinhas populações. Há rituais destes em que JC já se sente quase como parente afastado vindo duma América de imigrantes gerações. Familiar distante, mas nem por isso menos bem tratado, apesar de não ostentar os laivos dos “americanos” ou “canadianos” de outros tempos, que “compravam” os locais que haviam ficado com as suas prendas de imigrante rico e bem-sucedido na vida.

---

## 5. CARNAVAIS INSULARES

Acordara cedo. Ninguém se lembra que o fuso dos Açores é uma hora prematuro. Dom Carlos Ximenes Belo ligou a agradecer lembrar-se das velas que o Prémio Nobel acendia. JC tem destas coisas e manda parabéns a todos os que surgem nos lembretes do computador. Supõe-se que o faz com medo de que o esqueçam no aniversário e assim cria remorsos aos que o não fizeram.

*No primeiro inverno insular (fev. 2006) dera conta que a celebração do carnaval começava com o Jantar dos Amigos. As mulheres ficam em casa e os homens fora. Depois do jantar há striptease que ajuda o ego frustrado de tanto macho latino reprimido que aí há. Na semana seguinte é a Noite das Amigas com striptease masculino. Para preferências sexuais alternativas ainda não há dia no calendário.*

Na semana subsequente é a Noite dos Compadres e depois a das Comadres. Curiosas tradições da ilha, com direito a espaço informativo nas televisões do continente. Lentamente se aprende de que é feita a massa cinzenta e menos cinzenta, destas gentes. Era vê-los em frente às câmaras de televisão. Todos lampeiros, saciados depois de se alambazarem com comida e bebida à espera da “sobremesa”. Não sabem que o excesso alimentar e de álcool reduz as capacidades de desempenho sexual? Desconhece-se e ninguém o noticiou, o que os homossexuais fizeram nessa noite, mas pode calcular-se.

Reza a tradição que se comiam Búzios e Rosas do Egito. Mas não consta que os contemporâneos os comam. Búzios são uns bolinhos carnavalescos (da ilha de Santa Maria), que estendidos sobre um guardanapo tecido em tear, ficam com umas estrias peculiares. As Rosas do Egito são as Filhós de forma.... Serão mais saborosas as meninas do striptease? Quando as açorianas saem à rua no seu dia anual, não se consegue entrar em bares e restaurantes, a menos que haja reserva antecipada.

*Todos os anos, as quatro quintas-feiras que antecedem a terça-feira gorda de Carnaval são celebradas com Amigos, Amigas, Compadres e Comadres. Quando começou a tradição, única em todo o País, ninguém sabe. Consta que data do fim século XIX e que é mantida nas comunidades de além-mar.*

Para as mulheres, nesta sociedade mais conservadora do que a continental, é a oportunidade de fazer o que “eles” fazem o resto do ano. Isto quer dizer, nas zonas mais rurais, meramente a possibilidade de sair de casa à noite. As jovens, casadas, solteiras ou em qualquer estado de conúbio, juntam-se, jantam e desinibem-se sem olharem para o relógio. Os bares e restaurantes oferecem “strippers”, “caraoque” ou música ao vivo a acompanhar buffets de preço reduzido para aumentar o negócio.

*Nos últimos anos até o Teatro e o Coliseu Micaelense abriram as portas a sessões especiais com centenas de pessoas. Todas adornadas, depois da ida obrigatória ao cabeleireiro, que não faz parte das rotinas. A excitação aumenta e consta (mas não se pode comprovar por falta de estatísticas fidedignas) que ao chegarem a casa celebram ruidosamente e nove meses depois dão à luz, daí o elevado número de nascimentos em setembro e outubro. Enfim, um dia simbólico de libertação de grilhetas que se voltam a colocar após aquela data.*

JC tentava educar o filho mais novo, erradamente assente em saberes clássicos sem entender os paradigmas contemporâneos e açorianos.

---

## 6. SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES E. D. HELDER DA CÂMARA.

### 6.1. O CULTO OCULTO

No primeiro ano que JC estava presente nas festas e resolvera estudá-las. A festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres celebra-se no quinto domingo após a Páscoa (a Quinta Dominga). A história do culto alegadamente começa no Convento da Caloura em Água de Pau, uma das mais antigas freguesias da ilha. A documentação oficial cita a sua existência desde o século XVI. Diz-se que foi aqui, no lugar de Porto de Carneiros, que o infante D. Henrique mandou lançar gado, aquando da colonização de S. Miguel.

*Data do início do séc. XVI a fundação do Convento em Vale de Cabaços. Este foi, provavelmente, o primeiro Convento de religiosas na ilha. Um grupo de jovens decidiu viver em clausura numa ermida junto à pequena baía da Caloura. O Convento deveu-se à devoção das filhas de Jorge de Mota, de Vila Franca. A comunidade necessitava da Bula Apostólica para autorizar a constituição do convento e duas religiosas foram enviadas a Roma.*

Em 1521, D. Manuel I dera ao templo o hábito de Cristo, como galardão pelo comportamento dos filhos da terra no Oriente. O mesmo monarca elevou-a à categoria de vila em 28 de julho de 1515, com “*meia legoa de termo em redor*”. O seu brasão de armas é um escudo bipartido, num lado as armas portuguesas e no outro a imagem de Nossa Senhora dos Anjos. Construído sobre rochedos à beira-mar, este pequeno convento de arquitetura simples, tem uma igreja anexa dedicada a Nossa Senhora das Dores. A fachada com duas torres sineiras tem um nicho com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. O corpo da igreja é revestido por um raro conjunto de azulejos oitocentistas policromados, com um retábulo de talha dourada com curiosos anjos de bigode. Em novembro 1522, um grande sismo derrubou a igreja paroquial, reconstruída três anos depois.

*É pouco credível esta lenda que atesta que o Papa Paulo III (1534/1549) atribuiu a Bula e alegadamente lhes ofereceu a imagem do “Ecce Homo” para o novo mosteiro, a qual foi trazida pelas duas religiosas e colocada num nicho, em Vale de Cabaços, lugar ermo e exposto às incursões dos piratas. Devem colocar-se interrogações quanto ao facto de duas religiosas irem dos Açores a Roma entre 1534/1549. Não devem ter ido à boleia num qualquer barco com desconto do “Cartão Jovem” e paragens em Albergues da Juventude ao longo da jornada. A viagem de Lisboa a Roma nesses dias era tarefa difícil e demorada, além de não ser fácil obter uma audiência papal, mas é assim que se constroem mitos e lendas.*

O Mosteiro de N. Sra. da Esperança foi o primeiro Convento de Freiras em Ponta Delgada. A sua construção foi iniciada em vida do fundador, o Capitão Donatário Rui Gonçalves da Câmara II. Após o terramoto de 20 de outubro de 1522, que arrasou Vila Franca do Campo, passou a residir em Ponta Delgada, que já era vila desde 1499. Sua mulher, D. Filipa Coutinho concluiu as obras em outubro de 1535. Petronilha da Mota, com uma amiga e irmãs menores, saíra de casa em 1522 e fora para a Caloura. Quase 10 anos depois para Vila Franca para o Convento de Sto André, entretanto acabado, enquanto outras religiosas foram para o Convento da Esperança em 1541, quando a freira galega Madre Maria Inês de Santa Iria levou para lá a imagem do Santo Cristo. O Convento foi habitado por freiras até 1541, ano em que foram substituídas por uma comunidade religiosa masculina, devido ao constante ataque de piratas.

O Mosteiro da Esperança foi construído em terrenos doados por Fernando Quental e sua mulher, Margarida de Matos. Cristóvão de Matos Quental mandara construir, em 1609 a ermida de N. Sra. da Ressurreição, conhecida por Senhora da Soledade. No lado poente, no início do séc. XVI, já havia uma ermida de N. Sra. da Conceição onde foi erguido o primeiro convento de franciscanos, como se lê na "Crónica da Província de S. João Evangelista", de Frei Agostinho de Mont'Alverne. As obras começaram em 1709. Com a extinção das ordens religiosas, em 1834 foi hospital da Santa Casa da Misericórdia. Em 1830 vieram as Visitandinas, a que se seguiu a Congregação de S. José de Cluny. Constituído o seu colégio, coube às Religiosas de Maria Imaculada ocuparem o Convento, em cuja recuperação trabalharam como operárias, ocupando o lugar das Clarissas, ali presentes de 1541 a 1894. Em 1723, havia na Esperança 102 freiras e 57 noviças. Em 1821, eram 108 senhoras e em 1865, 72 senhoras. A última, Madre Abadessa Vicência Cabral, faleceu em dezembro 1894. Já havia "recolhidas" que vestiam hábito e continuavam os usos conventuais, não obstante os reparos da imprensa periódica, presa aos decretos antimonásticos de maio de 1832. Em abril de 1959, o Bispo de Angra declarou Santuário Diocesano a Igreja do Santo Cristo.

Outra personagem muito estudada, a Madre Teresa da Anunciada nasceu em 1658, em S. Pedro (Ribeira Grande). Entrou para o Convento da Esperança e iniciou o noviciado em 1681, tendo feito os votos solenes em 1683. Morreu, com fama de santidade, em maio de 1738.

*Quando Teresa chegou à idade de aprender a ler, veio do Brasil o irmão, Frei Simão do Rosário, para descansar e restabelecer-se das extenuantes missões pelo sertão. Ensinou a ler as irmãs e Teresa deliciava-se com a vida de santos. Quando entrou para o Mosteiro da Esperança, estava no coro baixo, num pequeno altar, uma imagem do Senhor, no passo do "Ecce Homo", que tinha um registo a tapar a abertura do peito, pois outrora servira de sacrário. Teresa conseguiu um novo altar para a Imagem, mas o teto, formado pelo soalho do coro alto que era velho, tinha muitas frinchas. Conseguiu que fosse construída uma capela. A seu pedido, D. Pedro II, por alvará de 2 de setembro de 1700, concedeu tença de doze mil réis, para manter acesa, dia e noite, uma lâmpada de azeite diante do altar. Nenhuma das capelas chegou aos nossos dias.*

*Foi então que Madre Teresa desejou que a Imagem do Senhor saísse em procissão, passando por todas as igrejas e conventos da cidade.*

Daniel de Sá tem assinalado a incorreção da referência à procissão de 1700 com o duplo erro de a confundir com a primeira e acrescentar detalhes da procissão dos tremores (1713):

*1698 - Naquela que é considerada a primeira procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, embora a intenção fosse apenas a visita da imagem aos outros conventos de Ponta Delgada, as ruas foram atapetadas com flores de um modo espontâneo, tendo participado o clero, a nobreza e o povo. Persistem opiniões diferentes acerca do ano em que teria acontecido este cortejo. Seguindo Urbano de Mendonça Dias, a maioria aponta 1700 como aquele em que teria ocorrido. Outros, e conforme investigação de Luciano da Mota Vieira, aceitam 1698. Sabemos que o cortejo foi a 11 de abril. Eis o que diz o biógrafo de Madre Teresa: "Em último lugar ia o pátio com o Santo Lenho, a que acompanhava uma tão numerosa multidão de povo, que os oficiais deixaram o trabalho, os mercadores as lojas e os forasteiros as vilas e lugares circunvizinhos." Esta descrição anula a hipótese de que essa procissão se tivesse realizado num domingo. 11 de abril de 1700 foi um domingo da Páscoa. Era impensável que os "oficiais"<sup>5</sup> estivessem no seu trabalho ou os mercadores com as lojas abertas. Não deverá haver grandes dúvidas de que a procissão terá sido numa sexta-feira que Madre Teresa honrava sempre, dia da Paixão do Senhor. Foi o que aconteceu com o lançamento da primeira pedra e início da construção da segunda capela. Frei José Clemente, diz a propósito da sua morte: "Era o dia de sexta-feira, dia dedicado ao Senhor e de tanta devoção para a venerável Madre, que sempre nele recebia de Deus algum favor especial..." A sexta-feira, 11 de abril, em que aconteceu aquilo que é considerado o milagre do pão, foi anterior à procissão, encontramos deste modo as datas de onze de abril de 1682 como o dia do dito milagre, e a sexta-feira, onze de abril de 1698, o da primeira procissão.*

Os despojos mortais de Madre Teresa conservam-se numa pequena urna na Capela do Santo Cristo no Mosteiro da Esperança. *Em finais do século XIX, o bispo de Angra mandou abrir a caixa. Removida a respetiva cobertura, logo se evolou um magnífico e inexplicável aroma.* O prelado da Diocese de Angra deu início ao processo jurídico sobre a Vida e Virtudes de Madre Teresa, tendo circulado um abaixo-assinado, dirigido ao Santo Padre:

*"O povo dos Açores tem um grande amor e devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres...que ultrapassaram em muito as fronteiras da região...em todos os países da diáspora açoriana se celebram festas em honra do Senhor Santo Cristo e são muitos milhares os que, de todo o mundo, se deslocam todos os anos em peregrinação de súplica ou ação de graças. Tudo começou com a Clarissa Madre Teresa da Anunciada que, no silêncio do convento, recebeu um apelo especial para honrar e desagravar o Senhor na Sua Flagelação representado na Imagem*

---

<sup>5</sup> ("Oficial" era aquele que tinha um ofício manual, um artífice. Ainda em meados do século XX uma testemunha idosa, num julgamento na Ribeira Grande, ao identificar-se declarou a profissão como sendo "oficial campónio".)

*do Ecce Homo. A partir de 1700, o culto tomou tal grandeza que nunca mais esfriou. As graças e os milagres têm sido uma constante. Morja de vida austera é tida como modelo de santidade e considerada a grande intercessora junto do Senhor. Por isso, imploro a Vossa Santidade seja concedido o "nihil obstat" para a organização do Processo de Beatificação da Serva de Deus a fim de ser elevada à honra dos altares".*

Numa ilha de vulcões ativos e sismos frequentes, a devoção foi sempre o principal, se não único, refúgio do povo pelo culto do Divino Espírito Santo e do Santo Cristo dos Milagres.

*Deslocam-se anualmente a Ponta Delgada milhares de peregrinos para pagar as suas promessas. As oferendas, acumuladas durante anos, constituem um tesouro de valor incalculável. O culto ao Senhor é a segunda maior procissão em Portugal. Na tarde de sábado, há pessoas de joelhos sobre as pedras da calçada, à volta da praça ou, então, carregadas de círios de cera, em agradecimento pelas graças. No domingo, milhares de pessoas incorporam-se na procissão. A abrir, o pendão com a coroa de espinhos dourada, duas longas filas de homens com opas e grossos e pesados círios votivos, outros descalços, no cumprimento de promessas, interrompidos por grupos de filarmónicas. Seguem-se associações juvenis com pendões de cores garridas, crianças vestidas de anjos e alunos do seminário, precedendo a imagem sob um dossel de veludo e ouro, num trono de flores de seda e pano, tecidas no séc. XVIII. Depois vão os dignitários da Igreja Católica, representantes das congregações religiosas de S. Miguel. A fechar o cortejo, as autoridades militares e civis, representações e associações sociais e desportivas.*

A procissão recolhe após cinco horas de circulação pelas ruas de Ponta Delgada. O corpo principal do tesouro é constituído por Resplendor, Coroa, Relicário, Cetro e as Cordas.

*O Resplendor é a peça mais rica e foi considerada, num congresso em Valladolid, a mais valiosa do género em toda a Península Ibérica. Em platina cromada de ouro, pesa 4850 gramas e está incrustado de 6842 pedras preciosas (topázios, rubis, ametistas, safiras, etc.). A Coroa é a mais delicada, 800 gramas de ouro, 1082 pedras preciosas. O Relicário é a mais enigmática, permanentemente colocada no peito da imagem, serve para guardar o Santo Lenho, que se crê ser uma farpa da cruz em que Jesus foi crucificado. O Cetro, a quarta peça, tem 2000 pérolas que formam uma maçaroca de cana, 993 pedras preciosas ao longo do tronco e no conjunto de brilhantes com renda de ouro na base, onde está a Cruz de Cristo. As Cordas, com 5 metros, constituem a quinta peça. Duas voltas de pérolas e pedras preciosas enroladas em fio de ouro. Possuem valor incalculável. Os "registos" são a mais antiga forma de arte dedicada ao Senhor dos Milagres. As suas origens são incertas. Reza a história que a arte começou nos conventos, quando a Imagem estava na Caloura. Os primeiros cunhos alusivos à Imagem datam do séc. XVIII. Datada de 1843, a primeira capa foi encomendada e oferecida ao Senhor Santo Cristo pelo coronel Nicolau Maria Raposo de Amaral, homem de fé e devoção. Ornamentado com belíssimas jóias, a capa revela um pouco do tesouro do "Ecce Homo". Pedras preciosas e diamantes*



*encastrados no manto vermelho representam ofertas de crentes. O culto ultrapassa os limites da nacionalidade e da geografia. Desde há trezentos anos, os fiéis têm oferecido joias de grande valor, como tributo por graças recebidas, por intenção de intervenções milagrosas ou pura devoção. Considerado como um dos mais valiosos, o tesouro do Senhor Santo Cristo não tem preço.*

Em Fall River, EUA, o culto está vivo na Imagem, que percorre as ruas das paróquias portuguesas, numa mensagem de dor e de paz. Um mar de gente com promessas. No Canadá, as Festas do Senhor Santo Cristo são consideradas as maiores do género no país. Realizam-se em Toronto, na mesma data em que se celebram em Ponta Delgada. As festas são celebradas desde 1966, reunindo na igreja de Santa Maria milhares de fiéis, alguns vindos de terras distantes dos Estados Unidos, Canadá e Bermudas.

---

## 6.2. D. HÉLDER DA CÂMARA (1909-1999) E UM CERTO PADRE MÁRIO

*A trajetória de vida do “arcebispo dos pobres”, não se afastou nunca da meta de elevar os pobres e miseráveis à categoria de cidadãos. Os anos do Concílio Vaticano II (1962-1965) iriam transformá-lo, do pouco conhecido arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, num dos personagens mais influentes na cena internacional da igreja contemporânea. JC expressa simpatia pela obra e pensamento daquele clérigo pois durante o Concílio, Dom Helder Câmara surpreendeu e movimentou cardeais e bispos de todo o mundo a favor da inserção da Igreja nos setores populares. Fez mais: propôs ao papa João XXIII entregar o Vaticano e as suas obras de arte à UNESCO, como património cultural da humanidade, enquanto o Papa passaria a morar, na qualidade de bispo de Roma, numa paróquia da capital italiana.*

Noções radicais, mas deveras justas, segundo a conceção de equidade que norteava JC desde o Liceu. Ali fora altamente influenciado pelo célebre Padre Mário. O então professor de Religião e Moral, preso pela polícia política (PIDE), escrevera vários livros contestatários da linha oficial do Vaticano. Não fazia sabatinas como o velho Padre Brochado do outro liceu. De 1965 a 1967, fora seu professor no 6º e 7º ano do Liceu. Mário de Oliveira tornou-se no famoso padre de Macieira da Lixa (Felgueiras). Fora enviado como Capelão Militar para a Guiné em novembro de 1967. Ali esteve, cinco meses apenas, até março 1968, acabando por ser expulso de capelão militar por pregar o direito dos povos colonizados à autonomia e independência. No Liceu falava de temas que os jovens compreendiam e lhes interessavam. Estava sempre muita gente à porta do seu quarto num anexo do (atual) Hospital Infantil de Maria Pia a falar com ele. As aulas eram partilhadas com o despertar duma consciência cívica e política que mais tarde marcaria a vida de JC.

Dom Helder da Câmara sonhava com uma Igreja menos imperial e mais parecida com a comunidade dos pescadores da Galileia. Dentre milhentas citações esta tocava-o:

*“O verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos, e que os pobres devem atribuir a sua pobreza à vontade de Deus.”*

Isto para JC simbolizava bem aquilo que gostaria de ter visto nas Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, mas não vira. As suas expectativas eram elevadas. Lera que a fé e o catolicismo da ilha não tinham paralelo nem em Portugal nem noutros continentes. Deparara-se com mais uma manifestação daquilo que mais abominava na igreja de Roma. Fizera uma curta pausa, tentando encontrar, como sempre fazia, uma explanação histórica ou racionalização para o que observara. Esta é a terra que sempre aceitou a escravatura, a inquisição e mais recentemente se deitou na cama do alegado fascismo «soft» português do século XX e continua a virar a cabeça quando se fala da praga da pedofilia...

Sabia que era o momento alto das festividades religiosas. Da ilha. Do arquipélago. O tempo nublado ameaçava a fúria dos elementos, os mesmos que lhe deram origem. Iria presenciar o que diziam não ter paralelo noutras paragens. Apesar da chuva, milhares de pessoas concentravam-se nas ruas circundantes ao Convento da Esperança. Agradeciam as suas esperanças. Cumpriam promessas, lenços na cabeça em devoção. Joelhos desnudos na calçada. Transportavam pesados círios. Um ou vários de uma só vez, consoante os auspícios. Havia em tudo e todos, um misto de catolicismo e paganismo. Era notório que a população sentia arreigada a tradição centenária, transpirava-a pelos poros calejados do trabalho escravo. À mente, porém, afloravam imagens distintas: as **flagelações islâmicas sunitas no Iraque**.

Gente de joelhos esfolados às voltas na calçada, em troca de promessas feitas a uma divindade. Podia ser católica, apostólica e romana. Não parecia. Não era fé, era paganismo primitivo. Sabia que estava a ser politicamente incorreto. Aquelas cenas incomodavam. Não a tradição em si, que grande parte deve ser preservada. Era desumano e degradante para a condição humana. Só faltava ver os fanáticos da Opus Dei, de silício em punho, vergastando a carne por ser fraca e ter cedido a tentações. Careciam as imagens dum oráculo, vaticínio miraculoso. Poderia acontecer outro milagre. Faltava o impacto mediático de uma nova Joana d’Arc a ser queimada na pira, para arrebatat a multidão bramando aos céus por tal revelação. Que nestas coisas de fé nunca fiando.

Depois da transmissão de um programa televisivo “Atlântida” onde JC falou do sucesso do último Colóquio da Lusofonia, foi a vez da imagem ricamente ornada dar a volta à praça. Quedou-se depois à porta da Igreja aguardando que a procissão de crentes a pudesse observar. Ou idolatrar? Durante horas as pessoas desfilaram, em silêncio, perante a rica efígie. Esta homenagem e a riqueza do ícone eram contrárias aos ensinamentos de Jesus que desprezava as riquezas materiais. Todos o alertavam para a necessidade de ver ali a mensagem do Santo Cristo. Dizem que o *“verdadeiro rosto do Deus vivo e verdadeiro, revelado por Jesus, é o Amor que se faz próximo, que partilha a dor e se faz gratuito e solidário”*.

Lamentavelmente, nada disso conseguira ver. Assistira à autoflagelação de crentes, arrastando-se na calçada em cumprimento de promessas. Seria um resquício da Idade Média em pleno século XXI? Contaram-lhe que muita gente compra fatos e vestidos novos, para usar na procissão. Soava a exibicionismo pequeno-burguês. Apanágio de meios pequenos como Ponta Delgada, da própria ilha e mesmo do arquipélago. Era quase como quando se compra fatiota nova para um casamento, batizado ou comunhão solene. Tudo menos devoto do que lhe queriam fazer crer. Se a fé é assim tão grande para quê fatiotas novas? Estavam ali para manifestarem a fé ou para mostrarem o sucesso das preces transformado em bens materiais? Pena não poderem mostrar os carros topos de gama para todos invejarem. Tiveram de os estacionar longe que a multidão se comprimia a mostrar a sua fé. Para que todos os vissem e à sua fé. Quão crentes eram!

O dinheiro das joias, duas mil pérolas, 993 pedras preciosas e brilhantes com renda de ouro na base...podia amenizar ou aliviar mais o sofrimento dos pobres e carenciados. Enfim eram esses os valores não propugnados pela Santa Igreja. Todos em silêncio à espera do Senhor Santo Cristo dos Milagres, como esperam o Espírito Santo ou o Divino se é que não Nossa Senhora de Fátima. Provavelmente ainda no inconsciente, à espera de umas sacas de roupa oferecidas pela América, agora em versão de subsídio de Bruxelas. Eram a mesmíssima população que faz manifestações e abaixo-assinados a favor de alegados criminosos, pedófilos, violadores de crianças. Gente que tudo calava em silêncio. Talvez isso explique o atraso, a falta de progresso civilizacional e cultural de que ninguém ousa falar nas ilhas. Basta a aparência de riqueza e de progresso. Mais umas tantas obras a inaugurar e umas estatísticas para enganar. Possivelmente cada povo terá o que merece. Ou podem estas tradições encerrar algo de mais sinistro do que numa primeira abordagem nos é dado observar?

*Quando nos confrontamos com a preservação de tradições centenárias podemos deparar-nos com situações antagónicas como esta. A extrema religiosidade açoriana assenta nas mesmas premissas que tantas outras de que enferma a sociedade portuguesa em geral. A religião é ainda hoje o ópio do povo. Já António de Oliveira Salazar dizia algo parecido com "quanto mais ignorantes mais felizes". Assim é, de facto. Se nada se contestar pode-se obter uma aparência de felicidade, de fé e até de religiosidade. A tradição é, afinal, quem mais ordena, seja ou não, a preservação da sujeição à superstição e à escravatura. Exige-se, simultaneamente que seja aceite pelo obscurantista e opressor como parte do sistema que lhe permite toldar a verdade e, desse modo, perpetuar a opressão.*

*As pessoas que nada mais conhecem além dos cantos da sua ilha, ou freguesia, sentem-se aflitas em relação ao mundo. Nunca sabem o porquê dos acontecimentos. Sejam eles geológicos ou sociais. Nem sequer são esclarecidas quanto aos seus direitos e deveres. As criaturas ignorantes dificilmente têm a capacidade de mudar a sua situação e começarem a ser agentes ativos na transformação da sociedade. Ficam inteiramente passivas. Por seu turno, os que possuem saber, agem em suas vidas de modo mais eficaz, têm uma maior capacidade de mudar a sua realidade e transformar o meio em que vivem. É verdade que os mais eruditos sempre*

*almejam mais, mas não são mais ou menos felizes por isso. Os mais inteligentes sabem que cada conhecimento é único e deve ser usado ao máximo, tal como cada ocorrência da sua vida. Possuem mais esperança de mudança e uma autoestima muito mais elevada. Sendo assim, a ignorância não é um Dom, mas sim algo que deve ser revertido por quem a possuir.*

Embora autores clássicos tenham pesquisado e escrito sobre religião, a análise às festas populares, não é considerada prioritária. Dada a escassez de recursos de investigação disponíveis, há outros temas julgados mais urgentes. Religiosidade e festas populares parecem, para muitos, um tema de menor importância. Para o povo anónimo e anónimo, religião e festas, são temas enaltecidos na vida diária, como se pode constatar no quotidiano popular. Nos locais mais remotos de Portugal e em especial aqui nas ilhas, religião e festas constituem assunto capital na vida de muitas pessoas. A rotina diária é interrompida muitas vezes ao longo do ano, pela organização ou participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica da monotonia da rotina. Para os que as organizam, as festas não representam momentos de lazer, mas de trabalho, intenso e prazenteiro no seu preparo e na sua realização.

*A relação estreita entre religião e festas foi aludida por Durkheim (As Formas elementares da Vida Religiosa. S. Paulo: ed. Paulinas, 1989), para quem (1989: 372), “nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”. As festas teriam surgido da necessidade de separar o tempo em dias sagrados e profanos (1989: 373).*

*Referindo-se ao descanso religioso, lembra Durkheim (1989: 372/273) que “o carácter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada à medida que estas não apresentam objetivo religioso”. Para este autor, as festas surgiram pela necessidade de separar no tempo, “dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas” (id. 373). Adiante afirma: “O que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente em épocas determinadas”. (id. 419).*

A repetição do ciclo das festas constitui, para Durkheim, elemento essencial do culto religioso. O mesmo autor também salienta a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os a representações dramáticas e mostrando (1989: 453), que “às vezes é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público”. Este autor estabelece, portanto, “relações íntimas entre religião e festas, entre recreação e estética, mostrando o parentesco entre o estado religioso e a efervescência, o delírio, os excessos ou exageros das festas.”

Enquanto a Igreja for **quase só isto** continuará JC a não ser cristão. Fora educado como tal, na catequese e no liceu. Educação Cristã. Católica. Apostólica Romana. Por opção própria, desistira. Ninguém o obrigara a continuá-la, no ápice em que concluíra que a religião institucional se sustém no obscurantismo e no seguidismo acrítico.

Retirara algumas lições muito positivas dessa experiência. Nomeadamente, valores [cristãos] que tivera. A compaixão e o respeito pelo próximo. Na noção de igualdade, ia mais longe, sem discriminar entre sexos, ao contrário da Bíblia. Se lhe fora fácil descrer do cristianismo, isso se deveria à gritante discrepância entre a teoria e a prática do mundo cristão. Cristo era um pacifista e, provavelmente, um “comunista”. A maioria dos seus seguidores não. Não sendo JC um fiel, não tinha grandes problemas em discordar e afastar-se de algumas dessas ideias. Não era pessoa para dar a outra face facilmente, quando confrontado pela desonestidade, injustiça, corrupção, e tantas outras maleitas sociais ou de carácter com que se defrontara já. Quando agredido, sentia-se no direito de se defender. Ripostando, se fosse o caso, ou usando outros meios mais vantajosos. Como escrevera (2008) o seu ex-professor de Religião e Moral, o célebre padre proscrito Mário de Oliveira (<http://padremariodalixa.planetaclix.pt>):

*“De Jesus, o de Nazaré, sim, a Igreja Católica afastou-se quase cem por cento. Também se afastou quase cem por cento de Cristo, mas apenas daquele Cristo Crucificado pelo Império e pelo Templo, que era, afinal, o próprio Jesus de Nazaré, pelo menos, no desassombrado testemunhar das suas discípulas e dos seus discípulos, que não hesitaram em colar para sempre esse título messiânico, libertador, ao seu nome histórico. Jesus, como testemunha o Evangelho, resistiu até ao sangue contra o Império e as suas seduções. A Igreja, ao contrário, acabou por cair nos braços do Império e disse sim a todas as suas seduções.*

*Felizmente, sempre houve, através dos tempos, Igreja que resistiu até ao sangue contra o Império, concretamente a Igreja dos mártires assassinados e de muitos outros mártires incruentos, alguns deles, martirizados como “hereges” pela perseguição assassina da própria Igreja oficial, amancebada com o Império e que, numa postura de manifesta traição, aceitou transformar-se de via ou caminho de libertação para a liberdade, que inicialmente era, em religião, e, depois, pior ainda, em religião oficial do Império.*

*Foi uma Igreja em estado de completa traição ao Evangelho, que acabou a identificar Jesus, o Crucificado pelo Império, com o Cristo divinizado pelo Império. É por isso que o que hoje chamamos Cristianismo é sobretudo Paganismo, melhor, Cristianismo paganizado. Quase não tem nada a ver com Jesus, o de Nazaré, que o Templo e o Império mataram, depois de o prenderem e julgado sumariamente. É neste ponto que estamos hoje.”*

A religião contribuía para este debate interior de JC, com mais temas interessantes nalgumas páginas de jornais portugueses, fortalecendo o seu ateísmo. Era notícia pelos pecados dos seus padres a arquidiocese de Braga, esse baluarte do catolicismo mais jurássico, notabilizado infamemente pela fé “explosiva” (de bombas) do cónego Eduardo Melo (falecido em 2008). JC acreditava piamente na máxima de “Uma diocese que não comprova a virtude dos seus clérigos não convence os paroquianos da bondade do seu Deus.” Segundo o “Correio da Manhã” e o jornal regional “Terras do Homem” havia “*sacerdotes afastados do múnus*”.

<http://www.terrasdohomem.com/visualizar.php?id=3121&Cid=15&Sid=0>

*“O Pe. Nuno Melo, de 29 anos, gosta de carros de luxo, jantaradas e diversões noturnas. A gula, a vaidade e a luxúria são três pecados capitais que qualquer confissão benfeita aliviaria, mas o dinheiro esportulado pelos paroquianos não é dívida que se possa remir com padressinhos e ave-marias. O promissor apóstolo está num retiro em Santo Tirso, enquanto «as dívidas já começaram a ser pagas, por intermédio do arcebispo de Amares”. Aqueles pecados explicam o afastamento ‘compulsivo’ do pároco das freguesias de Caires, Portela e Torre, do Arciprestado de Amares. “Como padre, era excelente”. Todos parecem concordar: “era jovem, sozinho e tinha alguns desequilíbrios.” 2006/05/23*

Inadmissível, porém, é que não houvesse retiros para pessoas como o ex-Presidente George W. Bush, que no seu longo reinado a todo o momento se socorrera de valores cristãos para sustentar a suposta “superioridade moral” perante “O Eixo do Mal” e se afastava grosseiramente de uma das sentenças mais paradigmáticas do cristianismo. Não se recordava de ter lido que Cristo tivesse incitado os seus discípulos a matarem os que O não seguissem.

*No longínquo dia 15 de maio de 1252, o Papa Inocêncio IV editou a bula “Ad Extirpanda”, que criou o primeiro Tribunal da Santa Inquisição (em Portugal 1536). A partir desse momento passou a ser autorizado o uso da tortura para se conseguirem declarações, verdadeiras ou falsas. Mais tarde, George W. Bush invocando outros poderes iria repetir a autorização de tortura. Tudo em nome da luta contra o terrorismo. Em nome da paz universal.*

Prevedo que leitores, familiares e amigos se sintam incomodados por estes escritos, em especial o presente capítulo, JC pedia a mesma tolerância que tinha para com eles: aceitação e compreensão. Nem todos são iguais nem acreditam nas mesmas coisas. Viva o direito à diferença! Como se poderá depreender, depois das transgressões adolescentes, que para aqui não são chamadas nem ouvidas, JC sentia uma qualquer espécie de contrição. Assim, debruça-se sobre um tema espiritual e religioso, normalmente arredado de suas preocupações quotidianas. Estas foram as suas primeiras Festas do Santo Cristo. Provavelmente as últimas.

*Nunca concordara com as riquezas imensas do Vaticano e com os bens acumulados pela Igreja ao longo dos séculos. Só muito levemente se falou neste aspeto na queda do Banco Ambrosiano. Em 1982, personalidades do Vaticano foram envolvidas no escândalo da falência fraudulenta daquele banco. As relações do Vaticano com o Estado italiano pioraram em 1987, quando a Justiça da Itália ordenou a prisão do cardeal Paul Marcinkus, secretário de Estado do Vaticano e diretor do Instituto de Obras Religiosas (IOR), instituição financeira envolvida no escândalo. Lá como cá, nos termos da concordata, a Itália não tem jurisdição sobre o Vaticano e o Supremo Tribunal italiano absolveu o cardeal.*

---

## 7. TUFÕES, TORNADOS DESVIADOS E DEMAIS CATÁSTROFES

Acordara estremunhado a ouvir as notícias de mais um engarrafamento na CRIL, um desastre no Fogueteiro, trânsito lento na VCI. O meteorologista alertara que o tufão *Hélène* tinha sido despromovido para depressão tropical. Passara ao largo. As lufadas de vento forte diziam-lhe que ia ser um dia mau. Abrira a janela, ainda não chovia. Céu cinzento. Temperatura 22 °C e humidade 89%. Não havia engarrafamentos à porta de sua casa. Raramente aconteciam. A não ser que as carrinhas do pão, fruta, carne ou de outros bens ali parassem em simultâneo. Estava longe de ser possível.

Porque é que a rádio e a TV impingem problemas dos residentes em Lisboa ou Porto como se fossem notícias essenciais, esquecendo locais como estas ilhas paradisíacas. Poucos sabem sequer onde ficam ou quantas são. Já em Bragança, onde em horas de ponta se podia ir em sete minutos de um extremo a outro da cidade, acordava com relatos de engarrafamentos e desastres na VCI e 2ª Circular. Raramente lá ia e pouco circulava nelas. Regresse-se à realidade. Nem tudo são rosas na ilha pluviosa. Por vezes, fica-se prisioneiro dos elementos.

*Na semana anterior passara pelo arquipélago o tufão Gordon.*

*A TV mostrara ondas minúsculas em Ponta Delgada, esquecida da costa norte com vagas bem maiores e mais ventaneiras que a sul.*

*Nos temporais de fev., abril e agosto (2006) houve danos maiores do que os causados pelos tufões que deliciavam os locutores no continente.*

Os noticiários continuam a falar de não eventos como furacões. Será para abafarem as mudanças políticas que o governo está a tentar introduzir na vida de cada um, sem que a maioria se aperceba? Se viesse um tufão a sério, ia ficar pouca casa em pé ou inteira. Haveria danos para encher as manchetes dos jornais por um mês. Após o tufãozinho, ligavam da Austrália, da Europa e do continente a perguntarem como estavam.

25 set. 2006. 16.30 Horas: calor de rachar. 26 °C. Bom para a praia. Não pode ir, pois, estava sem transporte e a mulher estava em reunião na escola. No horizonte algumas nuvens. Está sufocante, irrespirável, pesado. Se fosse no continente iria trovejar. O vento ainda está de norte. O tufão vem de sudoeste. A ameaça é para o grupo central pelas 22.00. Deve chegar em forma de tempestade e não furacão pelas 05.00.

JC guardava na memória os ventos ciclónicos (120 km/h) na véspera de rumar a Santa Maria (15 agosto de 2006). Deram cabo da tenda no quintal e partiram o toldo do baloiço de jardim, apesar de bem grosso. Depois dos anos vividos em Macau, com tufões de nível 5, este Gordon (*nome do celebrante matrimonial do seu casório*) é só de grau 2. Nada de grave, mas mau para o grupo central com ondas de 12 metros, rajadas de 170 e médias de 120 km/h.

*Yupee! Amanhã não há escola. Todos podem dormir até mais tarde.*

Lembrou-se JC do primeiro tufão (1977) com direito a discurso poético.

*vês tu  
my dear  
é um tufão  
e se aproxima  
o mundo acontece sempre lá fora  
as revoluções dão-se apenas  
em cada um  
de nós.*

26 junho de 1977 macau

Afinal o malandro do tufão virara para o seu lado e andara por entre S. Miguel e Santa Maria, mas não acertara em nenhuma. Nada digno de registo. Os alarmismos da comunicação social têm maior impacto nos telejornais do que na realidade. Ainda bem para as vendas publicitárias. Passou ao largo e não fez estragos. Seriam graves se tivesse atingido as ilhas. A Proteção Civil funciona, mas faltam estruturas e há impreparação das pessoas, com um fatalismo irremediável que não as predispõe a segurarem os bens. A construção é, numa forma geral, fraca e quase artesanal. Não leva em conta os problemas da ilha, nomeadamente, a proteção sísmica.

Muitas vezes imaginou os efeitos dum tufão. O andar de cima, a “falsa” em madeira levado pelos ventos com os computadores e arquivos. Toda a sua vida em papel e registos eletrónicos. Depois, como não há placa assoalhada a separar a falsa do andar térreo, ficariam sem teto, expostos aos elementos e desabrigados. Na despensa sob as escadas (se estas não voassem) caberiam os três. No pátio haveria telhas a voejar em todas as direções. No quintal, demasiado descampado, tudo levantaria voo. As hipóteses eram melhores para um sismo fraco, não muito mais forte do que um tufão. A falsa sobreviveria se a base que faz de chão aguentasse. Disso não falam os locutores. Também não contam que *esta é* a ilha com mais vacas que seres humanos. Em Ponta Delgada não sabem ou já se esqueceram.

Aquando dum exercício militar (2006) com tropas helitransportadas e o diabo em moto-quatro, havia uma unidade perto dos Calços da Maia, no Alto dos Barreiros, na Gorreana. A turbulência e barulho foram tais que as vacas da Lomba da Maia, perturbadas, desataram a correr e só pararam lá em baixo na Maia. Durante semanas ficaram stressadas sem produzir leite. Não consta que os donos recebessem compensação. Diariamente, os condutores deparam-se com manadas nas estradas. É pitoresco e turístico fotografar os animais úberes, cheios de leite, bamboleando-se da direita para a esquerda, encostando-se a um ou outro carro obrigado a parar. Noutra ocasião, mais de 30 animais desciam da Ladeira da Velha até à Ribeirinha. O trânsito parado, uns encostos nos carros, um



retrovisor dobrado, e os ruminantes correndo à desfilada. O cuidador (deveria haver um por cada cinco vacas) vinha lá atrás, incapaz de as acompanhar na louca correria. E se, na direção contrária, uma viatura ao subir, numa curva se deparasse com a boiada em correria? Haveria animais mortos, talvez um despiste. A inconsciência da vida bucólica dos vaqueiros causa estas situações enquanto os paquetes de luxo atacam nas Portas do Mar.

Ocasionalmente há em que o trânsito segue atrás de pachorrentos tratores e atrelados, a 10 km/h, na sinuosa estrada do Nordeste à Ribeira Grande. Pode ter beleza campesina ou ser uma oportunidade fotográfica, mas exaspera viandantes com horários a cumprir. Há leis que proíbem a circulação de animais em vias públicas. São ignoradas, tal como outras, que existem apenas para provar que se cumprem as diretivas europeias.

---

## 8. LIXO E ECOLOGIA

JC tem outra contrariedade relacionada com a saúde pública. O lixo doméstico é recolhido duas vezes por semana, o que faz acumular um ror de sacos entre recolhas. Não os pode deixar no quintal porque os gatos vadios (aqui quase não há gatos domésticos) vão aos sacos, rebentam-nos em busca de comida, e depois tem de limpar o lixo outra vez. Cada casa dispõe dum contentor verde, assinalado com o brasão da cidade da Ribeira Grande e a morada. Estes contentores caseiros são demasiado pequenos e enchem rapidamente.

Ora bem, casa de burguês faz mais lixo do que casa de pobre, vezes dois ou três, e o contentor doméstico já estava cheio. Durante meses, o Nigel ia à esquina meter num contentor que julgava ser coletivo, mas era exclusivo da loja de ferragens. Nunca mais lá fora. JC decidira agrupar os quatro sacos acumulados desde terça-feira, num de 100 litros e ir ao cemitério. Ali, havia um contentor com ar coletivo. Talvez nem o fosse. Como não há grande movimento junto ao cemitério, foi colocar o lixo por cima das flores esmaecidas em preito a algum falecido. Falou com as autoridades, representadas pelo emérito Presidente da Junta e senhorio. Gentil, ofereceu-se para levar o lixo para casa dele. Não era isto que se pretendia. A intenção é cada um desfazer-se do lixo, no mais curto prazo possível. Não ter de o partilhar no dia-a-dia. Há de descortinar solução. São estes pequenos atos quotidianos que preenchem a inutilidade dos dias que passam sem se dar conta. Atividades interessantes, e furtivas como esta cena de lixo produzido e não reciclado. Antes de ser criticado por não reciclar pelos arautos, política e ecologicamente corretos, aqui fica a explicação.

*Relativamente aos lixos domésticos realce-se que existe um ecoponto com as 3 cores da praxe. O mais irónico de toda esta cena é que esses separadores ecológicos que a Junta de Freguesia disponibilizou, para ajudar os cidadãos com os resíduos domésticos, são semanalmente esvaziados pelo camião do lixo, todos numa só vez.*

Ao observar as movimentações do camião na recolha do lixo, constatara que ao parar nos três ecopontos, o pessoal se limitara a aproveitar e esvaziar tudo ao mesmo tempo para dentro do camião. Este era o mesmo camião que pouco antes apanhara os sacos das rações para animais que as pessoas põem às portas da residência. Então anda aqui uma pessoa a indoutrinar uma criança para separar os lixos de acordo com as três cores dos ecopontos e os “lixeiros” juntam tudo! Para que servem as belas campanhas televisivas de crianças a explicarem como dividir o lixo se o juntam de novo no camião? Para que andam as escolas a ensinar às criancinhas o que devem separar? Para quê pregar a necessidade de hábitos ecológicos se os serviços municipalizados da Câmara estragam essa preocupação. (1 de Dez.º de 2005).

---

## 9. CATÁSTROFES NATURAIS

Entretanto, houve um pequeno tornado na simpática vila de Lagoa, na costa sul, causando inúmeros danos e espanto aos residentes mais habituados a verem estas coisas à distância na televisão e no continente norte-americano. Prontamente, como aliás é costume, a Proteção Civil e as diversas entidades regionais puseram mãos à obra e repararam os estragos.

Depois, houve outro temporal e chuvas inclementes, com aluimentos de terras e bloqueio entre a Ribeira Grande e o Nordeste, na estrada regional perto da Lomba da Maia. JC e a mulher saíram ao entardecer. Tinha acabado de aluir um talude, na saída norte. Minutos depois, estava lá um camião dos bombeiros a alertar para o perigo. Passada meia hora, no mesmo local, um *caterpillar* da Proteção Civil tirava terra e pedras que bloqueavam metade da estrada. As equipas de manutenção estão sempre prontas a atuar, dia ou noite, para além do trabalho que, regularmente fazem a podar árvores, desbastar canaviais que orlam as estradas ou meramente consolidar taludes em perigo de desabamento. Se nos Açores (pelo menos na costa norte) isto é possível, uma pessoa interroga-se sobre a demora que ocorrências similares sofrem (no Continente) até serem objeto de intervenção das autoridades.

*Na Austrália continuam a arder casas. Há milhares de fogos nos estados de Vitória e de Nova Gales do Sul e mesmo na Tasmânia. Os incêndios de 2009 causaram centenas de mortos e foram ainda mais devastadores do que os da infamemente célebre quarta-feira de cinzas em 1983. Estes foram os maiores em mais de cem anos.*

*Enquanto numa ponta do continente-ilha, a seca mais prolongada da história recente se mantém, na outra, em pleno estado da Queenslândia pessoas foram arrastadas para a morte com inundações e enxurradas. Inúmeras cheias e chuvadas continuam a fazer estragos em Portugal, depois dum verão com milhares de fogos.*

*Assim vai este mundo sem estações fixas ou previsíveis, cobrando a fatura da destruição que os humanos têm vindo a impor a ritmo acelerado nestes últimos anos.*

O autor lembra-se bem de na sua juventude haver períodos regrados para as estações, com ocasionais alterações cíclicas. Recordava-se de que as estações se conformavam com os ensinamentos escolares, ao outono do começo das aulas, seguia-se o inverno do natal, depois os corações brilhavam com a vinda da primavera pascal que antecedia o verão sempre desejado. Nada desta anarquia atual, com padrões centenários a serem quebrados diariamente em todos os pontos do globo, icebergues à solta, mais secas e inundações, alterações da camada de ozono, ultravioletas e infravermelhos a dispararem para níveis perigosos, libertação de metano do fundo dos oceanos, e que mais catástrofes de proporções bíblicas para aí se avizinham, além das que já presenciamos. Há quem não acredite no aquecimento global e no degelo. Serão os primeiros afogados quando as águas subirem e entrarem casa dentro. Felizmente, a Lomba está bem alta (340 metros).

*JC é otimista apesar do ar sempre sisudo. Gostava de narrar o que corre bem no país, mas raramente lê notícias dessas para as reportar. Há uns cientistas aclamados internacionalmente, mas não estão cá. Existe uma ou outra firma com contratos para a NASA e um ou outro personagem reconhecido mundialmente. Até houve um Prémio Nobel da Literatura com uma escrita esquisita. Houvera outro célebre pelas lobotomias tratamento aplicado a muitos dos políticos de hoje quando criancinhas.*

Tais celebridades são a exceção e não a norma que continua a ser o compadrio, o facilitismo, a cunha, os apregoados “*jobs for the boys*” (o país ainda é machista: não há lugar para “*girls*”). Há as reformas milionárias e acumulações. Daqueles que exortam o povo a apertar ainda mais o cinto. Entretanto as fábricas que se aproveitavam, há décadas, da mão-de-obra barata e inqualificada iam fechando. Já esgotaram os subsídios a fundo perdido. Em vez de requalificarem pessoal serviram para aumentar a frota de carros de topo de gama dos patrões.

Diariamente, centenas de pessoas perdiam os seus empregos, condenadas a viverem de expedientes (a crise de 2009 estava - quando isto foi escrito - a três anos de distância). Não há programas de reabilitação ou formação noutras ocupações profissionais úteis para elas.

Dada a generalizada obesidade mundial, o cinto aperta-se e o país fica melhor, mais esbelto, dirão os políticos. Assiste-se ao aumento do fosso entre muito ricos e os outros. Portugal, país de contrastes ameaça assemelhar-se ao Brasil pelas suas desigualdades. Os novos países da “Europa a 27” já o ultrapassaram nalguns indicadores económicos. Já a então Ministra da Cultura (2007) temia o que se pudesse descobrir nos ossos de Afonso Henriques, primeiro rei do país. Quem sabe também o que se descobriria se autorizassem os exames de ADN aos restos, alegadamente, pertencentes a D. Sebastião.

*Há um livro maravilhoso “Império à deriva” de Patrick Wilken (ed. Civilização) que retrata as venturas e desventuras da Casa Real nas suas perambulações pelo Rio de Janeiro antes do grito do Ipiranga. Devia fazer parte dos programas de História a todos os níveis liceais, mas*

*infelizmente ninguém quer saber dela. Está condenada, tal como a Filosofia, a desaparecer dos programas oficiais. Ali se pode apreciar o que constitui o espírito português. Se nos nobres da época era assim, imagine-se nos plebeus. Como esperar uma melhoria em 180 anos? Como sempre, foi um estrangeiro a escrever. Os portugueses preferem ler livros de escândalos de alternadeiras do que os de História e Literatura.*

Continuava JC na sua busca insana. Com uma 3ª República destas, qualquer democrata anseia pela monarquia. Quando não há democracia há ditadura? Lutou-se pela democratização e ganhou-se uma ditadura do capital. Dizem que a democracia é burguesa. Não pode ser conjuntamente um governo do povo e da elite economicamente privilegiada que explora a classe trabalhadora. É a ditadura ideológica, sem liberdade de expressão para dizer a verdade! Há uma ditadura da classe economicamente dominante, que privatiza o Estado para extorquir impostos dos pobres. Usa-os depois para defender os interesses dos lóbis que elegeram os políticos. A maioria, fica mais pobre, sem serviços de qualidade na educação, saúde, justiça, transporte, habitação, etc., mas com direitos garantidos constitucionalmente. Na prática, nada significam nem valem o papel em que foram escritos. Obedientes, todos comem e calam sem nada dizerem, com o medo implantado há séculos na sociedade portuguesa. A Santa Inquisição fizera um bom trabalho na perpetuação desse temor, a que acrescentaram a delação como característica a preservar pelos bons cristãos. São estes traços o que distinguem os portugueses dos restantes europeus: a mediocridade, a delação e o medo, não por esta ordem hierárquica, mas como alicerces da sociedade.

Precisava de razões para viver em Portugal, além do clima, paisagens, bons petiscos, hospitalidade de algumas regiões. Sapatos bons e baratos? Comida abundante a bom preço. Talvez as feiras, esses populares mercados de rua. Queria JC falar de algo positivo, mas apenas se lembrava da banda larga ilimitada a preços acessíveis. Pessoalmente, não se podia queixar, vivendo numa aldeia pacata onde a droga não existe em todas as esquinas. Só nalgumas. Será a palavra de ordem para alguns, mas não nas conversas de café. Enquanto isso, a pedofilia é atirada para debaixo do tapete, com muita personagem importante envolvida, segundo se diz.

A segurança ainda não obriga a colocar grades nas janelas nem a reforçar os portões como em Macau. Apesar de viver num 10º andar com dois portões de ferro, guardados 24 horas ao dia com porteiro, havia assaltos. Trepavam pelos algerozes até ao 15º andar ou mais. Usavam “*spray adormecente*” em consideração para com as vítimas. Para não as incomodarem nem acordarem enquanto lhes limpavam a casa de aparelhagens, joias e outros bens.

Aqui, ainda pode deixar o carro aberto com as chaves lá dentro. É seguro, a maior parte do tempo. Isto apesar dum ou outro ocasional assalto. Ou roubos efetuados pelos poucos drogados que se arrastam pelos cantos do coreto junto à Igreja da Lomba. Claro que não são anunciados nem declarados para evitar represálias. Soube-se que no verão de 2008 um jovem local assaltava as viúvas para lhes roubar o cheque da Segurança Social e nem uma só fizera queixa. Quando o meliante foi

apanhado noutra infração descobriu-se um cadastro mais límpido que as águas da Ribeira dos Caldeirões. Nunca tinham denunciado os seus roubos.

Claro que JC não se habitua. Tranca carro e janelas. Nem deixa as chaves lá dentro como vê quando vai ao café da esquina. As carrinhas dos vaqueiros e dos fornecedores com o motor a funcionar, o rádio a tocar e as chaves na ignição. Ninguém se importa, nem com o facto de muitos condutores nunca terem tirado a carta de condução. Lembra-se de ao chegar, os seus primos não deixarem o carro com pneus furados no Clube Naval em Ponta Delgada para não ser roubado. Dizem que por culpa dos repatriados dos EUA e do Canadá. Talvez por isso, na sua última saída em 2009, tivera uma funcionária do Banco a correr para o aeroporto a fim de firmar um contrato contra roubos e outros prejuízos no recheio da casa. Também se habituara a não sair sem levar consigo o disco externo com gigabytes de documentação.

---

## **10. CUIDADO! HÁ UM CIDADÃO QUE NÃO SE CALA NA LOMBA DA MAIA nov. - dez 2008**

Antes do natal de 2008 lia-se nos jornais a seguinte carta de *“um cidadão que não se cala na Lomba da Maia.”*:

*Residente nos Açores há quatro anos não paro de me interrogar sobre a passividade dos eleitores. A abulia típica de seres anestesiados pela história feita de feudalismos ancestrais que os consome com esse fatalismo enobrecido pelos sismos e outros cataclismos.*

*Vem isto a propósito das obras eternas de alargamento do pontão da Lombinha da Maia. Iniciadas em junho 2008, com uma duração prevista de dois meses, continuam à espera de melhores dias, obrigando a desvios inconvenientes e perigosos por Canadas do Mato e outras, mais do que duplicando a distância e o tempo entre a Lomba e a Maia.*

*Quando se pergunta porque as obras estão paradas, falam do desentendimento entre empreiteiros e subempreiteiros e que no início de 2009 devem estar prontas.*

*Houve quem pensasse que com a proximidade das eleições as obras estivessem concluídas a tempo dos votos. Assim não quis o destino, mais importante do que a vontade dos eleitores.*

*A repavimentação do troço entre a Lombinha da Maia e a Lomba da Maia ficara já esquecida quando asfaltaram a estrada regional da Ribeirinha ao Nordeste. Faltava um pequeno alargamento do pontão à saída da Lombinha, que pouco podia desencolher, com casas de ambos os lados da estrangulada estrada. Cinco meses decorreram. Decerto que as autoridades não saem dos seus gabinetes nem os seus fiscais se devem deslocar a locais tão remotos da costa norte.*

*Vivem ali eleitores. Cidadãos com tantos direitos como os demais. O que preocupa não é o silêncio e o desdém das autoridades, na sua sobrançeria perante o povo a quem deveriam prestar contas. O que assusta é a abulia fatalista das gentes, meus conterrâneos.*

*Apesar do enorme agravamento dos combustíveis, das más condições dos desvios, do tempo acrescido às viagens e da demora inusitada no epílogo de obras paradas, creem no seu termo. Encolhem os ombros em resignação.*

*Ao contrário, cuida que os fatalismos são normalmente fruto da incompetência, prepotência e outras ingerências na vida dos cidadãos. Quanto aos responsáveis, empreiteiros, subempreiteiros, fiscais (regionais ou camarários) que supervisionam (ou não) as obras, estas palavras visam chamar a atenção. Não se calará enquanto não epilogramem a obra. Há gente a viver na Lomba da Maia lidando com a estrada saturada e estreita para a sua distante capital. Não devia ter de suportar este acréscimo do seu isolamento em silêncio. Basta! Parem de imitar os continentais que deixaram o interior desertificar-se e morrer, tão-só preocupados com as mais-valias de desenvolvimento para o litoral e a capital...*

Há problemas que são meras contrariedades como os que adiante se descrevem. A velha saga do abastecimento de água à residência e a falta de desempenho do esquentador a gás parecem ter chegado a bom termo, ao fim de várias tentativas. JC recebera a visita do *agueiro*. Para quem não sabe, tal é o termo popular dado ao técnico da água da Câmara Municipal da Ribeira Grande. Viera aumentar a pressão de água na canalização. Abriu um buraco na rua, dois metros de profundidade e de comprido. Cortara o trânsito. Como é norma, seria num dia dedicado ao descanso. Quarta-feira de Cinzas, sem aulas. Logo pela manhã, oito horas. Começava JC a interrogar-se se o detestavam ou invejavam a sua noção de descanso. Dormir até mais tarde nos dias destinados a tal. Isto de trabalharem nos dias do Senhor era pouco cristão para uma população aparentemente tão crente. A sua mulher, tal como doutras vezes, ameaçou logo mudar-se para Ponta Delgada. Tinha predestinado descansar, dormir e retemperar forças. Obviamente desacostumada ao ritmo de trabalho local. A hora da levanta é pelas cinco. A da deita pouco antes da meia-noite, sete dias por semana, 365 dias ao ano.

*O barulho das pazadas escavando a terra era acompanhado nas traseiras pelo barulho de um mestre [de construção civil] a derrubar a chaminé. Deixara de o ser formalmente para se transvestir engalanada numa placa de cimento com dois canudos de plástico, protuberantes e invertidos. Não havendo água corrente nem para os da casa nem para os moradores a jusante, JC decretara para vigorar, com força de lei, que o dia estava oficialmente estragado. Sempre se recusara sair à rua sem completar as suas abluções matinais, incluindo o duche. Recusava os argumentos de ser apenas mais um luxo burguês incompreendido nas imediações. Antes da hora aprazada para o almoço, a que aqui chamam jantar, tal-qualmente como na Galiza, a tubagem de abastecimento camarário, de diâmetro maior, estava totalmente instalada. A água fluía com mais vigor. Umas pazadas de terra. A rua voltava à habitual pacatez. Posteriormente, asfaltariam o buraco. A maior pressão aquífera desapareceria, como a juventude, com o decorrer dos tempos. Iria habituar-se e viria a constatar quão preciosa é a água. Um bem em vias de extinção.*

Durante anos lidaria com problemas no esquentador a gás que se entupia e avariava como nunca antes vira naqueles aparelhos. Eram sujidades, impurezas, humidade, defeitos e excesso de uso, tudo justificava as avarias. Até os bocais das botijas de gás doméstico tinham de ser regularmente substituídas.

Entretanto antes do natal, a população da Lomba da Maia não falava noutra coisa. Pela calada da conta mensal, surgira o roubo descarado dos Serviços Municipalizados. As contas apresentavam valores a dobrar. O que se passara para todos os mil e poucos habitantes da freguesia desatarem a consumir água? Ninguém abrisse as fontes, como os locais designam as torneiras, mas teriam de pagar o que não tinham. Desde agosto (2008) que se manifestava esta falta de água. Mais vergonhoso era o facto de serem obrigados, por deficiência técnica dos contadores instalados, a pagar o ar que circulava. Ao abrirem as torneiras o jato de ar entra e o contador saltita feliz, debitando o movimento como se de água se tratasse. Para além dos inconvenientes da falta de água no outono, [como será no verão?], agora pagavam ar encanado. Como se chegou a esta situação?

*O comunicado citava [nov. 2008] “A falta de chuva...obriga a Câmara da Ribeira Grande a efetuar cortes noturnos no abastecimento...a pouca pluviosidade diminui a pressão nas zonas altas, o que implica cortes noturnos para os depósitos recuperarem a capacidade. Devido à falta de chuva, as nascentes debitam pouca água para os reservatórios, insuficiente para o abastecimento normal 24 horas por dia, daí a menor pressão. É o caso da Lomba da Maia, da de São Pedro, Lombinha da Maia, Ribeira Funda e Burguete. A autarquia procedeu a cortes de abastecimento. Recentemente, anunciou investimentos de oito milhões de euros em obras de abastecimento de água na zona poente, que acabarão com a falta de água nas freguesias do Pico da Pedra, Calhetas e Rabo de Peixe.”*

A notícia veio desassossegar o cidadão da Lomba da Maia que não se cala. A falta de abastecimento e os cortes tiveram início em agosto 2008, em pleno verão, mas só foram oficialmente anunciados a 13 de novembro quando a situação passou a crítica. Estes cortes, ignorados pelo resto da população da Ilha Verde, foram sentidos no preço do consumo de água que disparou. O ar sai sobre pressão e faz os contadores dispararem pela água não consumida, mas anunciada. Água que não consomem, mas pagam.

*Não se compreende que os investimentos camarários na rede de abastecimento de água sejam todos naquilo a que os locais chamam “Faixa de Gaza”. Vivem lá os beneficiários de Rendimento Mínimo, aliás, de Inserção Social. Subsídio de desincentivo ao trabalho que o ministro socialista Ferro Rodrigues inventou cheio de boas intenções e pelo qual se espera que arda no inferno do desemprego profissional que criou. Será que isto faz parte da campanha de reeleição? Essa “Faixa de Gaza” ocupa a zona da Ribeirinha a Rabo de Peixe, onde a maioria dos investimentos da autarquia foi feita neste mandato.*

Assim, esquecidos, UMA VEZ MAIS, estão os habitantes das terras altas da Ribeira Grande [“É o caso das localidades de Lomba da Maia e de São Pedro, Lombinha da Maia, Lugar da Ribeira Funda...”]. Quiçá por serem poucos, menos vocais e habituados a serem continuamente discriminados. Mas é na Lomba da Maia, que pagam a falta de água. Ali cortam a água para que não falte aos outros, lá em baixo. Pelas 21 horas desligam torneiras e máquinas. A água nem para as sanitas corre. Só pelas seis da manhã podem tentar um duche às pinguinhas. Recordava JC os tempos vividos em Timor. A água escorria do bidão de óleo, cortado a meio, sobre uma fogueira. Ia em plano inclinado para a improvisada canalização dando a sensação de duche.

O resto da ilha nem se apercebeu. Continuam todos a regar jardins e a lavarem carros. Felizes sem se darem conta da falta de água na Costa Norte. Podem continuar a esvaziar os depósitos do autoclismo em vez de os encherem de garrafas ou de tijolos para preservarem a água. Esta ilha abisma. Desde que JC chegara, biliões de litros de água foram diretamente das nuvens para as ribeiras que os vazam no mar. Equilíbrio perfeito com a natureza. Esqueceram-se da presença humana. Alguém terá lido sobre as mudanças climáticas que se avizinham? Ninguém construirá reservatórios maiores antes que a ilha se assemelhe à metade castanha de Santa Maria, ou à aridez das Canárias e Cabo Verde. Então, será tarde demais. A menos que terras altas, como a Lomba da Maia, tenham reservatórios suficientes para as necessidades e deixem de depender dos outros que não cuidam, como prometeram antes de serem eleitos, de defenderem os interesses da freguesia. As represas já foram inventadas há muito, basta guardar a água para quando for precisa. Para não serem roubados.

*Ser “palestiniano” na Ribeira Grande tem imensas vantagens. Não desistia JC de ser da Lomba da Maia, de se identificar com esta e por esta perseverar. A notícia obrigara os endormecidos repórteres cidadãos a deslocarem-se à Lomba ou interrogarem as entidades autárquicas sobre o caso. JC chegara a propor ao autarca local a atempada construção de reservatórios maiores a nível local para evitar calamidades futuras. Duplicar ou triplicar a capacidade de armazenagem dos reservatórios locais poderia ser uma solução a curto prazo. O inverno de 2008 fora seco, assim como a primavera e o verão. Mais um inverno se aproximava com temores de falta de água. Nunca se vira tal nesta ilha, embora na Terceira já se verificasse uma seca há mais de um ano. O verão de 2009 passara sem chuva digna desse nome. Pouco ou nada se fizera a nível local, mas a autarquia estava a construir lagoas artificiais e reservatórios para a zona oeste do concelho. O quê? Outra vez para a Faixa de Gaza? Havia eleições nesse outono de 2009 e o Presidente da Câmara temia não ser reeleito? Aqui no extremo oriental do concelho havia falta de água e ninguém se precavia. Ainda teriam de andar todos de balde em demanda de água, ou voltariam aos tempos de arranjar uns burros com uns cântaros como acontecia na sua juventude em Trás-os-Montes.*

O tempo tem andado “caramónico” como sói dizer-se em terras de Bragança e de Miranda de Douro, com dias quentes e outros cinzentos, bulindo com o seu estado de espírito cansado e a



necessitar de férias a sério como não terá, excetuando quatro dias que irá passar ao Pico para desfrutar da companhia e do convite irrecusável do Cristóvão.

*É a crise diriam uns. Outros - como JC - encolherão os ombros alheios ao facto de aquele ser o mais calamitoso ano da sua carreira de tradutor de mais de trinta anos. Os clientes perderam-se com a crise ou antes dela, não tem havido novos que os substituíssem e os candidatos a emigrantes na Austrália retraíram-se e deixaram de emigrar pelo que não há processos de emigração para traduzir. Uma mera aplicação prática da lei da oferta e da procura que deixaria qualquer outro a arrancar cabelos. JC limita-se a augurar que melhores dias virão, desde que haja saudinha para os saudar.*

Entretanto a presença da filha mais velha e da neta vieram quebrar rotinas, causar novos desafios e enganar a consciência a que muitos pomposamente chamam de saudade. Findos dez dias, a rotina totalmente desgovernada seguia o seu caminho abismal, as saudades matadas e a paz interior reclamava o seu espaço.

Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar na classe em vias de extinção, a dita família. Já na Austrália se queixava de desgostar de 3% do que o rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas depara-se hoje, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras sem se questionarem.

Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora.

---

## 11. DO HALLOWEEN AO DIA DE FINADOS (2006).

### 11.1. Dia de Bolinhos, Ti Bolinhos, ou Dia de Todos os Santos.

Assim se cumpre aqui nos Açores mais um ritual. As crianças saem à rua, em pequenos grupos, para pedirem, de porta em porta, o pão-por-deus. É costume os padrinhos oferecerem um bolo, o *Santoro*. Os jovens recitam versos e recebem pão, broas, bolos, frutos secos, nozes, amêndoas ou castanhas que colocam nos seus sacos de pano...

São vários os versos para pedir o pão-por-deus:

*Pão, pão por deus  
à mangarola,  
encham-me o saco,  
e vou-me embora.*

*O gorgulho gorgulhote,  
lhe dê no pote,  
e lhe não deixe,  
farelo nem farelote.*

É milenária a origem do dia “de Todos os Santos” conhecido nalgumas aldeias como “Dia do Bolinho” ou “Pão de Deus,” conforme a região. As crianças andam, desde manhã cedo, repetindo “*Ó tia! dá bolinho?*”. Nos meios rurais, há quem leve a rigor a tradição preparando bolinhos com massa, noz, passas e frutos secos.

Dia 2 é Dia de Finados. Os católicos vão ao cemitério depositar flores nas campas. No tempo de Cristo, os celtas comemoravam o ano novo a 1 de novembro. Representava o fim do verão, o início do outono, a época das colheitas, antecedendo a escura e fria invernia, sinónimo de temporais e morte.

Os Druidas consideravam o dia 31 de outubro como “*Samhain*” (*Senhor da Morte e Príncipe das Trevas*) ou “Dia das Almas”, celebrando a passagem entre a vida e a morte. No século VII, o Papa Bonifácio IV designou-o “Dia de Todos os Santos”. Essa noite passou a ser a “Noite de Todos os Santos”. Assim se cristianizou uma celebração de cariz profano.

---

## 11.2. PERÍODO PRÉ-CRISTÃO/CRISTÃO

Acreditava-se que os espíritos dos mortos voltavam para visitar os familiares em busca de calor e mantimentos no inverno, reinado do Príncipe das Trevas. Os Druidas invocavam forças sobrenaturais para acalmar os espíritos que raptavam crianças, destruíam colheitas e matavam os animais. Acendiam-se fogueiras para guiar os espíritos ou espantar as bruxas. A inclusão de feiticeiras, fadas e duendes nos rituais, resulta da crença pagã de que, na véspera (Dia de Todos os Santos), os espíritos que se opunham aos ritos de Roma vinham ridicularizar a celebração cristã. Os fantasmas pregavam partidas e causavam acontecimentos sobrenaturais. O Halloween tornou-se alegre e divertido, sem os tenebrosos aspetos celtas, generalizando-se nos EUA pelo influxo escocês, após 1840. Alguns costumes foram mantidos e outros mudados. As Jack O’Lantern passaram de nabos a abóboras.

---

## 11.3 JACK O’LANTERN

Numa versão há um bêbedo e agressivo Jack que bebeu até morrer. O Diabo desceu à Terra para levar a sua alma, mas Jack pediu para o deixar viver e beber mais um copo. O Diabo cedeu. Como Jack não tinha dinheiro o Diabo transforma-se em moeda na sua carteira. Como o fecho tinha o formato

de cruz, o Diabo suplica para sair. Jack libertá-lo-á se ficar vivo por mais um ano. O Diabo concede o pedido. No ano seguinte, a 31 de outubro, volta e reclama a sua alma. Jack convence-o a pegar numa maçã numa árvore próxima e sorrateiramente risca uma cruz no tronco. O Diabo foge e promete só retornar dez anos depois. Jack só o libertará se nunca mais aparecer. O Diabo concorda. Passado um ano Jack morre. Impedido de entrar no céu vai para o inferno onde é recusado pelo Diabo que lhe oferece um tição para um nabo esculpido em forma de lanterna para iluminar os caminhos do seu espírito.

---

#### 11.4. TRAVESSURAS OU GOSTOSURAS (Trick or Treat)

Tradição irlandesa. As crianças iam de casa em casa pedindo aprovisionamentos para comemorarem o Halloween, em nome da deusa *Muck Olla*. A tradição ganhou roupas extravagantes e máscaras carnavalescas: fantasmas, bruxas, duendes, gnomos, Drácula, Frankenstein ou outras figuras aterradoras. As crianças batem de porta em porta, carregando abóboras iluminadas com velas, pedindo doces e dizendo: "*Trick or Treat*". Quem não lhes dá nada recebe uma vingança. Halloween, vem de "*All Hallows Eve*", que significa véspera de Todos os Santos. As fogueiras eram acesas durante as comemorações. Os vivos que não queriam ser possuídos apagavam o fogo para o local parecer frio e indesejado, vestidos com fantasias de criaturas assustadoras para afugentarem os espíritos que vagavam. Na festa de *Samhain*, as fogueiras eram acesas com brasas de um lume sagrado. Os irlandeses, esculpam nabos e beterrabas que usavam como lanternas. Ao emigrarem para a América, não havendo nabos e beterrabas em quantidade suficiente, trocaram-nos por abóboras. No século I, os cristãos não rezavam pelos mortos. Na "Igreja Primitiva", São Paulo orientava o povo a não se preocupar com a situação dos mortos, como os pagãos faziam. Mas os cristãos visitavam os túmulos dos mártires para rezar pelos que morreram. No século V, a igreja já dedicava um dia do ano para rezar por todos os mortos, pelos quais ninguém rezava e dos quais ninguém lembrava.

Na cultura judaico-cristã europeia, a recordação dos que já morreram assume grande importância. Quanto mais não seja para pensar que outra vida melhor está à espera e poderem aguentar as atrocidades desta vida. Quem se não deu conta que quase todos anseiam pela eternidade? Isso concretiza-se na memória dos que conviveram com cada um. Há um dia expressamente dedicado a essa saudade. Isso motiva muitos dos que vivem longe dos locais de nascença, a visitá-los uma vez ao ano. Hoje, ainda é visível esta prática no interior do continente português onde, cada vez vive menos gente. Ainda se mantém, praticamente inalterado, nos meios rurais dos Açores. Patente expressão da cultura lusófona.

*O abade Cluny, Santo Odílio, São Odo, em 998, ordenou a todas as casas da Ordem que celebrassem no dia 2 de novembro, o dia da memória e de oração aos mortos. Ficou conhecido como o dia de Finados. O costume alastrou-se a toda a Igreja Ocidental. No sec. XI, os papas*

*Silvestre II, João XVII e Leão IX (1015) obrigaram as comunidades a dedicar esse dia aos mortos. Fiéis defuntos, ou finados, é celebrado a 2 de novembro, a seguir a Todos os Santos.*

JC observava empiricamente, um nítido decréscimo de participação popular comparativamente à sua infância. Ou há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou essa participação restringe-se aos mais velhos. O decréscimo de crentes, católicos, em Portugal é notável. No último censo eram 92,2%, mas apenas 10% ia regularmente à missa...

JC opina não ser preciso haver um dia assinalado no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos os Santos, que é uma data com algum relevo. Obviamente, um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para alguém ir aos cemitérios, depois de se levantar cedo, pôr os filhos na escola, voltar do trabalho, ir buscar os filhos ao ATL (tempos livres), preparar o jantar, etc. Cada um, na reclusão do seu lar, deveria dedicar os momentos que quisesse ou sentisse necessidade para homenagear os seus mortos, da forma que melhor entenda. Por vezes, bastará um pensamento, uma lembrança em instâncias de dor, alegria ou dúvida. Seria mais adequado para evocar aqueles que mereciam ser recordados. Não o neguem, há muitos cuja ausência não é sentida, quer pela sociedade, quer pelos familiares. Outros deveriam ser proibidos de serem evocados. A religião cria hipocrisias que levam a venerar todos os mortos mesmo os que não mereciam qualquer espécie de sentimento e antepassados que nunca conheceram.

Há muito que JC dedica momentos de pausa para recordar, aqueles que gostaria que ainda estivessem consigo. Para saborearem juntos uma vitória pessoal ou profissional. Para partilharem um triunfo particularmente interessante. Tão-só para receber uma palmada congratulatória nas costas. São companheiros de sempre. Mesmo que já não estejam no rol dos presentes. Por vezes, dialoga com eles, duma forma não audível. Fala-lhes. Mesmo sem respostas, continua num feliz solilóquio. Talvez assim gostasse de ser recordado. A sua memória perdura. Dessa forma os homenageia. Sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas, ao contrário de sua mãe que mantinha, há décadas, a peregrinação semanal ao cemitério de família em Agramonte (Porto). JC decidira que iria ser cremado ao assistir à cerimónia religiosa que mais o marcou: o *Ngaben*, rito da cremação. Muitos acreditam que é a mais importante em Bali (Indonésia). A religião hindu balinesa acredita que a alma se reincarna, depois de passar por várias fases. Os que não atingem a perfeição voltam ao mundo para atravessar as mesmas fases, em busca da libertação. Depois da morte, os cinco elementos cósmicos (ar, terra, fogo, água, e espaço exterior) acompanham-nos na viagem pós-morte, para atingir a *Moksha*, a libertação eterna.

*Não é qualquer pessoa que pode officiar a cerimónia numa qualquer data. Esta terá de ser propícia. A cerimónia e festa são pagas pela família do falecido. O dia, favorável à cremação, pode chegar após a morte, sendo um problema para a alma, que não pode ser libertada. Durante a espera, o corpo é temporariamente enterrado até que chegue o dia da cremação. Se, numa comunidade, houver vários corpos à espera, pode fazer-se uma cremação conjunta.*

*A procissão não pode ir diretamente para o lugar da cremação. Se o espírito do morto se lembrar de onde vivia, pode voltar para atormentar a família. É necessário confundi-lo quanto ao caminho de regresso à casa da família.*

*Convém igualmente baralhar os espíritos desocupados vagueando na rota da procissão. Se o espírito do morto se lembrar de onde vivia, haveria uma grande confusão de espíritos, trazidos pelo do parente morto. Como os balineses se reúnem em grupos para conversar e contar histórias, é provável que os seus espíritos façam o mesmo. As procissões funerárias, além de coloridas e festivas, são complicadas, pois podem andar em círculos, definindo caminhos de ida e volta, enquanto um sacerdote sentado no andor asperge de água benta a procissão e os que se encontram à beira da estrada, para protegê-los. Vale tudo para confundir os espíritos. Todos os membros da comunidade participam no evento e contribuem, até quando a família é rica.*

*Depois da cremação, as cinzas são dispersas no ar e na água (rio ou mar). O corpo fica num sarcófago com a forma de animal, que varia, de etnia para etnia. Alguns são surrealistas, misturando elefantes com peixes. Os corpos são envolvidos com finos tecidos - os mais caros que a família puder - e transportados num andor que pode ter apenas um telhado no caso dos pobres. Onze telhados é o máximo permitido, exclusivamente para os reis. A altura do andor ou armação em bambu, pode chegar aos 25 metros e o transporte pode envolver 400 pessoas desde a casa do morto até ao local de cremação, cumprindo rituais de dança que fazem a torre girar perigosamente.*

Estava JC em Bali e observara entusiasmado o *Ngaben*. Cinzas lançadas ao Pacífico. Assistira em plena praia de Kuta. Impressionante o sarcófago em forma de vaca. Presentes centenas de pessoas. O dia quente e húmido como é costume (fev<sup>o</sup> 1975).

*O cortejo chegou ao local da cremação, onde o falecido foi devolvido aos cinco elementos originais: a terra (Pertivvi), a água (Apah), o fogo (Teja), o ar (Bau), e o éter (Akasa). O corpo, carregado aos ombros dos homens da comunidade, fora transportado num andor de bambu enfeitado de flores, espelhos e sedas coloridas. O tamanho era determinado pela importância do morto. Todos dançavam e cantavam em volta do andor após atear o fogo. O cheiro era intenso, mas não desagradável.*

Uma atmosfera surreal. Não se explica, mas vive-se, em presença de toda a conjugação de elementos. Depois das horas que demorou a arder, os convivas meteram-se em canoas e foram para o mar onde se despojaram das cinzas. Talvez tivesse sido nesse dia, indeterminado, que decidira que seria cremado com as cinzas joradas às águas do Pacífico Sul. Durante anos tivera essa cláusula num testamento, o que muito espantara a sua atual mulher, descrente dessas coisas dos orientes exóticos.

Dada a distância atual, o Atlântico deverá ser suficiente pois a viagem para o outro lado do oceano é longa. Talvez mais demorada do que para outra vida em que não acredita. Nem na luz ao

fundo do túnel. Não pretende que os seus restos fiquem esquecidos num qualquer jazigo de família sem alguém que vá e o visite. Não quer que a capela onde repousam várias gerações de antepassados fique cheia de ervas daninhas. Não deverá haver visitas de filhos na última morada, tal como não o visitam enquanto por cá anda. Mais difícil seria que o fossem saudar nesse eterno repouso que os cristãos inventaram.

Prefere que as cinzas desapareçam, e a remanescer algo, que reste a memória e os seus escritos.

---

## **12. AS VISITAS**

### **12.1. A FILHA DA AUSTRÁLIA**

*Ingrid, a filha, chegava da Austrália a 19 de junho 2006 ficando com um dos irmãos gémeos em Lisboa. Tempo para ver a cidade e rever amigos. Depois, fora para o Porto no dia de S. João e andara nas festividades com o outro gémeo, mas não gostara de levar com o martelo na cabeça. Dantes era o alho-porro. Ficara em casa da avó até rumar ao arquipélago, com o Boris, namorado de origem sérvia e croata, natural e nacional da Austrália..*

*Existia certa expectativa. Estava a completar 20 anos. Da última vez só tinha 12 ou 13. Motivos que enchiam JC de alegria. Como só um pai pode sentir. A filha viera da terra natal, depois de trabalhar e amealhar dinheiro para o vir ver. Passaram-se quase sete anos desde a sua última estadia. Viera quatro anos seguidos depois do pai vir de férias da Austrália e ficar. É sempre difícil a um pai estabelecer uma relação com filhos dos quais está há afastado.*

*Reuniões infundáveis e atividades de encerramento davam imenso trabalho à professora de casa que nem sempre andou disponível nos dez dias que a filha de JC cá esteve.*

*Estranhos no seio da família. Correria melhor do que antecipara. Deixara a liberdade e o espaço suficientes para ela se relacionar, como quando era menina. Saíram reforçados os laços entre todos. Não perguntara em demasia. Deixara-a ser ela, impondo o mínimo de obrigações para desfrutar estes dias no melhor dos convívios.*

*Teve uma relação maternal com o irmão, dez anos mais novo, irrequieto como sempre. Levou a sério a tarefa, dizendo-lhe para comer menos “lollies” (doces) e insistindo para lavar os dentes. Uma brincadeira pegada.*

*Pareciam da mesma idade. Brincou com o irmão, que desemburrou o seu Inglês, com o qual se tinha de desvencilhar para se entender. Ela falava português suave (com sotaque). Por vezes, misturando anglicismos. Perguntava quando não sabia. Não se cansavam de jogar futebol no quintal ou jogos de consola, PlayStation, GameBoy ou PC. Ingrid, faladora e extrovertida. Uma*

*convivência saudável e agradável. Picotada aqui e ali pelos ciúmes do Nigel não habituado a partilhar a atenção do pai à irmã. Natural, numa criança que era, nos últimos anos, quase filho único.*

*Com ela chegara o primeiro calor de verão.*

*Passearam pela ilha. Diariamente JC ia buscar a mulher a uma ação de formação e iam sair depois. Foram à praia local, a Viola, com as suas três monumentais cascatas e mais de uma centena de degraus em pedra, ao lado de moinhos de água abandonados, até junto às areias negras. Pouca gente ali vai. Correram toda a ilha. Levaram-os a ver o pouco que resta da velha Ponta Delgada, suas inúmeras igrejas e ruas estreitas.*

*Apesar do regime vegetariano fundamentalista, a filha lá se desenvencilhou, numa casa de carnívoros. O Boris adaptou-se bem pois comia de tudo. Foram à Lagoa do Fogo, Caldeira Velha, Caldeiras da Ribeira Grande, Sete Cidades, Mosteiros...estiveram mais do que uma vez, nas Furnas e sua Lagoa. Beberam a água ferrosa e a naturalmente gaseificada que corre por entre a água quente e fria brotando das paredes, sobre o caldeirão de fumarolas e géisers. Os dias passaram a correr. Desfrutaram da deslumbrante vista do restaurante Ala Bote, na Ribeira Grande, presenteados com um magnífico pôr-do-sol que abarcava a costa norte e oeste da ilha.*

Foram àquela que considera a melhor praia da ilha, a dos Moinhos (Porto Formoso) ficando até ao fim da tarde antes de ir buscar a mulher à escola para poder arejar um pouco após a formação profissional. Não perderam a oportunidade de mostrar a memorável Cascata da Ribeira dos Caldeirões (Achada). Tomaram café no Hotel Terra Nostra, com a sua piscina interior aquecida e outra de águas lamacentas. Local curioso pela construção labiríntica do hotel, estilo 1920, onde se ouvem sempre falar inúmeras línguas estrangeiras.

Deduziu que a filha saiu satisfeita, pois ouvira-os dizer terem desperdiçado tanto tempo no Continente. Aqui se desfez a máscara de insensibilidade do autor. Caiu por terra a sua reserva. Acabara por se revelar humano. A filha gostara de ter vindo, pois ligou de Paris a agradecer. Talvez não tenha falhado totalmente a missão de pai, embora seja essa a sua fama.

*“Lamento ser frio e reservado como o avô. Não sei expressar sentimentos e emoções, mas não cometerei o mesmo erro. Estou muito grato pelo que fizeste e por vires. Essa alegria é comparável à do teu nascimento. A maior que um filho me deu. Lamento não ter ouvido isto numa das 64 viagens intercontinentais que fiz para visitar os meus pais e os meus filhos gémeos. Bem hajás. Espero que possas repetir a viagem. Esta será sempre a tua casa”*

Ditoso pai que tem uma filha capaz de correr mundo para o visitar.

*Recordou-se dumas curtas férias com a filha quando ela tinha 8 anos. O seu ex-cunhado Bryan metia-se no seu Range Rover rumo a Falls Creek, nas montanhas a noroeste do Estado de Vitória. Tinha lá um apartamento para os turistas da neve. Quando estava vago era ótimo para relaxar. Descer as encostas entre os 1200 e os 1800 metros de altitude, nos meses de julho e agosto, quando a neve era mais abundante.*

*JC fora lá, com a filha para a ver esquiar, com uma aptidão natural que o pai nunca possuía pois atulhava-se na neve, caía do teleférico, enfim, uma desgraça de homem. Diria, mais tarde, nem decatlo, nem pentatlo nem triatlo..., mas sacrificava-se pela filha que adorava esquiar e descer as encostas a alta velocidade.*

*Quando deixou a Austrália em penosa viagem, a sua alma sangrava. Aterrorizava-o deixar a filha por tempo indeterminado. Enquanto em Melbourne, apenas o separavam duas horas de voo. Podiam visitar-se frequentemente. Portugal era mais longe.*

---

## **12.2. A FILHA DE PORTUGAL, A NÃO-ODE À NETA, O CENÁCULO ANTERIANO 17 ago. 09**

Houve bailho na aldeia naquele domingo, mas os locais e forasteiros eram menos do que nas edições anteriores. A culpa foi do bom tempo que há muito andava arredado deste verão e resolveu oferecer o melhor dia do ano. O motivo desta festarola que muito entusiasmo os locais foi a Feira do Linho, acompanhada de foguetes, estrelejando nos céus com o seu característico bum, sem que alguém explique para que servem. A música não era nenhuma chamarrita nem fazia parte do cancionero açoriano. Fora retirada do elenco pimba abasileirado duma qualquer banda anódina.

Centenas de pessoas entretiveram-se durante horas dominicais esquecendo as canseiras e a carestia da vida. Um soporífero como outro qualquer. Hoje, as tradições são todas pouco fidedignas reproduções de outras eras. É salutar mantê-las, mas a juventude não vai em cantigas populares e prefere as pirosices que se vendem aos milhares em todas as feiras. JC não esteve presente na 4ª Feira do Linho, mas ouviu os acordes dissonantes a escassa centena de metros do evento.

Os seus interesses eram obviamente outros. Desculpa lá a intimidade, mas imagina tu, leitor anónimo, que andou JC três meses a esforçar-se e não conseguiu (i.e., desistiu) ler o “Homem Duplicado” de Saramago, mas devorou a trilogia “Relação de Bordo” (Cristóvão de Aguiar) numa semana...durante outra estadia da filha e da neta, indo aqui, ali, acolá, da praia aos ananases, que o tempo estava mesmo dos ditos.

*«O ananás chegou da América do Sul, como planta ornamental, em meados do séc. XIX. O cultivo em estufas depressa se tornou numa boa alternativa à cultura da laranja, em declínio. O fruto, muito apreciado na Europa, levou a que as exportações atingissem valores elevados. Em S. Miguel, existem grandes estufas nos concelhos de Lagoa, Ponta Delgada e Vila Franca do Campo. A sua qualidade vale a denominação de origem «Ananás dos Açores S. Miguel.»*



JC ia tentar acabar de ler “À boquinha da Noite” do Dias de Melo nas Sete Cidades, mas foi uma leitura gorada. Depois dos chuviscos nos ananases Arruda em plena Fajã de Baixo, o sol jorrou a potes a convidar para um desvio aos Moinhos para um banho retemperador nas gélidas águas atlânticas. Não tivera coragem, mais um ano ia passar sem entrar no mar, ao contrário do Cristóvão de Aguiar que toma o seu banho diário nas pouco pacíficas águas do mar Atlântico no Pico.

Ficara-se sob a sombrinha. Na retina, as lagoas de mil e uma facetas, renovadas em cada visita. A Lagoa de Santiago estava bem mais abaixo do seu nível normal mostrando uns arremedos minúsculos de praias, ao fundo das alcantiladas margens. Optou por ouvir o silêncio, com todas as suas *nuances* e variações na Lagoa Azul das Sete Cidades, enquanto a neta molhava os pés. Adoraria viver ali mesmo no meio da enorme cratera, mas é demasiado inóspito, existem apenas um café, um minimercado e um ATM para levantar dinheiro. É o lugar mais calmo e retemperador da ilha. Todos se sentem reconfortados naquele sossego, tentando redescobrir sons e ruídos perdidos na memória dos tempos.

Bem quisera escrever uma ode à neta, mas não teve sossego mental suficiente para botar a pena ao papel. Com seis anos, está com a mesma idade em que perdera o contacto diário com a sua filha australiana. Além de poder evocar semelhanças e diferenças, convocar memórias, retomou por indireta via o contacto com a filha que acabara de fazer na véspera 23 anos. Não resistiu a telefonar-lhe e indagar da sua vida partilhada com o mesmo namorado que conhecera aquando da sua visita aos Açores há três anos. Queria escrever umas linhas a agradecer as alegrias que a neta deu em apenas uma quinzena de dias, a fazer sentir como é transitoriamente frágil este percurso humano de sentimentos contraditórios e revertíveis para quem sempre dizia que não tinha netos.

Tal como JC era uma extensão da ilha que o adotara, a neta tornava-se assim numa extensão da filha. Como se dezassete anos se não tivessem passado, entretanto, como se tanta dor não houvesse sido chorada, nem tanta lágrima tivesse secado prematuramente nos canais irreversivelmente encerrados. Neste regresso ao passado não escreveu odes à neta, mas entoou-as mentalmente, brincando com ela, contando histórias de adormecer em inglês que ela mal-entendia dado o seu limitado conhecimento do idioma. Acabaram amigos pois raramente se visitavam, alongados como estavam por 1800 km de mares salgados. Ainda bem que estão de boas relações com esta filha da sua mulher que adotara há quase quinze anos e que o prendara com uma neta que os restantes filhos ainda não lhe deram.

*Os problemas desta filha e do seu companheiro, a sua cara-metade de quem se tinha apartado, parecem ter carrilado na sequência natural do “E a vida continua,” não é Padre Videira Pires (nome dum programa televisivo religioso dos anos 1960 na RTP)? Mãe solteira sem estigma doutras eras, que hoje são quase todas.*

*Nisto de casamentos só JC sabia quão importante eram e porquê.*

*Desinclinada a viver nos Açores, por achar S. Miguel o atraso de vida que na realidade é, era incapaz de admitir ou sentir que idêntica delonga era a sua vida. Tanto fazia viver aqui ou na China, era sempre igual a precariedade de emprego em campo outro que não o das habilitações. Estas hoje vendem-se ao metro e de pouco servem num mercado de trabalho voltado do avesso.*

A neta fora meramente um interlúdio agradável na refeição indigesta permanente que segue os pais no curso de suas vidas. Os problemas, desgostos, inconsiderações dos filhos sucedem-se a um ritmo atroz. Fora assim com os seus e ora recebia a paga. Voltaria a dedicar-se aos escritos, a caverna artificial donde raramente saía para não ver, cobardemente, o mundo desigual, injusto e violento que o rodeava. Ia ler e escrever.

Cristóvão de Aguiar insurgia-se frequentemente ao ler algo com que discordava. Tal ocorrera com um escrito da Adelaide Chichorro a que respondera assim:

*Não há nem nunca houve língua açoriana. Açoriano é de resto um adjetivo que pouco ou nada diz. Falar açoriano não existe. Existe, sim, falar micalense, terceirense, até à consumação das nove Ilhas. Tudo quanto cá se diz tem a matriz cultural portuguesa. Só que nos Açores alguns vocábulos que se usam ainda, evoluíram no Continente ou caíram em desuso. Há dicionários portugueses que referem certos termos como brasileirismos e são açorianismos. Desde o século XVII houve alguma emigração das Ilhas para lá. No fundo, o falar castiço das Ilhas e do Brasil mais não é do que o Português de Quinhentos que por cá e por lá ficou conservado, como carne em salgadeira.*

*Tal como em Bragança, Alentejo, Algarve, quando as distâncias eram longas e os povos viviam isolados. Agora, não! Dou um exemplo de palavra: vexado. Em S. Miguel, depois de alguém se empanturrar com um bom almoço diz: estou vexado, que, no sentido físico, significa cheio, repleto. A palavra evoluiu, no Continente, para o sentido psicológico. Em S. Miguel, e não sei se em outras ilhas, evoluiu muito mais tarde. No sentido psicológico sempre existiu vexame: Aquele casamento foi um grande vexame para a família do noivo.... Aferventar é uma palavra mais-que-comum. Mas sopas aferventadas já se não devem confeccionar há muito, sobretudo em Lisboa, de onde têm saído grandes desgraças para a Língua Portuguesa...*

Era disto que JC gostava, da esgrima palavrosa entre seres inteligentes. Quem sabe se não teria saudades das Conferências do Casino (onde pontificou Antero de Quental) e que tanto o marcaram nos seus verdes anos.

*O cenáculo designava o grupo informal de intelectuais, tertúlia de amigos, de composição variável e de localização instável. Como grupo tentava prolongar em Lisboa os tempos de Coimbra. Reuniam-se para discutir livremente os assuntos que apaixonavam toda uma geração. Da política às artes, da sociedade às ciências. Num primeiro momento o Cenáculo assentava mais na boémia estudantil. Era uma tertúlia anárquica em que se insultavam todas as instituições*

*da sociedade portuguesa da Regeneração, contra os seus bacharéis, ministros, escritores, mas também contra Deus e o Universo. Era uma "Boémia feroz" ruidosa, tumultuosa, adolescente. Foi nessa altura que o grupo inventou uma personagem, um poeta satânico à maneira de Baudelaire, chamado Carlos Fradique Mendes, e que lhe produziu um livro chamado "Poemas do Macadame". Este poeta fictício era um exótico personagem, culto, viajado, sempre a par das novidades da ciência, excêntrico e irreverente. Posteriormente Eça de Queiroz iria repescar esta figura e atribuir-lhe epístolas no livro "Correspondência de Fradique Mendes". O Cenáculo foi polarizado em torno da figura magnética de Antero de Quental que veio pôr uma certa ordem na boémia de tiradas líricas, ditos espirituosos e noitadas ruidosas. Antero trouxe e contagiou o grupo com a paixão por Proudhon e o reformismo social, a paixão pela Sociologia e a discussão séria sobre a Metafísica. A inquietação desordenada do grupo tinha agora um líder, alguém capaz de encaminhar as forças dos jovens intelectuais. Foi no seio do Cenáculo que surgiu o projeto das Conferências do Casino...*



*O tempo é o melhor autor.  
Encontra sempre o final perfeito  
Charlie Chaplin*

## CAPÍTULO 2 - TRÁS-OS-MONTES

*Não tenho culpa de ter nascido em Portugal, mas exijo uma pátria que me mereça*  
Almada Negreiros, pintor, escritor, poeta (1893-1970) Ultimato às Gerações futuristas



*Ser português é uma circunstância de nascimento.*

*Portugal “verdadeiramente não existe”*

*Ruy Belo (1973-1978)*

### **13. MAIS UM REGRESSO ÀS ORIGENS (outubro 2006)**

*«Deus criou o mar e a água para que o homem pudesse viver e criou o deserto para que o homem pudesse descobrir a sua alma.»* provérbio Tuaregue

24 de setembro de 768: morre Pepino, o Breve, rei invicto no campo de batalha e admirado em Roma. A sua atuação ajudaria a formar a Europa cristã. Carlos Martel, fundador da dinastia carolíngia, deixou aos filhos um reino em tudo, menos no nome. Dos seus dois filhos legítimos (o ilegítimo foi encarcerado quando reclamou a herança), um ingressou num mosteiro, ficando Pepino como líder dos Francos, embora o título pertencesse oficialmente a Childerico III. Insatisfeito, Pepino escreveu ao Papa Zacarias, cuja segurança dependia dos exércitos de Pepino, o qual respondeu que o poder de facto era mais importante que o de jure. Childerico perdeu o trono para Pepino. Filho de um grande líder - e pai de Carlos Magno - Pepino foi injustamente relegado para segundo plano.

Durante o seu reinado, alargou o território, consolidou o poder, fortaleceu o exército, evangelizou germânicos e escandinavos e expulsou os muçulmanos da Gália. Ia combater os saxões quando morreu aos 54 anos. A sua descendência é vasta e abrange, provavelmente, o leitor. Segundo o genealogista Lourenço Correia de Matos, “D. Afonso Henriques descende de Pepino, pela avó materna e pelo avô materno, Afonso VI, Rei de Castela”. Os reis de Portugal, incluindo a dinastia de Bragança e seus representantes, podem reclamar descendência dos Carolíngios.” O genealogista, professor Luiz de Mello Vaz de São Payo, diz que, “matematicamente, todos os portugueses de hoje descenderiam dos do século XII”, pelo que todos descendemos de D. Afonso Henriques e, por conseguinte, de Pepino também”. É uma teoria que dá outra. Filipe d’Avillez.

JC sobrevalorizava memórias de infância. Durante anos fora um admirador dos mares, da sua imensidão, mistério, sortilégio e temor. Evocava a História Trágico-Marítima que tanto o influenciara no liceu para se identificar com os pobres colonos e náufragos abandonados em terras hostis de gentios. Nesta fase madura, prezava mais as vagas das serranias transmontanas banhando as dunas de montes e fragas.

Se as águas do mar em Portugal eram gélidas, não menos frias eram as montanhas da Bragança, cujas marés vivas surgiam com grandes nevões entre dezembro e fevereiro. Eternamente na sua memória, pintavam alva a paisagem de contrastes, autêntico estudo de paletas de cor durante o ano. Contraste com o verde eterno que viria a descobrir nos Açores. Esta beleza verde perene que até causa náuseas.

Curiosamente, JC crescera e amadurecera a olhar o oceano, embevecido, apaixonado pelas ondas, seus movimentos, todo um ciclo lunar que o fascinava e no qual se deixava embalar enquanto escrevia poemas. Era no mar que encontrava a paz interior e a calma de que necessitava para resolver as suas contradições internas e os amores incorrespondidos.

Com o passar dos anos voltara-se mais para o campo e as montanhas. Eram estes que lhe propiciavam a paz interior e a acalmia de que carecia para se concentrar. Foi assim que (2002) em Bragança recomeçou a escrever e nos Açores, (após 2005) olhando, com saudades transmontanas, para tremidos montes e vacas, desabrochou em pleno a sua veia crônica.

Em Bragança todos se habituaram a JC, ao longo dos anos, como um australiano que falava português, sem pressagiarem os seus antecedentes genéticos. Nem ele os confessava. Fora preciso enxergar nas entrelinhas enquanto coligia o Cancioneiro Transmontano 2005 (ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança. Lera testemunhos, lendas e contarellos. Redescobriria laços maternos de que andava arredado. Sempre soubera que provinha dessa enorme ilha chamada Trás-os-Montes, encravada no oceano dos sargaços e algas enleantes e viscosas em rija fraga, chamada Nordeste.

Portugal profundo chamavam-lhe os governantes como sinónimo de esquecido. Revisitara o baú das reminiscências. Recriara passos perdidos há quarenta anos, em aldeias, vilas e lugarejos perdidos na memória de tempos idos. Visitou-os a todos. Raras vezes encontrou os coevos dos percursos da infância e adolescência. A desertificação humana maciça e os limites da longevidade haviam impossibilitado a reconstrução. Poucos sobravam para falar desses tempos. Alguns, mais novos, mencionariam a memória dos seus avós maternos. Do tempo das aldeias pujantes e vibrantes. Ou seria da vida escrava no feudalismo que era Trás-os-Montes em 1960.

Teriam progredido? Mais casas novas. Maiores. Desertas. Velhas casas senhoriais abandonadas, inabitadas. Em ruínas. Disto ninguém falava melhor do que o ilhéu micaelense (açoriano) Daniel de Sá no seu excelente livro “Os Pastores das Casas Mortas” e nem transmontano era. Das gentes sumira-se-lhes o rasto. Perdidas na voragem consumista das grandes urbes. Anónimas no litoral que o 25 de abril roubara à emigração a salto.



Desaparecidas as “vendas”, os cafés e as tabernas. Nem botequins havia. Não restara quem os sustentasse. Os escassos setuagenários, congregados no adro das igrejas. Vazias. Sem serviços dominicais. Escolas abandonadas às silvas. Destroços. Poucas aproveitadas e ocupadas por novas valências. Definhavam na vegetação que se reapoderava dos seus terrenos.

Em outubro de 2006, JC voltara a Bragança para mais um Colóquio da Lusofonia. Faria o mesmo em 2007, 2008, 2009 e 2010. Sentira uma sensação estranha a preencher-lhe o vazio interior. Na rua o ar bem fresco, muito seco da cidade. 16 °C. Não chovia e fora a pé até ao restaurante Poças, local privilegiado de almoços e jantares, guardado no baú mítico das memórias dos anos de 1960 bem antes de ter saído de Portugal rumo aos Orientes exóticos e à Austrália.

Na manhã seguinte caminhara até ao Café Torre da Princesa, porto de abrigo durante anos. Revira os donos. O filho Nigel quis lá ficar com o seu amigo luso suíço Stefan. Depois, visitaram uns primos direitos do seu avô materno, então com 83 anos, satisfeitos por serem lembrados pelos mais novos.

Foi então...

Nesse dia, pela primeira vez, a escassos metros daquela que fora a sua casa em Bragança, sentira um apelo inesquecível. Fora então que se sentira transmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo contabilizado a viver na região. Não sabia dizer porquê, mas lembrar-se-ia sempre do instante exato, já era lusco-fusco, quando sentiu aquela picada no coração, aquela dor profunda de mágoa e alegria, em simultâneo. Tinha acabado de encontrar as suas raízes. Sentira os pés pesados a colarem-se ao solo. Uma experiência que se assemelha ao que se sente quando uma pessoa sabe que está apaixonada e que encontrou a alma gémea para partilhar o resto da vida.

Como alguém dissera, em tempos, a pátria não é o lugar onde nascemos, mas o lugar onde o coração habita. Ali estava bem visível. Descobri-a instantaneamente nas suas origens e raízes. Bragança mátria. Que disso não restem dúvidas. Jamais sentira um apelo emocional tão forte, em parte alguma. Estava mais apegado àquela terra do que imaginara. Inenarrável sentimento. Não se descreve a quem nunca o experimentou. Sentimentos não se partilham em palavras.

Para os que têm pátria ou sempre pertenceram a um local, de nascimento, trabalho ou necessidade, esta noção não se explica. Para os apátridas, sem bússola geográfica a marcar o

ritmo de pertença, é fácil entender o que atrás se disse. Um dia, tentará explicar esta afeção. Não se define. É inexpressável.

Já há muito dizia que Sidney (e depois, Bragança) eram a sua base terrena. Se bem que goste de estar nos Açores e se identifique com a luta de alguns (ainda?) não os sente a todos como irmãos. Partilham projetos de vida e sonhos, mas não está na sua pátria. Por mais que se esforce nunca será um deles nem o aceitarão como um igual, como um par inter-pares.

Jamais sentira - antes deste momento mágico -, um tal sentimento de pertença. Mesmo que os coevos bragançanos o não aceitem, não precisa deles para ser aceite. Podem até não ter projetos comuns ou seguir vias díspares, mas fazem parte da família e esta não se escolhe. Tal como o seu pai, que dissera sempre ser de Afife (Viana do Castelo) embora nascido no Porto, JC sempre se afirmara australiano. De nacionalidade, que não de nascimento. Quando lhe perguntarem donde é, dirá TRANSMONTANO. De Bragança.

Nem de propósito lia, no jornal diário, que uma pessoa radicada em Castelo Rodrigo, há anos, dizia sempre “Quando me perguntam donde, digo que sou donde está o coração.” De facto, em Bragança ficou a sua alma. Podia ser habitada por nazis, por espanhóis invasores, por extraterrestres ou pelos seus maiores inimigos, mas sempre a sentiria sua. Essa sensação não se apaga, nem se limpa com lixívia que para esses sentimentos não há branqueador que chegue.

*Nada sentia em relação ao Porto natal onde vivera um terço da vida. Nada lhe dizia. Turisticamente, achava a Ribeira e a Foz do Douro espantosas em dia de borrasca e atraentes no período estival. Já a medieval Sé e as velhas ruas do antigo burgo o deixavam indiferente. O clima era cinzento, como as gentes de sotaque desagradável e palavrões vernaculares incómodos. Sonoridades agrestes e demasiado vulgares para ouvidos sensíveis. Pessoas, macambúzias, preocupadas com futilidades. Vira gente em casas da Câmara, pretensamente necessitadas, com carros novos. Iam almoçar e jantar a restaurantes e marisqueiras. Vidas sem um único livro. Mas gabavam o último modelo de telemóvel e TV de plasma.*

A mulher reencontrara ex-alunos do Politécnico de Bragança, habituais voluntários do secretariado do Colóquio. Sempre alegres e contentes por a verem, sem que persistam elos de professor e aluno. Contaram projetos adiados e os já realizados. Histórias de conquistas e derrotas. O percurso de cada um que só se conta aos amigos. Tudo isto fazia uma pessoa sentir-se bem. Parecia que sempre os conhecera. Nem fora professor deles, embora tivessem assistido a palestras que dera na Escola Superior de Educação.

Jantaram no Poças (*pronunciado Pôças, assim como Sabor é pronunciado Sábôr*). Fora ao dentista, ao relojoeiro e ao sapateiro, num ritual de repetir atos quotidianos como quando lá vivia. Recriava rotinas que já não eram atuais. Reminiscências de tempos felizes, quando sonhava em permanecer ali até ao fim dos dias. Repetia atos singelos como se nunca se tivesse apartado daquelas calçadas, daquelas casas com histórias centenárias. Idealizava que saíra apenas uns dias antes e ora estava de regresso. Vinham à memória recordações várias do tempo em que ali vivera. Não tinha a ver com pessoas, antes com o ar que respirava, com a memória das pedras, das casas, do Castelo, do nascer e do pôr-do-sol, com o calor, o frio e a neve, as trovoadas, os sotaques e a memória de tempos ancestrais que não vivera, mas sentia-os como se fossem seus.

Passara hora e meia na feira. Comprara fatos, calças, sapatos, camisas, e o que a mulher necessitava para ela e filho. Na primeira tenda disseram-lhe que já ali tinha comprado uns pares de calças. Noutra, reconheceram o casaco que levava. Rapidamente o enrouparam como novo.... Se bem que fizessem muitas compras, nas feiras trimensais jamais lhe ocorrera ser recordado pelos feirantes, quinze meses depois. Encomendara no seu antigo açougue, as típicas alheiras de fabrico artesanal, cuja falta sentia em São Miguel. Gosta de quase todos os enchidos, e na Austrália deliciava-se com os húngaros, mas nunca se acostumou aos dos Açores com seus temperos exagerados, memória de tempos em que era preciso exagerar os temperos para disfarçar carências várias o armazenamento das carnes.

Evoca com saudades o tempo em que a avó materna, as tias-avós e primas faziam a matança do porco e em outubro enviavam as primeiras alheiras, na Páscoa, os folares e bolas de carne e no verão, a compota de ginjinha. Seguiram-no para todos os países menos para a Austrália que ali não podia entrar comida estrangeira. Comera alheiras e ginjinha feitas pela família em Timor, em Macau e noutros locais. Ainda sentia no palato o seu sabor distinto, sempre o acompanhara como um cordão umbilical. Há paladares que são como os odores, nunca se apagam do subconsciente.

No antigo Largo do Toural encontrara os idosos repetindo tradições centenárias, agora que já não se mercadejava gado naquele local ocupado por delegações bancárias e outras instituições. Ali estavam em amena cavaqueira como haviam feito durante um século ou mais sempre que se deslocavam das suas aldeias para virem à feira nos dias 3, 11 e 22 de cada mês. Também eles recriavam uma memória coletiva de um povo para quem as várias mudanças de local da feira e o progresso urbano pouco ou nada representavam, pois sabiam qual o lugar que ocupavam.

Vira casas renovadas na velha urbe e na Cidadela. A cidade continuava galante, aprazível e bela. Paisagens de quilómetros. Até onde a vista alcança na Serra de Sanábria e nos montes

do Parque Natural de Montesinho. A parte de cima da rua onde viviam, Avenida do Sabor, ora denominada Cidade Zamora estava nesse ano a ser vítima de um esventramento com modificação de passeios e eixos viários. Decerto a embelezaria mais. Não conhecia obras há quatro décadas, desde que fora rasgada como última saída da cidade, rumo a Espanha, o reino vizinho onde se ia ao supermercado. Ou meter gasolina, mais barata. Que algum proveito haviam os espanhóis de ter além de despertarem ódios antigos e rivalidades nunca extintas na construção da independência de Portugal, mas que hoje eram frequentemente esquecidos.

Se bem que nalguns locais do distrito não se notasse qualquer diferença entre a fronteira que os homens marcaram e as pessoas que lá habitavam, como era disso exemplo Rio de Onor, noutros a fronteira era meramente um inconveniente, memória de contrabandos e de perseguições dos zelosos Guarda Fiscais de Portugal e da Guardia Civil espanhola.

A história comum das gentes da Raia era feita de famílias unidas ancestralmente pelos laços do matrimónio, por interesses comerciais e pelo apoio mútuo que substituía a atenção que as capitais dos dois Reinos não prestavam às gentes esquecidas naquele interior profundo de ambos os países.

*Surpresa foi ver o sonho antigo da Ponte de Quintanilha erguido por entre vales e montes. Acabara a ridícula continuidade do itinerário IP4, pela estreita estrada de montanha, ao longo de seis quilómetros até à fronteira. A ponte estaria completa e inaugurada em 2009,*

*A prometida autoestrada finalmente chegará, um dia, e dera os primeiros passos com o túnel do Marão que começara a ser aberto nas entranhas da serra (em meados de 2009) antes de uma providência cautelar o mandar parar por seis meses.*

*As obras iam lentamente progredindo em 2010 como ouvira nas rádios locais que escutava na internet a mil e oitocentos quilómetros de distância nos Açores. Continuava a escutar os programas radiofónicos da região para fingir que ainda fazia parte daquele rincão.*

Nesse ano, o passeio dos colóquios levava-os a Miranda do Douro, sempre bonita, limpa, bem recuperada e interessante. Receção com a Capa de Honras na Câmara Municipal. Visitas ao Museu, Biblioteca e Centro Cultural, fora de horas. Encheram-nos de explicações e partilharam o orgulho transmuntano e mirandês que bem falta ao resto do país.

*Nota negativa para a velha funcionária da Sé que não os deixou visitar a Catedral. O clero consegue ter destas simpatias. Talvez fosse a megera que há anos repetira a proeza. Desde 1980 que não fotografava o Menino Jesus da Cartolinha. Iria finalmente fazê-lo*

*apenas em 2008. Todos gostaram. Além do mais, aprenderam a existência duma segunda língua oficial portuguesa.*

Os dias passados nessa voragem da descoberta da mátria chegaram ao fim, era hora de fazer as malas. O Nigel de volta, delirando de alegria. Revira o melhor amigo e a aldeia dele, Babe. Este filho mais novo adora aldeias e velharias: igrejas, castelos, etc. Saiu rural. Para o ano regressará.

As hipóteses de ali voltarem a viver são profissionalmente impossíveis na atual conjuntura.

---

#### **14. VIMIOSO**

*A Igreja Matriz de Vimioso é um templo maneirista do séc. XVII com uma nave dividida em cinco tramos por arcos torais abatidos. Os fechos da abóbada ostentam o Sol, Lua, cruz rosetada, mascarões, pomba do Espírito Santo e conchas. Do lado da Epístola, a capela lateral brasonada, com a cruz da Ordem de Cristo no fecho da abóbada. O altar-mor é em talha dourada barroca com 6 colunas salomónicas - anjos, parras e aves.*

Escreveu Miguel Torga, no "Reino Maravilhoso", "*Vê-se primeiro um mar de pedras...oceano megalítico...*" Depois, são nove meses de inverno e três de inferno. O mar de pedras irá emprestar-lhe o olhar, para conhecer as ondas deste Reino de Trás-os-Montes. A espuma surge na neve que cobre os seus cumes e vertentes durante vários meses ao ano num horizonte entrecortado de verdes, todos os tons da paleta do artista que pintou estas paisagens. Ora ondulam os montes amarelos, como as medas de trigo que já ninguém colhe, ora se revestem do ar acastanhado da secura estival.

Uma paisagem onde parece já não existir vida humana nos pombais abandonados, nas terras por lavrar, nas castanhas por apanhar. A emigração nos anos 1960 levou-lhes os filhos que a guerra colonial não matou. Ficaram pais e avós para manterem vivas as leiras que ninguém cultivava. A velhice dos poucos sobreviventes se encarregará de tornar estas terras desertas, até que venham os espanhóis e as plantem, provando a rentabilidade de uma agricultura que os portugueses há muito deserdaram, envergonhados das suas origens de lavradores nas suas vestes de novos-ricos europeus

Ninguém fica indiferente ao Reino Maravilhoso descrito por Torga quando ainda era pujante. Esta é a magia da região esquecida por Deus e pelos Homens. JC recordava-se de ir a Vimioso com os seus avós maternos e sem os pais. Que liberdade, que frescura, que lufada

de vida. Tudo era diferente desde os sabores, cheiros, hábitos, tradições, às pessoas e às suas falas.

Antes disso fora às berças aos dois anos, mas só se lembrava de ir, com os avós, a Vimioso pela primeira vez, já teria uns seis ou sete anos. Seria em setembro, época das vindimas e da apanha da amêndoa, antes das aulas começarem. A casa brasonada, pertença da família desde eras remotas, vendeu-a o avô (1962) para comprar outra na cidade do Porto.

Em 2003, JC levou a sua mãe lá, pela primeira vez (64 anos) depois de sair de Bragança quando terminou o liceu. Habitavam-na as filhas do caseiro do avô que se lembravam dele. Sujeita a alterações no interior, a fachada persiste imponente. Não se sabe a data original, mas é provavelmente seiscentista.

*Tratava-se de uma casa centenária (provavelmente do século XVI ou início do século XVII) ostentando um grande brasão dos Condes de Vimioso.*

*Este título foi criado em 1515 por D. Manuel I, para D. Francisco de Portugal, 1.º conde, neto do conde de Ourém e 1.º marquês de Valença, primogénito do 1.º duque de Bragança, D. Afonso, neto de D. João I.*

*Desconhecem-se os laços sanguíneos que a levaram à posse da família ainda no séc. XXVIII.*

Um primo seu, o Alberto Lopes (da vila de Carção), contar-lhe-ia (2005) que o bisavô Alves, funcionário das Finanças, um dia, resolvera tirar férias e fora até ao Brasil, num barco a vapor com o pai desse primo que era médico embarcado da Marinha Mercante. Deve ter gostado imenso da Terra Maravilhosa, pois demorara-se tanto, por lá, que ia perdendo o emprego e a família. Foram precisas várias diligências e pedidos para não ser expulso da função pública por abandono do posto. No setor domiciliário, não teve tanta sorte nem a intervenção divina. Ao voltar, a mulher ostracizou-o. Só lhe serviria o comer e trataria da roupa. Segundo ela, eram as únicas obrigações legais de esposa casada pela Santa Madre Igreja.

Desgostoso, o bisavô voltou-se para a companhia mais benevolente dos copos que afogariam as suas tristezas até à sua morte. Disso não restam registos nem contarelos familiares que os transmontanos sempre foram muito ciosos dos seus segredos. Acobardara-se. Não regressara ao Brasil. Fenecera amortilhado numa vivência, sem jeito nem amor, na aparência de casamento.

*JC guardava poucas recordações da bisavó Maria Moraes, que vivera até aos 91 anos (JC teria 14-15 anos). De aparência azeda, muito ensimesmada, nunca o animara com um mero sorriso ou com um mimo, sob o viçoso buço que tanto temor lhe infundia em criança.*

*Poucas palavras trocaram. Era uma pessoa amargurada pelo sofrimento do marido e pela vida condicionada que a nora lhe impunha.*

Estas idas a Trás-os-Montes, na sua infância, eram viagens históricas na velha e sinuosa estrada nacional nº 15 do Marão. Do Porto a Alfândega da Fé era um dia completo, uma tarefa demorada, cansativa e pejada de perigos. Mais do que um dia tinham, porém, demorado os avós que ao casarem resolveram passar a lua-de-mel em viagem no percurso de Bragança ao Porto em carruagem ou diligência da mala-posta. Era o seu único meio de transporte, à época, sem a pompa dos coches, sem o romantismo das seges e tipoias e sem o misticismo das velhas caravanas ou diligências do oeste bravio nos EUA. Aqui não havia índios selvagens, mas era terreno fértil para assaltantes e saqueadores, prática que se manteve até ao séc. XX.

*Não muito tempo antes e bem perto do Porto havia o famoso Zé do Telhado, alcunha de José Teixeira da Silva, nascido em 1818 na aldeia de Castelões, Penafiel, filho de um capitão de ladrões. Foi um famoso salteador e chefe da quadrilha mais famosa do Marão.*

*Executou um grande número de assaltos em todo o norte de Portugal entre 1842 e 1859, ficando conhecido por "roubar aos ricos para dar aos pobres". Em 1845 casou-se com uma prima. Foi aprisionado em 1859 quando tentava fugir para o Brasil. Esteve preso na Cadeia da Relação, onde conheceu Camilo Castelo Branco. Em 1861 foi condenado ao degredo em África. Viveu em Malanje, fez-se negociante de borracha, cera e marfim. Casou-se com uma angolana, Conceição, de quem teve três filhos e morreu de varíola em 1875.*

Nos anos (19)50 e 60, a viagem até Vila Real, era coisa para demorar três horas e meia na Serra do Marão. Não era aconselhável fazê-la de noite. Um tio de JC andava sempre com uma pistola, no porta-luvas do carro, para os encontros prováveis que podiam acontecer em plena década de 1960. Nunca se sabiam quando apareceriam os meliantes, uns pobres diabos em busca de uns dinheiros trocados e pouco mais, que a tanto não ajudavam nem a arte nem o engenho.

*Eram tempos de miséria no interior de Portugal, o espectro da guerra colonial e a fome eram perspectivas comuns aos que não tinham conseguido pagar aos "passadores" que "a salto" lhes prometiam as Franças e Alemanhas do seu contentamento. Ali seriam tratados como escravos, mas teriam trabalho e pagar-lhe-iam as jornas com que mais tarde iriam construir uns mamarrachos conhecidos como casas de emigrantes que hoje poluem os montes e vales de muitas das aldeias do norte de Portugal.*

Na viagem até Trás-os-Montes, ao aproximar-se a árdua e sinuosa subida do Marão, ressoavam sempre as palavras do velho adágio popular "Para cá do Marão mandam os que cá

*estão*”. Nesse tempo, tal como hoje, não se tratava de uma manifestação reivindicativa, nem de uma afirmação independentista, mas apenas da contestação ao abandono a que as suas populações estavam, e estão, votadas. Não eram só a distância e as dificuldades de comunicações, terrestres ou outras, que dificultavam as ligações à cadeira do poder em Lisboa, fosse ele real ou republicano. Havia um profundo desdém da “corte”, desde tempos imemoriais ao séc. XXI, pelos provincianos transmontanos, sempre considerados atávicos e atrasados. Isso explicou durante séculos as más ligações rodoviárias, ferroviárias, telegráficas e telefónicas a essa parcela distante do retângulo português. Ainda hoje serve para explicar a dilapidação do rico património turístico que eram as suas linhas de caminho-de-ferro, retiradas pela calada da noite, como entre Bragança e Mirandela, ou após extraordinários acidentes, na Linha do Tua, que ninguém sabia explicar, mas que eram excelentes motivos para desativar uma via em nome da segurança.

Os carros na conturbada viagem do Porto a Trás-os-Montes gastavam quase tanto de óleo e água como gasolina. O gasóleo era ainda exclusivo de tratores e autocarros que se debatiam a 10 km/h, serra acima, poluindo e deixando quem vinha atrás acossado por ataques de tosse devido à inalação dos gases. A gasolina sem chumbo não fora inventada (apenas havia a Normal de 88 octanas e a Súper com 91 octanas, hoje temos 95 e 98 octanas). Havia poucos postos de abastecimento e havia que programar os consumos para não se ficar parado sem gasolina. Nessa época, os termómetros tinham mercúrio e faziam as delícias dos mais novos quando se partiam e o mercúrio não se desfazia, rolando numa pequena bola maleável...

O Opel Olympia 1955 do avô fumegava enquanto pachorrentamente subia a Serra do Marão. Quando, por vezes, decidiam desviarem-se para visitar os primos (Magalhães<sup>6</sup>) que tinham a velha casa senhorial em Ribalonga, São Mamede de Riba Tua (Carrazeda de Ansiães) no concelho de Alijó, o carro tinha de parar várias vezes na íngreme subida. O mesmo acontecia na abrupta subida de Murça. Tinha de se dessedentar o radiador com água fresca e o motor com óleo. Os carros tinham grandes dificuldades a subir com as temperaturas elevadas que ali se faziam sentir. Contava-se que se assavam sardinhas nos carris do caminho-de-ferro na estação do Pocinho, um pouco mais adiante, onde a temperatura à sombra andava sempre pelos 40 °C ou mais no verão...

No longo trajeto dessas viagens (de mais de 200 km) havia inúmeras passagens de caminho-de-ferro. Tratava-se de uma linha de via única para os comboios a vapor que, há sessenta anos, faziam aquele itinerário, ligando o litoral ao interior, ora por entre calor

---

<sup>6</sup> Altino Amadeu Pinto de Magalhães (n. a 8 de maio de 1922) é um general do Exército português, presentemente na reforma. Foi nomeado Governador Militar dos Açores, em janeiro de 1975, funções que desempenhou até 29 de agosto de 1976. Acumulou o cargo com o de presidente da Junta Regional dos Açores, de 26 de agosto de 1975 a 29 de agosto de 1976



abrasador, ora entre chuva, trovoadas e neves invernais. Esperava-se uma eternidade, 15 minutos ou mais, até o comboio passar, apitando a todo o vapor, pressuroso e temeroso de quem ousasse atravessar-se na estreita via sulcada à estonteante velocidade de 30 km/h. Serpenteava a maior parte do tempo à vista da estrada, entremeada de curvas e contracurvas, desbravadas por entre montes cortados à pá e picareta no século XIX. No Brasil foram os escravos quem fizeram esse trabalho, em Portugal eram homens livres e alguns, poucos, degredados pois estes tinham a irritante tendência para desaparecerem e nunca mais serem vistos.

Essas rodovias, originalmente de macadame (brita e saibro compactados por um rolo ou cilindro), começaram a ser asfaltadas em finais de 1950 e estavam engalanadas ao longo do seu trajeto com árvores (carvalhos, castanheiros, o que calhava) de troncos pintados a branco, como ainda hoje se observa nos Açores. Era uma moda do pós-guerra em nome da segurança rodoviária. Ainda não se tinham inventado os “rails” de proteção e nas estradas de montanha havia apenas uns pequenos muretes, de quarenta por vinte centímetros que era tudo o que protegias as viaturas e que separava o leito da via do abismo, centenas de metros abaixo.

Quando havia um acidente e alguém saía da estrada, tinha de se ter muita fé e esperar que alguém passasse. Tudo dependia da sorte, do dia da semana e da hora a que o acidente ocorresse. O movimento era reduzido, mas podia haver a felicidade de passar um carro de praça, nome dado aos táxis das terras do interior. Ou poderia passar uma camioneta de carreira (algumas só passavam uma vez por semana). Turismo ainda se não fazia naqueles dias e poucos dispunham de viatura particular para se deslocarem, usando os lentos transportes públicos, fossem eles o caminho-de-ferro ou a “carreira” onde eram igualmente transportados alguns víveres e o correio das cidades para o inacessível interior. Não havia telemóveis nem postos de telefone “SOS” na berma da estrada. Aliás, a via seguia, muitas vezes, o caminho dos velhos postes dos telégrafos que existiam nas cidades e vilas onde começaram a ser colocados na segunda metade do século XIX (entre 1856 e 1878). Ali se implantaram, posteriormente, os telefones a partir de 1882 e até à década de 1960, embora fossem então considerados um luxo apenas ao alcance de uns tantos. A generalização do serviço telefónico nacional e das centrais automáticas, só estaria concluída no final de 1980.

Foi nessa década que se instalaram alguns postos de PBX nas aldeias, um sistema elaborado de cavilhas com doze extensões a ligarem essas pequenas centrais às pessoas mais importantes, como na central telefónica do Sendim da Ribeira naquela loja ou venda dos seus tios onde tudo se comprava. As aldeias, tantas das vezes isoladas durante os nevões de inverno, sempre avessas a qualquer mudança ou modernice, não acolhiam bem essa modernice que era o telefone. Só havia 6 ou 7 linhas ligadas em toda a área do Sendim da Ribeira. Era importante para quem tinha um aparelho daqueles em casa, com a sua manivela a

dar e a dar, não esperar muito por alguém no Posto para atender. O saudoso PBX era de cavilhas. Estas tinham que se colocar na ranhura. Quando uma chamada entrava na central, a tampinha caía e era só enfiar as cavilhas de dois fios nas ranhuras cujas tampas tinham caído. Depois, havia uns pesados auscultadores com microfone, através dos quais se perguntava a quem telefonava para onde queria ligar. Entretanto trocavam-se dois dedos de conversa enquanto se discava a marcação individual do número pedido, para a Central Telefónica (Regional ou Nacional) a que o Posto pertencia. Quando, por fim, o interlocutor respondia trocavam-se as cavilhas e as pessoas podiam finalmente falar. O período da manhã era muito calmo e quase sem chamadas, depois aumentava ligeiramente até à hora de jantar, depois do qual raras vezes tocava a campainha.

Para um jovem, como JC, era delicioso controlar esta forma de comunicação e saber simultaneamente tudo o que se passava, quem falava com quem, ao mesmo tempo que permitia ir conhecendo “virtualmente” uma meia dúzia de pessoas que habitava nas redondezas. Este sistema permitia transmitir mensagens, notícias e outros avisos numa era em que a televisão ainda não chegara àquelas paragens, e a luz elétrica era uma miragem. Aliás a TV espanhola chegou décadas antes da portuguesa. Os jornais chegavam sempre atrasados pois apesar de usarem os comboios, nem sempre havia carreiras diárias de camionagem para os sítios mais interiores. Muito menos para aldeias sem estrada digna desse nome como eram então a Eucísia, o Azinhoso ou o Sendim da Ribeira. O mundo podia acabar que só viriam a saber bastante mais tarde. Ainda hoje lhe apetecia viver em sítios assim.

*A velha EN 15 ligava Ermesinde, Amarante, Vila Real, Mirandela e Bragança. A denominação EN, Estrada Nacional surgiu após a República. No plano de 1889, a rede incluía as Estradas Reais (nacionais), as Distritais (regionais) e as Municipais (locais). Em 1910 a designação "Estrada Real" foi substituída por "Estrada Nacional". A Junta Autónoma de Estradas em 1927 propunha a divisão das Estradas Nacionais em duas classes, como aconteceu em 1933. As atuais Estradas Nacionais são as do Plano Rodoviário de 1945 que classificava as Estradas Nacionais em três classes: as de 1ª classe numeradas de 1 a 125, as de 2ª classe de 201 a 270 e as de 3ª classe, de 301 a 398. Os números de 1 a 18 eram reservados aos Itinerários Principais, correspondendo às estradas que ligavam as capitais de distrito entre si e a estradas com origem em Lisboa e Porto.*

Na longa e sinuosa EN 15, ou noutras estradas para Trás-os-Montes, o maior tormento da viagem era quando se encontrava um velho autocarro de passageiros, de fabrico bem anterior à 2ª Grande Guerra, servindo de carreira (de passageiros), arrastando-se penosamente, montanha acima, por entre nuvens de fumo do poluente gasóleo. Penava-se atrás dele. Era um inferno. As pessoas a tossirem. Com o calor de verão não se suportavam janelas fechadas. Ultrapassar, só se o condutor fosse simpático e se desviasse ou parasse. A estrada não

comportava a modernice das ultrapassagens. Mas havia paciência nessa época, as pessoas não viviam numa lufa-lufa como atualmente e aceitavam como inevitabilidade do destino o que se lhes deparava, mesmo que fosse seguir na peugada de um velho machimbombo fumegante durante quilómetros a fio ou horas.

Por vezes, entre vilas ou cidades, surgia uma paragem para passageiros, muitas vezes não assinalada e sem o habitual abrigo para as pessoas se resguardarem da inclemência dos elementos. Outras vezes havia um motorista simpático que deixava sair um habitante local fora do local da paragem e perto da sua área de residência. Essa era, frequentemente, a oportunidade única de se fazer a ultrapassagem a velocidade moderada na estreita rodovia onde mal cabiam dois veículos, lado a lado.

Os carros circulavam então em primeira ou segunda velocidade que essas modernices de cinco e seis velocidades de caixa também não tinham sido inventadas. As estradas tinham poucas retas e essas não eram suficientemente compridas para se adquirir velocidade e ultrapassar, pelo que se continuava a penar atrás da viatura pesada. Nas estradas em terra, o pesadelo era bem pior, pois aos fumos tóxicos acrescentava-se a poeira fina e miúda, penetrante como areia do deserto, que se infiltrava nas narinas e nos poros e obrigava a um banho após a chegada ao destino. Seguir na peugada doutro veículo significava guiar às escuras por entre espessas nuvens de pó. A esta distância temporal, parecem cenas de um filme mudo, a preto e branco, tão difícil é descrever o que se perdeu na memória.

Imagem sempiterna era a dos cantoneiros, que trabalhavam de sol a sol, levando a mão à aba do chapéu para saudar o atrevido viandante que se afoitava a ir às terras do fim do mundo, especialmente à Eucísia, perdida naqueles montes sobranceiros ao majestoso e fértil Vale da Vilaríça. Vestiam umas soturnas fardas cinzentas para que não se visse o pó que os cobria. A eles competiam as pequenas obras de manutenção da estrada, a reparação dos muretes derrubados, a pintura dos troncos das árvores, e o trabalho infindo de apararem as silvas e arbustos que das bermas irrompiam para o leito da estrada. Também lhes pertencia acrescentar umas pazadas de piche quente sobre o asfalto esburacado pela inclemência do clima transmontano. Se bem que, nalguns casos, trabalhassem em grupos, a maioria trabalhava em parilhas de dois ou solitariamente. Viviam normalmente nas cercanias das suas áreas de trabalho para onde se deslocavam após longas caminhadas. Noutros casos, passavam os meses acantonados nas célebres casas de cantoneiros, bem típicas pela sua construção, e que hoje, infelizmente, estão abandonadas e degradadas por todo o país, sem que alguém tivesse a coragem de as reabilitar e converter para turismo rural ou qualquer outro fim.

---

## **15. EUCÍSIA**

*“A beleza das paisagens e a água em abundância são as principais riquezas da terra, que viu partir a juventude para terras longínquas. Aqui não há emprego. A única fonte de rendimentos é a agricultura, o que levou os jovens a emigrar”, lamenta José Carlos Pimentel, Presidente da Junta de Freguesia. Em 2006, a Eucísia era caracterizada pelo seu edil como ainda tendo agricultura, construção civil e pecuária. Esta era a aldeia de nascença da sua avó materna e da sua mãe, cognominada “a terra das feiticeiras”.*

*Desconhece-se onde descortinou, no rol dos seus habitantes, pessoas para tais mesteres. A média de idades dos poucos habitantes é setuagenária.*

*A festa e romaria a S. Sebastião celebram-se no primeiro domingo de setembro. Os oragos são S. Paio e Santa Justa e Como património existe o Santuário neolítico de Revides, a fonte da Gricha e o forno dos mouros. Na gastronomia enchidos e queijo de ovelha churra. O artesanato limita-se a Rendas e Bordados. Apenas uma coletividade existia, em 2006, o Grupo Desportivo e Cultural da Eucísia.*

Lia-se no Diário de Trás-os-Montes (2009):

*[A] Eucísia, no concelho de Alfândega da Fé, é conhecida pelas lendas das feiticeiras e pelo património histórico e arqueológico. Pelas ruas da aldeia pessoas, na maioria idosas, recordam os tempos em que os jogos de roda e o convívio preenchiam os dias. Os tempos de antigamente permanecem gravados na memória, tal como as lendas que associam a localidade a “terra de feiticeiras”. “Ouvi contar a lenda das feiticeiras aos antigos. Diziam que veio para cá um padre que se embebedou, e, no dia seguinte, acordou na loja de um cavalo. Então espalhou que foram as bruxas que o levaram para lá”, explicou Adélia Monteiro, de 67 anos. A partir daí, quem passava temia o poder das feiticeiras e alguns até traziam trovisco para as afugentar. “Contava-se que passou por aqui um homem a cavalo num burro que trazia um ramo de trovisco. As mulheres sentiram-se ofendidas e juntaram-se todas para bater ao forasteiro”, recorda Maria Alice, outra habitante. O tempo passa devagar num local de sossego e calma transmitida pela natureza imutável há séculos.*

Era JC um infante quando pensava que as feiticeiras fossem a avó e as tias-avós. Não sabia porquê, nem conseguia explicar nos atos delas, mas imaginava que se aquela aldeia era das feiticeiras, elas o poderiam ser, mesmo sem lhe causarem calafrios ou medo a ele e a outras crianças. Podia acontecer que só fizessem feitiços aos que não pertenciam à família ou aos que não pertencessem à aldeia.

A aldeia nada mais era do que um destino sem saída, um mero desvio de 1,5 km em terra, na estrada de macadame que ligava Alfândega da Fé à Junqueira. Uma parte da Rua Direita tinha o piso em calçada, todo o resto era em terra poeirenta ou lamacenta. À exceção do miradouro da Capela de S. Sebastião, no cimo do monte mais alto, no termo da aldeia com exuberante vista para o vale, não se ia a lado nenhum. Acabava ali. Tal-qualmente uma ilha perdida. Princípio e fim de muitas vidas sem porta de saída para outras paragens. Muitos foram os que dali jamais abalaram. Uma vez saídos poucos regressavam. Uma ilhoa esquecida no nordeste transmontano.

Milhentas vezes visitara a capela, sempre de portas abertas. Ia-se lá com o único intuito de observar o glorioso pôr-do-sol sobre o vale da Vilariça. Sentava-se nos degraus à espera que o sol baixasse. Ainda não havia máquinas digitais, mas um velho “caixote” Kodak tirava fotos que, infelizmente, não chegaram até hoje. Guardava no subconsciente as imagens que tentava descrever com palavras. A pequena capela em honra do santo era igual a tantas que por aí há, dedicadas a um qualquer santo no cimo dum qualquer monte. Hoje já quase não há gente na aldeia e a capela está sempre fechada, mas há estradas asfaltadas ligando a Eucísia ao lugar vizinho de Santa Justa e a Vilarelhos. Dantes, era apenas aquele insignificante desvio poeirento, quase impercetível, na estrada entre Alfândega da Fé e a Junqueira, serpenteando pelos montes retalhados por curvas, à sombra imponente da Serra de Bornes e com o olhar deitado para o fértil vale da Vilariça.

Na Eucísia, o povo dedicou a Matriz aos seus padroeiros, S. Paio e Santa Justa. É um templo modesto, com quatro altares e humilde fachada que hoje está a escassos metros duma habitação de “franceses” (emigrados nos anos 1960) logo ao início da Rua Direita. A igreja, logo na entrada do povoado, fica na descida, num adro triangular onde confluem as duas principais vias da aldeia, curiosamente localizada de costas para a estrada e voltada para a povoação, se bem que escondida desta. Teria sido melhor orientar a fachada para qualquer um dos outros três lados, sem que as habitações à sua volta se sobrepusessem à sua fachada e quase a abafassem totalmente, mas atualmente não faz grande diferença pois já não há fiéis nem padres para ali oficiarem.

Na Eucísia há um inestimável património: o santuário rupestre de Revides. Foram encontradas e decifradas duas lajes de grandes dimensões, as “pedras escritas” da quinta de Ridevides, conhecida como Revides, no extremo da freguesia, a duzentos metros da ribeira da Vilariça e a 300 m da aldeia de Santa Justa. O que são as Pedras Escritas? Um conjunto de gravuras rupestres proto-históricas sobre um bloco de xisto rente ao solo, com uma superfície quase lisa, orientado a sudoeste. As gravuras consistem em triângulos, formas em escada, cruciformes, quadrados, retângulos e ferraduras. O afloramento principal tem um motivo central de tipo idóliciforme. Também Alfândega da Fé está pejada de restos neolíticos, castros, e

fortificações medievais quase todas destruídas ou em ruínas. Hoje, só se ouve falar destas terras para vituperar a construção da barragem do Baixo Sabor.

A casa de seus avós estava também abandonada e arruinada, como tantas outras, sucumbindo à inexorável e reivindicativa voragem do tempo. A natureza readquire tudo que o homem constrói. Não houvera um pastor Manuel Cordovão, como no livro [de Daniel de Sá] “O Pastor das Casas Mortas”, para cuidar daquela e doutras casas. Iam ficando desabitadas, os donos ausentes ou mortos sem que alguém fosse lá acender a lareira da sua História, das famílias que ali tinham vivido e sonhado. Ali, albergavam-se memórias de meninice que nenhuma autobiografia publicitaria. Além, habitavam esconsos sonhos e pensamentos que nunca chegariam a ser escritos numa folha de papel. Era o refúgio secreto das infâncias que a idade e a maturidade não revelavam nunca nem às almas gémeas. Havia toda uma mitologia lendária de contarellos, de pequenos episódios e de grandes celebrações pascais, que a recordação desvanecera e atenuara, mas, conquanto esmaecida, ainda havia fragmentos de imagens, sons e cheiros a preservar.

*Do brasão original com as armas da família Madureira Magalhães e do armário, antiquíssimo de séculos, onde estava embutido, nada restava além da imagem que uma máquina fotográfica, a preto e branco, registara na década de 1960. Esse aparador e outras peças ancestrais foram sucessivamente vendidos ou trocados por candeeiros de plástico e quejandos modernismos.*

*Um aparador (armário) daqueles, bem valia uns bons quinhentos mil réis (500\$00 escudos = € 2.50 euros) que era em 1965 o valor dum novo lampião de plástico com três velas elétricas para pendurar nos altos tetos de talha, trabalhados e pintados à mão. Na época, na família quase ninguém valorizava antiguidades.*

*Os que as poderiam apreciar não viviam lá, afastados destas e outras transações mundanas labutando no bulício impiedoso das cidades onde trabalhavam. Muitos foram os antiquários da época que enriqueceram fazendo uma verdadeira razia pelo interior do país em busca de peças valiosas.*

*Em casa apenas uma única peça antiga sobreviveu e data de 1734. É um clavicórdio, com algumas teclas ainda em bom estado, a maioria das cordas intacta, mas a necessitar de uma reparação profunda e dispendiosa. Ninguém se preocupa ou se dá ao trabalho de o preservar. JC fizera várias tentativas para o tirar de lá, mas nunca conseguira arranjar transporte seguro para tão delicado aparelho. Era a única coisa de valor que restava na casa.*

No sec. XV, os primeiros clavicórdios tinham 20-22 cordas de latão, a vibrar num sistema simples e original, mas pouco eficaz. Na ponta da tecla havia uma pequena lâmina metálica

(chamada tangente), montada em posição vertical. O movimento da tecla fazia a tangente encostar à corda que era então mais "agitada" do que vibrada. Entre o séc. XV e XVIII o clavicórdio passou por vários estádios experimentais numa interessante evolução. As teclas aumentaram para 50, agrupadas sobre 5 pestanas, tal como no KE chinês, um instrumento de corda beliscada. Foi em 1725 que o germânico Daniel Faber fabricou um clavicórdio com uma corda para cada tecla e uma fita de feltro entrelaçada na parte não vibrante das cordas para evitar vibrações desnecessárias e desagradáveis.

É, portanto, desta época o clavicórdio que existe lá em casa.

No início do séc. XVIII o clavicórdio reúne já quatro características do piano moderno: Tampo harmónico independente, cordas de metal, a agitação da corda por percussão e finalmente os abafadores para interromper a vibração das cordas quando se larga a tecla. Apesar do seu volume de som ser muito fraco, o clavicórdio produzia delicados gradientes de toque, permitindo executar crescendos e diminuendos como até então não tinha sido possível. João Sebastião e Emanuel Bach escrevem para este instrumento, tirando partido das possibilidades de vibrato que o mecanismo proporciona.

Tem-se deteriorado progressivamente. JC não é um herdeiro direto, a sua mãe é. O clavicórdio está abandonado e condenado a apodrecer. Quem sabe quais os seus avoengos que o terão tocado, e para quê? Teria sido usado em declarações apaixonadas de amor ou em estudos religiosos que a isso também eram afeitos? Teria servido para alguma cerimónia mais formal na igreja que ali ao lado foi construída no século XIX? Teria servido para entreter os convivas que vindos de longe visitavam aquela imponente casa de gente culta e dada à música?

Da coleção de instrumentos, em tempos existentes naquela casa, sobraram apenas os do bisavô que o primo em Ponta Delgada ora guardava ciosamente. Não sobrevivera o bandolim de oito cordas, pertença do seu avô de Vimioso que recorda vagamente ter sido tocado nas férias, a contragosto da avó materna que não ia muito em assuntos de música, fosse ela qual fosse. Dos seus tios e tias-avós não lhes sabia dons musicais pelo que se presume terem perdido a vocação do bisavô.

Naquela casa havia centenas de livros, que outro primo começara a roubar nos idos de 1950 e a cuja rapina nada escapou. Alguns, segundo o pai de JC afirmara, eram bem antigos e valiosos. Devem ter sido vendidos ao ferro-velho, aos antiquários, alfarrabistas ou meramente serviram de pasto ao lume que ardia ininterruptamente na cozinha nova. Também podem ter servido, em tempos idos, para acompanhar os longos serões de inverno. Quem sabe até se a leitura não era entremeada pela execução no clavicórdio, de trechos de Bach, Mozart ou Chopin que eram mais "levezinhos" e talvez fossem mais do agrado dos seus antepassados.

Nada disto se sabe nem se saberá. Nem a sua mãe guarda memórias de tais eventos na meninice ali passada antes de ir para Bragança estudar. É curioso haver tantas perguntas e ninguém sobrevivo para lhe dar resposta. Pena não as ter questionado enquanto podia, mas então os seus interesses eram outros e não estava inclinado a recriar mentalmente os hábitos e costumes dos seus antepassados.

Restava especular qual o uso intenso, a avaliar pelo estado do teclado, que o clavicórdio terá tido em mais de duzentos anos de existência. Como terá chegado até ali? Transbordado de cavalo em cavalo ou de carruagem em carruagem desde a Alemanha até aquele recôndito lugar nessa ilhoa perdida do nordeste transmontano. Como terá sido encomendado? Terá alguém ido, propositadamente, ao fabricante buscar tão valioso instrumento? Porquê um clavicórdio que até é mais típico das mãos femininas do que o seu parente mais comum, o piano? Podem adiantar-se vários cenários alternativos, pode até ter sido ganho num qualquer jogo de azar ou de cartas a algum nobre das vizinhanças. Ou seria o cumprimento de uma promessa à mulher ou a uma filha como forma de a dotar de mais um predicado para o competitivo mercado matrimonial em meios tão restritos como aquele? Quem teria sido a sua tia-bisavó ou trisavó, que teria recebido aquele presente divinal para enlear com as suas mãos mágicas os sons capazes de fazer qualquer homem de bem render-se a seus pés?

Por outro lado, não poderia ser uma oferta ou retribuição de um clérigo à importante família local por benesses concedidas à Santa Madre Igreja? Seria daí que nascera a história de um seu trisavô ter sido cónego? Seria mais fácil explicar a proveniência do clavicórdio numa qualquer ligação à Igreja. Estas e outras questões nunca teriam resposta, morreram juntamente com quem as poderia responder.

Naquela família, como em muitas outras, as pessoas eram sempre tão ciosas dos seus segredos que nunca revelavam senão a pontinha do véu, mantendo toda a história da família envolta em mil e um mistérios, mentiras, inverdades e semiverdades na obrigação secular de manter a fachada respeitável de cristãos novos ou judeus renegados que sempre foram e nunca admitiram. Sempre ouvira seu pai dizê-lo, mas a sua mãe só o admitira depois de passar os oitenta anos. Havia orações secretas e costumes judaicos passados de pais para filhos, durante séculos, que se foram perdendo sem jamais serem revelados. O medo da Santa Inquisição (1536-1821) mantinha-se quase duzentos anos após a sua extinção.

Tal como o clavicórdio também a casa está degradada. Parte do teto da cozinha velha, nas traseiras, ruiu. Cedeu às inclemências do tempo, do primitivismo da construção, e ao abandono forçado dos seus donos decíduos. Revoltou-se o teto contra a ausência da sua função protetora da família que já não é nem está. Há muito que pedia obras, mas a sua avó nunca estava



disposta a gastar mais do que o estritamente necessário e, mesmo assim, sempre a reclamar com o avô que tentava manter a casa em bom estado. Tivera o avô (falecido em 1974) de contentar-se em mandar colocar remendos e soluções improvisadas para evitar a ira antidespesista da avó. Se, a seu devido tempo, aquela casa tivesse sofrido as obras indispensáveis de que carecia nunca teria chegado tão rapidamente a este estado decadente. Um cunhado de JC, cedo morto, bem quisera transformá-la em Turismo Rural, numa época em que essa palavra ainda não entrara no vocabulário quotidiano português.

Os vidros da frontaria estão partidos há anos e a cal esmaecida deixa antever o reboco de paredes grossas, com quase um metro de espessura. As portas apresentam fissuras dada a idade avançada da madeira sem ver a cor da tinta ou verniz que as pudesse conservar. Uma certa atmosfera de casa repudiada desde o falecimento da sua última tia-avó em 1994. Na aldeia nunca houve muitos pastores e o das Casa Mortas (obra de Daniel de Sá) estava na Beira Alta sem poder cuidar desta casa. Os que podem não querem e os que querem não podem financeiramente reabilitar a velha mansão. Ficará perdida nos seus escombros sem nada a assinalar a sua existência a não ser estas palavras em sua homenagem.

A herança não está resolvida. Não se pode vender, nem há a eventualidade remota de alguém a querer comprar. A aldeia aguarda a morte dos mais idosos para ficar como tantas outras, pelo país fora, abandonadas, cheias de histórias por contar. Um monte de casas em diferentes estádios de degradação lentamente regressando à posse da mãe natureza. As janelas defenestradas já demonstravam a ruína do grande casarão. As palomas haviam metamorfoseado a casa de banho em pombal. Ali onde fora o seu quarto de dormir durante anos. Lentamente, a arquitetura animal que os aracnídeos e roedores prontamente edificam, assenhoreava-se dos recantos ainda prenhes de mistérios e de sigilos. O telhado da cozinha velha, como se disse antes, cedera, talvez caísse de vez. As traves desafiavam as leis da gravidade.

Era vital que aquele escaninho da memória e das memórias fosse resguardado do camartelo e da violação por olhares estranhos. Como se as pedras pudessem falar ou revelar segredos insuspeitos. Como se se perdesse a virgindade dos sonhos. Talvez se desbaratassem os últimos idílios. Sem eles qual o valor da vida humana?

O espírito desses tempos áureos nada mais era do que uma miragem na falsidade da memória humana. Apagara-se o riso de crianças e adultos. As reprimendas, invetivas e outras admoestações haviam sido silenciadas. O gargalhar feliz e despreocupado das crianças urbanas, sempre assarapantadas com as suas descobertas rurais, tinha-se ido com o vento. Não era mais que um murmúrio, um sussurro, por entre as frestas da madeira avelhentada e carunchosa.

Quem se recordaria dos temores noturnos ao atravessar o velho casarão às escuras, por entre tremelicantes sombras que a vela de estearina projetava nos altos tetos? Onde pairava o som das cigarras e o silêncio das longas noites sem televisão nem rádio, nem luz elétrica, apenas entrecortado por conversas longas, recordações de outras eras e jogos de salão? Quem recordaria os foguetes das romarias e festas anuais, a procissão pascal e sua parafernália de colchas adamsadas nos janelucos, donde se atiravam os verdes para a rua atapetando o percurso que o senhor padre iria percorrer?

De noite, a vela ou castiçal, com que percorria os vastos aposentos da casa, que o seu bisavô construíra em meados do século XIX, recortava ilusórias sombras nos tetos trabalhados e bem altos. O medo era a resposta juvenil para as sombras cheias de mistérios por descobrir. Desenhavam-se figuras fantasmagóricas saídas dum qualquer livro de terror, daqueles que nunca se aventurava a ler pois ficava logo com pele de galinha. Até os cabelos se punham literalmente em pé. Havia uma tapeçaria africana com leões que particularmente o aterrorizava no meio dessas sombras. Não podia dar parte de fraco, nem dizer que tinha medo. Ia a rezar pelos longos corredores. A fingir que via figuras agradáveis e não aqueles monstros a contorcerem-se sobre a sua pequena sombra. Uma vez tentara ir mais depressa, mas as sombras galopavam, à sua frente, ainda mais ameaçadoras. Outras vezes, andando devagarosamente quase conseguira iludi-las. Mas estavam lá todas, conspirando para o esperarem desprevenido. De dia nunca as encontrara.

Na cozinha havia sempre uma lamparina com o pavio embebido em azeite. Era a principal fonte de iluminação. Uma invenção do tempo dos romanos que ali perdurava. O candeeiro a *Petromax* era caro e raramente usado, a menos que houvesse visitas importantes. Ao lume, um enorme caldeirão negro sempre pronto. O fogo só se apagava pela noitinha pois servia para o pequeno-almoço, almoço, merenda ou lanche, jantar e ceia. A água guardava-se em cântaros de barro. Os de latão viriam muito mais tarde. Nas traseiras da casa havia uma enorme ânfora, de metro e meio de altura que armazenava tudo. Até azeitonas. Ficava mesmo por baixo da lendária figueira cuja data se perdia na memória dos vivos de então, e que sempre fizera as delícias da sua mãe. Fora aquela ânfora centenária ostensivamente roubada por uma das primas ricas na sua voragem de tudo arrebanhar.

Em férias não havia burros nem burras suficientes para transportar a água necessária. Era preciso acarretá-la em grandes quantidades para depois aquecer ao lume. Tomavam banhos diários, um hábito deveras estranho para as pessoas da aldeia, que, raramente, o faziam. Para os de imersão usava-se uma larga tina cinzenta, de latão, feita pelo ferreiro lá do sítio, e depois pintada de esmalte branco, onde se podia tomar banho de semicúpio. Tudo feito com tempo e

paciência que isto de pressas era só para os da cidade. Na aldeia tudo tinha uma velocidade diferente.

*Só voltaria a encontrar essa mesma vertigem quando se mudou para os Açores. Também no arquipélago o tempo era mais lento, como se tivesse parado na década de 1950 ou 60 e se recusasse a aceitar a inabalável voragem do progresso.*

A água potável vinha da fonte da Gricha que ainda hoje dá água para o lavadouro público. Por cima, perdura a mais romântica, pequena, mas carismática fonte da Grichinha. Hoje está modernizada com tosca escadaria cortada na rocha a poucos metros dum lampião elétrico que ali implantaram, acabando com as memórias dos namoros furtivos seculares ali ocorridos. Uma dúzia de degraus de xisto levavam agora os poucos turistas que ali se aventuravam até essa fonte de mil tradições, em plena aldeia das feiticeiras com umas meras dezenas de habitantes.

Depois dos padres, até as bruxas se foram. Nem almas há para arrebatam. A emigração para França, Luxemburgo e Suíça (década de 1960) desertificou-a. O progresso civilizacional de migração costeira atraindo jovens para as cidades acabou o trabalho. Perderam-se mais de 700 pessoas em cerca de 40 anos. Hoje, a média das idades supera os 70 anos. Poucos se recordam de JC e quase ninguém vive nas casas vizinhas.

A sua tia-avó que ali vivia, uma das últimas daquele ramo familiar, falecera em 1994 antes de JC regressar ao torrão natal. Desde então o enorme casarão familiar, com as suas cinco portas de entrada, uma por cada segmento da casa, fora vítima de um lento e doloroso processo de partilhas que demorou mais de dez anos a terminar. A herança deixou-a mais dividida e degradada que dantes. Ninguém lá habita nem quer habitar. Era JC um dos únicos a viver no distrito, entre 2002 e 2005. Eterno sonhador, acalentara a romântica esperança de ter dinheiro para a resgatar, antes que desabasse. Queria restaurar a casa e equipá-la com os confortos modernos de que nunca dispôs. Infelizmente esses amores e as recordações juvenis não chegaram para concretizar tal desiderato.

Desde que nascera, que a habitação familiar da Eucisia nunca fora uma casa rica. Os seus avós maternos lá passavam seis meses e a outra metade do ano na casa no Porto. Nunca fizeram as obras que deviam. A sua avó resmungava sempre que não valia a pena enterrarem mais dinheiro ali, as obras foram sempre remendos e a casa, sem nunca perder a sua qualidade original, aguentou-se mal depois de ficar desabitada após a morte da sua avó em 1989.

Assistira com pesar, numa tarde bem quente em 2004, ao dismantelar dos velhos e senhoriais móveis da sala de jantar. Lembrara-lhe um leilão de escravos, sem saber porquê. Eram cobiçados por primas da grande cidade. Comparara aquilo a um ataque da *marabunta*

sobre tudo o que aparentasse ser velho ou ter algum valor. Ali estava JC, impotente, sem os poder comprar para, seguidamente, os libertar. Eram cobiçados por primas da grande cidade, cujo único fito na vida é amealhar e comprar. Reproduzir dinheiro como quem multiplica coelhos.

Fora doloroso voltar a percorrer aqueles salões, os quartos pequenos, a enorme sala de jantar com vista para o vale da Vilariga, o salão onde dormira pela última vez em 1988 (ou seria 1990?) agora que a casa estava esventrada de móveis. Os olhos humedeceram ao visitar os baixos onde dormia, em criança, nas férias da Páscoa quando os primos e os tios também lá iam.

As lojas, onde dantes se acumulava o azeite e seu vasilhame estavam limpas e vazias. Já não havia colchas nem lençóis de linho para a procissão pascal, depois dos dias de silêncio e de dieta forçada. Nesses dias não se comia carne pois era um pecado que os levava a todos para a autoestrada do inferno. Felizmente Bento XVI acabaria por decretar em 2008 que o Inferno não existe. Ufa, que alívio. Era a vingança de tantos temores infantis sempre ilustrados por imagens do catecismo que graficamente lhe haviam implantado por volta dos sete anos e que ainda hoje o arrepiavam, mesmo sem crer. Tanto remorso inútil, tanto arrependimento desnecessário por que passara, tanto sentimento de culpa supérfluo.

Por entre as paredes revivia memórias agradáveis de tempos e de gentes que já não voltam mais. Regressara temporariamente a um passado alegre e sem preocupações. Sentia saudades. Sabia bem o significado da palavra como já não o experimentava desde que chegara a Timor, trinta e cinco anos antes. São as saudades que mantêm os sonhos vivos, dissera-lhe a outra avó um dia.

Quem podia esquecer as pirosas (na época ainda não havia “música pimba”) danças no salão dos bombeiros alfundeguenses ou as festas típicas em honra do santo da aldeia, onde JC aprendera um povo que desconhecia. Na pequena e ora despovoada aldeia da sua avó materna encontrara rituais senhoriais da família Gama, a do célebre engenheiro Camilo Mendonça, onde se ia prestar vassalagem quando ali se chegava para férias.

*Depois de falar em clero, nobreza e fidalguias não podia JC, ironicamente, deixar de evocar a retrete ali existente em tempos da sua infância e juventude. Era um buraco circular, aberto, em tábuas de madeira, que descarregava para uma fossa séptica no andar térreo, mesmo por baixo da varanda das traseiras, com vista para o vale da Vilariga. Não era preciso autoclismo apenas uns tantos jornais ou o luxo do papel higiénico. A “nova” casa de banho (ora transformada em pombal desde que a janela empenada se recusou a fechar e deixou entrar as pombas) foi construída no quarto que JC ocupava quando ia para lá. Data do final da década de 1960. Nessa época ainda não havia água canalizada. Só*

*mais tarde chegou o gás butano em botijas para aquecer o precioso líquido. A burra ia, dezenas de vezes ao dia, com os cântaros à fonte buscar água para beberem e para se lavarem. Em casa, não havia fonte artesiana ou outra. As águas municipais só haveriam de chegar décadas depois, já, ia alta a revolução dos cravos.*

Após a longa viagem que temos vindo a recriar por estradas que ainda hoje perduram vigiando de longe as novas rodovias, chegava-se à Eucísia com uma sede imensa que só podia saciar-se ao beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feiticeiras.

Ninguém podia jamais esquecer a imagem bucólica do Vale da Vilariça (antes da construção da barragem nos anos 70 ou 80) quando da varanda de casa se deleitava com ela enquanto devorava os livros de Júlio Verne e outras leituras de férias. Vira rostos e tradições do tempo dos Cristãos Novos, ainda hoje envergonhados da sua herança marrana. Há sessenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cónego ou padre, tão comum a tantas famílias da região. Uma mescla de respeito, medo e veneração ao cristianismo, que se impusera primeiro aos mouros da rica *Alfandagh*, para depois ser temporariamente mesclado com judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição.

Hoje, séculos depois do êxodo judaico a região estava mais pobre do que nunca, sem a riqueza assinalável que a história descrevia no tempo de romanos e de mouros. Perdiam-se também as histórias de princesas e mouras encantadas, sem avós que as contassem pois já não havia netos e netas nas terras abandonadas.

Na aldeia, toda uma miríade de insetos e outros pequenos animais, lentamente se empossava da enorme propriedade. Os animais pressentiam, ou antes sabiam, que vivalma ali entrava agora que JC emigrara para as ilhas...Fora ele com os seus sonhos e deambulações peripatéticas que ao longo de três anos mantivera o espírito da casa sempre vivo, contra o silêncio e ausência dos restantes proprietários.

Tal como gerações de vários nativos da aldeia em tempos idos, também ele se fora nesse vórtice impiedoso que a vida de cada qual impele para onde existe trabalho. Acalentara a utopia de recuperar o velho casarão, de lhe fazer obras, modernizando o interior e os confortos, sem perder a traça original e a sua simples fachada oitocentista onde sobressaíam janelucos pouco maiores que seteiras. Depressa se apercebera que, mau grado a idade, jamais deixara de ser um sonhador. A dura realidade trazia-o sempre de volta à mesquinha contabilidade dos números e cifrões. Ao voltar a terra firme essa mesma realidade trazia-o de volta à mesquinha contabilidade dos números e dos cifrões. Aprendera que custava menos construir uma casa

nova, de raiz, do que recuperar aquela. Para nenhuma hipótese tinha financiamento capaz. Depressa se dera conta de continuar poeta.

Além disso, havia o problema das partilhas que se arrastam por décadas. Todos querem acrescentar uns míseros tostões aos vinténs que já têm. No caso vertente, nem isso, apenas havia uma parte interessada. A outra apenas se manifestara contra a venda sem apresentar soluções ou alternativas. Na sofreguidão de tudo querer seria responsável pelo abandono e incúria a que a não venda votara a casa.

Entrementes, a existência tem de ser envelhecida onde existe trabalho e não onde as memórias e o respeito pelos antigos mandam. Sem querer, sem quase o pressentir o destino viera e ditara-lhe novo rumo. Dum dia para o outro deixara os sonhos de parte. Nunca os devia ter retirado do baú das memórias de infância. Muitos deles sempre o acompanharam pelas quatro partidas do mundo (Timor, Macau e Austrália) e partira no vórtice impiedoso que a vida impele. Embarcara dessa ilha transmontana para arribar no meio do Oceano Atlântico, num arquipélago mais conhecido pela sua história de fogo e outras calamidades, meros montes cataclísmicos flutuando à deriva entre a Europa e a América do Norte.

Deixara para trás os vestígios de roedores e suas marcas fecais onde outrora pousavam mãos de crianças. Tantas ali nasceram e quase todas morreram já sendo a sua mãe uma das últimas dessa geração. Toda uma miríade de insetos e pequenos animais, lentamente, se empossava da enorme propriedade. Os bichos pressentiam, ou antes sabiam, que vivalma ali entrava agora que JC partira... Fora ele com o seu profundo amor àquela terra e à memória dos seus avoengos quem mantivera o espírito da casa sempre vivo, com os seus sonhos e deambulações peripatéticas por projetos de reabilitação imobiliária. Ideias que nunca saíam do papel para onde não chegariam sequer a ser transpostas. Contra o silêncio e ausência dos proprietários e verdadeiros herdeiros. A casa dos seus sonhos fora fantasiada pelos seus bisavós e seus descendentes, toda a prole se fora sem deixar rasto e idêntico fim estava reservado ao vetusto casarão.

Não adianta sonhar. Dificilmente a casa aguentará mais uns invernos. Acabará por tombar como os seus donos anteriores. Cairá para o lado, para dentro ou para fora. Desabará como um baralho de cartas, assim sem aviso ou alerta. Não o saberá logo que hoje estas notícias demoram a chegar. Se cair para a rua terão de levar as máquinas e escavadoras para retirar os seus sonhos, perdidos e escaqueirados em mil pedaços. Tudo por causa de um primo direito, co-herdeiro juntamente com a sua mãe, que por entender que o casarão valia mais, não a vendera quando havia outro primo interessado. Assim se desvaneceu a hipótese de ser restaurada e permanecer na família. Depois de ela ruir não faltará muito para acontecer o mesmo ao resto da aldeia. Ficará abandonada enquanto as ervas e demais vegetação

medrarão nos escombros como aconteceu ao majestoso templo de Borobodur em Java (Indonésia) desaparecido na selva durante 500 anos até ser (re)descoberto em 1814...

A escola primária onde gostaria de ter andado foi encerrada há muito. Serve para albergar a Casa do Povo e a Junta de Freguesia. No toural, nem animais nem gente. As crianças já não riem, não galhofam, nem brincam no meio da rua. Há muito que ali não vivem, nem mesmo se veem as que vinham de férias, até essas deixaram de vir. O trânsito retornou ao fluxo dos anos cinquenta ou sessenta. Apenas um ou outro carro se digna acordar a aldeia da sua pacatez.

Um dos locais mais ativos da aldeia é o cemitério onde os poucos vivos ainda continuam a ir mudar as flores na campa e a dizer algumas preces, não deixando que as ervas daninhas se apoderem das tumbas dos antepassados. Até um dia em que mais ninguém ali vá derramar uma lágrima ou uma súplica *“in memoriam”*.

Mais acima, na Rua Direita que por acaso bem torta é, mantém-se altiva e relativamente bem conservada na aparência, a velha casa solarenga dos Gama ainda ocasionalmente ocupada pela presença de uma descendente octogenária. Os Gama e Mendonça eram aqueles a quem na infância JC tinha de ir prestar vassalagem. Nunca o esqueceria e mencionava-o sempre que podia desde que apresentou o Cancioneiro Transmontano em 2005.

*Eram Morgados de Vilarelhos, antigos donos do Cachão, obra inacabada e majestosa, que o 25 de abril matou juntamente com o sonho de tornar a região rica e agricolamente independente. Fora criada pelo Eng.º Camilo de Mendonça, um visionário.*

Construções novas quase não tinham surgido após um breve surto de regresso de emigrantes. Mas isso fora nos anos 80, na sequência da febre do 25 de abril, quando todos sonhavam com a riqueza infinda que a revolução dos cravos ia trazer às cooperativas agrícolas. Nem revolução, nem cooperativa nem regressos de emigrantes salvou aquelas terras condenadas pela falta de visão estrutural dos líderes políticos, esses pequenos reizinhos do oportunismo democrático que vivem monarquicamente almofadados no conforto fascista de Lisboa. Vive-se a era da ditadura democrática cujo fim único é dilapidar o país e as suas instituições a troco de uns cobres que Judas aceitaria.

A quinta da família (vulgo *“A Quinta”*), ainda ocupa todo o monte à entrada da aldeia, à esquerda de quem desce. É quase tão grande como a aldeia toda. Ainda tem agricultura e produz alguma coisa para outra prima que a herdou e lá não vive. A outra metade pertence a um primo setuagenário (irmão dos que vivem em Ponta Delgada) que já não tem tempo nem disposição para cuidar dela, agora que os dinheiros amealhados nas plataformas de petróleo

se foram, gastos pela mulher e filhos. Também já não há quem ande à jeira. Mesmo com dinheiro vivo para pagar não há quem trate dos campos.

Aqui, nem romenos nem moldavos se aventuram. Deve ser demasiado parecido com os seus países de origem. Talvez valesse a pena investir em iraquianos ou afegãos para manterem estas terras produtivas. Os frutos morrem de pé nas árvores que os produzem. Esta região, fértil desde o tempo pré-romano, sempre viveu dos campos, mas ora está a esvaír-se de gente e de agricultura. Sem escolas, sem sangue novo, sem crianças, sem casais novos que se queiram fixar. Para quê, pergunta-se? Resta esperar que os poucos sobrevividos se vão de vez, para ficar mais deserta.

Nigel, o seu filho mais novo por lá andou, em visitas várias, escoltando-o na busca incessante de pequenas recordações que pudessem acompanhá-lo no desfiar das memórias que ora traz à estampa. Fartara-se de beber água da Grichinha para ser feiticeiro. Perguntava sempre quantas vezes tinha de beber até se tornar num mago. Troçava do primo da mesma idade, o *Pispis*, que raramente lá ia e por isso jamais se iria tornar num bruxo da Eucísia, terra de feiticeiras. Acreditava piamente que quanto mais água da Grichinha bebesse, mais hipóteses teria de se transformar num.

Histórias antigas que talvez venha a guardar como o seu pai que, sistematicamente, insiste em regressar a origens que nem são geograficamente suas. Porque assume a ascendência transmontana se apenas lá ia em férias na juventude? Porque esquece toda a matriz regional geográfica do local onde estudou e viveu a juventude? Porque adota como sua, em idade madura, a terra de sua mãe e avós maternos? Há aqui, decerto um problema de identidade conflituosa que se esgrime e cuja solução foi encontrada nesta identificação tardia com a sua meninice. Seria isto a que a sua mulher se referia? Jocosamente comentara, que o problema existencial de JC era saber qual venceria o duelo, ele ou o seu alter ego.

Insiste em falar, repisar memórias, andanças de adolescência. Será porque recorda os bailaricos dos Bombeiros? As festas típicas ligadas às colheitas? Ou as procissões? Terá a ver com a anamnese do ritual da missa em que as cadeiras e genuflexórios dos homens da sua família se situavam em lugar mais elevado, em pleno altar? Ou com os genuflexórios das mulheres da família, mais abaixo, bastante à frente dos lugares do povo? A reminiscência das missas prolongadas e chatas seguindo o velho ritual em latim, mesmo quando no resto do país já eram parcialmente em Português. Nessas ocasiões, a igreja era pequena para tanta gente, em especial na celebração pascal. Havia altifalantes em volta da igreja para que os que não cabiam pudessem acompanhar as rezas. Ao sol e à chuva, mas sob a palavra divina que ajudava a fertilizar os úberes solos do vale da Vilariça. Hoje nem fiéis nem altifalantes. O padre só ocasionalmente aparece para uma missa de defuntos. Os sacerdotes já não se deslocam às



paróquias a pé ou de burro. Apesar da facilidade e modernice do automóvel, parece que dispõem de menos vontade para se moverem. Até os clérigos se aburguesaram e acomodaram, como a restante sociedade. Dantes, chovesse, nevasse, fizesse sol escaldante ou frio, nunca faltavam a uma celebração dominical, era essa a sua sagrada missão. Agora andam demasiado ocupados em tarefas menos importantes que a salvação das almas.

Recordava JC as colchas adamascadas pendentes das ventanas. Essas janelas, pequenas como seteiras, a que chamavam "*janelucos*" eram demasiado exíguas para dois adultos verem os andores. Dispunham de pequenos assentos, um de cada lado, onde a avó e as tias se sentavam a ver quem passava, tricotando ou crochitando. Desses "janelucos" também as criadas pressurosas deitavam os "verdes" para a rua (folhas frescas apanhadas nas imediações) aquando da passagem de toda e qualquer procissão, mas especialmente a pascal. Nesta ocasião, havia a sempre esperada cerimónia do benzer da casa. Fundamental para desejar boas venturas ao que nela habitavam ou nela transitavam em férias. O padre entrava a provar mais um cálice de vinho do Porto com o sacristão e seus acólitos. A família toda reunida ao cimo das escadas, muito compungida nas suas vestes dominicais, receberia as bênçãos. Assim se manteriam bons cristãos nos próximos doze meses. Todas essas bênçãos não chegaram para salvar a família das leis inexoráveis da morte, assim como não bastaram para salvar a casa, mas serviam, então, para manter viva a fé dos crentes que ali habitavam e delas necessitavam.

JC não sabia precisar quantas vezes lá estivera. Lembrava-se, em particular, duma Páscoa em que se juntaram todos os tios, primos e primas, do clã Magalhães, desde Alfândega da Fé ao Azinhoso, Mogadouro, ao Sendim da Ribeira, ao Porto e a Vila Real. A sala de jantar velha (que fora o quarto do seu bisavô) era pequena para tanta gente. Estava a abarrotar e até se conseguira encher a mesa comprida de doze lugares na sala de jantar mais nova. Havia duas cozinhas a funcionarem. As enormes salas de jantar cheias de gente. Essa será sempre a única Páscoa da sua vida que conseguiria evocar. A família toda junta, coisa importante hoje raramente vista. Todas as outras celebrações pascais se perderam na voracidade do anonimato e da rotina. Aquela perdurou, assim como a comunhão solene de uma primita no Azinhoso, na Pascoa de 1962, onde também estiveram todos, quase enchendo todos os quartos e camas disponíveis nesse outro enorme casarão.

Além dos arraiais e festas dos santos populares, merecia especial relevo nas suas memórias transmontanas, a apanha e o descasque da amêndoa. Era feita numa arrecadação, que mais tarde seria promovida a garagem, ao cimo da estrada privada que dava para a "Quinta" e junto à casa desta. A amêndoa era espalhada no chão em serapilheiras. Os jovens ajudavam. Os mais velhos e os assalariados trabalhavam no duro noite adentro. Havia cantigas.

Contavam-se histórias de antanho, verdadeira tradição oral popular que preservava a história de todo um povo.

Hoje, as pessoas pagam para ir ver as amendoeiras em flor como quem vai a um museu. Naquela época vivia-se em pleno museu, todos brincavam aos agricultores e comungavam as dádivas da natureza. Ninguém sabe apreciar o que tem até que seja demasiado tarde. As pessoas que vivem no Paraíso não o sabem e desdenham dele sempre em busca de coisas diferentes. São sempre os forasteiros que têm de lhes dizer como é bela a terra onde vivem.

*Ultimamente, o fogo tem sido responsável pelo desaparecimento de vastas áreas de amendoal, muitas delas já abandonadas. Como se trata de uma cultura pouco rentável os produtores substituíram-na pela vinha. Antigamente, a mão-de-obra era mais barata e a amêndoa pertencia ao ciclo do agricultor. Numa época tinha a amêndoa, a seguir o vinho e noutra o azeite. Metade dos produtores de amêndoa do Alto Douro já não fez colheita em 2006. A razão simples e unânime: Não compensa. Quando termina a época de apanha de amêndoa, é habitual ao percorrer a região, ver amendoais inteiros onde se adivinha que no próximo ano, as novas flores aparecerão ao lado dos frutos antigos.*

A apanha das cerejas era de maio a julho. Nela, nunca JC pudera tomar parte, em virtude de ocorrerem após a Páscoa o que impossibilitava a sua presença por colidir com o calendário escolar. Lembrava-se bem de as comer e deliciar-se com o extraordinário doce de ginjinha que dali saía pela mão da sua tia-avó. Ela mesma se encarregava de o despachar para correr meio mundo. Foi assim que esses frascos de compota caseira o encontraram em Timor e, mais tarde, em Macau. Uma iguaria da qual apenas a memória conserva cheiros e sabores. À Austrália não puderam chegar pelas severas limitações à entrada de quaisquer alimentos naquele continente. Assim se criou o mito das ginjinhas mais saborosas do mundo.

A Eucísia foi também berço de muitas criadas ou empregadas domésticas com nomes exóticos tais como Delmira e Delmina. Que lá na terrinha já havia uma América e uma Argentina que ainda eram suas parentes. Vinham tomar conta da sua irmã ou servir à mesa em casa dos seus avós. Eram jovens com a 3ª classe de instrução primária, tímidas, encavacadas pelo bulício citadino, que se sentiam sempre como um peixe fora de água e que mal podiam asinha regressavam à sua terra natal. Nem uma só quis ficar na cidade das pontes com mil luzes e atrações. Por volta dos quinze anos regressavam para ajudarem a família e buscarem noivo.

A verdade é que (para JC) as férias transmontanas foram sempre sinónimo de liberdade, apanágio da alforria do jugo paterno. Deverão ser vistas apenas nesta feição? Representarão algo mais do que essa libertação inatingível? Serão uma mera recriação mitológica que a saudade da distância intercontinental matizou em tons rosa? Não será apenas a voz mais forte

desse apelo inelutável que é o regresso às origens e raízes de cada um? As raízes não estão onde as queremos, mas onde as sentimos. O reencontro anunciado e desejado com a terra onde se foi feliz? Teriam sido os momentos de ventura do jovem JC? Dias e meses que as mentiras e hipocrisias da sociedade não molestaram? Ou seria aí o limbo da inocência perdida?

Podia andar no campo, brincar e jogar à bola com outros jovens. Mais tarde, na década de 1970, dois deles tornaram-se nos primeiros licenciados da aldeia, que não pertenciam à família dos Gamas ou aos Magalhães. Eram o Leonel (engenheiro) e o irmão Viriato (médico) a quem chamavam de “Ruço” por ser aloirado. Ainda eram aparentados, mas só o viria a descobrir, aos 55 anos nos Açores, quando o primo que vive em Ponta Delgada lho disse. Coisas que se não contavam: casamentos fora do esteio familiar ou com castas diferentes, não eram então tolerados ou perdoados. Daí resultava tratarem esses descendentes como estranhos.

Na Eucísia podia andar a pé e subir as escarpas íngremes no caminho para a "Quinta". Ocupava toda a encosta do lado sul da aldeia, logo à entrada, e descia até aos lameiros que o seu avô haveria de vender a um primo por troca com qualquer inutilidade. Podia tomar banho nos tanques de rega dentro da Quinta, fazer piqueniques com as primas e suas amigas nas férias grandes de verão, ir a pé até ao cimo da aldeia para ver a deslumbrante paisagem e, em especial, esse inesquecível pôr-do-sol de S. Sebastião sobre os montes vizinhos e o vale da Vilariça. No escaninho de memórias só os de Timor, em plena praia da Areia Branca vizinha de Dili, competiam com aqueles. Nenhum nascer do sol se lhe comparava.

*Podia, às escondidas, namoriscar as moçoilas da aldeia, repetir paixonetas mais típicas de uma obra de Camilo, Eça ou Júlio Diniz do que de meados do século XX.*

Sentia-se personagem de um qualquer livro deles, imaginava que as cenas que lia nos seus livros podiam muito bem terem acontecido ali.

*Achava piada ao modo de falar delas, e aos cognomes dos mais jovens. Havia o "Pincha Púcaros" sempre a saltar e um outro que era muito alto a quem chamavam o "Gambias".*

*Aos 15 anos, roubara um beijo, pouco furtivo, mas acalorado, a uma prima em pleno jardim da vila de Alfândega. Um beijo de guardar na memória de férias que lhe causara enormes ressentimentos de bom cristão em pecado. Logo se apressara a ir confessar-se ao sacerdote. Escapara apenas com umas Ave-maria e Padres-nossos e acabara por esquecer esse ósculo. Há mais de quarenta anos que não via a prima.*

Corria JC pelos trigais, rebolando nos fenos empilhados, sentando-se no chão à noite a admirar as mil e uma estrelas desconhecidas que só existiam em livros e cujos nomes lera sem

jamais as ter observado. Para além do silêncio pungente dessas noites, ouvira bem cedo em cada manhã, a chiadeira dos carros de bois. Chegara mesmo a distinguir a quem pertenciam os bois pelo chiar das carroças atulhadas de feno que ali passavam. Mantinha vivo no seu subconsciente auditivo, esse lancinante grito dos eixos mal oleados que se escutava muito para além da sua passagem enquanto se afastavam na sua rotina de itinerários agrícolas entre os campos e as lojas. Sobretudo no Azinhoso em que acordava bem cedo com esse som perene na estreita rua que saía para norte da igreja. Essa chiadeira ecoava nas pedras da calçada por entre as casas e dava-lhe conta de que a aldeia fervilhava de vida e esperava por si para as suas descobertas, os seus passeios a pé, por montes e vales ou montado num burro ou numa mula na descoberta dos mil e um mistérios que as aldeias sempre encerram para quem cresceu no bulício citadino.

Havia (nestas coisas há sempre uma mulher misteriosa que ocupa a mente do herói do livro) uma jovem mulher de tranças, ainda adolescente, de longos cabelos compridos e um nome a evocar lendas medievais. Platónica imagem de sorrisos trigueiros e olhos amendoados de promessas por cumprir. Era filha dum antigo caseiro. Tinha um irmão estava emigrado em França que vinha todos os anos de férias para mostrar o seu novo Peugeot 404, símbolo de sucesso na vida dura de escravo de patrões franceses.

Fora talvez esse o secreto namorico juvenil de férias com a núbil Benilde, nome de deusa, mas mera filha do antigo caseiro lá de casa. Uma jovem saudável e sorridente sem reminiscências da “*Benilde ou a Virgem Mãe*” sobre a qual José Régio escrevera em 1947.

Depois de cada jantar, ainda o sol ia alto, saía apressado sem entrar em detalhes para ir ter com ela. Partilhara muitos poemas e mais estrelas ainda. Pedia ao tempo para parar e tornar eternos esses momentos cheios da magia de amores juvenis impossíveis e, por isso mesmo, mais desejáveis. Ambos, esparramados ou deitados sobre o feno, à margem da estrada, num tempo em que as ruas eram apenas iluminadas pela loura *Phoebe* (deusa da lua na Mitologia).

Não só cuidavam de defenestrar os silêncios entrecortados de cigarras e grilos, como admiravam os tremeluzentes faróis disfarçados por entre as árvores, lá ao longe, no alto do monte, na estrada poeirenta de Alfândega da Fé. Eram raras as viaturas e menos ainda as que se aventuravam de noite. No silêncio dessas noites estreladas podiam ver as viaturas ao longe nas cumeadas de outros montes, ora aparecendo, ora desaparecendo, furtivamente, uma luz aqui, uma acolá. Dava para distinguir se era uma viatura ligeira ou pesada, calculando o tempo que demoravam a percorrer pequenos troços do horizonte noturno. Sabia-se de onde vinham e para onde iam, podia até adivinhar-se se eram forasteiros ou locais pela sua velocidade.

As conversas trespassavam dois mundos que nunca se entrecruzavam: o do cidadão JC com experiências e vivências localmente desconhecidas e o mundo da jovem aldeã de braços fortes, ancas bem torneadas não demasiado largas, pernas firmes, mas levemente musculadas e peitos bem airosos, habituados às duras lides agrícolas e da casa. Um belo espécime feminino concebido com um físico saudável que não temia maleitas ou doenças para poder ajudar os pais no sustento da casa.

Não tivera tempo para grandes estudos, além da quarta classe feita com o apoio da tia de JC, que fora mestre-escola, aliás regente escolar de quatro gerações na aldeia da Eucísia. Mas tinha interesse em saber de outros mundos e vivências. Gostava de ler sub-repticiamente qualquer livro que em casa não havia muito disso. Gostava dos poemas delicados do jovem JC, queria saber da vida na grande cidade, nesse mundo por descobrir, cheio de mistérios e de coisas novas e diferentes. Tempos sem malícia nem sordícia que a ingenuidade dos anos não deixa esbater. Fora ali que vira realmente as estrelas, pela primeira vez com olhos de ver, e se dera conta do tamanho do firmamento.

Não sabia o que acontecera à família e muito menos à atraente Benilde com quem partilhara sonhos proibidos na idade em que tudo ainda é possível e nada parece inalcançável. As tias até achavam piada àquele encantamento com uma mulher da terra. Hoje andaria provavelmente emigrada, casada com outro despojado dessa ou doutra aldeia, teria engordado desmesuradamente, atando os cabelos ainda longos, mas já esbranquiçados num carrapito atrás e seguida por um ror de filhos com netos ranhosos e barulhentos. Ou talvez não. Tudo o que pudesse ter sido sonhado se esvaía e nem na memória teria ficado guardado que a vida não se compadecia com esses devaneios.

Embora a casa dela ainda lá continuasse, jamais vira viva alma nas suas incursões já no século XXI e não havia a quem perguntar sobre o destino da jovem que ali compartilhara estrelas estirada nos trigais na berma da estrada em noites de luar. O edifício sobradado mantivera-se igual. O alpendre da varanda mudara de madeira para cimento numa clara concessão ao modernismo que infestara toda a aldeia e vira mamarrachos de ferro forjado e alumínio, substituir fachadas ancestrais e originais.

De que ilusões teriam falado dois adolescentes naquelas noites sussurradas? Que sonhos acalentariam, que loucas poesias e utopias teriam escrito? Palavras que a brisa noturna levava com os pirilampos a acenderem céus de idílios, mitos e fantasias. Nem ele sabia. Por mais que se esforçasse a sua imagem aparecia esbatida, sem rosto, apenas os cabelos longos ao vento e um sorriso feliz e aberto de ponta a ponta. Como JC ainda não fumara, tivera a novel experiência de trincar uma palha seca ao canto da boca, como eram dantes caricaturados os aldeões. Pensava que se o fizesse estaria se integrando no meio ambiente que o cercava.

Depois, as férias terminaram, o ramerrame quotidiano da vida na cidade tinha-se imposto às recordações desse verão. Havia o liceu, as aulas, as exigências da vida na grande urbe, as solicitações várias, e todos esses sonhos, promessas e utopias tinham ficado escondidos no negrume das noites sem estrelas da grande cidade.

Só agora, muitas décadas depois, pudera visitar tais memórias. Era obviamente tarde demais para recordar fosse o que fosse, e conquanto vivesse agora noutra aldeia rural, rodeado por vacas alpinistas, montes verdes e um mar imenso, os tempos eram outros, a idade também e mesmo à noite as estrelas lhe pareciam menos brilhantes e em menor número.

---

## **16. A EXPULSÃO DOS JUDEUS**

### **16.1. A PERDA DA MASSA CINZENTA**

Uma questão que sempre atraiu JC, mesmo antes de se saber e assumir como descendente de marranos, foi o que determinou a expulsão dos judeus de Portugal, sendo eles fundamentais e uma verdadeira “mina” de ouro para a coroa. Habitara-se a saber que na sua infância em Trás-os-Montes as maiores fortunas em olivais eram todas, pertença de “judeus” muitos deles casados e no seio da sua família. Outros eram donos de vastas terras vizinhas e contíguas às da família.

Com o advento do Cristianismo, foram criadas leis discriminatórias contra os judeus. Primeiro, pelos romanos, e depois pelos bárbaros (Visigodos) que invadiram a península em 409 d.C. Foram proibidos os casamentos entre judeus e cristãos e instituída uma conversão forçada ao cristianismo (que não parece ter surtido grande efeito, visto que outras conversões em massa se seguiram). Em 711 d.C. as tropas mouras invadem a Península Ibérica e derrotam os visigodos. Os mouros foram encarados como libertadores pelos judeus, uma visão até certo ponto correta, visto que Cristãos, Judeus e Sabeus (uma categoria nebulosa que incluía os hindus, por exemplo), eram incluídos pelos muçulmanos no grupo dos “Povos do Livro” (Bíblia, Tora, etc.). Os que professavam tais crenças podiam continuar a praticá-las sob domínio islâmico, desde que pagassem a taxa “jizya” e respeitassem as leis islâmicas.

Com a Reconquista da Península Ibérica, os judeus em Portugal gozavam de relativa liberdade gozando de destaque na vida pública como diplomatas, conselheiros reais, administradores, médicos, matemáticos, astrónomos, comerciantes e banqueiros. A maioria tinha profissões modestas (alfaiates, sapateiros, tecelões, pastores e comerciantes), mas o povo descontente sentia “*a cristandade submetida à jurisdição judaica*” e os judeus começaram a ser vítimas de perseguições e violência.

Dom Afonso Henriques conquistou Santarém (1147) e serviu-se da comunidade judaica local, como colonizadora e povoadora do reino que se formava. O aio e conselheiro do rei Egas Moniz era um sefardita português. Quando o primeiro rei entrega a Yahia Aben-Yaisch o controlo da arrecadação das rendas públicas, inaugura a política protecionista que continuará até D. Manuel I pois precisavam dos judeus, e das suas largas fortunas pessoais para ajudarem a Corte a sobreviver, pagando pesadíssimos impostos e tributos.

*D. Dinis, filho de Afonso II e, como este, envolvido em questões com o clero ambicioso, em nada modificou a posição favorável em que se encontravam os judeus. Dispensou-os do uso dos distintivos e do pagamento da dízima à Igreja, e concedeu privilégios especiais a indivíduos e a comunidades inteiras. D. Dinis firmou com os 19 judeus de Bragança um tratado após a sua ascensão ao poder (1279), o que nos fornece uma excelente visão das condições da época. Bragança tornou-se, posteriormente, um dos centros judaicos. Por lá passaram (1492), muitos fugitivos de Castela e após a conversão forçada (1497) ali predominavam os marranos. Mas os mais importantes estavam na Guarda. Durante a expansão marítima aquela abastada judiaria foi das que mais contribuíram para a cruzada das expedições e defesa do Reino. Para se fazer ideia das recolhas de dinheiro, em 40 anos, bastará referir as seguintes:*

Os judeus pagavam muitos impostos, sendo o mais antigo a juderenga, tal como em Castela onde Sancho II (1295) fixara a capitação em 30 dinheiros. Com a introdução do rabinato estabeleceu-se nova taxa para a Coroa além da taxa corporal. Cada judeu pagava um maravedi como tributo corporal e todos pagavam para o incremento da marinha, desde Sancho II. Por cada nau que o rei equipasse, forneciam uma âncora e uma amarra com 60 côvados de comprido ou pagavam 60 libras. Cada judeu pagava anualmente um "serviço real". O rapaz (7-14 anos) pagava cinco soldos. A menina (7-12 anos) pagava dois soldos e meio. As maiores de 12 anos, solteiras, pagavam meio maravedi e o solteiro que vivesse na casa paterna pagava o dobro. Homens e mulheres, solteiros ou casados, eram taxados em 20 e 10 soldos, respetivamente. As colheitas agrícolas e transações comerciais também estavam sujeitas a taxas.

No reinado de Afonso V a situação dos judeus era extremamente favorável. Nenhum monarca os protegera tanto, parecendo que todas as leis canónicas e restrições vigentes tinham sido repentinamente suspensas. Viviam fora das judiarias, não usavam distintivos, pavoneavam-se em cavalos ricamente enfeitados com custosos arreios, envergando longas túnicas e finos capuzes, com coletes de seda e espadas douradas. Exerciam cargos públicos. Como burgueses livres negligenciavam muitos deveres religiosos. As liberdades que Afonso V

Ihes concedera nunca foram bem vistas pela ignorante população e pelo clero corrupto o que estimulou o ódio da plebe.

Em 1438, a judiaria da Guarda pagou 30 700 reais a D. Duarte para a expedição militar a Tânger. Dois anos mais tarde emprestava ao regente D. Pedro (irmão do infante D. Henrique) 97 600 reais para a expedição de D. Pedro de Castro às Canárias. Em 1479 contribuíram para a defesa do reino com 170 715 reais, emprestando à Coroa, 80 mil. Ainda hoje, a cidade da Guarda conserva um bairro que mantém o aspeto geral da judiaria, arruamentos e casas, não obstante as alterações verificadas nos últimos decénios. Desde o repovoamento de D. Sancho I até à expulsão (1496), sempre ali houve judeus. Sabemo-lo pelo foral sanchino e pelo foral novo de D. Manuel I, de 1510.

Antes da conversão forçada são bem identificáveis os judeus portugueses. Tinham um estatuto jurídico e fiscal distinto. Aparecem na documentação do reino, com a indicação de judeus ou da nação judaica. São várias as cartas de privilégio passadas pelo rei, escusando-os de usar o sinal, de pernoitar nas judiarias, permitindo-lhes andar por todo o reino, nalguns casos montados e armados. Podiam mesmo ter a qualidade de vizinhos, como Isaac Abravanel, mercador em Lisboa, que em 1472 o rei recebeu por vizinho, com todos os privilégios, liberdades e franquezas, como os cristãos vizinhos e moradores da dita cidade.

*As casas da judiaria são baixas. Térreas ou de um só andar. As casas sobradadas do povo foram raras até ao séc. XIV, multiplicando-se a partir daí. As moradias dos mercadores apresentam uma porta estreita e uma larga. Esta abria para a loja. A estreita dava entrada para a residência assoalhada sobre a loja de comércio. Muitas destas casas têm as ombreiras e torsa trabalhadas em bisel, na porta de entrada da habitação e na do comércio. O Largo da Judiaria, apesar das adulterações, é um recanto da Guarda primitiva e da modéstia dos seus edifícios. O comércio e o desenvolvimento agrícola, prosperando nos séculos XVI e XVII, modificaram o ruralismo e introduziram a arquitetura pesada quinhentista a que se seguiu a filipina, com cornijas salientes, gárgulas de canhão, pátios e amplas salas.*

*O casamento entre judeus e cristãos estava proibido, bem como as relações carnis, havendo mesmo casos de condenação. Muitos eram rendeiros, da criação do rei e seus servidores, tendo participado nas conquistas de Ceuta e Tânger e desempenhavam funções nas judiarias e respetivas câmaras, como vereadores, escrivães, ouvidores. Pode dizer-se que a comunidade judaica era mais rica do que o povo e até do que muita nobreza, sobretudo após o êxodo de Castela...*

O estatuto social e económico de algumas famílias judias era muito alto; os homens tinham o tratamento de Dom e as mulheres de Dona. Podiam instituir e possuir morgadios, como



Gabriel Ben Crespo, de Lisboa que em 1450 teve confirmação real da doação de um morgadio, com todos os privilégios, honras, graças, mercês, liberdades, usos e costumes. Certos judeus ou cristãos-novos chegaram à nobreza portuguesa, como os Castro do Rio e o rico mercador Jacob Baru, falecido em 1471, cujo filho foi para a Holanda e depois para Inglaterra, onde o rei Eduardo IV o batizou de pé com o nome de Edward Brampton, o armou cavaleiro (*como Sir*) e lhe deu o governo da ilha de Guernsey. Com a morte do rei, voltou a Portugal, adotando o nome de Duarte Brandão, comprou a D. João de Almeida a lezíria da Corte dos Cavalos, no termo de Azambuja, e a Martim de Sepúlveda a vila de Buarcos, com as marinas de Tavarede e a dízima nova de Montemor. Tudo bens da coroa que D. João II lhe doou de juro e herdade em 1487, sendo então já do Conselho deste rei e continuando a sê-lo com D. Manuel.

Paradigmático é o caso dos Espargosa e dos Alte, nobilitados, e retroativamente os seus ascendentes. O doutor Cristóvão Esteves de Espargosa, desembargador da fazenda de D. João III, e a mulher Isabel da Pinta, foram senhores da quinta de Espargosa, no termo de Mértola, que instituíram em morgadio (1543), vinculando-lhe a quinta de Vale da Pinta, no termo de Santarém, a herdade do Moutinho, no termo de Mértola, e a quinta da Silveira, no termo de Évora. Cristóvão Esteves foi nobilitado, adotando o nome da quinta (*Espargosa*), que D. João III privilegiou como solar da família e a quem deu carta de armas novas. Era judeu batizado de pé, filho de Mestre Estêvão (*Isaac antes do batismo*), boticário em Beja, e de sua mulher Branca Esteves. O Doutor Cristóvão Esteves, que em 1533 teve de D. João III carta de privilégio que supria o seu «defeito de nascimento», foi primeiro procurador da fazenda, desde 1518 até 1521. De Cristóvão Esteves foi irmão o licenciado Bernardim Esteves de Alte, desembargador do Paço, senhor da herdade de Alte, no termo de Serpa, de que tirou o nome e que também foi nobilitado por D. João III e confirmado por D. Filipe I em 1583, sendo pai do doutor Cristóvão Esteves de Alte, nascido na corte de Lisboa, doutorado em Leis pela Universidade de Coimbra a 9 junho de 1553, onde foi lente (16 novembro de 1551), sendo também chanceler e desembargador da Casa da Suplicação, e do doutor Bernardim Esteves de Alte, lente de Vocações (1553) da Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, desembargador da Casa da Suplicação e do Paço. O rei fez o licenciado Bernardim Esteves «*Fidalgo, e nobre como se toda sua avoenga o fora*», e como «*se o dito sollar fora antigo, e os Pays, Avós, bisavós, e tresavós dos ditos L.dos Bernardim Esteves e Simão Gonçalves Preto, seu genro, fossem Fidalgos de sollar conhecido*».

Lisboa tinha diversas judiarias. A mais antiga na Pedreira, entre os conventos do Carmo e Santa Trindade, e a mais recente no bairro da Conceição. A partir de 1457 existiu uma terceira, Alfama. As maiores ficavam em Santarém, Lamego, Bragança, Guimarães, Évora, Alcácer, Coimbra, Viseu, Porto, Chaves, Leiria, Trancoso, Alvito, Guarda, Alenquer, Elvas, Estremoz, Faro, Covilhã, Beja, Penamacor, Castro Marim, Miranda, Mesão Frio, Barcelos e Vila Viçosa. Havia judeus em várias localidades.

*Os judeus portugueses viviam em Portugal desde épocas imemoriais. Talvez tivessem sido trazidos pelos romanos. Em 1300, na tomada de Santarém aos mouros, foi encontrada uma sinagoga. Existiam Judiarias, chamadas Alfama ou Rua dos Judeus, em quase todas as cidades. Lisboa tinha três comunidades, com escolas, talhos kosher, sinagoga e com seu Arrabi-mor, o rabino chefe. A comunidade judaico-portuguesa era de 100 mil pessoas numa população de um milhão de habitantes. Duplicou a partir de 1492, aquando da expulsão de Espanha. Muitos eram ricos banqueiros ou mercadores, mas, a maioria eram artesãos, alfaiates, sapateiros, armadores, boticários, médicos, ferreiros.*

Durante o período áureo das Descobertas, Portugal apoiou os Habsburgos, que vieram de Veneza por Lisboa. Os Reis sem dinheiro para projetos tão dispendiosos fizeram acordos com Veneza, por intermédio da Igreja que em troca mandava, em todas as expedições, os seus representantes para dilatar a fé.

A Família Afaitatis, de Veneza, financiou os Descobrimientos de Portugal, Espanha, Inglaterra e França. Outros banqueiros financiaram a 2ª viagem, de carácter comercial, de Vasco da Gama à Índia (1502), e a volta ao mundo de Fernão de Magalhães.

Com a ascensão de D. Manuel I ao trono (1495), os castelhanos escravizados foram libertados. Todavia, o casamento com a princesa Isabel incluía uma cláusula que exigia a expulsão dos hereges (mouros e judeus) do território. D. Manuel tentou fazer com que a princesa reconsiderasse, já que precisava dos capitais e do conhecimento técnico dos judeus, mas em vão. Em 5 de dezembro de 1496 assinou o decreto de expulsão dos hereges, concedendo-lhes dez meses para deixarem Portugal. Foi então que casou (pela 3ª vez) com a Infanta D. Isabel, filha dos Reis Católicos, Fernando e Isabel de Espanha. A cerimónia em Sevilha foi repetida na igreja de Sta. Maria em Estremoz. Uma das exigências do dote deste casamento era a expulsão dos judeus. Sabe-se que a vontade do rei não era essa.

Ao longo da história nunca cessaram os casamentos de príncipes e princesas com a Casa Real do país vizinho e doutros mais distantes. Desses casamentos, por conveniência, surgiam mais-valias políticas ou mais benfeitorias económicas, para perpetuarem a independência da Real Coroa Portuguesa.

D. Manuel cedeu barcos a algumas famílias abastadas para saírem do país, entre elas a do banqueiro Isaac Abravanel e a de Abraão Zacuto, cosmógrafo, matemático e filósofo que aperfeiçoou as Tábuas de Navegação, que permitiram as navegações portuguesas. D. Manuel I não queria expulsá-los, tentou evitá-lo e cometeu atrocidades contra o seu carácter. Os judeus

emprestavam dinheiro à Coroa e pagavam muitos impostos. Para Eduardo Mayonne Dias (Universidade de Califórnia) na obra *“Os cripto-judeus da Faixa Fronteiriça Portuguesa”*,

‘D. Manuel não tinha interesse em expulsar a comunidade, destacado elemento de progresso na economia e profissões liberais. A esperança era que, retendo os judeus, os descendentes pudessem eventualmente, como cristãos, atingir um maior grau de aculturação’.

.A grande massa dos judeus de Lisboa ficara “a ver navios” prometidos pelo rei. Era o que o monarca, ou quem o manipulava, queria. Há sempre na Corte uns tantos que dizem ao rei o que ele quer ou não. Tal como hoje, nunca nos devemos fiar nas promessas dos políticos. Pensava o rei que a maioria ficaria em Portugal como cristãos-novos quando permitiu que optassem pela conversão ou desterro, esperando que muitos se batizassem, isentando de inquérito ou perseguição religiosa todos os cristãos-novos durante vinte anos, o que significava que, mesmo depois de batizados, poderiam continuar a ser judeus e, por fim, mandou batizar à força os renitentes. A comunidade desaparecia, como entidade autónoma, mas os judeus, suas fortunas e capacidade de trabalho, permaneceriam ao serviço do reino. D. Manuel podia proclamar a “limpeza” de Portugal e desfrutar do que sempre possuiu. Em outubro, data limite para a conversão, D. Manuel, assustado com a ideia de que os judeus pudessem esconder as crianças, determinou que fosse executada no domingo de Páscoa...

Os judeus, contudo, resolveram abandonar o país. O rei, ao ver falhar a sua estratégia para impedir a fuga, manda fechar todos os portos, menos o de Lisboa. Ali se concentraram 20 mil esperando transporte. Em abril de 1497, manda sequestrar as crianças judias menores de 14 anos, para serem criadas por famílias cristãs, o que foi feito com grande violência.

*Dera ordens aos sacerdotes para batizarem os que estavam no Cais da Ribeira à espera dos barcos que não haviam de chegar. O país viu-se palco de grandes tragédias. Os cronistas contam que o desespero era grande entre os judeus arrastados para a pia baptismal. Os que resistiam foram arrastados pela população, incitados por clérigos fanáticos com a complacência policial. Outros eram aspergidos com água benta nas cabeças a fim de se tornarem oficialmente cristãos. Mães lançaram os filhos ao mar ou suicidaram-se, rejeitando o “batismo em pé”. Os menores de catorze anos eram arrancados às mães e entregues a famílias cristãs para adoção ou degredados para S. Tomé e Príncipe, onde grande parte morreu devido às condições inóspitas.*

Aquando da sua segunda viagem em outubro de 1493, Cristóvão Colombo cruzou-se no mar com os navios em que se encontravam deportados esses jovens, que deviam povoar a colónia. Fontes judaicas afirmam que a maioria sucumbiu: umas no decurso do trajeto, outras com o clima da ilha.

Note-se a desigualdade da ação, pois também os mouros eram passíveis de expulsão. Não lhes tiravam, porém, os filhos. Por que razão seriam poupados? A resposta encontra-se na obra *Crónica de Dom Manuel* de Damião de Góis:

*"A causa foi porque de tomarem os filhos aos judeus, se não podia recrescer nenhum damno aos christãos, que andam espalhados pelo mundo, no qual os judeus por seus peccados não tem reinos, nem senhorios, cidades nem villas, mas antes em toda a parte onde vivem são peregrinos e tributários, sem terem poder nem authoridade para executar suas vontades contra as injurias e mal que lhes fazem. Mas aos mouros por nossos peccados e castigo permite Deus terem occupada a mór parte da Asia e Africa e boa da Europa, onde tem impérios e reinos e grandes senhorios, nos quaes vivem muitos christãos debaixo de seus tributos, além dos que muitos tem captivos e a todos estes fora mui prejudicial tomarem-se os filhos dos mouros porque aos que se este agravo fizera, é claro que se não houveram de esquecer de pedir vingança dos christãos...e sobretudo dos portugueses."*

Os judeus não tinham quem os protegesse, mas os árabes possuíam príncipes e reinos poderosos que poderiam pôr em perigo a própria estabilidade portuguesa bem como vingar-se nos súbditos do país que vivessem nos seus territórios. Damião de Góis, dentro da conceção na época, de que os judeus constituíam uma nação (sempre foram chamados "os da nação" ou "gente da nação") compreendeu que sem impérios, reinos ou poderosos príncipes que os defendessem, estariam à mercê dos perseguidores, que poderiam fazer o que bem entendessem.

*No século XVI, a visão de Damião de Góis tornava clara a necessidade de os judeus terem um estado ou reino. Através da sua sensibilidade, foi um dos primeiros europeus com a visão do que viria a ser o movimento sionista.*

Portugal tornara-se o País mais rico da Europa nos 10 anos após Vasco da Gama ter efetuado a primeira viagem à Índia.

Quando morreu em Portugal o banqueiro Afaitatis, o seu filho Juan Carlos, mudou-se para o castelo de Seltsaen, Antuérpia, para ali gerir os seus negócios. Mais tarde mudaram-se para a Flandres, as famílias Ximenes, Teixeira de Sampaio, Duarte e o Barão Rodrigues, de Évora, que era o mais poderoso do grupo, com tal importância que ainda hoje existe uma lápide na rua Meier em Antuérpia, no prédio onde este grupo tinha a sede.

D. Manuel, seduzido perante tanta riqueza, inventou uma nova dízima sobre as mercadorias das Índias. Contudo, a dízima e a expulsão dos judeus, levaram a que as armadas rumassem diretamente para a Flandres e o centro de negócios se deslocasse para Bruges e, depois, para Antuérpia, Roterdão e Amsterdão, ficando a Flandres, como plataforma de distribuição europeia das mercadorias das Índias. Lisboa deixou de as distribuir e Portugal passou de país mais rico da Europa a pobre. Mais de 500 anos depois a história repete-se. Esbanjou-se o ouro acumulado (desde a guerra de 1939 até 1974) e emigrar tornou-se, de novo, uma necessidade de sobrevivência em especial para os mais novos que não conseguem trabalhar.

*Dos batismos em massa e à força surgiram os marranos ou cripto-judeus, que praticavam o judaísmo em segredo, mas professavam publicamente a fé católica. Os "cristãos novos" nunca foram realmente aceites pela população "cristã velha", que desconfiava, justificadamente, da sinceridade da fé dos conversos. Essa desconfiança evoluiu para a violência explícita no Pogrom de Lisboa (1506):*

*A peste grassava na cidade desde janeiro, fazendo dezenas de vítimas por dia. Em abril, insuflados por clérigos fanáticos que culpavam os "cristãos novos" pelas calamidades como a peste, a seca e a fome, o populacho investiu contra eles, matando mais de dois mil homens, mulheres e crianças. Assim se iniciava nova diáspora judaica, para o norte da Europa onde fundaram comunidades nos Países Baixos, [sul de] França e Médio Oriente.*

Após a expulsão dos judeus da Espanha (1492) e de Portugal, o mundo árabe acolheu parte deles e deu-lhes, tal como aos cristãos, o estatuto de *dhimmi*, inferior ao dos muçulmanos, claramente mais favorável que o de seus correligionários na Europa, preservando-os das perseguições recorrentes que sofreram na Europa. Judeus portugueses seguiram para Nova Amsterdão (*posteriormente Nova Iorque*), onde fundaram uma das mais antigas comunidades judaicas.

Ao Brasil, chegaram com os holandeses a Belém do Pará, embora houvesse judeus convertidos na expedição de [*Pedro Álvares*] Cabral que "descobriu" o Brasil em 22 abril de 1500, como Gaspar Lemos, Capitão-mor, que gozava de grande prestígio junto do Rei. Podemos imaginar a alegria com que regressou a Portugal, levando a boa nova: descobria-se um paraíso cheio de rios e montanhas, fauna e flora jamais vistos. Não seria a "terra escolhida" para os seus irmãos hebreus?

*Muitos fugiram para a Beira Alta e Baixa tornando-se cripto-judeus. Os que se converteram passaram a "marranos" (de porcos), "conversos". Por ironia, saliente-se que*

*os cristãos-novos portugueses, radicados no sul da França (sec. XVII-XVIII) eram conhecidos por "Messieurs les portugais". Português como sinónimo de judeu.*

Com a expulsão dos médicos e dos vários eruditos sefarditas portugueses, o país sofreu uma perda irreparável de valores intelectuais que até hoje não recuperou. As outras nações ganharam com a inteligência e qualidades profissionais. Depois da Inquisição surgem nomes famosos de médicos portugueses na Europa, como professores das faculdades de medicina e médicos privados dos reis e rainhas:

*João Rodrigues Castelo Branco, aliás Amato Lusitano, além de médico foi botânico em Antuérpia, professor de medicina em Ferrara e tratou o Papa Júlio III.*

*Abraão Zacuto foi médico do rei D. João II e astrónomo. Como matemático escreveu o "Almanach Perpetuum" e fez Tábuas de Navegação, usadas por Vasco da Gama (e por um judeu sefardita português de nome Cristóvão Cólon) na viagem às Caraíbas em 1492.*

*Durante a estadia de Zacuto em Tomar (nome que significa montanha) construiu-se a Sinagoga do Arco ou Zarco. Na armada de Cólon estava Mestre Luís de Torres que além de poliglota era sefardita português.*

*Isaac Abravanel sefardita português médico do Conde de Bragança (condenado à morte por conspiração contra o Rei D. João II) fugiu para a Turquia sendo médico particular do Sultão Mahmud II, o Grande.*

*José Vezinho (de Viseu) foi médico do rei, matemático e astrónomo. Trabalhou nos projetos da Escola de Sagres e foi membro da Comissão que reviu o plano de Colombo para chegar à Índia pelo ocidente.*

*Até à Inquisição (1497) todos os reis de Portugal foram tratados por médicos sefarditas e todos trataram bem os judeus por lhes reconhecerem capacidade profissional, na medicina, cirurgia, matemática, finanças e no artesanato*

*Daniel Fonseca fugiu para França e foi Médico do Príncipe de Budapeste.*

*Judah Abravanel em Nápoles, Génova e Veneza foi médico famoso.*

*Filoteu Montalto foi para Florença. Como Médico do Duque Frederico tratou as enxaquecas da Rainha Catarina de Médicis, em Paris, com pós de tabaco, que eram "as ervas milagrosas".*

*Jacob Martinho professor de medicina na Universidade de Roma e médico do Papa Paulo III.*

*Rodrigues da Fonseca foi professor de Medicina em Pisa e Pádua.*

*Fabrizio de Água Pendente foi professor de anatomia em Bolonha e descobriu as válvulas nas veias profundas das pernas e coxas.*

*Abraão Cresques (?-1387) – Nasceu em Palma de Maiorca, sendo um dos maiores mestres cartógrafos. Recebeu do rei de Aragão o título de "Mestre dos Compassos e dos Mapas". Encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris, oferecido ao rei da França pelo de*

*Portugal, o seu famoso "Atlas Catalão". Mais tarde ao serviço do rei de Portugal, o filho Judá Cresques, auxiliou-o no desenvolvimento da ciência cartográfica. Tornou-se chefe do Observatório Náutico de Sagres com o nome de Jácome de Maiorca.*

*Pedro Nunes (1492-1577) marrano, sefardita, cosmógrafo, matemático e um dos mais destacados astrónomos náuticos. Foi professor do jovem príncipe D. Luís.*

*Escreveu:*

*a) "Tratado sobre a Esfera" (1537) iniciando a moderna cartografia, b) "Tratado sobre a Carta de Marear", c) "De arte atque rationale navigandi", Tratado sobre Dúvidas de Navegação e d) "Annotationes", sobre a teoria planetária de Purbachio. Foi o primeiro observador do coração do escorpião (1541). Traduziu parte do "Tratado de Geografia" de Ptolomeu, do latim para o português. Apesar de viver no auge da inquisição, conservou-se secretamente ligado ao judaísmo.*

*Rodrigo de Castro foi para Hamburgo e tratou da Rainha Cristina da Suécia.*

Os cristãos-novos em Portugal, quando eram batizados, adotavam o nome do padrinho, ou traduziam os nomes hebraicos para o português. É difícil hoje pesquisar para se saber quem descende de judeus. Todos os apelidos portugueses foram usados, inclusive nomes de cidades (Porto, Lisboa, Almada), de árvore (Carvalho), e de animais (Leão e Lobo, símbolos totémicos das tribos de Judá e de Benjamim).

***Os judeus tinham nomes clássicos, embora não exclusivos, de origem cristã-nova, como se comprova na Guarda*** (ex. Mendes, Cardoso, Costa, Pereira, Henriques, Cruz, Dias, Baltazar, Vizinho, Gomes, Ramalho, Nunes, Flores, Franco, Vaz, Pinho, Teles, Faleiro, Elias, Mesquita, Oliveira, Ranito, Benjamim etc.). *Nas listas de processados como judeus ou cristãos-novos, encontram-se milhares de nomes genuinamente portugueses, enquanto os nomes hebraicos raramente são mencionados. Qualquer apelido português poderá ter sido, em algum tempo ou lugar, usado por um judeu ou cristão-novo.*

*Não escaparam apelidos bem cristãos, como "dos Santos", "de Jesus", "Santiago", etc. Alguns surgem com maior frequência: "Mendes", "Pinheiro", "Cardoso", "Paredes", "Costa", "Pereira", "Henriques", etc. O de maior incidência, no entanto, é "Rodrigues." Claramente patronímico português só há um, associado a um primeiro nome cristão. Trata-se de Álvaro Gonçalves, judeu de Évora, que em 1454 teve perdão da justiça régia por fuga da prisão. Era converso ou descendente de judeus de Castela.*

*Outro batismo famoso foi o de Gaspar da Gama, intérprete de Pedro Álvares Cabral, que foi o primeiro cristão-novo a pisar oficialmente o solo brasileiro. Foi encontrado em Anediva, Índia, em 1498, quando Vasco da Gama lá chegou pela primeira vez na descoberta do caminho marítimo, com o nome islâmico de Yusuf Adil, dizendo-se natural*

*da Polónia e falando vários idiomas, entre eles o espanhol. Vasco da Gama obrigou-o a ser batizado, oferecendo-se como padrinho e dando-lhe o nome de Gaspar da Gama. Embarcado para Portugal sem a família, já que a mulher se recusou e fugiu, tornou-se famoso na Corte como Gaspar das Índias e ganhou muitas mercês. Convocado por Cabral integrou a frota como marinheiro e intérprete ou "língua" como chamavam na época. Esteve ligado ao contrabando proibido de Bíblias hebraicas para as sinagogas orientais, principalmente a de Cochim, a mais antiga do Oriente, que funciona desde o século XVI. Essas bíblias, rolos contendo em hebraico os cinco primeiros livros da Bíblia a que chamam Tora, tinham sido confiscadas nas sinagogas de Lisboa e de outros lugares. Mas Gaspar safou-se destas acusações e teve vida de fidalgo em Portugal.*

Grande parte dos judeus sefarditas portugueses fugiu para Amesterdão, onde construíram a maior Sinagoga no mundo. É nesta cidade que encontramos nomes de médicos sefarditas portugueses como Fernando Mendes, que foi para Londres sendo médico particular da Rainha Catarina de Bragança, mulher do Rei Carlos II, que sofria de gota. Receitou, pela primeira vez na Inglaterra, a colquicina, medicamento que ainda se usa no mundo inteiro para tratar ataques de gota!

Da Holanda foram para o Recife, quando os holandeses roubaram a Portugal este território. Seguiram para Curaçau e Nova Amesterdão que mudou o nome para Nova Iorque, quando os ingleses a conquistaram.

*Foram os sefarditas portugueses que ensinaram os ingleses a fritar peixe, porque levaram com eles o azeite português! Foi, alegadamente, a Rainha Catarina de Bragança quem ensinou os ingleses a beber o "chá das cinco". Levou também o uso do garfo para a Casa Real Inglesa e as tangerinas! Foi esta Rainha que deu o nome ao maior bairro de Nova Iorque ("Queens"). A Primeira Rainha de Bristol era portuguesa e no primeiro mapa de Bristol (1680) aparecem ruas com o nome de "King" (Carlos II) e de "Queen" (Catarina de Bragança) e outra rua que dá seguimento a esta com o nome de "Catarine Street".*

Os sefarditas portugueses emigraram para os Açores, Madeira, Cabo Verde, Guiné e Brasil, envolvendo-se na indústria do açúcar e noutras profissões, incluindo a medicina. Daniel de Sá não cita nomes da época, mas nomeia os primeiros judeus marroquinos que vieram para S. Miguel no século XIX (1818-19) como *Abraão Bensaúde, Salom Buzaglo, Jacob Mataná, Isaac Semtob e Aarão Aflalo (Aaron Benayom foi para a Terceira)*. O último judeu praticante que morreu em Ponta Delgada foi *Salomão Adrehi, cujo filho exerce uma profissão médica*.

---



## **16.2. JUDEUS EM BRAGANÇA, ARGOZELO E CARÇÃO**

*Os judeus espanhóis que, por impedimentos, indigência ou medo ficaram retidos em Portugal tornaram-se “cativos do rei” no final de 1493. Durante dois anos e meio, grande parte deles foi baixada à servidão e colocada nas casas da aristocracia. Essa degradação não terá implicado a perda total da sua personalidade jurídica, mas fez perder aos pais o direito sobre os filhos com menos de oito anos, que lhes foram arrancados por ordem real e batizados.*

D. João II havia dado essas crianças escravas de presente ao capitão Álvaro de Caminha, senhor da ilha africana de São Tomé

Os historiadores sempre assinalaram a diferença com que a Inquisição tratava muçulmanos e judeus. O número de processos por conta de seguidores de Maomé é diminuto e desproporcional ao do julgamento dos cripto-judeus considerados apóstatas da igreja católica por retornarem à prática judaizante. *Para verificar e evitar isso se criou o Santo Ofício.* As Inquisições tinham surgido já antes na sequência das heresias praticadas no sul da França e em Roma. Heresia era tudo o que contrariasse os cânones ou o afastamento dos dogmas da Igreja Romana. Foram sempre reprimidas com força e violência pelas autoridades eclesiásticas. O infeliz surgimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal ocorreu em 1536, depois de criado em Espanha (1478). Esta instituição para religiosa seria responsável por moldar a personalidade portuguesa: temerosa, pretensamente crente, incapaz de se autonomizar. Infelizmente, são ainda hoje, em pleno século XXI, as características típicas mais marcantes da população.

*Morrer queimado na fogueira era a pena maior. Por vezes, os alegados hereges eram queimados vivos, mas na maioria das vezes já estavam garroteados. As penas incluíam passar o resto da vida vestindo os Sambenitos: roupões compridos com dizeres e desenhos de insígnias de fogo e demónios. Curiosamente Adolfo Hitler iria servir-se de estratégia similar para identificar os judeus no extermínio que conduziria ao Holocausto. Quem nega que a História sempre se repete? Depois da morte dos penitenciados, os Sambenitos eram pendurados nas Igrejas com o nome de quem os usou, para os descendentes ficarem com fama de judeus para o resto de suas vidas. Outra das penitências era a punição das galés, remando ou trabalhando nas naus, por anos sem conta ou até morrer. A pena mais suave era o desterro para o Brasil ou para as colónias em África. Ali, os cristãos-novos tinham mais liberdade e não enfrentavam tribunais inquisitoriais. No Brasil, nas Ilhas Atlânticas (Açores, Madeira, S. Tomé e Príncipe) e Angola apenas recebiam visitas, visitas de bispos com poderes para receber denúncias de práticas das religiões judaica, maometana, protestante e de feitiçaria, bruxaria, blasfémia, sodomia, solicitação e outros “delitos” menores.*

O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição foi finalmente extinto em Portugal em 1820, duzentos e oitenta e quatro anos depois da sua instauração. A sua herança perdura na mentalidade do povo e dos dirigentes políticos partidários, notavelmente na delação que faz dos Portugueses um povo de “bufos” como se viu durante o reino da polícia política da ditadura, a PIDE. O ensino, e em especial o da História em Portugal é deficitário, dos livros aprovados não constam textos sobre determinadas épocas que permitam apreender melhor o passado. Daí o saber-se tão pouco e mal sobre os judeus portugueses, parte integrante da herança genética coletiva. Curiosamente, raro era o membro da inquisição que não tinha sangue judaico.

*Ao longo de séculos de perseguições, houve alguns recantos isolados de Portuga onde os judeus se puderam refugiar. Alguns desses recônditos locais continuam hoje fora das principais rotas e condenados ao olvido. Teria sido em Cabanas, no distrito de Bragança, já perto de Vimioso, que teriam nascido as "tabafeias" (alheiras). O termo, de origem árabe, foi trazido pelos judeus fugidos de Espanha. A "tabafeia" nasceu como alternativa ao fumeiro de porco que os judeus não faziam nem comiam. Inventaram o fumeiro de carne (especialmente de aves) menos a de porco.*

*Faz parte da história ignorada de S. Joanico e, talvez um dos seus factos mais importantes, a presença dos Judeus em Cabanas "onde assentaram arraiais, durante três anos, aquando da expulsão de Espanha, até obterem autorização para se fixarem em Portugal."*

Carção, nas imediações de Vimioso é outro local privilegiado para se estudar o fenómeno., Luís Mina é um profundo conhecedor dos usos e costumes de Carção, onde se abrigaram muitos judeus perseguidos no período da Inquisição. No livro “*Carção, suas gentes, usos e tradições*” cita que a vila esteve dividida, ao longo dos anos, em dois grupos étnicos diferenciados.

De um lado, os judeus, e de outro, os “cabrões”, sem que a alcunha tivesse a conotação negativa que hoje tem. Os primeiros, abrigados das investidas inquisitoriais portuguesas, dedicavam-se ao negócio e a atividades de artífices. Os segundos à lavoura. Apesar de viverem lado a lado, os dois grupos não se misturavam nem no convívio nem no casamento, preservando a pureza da sua identidade original.

Os usos e costumes relatados por Francisco Rodrigues no seu livro “*Carção, suas gentes, usos e tradições*” já se perderam na segunda metade do século XX. As fontes do autor foram a sua memória, nalguns casos ainda testemunha viva dos usos descritos, e o que ouviu aos seus avós, de tradições que já não pôde testemunhar. Noutro livro recente “*Carção capital do*

*Marranismo*” de António Júlio Andrade e M. Fernanda Guimarães, diz-se que em Carção nunca existiram judeus.

A comunidade marrana da aldeia ocorre após a expulsão dos judeus de Espanha e Portugal. Era gente de outros sítios e que não tinha ali heranças materiais, culturais, nem tão pouco religiosas. Em Carção não tiveram sinagoga, cemitério ou outra referência. Como marranos construíram uma “práxis” religiosa genuína, bem pouco ortodoxa e não moldada aos ditames da Lei e da Tradição Judaica. Existem exemplos significativos da original “práxis” marrana como as “missas secas” celebradas em casas particulares e na capela de Santo Estêvão, as procissões em que levavam a Nossa Senhora do Rosário no andor com vestidos de luto pertencentes à viúva de um dos relaxados pela Inquisição, a utilização de paramentos da igreja matriz para enfeitar carros de bois e vestir jovens, ou as celebrações do Kipur não às escondidas, mas em comunidade, em romagem para os vinhedos de grupos de homens e mulheres.

Atualmente com mil habitantes, a freguesia de Argozelo, concelho de Vimioso, terá sido criada antes de 1187. Tratou-se de uma permuta entre os monges de Castro de Avelãs, que deram ao rei a herdade de Benquerença, na Bragança atual. Em troca, a coroa dava a igreja de S. Mamede e as vilas de Santulhão, Pinelo e Argozelo (então Ulgusello). Foi uma troca conturbada. Cem anos depois os frades e o arcebispo de Braga andavam às voltas sobre a real posse daqueles territórios. Em 1290, D. Dinis deu foral à freguesia, que ganhou independência administrativa relativa. Em 1319 um despacho do mesmo rei sanava o conflito e determinava os direitos sobre a posse da atual freguesia. A nível populacional, o crescimento maior deu-se após o século XVI. Com a expulsão dos Judeus de Espanha, centenas acorreram à freguesia, aumentando o número de habitantes. O traçado da povoação apresenta características nitidamente judaicas, com ruas muito estreitas e becos sem saída. Isto comprova a sua importância no desenvolvimento da terra.

Na igreja ainda hoje se mantêm os lugares fixos das famílias. Alguns são referidos como cristãos novos. Contava alguém que “a avó, muito em segredo, tão em segredo que nem ela saberia já porquê, sabia umas rezas diferentes que rezava também em segredo” ...

Chama-se peliqueiro a quem prepara ou vende pelicas (peles curtidas e preparadas, de cabrito) e Peliqueiros são os de Argozelo. A tradição das pelicas tem raízes judaicas. Assim o indicam os relatos e documentos históricos. Diz-se que os Judeus “finos” para o negócio e com tradições de comerciantes deixaram a “semente” dos peliqueiros. Na região, a compra de peles (bovinas, ovinas e caprinas) está estritamente ligada a Argozelo. Para além de relatos populares, o Abade de Baçal [Tomo V] diz, que “esses Judeus, que no século XV vieram para o nordeste de Portugal, se estabeleceram em Vimioso, Argozelo, Carção, Azinhoso, Chacim,

Lagoaça e Moncorvo”, e “em Argozelo e Carção exercem a indústria de surradores de peles”. O Abade Baçal afirma que “S. Joanico teve o seu princípio numa quinta que daquele lado da Ribeira houve a que se deu o nome de S. Joane, a propagação de vizinhos a aumentou de “hua e outra parte, que chegou a ter Igreja matriz e sacrário”. (Baçal p. 537). O sufixo “ico” e não “inho”, aparece por influência remota do mirandês como se nota em topónimos: Lagonica (Lhagonica), Colmenica. Observação que levou Leite da Vasconcelos a concluir que em S. Joanico, Serapicos, Avelanoso e Campo de Víboras se tenha falado o mirandês.

Com os judeus de Bragança, como se disse atrás, assinou D. Dinis um tratado após a sua ascensão ao poder [1279] e depois da conversão forçada em Portugal [1497] aí predominaram os marranos (in “Os primeiros judeus em Portugal: de Jachia ibn Jaisch a Isaac Abravanel” de Hélio Daniel Cordeiro, Revista Judaica). Num auto-de-fé em Coimbra [1718] mais de 50 eram nativos de Bragança, continuando a cidade a prover nos anos seguintes 90% do total das vítimas da Inquisição. Nos registos do Santo Ofício, figuram 805 pessoas de Bragança. Em 1497, predominavam os cristãos-novos. Como se lê na página da Câmara Municipal de Bragança: “Com a expulsão dos judeus de Espanha entra um grande contingente em Bragança calculando-o o Abade de Baçal em cerca de três mil. Após este influxo o ritmo de desenvolvimento da cidade aumentou, alargando-se o leque das atividades”.

*A sinagoga situava-se no interior da cidadela até finais do século XV. Aí se conservou até se lhe perder a pista no reinado de D. Manuel. No primeiro quartel de Setecentos, José Cardoso Borges, no seu manuscrito, faz-lhes uma única referência dizendo que “em esta cidade havia antigamente judeus” (op. cit. fl. 208v).*

*Durante quanto tempo esteve Bragança sem sinagoga? Sabe-se que no primeiro quartel do século XX recrudescer a atividade judaica no País. Em Bragança, foi instalada em 1923, uma escola judaica onde se ensinava hebraico (Alves, 1975 -1989: XI, 348). Pouco depois, (22 junho 1928), foi inaugurada a nova sinagoga [Schaar Haschamaim] num edifício da Av. João da Cruz até à sua transferência, após um rabino vindo do Porto, para um segundo andar na Rua Direita [n.º 23] edifício vitimado por um incêndio em 2005. A esse rabino se sucedeu um inglês. A morte prematura do filho, na década de 30, levou-o a afastar-se de Bragança. Julga-se ter sido este rabino o último a officiar. A sinagoga existia no início do século XX como se lia na descrição duma procissão católica:” As procissões eram lentas como convinha e ao subir a Rua Direita os meus olhos fixavam uma “lata” enrugada, dona de verdete, estampada na fachada de um prédio, no qual uma médica-dentista chumbava e arrancava dentes. A dita “lata” em tempo menos abafado e mais livre, indicava ali existir a Sinagoga” (Jornal Nordeste 14 novembro 2006).*

Disso dava igualmente conta a mãe de JC que vivera paredes meias com ela, no n.º 19 da Rua Direita. Data do sec. XV o monopólio dos judeus sobre os curtumes, situando-se as tinarias

ou pelames, ao longo do rio Fervença. O nome mais antigo para a Ponte d'Além do Rio é Ponte das Tinarias ou Tenarias. Diz-nos Bívar Guerra:

*«...envolviam muito pessoal dado que as peles para serem curtidas tinham de passar por uma grande variedade de tratamentos oficinais que se praticavam em locais separados e por operários especializados em cada uma dessas operações» (1975: 480). Esse tratamento implicava operações de manuseamento de excrementos canídeos, apanhados nas ruas por operários, fazendo desta uma faina pouco cobiçada. As tinarias situavam-se obrigatoriamente à beira-rio, para se esvaziarem e encherem sem incomodar a cidade com os maus cheiros. Este «bairro» forma-se progressivamente no local, associado especificamente à profissão e não porque os judeus fossem empurrados para fora da cidade. À volta desta operação floresceram o calçado, a selaria e solas, numa atividade comercial assinalável, em oficinas e feiras, para fornecer a região de produtos acabados. A manufatura ficou arruinada em meados do sec. XIX, após a industrialização do Porto e de Guimarães. Os judeus controlavam o comércio, finanças (usura) e indústria na região. As listas inquisitoriais são elucidativas. Segundo o Rol dos Confessados de Santa Maria [Bragança 1737] havia 21 penitenciados pela Inquisição, 2 intramuros, 5 na Rua dos Oleiros (R. da Mesquita) e 14 na R. Direita. Naquela freguesia (1744) existiam 13 penitenciados na cidade e, salvo dois ou três, todos comerciantes ou industriais, descendentes de cristãos-novos, morando 1 na R. dos Oleiros, 11 na R. Direita e 1 no interior da Vila (Alves, 1975-1989: X, 338-340). Estes dados definem a dinâmica funcional das ruas. A Rua Direita era comercialmente mais dinâmica.*

---

### **16.3. GENÉTICA REVELA CONVERSÕES FORÇADAS**

De acordo com um artigo no jornal *Observer*, da autoria de Robin McKie (7 Dez.<sup>o</sup> 2008), uma equipa internacional de cientistas comprovou a existência de conversões maciças de Judeus Sefarditas e Mouros Portugueses e Espanhóis (séc. XV e XVI).

Esta descoberta vem trazer nova luz a um dos mais negros momentos da história da Península Ibérica, quando esta foi sujeita a uma terrível opressão religiosa. Inicialmente, os Mouros adotaram uma política de tolerância religiosa ao conquistarem a Hispânia, mas, posteriormente, introduziram leis que forçavam à conversão islâmica de Judeus e Cristãos. Depois da vitória dos Cristãos, seguiu-se a expulsão de Mouros e Judeus que não se queriam converter. A História sempre deu conta de duas vagas distintas de expulsões. Esta descoberta vem questionar aquela crença.

O estudo, publicado na íntegra no *American Journal of Human Genetics* indica que inúmeros judeus espanhóis e portugueses se converteram ao Catolicismo.

A pesquisa foi liderada pelo Professor Mark Jobling da Universidade de Leicester e por Francesc Calafell da Pompeu Fabra, Barcelona. Foram encontrados 20% de homens em Espanha e Portugal com manifesta descendência sefardita. Mais 11% têm ADN de ascendência moura. Calafell declarou-se surpreendido, em especial, pela ligação judaica. As provas indicam que muitos abdicaram das convicções para evitarem serem expulsos. Isto é revelado através da composição genética do homem contemporâneo (Espanhol e Católico), que nem sabe sequer da existência daquela herança genética. O estudo baseou-se na análise dos cromossomas Y de comunidades de judeus sefarditas em locais para onde teriam emigrado depois de expulsos de Espanha em 1490. Para além disto, os cientistas caracterizaram os cromossomas Y dos exércitos berberes e árabes que invadiram a Espanha em 711 DC através dos dados de pessoas vivendo em Marrocos e no Saara Ocidental. Depois, compararam estes cromossomas Y com mais de um milhar de homens em Espanha e Portugal. A utilização do cromossoma Y (que confere a masculinidade) foi crucial pois permanece inalterada e é passada de pai para filho através das gerações.

---

#### 16.4. DOM MANUEL E OS AÇORES

*Dom Manuel criou donatarias e capitães nos Açores, que dirigiam as ilhas, resguardados os direitos da Coroa (vida e morte sobre as pessoas) e os da Ordem de Cristo (jurisdição espiritual).*

*Fundou, sem jamais lá por o pé, as vilas de Ponta Delgada, Ribeira Grande e Água de Pau (S. Miguel) e a de S. Sebastião (Terceira), organizou o foral alfandegário, criou Misericórdias nas principais povoações, além de melhoramentos na economia das ilhas.*

Para os açorianos, El-rei D. Manuel I foi um divisor de águas, mas dificilmente alguém o recordará a não ser pelas comemorações que ocorrem na Ribeira Grande, em celebração da elevação *a Vila por Foral com uma área de “uma légua em redor do pelourinho em frente aos Paços do Concelho”*.

A Festa do Foral proporciona um recuo no tempo, transportando-nos à época medieval (nunca vivida no arquipélago) com torneios a cavalo, venda de escravos, comes e bebes.

A tenacidade e perseverança açorianas levaram a que El-Rei D. Manuel I, ali atribuisse o “Foral” no dia 4 de agosto de 1507 deixando de estar sob a jurisdição de Vila Franca do Campo.

Desconhecido o paradeiro do documento original, com a real concessão de aforamento, Daniel de Sá e o pintor Gilberto Bernardo, fizeram a reconstituição do Foral Manuelino.

Pelo significado aqui se transcreve:

*"Dom Manuel, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves de aquém e de além-mar em África. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que havendo nós respeito ao que nos enviaram os moradores do lugar da Ribeira Grande, na nossa ilha de São Miguel, por Lopo de Aires, e por aquele lugar ser já muito povoado como por ter muito boa água da ribeira e pelos muitos rendimentos com que dele os moradores acrescentam a nossa Real Fazenda, e porque nos praz de vontade própria assim fazê-lo, temos por bem e por razão prover de maneira que se faça como serviço de Deus e nosso bem e dos moradores do dito lugar da Ribeira Grande. E como por ser tão longe da vila de Vila Franca de que até ao presente era termo e jurisdição, e por dele a ela haver assim grande distância de caminho com que os moradores recebem grande fadiga e opressão em serem a ela súbditos e sujeitos por haverem de ir cada dia tão longe pelas coisas da justiça: Temos por bem e fazemos do dito lugar da Ribeira Grande vila e que para sempre assim seja. E a tiramos e desembargamos de ser do termo da dita Vila Franca e de sua jurisdição como até ora foi. E lhe damos por termo uma légua ao redor, contada do pelourinho por todas as partes em redondo. E havemos por bem que faça seus oficiais na maneira que os fazem as outras semelhantes nossas vilas semelhantes a ela e mais não obedeçam os seus moradores à dita vila de Vila Franca porque de toda a sujeição a ela os havemos por livres e desobrigados. E mandamos ao nosso capitão e oficiais da Vila Franca que os hajam disso escusos e mais não os constranjam como moradores do seu termo pois o não são. E fazemos jurisdição sobre si, e queremos e determinamos que daqui em diante o dito lugar da Ribeira Grande seja vila e assim como o é a dita Vila Franca. E paz-nos que fique em todas as vizinhanças e liberdades que tinha com a dita de Vila Franca, e quaisquer outros privilégios que tivesse por ser termo da dita vila. E se aqui falecem outras cláusulas e solenidades de direito nós lhas havemos aqui por postas e expressas e declaradas. E, porém, mandamos aos moradores das outras vilas, e a quaisquer outros juizes, justiças, oficiais e pessoas a que esta carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer que a cumpram e guardem, porque assim é nossa mercê e vontade de fazer o dito lugar vila, como dito é e queremos que assim seja. E por certidão e firmeza disso lhe mandamos dar esta carta por nós assinada do nosso selo pendente.*

*Dada em Abrantes a 4 dias do mês de agosto.*

*Afonso Mexia a fez, ano de mil e quinhentos e sete anos".*

---

### 16.5. DO IBERISMO AO 1º DE DEZEMBRO

Gostava JC de ter algumas réstias do seu sempiterno otimismo, mas a sua reserva desoladamente está no seu nível mínimo desde há duas décadas. Mas quando, ano após ano, a chuva cai dentro de casa e alaga o chão ou os móveis como se não houvesse teto, tem de assumir que estas casas são de péssima qualidade e estes “mestres” de construção não passam de biscateiros incapazes de fazerem uma obra como deve ser. Mas se vai a um restaurante o resultado é similar com um serviço deficiente a preços de luxo. Se vai a um mecânico automóvel idem aspas. Ou na saúde, na justiça, na ignorância santa dos novos professores e seus alunos, na incompetência dos que governam e mandam. É esta a tradição e não é de hoje, vem de há muitos anos como constatou ao traduzir este parágrafo:

Enquanto a Terceira e as ilhas próximas resistiam ao assalto dos espanhóis à Coroa portuguesa, São Miguel franqueou-lhes a entrada. Esta diferença deveu-se ao facto de o Corregedor Ciprião de Figueiredo estar sedado em Angra. Fiel apoiante do Prior de Crato, terá proferido a frase “antes morrer livres que em paz sujeitos”. Por outro lado, a capitania de S. Miguel estava na mão da influente família Gonçalves da Câmara. Além disso, residia nessa altura em São Miguel o Bispo dos Açores, D. Pedro de Castilho, fiel a Filipe II. Viria a ser Vice-Rei de Portugal em paga da sua fidelidade à causa castelhana. Mais tarde, o Capitão do Donatário de São Miguel receberia o título de Conde de Vila Franca.

Abundam os que esquecem o terror do domínio castelhana e pressurosos querem entregar o país ao vizinho ibérico. Miguel Urbano Rodrigues escrevia em 2006:

Os iberistas, ao esboçarem uma Espanha plétórica de energias, de progresso e criatividade, simulam esquecer que o país exibe a mais alta taxa de desemprego da União Europeia. Não aludem ao racismo e à xenofobia que fazem hoje da pátria de Cervantes um dos países europeus onde os imigrantes, sobretudo os magrebinos, equatorianos e colombianos, são mais discriminados. Preferem discorrer sobre a localização da capital, a estrutura institucional do Estado, Federação ou simples transformação de Portugal em mais uma Região Autónoma, e, o papel do Rei D Juan Carlos. Fala-se do bacalhau, do fado, do flamenco, de marialvas e senhoritos, dos dois idiomas, ... longe de serem «muito parecidos», portugueses e espanhóis distanciaram-se progressivamente, exibindo atitudes quase antagónicas. Trabalham e comem a horas diferentes, transformam o culto do aperitivo num instrumento de convívio.

Outra omissão é a falta de referências à colonização económica de Portugal pela Espanha. O processo em curso é avassalador. Há três décadas a Espanha não existia como parceiro comercial. Hoje ocupa o primeiro lugar nas importações portuguesas. A banca espanhola conquistou uma parcela importante do mercado português. O mesmo ocorre com a hotelaria e as grandes transnacionais como El Corte Inglés e Zara. As imobiliárias espanholas invadem as



idades. O processo de colonização pacífica assume facetas particularmente alarmantes no Alentejo onde capitalistas espanhóis compraram já as melhores terras no perímetro do Alqueva. Adquiriram milhares de hectares para criação de porcos, instalação de lagares e plantação de oliveiras e vinhas. Essa invasão do capital espanhol é festejada pelo Governo de Sócrates e pela grande burguesia. Saúdam os investidores espanhóis como agentes do progresso. Agradecem. Com a espontaneidade da nobreza de 1383 a saudar D João De Castela e a nobreza de 1580 a alinhar com Filipe II. Essa forma de dominação económica encobre, afinal, uma modalidade de intervenção imperial. Miguel Urbano Rodrigues. "Alentejo Popular" (Beja) 02-11-06

Portugal atingiu uma tal irrelevância que ninguém se surpreenderia se passasse a dependência espanhola, como se de um banco se tratasse. Como se estivéssemos a falar de abrir um escritório no litoral já que o interior está desertificado de gentes e de economias de mercado viáveis. Por outro lado, despontam, a nível governamental, iniciativas de união ibérica, nem sempre dissimuladas, que causam engulhos.

Por ser um estudioso do assunto que condensou o que JC pensa, sigamos Carlos Fontes em Lusotopias <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexPTmortedeiberistas.html>

*O iberismo é um fenómeno típico do século XIX como resposta à teoria das grandes nações então em voga. Segundo os seus defensores as pequenas estariam condenadas a serem absorvidas pelas grandes, tal como teria acontecido entre os animais onde os mais fortes extinguiram os mais fracos (teoria darwinista). O iberismo emerge como uma manifestação patológica de indivíduos que num dado momento sofreram uma forte influência espanhola ou se assumiram como agentes de interesses espanhóis. Sempre que a situação é melhor no outro lado da fronteira, a integração de Portugal em Espanha surge aos olhos dos iberistas como a solução para **resolver a crise, sem trabalho**.*

*Alguns assassinatos de iberistas ficaram célebres na História de Portugal. A morte dos iberistas era entendida como um ato de defesa de valores que consideravam fundamentais - **dignidade, identidade cultural e liberdade** -, mas também uma manifestação de respeito por si próprios. Um povo que não se respeita a si próprio, nunca será respeitado por outros. Ora, o iberista sempre manifestou um profundo desprezo pela dignidade e liberdade do povo português, agindo de modo a destruir a comunidade que o viu nascer... As mortes de dois iberistas assumiram uma enorme carga simbólica na história portuguesa, sendo continuamente evocadas. A morte do Conde de Andeiro, fidalgo galego, foi assumida como o símbolo de liberdade de um povo que recusa as ingerências externas e os jogos palacianos para lhes imporem o que não quer. Este típico traidor castelhano participou em diversas conspirações ao serviço de*

*Portugal e de Inglaterra. Em Lisboa, acabou por ascender a uma elevada posição na corte, tendo recebido de D. Fernando o título de Conde de Ourém, pondo-se durante a crise de 1383-85, ao serviço de Castela. Foi assassinado, em 1383, por D. João, mestre de Avis e futuro rei de Portugal. A sua nefasta ação traduziu-se numa violenta guerra civil que só terminou quando os portugueses exterminaram os aliados de Castela. Já a morte de Miguel de Vasconcelos exprime simbolicamente a afirmação da identidade cultural de um povo, cuja forte individualidade saiu reforçada após uma opressão de 60 anos. Este secretário do governo espanhol ficou tristemente célebre pelo ódio que nutria pelos seus concidadãos. Em 1634 tentaram-no matar pela primeira vez. Se o tivessem feito, muitas vidas teriam sido provavelmente poupadas. Na manhã de 1 de dezembro de 1640, quando os portugueses restauraram a independência foi o primeiro a ser morto. Após a morte deste esbirro, o povo português travou com a Espanha, durante 28 anos, uma sangrenta guerra na Europa e na América do Sul pela defesa da sua liberdade e dignidade.*

Ora bem, como ninguém estuda História, episódios como este perdem a força e não são transmitidos de geração para geração, perdendo-se a memória coletiva do povo. Continuemos com as palavras de Carlos Fontes:

*Nas últimas décadas, órgãos de comunicação social, em Portugal, usando da liberdade de expressão, têm procurado abrir fraturas na sociedade. O seu objetivo é simples:*

- 1. Mostrar através de "sondagens" encomendadas ou "discussões" públicas que na sociedade portuguesa existe um grupo cujo objetivo é a dissolução do Estado português;*
- 2. Dar "voz" à hipotética minoria iberista portuguesa. Ao mesmo tempo, a imprensa espanhola mostra a aceitação à possível integração.*
- 3. Os supostos iberistas não constituem uma corrente de opinião nem um movimento organizado.*

*A imprensa trabalha no terreno das hipóteses...introduzindo elementos de discórdia e desmoralização coletiva. Oliveira Martins (1845-1894) é o melhor exemplo dos esbirros iberistas. É difícil de determinar a causa do profundo ódio que manifestava pelos seus concidadãos e o país. Foi um típico vira-casaca: anarquista, socialista, republicano, monárquico, liberal, antiliberal. Defendeu a liberdade, mas também a ditadura. Atacou os ditadores, mas apoiou João Franco, sendo apontado como um dos introdutores das ideias socialistas e como um profascista. Muitas das suas ideias foram aplicadas por ditadores (Sidónio Pais ou Oliveira Salazar). Antero de Quental (1869) era um confesso iberista, dois anos depois já nem fala no assunto, e mais tarde abomina a ideia. Algo idêntico ocorreu*

*com Teófilo Braga. A 23 de abril de 2006, o iberismo volta a ser colocado na agenda pública por iniciativa do Ministro da Obras Públicas português Mário Lino. Este antigo membro do PCP, convertido ao capitalismo, em declarações feitas em Santiago de Compostela, e de imediato divulgadas por um jornal (Faro de Vigo), afirmou-se um convicto iberista: “não havia nenhuma diferença entre Portugal e Espanha: a história, a língua e a cultura eram a mesma”. Os iberistas esfregaram as mãos, tinham um novo aliado no Partido Socialista (PS) e no governo. Até então a confusão de interesses, era protagonizada por outro antigo membro do PCP, também convertido ao capitalismo: o deputado Pina Moura que simultaneamente estava à frente de uma empresa espanhola (Iberdrola). Sobre ele continuam a recair suspeitas de a ter favorecido quando era ministro da economia. A mensagem que estes ex-comunistas passavam para opinião pública é que Portugal deixara de ter uma identidade e interesses próprios em termos políticos, económicos e culturais. ...Em Espanha, políticos catalães, aproveitaram a oportunidade, apelando ao fim de Portugal. A imprensa portuguesa amplificou estas declarações. Durante as eleições legislativas de setembro de 2009 - a TVI -, canal de televisão controlado por espanhóis interferiu diretamente na campanha eleitoral, e...resolveu afastar a "jornalista" (Manuela Moura Guedes) que desde 2008 promovia uma campanha de propaganda contra o governo socialista...enquanto estes factos ocorriam, a comunicação social espanhola procurava lançar nova campanha em defesa das teses iberistas, apoiada numa "sondagem" realizada pela Universidade de Salamanca, com a colaboração de alienados no ISCTE (Lisboa).*

A razão por que se escolheu este tema e as citações supra para esta crónica é a data que ora se celebra, o dia da Restauração da Independência de 1 de dezembro de 1640. Para que os mais jovens nunca o esqueçam e deixem de a tratar como um dia sem aulas. Infelizmente, é para a maioria, um dia como qualquer outro nos Açores, sem que o povo se dê conta do seu significado:

*“...arreatados do generoso impulso, saíram todos das carroças e avançaram ao paço. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida, venerável e brioso, com a espada na mão gritando: – Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João, o Quarto!”*

A ideia de nacionalidade esteve por trás da restauração da independência plena de Portugal após 60 anos de monarquia dualista.

*Cinco séculos de governo próprio haviam forjado a nação, fortalecendo a rejeição da união com o país vizinho. A independência fora sempre um desafio a Castela. Entre os dois estados foram sucessivas e acerbadas as guerras, as únicas que Portugal realmente travou na Europa. Para a maioria dos Portugueses, os Habsburgo eram usurpadores, os Espanhóis inimigos e os seus partidários, traidores. Culturalmente, avançara depressa a*

*castelhanização do País de 1580 a 1640. Autores e artistas gravitavam na corte espanhola, fixavam residência, aceitavam padrões espanhóis e escreviam cada vez mais em castelhano, contribuindo para a riqueza do teatro, da música ou da arte pictórica espanholas. Dão a impressão errada de decadência cultural após 1580. A perda da individualidade cultural era sentida por muitos portugueses, com reações diversas a favor da língua pátria e da sua expressão em prosa e poesia. Contudo, os intelectuais sabiam perfeitamente que os seus esforços seriam vão sem a recuperação da independência política. Muitas razões que justificavam a união das coroas ficaram ultrapassadas. O Império Português atravessava uma crise com a entrada em jogo de holandeses e ingleses. Perdera o monopólio comercial (Ásia, África e Brasil) e a Coroa, a nobreza, o clero e a burguesia haviam sofrido severos cortes de receitas.*

Os Espanhóis reagiam contra a presença portuguesa nos seus territórios, mediante vários processos, entre os quais a Inquisição. Isso suscitou grande animosidade nacionalista em Portugal aprofundando o fosso entre os dois países.

*Margarida, duquesa de Mântua, neta de Filipe II, exerceu o governo de Portugal, de 1634 a 1640, com autoridade de vice-rei e capitão-general. Economicamente, a situação piorara desde 1620 ou até antes. A situação estava longe de brilhante. Os produtores sofriam com a queda dos preços do trigo, azeite e carvão. A crise afetava as classes baixas, cuja pobreza aumentou sem disfarces. O agravamento dos impostos tornava a situação pior. Para explicar os tempos difíceis e apaziguar o descontentamento geral, a solução apresentava-se fácil e óbvia: a Espanha, causa de todos os males.*

A conspiração independentista congregava um grupo heterogéneo [nobres, funcionários da Casa de Bragança e elementos do clero (alto e baixo)]. Em novembro de 1640 conseguiram o apoio formal do duque de Bragança. Na manhã do 1º de dezembro, um grupo de nobres atacou a sede do governo (*Paço da Ribeira* em Lisboa), prendeu a duquesa de Mântua, matou e feriu membros da guarnição militar e funcionários, como o Secretário de Estado, Miguel de Vasconcelos. Já dizia Camões: “***Também dos Portugueses alguns traidores houve, algumas vezes...***” (Os Lusíadas, C. IV, 33).

Seguidamente, os revoltosos percorreram a cidade, aclamando o novo estado, secundados pelo entusiasmo popular. Em todo o Portugal, metropolitano e ultramarino, a notícia da mudança do regime foi recebida e obedecida sem qualquer dúvida. Só Ceuta permaneceu fiel à causa de Filipe IV.

*D. João IV entrou em Lisboa a 6 de dezembro. Proclamar a separação fora fácil. Mais difícil seria mantê-la. Tal como em 1580, em 1640 os portugueses estavam longe de unidos.*

*As classes inferiores mantinham a fé nacionalista em D. João IV, mas o clero e a nobreza, com laços em Espanha, hesitavam e a medo alinhava com o duque de Bragança.*

O novo monarca estava numa posição pouco invejável. Do ponto de vista teórico, tornava-se necessário justificar a secessão não como usurpador, mas a reaver o que por direito legítimo lhe pertencia. Abundante bibliografia (em Portugal e fora dele) procurou demonstrar os direitos reais do duque de Bragança. Se o trono jamais estivera vago de direito, em 1580 ou 1640, não havia razões para eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que teria, fosse o trono declarado vago.

*Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades. Primeiro, a reorganização do aparelho militar, com reparação de fortalezas das linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições e obtenção de material e reforços no estrangeiro. Paralelamente, uma intensa atividade diplomática nas cortes da Europa, para obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, e conseguir o reconhecimento da Restauração, e a reconquista do império ultramarino. A nível interno, a estabilidade dependeu, do aniquilamento de toda a dissensão a favor de Espanha. A guerra da Restauração mobilizou todos os esforços e absorveu enormes somas. Pior, impediu o governo de conceder ajuda às atacadas possessões ultramarinas. Mas, se o cerne do Império, na Ásia, foi sacrificado, salvou a Metrópole da ocupação pelas forças espanholas.*

*Portugal não dispunha de um exército moderno, as suas forças terrestres eram escassas na fronteira, as coudelarias extintas e os melhores generais lutavam pela Espanha na Europa. Isto explica por que motivo a guerra se limitou a operações fronteiriças de pouca envergadura.*

*Do lado espanhol, a Guerra dos Trinta Anos (até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) atrasavam ofensivas de vulto. A guerra, que se prolongou por 28 anos, teve altos e baixos até se assinar o Tratado de Lisboa, em 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este reconhece a independência do nosso País. (Adaptado de Oliveira Marques, "A Restauração e suas Consequências", in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, ed. Presença, 1998, pp. 176-201).*

Hoje anda muita gente com passaporte português a celebrar o 1º de dezembro como um desastre ou deplorável evento. Esquecem que se tratou da reconquista da liberdade do povo e da nação subjugada pelo poder dinástico dos Filipes de Castela. ***Mais vale um povo pobre e livre do que rico na gaiola dourada com as cores do reino de Espanha.*** Assim o dizem os galegos que se aproximam das origens portuguesas preservando a língua e cultura comuns: a memória dos homens é curta. Quase ninguém sabe nem evoca o jovem Miguel da Paz (n. 1499) que teria sido Rei de Portugal e de Espanha ***se*** não morresse aos dois anos. É verdade, e infelizmente

este “se” é desconhecido da maioria dos portugueses, clamem ou não pelo regresso ao trono espanhol.

*São deveras interessantes os “pequenos detalhes” que determinam o curso da História e que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II ao trono de Portugal em 1580, por morte sem descendência do herdeiro varão, cardeal D. Henrique (68 anos), 9º filho do rei D. Manuel I. A candidatura de Filipe era fortíssima e praticamente indiscutível. Resultava do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais de Filipe I de Portugal (II de Espanha). Paradoxalmente, antes da candidatura de Filipe ao trono, a situação poderia ter sido invertida, unificando as coroas ibéricas “para o lado português”. Em 1499, fora proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel I com Isabel, filha dos Reis Católicos. Azar dos portugueses ou conspiração castelhana, o certo é que morreu com 2 anos de idade.*

Por estas e outras razões os portugueses serão sempre saudosistas, dos espanhóis, de Salazar e do sonho chamado 25 de abril.

-- Quem garante que Portugal estaria melhor como província espanhola do que independente? (*Os galegos dizem que não*)

-- Quem garante que não seria Portugal uma célula independentista, tipo ETA, (*aliada ou não à Galiza*)?

E se fosse ao contrário?

Se o Reino de Espanha fosse hoje uma província de Portugal?

Que aconteceria aos Bourbon?

Só tinham utilidade nos EUA. Lá emborcam todos os Bourbon que encontram. Infelizmente, aqui ao lado, entronizam-nos e chamam-lhes Reis.

---

## **17. TRAGÉDIAS NATURAIS E INFINITOS MUTANTES -22-23 agosto 2009**

Na praia Maria Luísa, Algarve, aconteceu mais uma tragédia (2009) quando uma arriba de mais de 15 metros cedeu e soterrou banhistas que haviam ignorado o aviso das autoridades que vieram prontamente dizer que a praia tinha sido vistoriada e estava segura, e a causa do acidente era o tremor de terra que ocorrera uma semana antes.

Tal como em outras tragédias, a culpa é sempre dos mortos, dos que se não podem defender, dos terramotos e das causas naturais, como as areias desaparecidas da base da ponte de Entre-os-Rios que há quase uma década vitimaram mais de cinquenta pessoas, quando caiu a ponte por falta de manutenção dos seus pilares.

Neste país nunca há responsáveis, mas é sempre possível atribuir as culpas a uma divindade ou um ato da Natureza. Não foram municípios nem construtores civis, nem arquitetos, quem construiu prédios e mais prédios até ao bordo das arribas algarvias e danificou os solos que, alegadamente, não aguentaram um pequeno tremor. Ninguém é responsável pela especulação dos terrenos e pelo excesso de construção em zonas que deveriam estar protegidas da sofreguidão de lucro imobiliário.

Quando surgem os incêndios criminosos que todos os anos consomem milhares de hectares a culpa jamais é dos pirómanos, dos bombeiros que querem ser heróis, e de tanto louco varrido que por aí anda a atear fogos, é sempre das condições climatéricas que ora estão quentes, ora estão frias. Ou então foi a mata que cresceu mais do que devia e não impediu o avanço das chamas? Ou seria o vento que mudou de direção e ateou mais fogos? Os responsáveis pelos fogos postos não cumprem penas de cadeia e são postos em liberdade e os madeireiros sempre ilibados. Em resultado de tanto fogo compram-se ou alugam-se mais aviões de combate a incêndios.

Também as inundações que se repetem ciclicamente surgem por culpa dos outros, seja do clima que esteve fora dos parâmetros, de uma situação anómala e inesperada, ou de outra qualquer invocação divina. Nunca advêm dos desastres ambientais que previsivelmente tendem a acontecer, face ao desrespeito do Homem pela natureza. O mesmo que se passara na tragédia da Madeira em 2010 com quase 50 mortos e um bilião de prejuízos.

Este ano, mais do que em anos transatos, JC sente que a sua praia favorita dos Moinhos, em Porto Formoso, está cheia de forasteiros. Este ano, seja em função da crise ou de qualquer atração anormal, há um afluxo maior de portugueses, alemães, holandeses, espanhóis e outros. Vai-se a um restaurante e só se ouve o falar lisboetês em destrinça do micaelense. Este sentimento de pertença e uma aparente repulsa pelos forasteiros mostram vínculos identificadores com o meio circundante, como se dele fizesse parte efetiva. Começará JC a ser açoriano?

Já em Bragança, ao fim de algum tempo sentia que os forasteiros estavam a ocupar o “seu” espaço, criara um sentimento de pertença do meio circundante e temia estes “invasores” que vinham quebrar o sossego e pacatez desta terra. Estaria a ser assimilado ou integrado? Onde se quedava a sua tolerância e aceitação do outro como um igual? Estaria a perder o seu sentimento de equanimidade e equidade? Seria só isso ou haveria algo mais que não descortinava.

Gozaram mais um dia de praia. Uma dezena de tardes que o Nigel partilhou na praia com os pais. Noutros dias tem ido com amigos, como os “americanos” que moram aqui ao lado e todos os anos, religiosamente, vêm passar duas ou três semanas à Lomba. Bom para o Nigel praticar o seu inglês. Por exemplo, como ao domingo os pais nunca vão à praia, sai de manhã com esses amigos e só volta depois do jantar. Os pais usam as férias para relaxarem e lerem.

Era isso que fruíam na calma esplanada dos Moinhos quando foram apresentados a um professor açoriano residente no Algarve. Nelson Moniz de sua graça apresentou-se como professor e poeta tardio. Depois, começou a falar de pedagogia e de poesia e em vez de saírem pelas 17.30 acabaram por vir para casa já perto das 20 horas.

Nem todos os dias se encontram “loucos ou poetas” com quem se pode conversar. Há poucos, mas recusam o *status quo* e a ilusão de sucesso criada pelos sistemas de ensino e de comunicação social ao serviço do poder. São os tais infinitos mutantes que surgem nos quotidianos. Uma pessoa ou se conforma com a mediocridade desta democracia ou luta contra tudo e passa a ser visto como diferente, maluco. São indivíduos assim que se tornam perigosos para as sociedades acomodadas pois assumem uma postura vocal crítica num meio de vozes insatisfeitas, mas incapazes de se organizarem e rebelarem contra o sistema.

Em 2010, foi a Vânia, coloquante da lusofonia no Brasil, que vive em França e aqui veio passar uma quinzena com o companheiro brasileiro Caio, também emigrado na mesma universidade em Poitiers. São eles, e mais um ou outro, que preenchem o quotidiano com palavras, neste silêncio sem vozes que é a maior parte dos dias passados na ilha. Passeou-se pela costa norte e Nordeste como recantos menos conhecidos e mais belos na nossa perspetiva ilhoa. Os turistas normalmente não veem mais do que ver a capital macrocéfala, a Lagoa do Fogo e a das Sete Cidades e se tiverem mesmo alguma sorte ainda chegam às Furnas. Para cá da Faixa de Gaza é deserto como dizia um ex-ministro, só faltam os camelos.

A chuva e nevoeiro voltaram ao fim dum domingo soalheiro, quente e húmido, mas não chegou para refrescar a casa nem as mentes que se apoquentam. Agosto apresta-se a findar e há a sensação de não se ter repousado o suficiente. Na véspera à noite, pela uma e meia da manhã aprontavam-se as pálpebras para uma soneca, quando a RTP-N transmitia um programa dedicado a Amadeu Ferreira, o homem que “reinventou” a língua mirandesa e lhe deu uma escrita. Um programa interessante, como muitos que só surgem depois da uma da manhã. Apetece inferir que os programas para gente culta e inteligente só passam na TV a desoras, depois das telenovelas entediadas para as massas. Será que há telespetadores lúcidos a pé a essas horas?



Esta observação é politicamente obsoleta e incorreta. É consabido que as televisões transmitem aquilo de que o povo gosta. Não lhes compete educar, que isso é tarefa difícil para ministérios sem vocação, sem dinheiro e sem gente dedicada. Uma minoria, sonha com e luta por um mundo melhor, a despeito dos obstáculos. O tal problema das elites que sempre lideraram os processos e frequentemente alteraram o rumo da história. Um mundo diferente. Mas o peso dos votos dessas minorias é reduzido e têm de se contentar com uma presença simbólica na grelha de programas.

O Estado e os que o apoiam asseguram a manipulação da opinião pública, as distorcidas manchetes de jornal e TV, as notícias camufladas, o abafamento dos escândalos que só vêm à tona quando (e enquanto) interessam a grupos económicos que foram preteridos nalgum projeto. O que interessa é mostrar calamidades. Naquele ano da desgraça de 2009, convém também mostrar, *ad nauseam*, pessoas pretensamente peritas na gripe pandémica. A tal que nos ia matar a todos, se Deus quiser, já que o Estado faz tudo o que pode. Longe está o autor de insinuar que esta manobra das farmacêuticas faz parte duma Teoria da Conspiração com intuítos malthusianos. Desde há anos que se sabe da existência duma Pandemia do Lucro das farmacêuticas:

Uns milhares contraem a gripe suína e quase todos querem usar máscara, mas existem 25 milhões com a SIDA e ninguém quer usar preservativo.

Entretanto, morrem anualmente, sob o silêncio da comunicação social:

- *Milhões de vítimas da Malária. Bastava prevenir com um mosquiteiro;*
- *Milhões de crianças com diarreia, evitável com um soro de 25 cêntimos;*
- *Milhões com sarampo, pneumonia e outras, curáveis com vacinas baratas.*

No ano 2000 surgiu a gripe das aves: Uma epidemia, a mais perigosa de todas...

Uma pandemia! Só se falava da terrífica enfermidade, que, em dez anos matou 250 pessoas (25 por ano). A gripe comum mata, por ano, meio milhão de pessoas no mundo, mas ninguém entrou em pânico. A farmacêutica transnacional Roche, com o seu famoso Tamiflu vendeu milhões de doses aos países asiáticos. Ainda que seja de duvidosa eficácia, o governo britânico comprou 14 milhões de doses para prevenir a sua população. Outros países seguiram a mesma senda. Com a gripe das aves, a Roche e a Relenza, as duas maiores empresas farmacêuticas que vendem os antivirais, obtiveram milhões de dólares de lucro.

Agora era a vez da psicose da gripe suína. Os noticiários de todo o mundo falam disso. Um ano depois a gripe desaparecera com a mesma rapidez com que chegara e os noticiários falavam da crise económica. Passado outro ano fariam de outra catástrofe qualquer que nisto

a vida é fértil em reservar sempre calamidades novas para cada estação do ano como convém a quem quer mudar de fato de acordo com o tempo que faz. E há sempre terremotos, vulcões, furacões, tornados e quando estes estão calmos, há inundações, secas, vagas de calor ou de frio, derrocadas, avalanches, naufrágios, a morte de uma outra personalidade, um escândalo social ou no governo, uma justiça ineficaz, uma educação caótica e aberrante, obras públicas controversas, sejam elas barragens ou estradas.

*- A empresa norte-americana Gilead Sciences tem a patente do Tamiflu e como principal acionista Donald Rumsfeld, secretário da defesa de George Bush, artífice da guerra contra o Iraque e de muitos negócios por explicar como a Haliburton*

*- A verdadeira pandemia é de lucro, os enormes proventos destes mercenários da saúde. Não se devem negar as medidas de precaução necessárias tomadas pelos diferentes países, mas que fazem parte do senso comum e deviam ser norma em todas as civilizações. Se a gripe porcina é uma pandemia tão terrível, como anunciam os meios de comunicação, se a Organização Mundial de Saúde (liderada pela chinesa Margaret Chan) se preocupa tanto com esta enfermidade, porque não a declara um problema de saúde pública mundial e autoriza a fabricação de medicamentos genéricos para combatê-la? Assim, prescindia-se das patentes [Gilead, Roche e Relenza] e distribuíam-se medicamentos genéricos gratuitos a todos os países, especialmente os mais pobres. Esta seria a melhor solução. Além do Tamiflu, de utilidade duvidosa, dizem que é preciso lavar as mãos. Sou daqueles que lava as mãos regularmente, não me deixando intimidar pelo Terror, mas também sinto asco, pelo bombardeamento diário mediático, médico e ministerial sobre a progressão da Gripe Porcina, mais sofisticadamente, Gripe A. ao meu lado, os Portugueses não estão habituados a lavar as mãos e foram centenas os que foram contaminados na ilha e no continente, segundo diariamente as televisões nos informavam durante horas e horas. Milagrosamente, um ano depois, ninguém mais era contaminado.*

Um ano depois, tão misteriosa e rapidamente como surgira, assim desaparecera a ameaça da Gripe A, com os estoques de vacinas por utilizar a serem vendidos ao desbarato para África e outros locais semelhantes. Já na crise das vacas loucas nunca deixara JC de comer carne “vermelha” aceitando a garantia do estado de saúde dos animais em questão, na mesma medida em que aceitava as couves, alfaces e tomates de “aviário” que hoje são produzidos e vendidos, de criação artificial em estufas e viveiros. De vacas loucas andam os ministérios cheios.

Todas as sociedades têm tendência para manipular os seus súbditos na tentativa de os tornar mais dóceis. Concidadãos indefesos e temerosos como convém a autocracias transvestidas de democracia. São permitidas algumas liberdades, dentro duma ótica de

hedonismo e consumismo desenfreado e compulsivo. Este é o Estado, a escola e a comunicação social que a todos rodeia como num filme de cobóis quando os índios cercavam os caras-pálidas nas suas caravanas. Neste tipo de democracia, o povo vota, mas não governa e pouco participa. JC sente-se isolado, mas ainda não sitiado.

JC permanece imune à lavagem cerebral imposta pela comunicação social. Ousa investir na construção de uma vida melhor, sem cuidar dos seus interesses pessoais e sem intuídos materialistas. É esse o espírito que rege os Colóquios da Lusofonia que com ele vêm erguendo desde 2001-2002 alguns idealistas, sonhadores e poetas!



*Naturam expelles furca, tamen usque recurret  
(mesmo que expulses a natureza com o esteio, ela voltará sempre).*

*Horácio, Epístolas, I, 10, 24:*

### **CAPÍTULO 3 - DE SANTA MARIA ÀS ILHAS DO TRIÂNGULO - PÁSCOAS E ADOLESCÊNCIAS**

*Algum dia, quando o homem dominar os ventos, as ondas, as marés e a força da gravidade, doará a Deus a energia do amor. Então, e pela segunda vez na história da Humanidade, ele descobrirá o Fogo.*

*Teilhard de Chardin*



## 18. PÁSCOA NA ILHA VERDE

A estação pascal, festiva para muitos crentes do culto judaico-cristão, cada vez se afasta mais daquilo que deveria ser: um momento de reflexão. Tal como o Natal, converteu-se num apelo ao consumismo de chocolates em forma de coelho e amêndoas. Ninguém se dá ao trabalho de pensar porque existem tais férias e feriados. Aceitam-se com a inevitabilidade com que se acolhe o tempo cinzento e as estações do ano. É irónico que seja um ateu até ao tutano, a falar disto. JC não renega origens, criado como católico praticante com origens marranas, professando um profundo respeito por crenças e religiões desde que não sejam fundamentalistas ou exacerbadas por ódios ancestrais e se não lhas impuserem como se precisasse delas como de oxigénio para respirar.

*A Páscoa devia ser época de reflexão sobre o caminho terreno de cada um. Perdoem se isto parece uma homília sobre a inevitabilidade causal desta curta transição, ou sobre a ineficácia de os terrestres tentarem deixar uma marca dessa passagem, como um timbre ou sinal. Sobre a futilidade de se tentarem afirmar enquanto seres vivos. Sobre o materialismo exacerbado que lhes preenche o quotidiano. Sobre a falta de amor e caridade com que permeiam os dias. Sobre a incapacidade de perdoarem e serem perdoados.*

*Não, não era sobre isto que ia falar hoje (abril 2006). Queria manifestar como se sentia bota-de-elástico, démodé, ou, como se diz correntemente, um verdadeiro cota. Bué. Katuas como se dizia em Timor nos anos 70.*

*Cada vez mais a vida se aproxima da ficção de Quentin Tarantino, bom realizador, quiçá obcecado pela violência e brutalidade. Cada vez existe menos paciência para esta forma de vida. É uma luta desigual. Basta desfolhar um telejornal, as páginas dum jornal ou fazer pesquisa sobre qualquer tema. Logo se é confrontado com o genocídio, a morte, o ódio racial, religioso ou económico, a tortura, a violência avulsa e gratuita. As crianças, desde jovens, ficam sanitizadas contra a violência gratuita que lhes debitam tantos jogos de consola.*

JC sente-se revoltado, isolado e minoritário.

*Quando se vê um Tribunal Português a entender que um castigo corporal a uma criança deficiente até faz bem*

*Quando se sabe que um tribunal português manda adotar, com caráter de urgência, uma criança sem ouvir o pai da mesma e sem admitir que a situação da mãe e de sua família possam ter mudado*

*Quando os deputados fazem ponte de fim de semana prolongado, em véspera de feriado, e não aprovam leis por falta de quórum. Os mesmos eleitos do povo que mudaram os dias de votação para quarta pois sexta-feira começa o fim de semana*

*Quando se sabe da responsabilidade dos serviços secretos franceses em forjarem um documento falso (a falsa compra de urânio no Níger por Saddam Hussein) para impelirem os EUA mais depressa para a invasão do Iraque*

*Quando se sabe que os franceses que deram a guilhotina em promoção especial com a Revolução Francesa, estiveram coniventes no genocídio do Ruanda*

*Quando se recorda que foram os franceses que afundaram o “Rainbow Warrior” (da organização Greenpeace) ancorado em Auckland, nas águas territoriais da Nova Zelândia (10 julho 1985) causando a morte ao fotógrafo português Fernando Pereira.*

*Quando uma pessoa se questiona com sérias dúvidas acerca das inúmeras contradições sobre a destruição das Torres Gémeas e sobre quem esteve por detrás dos danos no Pentágono em que nenhum avião aparece...*

*Quando se questiona o direito de o Irão ou a Coreia do Norte terem armas nucleares, por mais que se desgoste dos seus líderes e do seu regime...Por que é que os “maus da fita” têm de ser excluídos, só porque os seus representantes são fanáticos? Os dos EUA não são? Ninguém põe em causa o direito de os israelitas usarem as mesmas armas*

*Quando as companhias farmacêuticas investem em vírus experimentais para testarem os lucros em produtos deliberadamente manufacturados para combater tais vírus, à custa de vidas humanas (seriam meros números? E na inventona da Gripe das Aves, da Gripe A, e outras?*

*Quando um cidadão cabo-verdiano anda cinco meses na tropa portuguesa e vê recusada a entrada na Guarda Nacional Republicana por não ser português em virtude dessa cidadania lhe ter sido negada, questionamo-nos sobre os motivos que levam um exército a ignorar a lei máxima do país, a Constituição, que proíbe o serviço militar aos estrangeiros? Quando isto acontece é altura de perguntar o que o homem anda a fazer à face da terra*

*A lei da selva em todas as sociedades urbanas vigora mais do que nunca*

*Esta época, aviltantemente desprovida de sentimentos, é mais violenta e humilhante do que a da Revolução Industrial*

*As pessoas já nem números são. Passaram a ser pontos percentuais*

*Tudo isto questiona*

*Farto de violência. Pululam infindáveis putos norte-americanos que se chateiam, pegam na arma do pai e limpam o sebo aos colegas, depois imitados por finlandeses, alemães e outros*



*Saturado dos condutores portugueses que se comportam como assassinos  
Molestado por vendedores de armas que vão de terra em terra, de continente em  
continente, a fomentar mais uma guerra civil*

*Almeja fugir dum mundo que não o merece, como dizia Almada Negreiros, pintor,  
escritor e poeta (1893-1970) no seu Ultimato às Gerações futuristas 'Não tenho culpa  
de ter nascido em Portugal, mas exijo uma pátria que me mereça*

*JC e Almada Negreiros podem não ter muito em comum, mas terão mais razões de  
queixa do que os estudantes. Mas não dispararam contra todos os que lhes fizeram mal,  
prejudicaram, vilipendiaram ou de quem desgostam. A maioria da população portuguesa  
seria depressa extinta. Provavelmente com justiça e merecimento.*

É nestas ocasiões que o castelão JC se abeira das ameias da falsa com vista para o verde dos montes e do mar. Mal se vislumbra a costa da Bretanha. O grande Mar Oceano confunde-se com o azuláceo ou acinzentado céu, depende da cor das lentes com que se acorda. Está um tempo *caramónico* como dizem em Terras de Miranda sem necessidade de *escarrabunharem* os pés por estarem *carraspudos*. Sente a falta do sol que o anima e vitaliza nesta humidade entorpecente que amolece corações e fenece almas.

Era assim que desabafava mutuamente numa guerrilha verbal contra esta falta da função clorofilina que cerceia as musas e embota mentes. Como lhe contrapunha Cristóvão de Aguiar *"O tempo está mesmo abafado. Abafa o corpo e sobretudo a mente. Nunca mais há tempo decente"*. Otimista acredita que melhores dias virão. Concentra-se numa conceção positiva rumo à realização dos objetivos que pensa terminar durante o curto passeio terreno que lhe deram a oportunidade de usufruir. Os problemas, por maiores que sejam, são meras contrariedades. Umhas maiores que outras. Assim repete para crer no que diz. O tempo as curará retirando-lhes o relevo e importância ou resolvendo-as. Os momentos incomuns de felicidade e alegria devem ser fruídos em plenitude. Comemorados, celebrados, prolongados e recordados.

*Para isso serve-se da escrita. Para reviver momentos bons. Como são normalmente raros convém que perdurem, cinzelados nas pedras da lembrança. Criam trejeitos, esgares de sorrisos nas comissuras dos lábios.*

*Fazia tempo que despedaçara a memória dos que ensombraram a existência. Usara a destruidora de recordações como quem tritura papéis confidenciais. Dificilmente reconstruídos.*

Terrível, mas não traumatizante. Esta cena viera agora à mente a propósito da frase *"A lógica pura arruína a vida do espírito"* como dizia *Saint Exupéry*. Na altura não se pensava muito nisso. Agora sem lógica pura, nem espírito, só falam de sexo desde tenra idade, matéria ensinada nos bancos da escola.

Os seres humanos, extasiados pela magia da vida, atingem um ponto em que amam a vida tal como lhes é proporcionada, sem enfeites nem joias, numa manifestação da exaltação humana que só a elevada espiritualidade conseguem, dizem.

JC sempre tentara seguir os seus sentimentos e princípios.

*Deles ressaltava a falta de afeto a animais. Guardava recordação do cão de gado, batizado Leoa, no Azinhoso, Mogadouro. Vinha ameaçador com as suas puas em torno do peçoço, ao fim da tarde, com mais dois cães. Lembra-se que essa "leoa" alta, talvez mais que os seus jovens anos, vinha ter com ele e deixava-se acariciar.*

*Isto trouxera-lhe a recordação de um felino, aparentemente inofensivo, que existira em casa de seus avós maternos na Av.<sup>a</sup> Fernão de Magalhães no Porto. Um dia, certamente, farto das suas tropelias e outras malévolas atividades a que os jovens costumam sujeitar os animais domésticos, atirou-se a ele e deixou-o todo arranhado. Ainda hoje não podia com animais, felinos ou outros, e muito menos dentro de portas*

*Já mais tarde, em casa dos Eça, primos direitos, houvera um cão boxeur, de nome "Vali", que se atirava a carteiros, polícias, distribuidores de tudo e mais alguma coisa. Antipatizava com o bicho, mas tinha de conviver com ele quando ia lá jogar xadrez.*

*De animal em animal, não se recordava, talvez tivesse tido cuidado do ocasional grilo no verão, como as crianças da sua idade gostavam para alimentarem com uma folha de alface enquanto se deliciavam com os seus tinidos sonoros.*

*Em Alijó na casa dos tios maternos, antes de viverem na Vila Real, lembrava-se de um belo periquito. Ou seria canário? Talvez amarelo...ou a gaiola é que era dourada?*

*Em Timor, os seus companheiros de casa, tiveram uma irritante catatua com que andava sempre à bulha. Irritava-o e atirava-lhe almofadas até ela sossegar...*

*A sua relação com os animais já era há muito conflituosa. Ainda no liceu, quando vinha a pé depois de sair do elétrico na Praça do Marques de Pombal tinha de passar pela porta duma vivenda na Rua de António Cândido, onde um cão (de raça indeterminada) sempre se atirava a ele apesar do muro e do portão. Felizmente a corrente nunca permitiu que o atacasse, mas o medo que lhe inspirava esse animal devia ser sentido e cheirado à distância. Antes de lá chegar já o cão ladrava à espera. Os animais não lhe eram compatíveis.*

*Nigel, o filho mais novo, tinha pombas e coelhos. JC raramente se aproximava das suas "jaulas". Um dia até lhe propusera que abrisse a gaiola das pombas para ver se elas voltavam. Não voltaram. Mais tarde nasceria um segundo coelho preto de mãe alvar. Morreu a mãe antes de completar três anos, depois a cria desaparecera numas férias.*

*Certamente roubada como a bicicleta ou as pombas. Que nisto de progresso até os roubos já chegaram à Lomba. Até mesmo a droga que se insinua nalguns cantos e recantos com o seu séquito de pequenos ladrões e outros delinquentes.*

Já aprendera a sorrir, um esgar mais envelhecido espriado numa nova dentadura que os dentes de origem já haviam sido expurgados do seu palato. Como tudo isto parecia longínquo e perdido nas brumas da memória. Aprendera. Não obstante o país medíocre que abominava, alegrara-se e aprazera-se com a nova vida, a mulher com quem empreendera a nova etapa e o jovem filho. Nestes Açores de montes com vacas alpinistas quase se convertera a uma qualquer crença para dar graças por estar vivo e sossegado neste paraíso verde.

É esta filosofia de vida, que segue há uns, que o impele a não se lamuriar. Não se lastima da sina, dos sonhos e ambições por realizar. Nesta ilha verde o solo é tão fértil que tudo nascerá e se reproduzirá sem esforço. Um dia (2010) atirara umas batatas grelhadas para o vasto quintal. Uma semana mais tarde, para sua surpresa, elas haviam germinado e colheira dois quilos de batatas novas que bem lhe souberam. Fora nesse ano que, pela primeira vez desde a infância, plantara alfaces, tomates e couves, na sua horta e as regara, extasiado, vendo-as crescer, de dia para dia.

*Graças à fecundidade do solo e à posição privilegiada entre a Europa, África e América, S. Miguel desenvolveu-se desde a chegada dos primeiros colonos. A economia esteve centrada no trigo, exportado para as guarnições portuguesas das praças do Norte de África, na cana-de-açúcar, nas tintureiras (pastel e urzela, exportadas para a Flandres), no vinho e nos laticínios.*

*Um século mais tarde, a batata-doce, o milho, o inhame, o linho e a laranja ampliaram a produção.*

*Vítima de ataques de corsários franceses, ingleses e argelinos no final do séc. XVI e XVII, S. Miguel é ocupada por tropas espanholas em 1582, depois da derrota, frente a Vila Franca, de uma esquadra francesa, em que combatiam portugueses apoiando D. António, Prior do Crato, pretendente ao trono.*

*Com a Restauração da Independência (1640), S. Miguel recupera a posição comercial desenvolvendo contactos com o Brasil, para onde seguem colónias de emigrantes. A laranja, exportada para Inglaterra, trouxe, desde finais do séc. XVIII, grande prosperidade e enriquecimento. Em 1860 uma doença extermina os laranjais.*

*A necessidade, aliada à iniciativa e vontade dos habitantes, ultrapassa a crise. Introduzem-se novas culturas: tabaco, chá, chicória, beterraba sacarina e ananás, que garantem a sobrevivência económica com a indústria, pesca e pecuária. O ananás de S. Miguel é exportado para todas as ilhas e para o Continente.*

*O setor primário constitui a principal atividade económica, destacando-se a produção de cereais, chá, fruta e vinho, além da pecuária bovina, embora o turismo dissimuladamente tenha ganho importância emergente nas últimas décadas.*

*Naturalmente rodeada de mar por todos os lados, mal seria se o peixe não fizesse parte da gastronomia local. A maioria das espécies pescadas acaba no prato das gentes dos Açores.*

*Como a vinha se dá bem em solo rochoso, que também não escasseia, os seus frutos na mais eloquente forma de vinho, acabam nos copos às refeições das mesmas gentes.*

*Obviamente, deve citar-se a exploração em massa dos últimos 40-50 anos: a agropecuária e com ela, a ubíqua vaca, animal quase tão sagrado como na Índia.*

*A distância dos Açores a qualquer terra firme criou uma autonomia culinária, com inúmeros pratos de sabor único, embora haja influência da cozinha continental e mediterrânica na confeção dos mesmos. O sabor e textura assim o denunciam, apesar de o picante da pasta de pimenta ser mais forte que na maioria dos pratos confeccionados no continente.*

*Para uma viagem à gastronomia, comece-se por provar o peixe. Tradicionalmente fresco e cozinhado simples, com nuances de ilha para ilha, o peixe grelhado é bom, mas não menos em sopas ou guisados. Igualmente apetecíveis os chicharrinhos fritos com molho de vilão, batata cozida com casca e pimenta da terra, polvo guisado, arroz de lapas ou de molho Afonso, caldeiradas de peixe. A não perder os crustáceos: lagosta, cavaco, santola ou craca. Lapas em arroz ou na chapa com alho e limão são imperdíveis. A apanha é condicionada por ser espécie protegida.*

*Os pratos de carne conservam autenticidade, desde o pitoresco “Cozido das Furnas”, semelhante ao “Cozido à Portuguesa” com carnes e vegetais estufados na panela. É preparado e içado de buracos no solo em atividade vulcânica ao fim de 5-7 horas. São os vapores sulfurosos que lhe conferem o sabor especial.*

*Um bife de vazia com sal, pasta de pimenta e limão, é típico, como outro que inclui chouriço e morcela. Os enchidos têm um sabor único. Pratos como caldo azedo, torresmos de molho de fígado, linguiça com inhame, assado misto, morcela com ananás e cozido, não deixam ninguém indiferente.*

*As Sopas do Espírito Santo, associadas à maior celebração religiosa, são outro prato típico que inclui carne de uma forma generosa.*

*Há enorme diversidade de queijos, dos amanteigados aos mais secos, dos mais frescos, de vaca ou cabra, aos mais antigos em que é necessário um período de semanas ou*

*meses para fermentar e ganhar o característico paladar. Para abrir o apetite, um fresco com pimenta de terra, como o de S. Jorge, mais forte e ácido ou o Terra Nostra de S. Miguel.*

*Na pastelaria, a massa sovada, os bolos lêvedos, com ou sem manteiga e um chá preto a acompanhar. As Queijadas de Vila Franca ou de Feijão podem servir de sobremesa. Produzidas somente pelo Carnaval, são as malassadas, um doce deixado a fermentar para depois ser frito e polvilhado com açúcar.*

*Produz-se vinho de cheiro, tipo morangueiro, sendo o mais conhecido, o da Caloura.*

*Nos licores uma referência para os de maracujá e ananás.*

*Não esquecer o chá produzido na Gorreana e Porto Formoso.*

Por fim, um reparo. A qualidade dos serviços é numa forma geral bastante baixa. Não conforme aos padrões europeus. As queixas primordiais de JC ao setor turístico açoriano são os custos exorbitantes de hotéis e restaurantes e o mau serviço face aos preços praticados.

A paisagem não faz esquecer, nem perdoar tudo. Ter de sistematicamente pedir um copo para beber água é a regra exceto nos cafés e restaurantes de topo.

Tudo leva tempo e é imperiosa uma mudança de mentalidade e de cultura se a ilha e o arquipélago quiserem embarcar a sério na exploração turística. Já existe um curso de hotelaria em S. Miguel, mas é preciso reconverter e enviar para formação profissional a maior parte dos que trabalham no setor, com boa vontade, diligência e ignorância de regras fundamentais de serviço.

Os pequenos cursos do setor hoteleiro ministrados nas escolas servem apenas de aperitivo a quem quiser trabalhar no ramo da hospitalidade. Se nas cidades, ou capitais administrativas em cada ilha isso pode não ser rapidamente visível, logo que saímos desses centros urbanos é outra história.

*Cremos que se a ASAE (inspeção das atividades económicas) estivesse tão ativa aqui (onde se chama IRAE) como no continente a maior parte dos estabelecimentos fechava do dia para a noite.*

*Claro que as ilhas estiveram, demasiado tempo, isoladas do mundo e mergulhadas num obscurantismo feudal que as não deixou progredir.*

*Nem deixava que as gentes se instruissem e cultivassem, mas já passaram muitos anos depois da Revolução de abril e é tempo de se começarem a ver resultados da educação universal.*

### 19. SANTA MARIA DOS AÇORES. FÉRIAS set. 2006

Passara mais uns meses sem se dedicar à veia escrevinhadora. Dera conta de recortes encontrados em milhentas gavetas, até nas que carecem de existência física, amalhadas nos locais mais escondos do seu inconsciente, como se de tesouros se tratasse. Na noite de 14 de agosto 2006, uma violenta tempestade abateu-se sobre S. Miguel. Ventos ciclónicos e chuva diluviana.

*Ficara totalmente destruída, a tenda acabada de comprar e pouco usada. Partiu-se em dois, o toldo do balouço de jardim, onde se sentara a ler e fruir o pôr-do-sol. As pedras com muitos quilos, colocadas umas em cima das outras formando um banco quadrado sob o toldo, foram atiradas ao chão pelo vento. Só viria a sabê-lo quando já estava longe de casa. O voo, num bimotor a hélice British Aerospace ATP, demorou escassos vinte minutos, mal dando tempo para aquecer o assento. A abordagem à enorme pista, construída pelos norte-americanos em 1944, fez-se bem e mostrou o lado aparentemente seco de Santa Maria.*

*A viatura do Hotel 5, atual Hotel Colombo, não compareceu. No segundo dia guiavam um satisfatório Hyundai Matrix Pininfarina. Ao longo de 11 dias levou-os aos cantos da pequena ilha, em asfalto ou terra. Um aluguer através dum conhecido: 20 euros em vez de 45, que as agências cobravam.*



Encontrara tempo mais quente e húmido do que em S. Miguel. Chamou-lhe a atenção a falta de população na Vila do Porto. À noite a capital só desvendava silhuetas de postes de iluminação pública. As casas, na maioria, às escuras. Poupança ou falta de população? Pressagiava-se numa ilha.

A mais antiga referência às ilhas é feita no Portulano Laurenziano-Gaddiano ou Atlas de Médici, de 1351. Admite-se que a descoberta tenha sido feita por uma expedição luso genovesa numa viagem de retorno às Canárias. As ilhas foram designadas: "Insule de Lobo" [Ilha dos

Lobos Marinhos], "Insule de Caprera" [das Cabras], "Insule de Brazi" do Brasil], "Insule de Ventura sive Li Columbiss" [da Ventura e dos Pombos], "Li Conigi" dos Coelhos?] e "Insule de Corvi marini" [dos Corvos Marinhos]. Estas informações foram repetidas nas cartas posteriores, como no Mapa de Pizzigani de 1367. No Atlas Catalão de 1375, de Abraão Cresques, aparecem pela primeira vez individualizadas a Ilha de "San Zorzo" [São Jorge], a Ilha do Faial chamada de "Insula de la Ventura" e a do Pico chamada de "Li Columbi" [dos Pombos].

Foi a primeira ilha dos Açores a ser povoada, vê desembarcar das caravelas em 1439, o punhado de pioneiros que se fixaram na Praia dos Lobos, ao longo da ribeira do Capitão. João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro Capitão Donatário e seu herdeiro, deu um novo impulso ao povoamento de Santa Maria trazendo famílias do Continente, sobretudo algarvias.



*Diogo Silves terá aportado no regresso da Madeira, em 1427. Hoje tem 6 500 habitantes. As terras são muito férteis nesta ilha de 97,42 km<sup>2</sup> (17 km comprido e 9,5 largura), pouco menor que o Ataúro em Timor (105 km<sup>2</sup>). É a ilha mais a sul e a leste e a única com terra de origem sedimentar e fósseis marinhos.*

*Até finais do séc. XV, a ilha registou grande desenvolvimento. O primeiro foral de vila nos Açores foi concedido à localidade do Porto, desde então denominada Vila do Porto. A prosperidade assentou, até final do séc. XVIII, no pastel, o melhor e mais abundante, e na urzela, exportados para as tinturarias da Flandres. Havia também o trigo, muito procurado para abastecer as praças-fortes portuguesas do norte de África.*

*Em 1493, recebeu Cristóvão Colombo, no regresso da sua primeira viagem à América. Foi considerado um vulgar pirata. Preso se quedou às ordens do governador, até esclarecimento da sua vinda. A internet da época não permitia a informação na hora sobre quem era e qual a missão ao lado outro do Atlântico. A sua estadia está narrada em livros recentes sobre a identidade de Colombo, aliás Cristóvam Cólón. Os verdadeiros piratas*

*vieram, nos sécs. XVI e XVII, com corsários ingleses, franceses, turcos e argelinos. Efeituavam razias, incendiavam, violavam, pilhavam, levando mulheres e homens como escravos e reféns. Moedas de troca vulgares nesses dias.*

*A agricultura (vinhedos, trigo, milho, batata, inhame, pomares), a pecuária e os laticínios, permitiram a Santa Maria atravessar, sem sobressaltos, os sécs. XVIII e XIX. A capital é a mais antiga vila açoriana e ainda existem vestígios de velhas casas, como a do Capitão Donatário com janelas do século XV. A construção pode evocar as congéneres alentejanas ou algarvias, com grandes chaminés, mas ao contrário do que erroneamente se lê em panfletos a sua origem não tem a ver com Portugal.*

As casas estão espalhadas por toda a ilha fazendo as suas chaminés lembrar o Algarve, com as suas chaminés. As terras são muito férteis e a paisagem rural é de grande beleza.



Ilha de formas irregulares, com uma área de 97,42 km<sup>2</sup>, tendo o comprimento de 17 km e de largura 9,5 km, é a ilha que se encontra mais a sul e a oriente do Arquipélago, com uma população de 6 500 habitantes.



As singulares e elegantes chaminés brancas distinguem-se por entre jardins e flores, que substituem as hortas tradicionais de S. Miguel. Não são chaminés algarvias como exprime Daniel de Sá no livro “Santa Maria Ilha-Mãe”



*“Até as chaminés mais antigas não se erguem muito acima dos telhados. As redondas vão um pouco mais alto, na sua elegância de navio a vapor. Pensa-se que foram brasileiros de torna-viagem que se inspiraram nas chaminés dos transatlânticos que os traziam à ilha. Por isso lhes chamam chaminés de vapor. Em Santana, no meu tempo, haveria apenas três ou quatro. O que quer dizer que todas as outras casas seriam provavelmente do século XIX ou princípios do XX, mantendo as chaminés de mãos-postas, como que pedindo aos Céus a bênção para o lar, o forno e o fumeiro. Essas chaminés “de vapor” provocaram uma interpretação errada que persiste, mesmo entre pessoas cultas. Bastaria saber a época a que pertencem para se pôr de parte a apressada tese. Por causa da sua parecença com as do Algarve e Alentejo, houve quem as visse como herança das gentes do sul do Reino. Coincidência somente.”*

*Digna de menção foi a presença na ilha de um contingente de tropas, após o desembarque na Achadinha e a batalha da Ladeira da Velha (em São Miguel). Preparavam-se para o desembarque do Mindelo, que ocorreu na praia da Arnosa de Pampelido, atual Praia da Memória, freguesia da Lavra, concelho de Matosinhos. O desembarque das tropas liberais, a norte do Porto, ocorreu a 8 de julho de 1832, durante as Guerras Liberais, ou Guerra Civil Portuguesa (1828-1834). Desembarcaram 7.500 homens, entre os quais Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar, transportados por 60 navios. Permitiu aos liberais tomar de surpresa ao exército miguelista, a cidade do Porto dia 9 de julho, e suportar depois prolongado Cerco. D. Miguel, capitularia em Evoramonte (1834) para a implantação do Liberalismo em Portugal.*

*O séc. XX trouxe a Santa Maria o progresso com a construção do aeroporto por tropas norte-americanas, em 1944 e inaugurado em julho de 1945. Teve grande valor estratégico durante a Guerra. Foi ponto de escala obrigatório nas travessias atlânticas, até finais de 1960. Tem três pistas, uma delas a mais extensa do arquipélago, com 3.048 metros. Finda a guerra foi entregue ao Estado Português (junho 1946). Era o destino do voo inaugural da Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos (SATA) e da aeronave "Açor" que cairia ao mar a 5 de agosto 1947, após descolar de S. Miguel, matando dois tripulantes e quatro passageiros. A TAP (Transportes Aéreos Portugueses) passou a escalar em 1962, iniciando voos para Nova Iorque (1969) e Montreal (1971), bem como o supersónico Concorde, entre a Europa e a América.*

Havia muito para ver e aprender na ilha. O afamado Festival Maré de agosto, engloba diversas atividades e concertos musicais na Praia [atenção leitores e navegadores da internet: **Praia Formosa só na boca dos forasteiros**]. Isto atrai milhares de jovens que na segunda quinzena de agosto, duplicam ou triplicam a população autóctone. As maiores festas tradicionais e religiosas realizam-se na Vila do Porto, a 15 de agosto, em honra de N. S.<sup>ra</sup> da

Assunção. Mas ao contrário do noticiado havia mais gente nas festas anuais da Lomba da Maia do que no famoso festival...

*As festas anuais do Espírito Santo, de abril a junho, juntam devotos para a coroação do Imperador e o tradicional cortejo, seguido das sopas do Império confeccionadas em grandes panelas de ferro e acompanhada por pão de milho. Há ainda o caldo de nabos, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa e caldeirada de peixe. Nos mariscos, cavaco, lagosta, lapa e cracas.*

*Na doçaria, há biscoitos encanelados, biscoitos de orelha, biscoitos brancos, biscoitos de aguardente e as típicas cavacas. Das vinhas de S. Lourenço, vem o vinho de cheiro, o abafado, o abafadinho, o licor e a aguardente, produzidos de forma artesanal. Com origens na Beira e Alentejo, o folclore é único devido ao isolamento.*

Recortada por baías, Santa Maria tem belas praias de areias brancas e águas cristalinas. Um desafio ao surf, windsurf, vela, mergulho, pesca desportiva, enfim, inúmeras atividades para os apreciadores de férias desportivas numa ilha com a reputação de ser demandada por aqueles que pretendem repouso e sossego. Uma impressão prevalecte durante a estadia fora (quase sempre) a sensação preocupante de estar numa ilha.



**PRAIA FORMOSA**



**ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**

***Praia [não diga Praia Formosa]:***

*Baía na costa sul com areias claras e cristalinas, afamada pelo Festival Maré de agosto, na freguesia de Almagreira, perto da Vila do Porto. Zona de veraneio e lazer.*

***Ermida de Nossa Senhora de Fátima:***

*Na freguesia de S. Pedro (Alto das Feteiras) está a primeira capela construída em homenagem às aparições de Fátima, fora de Leiria. Inaugurada em 1925, quatro anos depois construiu-se a escadaria, dedicada ao Santo Rosário com o exato número das contas de um rosário e dez patamares, representando cada Mistério do Terço.*



**S. Lourenço:**

*Praia e piscinas naturais, desportos aquáticos. As encostas plantadas de vinhedos em típicos “currais” rodeiam a curta praia de areia clara. No extremo, o Ilhéu do Romeiro tem gruta de estalactites e estalagmites e um cais natural no interior. Veem-se restos do Forte da Baía, cuja bateria se destinava à defesa contra os ataques de piratas.*



**MONUMENTO A COLOMBO E CAPELA ONDE ALEGADAMENTE COLOMBO REZOU**

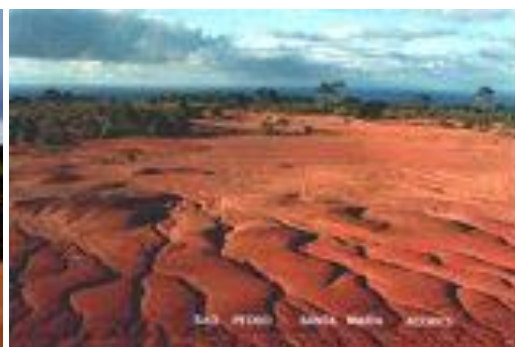


**Anjos:**

*Pequena e tranquila localidade, a norte, onde está admiravelmente preservada a capela em frente à estatua de Cristóvão Colombo. Diz-se que aqui mandou celebrar a Missa de Ação de Graças após a descoberta da América. Amena baía classificada como Reserva Natural dispendo de piscina natural e vista para a Ponta dos Frades.*



BARREIRO DA FANECA



***Barreiro da Faneca:***

*No meio do nada surge o improvável Barreiro da Faneca, cicatriz de milhões de anos da ilha. Outrora deste árido “Deserto Vermelho” se extraía o barro exportado para outras ilhas. Não há sinalética nem indicações para se chegar lá. Encontrara-o por acaso em pesquisa de uma estrada em terra. Posteriormente, noutra senda, depararia com um acesso melhor. Sentira-se noutra mundo, rodeado pelas peculiares dunas, talvez em Marte o solo assim. Parecia. Não se fartara de fotografar este miniatural Saara que na terminologia de Daniel de Sá é:*

*“...paisagem singular e única no arquipélago, advinda da forte erosão e composição físico-química do solo, resulta num “ex-libris” paisagístico que urge preservar, combatendo a expansão de vegetação invasora e o controlo de desportos motorizados que destroem as dunas.”*

***Aeroporto:***

*Como pouco há para fazer na ilha, fora observar o movimento no aeroporto ou a falta dele. A sua estrela da sorte que sempre o acompanha proporcionou-lhe a rara visão de um enorme cargueiro Ilyushin IL76. A tripulação de nove membros, toda uniformizada de caqui bege, dirigiu-*

*se em fila indiana (ou seria soviética?) para o Hotel Santa Maria, nas antigas instalações da messe militar. O avião, rodeado de algum sigilo, descolou pela meia-noite. Podiam fazer-se conjeturas várias, estofado de espíões ao serviço de Sua Majestade ou do Eixo e Império do Mal. Elevado número de curiosos e de fotógrafos improvisados tinham ocorrido, pressurosos, a apreciar um dos maiores aviões do mundo, assim levavam a congeminar. Na realidade, poderia ter apenas sido uma paragem de rotina de um avião de carga russo. Há sempre conjeturas em momentos como este, que são motivo de conversa à mesa do café na terra onde nunca nada acontece. Ao lado nem uma só pessoa dera conta do evento no restaurante do aeroporto que é aceitável no menu e preços.*



**CARGUEIRO ILYUSHIN DE FABRICO RUSSO CUJA TRIPULAÇÃO DE NOVE MEMBROS (TODOS VESTIDOS DE IGUAL) SE DIRIGIU EM FILA INDIANA, PORTE ALTIVO, MILITAR, PARA O HOTEL SANTA MARIA (ONDE TINHAM SIDO AS ANTIGAS INSTALAÇÕES DA MESSE MILITAR NORTE-AMERICANA) E QUE DESCOLOU PELA MEIA-NOITE**

Uma das coisas mais impressionantes e imponentes da ilha é a zona das velhas instalações norte-americanas na zona aeroportuária. Quando estive pela primeira vez em Santa Maria em 2006, viajei de volta à minha adolescência tendo fascinado prédios e instalações antigas, em especial as instalações do enorme aeroporto, daquela que não é cidade, mas apenas a Vila do Porto. Tudo ali me remete ao passado glorioso e azafamado da Segunda Guerra. Ali tudo que me remete ao passado, quase coetâneo do meu nascimento, me encanta. Até pensei em tentar fazer um projeto ou algo assim de recuperação das instalações. Nessa data - e já lá vão uns seis anos - ainda não era a Câmara Municipal responsável por muitos desses equipamentos urbanos.

Imaginem só, a vila tem alguns pontos turísticos e se fosse possível das instalações desativadas construir um verdadeiro museu vivo em homenagem ao esforço da Segunda Guerra, seria possível reproduzir artesanalmente dentro daquele espaço incrível a vida no tempo da guerra. Haveria lugar para o artesanato que os visitantes poderiam levar de lembrança, criando novas oportunidades e revitalizando a Vila do Porto.



AEROPORTO DE SANTA MARIA

*Devido à sua posição estratégica no Atlântico, em 1944, as Forças Aéreas Americanas construíram um aeroporto e uma grande base militar na costa ocidental da ilha pois todos os aviões transatlânticos tinham que fazer uma paragem obrigatória em Santa Maria. Era a primeira presença norte-americana nos Açores, antes da transferência para a base das Lajes. O acordo não pode deixar de ser entendido no contexto da política externa portuguesa, na inflexão de uma “neutralidade colaborante” com os “Aliados”. Foi precedido de um outro, em agosto de 1943, entre Portugal e o Reino Unido, concedendo autorização para criar nas Lajes uma base naval e aérea durante o período de guerra.*

*Os EUA não ficaram satisfeitos com o teor do acordo luso-britânico de 1943, dado não prever a possibilidade de as forças norte-americanas terem acesso direto à base além de que a “manutenção de unidades americanas em permanência” não era contemplada.*

*Por um lado, continuava a faltar uma escala fundamental no transporte das tropas americanas para a Europa e África; por outro lado, sendo britânico, não assegurava os direitos de longa duração que os americanos pretendiam adquirir. Desde que a base foi desativada, o aeroporto perdeu importância e hoje, serve os voos da SATA, assegurando a ligação diária com S. Miguel e as ocasionais paragens de reabastecimento de voos que atravessem o Atlântico Norte rumo à América, do Norte ou do Sul.*

Durante os meses de verão, há a alternativa do serviço (ir)regular de ferry de S. Miguel, duas vezes por semana.

*Embora a introdução de aviões com maior autonomia de voo reduzisse o tráfego, este é um dos dois aeroportos mais bem equipados dos Açores. O FIR (controlo de tráfego aéreo da Região de Informação Aérea Oceânica) também se situa aqui e serviu para seguir o*

*lançamento do “Automated Transfer Vehicle (ATV)” europeu para a Estação Espacial Internacional (ISS) para ajudar o reabastecimento dos astronautas em órbita.*

Coexiste em Santa Maria um antigo aglomerado urbano, datando do início do povoamento insular com um núcleo moderno, o Bairro do Aeroporto. Mas o povoado antigo foi o primeiro em todo o arquipélago. Possui uma clara originalidade de traçado.

*O bairro moderno assumiu um carácter urbanístico e arquitetónico inovador. Vila do Porto, com o seu troço mais antigo, a sul, de desenho linear, implantou-se ao longo da elevada crista (uma lomba) junto à costa, no sentido norte-sul, entre dois vales escavados por ribeiras. Apresenta uma estrutura medievo-renascentista, que recorda as vilas de fundação medieval, sem as muralhas.*

A história de Vila do Porto, Anjos, Santo Espírito e S. Pedro é um roteiro bem recheado de igrejas, conventos e fortalezas de tempos passados. De facto, a rua principal acompanhada de outra paralela, ambas grosseiramente retilíneas, formam o essencial da antiga povoação, completadas por terceira rua secundária e algumas transversais. Assim a descreveu Gaspar Frutuoso em finais de Quinhentos, depois de século e meio de consolidação:



*“Tem esta Vila do Porto três ruas compridas, que correm direitas a esta ermida de Nossa Senhora da Conceição e ao porto, as quais começam no adro da igreja principal. A rua do meio, muito larga e formosa e de boa casaria (...). As outras duas ruas não são tão povoadas por se entremeterem nelas paredes de muitas hortas e quintais e serrados.” (in Saudades da Terra, vol. III cap. VI pág. 47). A vila pode ter tido um núcleo primitivo tipo “povoação-praça”, concentrado junto ao forte e à Ermida da Conceição, a primeira matriz. As analogias desta estrutura com similares nas outras ilhas são evidentes. Compare-se com o traçado da Povoação na ilha de S. Miguel. Aqui originou-se num vale, ao longo da ribeira, perpendicular à costa. Em Vila do Porto, foi no dorso da lomba. Hoje, podem-se ver as três ruas da fundação medieval, entre a Ermida da Conceição e a Matriz de Nossa Senhora da Assunção. São a rua principal (Frei Gonçalo Velho), que a acompanha a nascente (Rua Dr. João de Deus Vieira - R. da Boa Nova - R. da Misericórdia), e a mais secundária, quase de “traseiras” (R. do Livramento - R. José Inácio de Andrade).*

Mesmo a arquitetura residencial provém do primeiro povoamento. Destaque-se a tradicional fachada térrea da Casa do Donatário, de feição quatrocentista, com arcos góticos e manuelinos (*só resta a fachada*).

A Misericórdia tem uma Capela do Senhor dos Passos, dedicada ao Santo Espírito e à procissão dos Passos, como se presume pelo texto de Frutuoso:

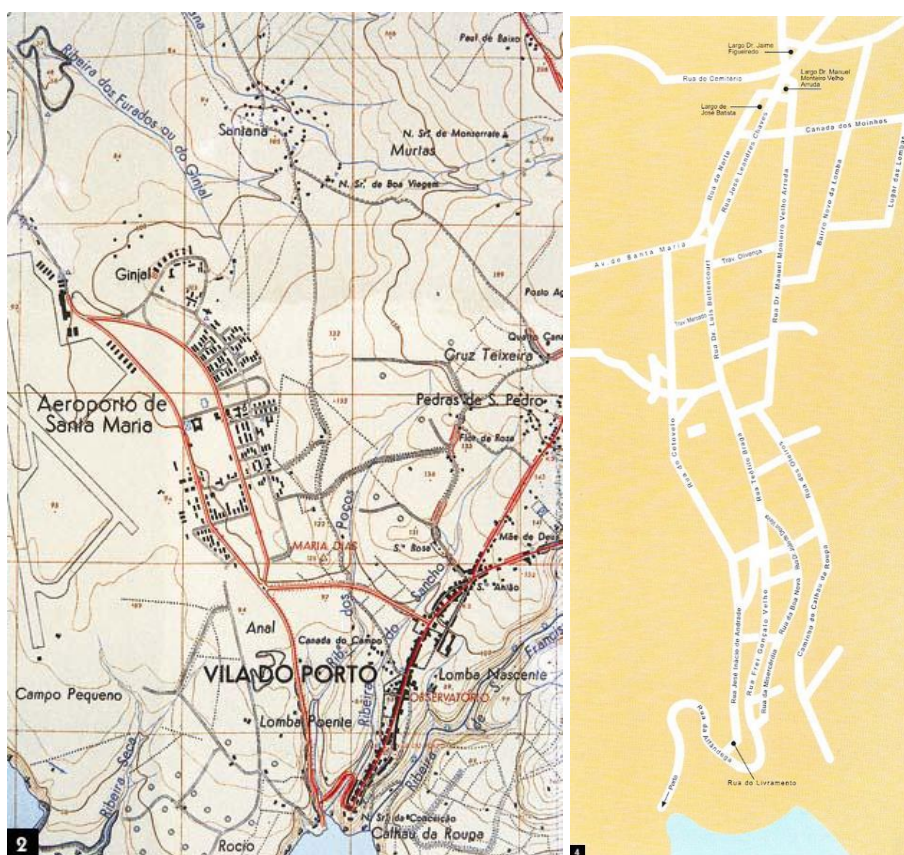
*“(...) há mais duas igrejas nesta vila [além da matriz], muito boas casas: uma, nomeada Espírito Santo e Misericórdia...; outra de Nossa Senhora da Conceição, que está sobre a rocha e o porto...à data da fundação a vila era composta pelo Forte, Casa do Capitão, Matriz e Misericórdia. Depois foi a vez da Câmara e da Cadeia no convento franciscano. As três ruas confluem no Matriz crescendo para norte por uma “rua nova”, mais larga e direita, típica dos séculos XVII-XVIII (Rua Teófilo Braga - R. Dr. Luís Bettencourt - R. José Leandres Chaves). Frutuoso descreve em 1590 a área por urbanizar, na direção norte: “Acima da igreja principal, para dentro da terra, ficam algumas casas, as mais delas de palha, em um caminho a modo de rua muito larga, que vai correndo entre serrados, e acaba antes que cheguem a uma ermida de Sto Antão, que está em um alto” (ib, p 47).*

A ermida é hoje a *Igreja de Santo Antão*. Nesta rua, então fora de portas, se instalaram, como convinha, os conventos da vila: o *Recolhimento de Santa Maria Madalena*, com capela, acima da *Matriz*, (de 1594 e melhorada em 1691 e 1841); o *Convento de S. Francisco*, com a *Igreja de Nossa Senhora da Vitória* (a “Igreja dos frades”, (1607, reconstruída em 1725), sede atual da Câmara Municipal, voltada para um largo ajardinado, com um elegante claustro. Do outro lado, o *Convento de Santo António*, atual Biblioteca Municipal.



*Este traçado chegou quase intacto até ao séc. XX. A vila demorou a desenvolver-se para norte no seguimento da rua direita que parte do cabeço fortificado junto ao porto. No século XX o modernismo renovou a face medieval da Vila com os Correios (Arqt.º João Rebelo, 1958-63) e a sede da Polícia (Arqt.º Jorge Kol de Carvalho, 1988-95).*

*O chamado “Centro Histórico de Vila do Porto”, classificado como possuindo “Valor Regional” em 1992, permanece abandonado. Do lado do mar, muitas habitações totalmente destruídas. É exemplar único de uma vila medieval fora da Europa (1450) sem a habitual muralha. Mais uma vez a História votada às urtigas e ao esquecimento. Com pedras não se ganham votos.*



Hoje, em planta atual da capital mariense, podemos reconhecer efetivamente as três ruas fundacionais, que se desenvolvem entre a Ermida da Conceição e a Matriz de Nossa Senhora da Assunção: são elas a rua principal (de Frei Gonçalo Velho), a via que a acompanha a nascente (Rua Dr. João de Deus Vieira / Rua da Boa Nova / Rua da Misericórdia), e a mais secundária, quase de “traseiras”, a Rua do Livramento / Rua José Inácio de Andrade.<sup>7</sup> Mesmo as arquiteturas

<sup>7</sup> <http://www.inventario.iacultura.pt/smaria/vilaporto/vila-porto.html>



residenciais que as definem (ou definiam até há poucos anos) ainda em muitos casos proveem dos primeiros séculos do povoamento. Destaquem-se, na rua principal, a tradicional Casa do Capitão Brás Soares de Sousa, (nº 14 da Rua Frei Gonçalo Velho), notável solar de resquício medieval, com a Capela do Livramento, exemplar de solar antigo dos Açores (preciosidade que caiu em ruína nos últimos vinte anos, e finalmente, em 2003-2004, desapareceu por demolição altamente lamentável); e a fachada térrea da Casa do Donatário, de feição quatrocentista, com arcos góticos e manuelinos (outro “caco”, só fachada).

É também neste troço que se situa a Misericórdia (na rua homónima), com a tradicional Capela do Senhor dos Passos, dedicada ao Santo Espírito e à procissão dos Passos, como se presume uma vez mais pelo texto de Frutuoso:

“(…) há mais duas igrejas nesta vila [além da Matriz], muito boas casas: uma, nomeada Espírito Santo e Misericórdia, onde se fazem muitas obras de caridade; outra de Nossa Senhora da Conceição, que está sobre a rocha e o porto.

Num quadro fundacional, onde apenas se edificavam as funções essenciais, estaria completa a vila, com Forte, Casa do Capitão, Matriz e Misericórdia, se lhe acrescentássemos a Câmara e Cadeia, que devem ter tido lugar aqui, e só mais tarde terão passado para o atual sítio, no Convento franciscano. De facto, as três ruas atrás referidas convergem junto à Matriz, e o seu prolongamento para norte faz-se por uma típica “rua nova”, mais larga que as anteriores, mais reta e de traçado claramente já atribuível aos sécs. XVII-XVIII (atual eixo da R. Teófilo Braga / R. Dr. Luís Bettencourt / R. José Leandres Chaves) - o que se comprova novamente pela descrição de Frutuoso, que em 1590 referia a área como ainda por urbanizar, embora com a direção norte já definida: “Acima da igreja principal, para dentro da terra, ficam algumas casas, as mais delas de palha, em um caminho a modo de rua muito larga, quer vai correndo entre serrados, e acabar antes que cheguem a uma Ermida de Santo Antão, que está em um alto (...)” (idem, pág. 47). A Ermida é hoje a Igreja de Santo Antão, que culmina a rua longa e larga que referimos antes, e com ela o núcleo urbano linear como ele se definiu até aos sécs. XIX-XX. Foi nesta rua que se instalaram os sucessivos conventos da vila, em típica instalação arrabaldina. De sul para norte, implantaram-se: o Recolhimento de Santa Maria Madalena, com Capela (logo acima da Matriz, num largo lateral), de 1594-1600, melhorada em 1691 e 1841; o Convento de São Francisco, com a Igreja de Nossa Senhora da Vitória (a “Igreja dos Frades”, de 1607-09, reconstruída em 1725), sede atual da Câmara Municipal, deitando para um amplo largo ajardinado, e a mais erudita destas instalações em Vila do Porto, com um elegante claustro; e, do outro lado da rua, o Convento de Santo António, de expressão mais vernácula, atual Biblioteca Municipal.



11

Por tudo o que atrás se afirmou, se depreende a persistência notável deste traçado urbano de Vila do Porto, que chegou quase intacto até ao séc. XX. Mais para norte, a vila apenas se desenvolveu lenta e secularmente, pelo prolongamento, natural e gradual, da via direita que nasce no cabeço fortificado junto ao porto. No séc. XX algumas construções recentes, em desenho moderno, foram lentamente renovando o ambiente urbano desta “vila-rua”, embora de modo muito pontual: refiram-se, a título de exemplo, os Correios (pelo arquiteto João Rebelo, dos anos 1958-63) e a sede da Polícia (pelo arquiteto Jorge Kol de Carvalho, de 1988-95). Este conjunto urbano foi reconhecido oficialmente no seu alto valor histórico arquitetónico, há alguns anos. O chamado “Centro Histórico de Vila do Porto”, classificado pelo Governo como “Valor Regional” em 1992 (com plano de salvaguarda e regulamentação em 1993), permanece, porém, atualmente meio abandonado e pouco a pouco transformado num “caco”, sobretudo do lado do mar, o mais antigo, pois não recebe há anos investimento governamental ou municipal digno desse nome. Sendo o exemplar único de uma vila medieva, ensaiada pela primeira vez fora da Europa nos idos de 1450, aventurosamente sem recorrer à muralha habitual, o qual singrou e persistiu até hoje, merece por certo melhor apoio, destino e futuro.



12



13



14

O Bairro do Aeroporto constitui uma pequena “cidade-jardim” característica do urbanismo moderno internacional dos meados do séc. XX, fruto da instalação aeroportuária de emergência que, entre 1944 e 1946, foi edificada pelos norte-americanos para apoio à vasta pista de aviação e à escala do trânsito militar por ar, destinado a terminar com a guerra no Pacífico. Curiosamente, a sua forma urbana implantou-se de um modo relativamente análogo ao da projectada Vila do Porto, em orientação sensivelmente nor-noroeste (enquanto a implantação de Vila do Porto é parecida, mas de nor-nordeste), e com uma estrutura também essencialmente linear, embora mais complexa que a da antiga vila mariense, como veremos. Por esta via, e fruto dos “ventos da história”, surgiu deste modo em Santa Maria uma inesperada vertente moderna, com obras de arquitetura coerente e servindo as funções mais diversas. O bairro representou uma profunda inovação, mesmo uma rutura no quadro do urbanismo tradicional insular, “(...)”, porém em sintonia com a grande escala do urbanismo americano: ruas largas, curvilíneas (para evitar as velocidades excessivas), edifícios simples, prefabricados (com estrutura metálica, trazida dos Estados Unidos), espaços arborizados entre os imóveis. Verdadeiro bairro-jardim, a base americana revolucionou o quotidiano da população mariense, que depressa a ela se habituou. Incluía equipamentos, todos prefabricados, como o Cinema ‘Atlântida Cine’, inaugurado em 1946; o clube ‘Asas do Atlântico’, de 1950; e ainda igreja, ginásio e residências, estas isoladas e em blocos coletivos (estas últimas foram depois transformadas no original Hotel do Aeroporto). “

(in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, pág. 336).



O conjunto do Bairro do Aeroporto, retomado pela Aeronáutica Portuguesa em junho de 1946, teve uma sequente intervenção de desenho moderno por Keil do Amaral (em 1950).

Este autor deve ter trabalhado no plano geral (com a rede viária e as suas placas de sinalização de trânsito, idênticas na forma e no lettering às do Parque do Monsanto, em Lisboa, do mesmo arquiteto), na adaptação da aerogare a uso civil, na habitação do diretor e na fiada de habitações contíguas, tudo dentro da estética dos anos 1950.

Em termos urbanos, o desenho do bairro é bastante simples (uma representação geral em planta, que existia no antigo Hotel do Aeroporto nos anos de 1980, e que, entretanto, ardeu com o Hotel, há vários anos): uma via de serviço, mais a poente, liga as instalações da aerogare à antiga vila ou diretamente ao porto, pela famosa “Estrada da Birmânia”; uma outra via destina-se às áreas mais residenciais, a nascente.

Estas áreas estão agrupadas em sequências de largos quarteirões abertos, muito arborizados e com afastamentos entre todas as edificações. De sul para norte, passa-se por uma série de habitações “em lata” (os prefabricados); uma via transversal de equipamentos (igreja, ginásio, cinema, etc.), com um espaço livre e amplo fronteiro; uma nova série de habitações metálicas, até se atingir o extremo norte do conjunto, onde fica o Hotel (entretanto reconstruído com outro projeto) e o Clube Asas do Atlântico, para além de algumas habitações mais individualizadas destinadas aos dirigentes do Aeroporto.<sup>8</sup>

Um dos locais mais interessantes da ilha e tão menosprezado como o centro medieval, é o citado bairro do Aeroporto. Criminosamente, as autoridades portuguesas, decerto ignorantes do seu valor patrimonial não investem na sua preservação. Apesar de mais moderno que o velho centro medievo, decerto custaria menos investir na sua preservação como autêntico Museu vivo da história recente europeia.

<sup>8</sup> <http://www.inventario.iacultura.pt/smaria/vilaporto/vila-porto.html>

Bibliografia: AA VV, *Arquitetura Popular dos Açores*, Ordem dos Arquitetos, Lisboa, 2000, Fernandes, José Manuel, “Arquitetura e Urbanismo no Espaço Ultramarino Português”, in *História da Expansão Portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chauduri, Círculo de Leitores, Lisboa, 1997, vol. 5, pp. 334-383, Fernandes, José Manuel, *Cidades e Casas da Macaronésia*, FAUP, Porto, 1996, Ferreira, Adriano, *Era uma Vez... Santa Maria*, Câmara Municipal de Vila do Porto, 1996, Figueiredo, Jaime de, *Ilha de Gonçalo Velho*, C. de Oliveira Lda, Lisboa, 1954, *Fotografia Aérea de Vila do Porto*, in “Arquivo Fotográfico da Base Aérea nº 1 de Sintra”, Voo 12-B de 3/5/1978; Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-1987, 6 livros e 8 volumes, Ilha de Santa Maria - Açores, Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, Folha 35, de 1968; João Correia Rebelo, *Um Arquiteto Moderno nos Açores*, coord. João Vieira Caldas. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2002. Monterey, Guido de, *Santa Maria e São Miguel. As Duas Ilhas do Oriente*, ed. Autor, Porto, 1981. Planta do Bairro do Aeroporto, existente no Hotel do Aeroporto em 1984

*Trata-se de um exemplar da construção militar norte-americana típica da 2ª Grande Guerra. O seu valor, além do turístico totalmente inexplorado, poderia, inclusive, ser aproveitado como cenário de filmes de época, dado que muitas das instalações, a messe, as casas e a igreja conservam as características originais de há mais de 60 anos. A qualquer momento ao passar junto ao “açucareiro” esperamos que salte ao caminho um “GI” Joe, fardado a rigor, para nos mandar parar e pedir os documentos de circulação na base... Tanto potencial de recriação histórica e turística desperdiçada. O Bairro do Aeroporto constitui uma pequena “cidade-jardim”, característica do urbanismo moderno dos meados do séc. XX. A sua forma urbana implantou-se análoga ao da projectada Vila do Porto. Em orientação nor-noroeste, enquanto a da Vila é nor-nordeste, e com uma estrutura linear mais complexa que a da antiga vila. O bairro representou uma profunda inovação, no quadro do urbanismo tradicional insular (...) em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas e curvilíneas para evitar velocidades excessivas; edifícios simples, prefabricados com estrutura metálica trazida dos Estados Unidos; espaços arborizados. Verdadeiro bairro-jardim, a base americana revolucionou o quotidiano mariense com equipamentos como o “Atlântida Cine” inaugurado em 1946; o clube “Asas do Atlântico” em 1950; e ainda a igreja, ginásio e residências, isoladas em blocos coletivos. (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, pág. 336).*

*O Bairro do Aeroporto, retomado pela Aeronáutica Portuguesa em 1946, teve uma intervenção de desenho moderno por Keil do Amaral (1950).*

*As suas placas de sinalização, são idênticas na forma e no “lettering” às do Parque do Monsanto, do mesmo autor. A adaptação da aerogare a uso civil, a habitação do diretor e a fiada de habitações contíguas, estão dentro da estética dos anos 1950. Em termos urbanos, o desenho é bastante simples. Existia uma planta completa no antigo Hotel do Aeroporto em 1980 mas ardeu com o hotel, há anos. Não se lhe conhecem réplicas.*

*A via de serviço, a poente, liga a aerogare à antiga vila ou diretamente ao porto pela famosa “Estrada da Birmânia”. Outra via destina-se às áreas mais residenciais, a nascente. Todas estão agrupadas em largos quarteirões abertos, muito arborizados e com as edificações afastadas entre si.*

*De sul para norte, passa-se por uma série de habitações “em lata” - os prefabricados - ; uma via transversal de equipamentos - igreja, ginásio, cinema, etc. - com um espaço livre e amplo fronteiro; outra série de habitações metálicas, até ao extremo norte do conjunto, onde fica o Hotel, entretanto reconstruído, e o Clube Asas do Atlântico, para além das habitações mais individualizadas destinadas a dirigentes do aeroporto.*

As imagens das casas prefabricadas levam a intuir que, talvez, os norte-americanos gostassem de ver preservadas estas relíquias da 2ª Guerra. É pena que algumas estejam abandonadas. Grande parte dispunha de jardins e sebes com uma flora de antenas parabólicas de televisão. Que desperdício.



**ESTA TINHA 3 PARABÓLICAS...UMA PARA CADA CANAL??**



**ESTAS COM MAIS REQUINTADO JARDIM E SEBES.**

Legendas das imagens

- 1 Vista da Matriz sobre Vila do Porto, 2000.
- 2 Carta com a implantação de Vila do Porto e do Bairro do Aeroporto (S.C.E.), 1968.
- 3 Fotografia aérea de Vila do Porto (A.F.B.A.), 1978.
- 4 Planta da vila com os arruamentos atuais.
- 5 Vista geral de Vila do Porto, do lado do mar, anos 1980.
- 6 Vista geral de Vila do Porto, do lado de terra, 2000.
- 7 Recolhimento de Santa Maria Madalena, 2000.
- 8 Igreja de Nossa Senhora da Vitória.
- 9 Antigo Convento de Santo António, atual Biblioteca Municipal, 2000.
- 10 Sede da Polícia de Segurança Pública de Vila do Porto, 2000.
- 11 Planta do Bairro do Aeroporto (adaptada), anos 1980.
- 12 Vista da aerogare de Santa Maria, 2000.
- 13 Cinema do Bairro do Aeroporto, 2000.
- 14 Ginásio do Bairro do Aeroporto, 2000.
- 15 Igreja do Bairro do Aeroporto, anos 1980.
- 16 Casas prefabricadas dos anos 1940, 2000.

*É doloroso ver crimes - como este - de falta de preservação dos ricos e relevantes patrimónios culturais e históricos em que Portugal é pródigo. Na Austrália declaram-se*

*como de interesse nacional, imóveis com menos de cem anos. Em Portugal dá-se um pontapé numa pedra e surgem mais de mil anos de história ao desbarato.*

Em Santa Maria há tanta riqueza que podia - devia - ser acarinhada e preservada, mas está abandonada ou decadente. Tal como o país. Os poucos que se interessam e cuidam estão quase que limitados às páginas de livros como este. Tal como as pedras que não angariam votos nem eleições, também aqui os patrimónios arquitetónicos e históricos estão condenados a penar antes que alguém decida esbanjar dinheiro em obras de recuperação que não nada tem a ver com a democracia eleitoral em que se vive. A parte de baixo da rua principal dói pelo mau estado em que se encontra o seu equipamento urbano e residencial. Ali, porém, se encerram vários capítulos da história da ilha.

Digna ainda de realce e visita é a igreja do Santo Espírito embora o altar tenha talha do antigo Convento de Santo António, com a curiosidade de não ser é coevo da igreja nem a ela se adaptar.

*Largamente aberta para o mar, com uma maior extensão de terras agrícolas, a freguesia de N. Sra. da Purificação, vulgarmente chamada de Santo Espírito, contava 413 almas de confissão (102 fogos) em finais de Quinhentos. O peso demográfico das zonas sul e sueste explica a mudança da sede da freguesia da primitiva paróquia, hoje Ermida de Santo António, para a Igreja de Nossa Senhora da Purificação. Data originalmente do séc. XVII com um corpo principal, três naves, torre sineira em cúpula revestida a azulejo. A fachada, tripartida, tem dois vãos enquadrados por uma decoração barroca exuberante e popular em cantaria. A inscrição na torre marca 1779. Os tetos são de madeira. Sobre a entrada existe um coro alto. Alguns blocos de pedra das faces das torres deveriam estar rebocados, mas estão à vista.*

#### ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO INICIAL: SÉC. XVII / SÉC. XVIII



O Museu de Santa Maria, junto à igreja, foi reabilitado em 1996. Ali tivera uma longa conversa com o Diretor (Dr. João Manuel Trindade Reis dos Santos) que o convidara para levar os Colóquios da Lusofonia para a ilha, mas há problemas da insularidade difíceis de ultrapassar.

A ideia não desagradava, mas a logística assustava. Saíram de lá duas horas depois (14 h.) cheios de fome.



A SALA DE JANTAR DE UMA CASA DA VILA (NO MUSEU).

*Dele constam ambientes tradicionais: a fundamental cozinha, da maior importância na casa mariense com os objetos quotidianos de fabrico local e os de faiança, oriundos de S. Miguel. No primeiro piso, há o quarto, com a alta cama de estado, coberta de mantas e colchas regionais. Sobre a cómoda, “o oratório, velha herança familiar onde se veneram os santos de maior devoção”. Depois há a exposição permanente “O Barro, a Cerâmica e a Vida Quotidiana”. A importância do barro ao longo dos séculos, desde a extração e preparação para exportação até ao trabalho nas olarias locais, florescente em tempos. Peças saídas de célebres oleiros contam a história e o dia-a-dia de tempos idos. O talhão de Santa Maria, para reserva de água ou de cereais, é a peça mais emblemática e a mais conhecida. De fabrico marcadamente local são também a escoadeira de torresmos, o cuscuzeiro (para a confeção de cuscuz) e a cabouca para servir as sopas do Espírito Santo. Outros objetos cerâmicos evocam a preparação, o consumo e a conservação dos alimentos, quer em casas de meios humildes quer nos extratos mais ricos da sociedade mariense onde são visíveis as influências externas como faianças, porcelanas e garrafas de vinho do Porto. Existem ainda objetos ligados à higiene, ao lado das alfaias agrícolas, como a bilha da água e o talhão para armazenar cereais, dorna das adegas, têxteis e o traje tradicional, brinquedos de barro, testemunhos do culto e das festas religiosas. No enquadramento da cozinha, como nas copeiras de Santa Maria, apresenta-se a parafernália usada ainda hoje na feitura e no serviço da “função” em honra do Divino Espírito Santo.*

Motivo de interesse para além da pequena vila dos Anjos, celebrizada pela efémera ligação a Cristóvão Colombo, há na ilha duas praias notáveis pela envolvente de socalcos de vinhedo: S. Lourenço e a Maia.

*A Baía ao fundo de uma encosta, é caracterizada pelos seus vinhedos que dão origem ao vinho de S. Lourenço. Estão dispostos em currais ao longo da enseada verdejante sobre*



*o mar. Lá em baixo, uma estreita faixa de praia de areia fina e branca estende-se ao longo da costa, completando o cenário de sonho.*

Era esta a descrição dos panfletos turísticos, mas de nenhuma das várias vezes que lá fora conseguira descortinar o areal destas imagens publicitárias.

*Com uma área de 113 hectares, sendo reserva natural desde 1987, a baía do "Sol Nascente" é uma grande atração natural. Num extremo, o Ilhéu do Romeiro, com um pequeno cais natural e uma peculiar gruta com estalactites e estalagmites, acessível de barco. S. Lourenço é uma unidade paisagística do séc. XVII, num anfiteatro de encostas voltadas ao mar, em socalcos preenchidos com divisões regulares de pedra, dentro de cujos muros se cultivava a vinha ("quartéis"). Estes compartimentos têm acesso por estreitos escadórios orientados no sentido do maior declive. A habitação de veraneio neste povoado é de qualidade muito desigual.*



UNIDADE PAISAGÍSTICA CONSTRUÍDA, ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO INICIAL: SÉC. XVIII / SÉC. XIX.



DUAS CASCATAS MONUMENTAIS, UMA ESTAVA ENTÃO SECA E A OUTRA É A DO AVEIRO (PARTE FINAL DA RIBEIRA GRANDE)



OS SOCALCOS (MAIA)

A ESTRADA

A PISCINA NATURAL.



**VISTA DO LADO DA VILA DO PORTO**

*A vizinha Maia é guardada pelo imponente, altaneiro Farol a que todos se não coibiram de trepar. Lá conheceram a jovem faroleira ali colocada há dois anos num dos poucos faróis ainda manejados por seres humanos não falou de medos nem temores num local onde nem os telemóveis funcionavam. Dela ouviram as enigmáticas palavras que a “solidão dos faroleiros é muito relativa”. Pretendia continuar a viver lá. Nativa da ilha, confessou que quando esteve no continente a tirar o curso, não tinha gostado do que tinha visto e se sentia melhor no farol do que em outro lugar.*

*A Maia está numa área de grande beleza natural, no sopé de uma falésia formando uma aprazível baía, embelezada por quedas de água e com uma piscina natural classificada como Reserva Natural.*

As ancestrais atividades vulcânicas que deram origem à ilha deixaram profundas fendas e túneis, conhecidos por furnas, merecendo visita a das Pombas com 337 metros e a dos Anjos com 118 metros de comprimento.

*Este tipo de visita exige a presença de um guia e o uso de equipamento adequado. Foi inicialmente tendo isto em vista que resolveram contactar a Márcia, organizadora de Passeios Pedestres, para os levar a uma das grutas com fósseis. Esqueceram-se de perguntar onde iam. Ela imaginou-os (JC, a mulher e o Nigel) experientes andarilhos. Meteu-os por vales e montes, íngremes. Caminhos de cabras, se ali as houvesse, em trilhos que ia desbravando à faca. Aqui não é Timor e não há catanas. Foram em trilhos de pedra solta ou rocha a subir e descer os escarpados vales da Ribeira até subir ao monte onde está o Parque Eólico, o primeiro de Portugal construído em 1989.*

*A viagem devia demorar quatro horas, mas dado o avançado estado de esgotamento da comitiva, à exceção do Nigel que até carregava a mochila da guia, terminou ao fim de três. Desde o SMO que JC não andava tanto..., mas valeu a pena. A gruta pejada de fósseis. Pena foi que ninguém os tivesse filmado a subirem ao monte, uma excursão de montanhismo destas dificilmente se repetirá.*



**GOSTAVA QUE ME TIVESSEM FILMADO A SUBIR AO MONTE ONDE ESTÁ O PARQUE EÓLICO QUE FOI O PRIMEIRO DE PORTUGAL EM 1989.**



**COMEÇO DA SUBIDA E DESFECHO COM VISTA PARA A PRAIA**



**PRAIA FORMOSA**

Mais haveria a dizer sobre a primeira incursão à ilha. A palavra que encapsula a sensação dos dias ali passados é TRANQUILIDADE. O local ideal para descanso, recarregar qualquer tipo de pilhas humanas stressadas. Regressaria em 2010, 2011, 2017.

## 20. FÉRIAS NO TRIANGULO, FAIAL Agosto 2007

Não é fácil convencer quem trabalhou no duro durante um ano que não pode ter férias. Não se trata de um direito, é um dever. Além do mais já era um principio inelutável desde há décadas. Podia trabalhar 15 ou 18 horas ao dia, sete dias por semana, mas todos os santos anos, teria de tirar uns dias para férias. Uns anos tirava um mês, noutros tirava mês e meio ou mais, agora tirava sempre uma semana, pelo menos para descansar, conhecer as ilhas do arquipélago e ler em repouso, sem interferências de jornais, TV ou outras influências externas.

Com os preços exorbitantes das viagens interilhas era difícil conhecer as ilhas todas, que os monopólios da SATA e TAP a mais não deixam, como se quisessem preservar bem escondidas as belezas infindas do arquipélago, com medo de que alguém viesse a as defenestrasse. Mesmo por barco viajar entre as ilhas era incomportável, de São Miguel a Santa Maria (as ilhas mais próximas) por pessoa custava 56 euros mais 90 da viatura, o que dava 200 euros por casal, acrescidos de desmedidos custos de hotelaria. Como quem se vingava de não haver turistas durante nove meses e quer fazer todo o lucro do ano nos três meses de verão. Como se isto não bastasse o serviço era, habitualmente, mau ou pior que mau. A comida barata não abundava nestas ilhas e era difícil encontrar os locais onde se podia comer bem e barato.

Assim começa esta história a 22 de agosto 2007, data da partida para uns curtos nove dias de relaxamento rumo à conquista do então paraíso desconhecido, nas ilhas do meio, as do triângulo. Para os menos versados em geografia insular são, respetivamente, o Faial, o Pico e S. Jorge.

*A SATA usava nessa data uns aviões a hélice pouco inspiradores de segurança. Não sabia qual deles fora: CS-TKK, CS-TGN, CS-TGY, CS-TGN, CS-TGX, CS-TGL, A partida prevista para as 10.00 horas correu anormalmente bem, fizeram o check-in em menos de dois minutos, entraram e aguardaram. Sem lugares marcados nos voos internos foram os primeiros a entrar. O avião fez-se à pista, virando para noroeste. Espera aí leitor amigo, que ruído é este? Falta de potência no motor ao lado da janela esquerda? Bem parecia... o outro motor acelerou bem.*

*Fazia lembrar o que acontecia quando se desligava um corta-corrente, como alguns carros antigos ou barcos tinham, para cortar a gasolina. Fanava-se ao aumentar a rotação do motor... Pararam. Os olhares entrecruzados dos turistas, num total de 53 pessoas mais tripulação. Que se passa? As hélices na sua rotação decrescente até estancarem. Os motores pararam. Ignição acionada, uma vez mais, e o piloto faz nova tentativa. Experiência de motor: 1, 2, 3, senhores passageiros, nova corrida, nova viagem... não se preocupem, vou só ver se estes motores se decidem a arrancar pois temos uma curta viagem de uma hora por cima do mar. Não há perigo nesta altura do ano, as águas nem são frias e não há*

*tubarões por perto...a última vez que verificamos os coletes salva-vidas estavam todos sob os assentos e as portas de emergência abriam bem.*

*Nova tentativa abortada. Mais uns momentos de silêncio na cabina que nestas coisas o melhor é dizer o menos possível, não vão os passageiros ser acometidos de ataques de pânico ou tentar entrar na cabine do piloto. O avião dirige-se lentamente para o hangar na extremidade sul da pista e aí já não são precisas mais explicações. As portas abrem-se e a escada é colocada em posição para um autocarro os levar à gare de embarque com o circunstancial aviso em voz grave - mas não demasiado - "problemas técnicos impedem-nos de prosseguir a viagem, por favor aguardem até que lhes seja comunicado..."*

*No terminal da aerogare, no guichet da SATA, seis impacientes pessoas esperavam e desesperavam. Uma delas deixou escapar o desabafo de aguardar há mais de uma hora...Não há crise, só haverá mais informações pelo meio-dia. Os restantes podem esperar na fila. Eram 11.30 (desesperaram uma hora) quando foram atendidos. Pretendia JC uma marcação para o voo das 15 horas, independentemente do que se passasse com o avião ora estabilizado no hangar. A senhora exasperada com os protestos e agastada com as "bocas" dos que o antecederam, insatisfeitos com a má prestação de serviços que o monopólio da SATA proporciona, nada fez, alegando que o voo estava preenchido.*

*Finalmente, pelas 13 horas, os companheiros de voo dirigem-se, ordeiramente em fila portuguesa, para o controlo de passageiros e bagagens. A instalação sonora do aeroporto João Paulo II deixa muito a desejar, pois ninguém ouve ou entende o que se anuncia. Seguirá-os. O instinto, ou a tática, em aeroportos é seguir os carneiros. Embarcaram. Instalara-se mesmo ao lado do motor... Desta vez, levantaram voo sem incidentes. Apenas três horas e meia de atraso. No final do voo, sentia-se um cheiro a queimado, trepidação esquisita que lembrava uma salada de metais. Um "milkshake" (batido) de peças partidas. Aterraram sem problema. Deram graças a quem cuida lá nas alturas por os ter levado a bom porto. Recordaria esta viagem como uma das mais estranhas das centenas que fizera. O trepidante motor quase fazia esquecer a deslumbrante imagem do Pico, ao lado do avião antes de aterrarem, imponente nos seus 2351 metros.*

*Depois das curtas formalidades levantara o carro de aluguer e rumara, por Castelo Branco, para a quinta do vale nos Flamengos, um empreendimento rural destruído antes de ser construído. Ou seja, quando ocorreu o grande tremor de terra (1998) as duas casas rurais estavam a ser arranjadas, mas só sobrou a fachada delas, que seria mantida.*

*Descarregadas as malas, e vistoriado o meio ambiente, amplamente fotografado para memória futura, começaram por essa instituição mundial que é o Peters. Acabaram por descobrir, mesmo ao lado, a melhor loja de roupas da ilha (também Peters) e a preços convidativos. Uns anos mais tarde, estas lojas iriam reproduzir-se, como coelhos, em aeroportos insulares, nas Portas do Mar, etc. O resto vem nos livros. Não beberam o obrigatório Gin Tonic, mas sentiram o peculiar e místico odor e ambiente. "Cheira a*

Hemingway”, disse JC sem saber que Jacques Brel por lá andara também. O Peters estava quase sempre cheio, a qualquer hora do dia. Que disso ninguém tenha dúvidas.

Nessa tarde foram dar umas voltas para ficar a conhecer a Horta e áreas adjacentes de bonitas paisagens. As baías da Horta, Conceição e Porto Pim deslumbram, de dia ou de noite, sob a sombra imponente do Pico. Este, ora se esconde, ora se revela num constante jogo do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatada. Aqui há sortilégio. Esta terra marca, JC adora. Nem demasiado grande, nem pequena, mas cosmopolita. Nesse dia ouvira espanhol, italiano, holandês, sueco, finlandês, inglês, francês e português de vários quadrantes.

*Achara a comida cara. Uma ida ao supermercado “Modelo” assim o comprovara. Existem poucos minimercados, algumas lojas tradicionais, poucas de vestuário. Demorara a encontrar um sítio onde um prato de comida rondasse os 5-7 euros, a média ia acima dos 10 ou 15 euros por prato. Havia quase tudo o que precisava para viver ali. As pessoas simpáticas sem serem subservientes. Ninguém perguntou (ao contrário de S. Miguel) se gostava da ilha, disto ou daquilo. Não há falta de amor-próprio nesta ilha. Até as águas eram servidas com copo sem lhe perguntarem se o queria ao contrário do que sucede noutras ilhas. A falta de sotaque micalense era uma dádiva da qual os locais se orgulhavam, pois, vangloriavam-se de falarem o português mais parecido ao de Portugal, dentre todas as ilhas. Que diferença do sotaque ininteligível de Rabo de Peixe (vulgo Fish Tails) ou dos Fenais da Ajuda...*

*Ao fim do segundo dia já tinham dado a volta a toda a ilha, sem ser pelas estradas principais. Claro que haviam estado no incontornável, estranho e fantasmagórico ponto mais ocidental da ilha: o do vulcão dos Capelinhos, de paisagem lunar ou marciana. Tudo era inolvidável desde o verde Monte Capelo ao Monte Carneiro e ao Monte Guia. brr...aquilo fazia arrepiar, em especial depois de verem num pequeno Museu dedicado ao vulcão, os filmes, fotos e imagens da época (out. 1957 a nov. 1958). Aprendera imenso sobre a emigração açoriana para os EUA depois do Presidente J. F. Kennedy aprovar uma lei especial para receber os refugiados dos Capelinhos. Isto originara uma enorme desertificação da mesma e, simultaneamente, viriam a contribuir para aumentar as receitas locais com as suas remessas de emigrantes.*

*Cinza, só cinza e areia. A vegetação é escassa. A terra, que não passa de cinzas acumuladas, cheia de sulcos profundos onde se enterram com facilidade a cada passo que tentam dar. Dos 2,5 km<sup>2</sup> que o vulcão acrescentou à ilha, a erosão, a ação do mar e outros elementos, já desfizeram quase tudo, restando apenas 0,5 km<sup>2</sup>. Obras no local aprontam um novo centro de interpretação (viria a ser aberto em 2008), com 20 novos formandos prestes a entrar em atividade quando se celebrarem 50 anos da erupção.*

*No dia 9 de julho de 1998, ocorreu um sismo de magnitude 5,8 com epicentro a 17 km a NE da cidade da Horta, Faial, com intensidade máxima de VIII (Escala de Mercalli Modificada). Este sismo causou oito mortes e estragos significativos no parque habitacional, na rede viária, nos sistemas de abastecimento de água, energia elétrica e de telecomunicações. Registaram-se avultados estragos também em S. Jorge e no Pico.*

*Estiveram várias vezes numa terra com o improvável nome de Salão. Aldeia simpática, na costa norte, a curta distância dos Capelinhos, com um assustador historial de terremotos. A perseverança das suas gentes era um exemplo a seguir pois reconstruíram tudo, casa a casa.*

*A história recente da freguesia fica marcada pelo sismo de 1998. O Salão encontrava-se relativamente próximo do epicentro. Devido a esse facto, a destruição de grande parte das habitações foi notória. Pouco passava das cinco da manhã, quando um violento sismo demoliu quase tudo. Destruição total da Igreja Paroquial do Salão; destruição significativa do Império do Divino Espírito Santo; destruição completa ou parcial da maior parte das moradias; pontes parcial e totalmente destruídas; acesso ao Porto do Salão destruído; Snack-Bar (o único) "A Canoa" destruído totalmente.*

Esta poderia ter sido a resumida descrição que o setuagenário senhor José lhe dera no seu café, do violento sismo que se abateu sobre a ilha.

*As mais afetadas foram as localidades de Salão, Pedro Miguel e Ribeirinha (aqui o farol e igreja ficaram destruídos). O sismo abalou também os Flamengos, onde igualmente arruinou a igreja local. Ainda hoje as missas se realizam no pavilhão gimnodesportivo local. Os apoios e auxílio económico para a reconstrução não deram para reconstruir a igreja.*

Os danos atingiram, como de costume, Castelo Branco, terra também muito martirizada em cada sismo, mas muito poucas foram as localidades incólumes.

*Antes de saber destes factos, interrogara-se por que é que tantas igrejas e faróis estavam destruídos na ilha. Seria possível que o povo não gostasse de marinheiros e de clérigos? Não, afinal quem não parece gostar é a mãe natureza...O que o simpático Sr. José, do Salão lhes contou foi que na trágica manhã toda a gente se levantara ao primeiro tremor e saíra para a rua. Os poucos que ficaram em casa morreram. O picaresco da situação foi a igreja local que caiu toda de uma só vez, menos o altar onde estava a padroeira (N. Sra. do Socorro). Quando uns populares a foram buscar para salvar a sagrada imagem, o altar acabou por desabar, mas salvou-se a "santa".*

No cemitério, os caixões vieram à superfície e ali ficaram abertos. Demorou meses a tornar a enterrá-los, incluindo o próprio pai do interlocutor falecido uns meses antes. As ondas de choque provocadas pelo sismo haviam agitado o solo sob o cemitério e desenterrado os mortos. A igreja local foi a única que ruiu completamente. As restantes, incluindo as de Pedro Miguel, Ribeirinha e Flamengos aguentaram-se com inúmeros danos, mas não desabaram. A maioria perdeu os tetos, janelas e torres, abrindo enormes fissuras nas paredes e dificilmente alguma delas poderá ser recuperada.

O senhor José (Sebastião de Freitas) que ali nos narrava estes factos, tinha apenas 21 anos aquando da erupção dos Capelinhos, e estava na tropa. Assistira durante treze meses ao horror, à destruição, miséria, abandono e pânico das populações e ao “voyeurismo” daqueles que não arredavam pé do contínuo espetáculo, nem queriam abandonar as casas que viriam a acabar todas destruídas. Iria revê-lo num encontro simbolicamente emocional em dezembro 2017.

Estas descrições ao longo da estadia, não conseguiram ensombrar a beleza da ilha e o desejo crescente de para lá se mudarem.

*JC estacionara no parque do hipermercado Modelo, quando um simpático faialense o veio chamar. Alertava-o para o facto de um “pommie” (britânico) ter machucado o seu carro de aluguer e pretender alçar. Confrontou o inglês, que com paleio de vendedor da banha de cobra, o tratava por “Esquire” como se ainda estivéssemos no século XIX. O súbdito de Isabel II acabaria por aceder a pagar todos os danos. Chamou-se a companhia de aluguer de carros e veio a PSP ouvir os intervenientes para tomar conta da ocorrência e fazer um filme da mesma. Depois, na seguradora tivera de prestar as mesmas declarações e mostrar as fotos dos danos. Foi uma manhã preenchida com burocracias. Admirou-se de ver dois jovens polícias a falarem inglês enquanto o súbdito britânico mal balbuciava português. Tivera muita sorte de a testemunha o ter chamado. Assim não pagou multa ao devolver o carro...*

A visita à caldeira acabou por se desdobrar em três etapas, duas enevoadas e uma com sol na última tarde na ilha. A caldeira é imponente embora as suas paredes externas estejam desprovidas de vegetação além de arbustos. Depois do último sismo de 1998 abriu brechas e perdeu toda a água que tinha na sua pequena lagoa. Agora pastavam vacas no fundo da cratera.

*No caminho, acima dos Flamengos, encontrara a pequena, mas bela e bem tratada ermida de S. João onde se vendia artesanato local. Dispunha de ótimas vistas para o*



*maltratado vale dos Flamengos, epicentro de muitos tremores mortíferos mais acima, no parque florestal, encontrara gamos e árvores nativas catalogadas, incluindo a faia que deu o nome à ilha.*

*Já na costa norte, perto do Norte Pequeno, a Fajã, recordava-lhe as arribas de S. Miguel. Esta terra dispunha de um pequeno areal, mas era um verdadeiro forno (o ponto mais quente da ilha). O impressionante morro de Castelo Branco (muito perto do aeroporto) é único e imponente, e assusta pela sua majestosidade. Trata-se de um enorme penedo vulcânico quase cilíndrico que se eleva dos mares a uma centena de metros da superfície.*

*O Morro resultou de uma erupção vulcânica há cerca de trinta mil anos. Devido à sua viscosidade, a lava não correu livremente até à superfície, solidificando e originando um cone vulcânico de traquite, muito espesso. O morro, não é mais do que a lava que a ação erosiva do mar pôs a descoberto. Encontra-se classificado como Reserva Natural. Com o tempo, o morro, que é uma pequena península, transformar-se-á num ilhéu. É local de nidificação de aves como o Cagarro (*calonnectris diomedea*).*

De volta a Porto Pim e à sua bela baía, houve tempo para se demorarem numa visita ao museu interativo sobre a fauna subaquática e submarina. Também estiveram na velha Fábrica da Baleia, ora convertida em espaço museológico onde nos tempos áureos da exploração baleeira se trabalhava a carne e derivados do cachalote.

Para recordar ainda desta ilha havia a vista magnificente do fático monumento à Nossa Senhora da Conceição, majestoso sobre a baía e marina, com o omnipresente pano de fundo do Pico, ali naquela lomba alta da Espalamaca.

A marginal da Horta é pequena, mas com a dimensão ideal para a sua marina sempre cheia de veleiros. Dita a tradição que cada tripulação terá de efetuar a pintura de um mural nas suas paredes, no chão, onde calhar, alusivo à sua passagem pela Horta.... Um espetáculo de milhares de nomes, símbolos e imagens coloridas.

Mesmo ao lado, a praia do Almojarife era outro sítio bom para se viver. Ainda deu para espreitar uma casa que estava à venda, mas custava 92 mil euros e quase não se via o Pico.... Também essa freguesia do Almojarife quase desaparecera da face da terra no início do século XX (sismo de 1926).

## 21. ILHA DE SÃO JORGE:

### 21.1. INTRO

Em agosto 2008 ainda o mês não acabara quando JC decidiu exercer o seu inalienável direito a merecidas férias. Para a sua mulher era também um dever e uma recompensa pelos esforços insanos no decurso do ano a ensinar criancinhas.



Estou a ficar mais eremita e raramente saio do meu "castelo", nome pomposo que Daniel de Sá deu à "falsa" onde tenho o escritório com vista para as vacas alpinistas e para a costa até à Bretanha. Por outro lado, tenho a satisfação dum dever enorme cumprido: o de ter acabado o "livro da vida" como afetuosamente ou afetivamente lhe chamo. Trata de tudo e de nada, uma ficção histórica narrativa sem heróis nem moral, poderia ser uma lenda ou um diário de bordo de muitas viagens e de muitos anos nos mares salgados que tantas lágrimas e fel deram.

Em agosto de 2008 ainda o mês não acabara quando decidi ter direito às merecidas férias partindo de avião para a ilha de São Jorge com pouca bagagem e estas instruções do Onésimo [Teotónio de Almeida]:

*Não se esqueça de subir ao Pico da Esperança, aonde muito pouca gente vai. É seguramente uma das mais belas vistas dos Açores*

*E vá também à Caldeira do Santo Cristo.*

*Não fui desta vez, mas dizem-me que já não é preciso descer a pé da Serra do Topo. Vai-se de carro até à Fajã dos Cubres (uma descida mais íngreme que a do Lombo Gordo no Nordeste ou a do Salto da Farinha, nos Fenais da Ajuda, mas que vale a pena). De lá, vai-se agora numas motorizadas até à caldeira. Antigamente ia-se a pé - uma hora, mas um bocado menos que a descida da Serra do Topo. As Fajãs de S. João e dos Vimes também são uma bela descida.*

*O farol dos Rosais (cuidado, que é perigoso, pois tem fendas) é ótimo ao pôr-do-sol, com a vista do Pico e Faial.*

*Para banhos, a Fajã Grande, na Calheta, o porto das Manadas são os nossos favoritos.*

*Um passeio da Calheta ao Topo em dia claro oferece um verdadeiramente belo panorama sobre a ilha do Pico.*

*Se conseguir um passeio de barco à volta do morro das Velas verá rochas impressionantes.*

A expectativa era grande pois fora um ano difícil para todos, com muito trabalho e algumas preocupações para além das normais contrariedades quotidianas.

São Jorge é assim chamada em honra do santo do mesmo nome. O descobrimento e povoamento da ilha estão envoltos em mistério. A primeira referência data de 1439. Sabe-se que, por volta de 1470, quando já existiam núcleos de colonos nas costas oeste e sul e a povoação de Velas fora fundada, veio para a ilha o nobre flamengo Wilhelm Van der Haegen, que, no Topo, criou uma povoação, onde veio a morrer com fama de grandes virtudes, já com o seu nome convertido para Guilherme da Silveira.

Rápido deve ter sido o povoamento da ilha, com gentes vindas do norte do continente, bem como a sua prosperidade, pois a sua capitania era doada, em 1483, a João Vaz Corte Real, donatário de Angra, na Terceira, e Velas recebia foral de vila antes do final do séc. XV.

*Ora desde que temos aquellas cartas, que precisam tão claramente a data em que el-rei mandou povoar as ilhas dos Açores, e isentou os seus moradores que estão e vivem n'ellas da dizima, é evidente que a ilha de S. Jorge, no anno de 1439, estava descoberta e em 1443 havia n'ella habitantes.*

*Semelhantes factos destroem as diferentes opiniões sobre a descoberta e povoação, depois de 1450, que o auctor sr. J. Duarte menciona nos seus apontamentos, referindo-se a outros escriptores.*

*Estas ilhas foram mencionadas na Livraria Laurentina, de Florença, em grupos distintos, dando-se ahí ao grupo de S. Jorge, Pico e Fayal, a designação de Insule de Ventura Sive de Columbis (Diccionario de Geographia Universal, 1.0 vol. pag. 16, art.o Açores). E no mappa catalão de 1375 teve a ilha de S. Jorge a indicação de San Zorze, significativa do dia do seu descobrimento. (Archivo dos Açores, vol. X pag. 279).*

*Parece, pois, que os portuguezes do seculo XV não foram os que lhe deram o nome e que d'estas ilhas já tinham conhecimento pelo infante D. Henrique, que os mandou navegar para estas paragens.*

*É por tanto de presumir que o nome dado à ilha de S. Jorge, proveio do mappa catalão de 1375, onde foi designada por San Zorze, allusivo ao dia do seu descobrimento, ou então é uma coincidência muito notavel a descoberta feita pelos portuguezes em egual dia, 23 d'abril.*

O primeiro documento sobre o povoamento de São Jorge é do testamento do Infante Dom Henrique, falecido em 1460, que diz: "...ordenei e estabeleci a igreja de S. Jorge na ilha de S. Jorge".

Os primeiros povoadores, provavelmente, entraram na ilha na década de 1460 a 1470. João Vaz da Costa Côrte-Real, seu donatário a partir de 1483, esforçou-se pela sua colonização. Era também donatário de Angra.

Oficialmente foram criadas três vilas em São Jorge: Velas (1500), Topo (1510) e Calheta (1534).

---

## 21.2. AS CALAMIDADES EM SÃO JORGE

Sempre assolado por inúmera atividade vulcânica, pirataria e maus anos agrícolas (a fome causou mais vítimas que os terremotos), a ilha de São Jorge sofreu as maiores crises:

*1580 – Erupção do vulcão da Queimada. Na noite de 28 de abril a terra tremeu 30 vezes e 50 no dia seguinte. No dia 1 de maio os tremores recrudesceram e nesse mesmo dia ocorreu uma explosão vulcânica no cimo da encosta sobranceira à Queimada. Outra explosão ocorreu posteriormente no alto da Ribeira do Nabo, 2 km a leste da inicial. Outra emissão de lavas teve a sua origem junto à Ribeira do Almeida. A erupção durou 4 meses com emissão de grandes correntes de lava que atingiram o mar e de muitas cinzas que recobriram a ilha, atingindo mesmo a Terceira. Uma nuvem ardente matou pelo menos 10 pessoas. Mais de 4000 cabeças de gado pereceram de fome e devido aos gases e cinzas que destruíram as pastagens.*

*1593 – Mau ano agrícola - Provoca fome na Terceira e S. Jorge - 1593 foi um mau ano agrícola, o que associado às consequências da guerra de 1580-1583, do saque e dos pesados tributos para manutenção da força de ocupação castelhana, causou miséria e fome generalizada entre a população rural da ilha. Há notícia de terem morrido muitas pessoas de fome. Em São Jorge também se morreu de fome neste ano.*

1606 – *Inundações nas Velas. Em fevereiro grandes chuvadas provocaram grandes danos na vila. Muitas ruas ficaram "de modo que se não podia andar a pé".*

1641 – *Grande enchente de mar (maremoto?) nas Velas. A 21 de dezembro "empolgou-se o mar de tal sorte que dominando o Monte dos Fachos, com três mares" provocou grande destruição na vila, ferindo 50 pessoas e arrastando ao mar muitos bens. Terá sido um maremoto?*

1668 – *Tempestade - Causa grandes prejuízos na Calheta. A 23 de novembro uma violenta tempestade provocou "tal alteração de mar que este entrou pela dita vila derrubando casas" e obstruindo o porto com penedia.*

1678 – *Falta de cereais - Causa desaguizado entre as Câmaras da ilha de São Jorge e da ilha do Pico - Mais uma vez um mau ano agrícola torna escassos os cereais pelo que as câmaras de São Jorge e Pico se vêm na necessidade de proibir a sua exportação.*

1713 – *Inundações na vila de Velas. A 10 de dezembro, chuvas muito intensas entre a Urzelina e os Rosais provocaram grandes inundações, destruindo 27 casas na vila de Velas. A Ribeira do Almeida veio tão carregada de caudal sólido que criou uma praia que permitia a passagem a pé entre a vila e a Queimada.*

1713-1714 – *Mau ano agrícola, fome e peste - Um mau ano agrícola, a que não foi alheio ciclone tropical de 25 de setembro de 1713, levou a que em São Jorge fosse tal "a falta de mantimentos que chegou a morrer muita gente de fome".*

1732 – *Cheias provocam 5 mortos. A 6 de dezembro grandes cheias provocaram destruição matando 5 pessoas. Os lugares mais afetados foram Urzelina, Figueiras, Serroa e Velas.*

1744-1746 – *Mau ano agrícola - Provoca fome e emigração em massa - Em resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada nos Açores... [No Pico] o povo "recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe mesmo esse mísero alimento emigrou para as mais ilhas". Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade. Face a esta situação, por alvará régio foi autorizada a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.*

1755 – *Maremoto atinge os Açores - O Terramoto de Lisboa de 1 de novembro de 1755 provocou o grande maremoto de 1755 (um tsunami) que atravessou a área oceânica onde*

*os Açores se situam, afetando essencialmente as costas viradas a sul e sueste, direção de onde as ondas se aproximaram das ilhas. O maremoto fez com que "estando o mar em ordinária tranquilidade, se elevou tanto em três contínuas marés ficando quase seca a sua profundidade por largo espaço". Assim, em Angra o mar entrou até à Praça Velha, causando grande destruição; no Porto Judeu o mar subiu "10 palmos acima da rocha mais alta"; na Praia, inundou o Paul e derribou 15 casas na costa até à Ribeira Seca, incluindo a ermida do Porto Martins. Morreram várias pessoas arrastadas pelo mar. Quase todos os portos dos Açores sofreram graves danos, ficando destruídas muitas embarcações. Em Ponta Delgada o mar subiu pelas ruas estragando muitos edifícios. Na Horta, o mar entrou pela Ribeira da Conceição, chegando aos moinhos de água "na altura de 8 palmos".*

*1757 – Grande terramoto de São Jorge: O Mandado de Deus. Em 9 de julho de 1757 um dos mais violentos, senão o mais violento, dos terremotos de que há memória nos Açores atingiu a ilha causando destruição generalizada e formando muitas das atuais fajãs, entre elas a da Caldeira de Santo Cristo. O terramoto ficou conhecido na tradição popular pelo Mandado de Deus. Dos grandes deslizamentos resultou um maremoto que atingiu todo o Grupo Central. Pelo menos 1053 pessoas morreram em São Jorge e 11 no Pico. O terramoto foi tal que a norte desta ilha, distância de 100 braças, pouco mais, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10 [de julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha. Nas Fajãs dos Vimes, São João e Cubres, se moveu a terra, voltando-se do centro para cima, de sorte que nelas não há sinal [de] onde houvesse edifício. No Faial o sismo foi sentido sem causar grandes danos.*

*1761 – Ciclone tropical atinge o Grupo Central - A 29 de setembro de 1761 foi a Terceira atingida por um temporal "por efeito do qual ficaram derribadas muitas casas e arrancada muita quantidade de árvores". Copiosas chuvas fizeram transbordar as ribeiras.*

*1779 – Ciclone tropical atinge o Grupo Central - Na noite de 30 para 31 de outubro levantou-se um rijo temporal que trouxe à costa 7 navios e arruinou as muralhas da Horta.*

*1792 – Enchente de mar vila de Velas. A 23 de janeiro deste ano, foi "tão impetuosa a bravura do mar" que derrubou a muralha de proteção, destruiu uma casa e danificou outras, ameaçando atingir a praça defronte da Matriz de Velas.*

*1808 – Erupção do Vulcão da Urzelina. Depois de várias semanas em que ocorreram muitos sismos, no dia 1 de maio a terra tremeu tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora, alguns tão fortes que espalharam o pânico entre a população. Por volta do meio-dia foi ouvido um grande estrondo acompanhado pelo aparecimento de uma grande nuvem de fumo por sobre os montes sobranceiros à Urzelina. A breve trecho, a*

*nuvem engrossou e subindo ao mais alto ceo fez arco sobre parte da freguesia de Manadas e da Urzelina...já mostrando nas redobradas e negras nuvens uns incumbrados montes, umas medonhas furnas. A erupção destruiu muitas casas, vinhedos e campos cultivados. A 17 de maio, quando o vigário acompanhado por populares tentava salvar algumas coisas da igreja da Urzelina, uma nuvem ardente abateu-se sobre o local queimando mortalmente trinta e tantas pessoas: uns com os couros das mãos e pés pendurados, outros tão inchados e pretos que se não conheciam, outros com as pernas quebradas, e alguns expirando, todos pedindo Sacramentos, e apenas os receberam alguns logo expiraram. Existe no Arquivo Histórico Ultramarino uma aguarela mostrando a erupção vista do Faial. A erupção ficou conhecida na história dos Açores pelo Vulcão da Urzelina.*

*1812 – Mau ano agrícola - Provoca grave crise alimentar em São Jorge e Terceira. Um mau ano agrícola em 1811, agravado por uma forte tempestade em dezembro, levou a que no início de 1812 grassasse a fome em São Jorge. Em março na Câmara Municipal de Velas recebeu-se uma proposta de importação de milho para "sublevar a misérrima necessidade e falta de mantimentos que atualmente padece o povo".*

*1842 – Cheia - Provoca grandes danos nas Velas. No domingo da Trindade grandes chuvadas provocaram inundação de parte da vila de Velas. Na praça junto à Câmara a enxurrada foi tal que em algumas casas saiu a "água pelas janelas de sacada".*

*1846-1847 – Fome. Um mau ano agrícola, associado à grande densidade populacional de então, leva à "penúria de cereais e falta de batata" sendo necessário recorrer à "Comissão de Socorros de Boca" de São Miguel para evitar a catástrofe alimentar.*

*1856 – Mar invade a vila de Velas - Provoca naufrágio. A 6 de janeiro, Dia de Reis, "levantou-se o mar com tal fúria que produziu uma terrível enchente". A escuna Leonor que estava surta no porto naufragou provocando a morte a todos os tripulantes que estavam a bordo. O mar levou casas e barcos e galgou a zona da Conceição, chegando às paredes da cerca do convento de São Francisco (hoje Centro de Saúde), que parcialmente derribou.*

*1857-1859 – Fome. Um ciclone tropical atingiu o Grupo Central no dia 24 de agosto de 1857 provocando a destruição total dos milharais, então a principal produção alimentar da ilha de São Jorge. Daí resultou penúria generalizada, pelo que no início de 1858 "estava no concelho de Velas, toda a ilha, e suas vizinhas, manifestada a fome com as suas negras cores". Os anos seguintes foram também maus anos agrícolas pelo que a crise alimentar se manteve até 1859. Foi preciso recorrer a subscrições públicas, incluindo uma nos EUA, organizada pela família Dabney, para evitar que se morresse à fome.*

*1877 – Fome. Um mau ano agrícola em 1876, associado à grande densidade populacional de então, leva, mais uma vez, à "falta de cereais e fome" em São Jorge, sendo necessário recorrer à importação de milho e trigo para evitar a catástrofe alimentar.*

*1893 – Furacão - Provoca grande destruição no Grupo Central - A 28 de agosto a maior tempestade de que há memória nos Açores atingiu o Grupo Central, provocando grande enchente de mar e arruinando casas, igrejas e palheiros. Também os portos foram severamente atingidos com perda de muitas embarcações. A destruição dos milhos nos campos causou fome generalizada no ano seguinte. A ilha de São Jorge foi severamente atingida, particularmente o Topo. Os danos do Furacão de 1893 ainda são visíveis nalguns pontos da costa, nomeadamente na antiga, e hoje abandonada, Igreja Velha de São Mateus da Calheta, na Terceira, e nas ruínas da Baía do Refugio, no Porto Judeu.*

*1899 – Grande enchente de mar. Na madrugada de 3 de fevereiro, uma grande tempestade marítima atingiu as costas viradas a sul. Em São Jorge, o mar galgou a terra matando uma pessoa nas Velas e provocando enorme destruição na Conceição e zonas adjacentes.*

*1899 – Furacão atinge o Grupo Central - A 17 de outubro um furacão atravessou o Grupo Central provocando destruição generalizada das habitações e perda de colheitas e de gados. Em São Jorge verificaram-se os maiores danos.*

*1964 – Crise sísmica dos Rosais, em São Jorge - Uma crise sísmica abalou a parte oeste da ilha de São Jorge, provocando grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico na ilha, levando à evacuação de grande número de jorgenses para a Terceira e outras ilhas. Esta crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo da Ponta dos Rosais.*

*1973 - Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e S. Jorge, com particular destaque para a freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, na ilha do Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António, no Pico. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, St.º António, e S. Roque, na costa norte do Pico, na freguesia de S. Mateus, na costa sul do Pico, e ainda nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, na ilha do Faial.*



*1980 – Terramoto de 1980 nas ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa - Pelas 16h42 (hora local) do dia 1 de janeiro de 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.2 na escala de Richter, uma profundidade hipocentral de 10-15 km e com epicentro situado no mar cerca de 35 km a SSW de Angra do Heroísmo. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra do Heroísmo, na vila de São Sebastião e nas freguesias do W e NW da Terceira, nas freguesias do Topo e Santo Antão, em São Jorge, e ainda no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em São Jorge) e ficaram mais de 400 com ferimentos. Ficaram danificadas mais de 15 500 casas, causando cerca de 15 000 desalojados.*

*1998 – Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e São Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros na ilha do Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almojarife, também do Faial. Também atingidas foram várias localidades da ilha do Pico. No extremo oeste da ilha de São Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 pessoas, todas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.*

---

## 21..2. A CRISE DE 1808

Na obra “*Ilha de S. Jorge (Açores): Apontamentos para a sua História, de José Cândido da Silveira Avelar*”<sup>9</sup> está compilado um conjunto de descrições da erupção e dos acontecimentos que a rodearam. A mais extensa e circunstanciada deve-se ao padre João Ignácio da Silveira (1767 - 1852), então cura de Santo Amaro, que escreveu uma relação que o Dr. João Teixeira Soares publicou com algumas notas no Jorgense, n.º 6, de 1 de maio de 1871, e foi transcrita no Archivo dos Açores, vol. V, páginas 437 a 441. Foi aquele escrito, com algumas variantes, que João Duarte de Sousa seguiu na narrativa do fenómeno, de página 188 a 193 dos seus Apontamentos. Eis o seu conteúdo:

*Na noite amanhecendo para o domingo do Bom Pastor, primeiro dia do mez de maio do presente anno de 1808, tremeu a terra tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora, e d’estes foi um sobre a madrugada tão grande, que fez levantar o povo das camas. No mesmo dia, estando já parte do povo na igreja deprecando a Deus nosso pai, houve outro abalo tão forte que fez fugir todo o povo da egreja, das 11 para as 12 do mesmo dia houve outro tremor, e juntamente um estrondo tão grande que a todos amortiso,*

---

<sup>9</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vulc%C3%A3o\\_da\\_Urzelina#cite\\_note-0](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vulc%C3%A3o_da_Urzelina#cite_note-0)

*e de repente se vio levantar uma grande nuvem de fumo sobre o mais alto monte da freguezia da Urzelina, no pico d' António José de Sequeira, e bem defronte da igreja de S. Matheus cuja planta e centro da freguesia era o mais agradável da ilha, e por isso mesmo muito frequentado de muitos sujeitos bons e maus de todas as ilhas, e em breve tempo engrossou e subindo ao mais alto ceo fez arco sobre parte da freguezia das Manadas e da Urzelina, indicando um terrível castigo já mostrando nas redobradas e negras nuvens uns incumbrados montes, umas medonhas furnas.*

*Da bocca daquele vulcão saíam estrondos tão fortes e medonhos sem intervalo que convidavam aos habitantes d'esta ilha para Juízo. Correu todo o povo a deprecar a Deos, porém logo o povo da freguezia da Urzelina se assustou deixando o seu vigário o rev. José António de Barcellos só no adro da sua igreja, e logo no mesmo dia choveu tanta areia de tarde que ficaram as casas chamadas do mato cobertas de areia e os campos d'ahi para cima em parte ficaram com altura de 7 palmos, e as vinhas dos Castelletes até à ermida de Santa Rita, da freguezia das Manadas, ficaram cravadas e as casas quasi abatidas com o pezo, sahindo immediatamente línguas de fogo do centro que chegavam aos ceos, deitando pedras ignitas de 8 palmos, em distância dum quarto de legoa, outras de 16 palmos em quadro e outras menores, subindo à mesma altura cahiam como densos chuueiros.*

*Chegou a triste noite, então é que desfaleceram os habitantes desta ilha vendo todo o fogo e pedras ignitas, que sahiam como coriscos e quase que pareciam cair sobre os povos, e as vidraças das igrejas pareciam quebrarem-se aos eccos d'aquelle pregoeiro que nos ameaçava de morte.*

*Até à terça feira, 3 do mesmo mez, rebentou o fogo em 7 logares, ficando a bocca ou vulcão perto da Ribeira do Arieiro, em cuja tarde abrandou o fogo: e na madrugada da quarta-feira, 4 do mesmo mez, arreventou o fogo entre as Ribeiras, acima da fonte da Fajã, e da mesma sorte fazendo nuvem de pó de enxofre e terra que parecia arder todo aquelle logar.*

*Logo fez procissão o vigario da Urzelina para a parte da Fajã com o Senhor Santo Christo e Senhora das Dôres e a poucos passos encontrou-se com o padre José de Sousa Machado, que trazia em procissão a Senhora da Encarnação acompanhado de varias pessoas, mas quasi suffocadas do muito pó enxofrado que estava cahindo. reunidos àquella procissão algum tanto animados, chegaram à ermida da Senhora do Desterro, ainda, que com muito trabalho porque do cruzeiro para cima cahia muita terra sulfúrea e tão pegajosa que muitas arvores cahiram com o peso d'ella e o fétido entontava aos viajantes.*

*Passados mais 7 dias rebentou o fogo nas areias da freguezia de Santo Amaro, onde abrindo duas bocas vomitava fogo à maneira de duas grandes ribeiras de matéria fluida, e com tanta força que no segundo dia se achava a mais de um moio de campo de mistério que encaminhando-se às casas fez pôr parte do povo em fugida, o vigário, o rev. Amaro*

*Pereira de Lemos, esteve fulto dos sentidos e a irmã, D. Anna Maria de Lemos, esteve douda.*

*O vigário das Velas e ouvidor, o rev. António Machado Teixeira, temendo fosse o fogo à villa mandou deitar pregão para que se retirassem, e que mandava o Sacramento para a Beira e d'aqui resultou um levante que se não pode explicar.*

*As freiras foram para a igreja de Rosais; o ouvidor e outros clérigos para o Faial, o doutor juiz de fóra e outros para o Pico e o mais povo de quasi toda a villa foi para a Beira e Rosaes. Este levante foi sem maior necessidade, por que no dia em que o fizeram foram ver o fogo que já pouco corria e só por dentro da ribeira.*

*O alto da serra por onde o dito fogo passou ficou abatido e em grotas formidáveis, os caminhos quebrados de forma que não passavam carros nem gente por parte, as fontes secas.*

*Poucos dias depois retrocedeu ao primeiro lugar em que tinha rebentado, defronte da igreja da Urzelina, com a mesma força que dantes, e perseverou doze dias, em que foram continuas as súplicas a Deus e por não sermos ouvidos do Senhor, por serem as culpas em maior número que as suas misericórdias, continuou o mesmo flagello. sahindo do vulcão (que dizem ter bocca em circunferência de um moio de campo) muitas areias, que arruinavam parte dos campos da referida freguezia de São Matheus e das mais circunvizinhanças, e chegou a cahir na ponta do Pico, em Angra e São Miguel, e para a parte da villa não cahio porque os ventos sempre cursaram pelo nor-noroeste.*

*N'este tempo todo o povo da Urzelina se ausentou desamparando todos as suas moradas, uns para as Manadas, outros para a Calheta. outros para Rosais e uns para Angra, isto o povo da Urzelina, ficando só o reverendo vigário no adro.*

*Observou-se que em quanto a maré enchia aquelle vulcão embravecia mais e deitava com mais força pedras mármoreas grandes, umas das gerais eram muito pretas e pesadas e feriam lume, e outras à maneira de vergas, de lagens e outras redondas, umas muito brancas e partidas reluziam pelo muito salitre que tinham.*

*Em uma noite estando o vigário da Urzelina em guarda de sua igreja, sendo já 11 horas e meia, pegou a observar umas ribeiras de fogo, que vinham correndo pelo monte abaixo, e tocando a fogo apenas acudiram 6 ou 8 pessoas, que acompanharam o Santíssimo para a ermida do Senhor Jesus, para onde na mesma noite fez trasladar todas as imagens, vasos sagrados e vestes sacerdotais.*

*Entraram logo a observar que os campos circunvizinhos ao dito monte se iam incendiando e levantando-se pedras como montes, que corriam ardentes até à planície das vinhas que faziam pasmar a quem tal castigo via.*

*Em 17 do dito mez de maio, vendo o vigário das Manadas, o reverendo Jorge de Mattos Pereira, que o da Urzelina se achava estrompado e com a sua gente dispersa veio com parte dos seus fregueses à igreja da dita freguezia de S. Matheus para salvar o que podesse da dita egreja, o que assim fez, e estando trabalhando na mesma de repente se*

*levantou um tufão de fogo ou vulcão e introduzindo-se nas terras lavradas levantou todos aquelles campos até abaixo ás vinhas com todas as árvores e bardos, fazendo-se uma medonha e ardente nuvem e correndo até abaixo da igreja queimou trinta e tantas pessoas na egreja e nos campos, e vindo para a parte da ermida do Senhor Santo Christo tomou a luz ao sol de sorte que parecia uma tremenda noite e pensando o dito vigário da Urzelina que era a última hora de vida já trémulo tratava de consumir o Sacramento, mas em quanto se aprontou entrou a divisar uma pequena luz e esperando um pouco, vendo que ia esclariando, não quiz consumir o Sacramento e saindo a ermida logo se encontrou com o vigário das Manadas e um clérigo queimados e todas as mais pessoas que com elles entraram, uns por menos molestos foram para a sua casa e outros ficaram na referida ermida e casas vizinhas, por não poderem ir para as suas, vindo uns com os couros das mãos e pés pendurados, outros tão inchados e pretos que se não conheciam, outros com as pernas quebradas, e alguns espirando, todos pedindo Sacramentos, e apenas os receberam alguns logo expiraram (4.).*

*E vendo o rev. vigário que o fogo era cada vez mais e que se ia aproximando à dita ermida levou o divino Sacramento para as Manadas para a ermida de Santa Rita, em cuja tarde administrou os sacramentos a alguns dos seus fregueses, que ali se achavam queimados e a outros d'aquella freguezia das Manadas com licença do rev. vigário.*

*No dia seguinte consumiu o Sacramento o rev. vigário da Urzelina e a toda a pressa passou à parte do Norte por onde veio para o logar da Ribeira do Nabo para acudir a alguns dos seus freguezes, que para o dito logar se tinham passado queimados, isto por já não poder passar pelo sul pelos tufões de fogo que saíam da bocca d'onde corriam caudalosas ribeiras de fogo em matérias fluidas, que já chegavam quasi ao mar.*

*Agora se acha o dito vigário com os sacramentos na ermida de Nossa Senhora da Encarnação para onde voltaram os que andavam dispersos.*

*Até ao dia 16 do dito mez eis aqui o que se observou, apparecendo na falda do monte que se formou de pedra e areia, o mais alto da ilha, uma abertura d'onde sahia uma caudalosa ribeira de fogo que chegou a dividir-se em cinco, e transbordando todas arrasaram os principaes campos e sessenta e sete casas de morada, toda a canada dos Abreus até à canada onde o padre Bartholomeu Luiz morava, com vinhas e terras, ficou em mysterio, e vindo estas ribeiras ao mar levaram a igreja de S. Matheus, que hoje se acha em mysterio tão alto que hombra com a torre da dita egreja, menos a dita torre e frontispício com um bocado do adro.*

*Até 5 de junho do dito anno, domingo do Senhor Espirito Santo, sahiu d'aquella vulcão umas vezes pedra outras areias, em cujo dia sahiu com tanta força que chegou à villa, (7.) e desde este dia até à sexta-feira seguinte deitou tantas cinzas, que abrasaram as cearas de muitas freguezias, e cobriram os pastos de forma que alguns sujeitos varreram os pastos para ver se os gados comiam, mas nem assim podiam pastar e por esta razão morreram muitos gados.*

*Todas as bocças por onde rebentou fogo fumam, mas sem prejuízo (8.), ainda que estamos esperando a cada instante renovação do fogo, porque nossos corações nenhum arde de amor Divino.*

*Em todo o espaço do mez de maio, em que correu o fogo, nunca anoiteceu n'esta ilha, porque faltando a luz do sol ficava a do fogo.*

O Dr. João Teixeira Soares escreveu uma narrativa da mesma erupção, que publicou no jornal Jorgense, números 21 e 22 de 15 de agosto e 1 de setembro de 1872, que foi transcrita no Archivo dos Açores, vol. V, páginas 442 e 443, firma-se naquela outra do padre João Ignacio e nas notas que ele havia feito. Desta narrativa destacam-se as seguintes considerações:

*Desde aquelle dia (5 de junho) até ao dia 10 do mesmo mez teve logar a emissão de cinzas, que cahiram sobre uma grande área da ilha, chegando mesmo a algumas vizinhas.*

*Então cessou a actividade vulcânica, mas gradualmente; as crateras fumaram ainda por muito tempo, e por muitos anos se percebeu próximo às fendas, que na direção do oriente ao occidente se abriram, uma maior elevação de temperatura, assaz denunciada pela vegetação herbácea que cobria o solo. As lavas conservaram também por annos gazes sulfurosos.*

*Dos phenomenos que relatamos, aquelle que nos parece dever chamar mais a atenção do geólogo, é o das nuvens ardentes. Sahiam das crateras depois de uma como syncope da actividade d'estas. Eram carregadas d'uma poeira húmida ou polme, que fazendo-as pesadas as obrigava a correr por sobre a terra, vertente abaixo, para o mar. Traziam uma terrível força de translação.*

*A introdução da mais leve parte nos órgãos da respiração causava a morte. Idêntico phenomeno appareceu como vimos em 1580.*

*A lava de 1808 é a mais tratável que talvez se conheça na história geológica. Muitas partes d'ella estão já convertidas em frondosas matas. A representação gráfica das crateras e lavas dum e outro vulcão esclareceriam notavelmente a sua historia e relações.*

*Na Revue Scientifique de la France a de l'Etranger, 2.<sup>a</sup> série, 2.<sup>o</sup> ano, n.<sup>o</sup> 51, 21 de junho de 1873, página 1200, com o título Saint George (Açores) et ses eruptions, Ferdinand André Fouqué escreveu o que a respeito das erupções de 1580 e 1808 verificou nas duas crateras que visitou, e que o volume V do Archivo dos Açores, páginas 444 e 445, transcreveu.*

*Aquele naturalista, desembarcando na vila da Calheta no dia 8 de julho de 1872, dirigiu-se no dia immediato, acompanhado do Dr. João Pereira da Cunha Pacheco, ao lugar das ditas crateras, resultando do seu estudo o seguinte:*

*Estas nuvens eram carregadas de uma poeira húmida, desciam ao longo da vertente, rojando-se pela superfície do terreno. A este contacto venenoso as plantas murcham e morrem imediatamente. ...*

*O poder asphixiante d'estas nuvens, a sua progressão perto da superfície do solo e o seu constante movimento pelos declives do terreno indicam como elemento principal d'elas a existência de um gaz deletério e denso que, muito provavelmente, não seria senão o ácido carbónico.*

*A sua opacidade deve atribuir-se ao vapor d'agoa, meio condensado e a sua cor avermelhada ao pó vulcânico muito subtil arrastado e em suspensão naquela mistura de gazes e vapores.*

*Enfim a ação deletéria exercida rapidamente sobre as plantas provém sem dúvida do acido clorídrico e do acido sulfuroso expelidos juntamente com os vapores aquosos e arrastados por elles. As testemunhas da erupção de 1808 não fazem menção de chamas; as descrições que deixaram levam a pensar que a temperatura das nuvens ardentes era pouco elevada. A sua atenção foi principalmente excitada pela ação venenosa d'estes agentes.*

*Segundo uma narrativa, provavelmente um pouco exagerada, os homens e os animais morriam mal respiravam aqueles vapores pestilenciais. É evidente, portanto que as nuvens ardentes de 1808 eram muito mais húmidas e com uma temperatura muito mais baixa que as de 1580.*

*Sem dar plena fé do que se conta das nuvens daquela primeira erupção conterem em si globos de chamas, pode-se pelo menos afirmar que elas transportavam ao longe matérias incandescentes e que os efeitos destruidores eram devidos tanto ao seu poder calorífico como à sua natureza química propriedades bem diferentes das nuvens de 1808.*

*Todavia a identidade dos nomes dados pelos habitantes, com dois séculos de intervalo, àquelas singulares manifestações é na realidade justificada por muitas considerações. Nos dois casos com effeito, trata-se de massas vaporosas, opalinas, carregadas de matérias pulverulentas, de contornos arredondados como os de uma nuvem, que descem pelas encostas das montanhas à superfície do solo, e que mataram as plantas e os animais.*

*A existência de globos de fogo nas nuvens ardentes de 1580 é mais duvidosa, porque com muita dificuldade se compreende como gazes, cuja combustão produz chamas, possam transportar-se ao longe, ao ar livre, sem que imediatamente sejam inflamados. Admitindo além d'isso, que houve uma differença considerável entre as temperaturas das nuvens ardentes das duas erupções, não se pode achar n'este único facto rasgo bastante para os qualificar como dois fenómenos absolutamente distintos. Os effeitos caloríficos descritos foram presenciados por observadores inexperientes: a situação dos logares em que se produziram, a distância mais ou menos afastada das*

*boccas de emissão, a rapidez variável de translação da nuvem vulcânica, as condições climatéricas particulares da atmosfera no momento de cada uma das erupções, e muitas outras causas, podiam ainda modificar considerável e diversamente a intensidade das ações devidas à intervenção do calórico.*

*É, pois, com razão que as testemunhas da erupção de 1808 conservaram a denominação usada em 1580, posto que não tivesse todo o vigor e precisão desejáveis. Phenomenos semelhantes aparecem perto d'outros vulcões (9.) mas talvez em parte alguma as nuvens ardentes se viram melhor do que nas duas erupções de S. Jorge. Insisto tanto mais no seu exame, quanto ellas me parecem fornecer a chave de alguns problemas fornecidos pelas exumações de Pompeia.*

*A situação estranha dos esqueletos descobertos no meio das ruas da necrópole vulcânica romana é muito difficil de explicar, na maior parte dos casos, invocando somente a analogia com os phenomenos que se observam nas modernas erupções do Vesúvio. Uma chuva de cinzas por mais abundante e carregada de humidade que seja, não pode, por exemplo ter, lançado por terra e soffucado um homem robusto, que encontrou a morte fugindo por uma rua pública, em companhia de suas duas filhas. Foi necessária a intervenção de um gaz deletério para matar todos três com espantosas agonias. De todas as lavas que tem corrido nos Açores, depois que os portuguezes as abordaram, a de 1808 é de todas a mais alterável. Os musgos e os liquens invadiram-na primeiro, depois a vegetação herbácea implantou-se n'ella e por fim os arbustos e as árvores. Atualmente certas porções estão transformadas em espessas matas, enquanto ali próximo muitas camadas de lavas de 1580 apenas começam a desagregar-se.*

Na *Corographia Açorica*, página 94, João Soares de Albergaria de Sousa, que foi testemunha ocular da erupção de 1808, diz:

*O vulcão de 1808, que vimos rebentar nas Lagoinhas, sobre a serra que fica ao norte e iminente à aldeia da Urzelina, também respirou no lugar d'Entre Ribeiras, uma légua ao noroeste e depois no das Areias; a primeira boca expeliu por largos dias grande quantidade de materiais; 7 dias apareceu o sol obscuro pela densidade da atmosfera, impregnada dos vapores vulcânicos; choveram cinzas; a ilha sofreu muitas e violentas concussões; o solo na vizinhança do vulcão abriu fendas profundas; os lábios dos hiatos abateram em lugares de 4 a 6 palmos. Este vulcão correu ao mar sem interrupção, deixando o chão coberto de lava em altura de 30 pés, pouco mais ou menos.*

Como se vê, nem o Padre João Ignacio da Silveira, nem João Soares de Albergaria de Sousa, testemunhas da erupção, aludem ao pedaço de terreno rodeado de lavas que ficou incólume e que a tradição do povo atribui ao facto de nele pastar uma rês destinada ao bodo do Espírito Santo.

Também Francisco Ferreira Drummond, nos Anais da Ilha Terceira, tom. III, pág. 184, referindo-se àquele fenómeno diz que foi visto e sentido na ilha Terceira, caindo até cinzas por muitos dias, que se achava a cada passo, empacada sobre as plantas dos jardins, das hortaliças e campos mais remotos.

Foram igualmente presentidos os terremotos na ilha do Faial, de onde vendo-se rebentar o fogo na ilha de S. Jorge, mandou a Câmara Municipal da Horta uma lancha com algum socorro e uma carta à câmara das Velas, oferecendo hospitalidade às pessoas que se quisessem nela refugiar (António Lourenço da Silveira Macedo, História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta, tomo 1, páginas 300 e 542).

---

### 21.3. A REAÇÃO DAS AUTORIDADES PERANTE A CATÁSTROFE

*Abandonada a presidência da câmara das Velas pelo juiz de fora, Dr. António Augusto Pereira, que se retirou para a fronteira ilha do Pico apenas rebentou o fogo, os demais vereadores nomeados por carta régia de 9 de dezembro de 1806, capitão Amaro Teixeira de Sousa, sargento-mor José Soares de Sousa, capitão João Ignacio da Silveira, e procurador do concelho Jorge José Covilhão, encerraram-se na administração municipal, tomando providências cujos acórdãos relacionaram em um caderno, que o juiz de fora no seu regresso fez desaparecer para ofuscar os serviços daqueles patriotas.*

*Tendo o capitão-general D. Miguel António de Melo conhecimento do sucesso, mandou em carta de 18 de maio à câmara para distribuir gratuitamente pelos pobres 5 moios de milho: recomendou-lhe se implorasse a misericórdia divina, e que ela o avisasse da necessidade de maiores socorros, concluindo em prestar-se em ir à ilha se a sua presença fosse necessária. A câmara, por sua carta de 23 de julho agradeceu ao capitão-general a oferta do cereal e os bons desejos que nutria a favor do povo oprimido pelo fogo. E aproveitando os oferecimentos do capitão-general terminou pedindo que a maior esmola que v. ex. lhe fazia em atenção à suma pobreza em que ficava esta ilha, era representar a sua alteza real se dignasse abolir o regimento de milícias, cujo corpo é formado por uma grande parte dos empobrecidos com a queima: com os pobres que não vivem de outra cousa senão do seu jornal e outros muitos miseráveis que talvez apareçam com a farda para fazerem as guardas sem vestirem camisa pela não terem: a ocasião é oportuna, v. ex. está disposto a proteger esta ilha queira dignar-se fazer-lhe a maior de todas as esmolas.*

*O governador e capitão-general, como resposta, em sua carta de 21 de outubro ao juiz de fora, insultando a câmara, mandou que aquele magistrado em vereação*



*severamente repreendesse os sujeitos que tal carta assignaram (!) que não tendo o escrivão da câmara registado aquela carta o suspendesse, como efetivamente foi suspenso o que o era, José Félix Rodrigues Mendes. E por desconfiar, ele capitão-general, tenha para tais absurdos concorrido com suas astúcias ordinárias António Sebastião Espinola, v. mercê o mandará prender à minha ordem pelo tempo que deixo ao seu arbítrio.!!!*

*Ao pároco da freguezia José António de Barcellos - diz em manuscrito o dr. João Teixeira Soares, publicado no jornal Velense, n.º 135, de 23 de julho de 1885 - verdadeiro pastor do seu rebanho, foram durante muitos anos pela junta da real fazenda dadas respostas de evasiva ás petições em que implorava o auxílio para a construção d'uma nova paróquia: e só no governo do capitão-general Francisco de Borja Garção Stockler pôde alcançar os auxílios que pediu, levantando à custa de fadigas e sacrifícios penosos a nova paróquia, sem outro galardão mais que o reconhecimento da posteridade.*

*Notas: Na semana antecedente a terra havia tremido por vários dias. Este fenómeno foi pressentido pelos irracionais que se achavam nas proximidades do logar em que ocorreu. Poucos minutos antes do acontecimento os gados que se achavam próximos, começaram a mostrar-se inquietos e aterrados correndo sem que houvesse tapumes que os pudesse aguentar para o lado norte da ilha. As pessoas que se achavam por aqueles sítios vendo a fuga dos gados, seguiram instintivamente o mesmo proceder, de uma delas ouvemos esta informação. Foi este para os homens o mais terrível dos acontecimentos d'este vulcão. Manifestou-se pela primeira vez depois de começar o curso das lavas e foi então que produziu o maior estrago por ser ainda desconhecido. Por um pouco parecia que a atividade das crateras se suspendia. Seguiu-se a esta síncope a explosão d'uma nuvem escura que rojando-se pelo solo baixava pela vertente da ilha até ao mar com uma força prodigiosa arrasando e queimando quanto encontrava: o que d'ela respirava morria necessariamente. Os efeitos d'este fenómeno fazem lembrar os do simaun do deserto, assim não lhe ficaria mal o nome de simaun vulcânico. Segundo os assentos da paróquia foi n'este dia 17 levado ao mar pelos ares pelo referido tufão Francisco José de Sousa, casado, de 59 annos de idade e morador na freguezia. Morreram mais no mesmo dia queimados pelo mesmo tufão Anna da Gloria, solteira, de 49 annos de idade, Francisco Machado, casado, de 30 annos de idade, Luzia de Jesus, casada, Thereza Ignacia, viuva, de 30 annos de idade, João, solteiro, de 14 annos, José Silveira Borges, casado, de 42 annos, João Espinola, casado, de 55 annos. Os proprietários que mais perderam foram, acima do caminho, começando do poente, o convento das freiras desta villa, os filhos de José Monteiro de Castro, o capitão Joaquim José Pereira e seu irmão o capitão Manuel José da Silveira, abaixo do caminho o padre António Homem de Bettencourt. As lavas d'este vulcão, que apenas tem uma existência externa de 63 annos, são talvez as mais benignas que se*

*encontram em toda a terra. Em logares, sobretudo nos declives, já se encontram frondosas matas. Se a incúria dos proprietários não fosse tão grande, já podia aquele solo estar na quasi totalidade arborizado. Esta igreja havia sido construída no primeiro quartel do século passado. Estava voltada ao oriente. A sua torre ainda hoje existe completa. A causa da chegada d'aquelles productos vulcânicos a esta villa não foi devida tanto à força com que foram expellidos como a haver n'aquelle dia soprado o vento de leste o que até ali não sucedera. As emissões gasosas duraram ainda por muitos annos não só nas crateras e fendas do solo, mas nas próprias lavas. Ainda em 8 de julho de 1810, por ocasião de se pretender limpar o poço de baixa-mar da freguesia, no qual haviam caído escorias da lava, morreram asfixiados dentro do mesmo por emanações sulfurosas: Manuel Ignacio Lopes, de 29 annos, casado: Manuel José de Sequeira, 23 annos, casado: António, filho de José António Fagundes, 15 annos, solteiro. Eram todos trez da freguesia de Santo Amaro e tinham ido àquela de faxina.*

*O vulcão de Santorini em 1866<sup>10</sup> produziu fumaradas ácidas com movimentos rotatórios singulares causando nas plantas efeitos devastadores análogos, aos das nuvens ardentes dos Açores.*

---

#### 21.4. DESASTRE DE 1964

15 de fevereiro de 1964 não foi apenas um dia em que a terra estremeceu com violência na Ilha de São Jorge. Abriu caminho para uma verdadeira revolução dos pacatos habitantes da ilha, dado que muitos acabaram por emigrar para as mais diversas partes do mundo, abrindo um caminho inesperado para África, em particular para Angola.

Como sempre, tudo muda quando a Natureza nos sacode, porém este foi um dos mais trágicos acontecimentos que resultaria num outro, não menos grave para esta gente, que foi a independência da ex-colónia portuguesa, que os fez regressar às suas terras na condição de quase apátridas, apelidados de “retornados” e sem meios para recomeçar o que haviam. O sofrimento ainda não terá acabado para muitos dos jorgenses que estremeceram por cá e, depois, a milhares de quilómetros da terra que os viu nascer. Muitos, não cumpridas as promessas, regressaram à terra dois anos depois e outros foram-se ficando ou seguiram para os EUA e Canadá. Todos sofreram pelo caminho.

A crise sísmica iniciou-se em agosto de 1962 com *pequenos sismos, sendo alguns deles um bocadinho fortes*, conta Victor Hugo Forjaz, que se encontrava a estudar no Continente.

---

<sup>10</sup> Veja-se a nota de M. de Corona inserta nas Comptes Rendues de l'Academie des Sciences, Tomo LXIV, 1867.

Recorda que, a partir de dezembro desse ano, a crise pareceu decair, porém, no dia 15 de fevereiro de 1964, às sete horas da manhã, recomeçou a crise e, em 24 horas, registaram-se 179 abalos, alguns macrossismos, alguns deles de grau VI ou VII, com tudo a acontecer envolto no meio de uma violenta tempestade ciclónica com chuva e vento, o que ainda acabou por agravar, em muito, sobretudo as operações de salvamento das pessoas e entre elas os medos foram ainda maiores, atingindo pontos de sofrimento só entendível para quem os viveu.

*“Esta crise de São Jorge, ocorrida em 1964, ocorreu essencialmente ao longo do mês de fevereiro” recorda o geólogo Victor Hugo Forjaz, que tinha, na altura, 23 anos de idade, e que foi testemunha ocular dos acontecimentos que se seguiram ao terramoto que mudou por completo a vida a milhares de jorgenses.*

Entre os primeiros técnicos a chegar a São Jorge, encontrava-se o tenente-coronel José Agostinho, já então, uma autoridade na matéria e o jovem estudante Victor Hugo Forjaz, mas isso aconteceu apenas três dias depois dos eventos, devido ao mau estado do tempo e à falta de um aeroporto na ilha. No entanto, já antes, o nosso interlocutor conta que haviam sobrevoado a ilha, numa altura em que a rede sísmica existia apenas nas ilhas do Faial (Horta), Terceira (Angra do Heroísmo), e São Miguel (Ponta Delgada).

Durante as primeiras duas semanas os habitantes da ilha de São Jorge viveram no meio da maior confusão, com cerca de 500 sismos sentidos e como consequências imediatas, ficaram destruídas 900 casas de habitação, para além de outras de arrumos. Das 900 casas destruídas, cerca de 400 ruíram desde os alicerces, não ficando pedra sobre pedra, tendo sido evacuadas para fora da ilha, cinco mil pessoas.

Victor Hugo Forjaz releva o facto desta crise sísmica ter começado, epicentralmente falando, pelas zonas da Urzelina, depois, Manadas e Pico da Esperança, tendo depois mudado para a zona da Vila das Velas e, nos dias 18, 19 e 20 de fevereiro de 1964, “eu já me encontrava em São Jorge, no meio de ventos fortes e do lacrimejar atmosférico, ocorreu uma erupção no mar, a cerca de milha e meia de terra, em frente aos Rosais” - conta à DI Revista, o vulcanólogo.

*“Com a erupção para Sudoeste, para o lado do Faial, deram em aparecer milhares e milhares de peixes mortos que deram à costa e aquele cheiro persistente típico de uma erupção vulcânica. Já uns dias antes, no início do mês, havia surgido o alerta do corte de um dos cabos submarinos que ligavam as ilhas”.*

Na primeira missão, a 16 de fevereiro, Frederico Machado (que chefiava a missão), José Agostinho e Victor Hugo Forjaz, já se encontravam na ilha, tendo-se reunido a Tomás Pacheco da Rosa, faroleiro dos Rosais, que fora observador vulcanológico nos Capelinhos, durante a

crise ocorrida no Faial, na década de 1959. Victor Hugo Forjaz disse ao DI que uma das características negativas do que aconteceu com o terramoto na ilha de São Jorge também se prendeu com o formato da ilha, estreita e muito escarpada, o que criava um sentimento de aflição, com muitas pessoas a lançar-se autenticamente para os navios.

A evacuação retirou da ilha cerca de cinco mil pessoas, das quais cerca de um milhar ficaram temporariamente na ilha Terceira, o que criou, ao tempo, uma enorme perturbação social gerada pela falta de meios para albergar, de repente, tanta gente, sendo que aqueles que tinham parentes na ilha de Jesus resolveram o seu problema, mas muitos ficaram albergados em casas de pessoas que nunca tinham visto antes, com todos os incómodos que isso traz. Entretanto, entraram em ação o então Governador Civil do ex-distrito de Angra do Heroísmo, Teotónio Machado Pires, e o presidente da Câmara Municipal das Velas, Duarte de Sá, que utilizaram as embarcações “Espírito Santo”, “Santo Amaro” e “Terra Alta”, dando início a uma verdadeira epopeia marítima, acartando víveres para a ilha onde a vida ficou praticamente parada.

*“Nesse tempo, eram apenas pequenas mercearias, não havendo supermercados nem sequer stocks de bens alimentares ou meios para os confeccionar, como a farinha, que teve que partir da ilha Terceira no meio de grande tempestade num dos mais famosos barcos de carga interilhas do Grupo Central, o “Girão”.*

*Após sobrevoarem a ilha de São Jorge num Dakota da SATA, a equipa de técnicos teve ainda que viajar numa fragata da Marinha Portuguesa “enfrentando ventos ciclónicos e após diversas tentativas não foi possível desembarcar nas Velas, o mesmo tendo acontecido no porto da Urzelina, acabando por continuar a navegar até um cantinho da Vila da Calheta, e foi ali que ficou instalado uma espécie de quartel-general.”*

A entrada na Vila das Velas foi “chocante”, conta Victor Hugo Forjaz.

*“Parecia que estávamos a entrar numa daquelas pequenas cidades fantasma do faroeste. Não se vislumbrava vivalma. Apenas casas abatidas e janelas partidas e escancaradas; gatos, cães, vacas e outros animais domésticos por todos os cantos da Vila, presumivelmente assustados e em busca de comida. Enfim, uma verdadeira tragédia”.*

*Quando a crise acalmou, vieram as tendas da tropa, mas eram precisas muitas para recolher tantas famílias, o que levou a que fosse disponibilizado o navio “Niassa” para se deslocar às Velas transportando os equipamentos necessários para resolver os problemas mais imediatos que eram os de alojamento. Foi precisamente nesse navio, o “Niassa”, que as pessoas que desejaram abandonar a ilha foram levadas até Angola, com a promessa de receberem terras e gado, mas isso nunca foi cumprido, afirma Victor Hugo Forjaz.*

Por isso, dois anos após a crise sísmica, muitas dessas famílias estavam de volta à ilha de São Jorge, e apenas as que emigraram para os Estados Unidos da América do Norte e Canadá, acabaram por assentar na diáspora, se bem que alguns, poucos, saíram com destino ao Brasil.

Para o geólogo, hoje não teria sido tão complicado como aconteceu em 1964 porque “há maiores cuidados na construção das habitações”, mas adianta que “ainda existem pessoas que estão a construir com pouca qualidade e, sobretudo, escolhendo localizações em zonas de elevado risco, perto do mar, em encostas que em caso de um sinistro com estas proporções poderão estar condenadas a ficarem destruídas constituindo grande perigo para os seus moradores, porque os terremotos nunca acabarão nas ilhas dos Açores, sendo sempre uma questão de tempo e muitas vezes sem aviso prévio”, pelo que todos os cuidados serão sempre poucos.

---

#### **21.5. VELAS, 17 de fevereiro**

Sob a presidência de Duarte Sá, foi possível efetuar a 17 de fevereiro uma reunião extraordinária da Câmara Municipal das Velas, tendo sido decidida a constituição de diversas comissões. A primeira, denominada “Comissão Central”, era constituída pelo presidente e vice-presidente da edilidade, aos quais se juntaram os vereadores António Cristiano da Silveira e Manuel da Silva Bettencourt; “Comissão de Transportes”, constituída pelos comandantes da Polícia e da Guarda Fiscal, e que tinha como função obter e colocar em funcionamento todos os meios de transporte necessários para organizar as mais diversas tarefas; “Comissão de Instalação, constituída pelo chefe de equipa da Junta Autónoma dos Portos e presidente da Junta de Freguesia das Velas, “destinada ao estabelecimento de sítios de recolha das populações”, “Comissão de Assistência Médico-Social”, de que faziam parte o delegado de Saúde, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, que ficaram responsáveis por todo o serviço de assistência às pessoas que necessitassem de apoio médico e social; a “Comissão de Assistência” era dirigida pelo presidente da Comissão Concelhia da União Nacional e Assistente Social, com o fim de proceder à “recolha, preparação e distribuição de géneros alimentícios às populações; a “Comissão de Comunicações” era formada pelo Delegado Marítimo e chefe da Estação Telégrafo Postal, mantendo os serviços de comunicações e de escuta permanente; as “Comissões de Freguesia” foram lideradas pelos párocos com o fim de atenderem diretamente às populações e estabelecerem contacto com a Comissão Central para o envio de assistência e, se necessário, de observadores.

Com Fernando Silveira, em São Jorge 01/03/2004 - 09:29

---

### 21.6.1. REGRESSANDO AO TURISMO NO CHARUTO-ILHA

Quanto ao Povoamento das ilhas sabia já que o Faial e Pico tinham sido doados, antes de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra, nome posteriormente transformado em Dutra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Na sua companhia teriam vindo muitos flamengos, dentre os quais se destacou Wilhelm Van der Haagen (Guilherme da Silveira), que, passou às Flores e desta para a Terceira e S. Jorge, promovendo, desse modo, o povoamento. A rua dedicada a este homem carece de importância e está na vila das Velas a demonstrar que a História continua a merecer lugar secundário nas mentes dos homens.

Pois bem, a ilha de 246 km<sup>2</sup> com 65 km de comprimento e 8 de largura máxima sempre lhe parecera um enorme charuto abandonado no oceano, ao lado da perna de galinha (Pico) e já longe do cachalote (S. Miguel). Distanto 21 milhas da Terceira, 19 da Graciosa e 10 do Pico, dispunha apenas de dois concelhos: Velas e Calheta. Nas Velas ainda se podem observar várias casas solarengas de rica traça que atestam a sua riqueza patrimonial apesar dos muitos sismos que ficaram na história. As Igrejas da Matriz e N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição nada têm de extraordinário, o mesmo se podendo dizer da Igreja de Santa Catarina na Calheta, mais interessante é a de Santa Bárbara nas Manadas, a da Queimada sendo também digna de visita a Torre Sineira na Urzelina, ou o que resta da igreja derrocada pelo violento sismo de 1 de maio de 1808.

A cordilheira central atravessa a ilha a todo o comprimento e deixa apenas nas suas franjas as interessantes fajãs, exercício de vontade dum povo que lutava pela sua independência económica arrebanhando a terra que a natureza criava. Beleza agressiva e de acesso capaz de cortar a respiração a qualquer um, a ida às Fajãs que dispõem de estrada alcatroada é em si mesma um exercício de desafio das leis da natureza e não aconselhável a quem tenha vertigens ou seja impressionável. Conhecida pelas suas fajãs (terras baixas, à beira-mar, resultantes de materiais desprendidos por quebradas ou acumulados na foz de uma ribeira e assentes quase sempre num banco de lava muito resistente, são extremamente férteis e habitadas e cultivadas com fantásticas piscinas naturais que são autênticos aquários, onde se nada rodeado de peixes que não se incomodam minimamente com a presença humana) a ilha tem uma grande variedade de circuitos pedestres. A que mais impressionou pela positividade e sua beleza foi a do Ouvidor, mas pela perigosidade da estrada a de São João ganhava a todas mesmo à dos Cubres (e daqui era ainda necessário ir a pé uma hora para a maravilha da ilha, a do Santo Cristo).

O ilhéu do Topo é único e impressiona pela beleza que a natureza proporciona sem estar conspurcado pelo Homem. No outro extremo da ilha há uma maravilha paradisíaca: a reserva ou parque natural das Sete Fontes em Rosais, cujo farol abandonado deveria ser recuperado

pois tem uma localização inigualável e umas vistas excelentes. Ali se faria uma excelente pousada com vista para um pôr-do-sol inolvidável. As formações geológicas em volta do farol são espantosas pelos caprichos da mãe natureza. O mais estranho no Parque Natural das Sete Fontes, foi encontrar os tão diferentes e originais porcos do Vietname e os omnipresentes e engraçados gamos.

A ida ao Pico da Esperança foi coartada pelas nuvens pois nunca passara do seu sopé intermédio e não pudera ir aos 1053 metros onde há oito anos se despenhou, sem sobreviventes, um avião da SATA onde ia um primo seu. A ilha tem inúmeros miradouros estrategicamente colocados e mais úteis quanto a paisagens deslumbrantes do que muitos dos miradouros que existem em São Miguel, por exemplo. A reserva da Silveira só permitia o acesso a pé e como a estadia era de cinco dias ficou adiada a sua exploração.

É nas Velas, de frente para o imponente Pico, que a ilha se centra, mas os seus segredos e encantos estão por todo o lado. S. Jorge é um exemplo de que o Homem pode viver em conformidade com a Natureza, se cada um souber ocupar o espaço que lhe é designado. O verde e o azul predominam, as estradas estão orladas por hortênsias. Lá em cima, à noite, os cagarros mantêm animadas conversas e alguns parecem crianças a chorar. Demorara duas noites a descobrir o que era aquele som original. É indescritível, mas ao mesmo tempo belo e melancólico. Durante a noite apenas se viam as suas sombras acompanhadas daquele lânguido som, a pairar por sobre a piscina do hotel, contigua às arribas e ao mar. A nota mais forte das primeiras impressões era o calor abrasador, o calor maior já sentido em mais de três anos no arquipélago, mas os termómetros não aparentavam mais do que os valores normais entre os 20 e os 27 °C. Essa sensação iria permanecer mesmo durante a noite em que o ar condicionado ficava ligado e durou todos os dias da estadia. Interrogado um local no Topo este disse que de facto a ilha era mais quente que as outras, mas no inverno também era bem mais fria.

Uma ilha sofrida, mas bela, agreste, mas acolhedora pelas suas gentes simpáticas e despreziosas. Mal chegámos havia uma carrinha dita shuttle a fazer o “transfere” (sic) do aeródromo para a Vila numa curta viagem de seis ou sete minutos por entre escarpas alcantiladas sobre o mar e uma planície de sedimentação entre dois morros vulcânicos já parcialmente no mar. O aluguer de carros pertencia ao hotel S. Jorge Garden onde ficamos e rapidamente cumprimos as poucas burocracias (estava tudo previamente pago e acordado). Fomos almoçar a um snack-bar chamado Café do Jardim na bem cuidada e manicurada Praça da República e depois fomos ao único hipermercado da ilha numa cadeia local que acabou por se revelar uma surpresa. Os preços eram consistentemente mais baixos do que em idênticos locais em São Miguel. A diferença era grande em muitos itens importados. Assim, tínhamos já pão fresco e seus acompanhamentos para os nossos piqueniques de almoço.

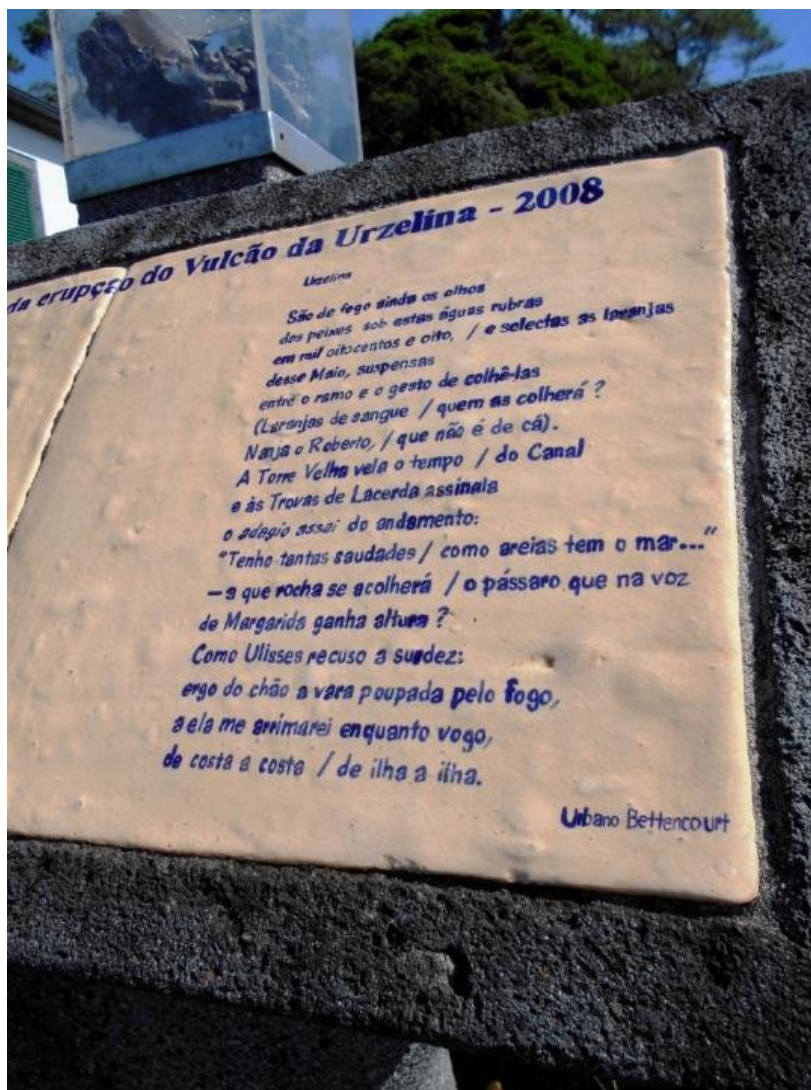
Depois o meu filho saltou para a piscina donde veio, já com guelras, arranjar-se para jantar. Fiquei impressionado com ele, nada bem em mais do que um estilo e sem medo. Aprendeu sozinho como já aprendera a andar de bicicleta e computação. Não sai ao pai, que aos 12 anos ainda berrava ao molhar os pés numa poça da piscina de Espinho com medo...ao ponto de o instrutor de nataçao se recusar a dar-lhe mais aulas, pois era um caso perdido. Eventualmente perderia o medo e aprendera a nadar, mas só se sentia tranquilo nas quentes águas (30 °C) na praia da Areia Branca em Díli, Timor e em Bali onde fizera bodysurf...

Fomos ainda dar uma volta pelo Farol da Ponta dos Rosais, indo pela estrada de terra para melhor apreciar a vista daquela zona com declives suaves, quase harmoniosas colinas descendo calmamente da serra Figueiras. Acabamos por descobrir uma estrada melhor e exploramos várias derivadas destas proporcionando belas vistas e melhores fotografias para a imensa coleção açoriana já coletada em três anos. Para jantar decidimos ir ao Açor que era indicado como sendo um dos melhores sítios, mas não necessariamente o mais barato. Gostamos e esteve-se e comeu-se bem, a carne uma delícia...ainda não me habituei à carne dura que se vende em São Miguel...

Nos dois dias seguintes fizemos mais de 300 quilómetros. Primeiro percorrendo toda a costa sul com paragem no Miradouro da Ribeira do Almeida sobranceiro a Velas e onde se pode ver a enorme fajã que é aquela zona da ilha. A paragem foi prolongada na Queimada (onde aliás fica o pequeno e simpático aeródromo cujas salas foram inauguradas em 2007), tem um pequeno, mas belo porto e uma grande igreja além de capelas interessantes, o mesmo se podendo dizer da paragem seguinte em Manadas. Na Urzelina víamos a bela Furna das Pombas que é um tubo de lava com origem nos vulcões do interior da ilha talvez originada pela erupção histórica de 1808 na Urzelina, mas que ainda não foi explorada em profundidade. Sabe-se que se estende por mais de 100 metros em direção ao interior da ilha, podendo uma parte deste percurso ser percorrido num barco pequeno de preferência no verão, durante a maré baixa e com mar calmo. Como é de origem vulcânica basáltica apresenta-se formada por maciças paredes de rocha basáltica repletas de saliências que grandes bandos de Pombo-das-Rochas utilizam como local de nidificação e abrigo.

Igualmente mereceu especial atenção para observar e pensar um pouco o que terá sido o dia 1 de maio de 1808 (atrás descrito) do qual nos recorda um pequeno monumento em homenagem à ocorrência com um poema de Urbano Bettencourt.





Depois no miradouro da Fajã das Almas e Biscoitos paramos para um café antes de descermos à vila da Calheta. Uma vila sem grande interesse que se prolonga por quilómetros ao longo duma estreita via. As igrejas merecem algum destaque com apenas uma pequena residencial e falta de minimercados ou outras lojas. O mais curioso é o centro de saúde ficar lá no alto e a população viver cá em baixo nas Calhetas, longe e de difícil acesso a pé...

Adiante, seguimos até ao Topo, que por acaso fica no fim da ilha, parando no Miradouro das Pedras Brancas, reabastecendo a viatura em Santo Antão. Antes de irmos ver o farol (onde uma simpática grade fechada convidava os forasteiros a saírem de lá) fomos apreciar o pequeno porto de pesca onde mal dava para o carro inverter a marcha. Após as obrigatórias fotografias ao estranhamente diferente ilhéu do Topo, com vista para a ilha Terceira, regressamos pela espinha dorsal da ilha, detendo-nos por altura da Fajã de São João, cuja viagem nos fez sustentar a respiração e nos obrigou à ladainha dumas preces inventadas para que nenhum outro carro

se cruzasse connosco na subida ou descida. As súplicas foram ouvidas e saímos de lá numa viagem só...

O narrador interrompe a sua ação para atender às necessidades dos limpadores da fossa que semestralmente aqui vêm a casa lembrar-me que este é um dos preços por viver afastado da civilização das ETAR...uma rotina ao módico preço de 40 euros por semestre efetuada pelo funcionário da Câmara durante as horas normais de expediente...sem direito a recibo. Depois queixam-se da economia paralela e da fuga ao fisco. Mas já poderemos dormir com menos cheiro nauseabundo esta noite e de manhã ao acordar para ir ao café já não terei as minhas papilas olfativas agredidas.

Existe uma interessante lenda sobre a fajã de São João, que adiante se transcreve.

---

#### 21.6.2. LENDA DA FAJÃ DE SÃO JOÃO

*Em tempos que já lá vão  
uma pobre velha havia  
na Fajã de São João  
de quem o bom povo se ria.*

*Um dia a pobre velhinha  
quando o seu pão fazia  
uma formosa senhora  
à sua porta batia.*

*- Entre! - lhe disse a velhinha  
- venha junto do meu lar,  
do pouco que Deus me deu  
a todos gosto de dar.*

*Mas a senhora lhe disse  
com voz doce de encantar  
- Vai dizer a toda a gente  
que fuja deste lugar.*

*Que caso estranho e terrível  
muito em breve se irá dar  
que fugissem para a serra*

*antes da noite chegar.*

*E logo a velhinha foi  
de casa em casa a chamar,  
dizendo a todos que deixassem  
a sua casa, o seu lar.*

*Muita gente zombou  
do que a velhinha dizia,  
ninguém quis acreditar  
em tão triste profecia.*

*Com uma filha que tinha  
pôs-se a velha a caminhar  
para o mais alto da serra  
no triste caso a cismar.*

*Nessa noite, à meia-noite  
pôs-se a terra a baloiçar  
houve um grande terramoto  
uivava sinistro o mar.*

*E ruíram com fulgor  
muitas rochas sobre o mar  
muitas casas desabaram,  
vibraram gritos no mar.*

*Quando a manhã despontou,  
o sol pelo azul subia,  
muita gente que zombara  
na paz da morte dormia.*

*E a velhinha que dissera  
atrás esta profecia,  
diz o povo que falara  
com a Virgem Santa Maria.*

Passamos depois, outra vez, pelos moinhos de vento na extremidade noroeste da serra do Topo (as novas energias eólicas não irão longe só com meia dúzia de pás a esvoaçarem).

Continuamos sempre a ver o imponente Pico, presença amiga e intimidatória que nos persegue desde a chegada. Sempre atento a todos os nossos movimentos, espreitando por entre as nuvens que o coroam, dando a conhecer mil e uma faces ao longo dos dias, numa visão majestática bem diferente da imponência da Horta que quase nos afoga.

Aqui em São Jorge, o Pico estende-se de norte a sul mostrando bem os vários picos que o compõem, pejado de cones correspondentes a tantos outros vulcões que sulcam a ilha, sempre a nosso lado, lembrando-nos que a tragédia está ao virar da esquina quando de novo, começar a roncar das entranhas da terra e nos começar a vomitar o conteúdo desse seu estômago de magma que nos acompanha desde a criação da vida na terra. Se, por acaso deixamos de ver o Pico, o que raramente acontece, podemos ter a sorte de olhar as restantes ilhas do grupo central, a pequena bossa de dromedário chamada Graciosa, e a ilha Terceira. Mas na maior parte dos locais da cordilheira central e da costa sul temos sempre o Pico e o Faial a acompanhar-nos.

Queríamos explorar o parque natural da Silveira, mas teríamos de ir a pé e não havia tempo, pois ainda muito faltava ver para o pouco tempo que tínhamos. No dia seguinte voltamos a ir passear, desta vez para descobrir a costa norte. Fomos pela Beira, Ribeira do Nabo, Santo Amaro. Aqui, descobrimos uma estrada com uma inclinação de mais de 15% em que se não vê o fim da estrada, mas apenas o mar....começamos a descer em segunda velocidade até nos depararmos com um entroncamento e a entrada na estrada principal, mas mesmo em frente, um pequeno portão de metal separava-nos duma encosta bem pronunciada sempre a descer até ao mar... Espera-se que ninguém tenha ali uma falha de travões...Santo Amaro estava ativo nos preparativos para uma corrida de touros (à corda) que iria ter lugar nesse fim de semana.



Ao fim da tarde fomos encontrar-nos com a Ana G, ex-colega da minha mulher na Maia, que ali ficara colocada por três anos. Conhecemos o marido e o filhote de dois anos e a saga da chegada deles uma semana antes. Tinham escolhido uma casa com quinta e muito espaço agrícola em junho, deixaram os carros e as mobílias e ao chegarem definitivamente ao aeródromo, tinham o senhorio a dizer-lhes que era viúvo e tinha encontrado a mulher dos sonhos, e já não poderia alugar a propriedade pois não iria regressar aos “*States*”, mas ia ficar ali. Ficaram desesperados e aboletaram-se onde puderam durante uns dias até encontrarem nova casa na Queimada onde nos receberam para um lanche ajantarado de salpicão, alheiras e outros enchidos acabados de trazer de Bragança donde são naturais. Foi excelente comer aquelas delícias naquele ambiente paradisíaco sob a sombra protetora do Pico enquanto o sol se punha. Dormimos que nem sei lá o quê depois do delicioso jantar, simples, mas sentido e amigo, de pessoas que eu e o João (cansado de brincar com o petiz) tínhamos acabado de conhecer. Gostava de os ver outra vez, gente de bem, aquela que ali fomos encontrar acabada de chegar das berças maternas do autor.

Ou mais uma história de como os professores são os únicos profissionais em Portugal que fazem como o caracol (casa às costas). Porque não os médicos, enfermeiros e outros? Só professores? Faz lembrar a proposta da avaliação dos professores para outras profissões:

Já que muitos jornalistas e comentadores defendem e compreendem o modelo proposto para a avaliação dos docentes, estranho que, por analogia, não o apliquem a outras profissões (médicos, enfermeiros, juízes, etc.). Se é suposto compreenderem o que está em causa e as virtualidades deste modelo, vamos imaginar a sua aplicação a uma outra profissão, os médicos. A carreira seria dividida em duas: Médico titular (a que apenas um terço dos profissionais poderia aspirar) e Médico. A avaliação seria feita pelos pares e pelo diretor de serviços. Assim, o médico titular teria de assistir a três sessões de consultas, por ano, dos seus subordinados, verificar o diagnóstico, tratamento e prescrição de todos os pacientes observados.

Avaliaria também um portefólio com o registo de todos os doentes a cargo do médico a avaliar, com todos os planos de ação, tratamentos e respetiva análise relativa aos pacientes. O médico teria de estabelecer, anualmente os seus objetivos: doentes a tratar, a curar, etc. A morte de qualquer paciente, ainda que por razões alheias à ação médica, seria penalizadora para o clínico, bem como todos os casos de insucesso na cura, ainda que grande parte dos doentes sofresse de doença incurável, ou terminal.

Seriam avaliados da mesma forma todos os clínicos, quer a sua especialidade fosse oncologia, nefrologia ou cirurgia estética...Poder-se-ia estabelecer a analogia completa, mas penso que os nossos 'especialistas' na área da educação não terão dificuldade em levar o exercício até ao fim. A questão é saber se consideram aceitável o modelo? Caso a resposta

seja afirmativa, então porque não aplicar o mesmo, tão virtuoso, a todas as profissões? Será?! Já agora...Poderiam começar a 'experiência' pela Assembleia da República e pelos (des)governantes.

Voltemos à ilha... A localidade de Toledo foi batizada por causa dos seus primeiros habitantes serem de Toledo (Espanha), mas nada tem que justifique tão nobre nome, a não ser a vista das ilhas Graciosa e Terceira a marcarem o seu horizonte marítimo.

Está numa área de Laurissilva, típica da Macaronésia, rodeado por três elevações, Pico Alto 766 m, de cinzas vulcânicas consolidadas e barro; a Nascente, o Pico do Loçano com 411 m; e o Pico da Ponta Furada, a poente, com 622 m.

Estas duas últimas elevações são geologicamente falando dois domos vulcânicos de média dimensão cujo surgimento é muito antigo. O da Ponta Furada estende-se até ao mar e termina numa ponta rochosa de basalto maciço, e na sua extremidade existe um orifício gigantesco que a atravessa lateralmente e cuja explicação geológica é deveras difícil. Isto levou a que os habitantes dos Nortes (Norte Pequeno e Norte Grande), e de Toledo em particular criassem lendas numa tentativa de explicar o que humanamente é inexplicável. Lendas transmitidas há séculos de boca em boca pelas populações.

---

### 21.6.3. LENDA DA PONTA FURADA

Conta esta lenda, que há muitos, anos, quando Deus ainda andava pelo mundo viveu alguns anos na ilha de São Jorge. Um dia, São José, o menino Jesus e a Virgem Maria meteram-se num batel a remos e foram navegar junto às grandes falésias da costa norte, algumas com mais de 600 metros de altitude. Era um dia de sol e de mar manso e a viagem estava a correr bem. No entanto São José, prudente como era e conhecedor da costa norte, sabia que esta tinha muitas correntes e perigos escondidos e por isso procurava sempre estar o mais ao abrigo da terra que lhes era possível.

Depois de muitas horas a navegar São José já estava cansado de remar e foi quando chegaram junto ao local denominado Ponta do Garajau que se lhes deparou uma enorme formação de terra que entrava pelo mar dentro, descia desde as altas serras e mergulhava nas profundezas dos oceanos. São José com pressa de chegar à localidade do Toledo para descansar, não estava com predisposição para remar ao redor de tão grande formação.

Ficou durante algum tempo a pensar no que havia de fazer, no entanto, não pensou muito e confiando no poder Divino, conta a lenda, que levantou a mão, estendeu o dedo indicador e

com ele tocou no centro da grande formação geológica, que em vez de ser uma maciça rocha de basalto mais parecia de massa de pão de milho. Logo o centro rochoso cedeu e deu origem a um buraco de grandes dimensões e ao nível da água, por onde São José e a sua Família passaram no seu barco a remos. São José, diz a lenda, ficou muito feliz e tomou o rumo do Toledo, onde chegou ainda antes do fim do dia. Era verão e a Sagrada Família gostou tanto da paisagem, do ar fresco da montanha, dos campos floridos com belos bardos de hortênsias que resolveu fixar a sua residência para sempre no Toledo.

Rapidamente toda a população se afeiçoou à Sagrada Família ao ponto de terem resolvido construir uma ermida para a sua residência, tendo assim nascido a Ermida de São José do Toledo, sendo São José feito padroeiro. Segundo a lenda, a altura do buraco feito por São José é igual à altura da torre da igreja construída para guarida de São José. A pedra empurrada pelo dedo de São José para abrir caminho para a sua passagem encontra-se no mar a algumas dezenas de metros do maciço rochoso que lhe deu origem, formando um pequeno ilhéu que imerge ligeiramente acima das águas do mar. Foi assim, que diz a lenda, nasceu a Ponta Furada, uma das mais estranhas e curiosas formações geológicas da ilha de São Jorge, que aguarda, no seu leito de mar, quem sabe outro passeio de São José e da Sagrada Família.

O domo do Pico do Loizano fica junto a um dos acessos às fajãs do Toledo, nomeadamente à Fajã de Vasco Martins e à Fajã Rasa. Do cimo desta elevação além de se ter uma vista soberba sobre grande parte da costa norte, da ilha Graciosa e da ilha Terceira é ainda possível ver o casario do Toledo misturado por entre os campos verdes das pastagens e a montanha do Pico Alto que do cimo dos seus 766 m. olha serena para a vida que se desenrola cá em baixo. Do cimo do Pico Alto é possível observar não muito longe, as restantes ilhas do grupo central: Faial, Pico, Graciosa e Terceira.

De seguida acabamos por descer à famosa Fajã dos Cubres, em obras de beneficiação, um café que a ASAE fecharia de imediato (era a única Fajã com café aberto ao público, mas melhor fora não haver), alguns turistas portugueses, baratos e sujos do tipo backpackers (mochileiros) e uma célebre lagoa à vista na fajã seguinte (a do Santo Cristo) a que não se chegava a não ser que caminhássemos por uma hora a pé pela costa escarpada. Nada que se compare ao café da Fajã dos Vimes produzido no local...o único sítio na Europa onde se produz café...Em finais do século XVIII “um senhor da Fajã de São João” emigrou para o Brasil, lá trabalhou numa fazenda onde predominavam as plantações de café. Regressado a São Jorge no início do século XIX, traz consigo uma planta de café, o café arábica, que veio assim dar origem ao famoso café da Fajã dos Vimes.

É em São Jorge que está localizada a maior plantação de café dos Açores, mais precisamente na Fajã dos Vimes, costa sul da ilha. Cerca de 400 plantas, que após o devido

processo se transformam num café que já tem fama um pouco por todo o mundo. Manuel Nunes, dono da maior produção de café no arquipélago recorda que o clima da fajã é muito propício para a planta em si. A Fajã dos Vimes é caracterizada por ter um clima ameno e solo fértil. “Um clima dos melhores para o café, é muito quente e tem muita pedra”, salienta Manuel Nunes, evidenciando a qualidade do seu café.

Manuel Nunes não sabe precisar, mas recebe anualmente muitas visitas de turistas e curiosos que querem ficar a saber um pouco mais acerca desta plantação e saborear aquele café que muitos afirmam ter “um sabor diferente e especial. Vem aqui muita gente, vêm de propósito das Velas aqui para provar o nosso café”. Umhas dezenas de quilómetros que para muitos valem a pena, tal são a fama e a qualidade do café que se pode saborear naquela Fajã localizada no Concelho da Calheta. O café é colhido entre os meses de maio e setembro, isto porque, segundo o produtor, “nunca vem todo de uma vez, vai saindo às camadas”, referindo que o tempo também é que o determina, sendo que “neste momento, em pleno mês de fevereiro”, tem plantas já com flor, “o que não é normal nesta época do ano”, facto nunca antes visto por Manuel Nunes. Apesar de já ter recebido propostas, não quer exportar o seu café, comercializando-o apenas no seu estabelecimento, o Café Nunes. “Não quero vender café meu para revenda, para os turistas levarem 50, 100 gramas, tudo bem”, adiantou Manuel Nunes. O produtor aponta como razão “ser uma indústria pequena, é tudo manual e dá muito trabalho”.



A Fajã dos Vimes, localizada entre outras duas fajãs, nomeadamente a Fragueira e a Fajã da Fonte dos Bodes, é um ponto turístico obrigatório para quem visita São Jorge, não só pelo café, mas também pelo artesanato, também pertencente à Família Nunes. Alzira Nunes, esposa de Manuel, em conjunto com a sua irmã continua a tecer as características colchas no tear, naquela que é denominada por “Casa de Artesanato Nunes”.<sup>11</sup>

Seguimos depois para os Nortes, o Grande e o Pequeno, parando no Miradouro da Fajã do Ouvidor para piquenicar com aquela imensa paisagem de mar e fajã por baixo e espesso maciço rocheo e floresta de laurissilva por cima de nós. Acabamos por descer e apreciar esta bela e ampla fajã, com belas casas (uma delas com uma ótima piscina) tudo muito limpo e arranjado,

---

<sup>11</sup> [Retirado de Liliana Andrade /RL Açores]



tentamos seguir até à Ribeira de Areia pela costa, mas desistimos e voltamos a tirar fotos do miradouro para guardar na memória.

Depois prosseguimos novamente pelo maciço central, pela Pedra Vermelha, em plena serra do Topo, para vermos mais uma vez o ilhéu do Topo, regressando pelo Loural, Ribeira Seca (sem descermos à Fajã dos Vimes pela estrada de terra a fim de vermos as suas casas orladas a azul, como já viramos em Santa Bárbara na ilha de Santa Maria). A vista cá de cima era impressionante

As fajãs começavam pela sua perigosidade a inquietar-me e a fazer abalar a minha habitual calma chinesa. Em todas as instâncias nunca deixei de pensar como seria a vida naquela e noutras fajãs mais inóspitas ainda só acessíveis em estradas barrentas decerto intransitáveis no inverno. Nem todas estão eletrificadas.... Como é que era possível viver-se há séculos naqueles locais, como se obtinham os mantimentos ou todos viveriam na frugalidade do que a fajã produzia? Estariam meses sem verem outras pessoas? Tudo questões que ainda não encontraram resposta.

De qualquer forma a sua ocupação das fajãs pode ter representado uma libertação social e a mudança de estatuto pois passaram a deter a posse das terras. Ainda hei de investigar melhor se esta propriedade e posse das terras das fajãs não representa uma melhoria social no estado dos povoadores das ilhas. Nas outras ilhas rapidamente a posse feudal, pelos grandes senhores e pelo clero, não permitia mais que a terra fosse possuída, mas antes arrendada e o trabalho duro explorado num regime de escravatura semelhante ao do continente português. A ocupação permanente destas fajãs tem riscos muito elevados que os planeadores devem ter em consideração. Em S. Jorge, a qualquer momento, a terra pode tremer e as encostas desabarem até ao mar, sobretudo no inverno com os solos saturados de água. Foi assim que se formaram as fajãs e pelo mesmo mecanismo podem desaparecer.

Encontramos no Diário da República um interessante artigo do qual se extrai isto:

*Através da execução do n.º 2 do artigo 80º do Decreto-Lei n.º 380/99, de 22 de setembro, o [presente] diploma assegura a conformidade do PDMC com o POOCISJ, excluindo de ratificação, na planta de ordenamento, as áreas (na Ponta do Topo e proximidades, para norte e para sul) da classe de espaços agrícolas, bem como as áreas (no Topo) da classe de espaços urbanos e as áreas (na Ponta de São João, na fajã com o mesmo nome, e na Fajã dos Vimes) de fajãs humanizadas do tipo 1, da classe de espaços naturais e culturais, que coincidam com as áreas de especial interesse ambiental ou com as outras áreas naturais e culturais, todas do uso natural e cultural do POOCISJ. Da exclusão de ratificação daquelas áreas dos espaços agrícolas resultará igualmente que as*

*que se sobrepunham à Zona de Proteção Especial da Costa Nordeste e Ponta do Topo e à Reserva Ecológica fiquem, afinal, abrangidas por uso natural. 1ª SÉRIE DIÁRIO DA REPÚBLICA, quinta-feira, 6 de julho de 2006 Número 129*

Parece que afinal ali será difícil aplicar as leis de ordenamento. Ou será porque as pessoas foram para lá para terem terras que não eram de ninguém que a natureza dera aquando das grandes catástrofes sísmicas? A sua própria definição não deixa margem para dúvidas: António Cândido de Figueiredo, no seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, define fajã como *“toda a terra baixa e chã ou como pequena extensão de terreno plano, suscetível de cultura, junto a uma rocha, geralmente à beira-mar, formada em regra por materiais desprendidos por quebradas ou acumulados na foz de uma ribeira e assentes quase sempre num banco de lava muito resistente.”*



Na ilha de São Jorge, o conceito de fajã foi objeto de consagração legal, tendo o parlamento açoriano definido que se entende por fajã toda a área de terreno relativamente plana, suscetível de albergar construções ou culturas, anichada na falésia costeira entre a linha da preia-mar e a cota dos 250 m de altitude.

Pelas suas características climáticas, particularmente quando voltadas para sul ou sueste, e pela abundância de recursos naturais, aliada à facilidade de acesso ao mar, já que virtualmente todas as fajãs têm o seu portinho, as fajãs foram locais de fixação inicial dos colonizadores, tendo sido a partir delas que irradiou o povoamento das terras altas do interior. A diferenciação climática é tal que nas fajãs costeiras do sul da ilha de São Jorge, em especial na Fajã de São João, existem microclimas onde, com plantas trazidas do Brasil, se fizeram pequenas plantações de cafeeiro (como atrás se disse), os quais produzem cerca de 50 kg por planta e ano de excelente café, seguramente o local de mais alta latitude onde aquela planta cresce.

Depois nos dias seguintes as nuvens baixas e nevoeiros impediram as nossas tentativas de irmos ao Pico da Esperança e caldeirinhas entre outros. Descemos até à cota zero e do lado

leste da Baía de Entre-Morros na piscina do hotel lemos enquanto o benjamim manifestava as suas habilidades aquáticas.

Aproveitamos para percorrer a rua comercial das Velas, cheia de pequenas lojas e butiques em saldos de verão para além de visitar a enorme loja chinesa (a ubiquidade das lojas chinesas surpreende, embora nos dissessem que ali, havia pouco tempo, uma na Calheta tinha fechado por falta de negócio).

Numa noite regressamos ao Café do Jardim onde éramos sempre bem servidos ao almoço, e a funcionária ainda se lembrava bem das especificidades dos nossos cafés. Nessa noite estava uma jovem a servir, atarantada com o enorme e inusitado movimento dessa noite. Olhamos para ela e decidimos que era de origem timorense.

Quando nos trouxe a comida errada eu disse em Tétum “*L’ha tene*” (não entende) e ela olhou para trás. Depois, acertou na encomenda e perguntei-lhe “*Diac ca lai? Diac? L’a diác?*” (Como estás? Bem? Mal?) e ela respondeu “*Diac liu*” (muito bem)”. Ela perguntou como eu falava timorense e lá tive de lhe explicar que vivera lá muito antes de ela nascer entre 1973 e 1975. Foi curioso ver o sorriso amigo dela e o brilho nos dentes, tal como eu jamais esperava encontrar uma timorense ali.

Noutra noite resolvemos ir jantar ao pomposamente denominado Clube Naval (o *Yacht Club*) do sítio e saímos de lá convencidos de que se tratava antes do Clube dos Botes e não do clube naval quer pela frequência quer pela demora em sermos servidos (demoramos duas horas entre a entrada e saída...) além de que a comida nada tinha de memorável, naquilo que seria a única desilusão digna de registo.

Faltou apenas assinalar que nas ruas das Velas raramente se observam sinais proibidos para o trânsito, o que resultou eu ter andado horas em contramão, até descobrir que tinha de seguir os sinais azuis pois não se viam sinais encarnados. Os poucos polícias locais se me viram não me denunciaram e rapidamente me habituei a esta nova forma de marcar o trânsito. Valeu a pena e não me importava de viver na pequena Vila das Velas.

Como esta já vai longa e para que possam ver as duas centenas de fotos selecionadas da visita aconselho-vos uma visita ao meu museu fotográfico em

<http://www.lusofonias.net/acoress-i/sao-jorge/760-s-jorge-a-minha-visao.html>

<http://www.lusofonias.net/acoress-i/sao-jorge/824-s-jorge-diaporama.html> .

---

22. A MAGIA, O MAGNETISMO DO PICO ATRAI-ME, SERÁ AQUI O ABISMO? 09  
09 09

la começar as crónicas de novo ano a falar, outra vez, da magia do Pico. De olhar para ele pelos olhos de quem está no meio do triângulo, seja no Faial ou Horta. Tentar transmitir a atração irreprimível que aquelas duas ilhas exercem. Que o impelem a empacotar a casa e mudar-se para lá, não obstante as mil e uma ameaças de tremores de terra catastróficos e de vulcões semiadormecidos. la falar do Pico com neve em pleno natal. De como fora difícil jantar na véspera, no dia de Natal e dia seguinte (a que os anglófonos chamam de *Boxing Day* e os mais prosaicos de dia 26 de dezembro). la falar do vento eterno nos Capelinhos lembrando o frio que os termómetros não marcavam, entre os 14 e os 17 °C. Dizer que o seu filho Nigel adorara a visita já que ali não fora em agosto por estar em Portugal a matar saudades da família. la dizer que descobrira cento e uma crateras no Pico, mas poderiam ter sido mais. Vira as pequenas lagoas nas caldeiras de vulcões há muito extintos. Dizem que foi há 740 mil anos, mas podem ser menos, parecem tão recentes!

Houve uma paisagem singular que não esquecera, bucólica e mágica, encantada que dava uma paz interior capaz de desejar construir uma cabana, na Lagoa do Paul, no sopé do Pico voltado a norte. Gravara-a para sempre no “chip” mental com que construía o caleidoscópio dos lugares mágicos e encantados. Mais tarde, numa visita posterior, iria ficar desapontado ao ver essa lagoa seca e o solo eutrofizado a servir de pasto a vacas e cavalos.



*Ergueram-se às seis da manhã, o barco partia pelas 07.40, ainda o sol não nascera. lam armados de farnel e máquina fotográfica. Na Madalena, levantaram o carro de aluguer antes da chuva começar, a princípio hesitante e depois assertiva, de forma continuada e sem*

*desfalecimentos. Não se amedrontara. Nas ilhas chove, chove e depois brilha o sol...só que no Pico quando chove assim, não mais para. Andaram duas horas por estreitas estradas, cobertas de água com a visibilidade reduzida a 20 metros, sem saberem para onde iam e sem nada verem. Houve um momento, a uma altitude considerável nas faldas da cordilheira central, em que o vento abanava de forma ameaçadora o carro. Havia mais montanha pela frente e a chuva impiedosa nada os deixava ver. Retrocederam, convencidos a voltarem à Madalena e apanharem o barco das 13 horas para o regresso à Horta. Desceram a Santo Amaro e foram redescobrir locais por onde andaram em agosto. Pararam para um café. A chuva abrandava. O nevoeiro levantou e renasceu a esperança de descobrirem o que lhes faltava conhecer.*

Voltariam à estrada transversal. Tinham conduzido por entre chuva, nevoeiro e ventos ciclónicos sem nada verem nem mesmo as lagoas a escassos metros da estrada. Tinham estado no sopé do Pico sem o vislumbrar, ainda orlado de flocos de neve. Recuperaram o sorriso. Foram mostrar ao filhote o resto da ilha. Sabiam que iria gostar dos Lajidos do Verdelho e das suas veredas estreitas, qual labirinto de Creta ou Micenos, sem as ameaças do Minotauro, mas mais rico em vinho. Regressaram à Horta pelas 18:00 com 300 km de estrada feita.

*A promessa de tornarem ficara lavrada em rica e elaborada caligrafia na lava vulcânica que a todo o passo encontravam.*

*Merece uma nota o jantar de consoada (dia 24 dezembro) no Hotel Canal, a única unidade hoteleira aberta na ilha. Na imensa sala de jantar apenas os três e a funcionária. Ia quase pedir-lhe desculpa de a ter obrigado a estar ali naquela noite santa, quando um grupo de 7 alemães e outro de 5 espanhóis entrou. Deixara JC de se sentir responsável pela reserva efetuada. Não eram os únicos a querer ceiar pelo natal.*

*No Dia de Natal ficaram no seu alojamento, a “Estrela do Atlântico”, cozinhando na kitchenette da habitação. Saíram apenas para um café expresso, um deles curto e o outro, sempre a milimétrica “italiana” que não coibia de exigir em todos os locais. Sem se darem conta - tão rápida foi a voragem do tempo - acabou a semana de férias retemperadoras e regressaram à Lomba da Maia no rural meio onde viviam o resto do ano.*

la falar disto tudo através de imagens e detalhes, mas, mal o ano começou, foi confrontado com a morte dum companheiro numa “irmandade” de verdadeiros amigos. Era bem mais jovem. Um ataque cardíaco fulminara-o quando se encontrava em Cabo Verde. Ficou transido. Ainda estava. Meses antes (agosto 2007) falecera o Cristóvão Santos, assessor do Ramos Horta, colega das suas primeiras lides de jornalismo político. Com ele combatiera a ausência do 25 de abril em Timor Português. Isto veio trazê-lo de volta à realidade nua e crua. A passagem terrena

é curta. O melhor a fazer é aproveitá-la bem, enquanto cá se anda. Nunca se sabe quando chega o prazo de validade de cada um. As horas desperdiçadas em amuos, guerras, desentendimentos, são excessivas, considerando o tempo malbaratado a dormir e em atividades sem impacto na nossa marca terrena. É assim a matéria humana. Quem era JC para endireitar o mundo? Já o deixara de fazer há mais de uma década.

A morte, como já escrevera muitas vezes, é tabu na sociedade ocidental. Não se prepara para ela nem a aceita livremente quando chega. Preferia a maneira oriental. Toda a vida é experimentada tendo em mente que a morte é o fim único, o objetivo primário. A vida é transiente e passageira. Não um desfecho em si. Apenas uma curta etapa da passagem por esta orbe que diariamente o homem destrói.

A morte da avó materna em 1966, do melhor amigo em 1976, do pai em 1992 e dos tios em 2000, além de outros familiares e amigos, muito o tinham marcado. A ausência dessas pessoas pesava na sua forma de estar na vida. Existem conquistas e alegrias que gostaria de partilhar com essas pessoas e não o podia fazer.

Teria quase 20 anos à sua frente, se repetisse a durabilidade do fumador inveterado do seu pai. Ainda tanto por fazer. Tão pouco tempo para o concretizar. Quanto mais tempo livre teoricamente se tem, menos sobra para agir. Para se dedicar ao que é verdadeiramente importante.

Ao começar estas crónicas de ficção autobiográfica, queria dizer o que pensava e sentia. Faltava-lhe engenho e arte.

---

## 22.1. O PICO ATRAI-ME, SERÁ AQUI O ABISMO? 09 09 09

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico. Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos.

As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem. A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam. Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as

guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raras vezes saem dos quatro cantos do arquipélago que falar dos Açores ainda não se tornou moda na grande capital do Império.

Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao meu amigo, o mal-amado escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo, mas os Açores são uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tanto gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê.

Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?). Eu recebi “avisos amigos” para os perigos quando o convidara a estar na Lagoa em março - abril de 2009 para o 4º encontro açoriano da lusofonia. Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de cinco meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Estava eu carecido de aprender mais com este enigmático personagem que tantos cuidados inculca aos defensores da paz podre açoriana. Como acumulei milhas no cartão de viandante frequente aceitei a sua hospitalidade para uns curtos quatro ou cinco dias no Pico que Cristóvão assumiu como segunda pátria. Nove dias após partir de São Miguel Arcanjo na ilha mágica de regresso à ilha de São Miguel Arcanjo ainda reverberavam os encantos daquela.

Deixei a Lomba da Maia de noite pois nunca se sabe quando se encontram vacas, tratores e carros agrícolas ou, se pelo contrário, se viajará sem transtornos. O trânsito pela sete da manhã era constante. Bem distinto da calma que conheci à minha chegada em 2005. Parte do novo influxo de viaturas deve-se ao empreendimento da SCUT (via rápida sem custos para o utilizador) que avança, lentamente, da Ribeirinha para o Nordeste, desbastando montes, encurtando vales, quebrando rochas milenares, alterando definitivamente a pacata paisagem da costa norte imutável ao longo de gerações e melhorando, ao de leve, o traçado da estrada centenária.

Há quem sinta nostalgicamente que este progresso avassalador destruirá paisagens milenares intocadas, mas será um alívio para quem conduz do Nordeste à Ribeira Grande. Enquanto durar a construção é dinheiro vivo injetado nos locais por onde a estrada passa. A casa em frente à minha, está para vender há 4 anos, e foi alugada a trabalhadores das obras. Estes irão gastar mais energia da EDA, mais água dos SMAS, indo abastecer-se no minimercado local e no café da esquina...o circuito económico do desenvolvimento alastra-se até à conclusão da obra. Este é, afinal, o ciclo de quatro décadas que a Austrália inventou para ter uma economia sempre crescente.

Era apenas dia 27, mas no aeroporto concentravam-se já cinco voos neste final de férias de agosto, dois para Lisboa, um para o Porto, o do Pico e o das Flores. Apenas sete pessoas antecediam na fila de “check-in” quando os computadores avariaram. As filas pararam mais de 40 minutos e rapidamente cresceram. Mais de uma centena de pessoas. O ar era irrespirável com o calor e humidades próprios da época e do local. A habitual cortesia e hospitalidade dos operadores aéreos (SATA e TAP) para com os seus clientes e passageiros levou-os a nada comunicarem sobre o acontecido. Fizeram bem, pouparam preocupações aos passageiros sobre assuntos que lhes não diziam respeito. A turba acumulava-se incomodada naquela sala que bem podia ter sido retirada duma cena de “O Passageiro em trânsito”, opus magister, do Cristóvão de Aguiar.

As línguas entrecruzavam-se com os idioletos dos emigrados que não falam nem português nem inglês. Numa banda desenhada os olhares atónitos dos estrangeiros surgiriam acompanhados de balões com pontos de interrogação descomunais. O silêncio imperava nos altifalantes contrastando com o alvoroço dos candidatos a viajantes. O sistema sonoro do Aeroporto Papa Paulo II, Ponta Delgada, ainda é tão arcaico que ninguém consegue entender as mensagens por entre o alvoroço habitual. As pessoas movem-se, umas atrás das outras, num espírito cego do carneirismo em resposta a apelos imaginados ou anúncios que a SATA nunca fez...A partida prevista para as 08.30 aconteceu pelas 10.20. Avisara já o seu anfitrião cujo banho matinal nas Poças de São Roque do Pico estava irremediavelmente arruinado.

É sempre imponente ver o avião aproximar-se do cume da montanha do Pico, 2.351 m acima do nível do mar, o mais alto de Portugal e da dorsal mesoatlântica. Medido a partir da zona abissal contígua tem quase 5.000 m de altura. O vulcão é recente (750 mil anos), entrando em atividade pela última vez no séc. XVIII a sueste (São João). A Ilha estende-se por 447 km<sup>2</sup>, 42 km de comprimento e 15,2 de largura. Não se sabe a data da sua descoberta, alvitando-se que a sua colonização se terá iniciado por 1480, com gente oriunda da região norte de Portugal.



A importante vinha, que alterou a paisagem e a cultura ocidental da Ilha, foi classificada em 2004 Património da Humanidade pela UNESCO. Outra atividade da Ilha está patente no Museu dos Baleeiros, nas Lajes do Pico. A caça à Baleia, desenvolvida e influenciada pela presença norte-americana desde finais do século XVIII, está hoje transformada em viagens de observação destes cetáceos a que pomposamente se chama de “whale-watching” como se não houvesse equivalente lusófono.

A arquitetura típica é de casario simples, branco com blocos de lava preta, que espelha a origem vulcânica da Ilha. Lugares como Lajes, São Roque e Madalena, estão cheios de história e património, ou de encanto natural como a Gruta das Torres, as Furnas de Frei Matias ou o Arco do Cachorro. A Ilha oferece uma boa gastronomia baseada em peixe e marisco, sendo famosas as caldeiradas. A saborosa carne provém dos pastos abundantes e é afamado o queijo (de São João e do Arrife). Tudo regado pelo Vinho Verde.

Convirá recordar, para quem eventualmente não saiba, qual a gesta das gentes do Pico ao longo da conturbada história da ilha, que durante séculos foi considerada uma “quinta” da fidalguia da ilha do Faial. Começemos pelas desgraças naturais

*1562-1564 – Erupção vulcânica na Prainha do Norte - Em 21 de setembro de 1562, após prolongado tremor de terra, que terá durado um "terço de hora", acompanhado de grande estrondo, & logo em hum lago, & por cinco bocas arrebetou tal fogo, que delle, & de polme ardente correo huma ribeyra por espaço de huma légoa, até se meter no mar do Norte, & no mesmo mar formou, com entrada nelle de hum tiro de arcabuz, aquele grande caes de pedraria abrazada, [...] e affirma o douto Fructuoso, que foi taõ grande o fogo, que todas as mais Ilhas Terceyras se allumiaraõ com elle, & até na de São Miguel fez da escura noyte claro dia”, diz o padre António Cordeiro na sua História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental (pág. 477 edição Príncipe).*

*1713-1714 – Um mau ano agrícola, a que não foi alheio o ciclone tropical de 25 de setembro 1713, levou a que no Pico o povo comesse "socas e raízes" para sobreviver. Também uma epidemia de peste provocou milhares de mortos. No Pico terão morrido 5.000 pessoas e no Faial 500 entre as quais 49 religiosos dos conventos da Horta.*

*1718 – Erupção em Santa Luzia do Pico - A 1 de fevereiro, pelas 6 da madrugada, ouviu-se uma "espantosa trovoadas que encheu de terror os hortenses" e iniciou-se uma erupção vulcânica entre Bandeiras e Santa Luzia, surgindo torrentes de lava que rapidamente formaram um extenso mistério (de Santa Luzia) que penetrou mar adentro.*

*1720 – Erupção no Soldão, Lajes do Pico - A 10 de julho iniciou-se por "dezasseis bocas nas faldas do Pico, por detrás do cabeça do Soldão" uma erupção que "inundou de fogo" perto de uma légua quadrada, consumindo terras e vinhedos e destruindo 30 casas "cujos moradores salvaram suas vidas fugindo precipitadamente". A erupção foi precedida de numerosos sismos e perdurou até dezembro daquele ano.*

*1744 – Ciclone tropical causa grandes cheias. A 5 de outubro "caíram nestas ilhas copiosíssimas chuvas que inundaram as terras correndo em caudalosas ribeiras". Na Prainha do Galeão (Pico) morreram 7 pessoas arrastadas ao mar; na Prainha do Norte (Pico) morreram 6 e outras 5 pereceram em São Roque.*

*1745-1746 – Mau ano agrícola - Provoca fome e emigração em massa - como resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada. No Pico, o povo "recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe esse mísero alimento emigrou para as mais ilhas". Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade. Face a esta situação, por alvará régio foi autorizada a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.*

*1757 – Grande terramoto de São Jorge - Em 9 de julho de 1757 um dos mais violentos, senão o mais violento, dos terremotos de que há memória atingiu São Jorge causando destruição generalizada e formando muitas das atuais fajãs, entre elas a da Caldeira de Santo Cristo. O terramoto ficou conhecido na tradição popular pelo Mandado de Deus. Dos grandes deslizamentos resultou um maremoto que atingiu todo o Grupo Central. Pelo menos 1053 pessoas morreram em São Jorge e 11 no Pico. "O terramoto foi tal que a norte desta ilha, distância de 100 braças, pouco mais, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10 [de julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha. Nas Fajãs dos Vimes, São João e Cubres, se moveu a terra, voltando-se do centro para cima, de sorte que nelas não há sinal [de] onde houvesse edifício" ...*

*1963 – Crise sísmica e erupção submarina frente a Santo Luzia, Pico - Entre os dias 12 e 15 de dezembro um tremor vulcânico com foco ao largo do Cachorro, Santo Luzia, costa norte do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de dezembro. A 15, com bom tempo e boa visibilidade, pessoas do Faial e Pico avistaram "bolas ou nuvens de vapor" saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando quaisquer danos.*

*1973 – Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e São Jorge, com destaque para a freguesia de São Mateus e o lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 min registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, Santo António, e São Roque, na costa norte, São Mateus, na costa sul do Pico, e ainda nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, no Faial.*

*1998 – Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e São Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial provocou destruição generalizada nas freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros no Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almojarife, também no Faial. Também atingidas foram várias localidades da ilha do Pico. No extremo oeste de São Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 pessoas, no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.*

Para que os primeiros colonos cultivassem as terras foi necessário desbastar densos arvoredos que proporcionavam matéria-prima para exportação e para construção naval (cedro). O cultivo de cereais, sobretudo o trigo, e a criação de gado foram as atividades predominantes. A produção de pastel e a sua industrialização para exportação destinada a tinturaria também desempenhou um papel relevante na economia do arquipélago. Esta atingiu o auge quando a cana-de-açúcar (sem grandes resultados económicos) e o trigo entraram em decadência.

No século XVII, as matérias-primas tintureiras foram substituídas pelo linho e laranjas. Foi introduzido o milho, para melhoria alimentar da população e apoio à pecuária. A exportação de laranjas surgiu no século XVIII, quando foi introduzida a cultura da batata. Em finais de Setecentos, regista-se o início de uma expressiva e emblemática atividade económica açoriana: a caça ao cachalote. No séc. XVIII, os Açores já tinham uma população suficientemente grande para que a Coroa incentivasse a emigração para terras brasileiras. No ano de 1460 foi concedida a Álvaro Ornelas, capitão donatário da ilha da Madeira, a carta de primeiro capitão-donatário do Pico, cabendo-lhe a responsabilidade pelo seu povoamento. Nunca demonstrou interesse pela ilha, sabendo-a inóspita e por viver na Madeira.

Houve duas abordagens à ilha, uma pelo lado sul, Lajes em 1460, e outra pelo lado norte, São Roque, em 1470. A zona oeste continuou totalmente desabitada, coberta por um manto de lava onde não existia qualquer terra cultivável, nem corria água que permitisse abastecer quem lá se quisesse instalar. Entre São Mateus e Santa Luzia não havia qualquer ribeira. O flamengo Jos Dutra, capitão donatário do Faial, pediu à coroa portuguesa a carta de capitão donatário

para o Pico, que foi concedida em 1482, tornando-se assim, no seu segundo donatário. Dutra organizou o primeiro grupo de povoadores, em São Mateus.

Reza a história que Frei Pedro Gigante, primeiro pároco da ilha, plantou as primeiras videiras no lugar de Silveira, vindas da Madeira dizem uns, ou de Chipre dizem outros. Há relatos que dizem que a plantação de vinhas se estendeu para sul (Santa Bárbara) e norte (Praia do Norte). A comunidade do Faial iniciou o ciclo do vinho verde, plantando bacelos de vinha nas rochas de lava, tendo obtido bons resultados com boas parreiras e uvas de qualidade. Os habitantes trabalharam arduamente e à força de barra de ferro e marrões, quebraram a lava, abriram covas onde colocaram terra para plantar vinha obtendo um vinho muito bom e de grande teor alcoólico. A plantação das vinhas era feita a partir da costa desabrigada, estando sujeitas ao rossio de água salgada entre os meses de abril e junho. Para combater o problema e amansar a lava retirada para a plantação dos bacelos, assistiu-se a outra tarefa gigantesca: a construção de muros de pedra solta com um metro de altura.

Tendo em conta a orientação predominante dos rossios do mar foram-se construindo paredes com cinquenta metros de comprimento, paralelas umas às outras, distando entre si dois a três metros, terminando junto a uma vereda transversal, a *servidão*. A área entre duas servidões paralelas e contíguas chamava-se *Jarrão*. Em cada canada construíram muros transversais, *traveses* que distavam entre si cinco metros e em que de um dos lados não chegava à parede da canada, dando lugar a uma passagem, a *bocaina* sendo colocadas em posições alternadas para maior proteção dos ventos. O espaço na canada entre dois “traveses” contíguos chamava-se *curral*.

Produziam-se mais de duas mil pipas de vinho por ano no final do séc. XVI. A produção foi crescendo. Relatos do clero afirmaram, exageradamente, que a produção chegou às trinta mil pipas. É nesta época áurea que os proprietários, quase todos do Faial, constroem os seus solares junto à costa, verdadeiras casas de veraneio, com armazéns, lagares e alambiques. Foram construídos em todos eles poços de maré para fazer face à falta de água. Também se construíram poços de maré em lugares públicos, para permitir à população o abastecimento de água, nomeadamente no verão. A tarefa não era fácil pois as casas situavam-se acima das áreas das vinhas e distantes da costa onde se situavam os poços. Neste período construíram-se pequenos portos ou embarcadouros, junto aos locais onde o vinho era produzido. Para lá chegar foi necessário aplanar as rochas para levar o vinho, a essas construções chamaram-lhes “rola-pipas”.

A quase totalidade do vinho produzido era transportada para o Faial em pequenos barcos, até ao fim do verão, aproveitando os mares calmos. Ali ficavam armazenados até à exportação

para o norte da Europa, Índias Ocidentais, América do Norte ou Brasil. Uma das mais importantes casas do Faial na exportação do vinho do Pico, foi “De Sobradello & Co”.

No séc. XIX a casa Dabney foi outro grande exportador do vinho e a que mais contribuiu para que o vinho fosse pago a um preço mais justo para o produtor. Em 1852 um pó branco cobriu totalmente as uvas, desde a floração até à maturação, destruindo-as inteiramente e alastrando a todas as vinhas. A produção caiu para uma centena de pipas. As casas ricas do Faial, cuja fonte de rendimento era o vinho, viram-se obrigadas a vender as vinhas ao desbarato. Passou-se do pequeno latifúndio para o minifúndio. Os trabalhadores perderam os rendimentos ficando sem dinheiro para comprar os cereais do Faial, para a sua alimentação. Assim, se empreendeu nova proeza, a de desmanchar terras, partindo e separando a pedra, fazendo pequenas hortas e serrados, onde se cultivava milho, batata, inhame, etc. Amontoou-se a pedra de forma organizada em enormes “maroiços ou marouços”, autênticos monumentos num rendilhado de paredes.

Diz Susana Goulart Costa da Universidade dos Açores

<http://www.inventario.iacultura.pt/pico/s-roque/historia.html>

*Da década de 1480 até meados do século seguinte, o crescimento populacional terá decorrido num ritmo positivo. Nos finais do século XV, surge nas Lajes o primeiro município e em meados do século XVI, a norte da ilha, S. Roque. Em 1542, os habitantes pedem ao rei D. João III a criação da segunda vila, apresentando-lhe a "opressão que os moradores das freguezias de nossa Senhora d'Ajuda e de São Roque da ilha do Pico da banda do norte recebiam em ser mal providos de justiça por os ditos lugares serem longe da vila das Lages de cuja jurisdição eram e o caminho ser muito mau de montanha e serra aspera e se faziam muitos males e roubos em suas terra por a justiça da dita vila não poder a isso acudir a tempo..."*

*Nos finais do século XVI, a população era de 3432, no final da centúria seguinte eram 8720 com aumento relevante em São Roque.*

*Do século XVI para o XVII, surgem cinco novas freguesias, quatro no novo município: Santa Luzia, Santo António, Santo Amaro e Bandeiras. Em 1871, São Roque possui 6674 pessoas, Lajes 9733 pessoas e a Madalena 9025.*

*Importante foi o contributo de povoadores de origem portuguesa, que provavelmente já estiveram na Madeira ou na Terceira...*

*A primeira zona habitada foi a das Lajes, a sul. A origem metropolitana dos primeiros povoadores foi determinante na organização da sociedade, transplantando-se a organização social reinol: uma pequena nobreza, que se distingue pela posse de terras; uma forte presença do clero secular e regular (franciscanos); e um terceiro grupo, de mercadores, artífices, trabalhadores rurais e artesãos.*

*Há presença de judeus, comprovada nas Lajes nos inícios do século XVI e na Madalena, no século XIX; e de escravos para o trabalho rural e doméstico. Ao longo do tempo foram-se misturando com a população, deixando de constituir um grupo identificável. Desta amálgama se formou o carácter picoense, descrito por António Lourenço da Silveira Macedo, na obra História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta, de 1871: "São os picoenses geralmente dotados d'uma indole pacífica, laboriosos, engenhosos e robustos, sobretudo as mulheres, que muito ajudam os homens nos trabalhos rurais".*

*Na Regeneração, as reformas na contribuição predial geraram levantamentos populares protagonizados por mulheres. Perante estes "barulhos", o poder central enviou uma esquadra do continente para acalmar os levantamentos femininos na Candelária e na Madalena.*

*Na segunda metade do século XIX, o cultivo de laranjas, maçãs, pêssegos e figos (estes últimos na produção de aguardente) tornou-se uma importante alternativa. Tornou-se hábito diário a deslocação de picoenses para o Faial para venda da fruta. A criação de gado foi uma importante atividade, exercida desde a descoberta da ilha. Antes do povoamento, as pastagens foram utilizadas para a criação de gado, exploradas por habitantes do Faial e da Terceira.*

*As características da orla marítima explicam a reduzida faina piscatória, mera atividade de subsistência, mais representativa na Madalena e Santo Amaro.*

*No séc. XIX há uma efetiva exploração marítima, com a caça à baleia e assim se formou a imagem do baleeiro, associada como característica tradicional da Ilha do Pico.*

---

## 22.2. SOBRE O PICO...

A respeito desta recente paixão pelo Pico a Rosário Girão compilara os seguintes textos que enviara numa partilha literária incomum:

*"Sopraram sobre a ilha os ventos da mudança, seguidos de pássaros metálicos que têm pousado para as bandas das Lajes; mas o iate arrimado ao Porto de Pipas prolonga o cirandar periclitante dos barcos do Pico através do Arquipélago. São ousados e de pouca segurança técnica, os iates, e mesmo assim raramente enjeitam carga. Têm mastros e motor, [...]. Navegam num passado recente igual ao meu presente e resistem às leis ditadas por senhores engravatados em gabinetes sem horizontes." (GARCIA, José Martins, O Medo, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Coleção Gaivota 25, 1982, pp. 11-12).*

*“A montanha, pano de fundo de variado colorido, caprichava no moldar das nuvens. No inverno cobria-se de neve até aos baldios. E em raras tardes límpidas de verão, anilava-se de encontro à abobada. Muita gente jurava ter avistado em madrugada serenas uma coluna de fumo a emergir da cratera, embora os mais sábios falassem dum vulcão extinto e remetessem para um passado efetivamente findo os grandes arrotos de lava.”* (GARCIA, José Martins, A Fome. Lisboa, Edições Salamandra, col. “Garajau”, 2ª edição, 1978, p. 12).

*“Pela primeira vez reparei na ameaça instalada no cimo do Pico. A montanha não era essencialmente a beleza, como certas fotografias nos davam a entender. Era, sim, um rosto autoritário, guardando o segredo da próxima erupção. Metia medo sob a luz leitosa das manhãs. Vivíamos, no Pico, de costas voltadas para a montanha. Vista do Faial, cara a cara, a montanha parecia uma permanente ameaça. Talvez por medo inconsciente se falasse tanto dos fins dos tempos. [...] E, contudo, na tarde límpida, o cume anilado do Pico parecia sorrir, bondoso. Deus e o Diabo podiam bem revezar-se no comando dos nossos destinos, consoante as flutuações do segredo da montanha.”* (GARCIA, José Martins, Contrabando original. Lisboa, Edições Salamandra, col. “Garajau”, 1997, 2ª edição, pp. 85-86).

*“Ao dobrarem, já com umas duas horas a navegar, o Castelete, do lado leste da vila, que domina, surge-lhes, para além do casario dos povoados, a majestade assombrosa da Montanha, toda branca de neve que a cobre, sempre a mudar de aspeto enquanto deixando para trás as Lajes com sua fidalguia de pataco, atravessam a longa Baía da Vila, passam, ao largo, pelo porto de S. João queijeiro, adiante pela Terra do Pão, depois pela afamada Baía da Prainha do Galeão, a seguir abicam à lendária Ponta de Santa Catarina, não sei se também chamada Ponta do Espartel, com isto entram em águas de S. Mateus, o grosso da freguesia um tanto arredada mais para o interior, aqui a Montanha, de que se não avista o cume, como que se torna uma inimaginável mole a querer sobre ela se abater e esmagá-la, e logo estão a entrar no porto.*

*O pequeno porto de S. Mateus. [...] Foram. No céu limpo de nuvens havia sol. Na terra calor. Viria só dele, do Sol, ou também refletido pelo colosso da Montanha com o Sol entretanto aquecida?”* (MELO, José Dias de, A montanha cobria-se de negro. Ponta Delgada, Ver Açor, Lda, 2008, pp. 143-144-170).

*“Era um lastro de mistério:  
pedra ardida  
preta e roxa.  
Mas o homem, esse tal  
Fernão Alvres Evangelho  
e os que vieram após,*

*com seu saber de flamengos,  
 'Vai ou racha' - portugueses,  
 e hábeis mãos de italianos,  
 dos tufos fizeram terra  
 e, sem milagre nenhum,  
 semeando e aplantando  
 multiplicaram por mil  
 as sementes e as estacas  
 na casca daquele invento,  
 para as covas e os tonéis. [...]  
 Antes, e continuando  
 sem mais nomes sobre os feitos,  
 direi que feito o milagre  
 (e cá me torna a palavra!)  
 de mudar em terra pedras,  
 o Picaroto (assim mesmo)  
 desceu às praias do mar,  
 que são negrume, calhau,  
 fez-se à água, navegou-a,  
 foi de ilha em ilha, passou  
 para lá dos pegos delas:  
 longes de longes nos olhos  
 e mais nos calos das mãos: [...]  
 ... E não acabo - não posso! -  
 a conta dos contos idos,  
 mais d'agora e que hão de vir,  
 desta gente picarota  
 feita de lava e salmouras,  
 mole na fala, de ferro  
 nos arriscos do trabalho.  
 Não posso, não há palavras! [...]"*

(Cf. SILVEIRA, Pedro da, fui ao mar buscar laranjas 1, "Diário de Bordo", "Costeando o Pico", pp. 167-168-169).

Esta era, aliás, a história que já aprendera em visitas anteriores. Levantei a viatura de aluguer no aeroporto do Pico, depois de ter tomado um café (a "italiana" habitual) de sabor indistinto num bar pachorrento como as vacas picoenses, enquanto me ajustava ao calor e humidade. Metemo-nos a caminho por essas boas estradas que a ilha do Pico tem. Fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada. A maior terá mais



de nove quilómetros... Apesar de ter estado, apenas por duas vezes, na ilha senti que esta era uma velha conhecida e o mapa continuou guardado na pasta dos documentos.

Fomos almoçar ao Clube Naval de São Roque com um bom serviço de “buffet” ao preço de sete euros e café incluído. O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e levou-nos às Lajes do Pico onde se celebrava mais uma “Semana dos Baleeiros” normalmente após a “Semana do Mar” na Horta.

Tive de mudar a anterior opinião sobre as Lajes logo que visitamos o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (instalado na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas). Havia lá uma moderna livraria, a única digna desse nome nas ilhas do triângulo. Nela encontramos inúmeros livros para acrescentar à coleção de autores açorianos. A surpresa foi ver o último livro deste autor “a CHRÓNICAÇORES”, incluído na “literatura açoriana”.

Em amena cavaqueira dizia o Cristóvão que tinha conseguido algo que eu almejava, ver alguém a ler um livro seu. Foi então que a jovem funcionária, Cláudia de sua graça, declarou que tinha adquirido o livro “CHRÓNICAÇORES: uma circum-navegação” e estava a lê-lo em casa. Aproveitei para autografar outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar o primeiro volume da pretensiosa trilogia. Claro está que após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, mais soalheiras e convidativas do que nas visitas anteriores.

Vi ainda a expansão do Museu instalado nas três casas originais de botes do século XIX. Este Museu dos Baleeiros é o único na Europa. Além de expor uma interessante coleção de “scrimshaw” tem uma pequena biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e ainda uma “tenda de ferreiro” onde é possível aprender como eram fabricados diversos utensílios metálicos usados na caça da baleia.

Sentamo-nos numa esplanada na marginal a dessedentarmo-nos enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirmos ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a “Cabana do Pai Tomás”. Satisfiz assim a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores ainda não conhecia o autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde, ora telhada de novo. O desconforto de uma minúscula casa de banho exterior no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

Em linguagem cinematográfica chama-se a isto um “*fast-forward*” em que se rebobina a imagem e se passa adiante. Após 4 dias e cinco noites de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava já em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão ao afirmar o que afirmava sobre a literatura açoriana...

Depois de ler quase todas as obras de Dias de Melo, salvavam-se as baleias, outro livro mais intimista como “À Boquinha da Noite (2001) e pouco mais. Li e detestei “O Menino deixou de ser menino” (1995) e “Pena dela, saudades de mim” (1994) dum neorrealismo primário e básico que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Onésimo fora talvez um desapontamento como escritor, mas como croniqueiro eram notáveis as inúmeras piadas que sempre o caracterizaram, beneficiando da fama e do apoio das instâncias oficiais e da clique local. Nesta se incluem nomes menores da literatura local que se adoram e veneram mutuamente. Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela “O Pastor das Casas Mortas” e obras mais antigas (sobretudo “Ilha grande fechada” (1992) embora os seus livros sejam curtos. Excluía a obra religiosa por razões óbvias, não a podia apreciar. Ressalvava bons textos que surgiram, nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como “Santa Maria Ilha-Mãe”, “S. Miguel, a ilha esculpida” e outro sobre a Terceira.

Entretanto, já lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...

O problema é que sem querer metera-me (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias.

Ora bem, a minha autocrítica ao fim de 4 dias perante o Cristóvão, escritor maldito e malquisto nas hostes açorianas, era a seguinte: embandeirara eu em arco, louvando exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos píncaros Dias de Melo, João de Melo, Onésimo de Almeida, Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar, sem conhecer os restantes e sem separar o trigo do joio.

Gostava do Cristóvão, do Daniel e do Onésimo. De todos era amigo, mas existiam outros autores para desvendar. De dezenas já lidas e folheadas a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava.

Sendo um forasteiro deixara-me iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e de seus costumes ancestrais. Embalara-me no canto das suas sereias. “O Pastor das Casas Mortas” fora já traduzido por mim para inglês, a que, em breve, se seguirá a tradução para castelhano. Dias de Melo até para japonês já fora traduzido. Cristóvão ainda não. Nem outros

escritores e poetas que o mereciam. Um crime de lesa literatura. Iria eu concentrar os esforços dos colóquios para os editar no Brasil e traduzi-los.

Teria de ler os restantes para apreciar a sua universalidade, além da matriz açoriana que a todos permeia. Sabia agora que incorrera juntamente com Zélia Borges, Dina Ferreira e Rosário Girão, numa possível falácia de tomar a nuvem por Juno e louvaminhado em excesso os autores que os colóquios divulgaram.

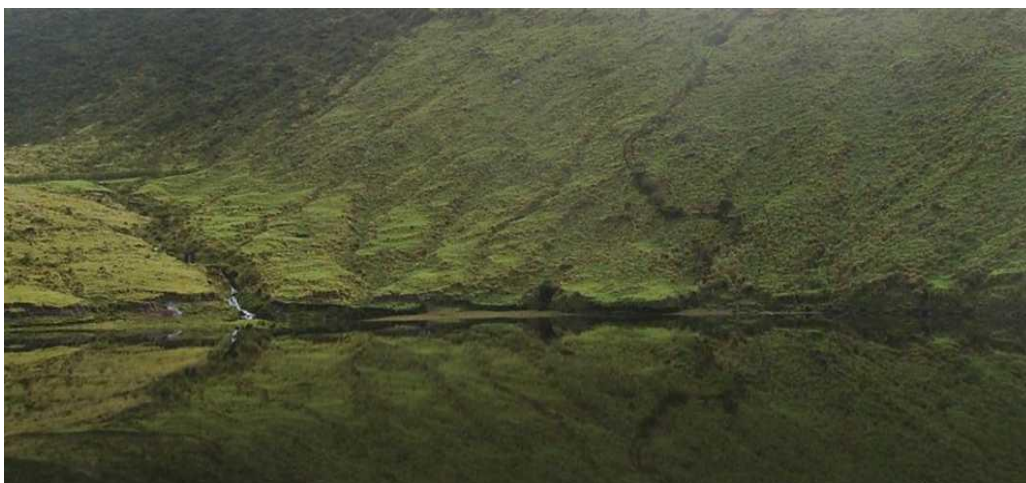
Teriam de ser mais parcós nos encómios sob pena de descredibilizar os colóquios que tão prontamente se ergueram como paladinos da literatura de matriz açoriana. Dias de Melo e Daniel de Sá já têm a editora VerAçor a traduzi-los e divulgá-los em vários quadrantes, falta agora fazer o mesmo para Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra.

Em Bragança no 8º Colóquio iria iniciar uma campanha para o traduzir (Bulgária, no futuro Roménia, Polónia, Eslovénia). No Brasil tentaria quem o quisesse editar. Iria tentar a editora Almedina, no Brasil, para apresentar no 5º Encontro da Lusofonia, edições de “Tabuada do Tempo” e de “Torga Lavrador das Letras” do Cristóvão de Aguiar. A Almedina deveria editar no Brasil estes e outros livros pois não há direitos de editora para a maior parte deles. Se pudesse concentrar esforços talvez conseguisse algo até março - abril 2010.

Regresso à narrativa, de novo, à ilha para contar que além de ter visto as lagoas todas com mais calma, ficara assustado com a eutrofização delas (exceção feita à do Capitão). Na Lagoa seguinte, a do Peixinho além de umas trinta vacas se dessedentarem havia um autotanque de agricultores a retirar a parca água que restava. Como havia seca os agricultores tinham de lá ir abastecer-se. Com umas boas chuvadas tudo voltava ao normal. Não acredito, pois, a eutrofização não se deve resolver com umas chuvadas. Fico triste. As autoridades deveriam preservar as lagoas para turista ver. Andam tão empenhados em aumentar o número de turistas e esquecem-se que nem todos vão escalar a mais alta montanha de Portugal. Infelizmente, dias depois, era anunciado que os lavradores poderiam retirar água da Lagoa do Capitão.



Foi lá que fotografei uma das minhas melhores imagens de 35 anos de fotografia.



ANTES (2007) E DEPOIS (2009)



Faltava apenas ver duas coisas, e uma delas não a consegui encontrar apesar de ter perguntado aos locais: a Furna de Frei Matias. Andei em círculos e em ziguezague por estradas de terra e de asfalto, segui as placas indicativas e as orientações, mas faltou encontrar uma placa azul que seria o “Abre-te Sésamo” para me levar ao local que todos garantem merecer visita obrigatória. Na última manhã abdiquei doutras atividades para fazer mais uma tentativa, mas apenas consumira gasolina e anidrido carbónico sem resultados. Mais aturdido fiquei ao ver totalmente seca a mais bela de todas: a do Paul, mirrada, sem as manifestações espontâneas de árvores endémicas como espigos-de-cedro (*Arceuthobium Azorica*) nas suas margens e onde dantes havia água pastavam agora uns três cavalos.

Podem os leitores seguir viagem através de excertos da bíblia dos que mal sabem ler ou não têm tempo ou disposição para o fazer, a Reader's Digest:

<http://www.selecco.es.pt/Viver/Lazer/detalhe.asp?tipo=detalhe&ID=303>

No Pico, entra-se (normalmente) por duas portas: o cais da Madalena e o aeroporto.

A mais antiga e ainda a melhor entrada é a marítima, utilizando os novos barcos, as “lanchas” ou “cruzeiros” - o do Canal e o das Ilhas -, e fazendo a travessia do canal entre o Faial e o Pico. Desde os mais remotos tempos do povoamento, pelo lugar dos Ilhéus - o Ilhéu em Pé e o Ilhéu Deitado - se partia ou chegava. Hoje continua a navegar-se neste canal, por onde circulam 300 000 passageiros anualmente, quando as duas ilhas apenas somam pouco mais de 30 000 habitantes.

Antigamente, quando havia passageiros para atravessar o canal, faziam sinais na costa com um lençol branco e, do Faial, partia a lancha, pois no Pico não havia condições de manter a embarcação em segurança por falta de porto. Os portos do Pico são uma realidade construída no pós-25 de abril.

De carro, para norte, pode sair da Madalena por dois caminhos: o que passa pelo interior da vila e o outro, junto à costa, acompanhante de uma paisagem ao lado de salgueiros e araucárias (na Formosinha) enormes. Se for pelo caminho do mar, pare no Cachorro; se for pela estrada regional, desça o ramal do aeroporto. Uma autêntica “boca do inferno” onde a lava se precipitou no mar e fez uma obra de arte de arcos e buracos aterradores, sinais inequívocos da origem vulcânica das ilhas.

Junto à costa, com o aeroporto à direita, ao lado de pinheiros que recobriram extensas áreas de lava escorrida, “mistérios”, encontram-se duas pequenas povoações, o Lajido e os Arcos, totalmente recuperadas e reconstruídas, que trazem à memória antigos trabalhos nas vinhas e na apanha dos figos para a aguardente, e que, tal como outra vasta zona, estão incluídas na Paisagem Protegida da Vinha do Pico e em fase de classificação pela UNESCO como património cultural da Humanidade.

Afastando-se do mar em direção a Santa Luzia, pode visitar um projeto de absoluta vida natural, recuperação de casas abandonadas, organização natural do ideal de vida. Leve umas imagens desta fantástica ilha, dos negros das casas de pedra, dos verdes de incensos e faias. Os caminhos do Pico são viagens, trajetórias de íntimo contacto com a Natureza, o verdadeiro monumento da ilha. Ao chegar ao cais do Pico, na vila de S. Roque, é absolutamente obrigatório embrenhar-se pela aventura gigantesca do homem do Pico - a gesta da baleação. A caça à baleia terminou, mas a recordação perdurará na memória destas gentes.

Visite o Museu Industrial da Baleia, no cais onde centenas e centenas de baleias foram transformadas, observe o Convento de S. Pedro de Alcântara, saia da estrada principal e percorra a costa de S. Roque, volte à estrada em S. Miguel Arcanjo, e por entre pinheiros, faias, incensos, acácias e criptomérias, desça pelo mistério da Prainha do Norte (parque florestal). Contemple a paisagem, o silêncio cortado pelo cantar dos garajaus e gaviotas, com S. Jorge ali

em frente, merendar e descansar em tamanho conforto ambiental é privilégio possível. Santo Amaro espera mais à frente. Aqui se construíram os barcos, traineiras, as lanchas da travessia do canal e tantos outros barcos.

Hoje não existe a indústria de construção naval, mas desenvolve-se outra atividade de grande qualidade - a escola de artesanato. No percurso rumo à ponta da ilha, poder-se-á desfrutar no Miradouro da Terra Alta, de uma estonteante vertigem de altitude sobranceira ao mar, sempre com S. Jorge de sentinela esguia e amiga. É altura para demandar a Calheta de Nesquim e, no Alto da Rocha encontrar a “cabana” do grande escritor da aventura das baleias de outrora e da dimensão humana que a envolvia - Dias de Melo.

Em frente, por entre arvoredos e curvas, com o mar do lado esquerdo, encontra-se a mais asseada freguesia do Pico, as Ribeiras, das casas brancas, das traineiras do atum, mas vêm-nos à lembrança as Festas do Espírito Santo. Nas Ribeiras são especiais, mas estão a americanizar-se.

No fim da primavera, chegam as festas mais representativas da ilha. Apressemos-nos para as Lajes, a vila baleeira, e depois da panorâmica vista sobre a vila mais antiga e mais urbana do Pico, com a montanha ao fundo, e na expectativa de ver o famoso Museu dos Baleeiros, almoce e depois dê passeios a pé pelo interior das Lajes e entre no museu. O melhor será voltar noutro dia. As razões e as sugestões são ótimas: fazer mergulho, ir ao “*whale watching*”, pescar ou apenas nadar na Maré.

Talvez até possa jogar golfe. No Museu dos Baleeiros, encontra magníficas coleções de “scrimshaw”, trabalho artesanal sobre dente ou osso de baleia, e variados aspetos da vida do baleeiro, homem do mar e da terra, com destaque para a canoa baleeira, considerada como o “móvel” mais elegante e perfeito do Mundo. Quando chegar à Silveira, volte à direita pela estrada transversal e suba até ao Corre-Água, entre numa reta de 9 km e passe pela lagoa do Capitão. Aqui, suba a encosta e do seu lado direito, observe S. Jorge e algumas povoações da costa norte; do outro lado está a montanha, esperemos que se desnude para si e então faça uma fotografia daquela majestade de lava projetada nas águas da lagoa.

Já em plena zona de pastagem do Pico, a uma altitude que em Invernos rigorosos fica coberta de neve, por pouco tempo, reveja a montanha, mas não se esqueça de que temos uma escalada para fazer.

E mal ultrapassado o desvio para o acesso à montanha, logo o Faial se descobre para além do canal.

Lá em baixo está a Madalena, mas antes de lá chegar pare na Furna do Frei Matias.

O Pico deve ser a ilha das Furnas. São às centenas, identificadas, mas não exploradas turisticamente.

Com companhia e equipamento adequados, quem for amante desta atividade tem na Criação Velha uma das maiores furnas dos Açores, a Gruta das Torres, com centenas de metros de comprimento e, em alguns sítios, cerca de 5 m de altura. Estamos em plena serra, onde se celebrava o Dia do Ajuntamento, num tempo em que a lã das ovelhas pesava na economia familiar. Madalena de novo, percorrida mais de uma centena de quilómetros. Não se está numa ilha.... Aqui é o meio do mar salpicado do verde de uma natureza pujante e mistério.”

No segundo dia da estadia, abusando da paciência do Cristóvão que as conhecia e não queria visitar de novo (ficou no ar condicionado na sala da receção das grutas, à espera), descemos às catacumbas do vulcão do Pico. Conhecida pela altura e beleza do Pico que lhe deu nome e das paisagens que se desfrutam do alto das suas vertentes, a Ilha tem na Gruta das Torres o verdadeiro contraponto das alturas e um atrativo não menos pitoresco. Durante a visita, reparam no projeto arquitetónico do Centro de Apoio aos Visitantes. Graças às suas características inovadoras, foi selecionado para o prémio oficial da União Europeia em parceria com a *Fundação Mies van der Rohe* de Barcelona, "*European Union Prize for Contemporary Architecture Mies van der Rohe Award 2007*".

As Grutas da Torre estavam fechadas aquando da última estadia no natal de 2007. Ainda só 500 metros estão abertos ao público. Em boa hora as visitei. Não vi as trilobites ou descendentes de tamanhos não observáveis a olho nu. Todos os minutos foram de uma descomunal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal que parecia retirada de uma cena do filme “À procura da arca perdida” sendo os visitantes os “salteadores”. O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficamos trinta segundos à luz natural daquele enorme tubo lávico. As cores, as formas e a explicação científica da jovem guia ajudaram a perceber a formação daquele e doutros vulcões. O interior é rico em formações e estalagmites lávicas, bancadas laterais, *lava balls*, paredes estriadas e lavas encordoadas. Estas visitas fazem sentir a pequena dimensão humana face à natureza mãe que tudo cria e destrói.

A Gruta localiza-se à saída da Criação Velha (Madalena) na encosta ocidental da Montanha. O sistema formou-se quando a lava pahoe-hoe desceu do cone parasítico do Cabeço Bravo entre 500 e 1500 anos. São um conjunto interligado de tubos lávicos que transportaram a lava pahoe-hoe e a lava a ã em épocas distintas. Trata-se da maior gruta açoriana (5 439 metros) com uma altura que chega a atingir 15 metros na entrada que se faz por um algar. O Governo

declarou-as monumento regional em março de 2004, um ano antes de abrirem ao público. Ainda não se fizeram todos os reconhecimentos dos restantes quilómetros esperando-se que dentro de dois anos possam abrir mais um segmento.

*Lava pahoe-hoe - é uma lava mais fluida, os seus gases estão menos dissolvidos e flui mais rapidamente, esse tipo de lava formou os lajidos. Na gruta também verifica uma escoada lávica do tipo pahoe-hoe que tem 7 metros de dimensão bastante visível.*

*Lava AA (Biscoito) - este tipo de lava está associado ao final da erupção, é muito viscoso, tem muitos gases dissolvidos com uma temperatura não muito elevada e vem um pouco como cascalho.*

Por instantes foi preciso rastejar tendo em atenção a cabeça e os membros inferiores desnudos para evitar o contacto com os dilacerantes “biscoitos”. O interior é rico em estalactites e estalagmites de lava. A estalactite tubular é um pingo de lava normal que sofre uma fusão de gases ou de vapor de água; depois começa a esticar, até ficar fina e oca por dentro, daí a sua fragilidade. As estalagmites lávicas formam-se a partir das tubulares. O solo natural da gruta é formado por blocos irregulares e soltos que caíram do teto sendo constituídos por lavas de vários tipos. A gruta encontra-se muito bem preservada. As paredes estão revestidas por óxidos de sílica nalgumas zonas. As estalactites vermelhas são uma bagacina vermelha formada por piroclásticos com erupções estrombolianas, onde são dissolvidos bastantes gases e muito ferro.

Na gruta, existem apenas dois tipos de espécies de animais:

*Trecus Picoensis (espécie de escaravelho) - endémicos das grutas, mas é muito difícil vê-los porque vivem sob as pedras.*

*Cicus Azopicaías (espécie de cigarra) - vive nas raízes das plantas.*

O restante tempo, dias, tardes e noites picoenses foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos sobre os Açores. Os autores eram açorianos, descendentes, emigrados e outros. Admiti a “*mea culpa*”. Talvez não existisse “literatura açoriana” *per se* mas sim uma literatura de matriz açoriana. Muito descobrira naqueles dias com essa enciclopédia devoradora de conhecimentos e de livros que é o escritor Cristóvão de Aguiar, convidado especial do 8º Colóquio Anual da Lusofonia em Bragança. Espera-se que ele possa ajudar com tão vastos conhecimentos para que a cadeira de Estudos Açorianos criada pelos Colóquios e a UNISUL de Santa Catarina (Brasil) seja um sucesso. E que o Breve Curso de Estudos Açorianos da Rosário Girão na Universidade do Minho seja outro. Não ficaria bem numa Crónica deste género acrescentar algo mais que não fossem pequenas notas de viagem como a seguir se explicitam.



As gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras como nas restantes ilhas que já visitaram. Um incidente ao almoço num restaurante da Prainha leva a algumas interrogações. Domingo. Salão com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servi-los. Pelo sotaque era descendente de africanos escravos no Brasil. Disse ser de Pernambuco, que se apaixonara por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam. A viagem desta jovem seria um tema interessante para desenvolver.

Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho que tudo sabe caíra no meio do oceano. Sob a lupa via uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por “P”. Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco - Pico - Prainha. Já afirmei antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo. Mas são esses mesmos portugueses que sempre denotaram um invulgar carácter e inventividade. Atualmente, é proibido por força de lei, anunciar nas viaturas particulares que as mesmas estão à venda. Pois bem, na longínqua ilha, afastada dos centros de poder inventaram uma nova modalidade comercial “TROCO POR EUROS”. Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida.

Saí do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara, mas simultaneamente enternecido pela invenção da “troca por euros”. Ao chegar a casa e parando no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ofereceram-me graciosamente o café por ser o último que ali tomava.

Andados uns passos rumo à casa do escritor deparei com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana para voltar a trabalhar. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando.

A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despeço da ilha prometendo voltar um dia, com mais tempo. Voltarei para alugar casa por um mês inteiro e visitar as ilhas ainda desconhecidas pelo navegador sem barco (Graciosa, Flores, Corvo). Há qualquer coisa de mágico, um íman secreto, que atrai e me faz

querer viver naquele vulcão. Talvez seja a vontade de ouvir as histórias dos passageiros da camioneta sem rumo. Terei de consultar um especialista para me tratar desta eterna infidelidade, cada nova ilha se transforma em amor, paixão ardente, desejo irreprimido.

*Pressentia (talvez infundadamente) que os seus “filhos” não o lessem ou não retirassem exemplos como extraíra dos ensinamentos dos seus pais. Tinha saudades da Austrália, Bragança. Como já tivera de Timor. Agora enamorara-se, uma vez mais. JC sempre foi um homem de afetos com facilidade para se enamorar. Já estivera assim em São Jorge e no Pico, e agora, de novo pelo Faial, com a convicção angustiosa de estar preso e amarrado a São Miguel. Dificilmente sairia deste vulcão, verde e bonito é verdade, mas por vezes, mais deserto que o Saara. Sem vozes nem palavras ecoando na verdura, ricocheteando nas vacas alpinistas. Silêncios enormes que partilha apenas consigo e o tornam mais árido, como a sociedade conformista e carneirenta em que vive.*

*A ASAE (inspeção de atividades económicas) continua como controladora da vida privada e pública, na caça às bruxas que ora se chamam fumadores. Há artigos de opinião escritos por fanáticos “aiatolas” a exigirem que o Serviço Nacional de Saúde não pague os tratamentos dos fumadores. Estes mesmos que pagam impostos, descontam para o SNS e veem o Estado arrecadar milhões em taxas sobre o tabaco. Esses que não têm apoios do Estado para deixarem de fumar. Maior hipocrisia não se imagina. Proibam de vez o tabaco como uma droga dura. Deixem de arrecadar milhões. Tratem os fumadores como drogados. Depois, aprisionem-nos na jaula, pois dentro das prisões ainda se pode fumar à vontade.*

Milan Kundera disse “Nada há de mais inútil do que querer provar alguma coisa a um imbecil”:

*Pouco falta para chegarem ao ponto em que estavam em 1989, na Austrália. Era missão impossível alugar uma casa a um fumador. Nos poucos casos em que se conseguia era-se obrigado a fazer uma desinfestação e uma pintura ao largar a casa. Ou então ao australianíssimo e politicamente correto hábito de ter de ir para a varanda fumar um cigarro enquanto na sala os amigos, donos da casa, fumavam uns charros...*

*Se agora em Portugal começarem a usar os estilos de vida para proibir o acesso ao SNS, não tardará a vez dos obesos, diabéticos ou outros. Excluem-se da sociedade. Podem começar já com os que têm DST (doenças sexualmente transmissíveis), toxicodependentes e alcoólicos que não gerem grandes receitas para o fisco, mas são um enorme peso social e económico para o Estado e a família.*

*Depois, incluam os que não fazem ginástica ou não se pavoneiam em traje de jogging (como o excelso primeiro-ministro), alargando-se depois (através de um qualquer estudo encomendado pela Assembleia da República) à homossexualidade.*

*Basta provar a relação causa-efeito com qualquer outra coisa.*

*O Hitler começou com os judeus...poder-se-ia começar com os ciganos (os italianos já o fazem) mas criando uma cláusula de exclusão jogadores de futebol como o Quaresma, que é cigano. Já há antecedentes de exceção: o tabaco permitido nos casinos. Na China executaram 1010 pessoas em 2006, por crimes violentos (assassínio, violação e roubo) e crimes não violentos como a fraude fiscal e o desfalque.*

*Cá era preferível começarem com os políticos que mentem, roubam e acumulam mordomias.*

Independente sempre fora JC desde que se rebelara contra a tirania paternal e contra o Exército Colonial ou SMO (Serviço Militar Obrigatório). Desertara em janeiro de 1974 para a Austrália.

*Não seria por esta lei antitabágica que passaria a ser mais racional e conformista. Concorda com ela em termos gerais. Como tal, os filhos são incentivados a adotarem uma postura intransigente contra o tabaco. Como macaco velho que é, precisa de incentivos fiscais e estatais para deixar de fumar.*

*Deixara de beber há anos. Outros prazeres ou “vícios” têm-se extinguido com a idade.*

*Resta apenas este “vício”. Queria que lhe fosse permitido fumar sem se esconder nem fugir para a rua para desfrutar duma baforada de nicotina. Não quer ser mais pária do que já é pelas suas ideias e atos. Moderado, sempre acreditara que eram possíveis a coexistência pacífica e a coabitação com os não-fumadores. Não bastava já a ASAE proibir os sabores tradicionais? Ainda não proibira o pisar das uvas, que enche a sua memória e ocorre nalguns locais, como atração turística duriense. Na freguesia, apesar de proibido, há quem mate o porco em casa, todos os anos. Sabe por ter sido convidado. Se a ASAE descobre... Perderá o contacto com o povo e com as suas tradições mais sagradas. Depois, só restarão as procissões se a ASAE não fiscalizar as hóstias e a higiene do vinho da missa.*

O narrador estaca para se explicar. Ter humor é possuir a capacidade de perceber a discrepância entre duas realidades: entre os factos (*brutos*) e o sonho, entre as limitações do sistema e o poder da fantasia criadora. No humor ocorre um sentimento de alívio face às limitações da existência e das próprias tragédias. O humor é sinal da transcendência do ser humano que sempre pode estar para além de qualquer situação. O humor é libertador. Por isso sorrir e ter humor sobre o que nos rodeia, sobre a violência com a qual a sociedade e as suas regras limitadoras nos pretendem submeter, é uma forma de nos opormos a ela. Somente aquele que é capaz de relativizar as coisas mais sérias, embora as assuma, pode ter bom humor. O maior inimigo do humor é o fundamentalista e o dogmático. Ninguém viu um terrorista sorrir ou um severo conservador cristão esboçar um sorriso. Geralmente são tão tristes como se

fossem ao seu próprio enterro. Basta ver os seus rostos crispados, as mentes cravejadas de preocupações e dores.

Como afirmava Nietzsche, *“festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas”*. Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano. Façam uma festa, proclama JC despedindo-se com uma baforada tabágica.



#### CAPÍTULO 4 - AUSTRÁLIA, ABORÍGENES, YAWUJI-BARA E OS AVÓS DE BAÍA.<sup>12</sup>

*"Só sei que nada sei."*

*"Não posso ensinar nada a ninguém, só posso fazê-lo pensar."*

*Citações socráticas*

---

<sup>12</sup> Este capítulo está desenvolvido e ilustrado em <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf>



### **23. OS ABORÍGENES: IGNORÂNCIA, ÁLCOOL, DEUS E AS BOAS INTENÇÕES**

*Temos aprendido a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas ainda não aprendemos a sensível arte de viver como irmãos.*

Martin Luther King

*A parte inicial deste estudo foi originalmente publicada em Macau (revistas Nam Van e Macau, 1983-86)<sup>13</sup> mas nem por isso deixa de ser atual. Daremos conta de um fenómeno obnubilado das páginas dos jornais e revistas culturais, talvez por sentimentos de culpa e desideratos de obliteração. Sem entrar em discursividades polémicas, tentar-se-á lançar luz sobre o que se considera um ato consciente e deliberado da comunicação social: a ostracização da cultura aborígene. Focam-se aspetos históricos importantes para o entendimento das problemáticas aborígenes, com acontecimentos célebres na 'História Branca' da Austrália, citando avanços e recuos da política oficial face a um problema que está longe de ser resolvido.*

*A necessidade de estudar estes aspetos deveu-se ao facto de JC ter trabalhado vários anos ao lado de inúmeros colegas aborígenes e pretender entender um pouco melhor as suas atitudes, convicções e hábitos culturais tão distintos dos restantes colegas.*

*Agnes Councillor, uma jovem mãe de 20 e tal anos, regularmente se ausentava do serviço para regressar à Austrália Ocidental e ao Território Norte para estar com a sua tribo alargada. "Walkabout" era como se chamava a esta ausência, devidamente anotada na assiduidade da funcionária com perda de vencimento, mas sem qualquer outra perda de regalias. Isto, porque se destinava a tratar de assuntos pessoais culturalmente relevantes para ela.*

*Ray Longbottom era outro colega que regularmente desaparecia uns dias para tratar de assuntos comunitários que se sobrepunham às suas normais atribuições como funcionário público federal. Um bom compincha e amante de um copo ou dois, Ray dirigia um serviço federal de apoio à habitação comunitária aborígene, destinado a permitir uma integração urbana dos seus conterrâneos na enorme metrópole de Sydney, mais especificamente nos subúrbios de Maroubra e La Perouse.*

---

<sup>13</sup> Este capítulo está desenvolvido e ilustrado em <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRALS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf>

*Elsa, a chefe da secção aborígene, ausentava-se regularmente para assistir a aulas na universidade de Sydney onde fazia uma graduação em Assuntos Aborígenes.*

*Havia mais colegas e todos eles dispunham de um estatuto pessoalmente desenhado para assistir às necessidades aborígenes, que ninguém punha em causa nem invejava. Era uma forma que o governo federal encontrara para ressarcir os nativos australianos daquilo que lhes fora retirado com a colonização branca. De facto, a sua cultura, língua e tradições, estavam a necessitar de cuidados intensivos após mais de 200 anos de colonização branca do continente. A transição entre a vida tribal e a vida ocidental da maioria de aborígenes e seus descendentes (integrados que não assimilados na sociedade urbana) tinha vários problemas em seu redor e todos complexos.*

*Competia aos colegas com quem JC trabalhava, estabelecerem as pontes entre as duas culturas, tantas vezes antagónicas, para que a sua rica herança cultural se não perdesse definitivamente.*

Os primeiros contactos entre os Aborígenes e os Brancos Europeus alteraram de forma dramática a estrutura social e económica aborígene. Foi sistematicamente destruída desde então, pouco sobrevivendo da original. Desde que a 1ª Armada chegou (1788) muitas pessoas se interessaram em observar e estudar as atividades, estilos de vida e línguas, das tribos aborígenes, em especial, nas áreas de Sidney, NSW (Nova Gales do Sul).

*Os arqueólogos creem que os aborígenes chegaram há cerca de 45.000 anos. As terras foram invadidas a partir do sec. XVIII, com consequências catastróficas dado residirem essencialmente ao longo da costa. Hoje mais de metade vive em cidades, nos subúrbios, em péssimas condições. O estudo antropológico permitiu criar uma imagem de como eram e viviam os aborígenes antes da chegada dos brancos. A pesquisa arqueológica deu uma visão da sua vida entre 40 a 80 mil anos. Se bem que tais estudos tenham sido apurados, extensos e diversificados, não influíram de forma notável na redução do fosso existente entre os aborígenes e as restantes etnias do continente. Nos primeiros 40 anos de ocupação branca (até 1825) a maioria dos 5 mil aborígenes da Tasmânia foram dizimados. As mulheres foram usadas para concubinas de colonos, pescadores e restante pessoal envolvido na colonização da setentrional ilha. Foram igualmente utilizadas na pesca de baleias dadas as suas técnicas, desconhecidas para o homem branco. Isto seria o início a uma lucrativa exploração de derivados da pesca da baleia e da foca, que se tornariam na primeira exportação comercial da Austrália.*



Quando o governador Phillip chegou em 1788, com a 1ª Armada, as instruções eram para tratar bem toda a população autóctone e punir qualquer membro da sua esquadra que não o fizesse.

Em 1796, o Governador Hunter ordenou aos colonos que se organizassem em grupos armados contra os aborígenes. Em menos de duas décadas, após a chegada do governador Phillip, os nativos eram já tidos como pestes e um alvo a exterminar. A nível legal, era proibido o assassinato ou homicídio dos nativos, mas raramente se utilizou a letra da lei contra um branco. Em 1838, sete colonos foram acusados e condenados pela morte de uma criança aborígene. *A pena de morte não lhes foi imposta por se considerar 'demasiado pesada' para condenar 'apenas' a morte de um nativo.*

A nível da mão-de-obra a utilização dos aborígenes era desnecessária, devido ao elevado número de degredados transportados para a Austrália, e dado que as vastas obras de expansão para o interior e zonas mais remotas se processavam a um ritmo rápido. Os aborígenes foram sendo, cada vez mais, tidos como um obstáculo ao progresso da colónia. Quanto mais expansão branca se verificava, maior era o atrito entre as duas comunidades.

*Os europeus eram incapazes de entender a ligação dos nativos à terra. Ao chegarem não viram vedações, postes ou outros sinais óbvios de cultura agrícola ou de posse da propriedade, sentindo como sua obrigação de povos civilizados tornarem a terra produtiva. Por outro lado, se a ocupação e cultivo das terras nada significava para os locais, a terra representava não só o meio de subsistência para os seus como a própria habitação. Retirar-lha era um corte profundo, a remoção da sua cultura ancestral. Para os europeus a terra era dada, doada, vendida. Para os aborígenes era propriedade eterna e permanente. A terra possuía as gentes e não o reverso.*

A falta de compreensão e tolerância mútuas esteve na fonte dos conflitos.

O efeito económico da alienação das terras, depressa se fez sentir, pois impedia os aborígenes de caçar, pescar e viver nas zonas suas conhecidas ancestralmente. Muitos eram mortos pelas balas dos colonos, pelas doenças por estes trazidas ou pela farinha envenenada que estes lhes vendiam. Rapidamente foram empurrados para as franjas urbanas e para zonas não afetadas ao expansionismo europeu. Os colonos ao despojarem os aborígenes das suas terras destruíam a estrutura local e a privá-la de se manter e se preservar para gerações futuras.

No aspeto sexual, ocorria miscigenação, entre grupos e tribos. Para resolver conflitos havia guerras tribais e para firmar pactos havia uniões tribais. Este facto, observado pelos europeus, era considerado promíscuo e amoral.

*Passou a ser vulgar a utilização de mulheres aborígenes para prostituição e utilização meramente sexual pelos brancos que detinham uma população feminina minoritária. A proporção entre sexos dos primeiros colonos era de uma mulher por cada 4 degredados criando um desequilíbrio notável, que iria proporcionar mais tarde o título de 'casa de prazeres' a esta novel colónia. Entretanto, uma em cada cinco mulheres da colónia era oficialmente prostituta. Poucas praticavam a monogamia sexual*

Com a destruição dos padrões de vida tradicionais, os nativos deixavam de ter a sua *raison d'être*, o que aliado à facilidade de introdução do álcool nos seus hábitos, rapidamente criou na bebida uma válvula de escape.

*Sob a influência desta droga, à qual eram alérgicos, os mais novos ainda não iniciados nos rituais tradicionais tribais, começaram a tornar-se rebeldes. Encetaram a contestação ao poder dos líderes mais idosos, pela falta de poder de oposição destes aos brancos. As doenças, as péssimas condições de vida, no seio duma sociedade hostil e estranha, nos locais onde os seus antepassados viviam desde há milhares de anos, tudo isto, aliado ao álcool cedo se manifestaram como razões para o declínio da sociedade aborígene. Os jovens nasciam e viviam num clima de dependência económica, alcoolismo e inferioridade social. Simultaneamente, começaram a assumir relevo os jovens mestiços que não eram aceites pelos brancos como prova da sua amoralidade, nem pelos aborígenes, incapazes de se auto-observarem numa fase de mudança e de quebra de tradições.*

Nem todo o dano causado aos aborígenes era, porém, fruto da animosidade, da crueldade deliberada ou da negligência. Atos bem-intencionados, mas mal dirigidos causaram imenso mal.

*Alguns governadores tentaram criar, no seio dos aborígenes, instituições políticas e de autoridade, semelhantes às dos europeus. Um exemplo foi o do governador Lachlan Macquarie, que, em 1815, criou um estatuto de chefes tribais, ou reis, para os líderes das comunidades aborígenes. Simultaneamente, intensificaram-se os esforços de cristianização dos nativos, que, pura e simplesmente se resumiram num falhanço. Os missionários na sua obstinada tentativa de alterar o *modus vivendi* local, insistiam com os aborígenes para seguirem os exemplos da vida civilizada sob a palavra divina, mas incapazes de perceber que os locais não reconheciam nada de válido ou superior que fosse benéfico para eles, caso adotassem, copiassem e adaptassem os estilos de vida europeia. Se, para os missionários, o trabalho e a acumulação de riqueza, propriedade privada, eram a base da sua crença, para os aborígenes o trabalho deveria ser feito para a satisfação das necessidades mediatas, e a propriedade era uma coisa comunitária a partilhar por todos.*

Os missionários, por outro lado, não estavam preparados para entender a ligação do nativo à terra, os seus costumeiros rituais de iniciação, os quais consideravam como rituais pagãos a eliminar. Este facto viria a arrogar-se uma decisão criminosa por parte das autoridades civis e religiosas: ao retirarem as crianças do seio das suas comunidades ancestrais, aborígenes e pagãs, incapazes de redenção. Salvavam-nas ao retirá-las para o ambiente esterilizado das missões cristãs ou para trabalhos domésticos em casa de europeus. Afastadas das tribos, as crianças perdiam o elo com as famílias, costumes, idiomas e leis tradicionais. Simultaneamente aprendiam o idioma dos invasores e colonizadores, destruidores das suas línguas, costumes e leis, adquirindo um novo estatuto social de cidadãos de segunda classe.

*As primeiras cinco décadas de colonização europeia (1788-1838) destruíram, de facto, a sociedade aborígene tradicional no estado de Nova Gales do Sul. Se, para alguns, a extinção foi lenta e aceite com um suspiro de alívio, havia obrigações morais de proporcionar, aos que sobrevivessem, uma vida tão confortável quanto possível, o que misericordiosamente era conseguido com a atribuição anual de cobertores, rações de farinha (quando não era propositadamente envenenada), açúcar, chá e a possibilidade de vida nas áreas adjacentes às cidades e vilas de cariz europeu.*

*Um racismo vicioso e viciado era parte integrante da nova identidade nacional que se ia formando à medida que o avanço pastoral das novas fronteiras se enraizava.*

*Foi já em plena metade do século XIX, que se formou a noção, ainda hoje prevalecente, de 'mateship' em que um 'mate' (ler mei-te) (espécie de camarada, companheiro, amigo, confidente, par em igualdade social, etc.) era uma espécie de código de honra entre pares, sobrepondo-se aos restantes membros da comunidade, considerados como inferiores. O "mate" era um nacionalista, igualitário, democrático, branco, o que queria apenas dizer que se tratava de um indivíduo mais racista do que a média, membro de uma confraria de brancos superiores aos restantes brancos, pela sua interunião.*

A rápida expansão branca na costa leste provocou a redução dos Aborígenes, (estimados em meio milhão em 1788), para uns meros 50 mil, cem anos depois. Um só branco foi enforcado por matar um aborígene, durante esse período, dada a persistente opinião pública de ser despropositado aplicar a pena capital a um branco acusado de matar um nativo.

*De uma forma geral, a destruição cultural local estava praticamente conseguida, em especial nas áreas dos rituais de iniciação.*

*No campo económico e social, o sentido de cooperação e interajuda comunitária e as noções de partilhas de bens mantiveram-se.*

*Os mitos e os locais sagrados, para além dos idiomas tradicionais foram, apesar de tudo, mantidos até aos dias de hoje. Há ainda quem seja capaz de utilizar instrumentos e ferramentas tradicionais.*

*Se bem que se completassem 200 anos com grande fanfarra no bicentenário da Austrália (1988), para alguns aborígenes, estes elos ao passado são, mais do que nunca, a raison d'être da sua identidade e autorrespeito.*

*Por outro lado, assiste-se hoje, a um revivalismo ativista, capaz de poder proporcionar às novas gerações o contacto com a cultura tradicional que se pensava perdida e até extinta.*

Foi no início da década de 80 que turistas ávidos descobriram a arte aborígene e as suas pinturas únicas e esquisitas. Catapultaram esta arte para a frente das manifestações de vanguarda, elevando a somas astronómicas o valor de qualquer quadro ou pintura tradicional, mesmo recente. Foram estes novos 'colonos brancos' (da Norte-América e do Japão) que deram nova vida e fizeram nascer em tribos quase moribundas a arte, há muito esquecida ou relegada, de pintar.

Os nativos rapidamente souberam aproveitar-se destes novos brancos fazendo-os pagar a preço de ouro a sua arte ancestral, sempre menosprezada, ora sobrevalorizada nas galerias que eles mesmos gerem e administram. Assim poderiam todos beneficiar com os lucros os seus irmãos de raça, quer os que viviam na grande cidade quer os que ainda estavam em ambiente tribais, para que possam, eventualmente, recuperar a voz que durante mais de dois séculos se não fez ouvir.

---

#### **24. CERIMÓNIAS TRADICIONAIS. PAPEL DA MULHER. A HERANÇA ABORÍGENE**

Para os colonizadores europeus, os aborígenes pareciam ser ateus ou animistas, dado não existirem nem templos nem manifestações de preces ou invocações divinas. De facto, a religião era uma parte importante de suas vidas, embora, não distinta de outras atividades quotidianas.

*Assumia, normalmente, a forma de propagação de mitos, expressando os feitos espirituais dos ancestrais. Eram manifestados de forma social e económica, baseando-se numa distinção entre o bem e o mal, assumindo enorme peso a sua relação com o meio físico ambiente. A propagação era feita durante as cerimónias de iniciação dos jovens, que se desenrolavam ao longo de vários dias e congregavam vasto número de membros de cada comunidade. A participação nestas cerimónias estava interdita a mulheres, embora a sua presença e de crianças fosse permitida nalguns casos. Os jovens a iniciar tinham de*

*passar por períodos de preparação, isolados no mato, e submeter-se a certas atividades físicas.*

Os locais sagrados de iniciação, nalgumas zonas, assumem importância através da configuração de certas rochas ou montes. Noutras, manifestam-se em motivos inscritos nas árvores.

Para os rituais da morte, várias eram as formas preferidas, desde a instalação de corpos em caves, à sua deposição em árvores ou em canoas lançadas às águas, mas depois de uma primeira fase em que o corpo era preparado temporariamente para ficar desprovido de carne. Noutros casos, encontram-se vestígios de atividades crematórias.

A arte aborígene é ainda hoje bem visível apesar do caráter transitório dos meios de que se serve para expressá-la: árvores (e a sua casca), rochas (pinturas esculpidas) e pintura de corpos para rituais. Nalguns casos utilizava-se o carvão com ocre pigmentado e colorido, para dar vida aos trabalhos. É bem diversa de região para região, embora os meios fossem basicamente os mesmos. Os temas utilizados eram animais (peixes e pássaros) e figuras antropomórficas, motivos figurativos simples de estruturas lineares.

*Os abrigos nas rochas, ou em grutas e palhotas rudimentares de madeira de carvalho (Bark tree), constituíam a base dos habitats, destinados a protegê-los dos elementos, nomeadamente as intensas chuvas que se verificam na região. Os instrumentos eram provenientes de fibras vegetais, peles, pedra e madeira. Para adornos usavam conchas, cana-de-açúcar, dentes de animais e pequenos feijões. Apesar da abundância de água, encontram-se vestígios de pequenos poços artesianos e uma espécie de aquedutos em folhas de palmeira. Para a pesca e caça, eram utilizadas lanças de ponta de osso ou concha. As mulheres pescavam peixes, moluscos e mariscos, com isco ou à linha feita de fibra vegetal ou pelo de animais.*

As canoas de casca de árvore não excediam os 5 metros e nelas havia sempre fogo aceso, que se destinava a cozinhar de dia e a aquecer de noite.

*Quarenta mil anos atrás (60, dizem uns, 80, dizem outros) já existiam aborígenes na Austrália. Como todos os restantes grupos daquela época, viviam dos recursos naturais, fossem eles plantas ou animais. Noutras áreas do globo uma transição desta fase de caça e pesca para atividades agrícolas e hortícolas foi-se estabelecendo, tendo atingido a sua fase de expansão para distintas regiões da terra há uns dez mil anos, caracterizadas pela domesticação de animais e por métodos de cultivo.*

*A teoria, até há pouco vigente, era de que toda esta transferência de hábitos e costumes, tal como ocorrera na América e na Ásia se havia propalado a outras regiões. Hoje acredita-se que esta transição se possa ter passado de forma diferente e de acordo com unidades temporais distintas. Embora não haja vestígios humanos pré-históricos na Austrália, as opiniões diferem quanto à possibilidade de criação de um regime agrícola no continente até ao Plistoceno.*

*O norte do continente (Península de Iorque e Terra de Arnhem) dispunha de terras aráveis férteis, de luxuriosa vegetação (florestas tropicais) e nelas se verificou o contacto com indonésios, pelo menos durante 200 anos, antes da chegada dos primeiros colonos brancos. Se bem que não se encontrem vestígios de produção agrícola, registam-se inúmeros instrumentos e rituais, pertencentes a culturas estranhas à Austrália, tais como arpões de metal, redes de pesca e canoas de árvores escavadas, inexistentes no resto do continente.*

Para, além disto, existem vestígios, alguns datando mais de 15 mil anos, de uma cuidada política de harmonia com a natureza, a criação de barragens artificiais primitivas, a plantação de sementes e a prática de “queimadas” para desbastar os matos e atrair animais comestíveis. Por outras palavras, enquanto no passado, os aborígenes foram denegridos pelos aspetos primários da sua economia, verifica-se que nalgumas áreas desenvolveram técnicas de agricultura enquanto noutras não as prosseguiram por não verem vantagens em tal. Os arqueólogos não dominam totalmente as causas de mutações sociais e económicas, assumindo um progresso na senda da caça e pesca até à industrialização. Para os nativos da Austrália, o tipo de vida seguido era o melhor socioeconomicamente, de acordo com o meio ambiente em que viviam, e não havia necessidade de o mudarem. Para descrevermos o papel da mulher aborígene, nesta sociedade tradicional, teríamos de descrever o quotidiano nómada, com todas as limitações de conhecimentos de que dispomos.

*O campo silente com pequenos fogos ateados, o homem dormindo ao lado da(s) sua(s) mulher(es) com os filhos desta(s), sob o improvisado abrigo. Numa das extremidades do campo os jovens solteiros e na extremidade oposta as solteiras e as viúvas. A luz do dia desponta lentamente. Todos se vão levantando, sentando-se em pequenos grupos, com as pernas cruzadas formando círculos em torno do lume, aguardando o nascer do sol. As raparigas e as mulheres apanham lenha e água. A comida que há é repartida. Os factos relacionados com a longa noite dos sonhos são narrados e partilhados por todos. Depois, discutem-se os planos para o dia. O sol aquece, mulheres e homens dividem-se em dois grupos. As mulheres partem à procura de lagartos de língua azul, peixe ou tartarugas, ensinando às mais jovens como buscar comida. No princípio da tarde regressam para preparar a refeição, repartindo-a com os que não podem angariar o sustento. A tarde é passada a cozinhar, normalmente assados na brasa, havendo refeições que demoram*

*horas pela preparação dos vegetais que acompanhavam, por exemplo, um canguru caçado pelos homens enquanto as mulheres andavam à pesca.*

No campo ficavam os velhos e incapacitados. Se os homens só caçavam animais de grande porte, as mulheres concentravam-se na recolha de todos os vegetais, répteis e outros pequenos animais que compunham a sua dieta habitual. Um campo tribal não excedia normalmente as 50 pessoas, apenas se reunindo mais gente em época de rituais e cerimónias tradicionais. Nestas, as mulheres eram relegadas para uma posição secundária pois só os homens iniciados podiam participar em muitas delas.

Competia ainda às mulheres, mais do que habitualmente, o proporcionarem e angariarem a alimentação. *Tal* como na maior parte das sociedades as jovens não tinham voto na seleção do marido. Antes do nascimento ou nos primeiros anos de vida, uma jovem era prometida em casamento de acordo com as propostas recebidas e aceites pelos pais da jovem. Antes da puberdade a jovem aprendia a colher alimentos para o seu futuro marido, que, em troca, retribuía parte da sua colheita. Depois da puberdade, as jovens eram normalmente enviadas para os acampamentos dos seus maridos. Ali se tornavam na 2ª ou 3ª mulher, sem se proceder a qualquer cerimónia. As jovens apanhavam alimentos e o marido untava-as com óleo vegetal para ajudá-las a crescer e a atingirem a maturidade.

As mulheres, ao tempo de seu primeiro casamento, eram normalmente muito mais jovens do que os maridos, o que se devia ao facto de os mais velhos serem considerados mais capazes de ternura e paciência para com as jovens. Estas, como muitas vezes enviuvavam, acabavam por seleccionar depois um marido mais novo. O casamento na sociedade aborígene era mais uma questão económica do que outra coisa. Um dos crimes mais graves era a fuga de um casal. Todas as mulheres eram mulheres ou prometidas de algum homem.

A maior parte das disputas dentro de um campo relacionava-se com mulheres, o direito a elas e/ou a suspeita de infidelidade. O parto era uma situação privada a que nenhum homem podia assistir. A grávida, acompanhada da mãe e de outra mulher idosa, retirava-se para fora do campo. Ninguém podia tocar no bebé antes de totalmente nascido. O período pós-natal era muito curto, havendo, em média, um intervalo de quatro anos entre cada filho.

*As crianças cresciam junto da mãe até cerca dos 3 anos, a partir de então as crianças mais velhas cuidavam delas. Embora tivessem muita liberdade, eram, desde novas, instruídas nos segredos da vida e seus perigos. A disciplina era imposta através da pressão de grupo, não havendo lugar a punições físicas.*

A mulher era um instrumento para a recolha de alimentos, mas aparte isto assumia uma posição secundária e de subserviência, embora mantivesse secretos, entre outros, aspetos relativos à sua sexualidade e feminilidade, os quais se revestiam de rituais próprios.

Antes da chegada dos europeus, a terra proporcionava tudo o que os aborígenes necessitavam, desde a alimentação até uma explicação sobre a sua existência no mundo, assim satisfazendo as áreas físicas e espirituais das suas vidas. Embora cada tribo possuísse os direitos territoriais sobre as áreas em que habitava, o sentimento de posse de terra era-lhes alheio. Pelo contrário, sentiam que a terra os possuía a eles e aos outros animais e plantas que os rodeavam.

Este fator jamais foi bem interpretado pelos colonos brancos que se assenhorearam da terra sem se preocuparem em prever as consequências para futuras comunidades aborígenes.

*A posição de sentido contrário começou a verificar-se nos anos 80 com o então 1º ministro australiano Bob Hawke a devolver Uluru (Alice Springs), esse ex-libris de rochas multicolores do maior megalito terreno aos descendentes dos seus legítimos donos.*

Este progresso, porém, viria a ser, uma vez, protelado quando em 1998, o governo conservador de John Howard fez aprovar uma nova lei sobre o direito à propriedade das terras pelos aborígenes. A nova lei, que alegadamente vinha clarificar a situação legal vigente sobre as pretensões dos aborígenes aos títulos de posse de terras do estado (50% da área australiana), foi contestada por todos os setores. Os agricultores e mineiros alegavam demasiado poder e terra aos aborígenes. Estes defendem que a nova lei é racista, por privilegiar agricultores e mineiros e viola o seu direito à posse de terra que foi ancestralmente deles. Para grande parte da população a nova lei apenas favorece a prosperidade das indústrias agrícolas e mineiras.

*Com o novo governo trabalhista de Kevin Rudd, no poder desde 2008, verificou-se um pedido formal de desculpas deste a todas as comunidades aborígenes pelos erros e crimes dos últimos 220 anos.*

---

## **25. AS MISSÕES. INICIAÇÕES E RITOS. A LEI MARCIAL DE 1824**

A chegada dos europeus destruiu o *modus vivendi* nativo. Sob a capa do protecionismo, o povo aborígene foi forçado a viver em reservas e em missões religiosas disseminadas pelo território. Assim, o governo tomava posse de territórios que posteriormente outorgava para colonos e agricultores. Os aborígenes eram, depois, transportados para regiões bem distantes



daquelas em que ancestralmente haviam vivido. Todo este processo se repetiu até há poucas décadas atrás (anos 1970).

*Dado que a iniciação era parte integral da religião que fundamentalmente unia os aborígenes à terra, e atendendo a que depois da chegada dos europeus rapidamente se extinguiu, conforme explicitamos atrás, este facto conduziu a uma quase total extinção da cultura tradicional nativa. A última cerimónia de iniciação teve lugar na década de 1930 e dos presentes a essa cerimónia apenas cinco sobreviviam em 1985, para terem, então, a oportunidade de narrar o que se passara.*

Atualmente, com as novas leis de proteção da cultura aborígine tenta-se a preservação dos locais sagrados e o revivalismo dessas cerimónias, do seu significado e importância para a comunidade nativa.

*O dilema de sobrevivência cultural de um povo a quem retiraram os elos com a sua cultura tradicional teve um enorme impacto. Deveriam abandonar o remanescente dos seus hábitos e adotar a cultura e educação dos brancos? Ou deveriam manter acesa a chama do pouco que restava na esperança de um dia a fazerem ressurgir? A resposta foi uma longa deriva que ainda hoje manifesta os seus efeitos, embora, já muitos dos aborígenes se sintam conscientes das origens, identidade e futuro.*

Ao proporcionar à herança cultural aborígine um lugar na sociedade contemporânea e uma visão alternativa do mundo que a não exclua, ao proteger os locais sagrados, ao devolver a titularidade da posse das terras às tribos que as reclamam, e ao proporcionar a interpretação dos seus hábitos e costumes, as organizações federais encarregues de fazerem o levantamento dos locais sagrados, tentam criar um clima conducente a uma melhor compreensão dos aborígenes, o único grupo étnico nativo do continente desta Austrália multicultural.

*Desde que estes programas de pesquisa e levantamento se iniciaram em 1973, vários têm sido os livros, filmes e slides, que lentamente vão repondo a história tradicional dos ocupantes primeiros deste continente-ilha. Por outro lado, várias organizações foram surgindo, financiadas pelo governo federal em Camberra, que visam representar a cultura e o povo aborígenes na sociedade atual desde o mercado de trabalho (onde representam uma fração bem pequena quando comparada com os pouco mais de 1% de representatividade na totalidade da população australiana) a todos os outros quadrantes da vida.*

Importante realçar que o significado dos locais sagrados e outros relevantes para os aborígenes incluem a seguinte conceptualização:

Significado Tradicional	Significado Histórico (Pós Europeu)	Significado Contemporâneo
Locais de Enterro	Missões e Reservas	Pinturas e Gravuras em rocha
Áreas de Ritos e Cerimónias	Locais de Massacres (genocídio)	Locais de enterro
	Áreas de Ritos e Cerimónias	Áreas de Ritos e Cerimónias
		Pedreiras de Ocre
		Agrupamento de Rochas
		Árvores Trabalhadas
		Depósitos de Conchas de Moluscos

Concentremo-nos agora num exemplo trágico que ficou conhecido como o “Massacre dos Wiradjuri (Wiradhuri)” ou “Lei Marcial de 1824”. Os Wiradjuri ocupavam uma larga secção de Nova Gales do Sul: a sua organização social era dividida por quatro grupos de descendência matriarcal. Nunca foram uma tribo guerreira e os primeiros encontros com os brancos foram amistosos.

*As Montanhas Azuis (Blue Mountains), 80 km a noroeste de Sidney, foram exploradas pela primeira vez em novembro de 1813, por um grupo de brancos liderado pelo Cartógrafo Adjunto, General Evans, que encontrara duas mulheres e quatro crianças nativas. No regresso narraram a luxuriante vegetação e excelentes zonas de pastorícia, o que motivaria o interesse do Governador Lachlan Macquarie (1810-1821) que prontamente ordenaria a construção de uma estrada até Bathurst (200 km oeste da atual Sidney). Esta obra foi completada em apenas seis meses com o trabalho árduo de 30 degredados. No seu término foi fundada Bathurst, a qual distava nove dias de viagem por carruagem. No auto da proclamação oficial desta cidade, Macquarie consideraria o povo Wiradjuri como ‘inofensivo e asseado’.*

Dez anos mais tarde, e embora não fosse uma tribo guerreira, estava em guerra. Com a chegada do novo governador-geral a Bathurst em 1822, a feitoria do mesmo nome, que se vinha desenvolvendo lentamente passou a ser aceleradamente colonizada, com a concessão de terras e várias estações de criação de gado, o que imediatamente causou a hostilidade dos Wiradjuri que viam as suas terras tradicionais e colheitas naturais destruídas pelo gado.

*Em setembro de 1823, uma fazenda, 16 km a norte de Bathurst, foi atacada tendo perecido um deportado que nela trabalhava. Para o eminente historiador australiano, Lawson, alguma provocação teria existido para um ataque deste tipo, sendo provável que um ou mais soldados e/ou degredados tivessem abusado de mulheres Wiradjuri. Tradicionalmente, estes aplicavam a pena de morte para crimes de violação e estupro. À medida que a fauna e flora desapareciam, fruto da presença branca, ia-se encurtando o território dos Wiradjuri. Consultando jornais e o Boletim Oficial, lê-se que em 17 de*

*outubro de 1823, o Barão Field, Juiz do Supremo Tribunal da colónia de Nova Gales do Sul, escrevia:*

*"Os nativos de Bathurst há mais de dois meses que se encontram em estado de hostilidade, com ataques a fazendas de gado, o que motivou já o abandono do posto governamental de Swallow Creek".*

Windradin (sábado em Wiradjuri) liderara o ataque a Swallow Creek, sendo capturado e enjaulado, para o que, de acordo com a Gazeta de Sidney (8 janeiro 1824) *"foram necessários seis guardas, tal a sua força, mas como se vissem incapazes de o dominar tiveram de o atingir com um tiro de fuzil."*

*A reação dos colonos foi pronta e consistia no envenenamento com arsénico de iscos de pesca, oferecidos aos Wiradjuri ou deixados em locais estratégicos. Deste modo, inúmeros morreram em extrema agonia. Em maio de 1824, alguns parentes de Windradin foram chacinados ao colher batatas num campo de colonos. Menos de um mês mais tarde, uma estação de gado construída num círculo de danças sagradas foi atacada. Foram mortos os criadores de gado, apreendidas as armas e munições, e as habitações incendiadas.*

*Depois, os Wiradjuri atacaram e incendiaram outra quinta, morrendo sete brancos. Uma expedição punitiva foi enviada a Bathurst, matando três mulheres Wiradjuri. No fim do mês a região estava em pé de guerra, com grupos de nativos armados de setas e fuzis impedindo a normal atividade das fazendas coloniais.*

Na 'Gazeta de Sidney' escrevia-se então:

*"Um largo contingente de nativos, entre 600 a 700 homens, havia proclamado a sua hostilidade para com os colonos, pelo que qualquer verdadeiro amigo dos Aborígenes deverá desejar vê-los punidos por meios mais radicais do que os já até agora utilizados, já que a disciplina suave e compreensiva os não impediu nos seus criminosos atos..."*

Em 14 de agosto de 1824, o governador de Brisbane declarou a Lei Marcial e enviou o seu 40º Regimento para Bathurst. A guerra de exterminação começara. Todos os Wiradjuri eram implacavelmente abatidos. Nalguns locais, os soldados e as milícias dos colonos ofereciam alimentos às crianças e mulheres para depois os abaterem a sangue-frio, quando se aproximavam para os recolher. Em outubro, os 60 principais chefes Wiradjuri renderam-se. A 'Gazeta de Sidney' reportava *"a crueldade dos Wiradjuri parece ter-se abatido"* depois de Windradin com 260 dos seus homens, se ter rendido em Parramatta (a 45 km do centro de Sidney) após uma marcha de mais de 200 km.

*Entretanto, em Londres, o 3º Conde de Bathurst (que não pertencia à família do governador Bathurst, mas em honra de quem a cidade havia sido batizada) fora empossado como Secretário Colonial do Império Britânico, e, agastado com a arbitrária declaração da Lei Marcial e pela falta de senso do massacre de Bathurst exonerava em nome do rei, o governador-geral.*

*Assim, Windradin e o seu povo Wiradjuri através da heroica resistência aos colonos acabariam por impor a deposição do governador-geral, que, diga-se em abono da verdade, não era muito benquisto na colónia.*

Este episódio da guerra contra os nativos foi sucedido por outro.

*Os condenados a quem os colonos haviam armado para combater os aborígenes revoltaram-se e formaram gangues criminosos que, durante anos, se dedicaram a aterrorizar as fazendas brancas. Hoje, os Wiradjuri desapareceram totalmente, existindo descendentes mistos que tentam honrar a memória dos seus antepassados numa clara manifestação de reafirmação da sua identidade e herança cultural.*

Exemplos destes encontram-se em jornais e revistas da época, mas poucos têm sido republicados. Foi a partir dos anos (19)70 que os australianos começaram a saber destes massacres dos aborígenes e a admitir os excessos dos seus antepassados. Claro que, durante décadas, era muito mais fácil a Camberra falar do apartheid sul-africano, do que lembrar estes eventos.

O dia de reconciliação nacional, que muitos esperavam ocorresse nas celebrações do Bicentenário (1988), estava longe de acontecer. Recorde-se que até 1967 aos aborígenes não era reconhecida a existência como seres humanos (não tinham direitos) e muito menos a nacionalidade australiana.

Durante mais de meio século, o Governo australiano retirou milhares de crianças aborígenes de junto dos pais e entregou-as para adoção. O objetivo era salvar as crianças, já que os aborígenes eram considerados uma raça em extinção. Agora, um relatório governamental veio considerar essa prática como um "crime contra a humanidade", acusando os seus autores de "genocídio". De 1918 até ao final dos anos 70, vários milhares de crianças aborígenes, entre um e cinco anos de idade, foram retiradas do seio paterno sob a justificação que a sua raça estava moribunda e a adoção era a "única solução humana". As crianças de tez mais clara eram entregues a famílias brancas, enquanto as mais escuras eram colocadas em orfanatos estatais, muitas vezes decrépitos e sem o mínimo de condições de higiene.

Segundo um recente relatório governamental confidencial, essa prática criou uma "geração roubada" (*The Stolen generation*), afastada das suas raízes, com problemas de identidade e profundamente desadaptada. O relatório vai mesmo mais longe, ao afirmar que o afastamento forçado das crianças está descrito como "genocídio" nas convenções sobre Direitos Humanos de que a Austrália foi um dos primeiros signatários, e é definida pelas Nações Unidas como "crime contra a Humanidade".

De acordo com o Instituto Australiano de Estatística, pelo menos dez por cento dos aborígenes com idade superior a 25 anos foram separados dos pais na infância, embora outras estimativas apontem para números na casa dos 47 por cento, o que significa dezenas de milhares de pessoas.

O Comissário para a Justiça Social do povo aborígene, Mick Dodson, afirmou que muitas das pessoas outrora afastadas das suas famílias são hoje "autênticos destroços de alma arruinada (...) que vivem diariamente com o trauma daquilo que passaram". O mesmo relatório revela que uma em cada seis crianças foi espancada ou sofreram castigos exagerados das suas famílias de acolhimento, enquanto uma em cada cinco terá sofrido abusos sexuais. O relatório termina recomendando ao Governo australiano que compense financeiramente as vítimas e crie um "*dia nacional de arrependimento*" em memória das dezenas de milhares de aborígenes cujas vidas foram irremediavelmente afetadas pela antiga prática governamental.

No entanto, o Governo do primeiro-ministro John Howard (no poder de 1996-2007) não esteve disposto a acatar as recomendações e desacreditou partes do seu próprio relatório como exageradas ou mal fundamentadas.

Este é mais um relato de violações dos direitos humanos da minoria aborígene na Austrália, fenómeno velho de séculos e que bem serviu os novos colonos para se assenhorearem sem pruridos das suas terras e riquezas.

Ultimamente, porém, foram denunciados vários atropelos, como a detenção durante mais de quatro anos de 24 "boat-people" cambojanos, a que se vêm juntar acusações mais antigas, como, por exemplo, a de ser o único país que reconheceu a anexação de Timor por parte da Indonésia.

Em março 2009, as autoridades disseram apoiar a declaração da ONU sobre os direitos dos povos indígenas, que em set. 2007 deparara na Assembleia Geral da ONU com a oposição da Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Estados Unidos. Em agosto de 2009, James Anaya, da Universidade do Arizona, relator especial da ONU para os direitos humanos e as liberdades

fundamentais dos indígenas pediu à Austrália que diminuísse a “desvantagem indígena”, melhorando a situação dos povos aborígenes.

Durante uma visita de 11 dias, declarou-se impressionado com “as manifestações das fortes culturas indígenas” do país, notando que o fosso entre indígenas e não-indígenas é visível na esperança de vida, nos cuidados de saúde, no ensino, no desemprego e no acesso a serviços básicos. De preocupação especial, é o facto de nos Territórios do Norte, os aborígenes não terem autorização de consumir álcool, entre outras proibições e restrições a que estão sujeitos. A medida foi imposta para lutar contra o alcoolismo entre as populações aborígenes.

*Desde que chegou ao Governo, Rudd procurou distanciar-se da forma como neozelandeses, canadianos e norte-americanos, encaram as questões indígenas. O futuro continua sombrio para os descendentes dos nativos deste vasto continente Quando em 2008 o primeiro-ministro Kevin Rudd pediu desculpa aos povos indígenas, por tudo aquilo que passaram ao longo dos séculos de colonização do território australiano por populações de origem europeia, defendeu uma “parceria genuína” entre o Governo e as comunidades autóctones. Mesmo assim, James Anaya entende que é preciso fazer mais. Entretanto Rudd foi substituído na liderança do partido, e novas eleições foram marcadas para agosto 2010.*

---

## 26. AUSTRÁLIA, O CONTINENTE-ILHA PORTUGUÊS

Desde há mais de 30 anos que JC tentava divulgar teorias a todos os que se interessam pela língua, cultura e história portuguesas para que se aprofundassem tais estudos. Apenas escutara o silêncio cúmplice dos que se sentiam culpados pelo facto do Tratado de Tordesilhas ter sido violado. Historiadores e outros especialistas seguiam a via dogmática: a História era o que estava ensinado e nada havia a acrescentar ou a alterar. A sua carreira dependia da manutenção da História tal como foi ensinada (a nós e a eles), pois todos os seus trabalhos sempre olvidaram posições contrárias ou novas teorias que iam despontando. Escudados na sua magnificente desculpa de serem eles os peritos recusam-se a admitir estudar as teorias novas que iam sendo propostas. Há décadas que JC assiste a este lamentável branqueamento de novos factos e teorias.

**Recorde-se que até 1825 a Inglaterra se recusava a reconhecer como suas as possessões da Austrália Ocidental aguardando que Portugal as reclamasse.**

*Resumidamente, pode dizer-se que nas negociações após a 4ª Guerra Holandesa (1787-1788), a Inglaterra temia ofender a Holanda cujo legado era o de Portugal.*

*Querendo, mas não podendo rasgar o Tratado de Tordesilhas nem negar os direitos de Portugal sob o mesmo, a Comissão do Capitão Phillips (1º Governador) era específica: tomar conta da Austrália que pertencia à metade espanhola do Tratado até à linha de Demarcação, sem ultrapassar essa linha para evitar incomodar a Holanda como sucessora dos direitos de Portugal ou possíveis reclamações deste país.*

*Esta Linha de Demarcação foi fixada no meridiano 135º, mas não tinha em conta as decisões do Tratado de Saragoça de 1529, que ajustava as fronteiras demarcadas do Tratado de Tordesilhas. D. João III casara com Catarina de Castela e o imperador Carlos V casara com Isabel, irmã do rei de Portugal. Assim Portugal pagara 350 mil ducados para que a longitude fosse 144º a leste de Greenwich e não 135º. Em 1825, Sir John Barrow, Secretário do Almirantado Britânico, termina com as indecisões e anexa a Austrália Ocidental cessando as pretensões da Holanda e de Portugal.*

*Quem sabe se hoje não teríamos metade deste enorme continente a falar Português? Decerto que muitos dos cerca de um milhão de aborígenes poderiam não ter sido exterminados como foram. Até a Austrália poderia ser hoje mais multirracial do que é.*

*Este era o tema do documentário ficcionado que JC apresentou em 1990 à televisão australiana multicultural (canal SBS), à cadeia nacional australiana (ABC) após o desinteresse da RTP (pela viva voz dos então diretores de programas, João Grego Esteves e José Eduardo Moniz, que posteriormente seria até 2009 o homem forte da TVI) em fazer uma coprodução. As teses - adiante delineadas - deviam constar dos programas curriculares portugueses como constam já de programas australianos.*

A Austrália é um vasto continente, (oito milhões de quilómetros quadrados) de baixo-relevo orográfico, isolado, com terras áridas e 25 760 km de costa. O seu isolamento de outras massas de terra explica, até certo ponto, a sua fauna e flora, enquanto o relevo pouco pronunciado se pode atribuir à erosão pelo vento, chuvas, e calor durante as épocas geológicas em que a massa continental esteve acima do nível médio das águas.

*A geografia da Austrália caracteriza-se por desertos ou zonas semiáridas. 40% da sua massa terrestre está coberta por dunas. A Grande Barreira, o maior recife de coral do mundo, estende-se por mais 2000 quilómetros na costa nordeste.*

*A Austrália é constituída por 6 estados, dois territórios [Norte e ACT - (da Capital)], e três territórios externos - Ilhas Norfolk, Christmas e Coco. O continente está separado por três fusos horários. A costa (sueste e sudoeste) tem um clima temperado e um solo moderadamente fértil. A parte setentrional do país tem floresta tropical húmida, pradaria e desertos. A parte norte tem um clima tropical com floresta tropical, pastagens e desertos.*

*Aparte a Antártica é o território mais plano e árido do mundo. O relevo é formado por um planalto e várias planícies, mas é uma terra de contrastes, de paisagens e de climas. Na costa sudeste e na fértil, porém estreita, planície da costa leste vive a maioria da população. O clima nessas regiões é temperado.*

*A Austrália Ocidental é o maior estado, um terço do continente, mas o menos povoado. Interessantes variações na paisagem incluem Kimberley, no extremo norte, uma área selvagem e inóspita, com uma costa sinuosa e impressionantes desfiladeiros. Pilbara, a noroeste, é uma região de desfiladeiros e rochas ancestrais. Afastada da costa, a maior parte da Austrália Ocidental é uma ampla faixa de deserto, o outback, que junto com a Planície de Nullarbor, os desertos de Gibson, Great Sandy e Great Victoria cobrem grande parte do estado. A zona sudoeste é fértil com densa vegetação. O clima é tropical no norte, e as estações secas e húmidas substituem o inverno e o verão. Port Hedland sente regularmente a força dos ciclones. No interior o clima é semiárido e árido. As temperaturas em Pilbara podem ir a 48 °C. Perth tem um longo verão, com pouca chuva e a temperatura atingindo 40° e mais, em janeiro e fevereiro. Os ventos que sopram do mar, conhecidos como 'Fremantle Doctor' ajudam a refrescar a cidade. O inverno mais fresco e com chuva, temperaturas médias de 18 °C.*

*O mais importante Estado é Nova Gales do Sul, capital Sidney, a maior e mais antiga cidade do país. É o mais populoso e nele se encontram as maiores indústrias do país. O clima é temperado, e a temperatura varia entre 7° e 26°. Outra cidade importante é Newcastle.*

*O estado de Vitória tem a sua capital em Melbourne, a segunda maior cidade do país, 1800 km a sul de Sydney. Existem florestas, grandes lagos e pistas de esqui abertas durante seis meses ao ano. O clima é temperado, com temperaturas que variam entre 6 (inverno) e 40 °C (verão).*

*A Austrália Meridional tem como capital Adelaide. Tem desertos e terras férteis (como o Vale vinhateiro de Barossa). O clima é mediterrânico, entre 8 e 28 °C. Aqui se localizam os rios Flinders e Murray, e três lagos relativamente grandes, o Gardiner, o Torrens e o Eyre.*

*A Queenslândia tem como capital Brisbane, a terceira maior cidade. Localiza-se a nordeste onde se concentram as praias mais populares, como a Gold Coast e Sunshine Coast, banhadas pelo Pacífico. Aqui está o maior recife de corais do mundo. O clima é subtropical, com temperaturas que variam entre 10° (inverno) e 38° (verão).*

*A capital da Tasmânia é Hobart. É uma ilha ao sul do continente, cercada por inúmeras ilhas menores. A região é montanhosa. O clima é temperado (marítimo), com temperaturas entre 4 e 25 °C.*

*Os territórios do continente são: ACT (Australian Capital Territory) e o Território Norte (Northern Territory). A capital de ACT e do país é Camberra. Localiza-se "dentro" do estado de Nova Gales do Sul. À semelhança da capital brasileira "artificial" de Brasília, também*



*Camberra foi planeada. Cidade muito sofisticada construída ao redor de um grande lago artificial. O clima é mediterrânico, com temperaturas entre 3 e 27 °C.*

*O Território Norte tem a capital em Darwin. Ao norte, é constituído por grandes dunas, lagoas e rios sinuosos, penhascos e vales maciços. No centro encontra-se o maior monólito do mundo, Uluru (Ayers Rock). A vegetação é de savanas ou eucaliptos. O clima é tropical na costa, e continental quente no interior, com temperaturas que variam entre 19 no inverno e 35 °C no verão.*

Devido ao seu isolamento, a fauna da Austrália conta com espécies únicas: Coala, Canguru, Ornitorrinco e Diabo da Tasmânia, entre outros.

*Para muitos, a Austrália foi a última fronteira, por ter sido das últimas que foram “descobertas” pela civilização ocidental. Dezenas de milhares de anos antes das viagens de Abel Tasman e James Cook, ao Pacífico Sul, já os aborígenes haviam coberto a distância que separa a Ásia da Austrália, tendo-se disseminado pelo continente e pela Tasmânia. Isto para não falarmos das digressões portuguesas pela área.*

O início daquilo a que chamam a nova era civilizacional, quando ainda existiam cerca de 500 mil aborígenes, data de 1788, à chegada do Capitão *Arthur Phillip* liderando a 1ª Armada da Real Marinha Britânica, (fora comandante supremo do Almirantado Português na defesa da colónia de Sacramento, Uruguai). Não foi Cook quem batizou esta terra.

*A exploração pelo colonizador branco não foi, nem é, fácil neste enorme continente-ilha. Para os primeiros colonos nem a costa oriental lhes permitia grandes aventuras devido à existência da Grande Cordilheira Central (“The Great Divide Range”), entre 30 e 300 km de distância da costa. Embora, inicialmente, pouco houvesse a temer dos aborígenes, a terra em si era hostil.*

*Só na segunda metade do século XX, com o advento e propagação do automóvel, do avião e das comunicações via rádio, se reduziram as condições de isolamento. Apesar disto, é vulgar encontrarem-se famílias afastadas mais de 100 km, umas das outras, ou do aldeamento mais próximo, embora estejam ligadas por estradas e sistemas de rádio ou satélite.*

*Desde sempre se assistiu ao crescimento de dois tipos de povoamento rural - os ‘graziers’ (criadores de gado) e os ‘farmers’ (agricultores de vastas áreas), encarregando-se do cultivo de vastas áreas com 100 mil, ou mais acres, i.e., 40 mil hectares). Por causa das distâncias e da reduzida população, nunca se assistiu ao fenómeno rural da aldeia no sentido típico europeu. Pelo contrário, as cidades servem vastas áreas. Muitas delas têm a rua principal, um hotel com bar e um armazém. Mas há cidades cujo crescimento elevou já a nível de grandes centros urbanos e comerciais.*

*Um dos paradoxos da Austrália é o de mais de 60% da população viver em sete cidades e, dos restantes, 25% viverem em pequenos centros urbanos e 15% em áreas rurais. A densidade populacional é a mais baixa do mundo: 4 habitantes por cada 2,5 km<sup>2</sup>, ou seja 1,6 habitantes por quilómetro quadrado.*

*Sidney e Melbourne detêm metade da população do país (10 milhões) e, embora nenhuma seja a capital federal, podem comparar-se a grandes metrópoles como Paris, Londres ou Nova Iorque, como centros de comércio e indústria.*

*Canberra, a capital, criada em 1913, tem tido um ritmo de crescimento notável com 500 mil habitantes. Tal como outras cidades criadas artificialmente, carece de uma razão de ser, para além de ser o centro político do continente. Reveste-se de um manto de cosmopolitismo, sujeito a um planeamento estrito, mas modelar.*

*A população australiana embora, maioritariamente anglo-celta, apresenta mais de 35% de imigrantes, europeus (20%) e de origem árabe e asiática (16%).*

*Os aborígenes representam apenas 1,3% da população, dos quais apenas 0,3% são de descendência direta e pura dos primeiros habitantes do continente, com a sua vasta maioria miscigenada. Apesar das políticas protecionistas iniciadas após 1970, continuam a ser vítimas do círculo vicioso da pobreza, da ignorância, da doença, e com elevadas taxas de mortalidade infantil: 3,5 vezes superiores à dos brancos...*

*Embora nas últimas décadas houvesse várias medidas políticas destinadas a repor certo sentido de justiça social em relação a este grupo, e o pedido de desculpa pelas atrocidades, certo é que continuam a carecer de direitos generalizados, fruto de 200 anos de predominância branca e de intolerância.*

---

## 27. FLINDERS DEU NOME À AUSTRÁLIA, MAS OS FRANCESES ESTAVAM LÁ

Quem batizou este continente? Decerto não foram os Portugueses pois nos seus mapas aparece ainda a designação de Java a Grande (*Jave, la Grande*), essa *Terra Australis* que negavam veementemente conhecer e ainda hoje (quinhentos anos depois) se recusam a autenticar como descoberta sua. Durante mais de 30 anos, após o histórico dia 26 de janeiro de 1788 que marca o desembarque da 1ª Armada, foi conhecida pelo seu nome em Latim, "*Terra Australis*" com o cognome de *Incógnita*. Era denominada "Nova Holanda" em honra dos navegantes holandeses que durante o séc. XVII arribaram à inóspita e árida costa noroeste e como Nova Gales do Sul, tal como o Capitão *Cook* batizara a metade oriental, e chamada Terra de *Van Diemen*, nome dado à Tasmânia pelo navegador holandês que a descobriu.

*Houve um homem que lhe acabaria por dar um nome único a fim de terminar com a confusão de terminologias, um oficial da armada, navegador, explorador e hidrógrafo com o nome de Matthew Flinders. Ele e o colega George Bass, um cirurgião naval com quem partilhava um amor ao mar e um interesse apaixonado na exploração de lugares distantes, exploraram e mapearam, em conjunto e separadamente, grande parte da costa australiana durante os finais do sec. XVIII e início do XIX.*

Estavam de tal forma embrenhados no amor ao mar, a crer num dos seus biógrafos (*Robert Osbiston*), que deixaram as noivas para partirem em mais uma viagem. *Flinders* não tornaria a ver a mulher durante nove anos, sete dos quais passados numa prisão nas Maurícias. *Bass* nunca mais a viu, pois desapareceu num naufrágio no Pacífico Sul, juntamente com a sua tripulação.

*Flinders nasceu em Lincolnshire, Inglaterra (1774) e não acedeu aos desejos da família para ser cirurgião, tal como o pai, avô e bisavô. Inspirado pela obra Robinson Crusoe já sabia que rumo dar à sua vida.*

*Aos 15 anos (1789) embarcou como aspirante da marinha real, tendo maravilhado os seus superiores a bordo do HMS Scipio com os conhecimentos de geometria e de navegação, dado ser muito novo e evidentemente autodidata.*

*Nos finais de 1790, Flinders juntou-se ao célebre Capitão Bligh (da famigerada Bounty e, mais tarde, Governador de Nova Gales do Sul) na sua segunda viagem ao Pacífico Sul, com o fim de transplantar fruta-pão das Índias Ocidentais.*

*Regressou a Inglaterra em 1793 e no ano seguinte alistou-se no HMS Reliance, então a aprestar-se em Portsmouth, para embarcar como passageiro sob o comando de John Hunter, recentemente nomeado governador da nova colónia.*

*Foi nesse navio que conheceu George Bass. Depois de chegarem, setembro de 1795, fizeram-se ao mar com um miúdo como tripulante do barco Tom Thumb, um barquito com uma quilha de 8 pés (aprox 2,4 metros) e um mastro de 5 pés (1,5 metros), para fazerem descobertas ao longo da costa sul de Port Jackson.*

*Exploraram a baía de Botany e o rio Georges, depois numa segunda viagem no “Reliance” passaram pela ilha Norfolk e a sul na costa pelo Lago Illawarra e Port Hacking.*

Não é só a descoberta portuguesa da Austrália, ou o nome de quem a batizou, que são desconhecidos. Ignorado, também, é o facto de o navegador francês *François Saint-Allouarn* ter ancorado o “*Gros Ventre*” (Barriga Gorda) em *Shark Bay* (Baía dos Tubarões) em 1772, mesmo a meio da costa ocidental australiana (*Gonnevilleland* como os Franceses lhe chamaram), e plantado a bandeira. Depois, emitiu uma “*prise de possession*” (título de posse) para o seu soberano, rei Luís XV, enterrando uma garrafa na ilha *Dirk Hartog*. **A reivindicação era válida**, mas *Saint-Allouarn* morreu no regresso a França. Luís XV estava demasiado

ocupado com a guerra pelas possessões Franco-Canadianas e nem se deu conta da reivindicação.

*Os Franceses planeavam ocupar as ilhas Rottnest e Garden (ao largo de Perth), designadas como Ilhas Napoleão, mas decidiram não manter uma fronteira comum com a Inglaterra. Napoleão também apoiou a expedição científica aos antípodas (1800), liderada por Nicolas Baudin.*

A Austrália Ocidental voltou à posse de Inglaterra (1829), assim como *Les Malouines* (Falkland, Malvinas) 65 anos antes. A *Terra Australis*, ou Nova Holanda, tornou-se mais um acidente da História Anglo-Saxónica do que latina.

*Em 1827 o Capitão Stirling depositou em Garden Island os primeiros colonos antes de, juntamente com a tripulação, se embrenhar no continente em busca de um local aprazível para uma cidade. Hoje, Garden Island é uma base naval, de apoio a submarinos, estando ligada ao continente por um istmo ao qual o acesso público está vedado.*

*A ilha dispõe de vários ancoradouros, marinas, boas praias e tem algumas zonas abertas ao público.*

*Já a ilha Rottnest é um polo intenso de turismo com a antiga prisão convertida em pousada. Dispõe de parques de campismo, e pequenos cafés. Com o seu imponente farol branco Bathurst, Rottnest Island é um dos lugares mais bonitos de Perth. A ilha fica a 20 km do porto de Fremantle.*

*Além de abundante vida marinha, podem ver-se diversos marsupiais, focas, gaivotas e bancos de corais com milhares de peixes coloridos. As pessoas não usam carros, andam a pé, de bicicleta ou de autocarro, embora estes não possam deslocar-se a todos os locais.*

*A ilha tem animais estranhos, que parecem pequenos cangurus, e pulam como eles. Mas trata-se de um tipo de roedor, parecido com o esquilo, porém maior. É o Quokka (*Setonix brachyurus*) que é nativo da ilha. Além destes, também há pavões soltos pela ilha.*

A ligação entre a França e a Austrália (apesar das mais recentes divergências quanto às explosões nucleares em Mururoa) persiste nos nossos dias. Metade das mortes australianas nas Grandes Guerras foi em terras francesas, especialmente no Somme. Em 1918, o Exército Australiano (que não fazia parte do ANZAC) ganhara uma batalha decisiva contra os alemães em *Villers-Bretonneux* em 25 de abril, dia que se tornou Feriado Nacional e ainda é celebrado como o Dia dos ANZAC. Existem peregrinações regulares às campas de mais de 35 mil australianos na Picardia. A cidade de *Mazamet*, perto de Toulouse é “*mais australiana que francesa, e as suas companhias têm mais funcionários em Melbourne ou Geelong do que em Mazamet. As ruas chamam-se Melbourne, Yarra, Victoria, etc.*” segundo declarou *Alain Serieyx*, delegado geral da França para a celebração do Bicentenário (1988).

*A Austrália Ocidental evoca o que o país poderia ter sido com os seus nomes franceses: Esperance, Bonaparte, Bossu, Naturaliste e Vasse. O livro "France Australe" de Leslie Marchant dá o crédito a Binot Paulmier de Gonneville como o primeiro europeu a andar em terras austrais, em 1504. O navio Esperance, sob o comando de D'Entrecasteaux, fez uma viagem em 1791 até à Baía Botany em busca do desaparecido La Perouse.*

*Numa curiosa ironia do destino, La Perouse tinha-se feito à Baía em 26 de janeiro de 1788. O Governador Arthur Phillip acabara de chegar com os degredados e colonos ingleses. Ao vê-lo, mal teve tempo de hastear a bandeira inglesa.*

*La Perouse é um nome importante na história australiana, pois enviou despachos e mapas das expedições do Pacífico, feitas a partir da Baía de Botany (na Sidney atual). O seu desaparecimento foi um mistério por mais de 39 anos. Ainda existe um monumento em sua memória numa área perpetuamente concedida (1825) aos franceses (não era bem o que Napoleão queria, mas era território legitimamente francês em Gonneville-land). Aquele subúrbio é hoje território aborígine, mas manteve o nome de La Perouse, nome de um Museu na Baía de Botany inaugurado no Bicentenário (1988), e partilha um edifício com um controverso Museu Aborígine.*

*Os franceses têm registos históricos dos seus múltiplos contactos com os aborígenes australianos, e os relatórios de François Peron e do artista Charles Leuseur evocam vívidas pinturas dos Tasmanianos que pereceram sob o genocídio "europeu". O Conde de La Perouse, Almirante Jean François de Galaup, e as duas fragatas "La Boussole" e "Astrolabe" ao chegarem ao porto da Baía Botany depararam com os 11 navios da 1ª Armada do Capitão Arthur Phillip. Estabeleceram contacto e viram Phillip partir para Port Jackson e fazer os preparativos para se instalarem em Sidney Cove.*

*Os cientistas e marinheiros franceses descansaram seis semanas na Baía Botany antes de regressarem a França, em 10 de março. Pouco depois, as duas fragatas e os seus 230 homens desapareceram sem rasto.*

*O mistério permaneceu até 1827. Foi então que o navegador irlandês Peter Dillon encontrou a naufragada "La Boussole" a dez metros de profundidade em Vanikoro, nas ilhas Salomão. Anos mais tarde, ali foi descoberto o "Astrolabe" que soçobrou no mesmo ciclone. Alguns relatos compilados, em 1826 e 1827, por Peter Dillon, capitão da marinha mercante, dão conta que a maior parte dos náufragos foi comida por tubarões e alguns sobreviventes foram comidos pelos nativos que temiam que fossem espíritos malignos.*

*Os sobreviventes demoraram 6 a 9 meses a construir um barco de dois mastros, nos quais terão embarcado dois náufragos. Os restos dessa embarcação descrita pelos nativos foram encontrados em 1861, perto de Mackay, no norte da Queenslândia.*

*Os mistérios do naufrágio, dos sobreviventes e da ancoragem de La Perouse na Nova Caledónia levaram a um ressurgimento das buscas a partir de 1960.*

*De 1981 a 1990 efetuaram-se cinco expedições científicas em Vanikoro. A de 1986 foi uma parceria franco-australiana. As pesquisas revelaram vestígios e objetos do naufrágio. Em 1999 foi descoberto o denominado "Campo dos Franceses" provando que parte dos expedicionários sobreviveu aos massacres dos nativos e viveu em terra. Ficou comprovado que o barco de Perouse, "La Boussoule" se afundou na barreira de coral enquanto o "Astrolabe" não se afundou de imediato, permitindo que alguns marinheiros chegassem a terra.*

Hoje, no museu de nove salas, que ostenta o nome de La Perouse, podem observar-se reproduções do primeiro encontro com os aborígenes, do encontro com o capitão Phillip; vendo-se ainda a exploração geral do Pacífico depois da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães.

*Igualmente se pode seguir a história de La Perouse, desde o nascimento em Albi, ao seu envolvimento na Guerra da Independência da América e à libertação dos portos de Hudson Bay das mãos dos ingleses. O Museu tem relíquias que atestam os contactos amigáveis entre Sir Joseph Banks e La Perouse e reproduções diversas da época.*

Quando se publicou o livro de Colin Wallace "A Austrália Perdida de François Peron" (1984), imaginava-se que se iria reacender a controvérsia do século XIX sobre a nomenclatura da costa australiana. Na época, aquela costa ostentava nomes como Terre Napoleon, Golfe Bonaparte, Golfe Josephine. A própria Ilha *Kangaroo* (Canguru) foi batizada por Nicholas Baudin como "Iles Decres" e a Baía *Encounter* (Encontro) foi o ponto de encontro entre François Peron e Matthew Flinders.

*O interesse da França por estas paragens, de acordo com o livro de Colin Wallace, cresceu a partir da expedição no século XVIII de Louis de Bougainville, antes da Revolução Francesa e da Era de Terror que se lhe seguiu.*

*Napoleão nutria um notável fascínio secreto pela Austrália, pois enquanto preparava as guerras no continente montara uma expedição científica aos antípodas.*

*Peron tinha qualidades de liderança notáveis, demonstradas durante a Revolução Francesa e as guerras Prussianas, tendo sido promovido a sargento antes dos 20 anos.*

*Gravemente ferido ficou incapacitado, o que não o impediu de frequentar a escola médica da Sorbonne onde estudou ciências médicas, tendo-se oferecido como cientista.*

*Quando Baudin faleceu nas ilhas Maurícias, foi ele que assumiu o comando da expedição que durava há já quatro anos. Peron, em Paris, conseguiu classificar as coleções de botânica e zoologia, para além de publicar o relato da expedição, mas morreu de tuberculose aos 36 anos. Uma das curiosidades do livro é que Peron aparece como o*

*primeiro ecologista, alertando para o perigo de extinção de plantas e animais que considerava raros e em vias de extinção.*

*Relevante é o facto de Peron ter sido o “pai da antropologia” e o seu estudo dos aborígenes em diversas partes da Austrália, assim o atesta. Dava-se bem e gostava deles. Muito do que hoje se sabe sobre os desaparecidos aborígenes da Tasmânia, a ele se deve.*

*Peron foi o primeiro a comer carne de “wallaby” (pequeno canguru) e acreditava que poderia ser criado como animal doméstico, descrevendo-a como semelhante à dos coelhos da sua terra natal. Peron morreu demasiado cedo (1810) para que a sua valiosa obra científica tivesse a consideração merecida e, em vez de termos hoje alguns nomes franceses na costa australiana, decerto teríamos muitos mais.*

---

## 28. O PRIMEIRO GOVERNADOR DA AUSTRÁLIA LUTOU PELA MARINHA PORTUGUESA

Finalmente, a História começa a repor no seu lugar os factos reais, desimbuídos de conotações patrioteiras. É assim que devemos considerar, um livro vindo a lume em 1984 do historiador australiano McIntyre, sob o título “*The Rebello Transcripts, Governor Phillip’s Portuguese Prelude*”.

*Para os desconhecedores da história da colonização europeia da Austrália, o Capitão Arthur Phillip foi o comandante da Primeira Armada que chegou à Austrália em janeiro 1788, oito anos depois da alegada descoberta do Capitão Cook e após 257 dias de tormentosa viagem, com 11 barcos, 6 de transporte, com 730 degredados (570 condenados e 160 mulheres), 250 marinheiros e outros homens livres, para constituírem a primeira colónia britânica no continente.*

*Os barcos da Primeira Armada arribaram a Botany Bay após meses de tormentosa viagem. Como local para estabelecer uma presença humana permanente, o almirante Phillip escolheu Sidney Cove dentro dum vasto porto natural, algumas milhas a norte de Botany Bay. Três quartos da sua carga de 1030 pessoas desembarcadas eram condenados, sendo os restantes marinheiros e oficiais.*

Durante cinco anos e um inabalável otimismo, tentou Phillip, lutar para criar uma colónia viável com material humano inadequado. A maioria dos condenados pertencia às mais baixas classes sociais e era constituída por pequenos criminosos das novas urbes inglesas. Concedeu-lhes terras para amanharem quando terminassem as sentenças. Nem isto os transformou numa classe diligente de agricultores. Os marinheiros, que inicialmente não receberam terras estavam descontentes por não progredirem, num local tão inóspito e afastado. Apenas 13 colonos livres embarcaram durante a sua governação para criarem a base do que necessitava para uma

colónia viável. A fome era uma ameaça constante. A Primeira Armada levava mantimentos suficientes apenas para dois anos.

*A 2ª Armada apenas chegaria a junho de 1790 e a 3ª em julho de 1791. Até chegar o reabastecimento, todos os bens eram racionados. Fundou-se Parramatta, mais a norte da baía, como centro colonial agrícola. Os condenados eram empregues na lavoura do governo. Faltavam animais de carga e equipamento, o que aliado às condições locais e à dificuldade de criar uma colónia nova tornavam bem difícil tal desiderato. Quando Phillip regressou a Inglaterra em dezembro de 1792, por motivo de doença, o pequeno núcleo urbano de três mil pessoas não produzia todos os géneros de que necessitava para sobreviver. Os marinheiros foram substituídos pelo New South Wales Corps, em 1791, promovendo trocas comerciais mercantis entre a Índia e os EUA. A colónia acabaria por sobreviver com a vinda de mais navios, mas sempre com o futuro incerto devido ao elevado custo para o erário público, em manter uma colónia tão longínqua e cara.*

A visão de Phillip para uma colónia viável de colonos livres demorou tempo a concretizar-se, após anos de privações. Mesmo antes de sair já tinha deixado as linhas mestras de sobrevivência económica. Os vastos poderes do governador induziam, porém, a uma regra autocrática e a conflitos futuros. Após regressar foi promovido a Contra-Almirante (1798), reformou-se (1805) em Bath onde faleceu (31 agosto de 1814) já promovido a Almirante.

*Arthur Phillip nasceu em Fulham em 1738, filho de Jacob Phillip, professor de línguas, de origem alemã, e da inglesa, Elizabeth Breach, em segundas núpcias, viúva dum capitão da Marinha Real Inglesa. Estudou na escola do Hospital de Greenwich tornando-se aprendiz de marinheiro aos treze anos na marinha mercante e como marinheiro na Gronelândia sem qualquer ato digno de menção.*

*Aos quinze, alistou-se na Marinha Real e esteve em ação, durante a Guerra dos Sete Anos de 1756-1763. Era uma guerra pela supremacia nas colónias sul-americanas opondo a Espanha, apoiada pela França, contra Portugal e Inglaterra, e da qual estas últimas saíam vencedoras, com a exceção de Rio Grande, que ficaria espanhol.*

*Tomou parte na Batalha de Minorca em 1762, sendo promovido a Tenente, mas colocado com meio soldo logo que a Guerra terminou em 1763.*

*Foi neste período que casou e se estabeleceu numa pequena quinta em Lyndhurst, Hampshire.*

Ao contrário do que se encontra escrito, na maior parte dos documentos e biografias, a nomeação de Phillip não correspondeu ao clímax de uma brilhante carreira na Real Marinha Britânica, mas sim aos relevantes serviços, prestados à Marinha Portuguesa e, da qual fez parte como mercenário.



*O livro de McIntyre "The Rebello Transcripts" baseia-se num estudo efetuado, em finais do século XIX, pelo General Jacintho Ignácio de Brito Rebello. Este arquivista da Torre do Tombo, a pedido de historiadores australianos, dedicou toda a sua vida a estudar a carreira do Capitão Phillip ao serviço dos portugueses.*

*Embora os dados recolhidos tenham estado à disposição dos historiadores, o desconhecimento da história portuguesa não permitiu o seu aproveitamento.*

*Refira-se, que historiadores consagrados, como George MacKaness ao publicar, em 1937, a Biografia do Almirante Arthur Phillip referem a sua participação na defesa da "colónia", supostamente o Brasil, em vez de Colónia (Colónia del Sacramento), hoje território uruguaio.*

*Se um Tratado devolveu Cuba a Espanha, a que mais tarde foi acrescentada a devolução de Manila, no caso vertente, o Rio Grande ficou na posse espanhola e não foi devolvido aos portugueses, quando estes obtiveram a devolução de Colónia do Sacramento, com o Tratado de Paris de 1763.*

Quando a guerra terminou, a Real Marinha Britânica dispensou os serviços de Phillip, e este recorreu à agricultura para sobreviver durante os dez anos seguintes. Em 1773, os Portugueses estavam a recrutar oficiais de Marinha estrangeiros, quando Phillip, um mero Tenente Naval, obtém uma posição de Capitão na marinha lusa. Três anos mais tarde, estava já a comandar uma fragata portuguesa encarregue da proteção de Colónia (do Sacramento). Era uma praça penal, na América do Sul, permanentemente ameaçada pela Espanha. Os seus habitantes foram obrigados a comer ratos, cães e gatos para sobreviverem ao cerco espanhol.

*O profissionalismo de Phillip granjeou-lhe a admiração das autoridades portuguesas. Em 1777, uma larga Armada espanhola tentava provocar um confronto com as forças portuguesas ao largo da costa sul-americana.*

*À data, estava encarregue da defesa um comodoro irlandês, MacDoual, que depois de consultar Phillip, lhe disse ser de evitar qualquer confronto direto entre as duas nações.*

*Phillip tentando convencer o irlandês a atacar o inimigo, sabia de antemão o provável resultado de um confronto, demonstrando assim a sua impulsividade e o sentimento de dever.*

*Mais tarde, em 1778, de regresso à Inglaterra, por fidelidade ao país que enfrentava a difícil situação da Guerra da Independência (da América), Phillip coloca-se à disposição da Inglaterra. Este exemplo, considerado como um exemplo de patriotismo deve-se considerar mais como uma resposta à recusa dos portugueses de manterem os seus notáveis serviços.*

Depois de colocado na Reserva por 16 meses, o Almirantado deu-lhe o comando dum navio de 64 canhões, a "Europa".

*Nesta data, tinha Phillip, 43 anos de idade. Cinco anos mais tarde (1786) era-lhe confiada a missão de conduzir a Primeira Armada até ao porto de Botany Bay, em Sidney. Uma das razões citadas para esta promoção de Phillip foi a de que mais ninguém estaria interessado na 'honra' de assumir tal posição.*

*Na realidade, a razão por que Phillip foi chamado e recomendado para este lugar, deve-se à sua meritória ação ao serviço da Armada Portuguesa.*

*Tal como Colónia, na América do Sul, debaixo de uma difícil e morosa linha de abastecimentos, também Botany Bay (onde hoje é Sidney) representava uma situação difícil, tal como acontecera à possessão portuguesa. Assim, nasceu a importância do Capitão Phillip para a moderna história da Austrália.*

De descendência germânica e tendo estado ao serviço dos portugueses, Phillip pode ser considerado o primeiro membro “étnico” de uma Austrália multicultural.

### QUADRO I - A LUTA PELA COLÓNIA DE SACRAMENTO

DATA	ACONTECIMENTO	DOMÍNIO NACIONAL
1494	TRATADO DE TORDESILHAS	Espanhol ●
1679	Fundação de Colónia pelo Príncipe Pedro	Português
1680	Destruição de Colónia pelos Espanhóis	Espanhol
1683	Devolução de Colónia após negociações	Português
1705	Captura. Guerra da Sucessão em Espanha	Espanhol
1713	Devolução. Tratado de Utreque (Utrecht)	Português
1750	Renegação do Acordo. Tratado de Madrid	Espanhol ●
1761	Revogação do Acordo. Tratado do Pardo	Português ●
1762	Captura. Guerra dos Sete Anos	Espanhol
1763	Devolução. Tratado de Paris	Português
1777	Destruição pelos espanhóis	Espanhol
1821	Anexação por Portugal	Português
1822	Independência do Brasil	Brasileiro
1828	Fundação do Uruguai	Uruguai

● Denota apenas mudança teórica do domínio legal, já que na prática (fisicamente) nada se alterou.

### QUADRO II - CARREIRA DO CAPITÃO PHILLIP NA MARINHA PORTUGUESA

1774	25 agosto	Solicita autorização para admissão na Marinha Portuguesa
	22 dezembro	Parte de Londres para Lisboa
1775	14 janeiro	Nomeado Capitão da Marinha Portuguesa
	09 fevereiro	Parte de Lisboa ao comando da “Belém”
	? maio	Chega ao Rio de Janeiro
	28 setembro	Ao comando da “Pilar” rumo com destino a Colónia
	22 outubro	A “Pilar” parte do Desterro

	<i>? novembro</i>	<i>Regressa ao Rio, partindo logo a seguir.</i>
1776	<i>27 janeiro</i>	<i>Ao comando da "Pilar" rumo a Colónia</i>
	<i>18 agosto</i>	<i>A "Pilar" intervém na defesa de Colónia</i>
	<i>29 dezembro</i>	<i>Parte de Colónia</i>
1777	<i>20 fevereiro</i>	<i>Fica baseado na Ilha de Santa Catarina</i>
	<i>março</i>	<i>Integrado num Esquadrão Naval no Rio de Janeiro</i>
	<i>01 abril</i>	<i>Parte ao comando da "Pilar" numa missão de defesa a sul</i>
	<i>26 abril</i>	<i>Regressa triunfante com um barco inimigo aprisionado</i>
	<i>29 maio</i>	<i>Nova partida em patrulha às águas do sul</i>
	<i>23 outubro</i>	<i>Nomeado capitão do "Santo Agostinho"</i>
1778	<i>10 maio</i>	<i>Parte do Brasil com destino a Lisboa</i>
	<i>04 agosto</i>	<i>Chegada a Lisboa</i>
	<i>24 agosto</i>	<i>Pagamento e exoneração da Marinha Portuguesa</i>

---

## 29. A DESCOBERTA PORTUGUESA DA AUSTRÁLIA

Embora a maioria dos historiadores sustente que a descoberta europeia da Austrália ocorreu em 1606 com a viagem do navegador neerlandês *Willem Janszoon* a bordo do "Durâmen" existem inúmeras teorias alternativas. A precedência da descoberta foi reclamada pela China, Portugal, França, Espanha e, até, pelos Fenícios. Dessas teorias, uma das mais bem suportadas é a **da descoberta da Austrália pelos portugueses.**

Desconhecida é a história deste país, que nas últimas décadas sofreu várias alterações concetuais. É agora aceite, por uma maioria de historiadores australianos, que os primeiros europeus a navegarem e a traçarem cartograficamente a costa australiana não foram o capitão Cook e seus correligionários. Ao contrário do que tem sido ensinado em 220 anos da nação, teriam sido marinheiros portugueses mais de 250 anos antes daqueles.

*A teoria de os portugueses terem sido os primeiros, não é de agora nem sequer é nova. Com efeito, celebrou-se em 1984 o centésimo aniversário de tal teoria, defendida pelo historiador George Collingridge.*

*Vários outros tentaram, sem sucesso, demonstrar a viabilidade da interpretação, nunca indo para além da especulação. Aquando da publicação do livro *The First Discovery of Austrália*, Collingridge mereceu encómios dos sócios da *Royal Geographical Society*:*

*Em 1908 foi nomeado Cavaleiro da Ordem de Santiago, pelo rei de Portugal, e em 1917 Cavaleiro Comandante da Ordem de Isabel a Católica pelo Rei de Espanha. O livro foi um*

*fracasso financeiramente e a sua impressão “The First Discovery of Austrália and New Guinea (1906)” para o currículo escolar seria retirada de circulação.*

Em 1977, o advogado McIntyre publicou um livro “*A Descoberta Secreta da Austrália*” que veio alterar totalmente este estado de coisas, passando a partir daí, a ser o ónus dos céticos de desmentirem as suas alegações.

*Kenneth Gordon McIntyre, OBE, MA, LL. B (Melb), Comendador da Ordem do Infante, nasceu em Geelong, arredores de Melbourne, Vitória, sendo Leitor de Literatura Inglesa na Universidade de Melbourne, entre 1931 e 1945, tendo-se dedicado, a partir daí, a uma bem-sucedida prática de advocacia, sendo Assessor do Governo em assuntos legais e Presidente da Câmara Municipal de Box Hill.*

Sempre interessado na Língua e Literatura Portuguesas, dedicou a sua reforma ao estudo de antigos documentos portugueses. O primeiro resultado deste labor foi “*A Descoberta Secreta da Austrália*” no qual prova que os primeiros europeus a descobrirem a Austrália haviam sido Portugueses no século XVI e não o Capitão Cook em 1770. Graças ao livro o Presidente Ramalho Eanes concedeu-lhe a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

*Embora McIntyre não seja um historiador na aceção académica do termo, os seus estudos passaram a ser aceites pela maioria dos académicos de todo o mundo. O autor confessou que tal publicação, umas décadas antes, era impensável, nem teria qualquer probabilidade de ser tomada em consideração. Era uma questão de honra para qualquer historiador britânico assumir a descoberta da Austrália como inegavelmente devida a Cook. Essa xenofobia esfumou-se desde os tempos de Collingridge. Para um dedicado estudante de Cook, conselheiro da Real Sociedade Australiana de História, também o problema da religião influiu na refutação das teorias de Collingridge. Como católico era visto como oponente das correntes maioritárias protestantes a que o próprio Cook pertencera. A versão de McIntyre tem consideráveis implicações na história europeia da Austrália, colocando toda a temática da primeira colonização numa perspetiva diversa e numa diferente escala temporal. Significa que os portugueses atingiram Botany Bay e Sidney Heads (pontos costeiros da cidade de Sidney) cerca de 1524, 40 anos antes do nascimento de Shakespeare e sete anos antes das teorias de Martinho Lutero verem a luz do dia. Tal versão dá-nos também uma diferente leitura da viagem de Cook, mais próxima dos tempos atuais do que da inicial viagem dos marinheiros portugueses.*

O interesse de McIntyre por Portugal é fortuito e associado à sua posição de Leitor de Literatura Inglesa na Universidade de Melbourne. Tomando conhecimento da obra de Elizabeth

Barrett Browning “Sonetos Portugueses”, um imenso interesse o despertou para a língua e história portuguesas.

*Assim, em 1966, realiza a sua primeira viagem a Timor Português, que então celebrava o 450º aniversário de colonização lusa. Duas coisas o impressionaram sobretudo nessa visita: primeiro, a distância curta a que Timor se encontra da Austrália (416 km por mar, ½ hora de viagem aérea); segundo, que uma potência marítima como Portugal tivesse uma colónia tão perto do continente australiano, 254 anos antes da chegada de Cook.*

*Seria possível que os experientes marinheiros portugueses, capazes de lidar com todos os segredos das velas e dos barcos, que lhes permitira chegar a Timor em 1516, durante séculos nunca tivessem chegado à vasta massa continental da Austrália?*

*A história da exploração necessitava de ser reexaminada. Assim, sem querer, estava a aproximar-se da tese de Collingridge de 1880. Tal como o seu antepassado, McIntyre descobriu que um antigo mapa provava não apenas que os portugueses tinham atingido a Austrália, mas que haviam traçado 2/3 da sua costa. A sua interpretação do referido mapa provaria ser, no entanto, irrefutável, ao contrário dos esforços do seu compatriota.*

O mapa em questão, denominado o “mapa Delfim” (por ter sido elaborado para o delfim do trono francês), data de 1536. É o mais antigo mapa da antiga escola de Dieppe que era o maior centro cartográfico da época.

*É um mapa do mundo, tal como era conhecido na época, que incluía as ilhas do arquipélago indonésio e uma vasta massa continental, que se estendia a sul da Indonésia e a que se chamava Java a Grande (Jave la Grande). Este era o nome dado por Marco Polo, designando uma vasta área de terra que se sabia existir na região. Java, a Grande, tal como aparece no mapa em questão, tem uma vaga semelhança com a forma da Austrália atual e encontra-se cerca de 1500 km a oeste da real posição do continente. O mapa mostra uma distorção da verdadeira imagem do continente, devida ao facto de os portugueses da época não saberem calcular, com exatidão, a curvatura do globo e os desvios provocados pelo campo magnético terrestre.*

McIntyre não foi o primeiro a descobrir este facto, mas os outros o haviam feito sem credibilidade, enquanto ele resolvera estudar com precisão o método cartográfico português, utilizado há mais de 450 anos, servindo-se de um tratado da autoria do célebre matemático judaico português Pedro Nunes.

*Assim, habilitado com os erros da técnica utilizada, à data, pelos portugueses, foi capaz de estabelecer os desvios existentes e eliminá-los. Para isto, servira-se de*

*elaborados cálculos matemáticos capazes de desafiar qualquer outra possível explicação. Os resultados eram surpreendentes.*

*Depois de corrigidos os desvios dos cálculos dos cartógrafos portugueses, o mapa Delfim aparecia com uma imagem, deveras detalhada, e perfeita da costa australiana, a norte, leste e oeste. Até a larga península triangular na extremidade sudeste se encaixa perfeitamente na versão reconstruída do mapa. Isto devia-se ao efeito de preparar mapas bidimensionais, através de cortes ou segmentos do globo terrestre, posicionados ao lado uns dos outros para se obter o efeito final, deste modo, exagerando o Cabo Howe e as suas dimensões.*

*A versão de McIntyre para os mapas de Dieppe, baseada nos originais ali arquivados, pareceu-lhe prova suficiente de que os portugueses haviam, de facto, traçado larga parte da costa australiana, antes de 1536, data do mapa Delfim.*

A partir daqui, começou a tentar descobrir quem teria sido o marinheiro português capaz de tal feito. Neste campo hipotético, aparece como responsável único, Cristóvão de Mendonça, capitão da Marinha Portuguesa.

*Este partira de Malaca, em 1521, com três naus em busca das ilhas do Ouro supostamente localizadas a sul das Índias Orientais. Seguiu-se-lhe outra armada liderada por Gomes de Sequeira em 1525. O mapa Delfim comprova que Mendonça passou pelo Estreito de Torres, virando a sul na zona do Cabo Iorque e percorreu parte da costa oriental.*

*Dentre os locais possíveis de identificar naquele mapa aparecem o Cabo Melville, a Grande Barreira de Coral, o porto de Cooktown, a ilha Fraser e a baía de Botany.*

*Depois de dobrar o Cabo Howe, e dirigindo-se para ocidente, Mendonça terá acompanhado a costa do estado de Vitória, até ao Cabo Ottway e à Baía de Phillip, quedando-se em Warmambool, a partir de onde não prosseguiria mais além.*

*Existe uma intrigante coincidência, pois é neste ponto onde Mendonça decidiu regressar, que mais tarde haveria de ser avistado, sem nunca aparecerem vestígios arqueológicos, o célebre e misterioso "Mahogany Ship" (Nau de Mogno), do qual existem 27 relatos diferentes, de 1836 a 1880. Depois, parece ter desaparecido de vez, perdido nas dunas. De acordo com as descrições existentes tratava-se de um barco extremamente antigo com um estilo de construção semelhante ao das caravelas portuguesas da época quinhentista. A tratar-se de uma das naus de Mendonça, poderia estar explicada a razão pela qual não prosseguiu na sua exploração da costa em 1524. Mais recentemente, uma tentativa de encontrar os vestígios nas dunas foi abandonada sem sucesso. Em 1992, o Governo estadual de Vitória ofereceu uma recompensa de AUD\$ 250,000, mas sem resultado.*

Novas e infrutíferas buscas foram efetuadas em 1999 e 2004, perfurando o solo e as dunas até dez metros de profundidade.

*A lista dos historiadores que, finalmente, se decidiram a aceitar a teoria de que os portugueses descobriram a Austrália, antes de outros europeus, vem a aumentar desde que, em 1977, McIntyre publicou o seu livro.*

*O célebre historiador Prof. Geoffrey Blainey admite-o no seu livro "A Land Half Won". M. Perry, leitor de geografia, da Universidade de Melbourne, no seu livro "A Descoberta da Austrália" e o Prof. Russel Ward, na sua obra "Austrália Since the Coming of Man (1982) admitem-no, aceitando a tese da "descoberta da Austrália pelos portugueses, antes de 1536, como uma possibilidade, uma probabilidade, uma verdade conclusiva". Na prática, o Capitão James Cook continua a ser tema da descoberta da Austrália em muitos livros escolares.*

*Não há dúvida de que uma teoria tão radical como a de McIntyre vai demorar mais de uma geração a impor-se à burocracia educacional. Curiosamente, foi o estado de Vitória, de onde é natural e onde trabalhou sempre McIntyre, o primeiro a incorporar a teoria nos livros de história oficiais. Quando os portugueses aqui estiveram (Austrália) na primeira metade do século XVI, os aborígenes viviam contentes. Nalgumas regiões do país haviam-se habituado a mercadejar com estrangeiros. Há provas evidentes disso com os pescadores e mercadores de Macassar, na altura uma possessão portuguesa, na qual se falava um crioulo derivado do Português.*

*O próprio Cook regista na passagem por Savu a 19 de setembro de 1770, ter-se servido de Manuel Pereira, português embarcado na "Endeavour" no Rio de Janeiro para se entender com os locais. A presença de aborígenes brancos está assinalada, assim como a presença de mestiços aborígenes com traços timorenses ou malaios, nas costas ocidental e norte da Austrália.*

Para a presença dos portugueses, como a História de Kenneth McIntyre parece provar, curioso será recordar a "descoberta" em 1967 de uma construção em Bittaganbee, perto de Éden, na costa sul de Nova Gales do Sul. As ruínas existentes (1985) atestam a presença de uma casa de pedra, com uma plataforma de 30 por 30 metros, rodeada por largos pedaços de rocha irregularmente cortados, que em tempos serviram de paredes a tal construção, com existência de alicerces. A construção, sem teto, é feita de pedra local, e pedaços de conchas marinhas servindo de estuque. McIntyre interroga-se "*Seria isto o quartel-general de inverno de Mendonça?*"

*Dentre as possibilidades de analisar essa construção, uma é a do enorme esforço e trabalho que a mesma terá envolvido para transportar, trabalhar e erigir a mesma, em especial dado o tamanho de algumas daquelas pedras. Esse tipo de construção só pode ter sido efetuado por uma tripulação completa de um navio da época, não podendo ser obra de um pequeno grupo de degredados ingleses ou pessoas isoladas. O primitivismo da construção, semelhante a uma fortificação, é único na Austrália, e decerto antecede em séculos a formação da vila que só foi fundada em 1842 com materiais e fundos londrinos.*

*Mas, curiosamente se aquela construção aqui está fora de lugar, esta construção é semelhante a outra descoberta nas Novas Hébridas, também em 1967: a célebre “Nova Jerusalém” criada em 1606 por Pedro Fernandes Queirós. Este português, juntamente com Luís Vaz de Torres, ao comando de naus espanholas navegara por estas paragens austrais. Outro facto perturbador é o de existir uma data inscrita numa das pedras que pode ser lida como 15(?)4, embora o terceiro dígito não pareça um 2, o que a localizaria na época.*

*Cristóvão de Mendonça teve uma presença marcante nestas costas australianas e neozelandesas que importa desvendar. Uma caravela perdeu-se nas dunas de Warmambool, a segunda, provavelmente na costa neozelandesa, e decerto a terceira conseguiu regressar a Malaca, Goa e Lisboa, pois Faria e Sousa regista que Mendonça efetuou mais tarde nova viagem a Goa, antes de ser nomeado Governador de Ormuz, uma das mais importantes praças da época, quiçá por serviços prestados na descoberta da Austrália.*

Em 1817, quando o governo britânico se mostrou interessado na Nova Zelândia, que em breve seria sua colónia, o almirantado em Londres estudou mapas ingleses da época comparando-os com a versão de La Rochette (1807).

*Neles existe uma anotação dessa data (1817) afirmando que embora a Nova Zelândia tenha sido descoberta por Abel Tasman em 1642, a sua costa era conhecida dos portugueses desde 1550. Este documento existe nos Reais Arquivos Públicos de Londres.*

*No Museu de Wellington (Nova Zelândia) existe um sino de bronze (descoberto pelo Bispo William Colenso (1836) que estava na posse dos Maoris (aborígenes locais) os quais declararam tê-lo há muitas gerações.*

*No sino existe uma inscrição em Tâmil, o idioma da Goa de então, capital oriental do Império Português. Idênticos sinos foram descobertos em Java datados do início do século XVI.*

*Todos os barcos portugueses da época transportavam consigo goeses e indianos, os “Lascaria” como ajudantes da tripulação.*

*Relativamente a isto, surgiram na década de 1990 artigos na imprensa australiana, sobre a presumível descoberta da Nova Zelândia pelos portugueses, face à descoberta de restos de naus quinhentistas e utensílios tipicamente portugueses.*



Naquela época (1983-1992), o Consulado Geral de Portugal em Sidney recebeu pedidos de colaboração para o estudo em causa, por parte de historiadores neozelandeses. Quase trinta anos mais tarde sabemos que nada se concretizou. Terão de ser sempre os estrangeiros a dizerem-nos o que descobrimos, como e quando? Haverá, em Portugal, alguém interessado em ajudar a desvendar este e outros factos gloriosos da epopeia lusa?

*O interesse existe no continente australiano para se estabelecer a verdade histórica dos factos: será que os homens de hoje têm a vontade e capacidade de reporem Portugal no lugar a que tem direito, como país pequeno que deu novos mundos ao mundo, tal como se aprendia nas cábulas de ensino oficial anteriores ao "25 de abril"? Ou será que na pressa de escrever a história presente se olvidarão os grandes homens do passado, a quem se deve hoje esta cultura miscigenada que nos distingue? A resposta, a quem competir responder. Chegamos aqui primeiro e JC repetiu um trajeto de antanho, projetando uma imagem do país que fomos e que gostaríamos de voltar a ser.*

*Quando nos aproximamos dos 500 anos passados, quem chegou primeiro a estas plagas? Depois dos aborígenes, tudo parece confirmar que foram os portugueses os primeiros europeus. Quando, como, e em que condições?*

O jornalista Peter Trickett, em 2007 publicou a obra "Beyond Capricorn". Nela, afirma que foi cometido um erro na junção de mapas pelos cartógrafos que trabalharam no Atlas de Nicholas Vallard em 1547, e que, se parte dele for rotacionada em 90º (ver a cópia de 1856), ele se torna um mapa coincidente da costa australiana e da ilha norte da Nova Zelândia. Ele também sugere que algumas das ilustrações e embelezamentos em "Jave La Grande" podem estar relacionadas com a Austrália. Alguns meios de comunicação durante a divulgação da obra à época de seu lançamento sugeriram, incorretamente, que o Atlas de Vallard não era muito conhecido.

Para quando a verdade sobre os descobrimentos, agora que a celebração dos seus 500 anos passou à história?

*Dês que passar a via mais que meia  
Que ao Antártico Polo vai da Linha,  
Duma estatura quase giganteia  
Homens verá, da terra ali vizinha;  
E mais avante o Estreito que se arreia  
Co'o nome dele agora, o qual caminha  
Para outro mar e terra que fica onde,  
Com suas frias asas, o Austro a esconde.*

In Luís Vaz de Camões. Canto X, 141, Lusíadas 1572

---

*Temos aprendido a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas ainda não aprendemos a sensível arte de viver como irmãos.*

*Martin Luther King*

---

### 30. OS AVÓS DE BARRA E OS AVÓS DE BAÍA de CARL GEORG CHRISTOPH FREIHERR VON BRANDENSTEIN

Os Avós de Barra e os Avós de Baía (em crioulo Yawujibarra e Yawuji Baía) eram tribos aborígenes quiçá descendentes de Portugueses, e linguisticamente a eles identificados. Trata-se de dois grupos de inter-relacionamento matrimonial numa tribo afro-australiana, falando Português e Crioulo de 1520 a 1580. A costa do noroeste australiano, de há muito ignorada, pode ter sido a base da colonização portuguesa do continente, de acordo com as teorias do filólogo e historiador Dr. Carl Georg von Brandenstein.

O acesso a esta obra só foi formalmente conseguido em junho 1992, e apesar de ter sido de JC a tradução do filólogo, a relação entre o autor e o filólogo, nem sempre foi pacífica, embora o tradutor acabasse por ser o responsável pela divulgação mundial da obra.

Note-se que Brandenstein discordou sempre e não quis autorizar JC a juntar as suas teorias às de McIntyre num documentário histórico para o canal de televisão australiano SBS. Respondeu-lhe JC que também a sua fidelidade linguística e cultural a Portugal o levavam a divulgar as suas teorias.... Voltemos a estas.

*Descendente de Carlos Magno, de príncipes, condes e barões, da Casa Real da Bavária, filho dum ministro de Estado do Reuss (1918-20) nascido em 10 de outubro de 1909 em Hannover, Carl Georg Christoph Freiherr von Brandenstein iniciou os seus estudos e gravações das línguas aborígenes australianas em 1960 na região de Pilbara. Fez os estudos secundários em Gera e em Weimar.*

*Depois, estudou na Universidade de Berlim (1928-34) onde se especializou em Estudos Orientais e em História de religiões. Posteriormente, em Leipzig (1938-39), fez o doutoramento (1940), sobre o estudo da Iconografia dos Deuses Hititas (Brandenstein 1943). Trabalhou no Museu (the Staatlichen Museen zu Berlin) de 1934 a 1938 e continuou a publicar trabalhos naquela área.*

*Quando a grande Guerra deflagrou, foi incorporado no exército. Como cabo prestou serviço na França e na frente russa, antes de ser enviado para a Pérsia em 1941 como agente do Grupo de contrainteligência "Canaris".*

*Em 1941 foi capturado pelos britânicos e a mulher, Ellen, regressou para a Alemanha de Leste com a jovem filha Bettina. Passaram-se anos sem se verem e o divórcio foi decretado em 1954. Carl fora internado num campo de prisioneiros de Guerra na Austrália do Sul (Loveday Camp perto de Barmera, Murray River, na Riverina) e, transferido em 1945 para Tatura, (perto de Shepperton) no estado de Vitória. Interessado em prosseguir a sua pesquisa e torná-la mais popular, Carl usou o seu trabalho para explorar a complexidade da cultura aborígine através da representação das suas tradições orais e da poesia. O seu livro Taruru (Brandenstein & Thomas 1974) foi coautorado com um jornalista (Anthony Thomas) que escreveu as notas introdutórias. Brandenstein entrou na cena linguística australiana na década de 1960, com registos das línguas da Austrália Ocidental, na região de Pilbara.*

*Durante mais de trinta anos registou informações sobre os Ngadjumaya do sudeste da Austrália Ocidental e dos Noongar no sudoeste.*

*Em 1973, viu negado o seu pedido de fundos para continuar os estudos e no ano seguinte mudou-se para Camberra, tendo na época 65 anos.*

*Esteve como orador na Conferência Bial da AIAS cujo tema eram as categorias gramaticais das línguas aborígenes (Dixon 1976), e, entre 1975 e 1981 viveu na Europa, em Stubai, Áustria, onde a mulher, a ex-assistente Carola tinha casa.*

*Deu aulas na Universidade de Innsbruck. Viveu ainda na Alemanha em Burg Brandenstein e no castelo de seus primos, o Girsberg, que anteriormente fora residência do Conde Brandenstein-Zeppelin (famoso pelo seu dirigível).*

*Regressaram à Austrália em 1982 e com fundos da Universidade de Basileia e outros, compraram uma carrinha VW Kombi para viajarem com todos os bens pela Austrália Ocidental.*

*Carola adoeceu no fim da década de 1980 e necessitou de toda a atenção do marido até à sua morte em 1991.*

*Carl ficou senil e foi internado num asilo de idosos em Albany no ano de 1997 onde morreu em 8 de janeiro de 2005 aos 96 anos.*

No século XVI, a acreditar nas suas teorias, os portugueses ter-se-iam estabelecido na região dos montes Kimberley trazendo escravos africanos, cujos descendentes mantiveram até 1930 um dialeto mescla de aborígine e de português crioulo. A importação de escravos teve início em 1444 pelo Infante D. Henrique e cresceu rapidamente a partir daí, mas nada encontrei, escrito ou conhecido, que prove que escravos africanos tenham ido para Timor durante os primeiros cem anos de ocupação portuguesa.

Segundo o linguista e historiador von Brandenstein (excêntrico personagem, já octogenário em 1990, de trato difícil e desconfiado) existem mais de 80 nomes de lugares portugueses, para além de 260 palavras de origem portuguesa. Esta revelação, que datava já da década de 60

mereceu em 1992, a atenção dos principais meios de comunicação social australianos, que postulavam sobre a necessidade de re-escrever a história do país e datá-la em termos quinhentistas.

*As descobertas, em 1967 e 1989, de material linguístico Português na zona das tribos Kariyarra (Karriera) e Ngarluma, na região de Pilbara, foram alargadas pela descoberta de uma vasta colónia portuguesa na região dos montes Kimberley. Esta abarcava uma área leste-oeste do arquipélago Buccaneer ao vale de Fitzroy e até à travessia de Fitzroy.*

*Crê-se que a Terra de Dampier (Dampierland), a Angra do Rei (King Sound) e a sua costa leste, desde aproximadamente Derby até à foz do rio Fitzroy, em Yeeda, foram exploradas e parcialmente colonizadas.*

*O mesmo se diria da estrada de Broome até Yeeda, com uma vasta base de exploração “Jaula-enga” e uma aldeia ou povoação “Recém-Vila”, no rio Logue ambas rodeadas de florestas de baobás...*

*A colónia durou sessenta anos, entre 1520 e 1580, podendo ter sobrevivido mais tempo com proprietários portugueses, de direito próprio à posse daquela estação. A preocupação principal aqui é relativa ao impacto da ocupação durante sessenta anos em relação à população aborígene.*

*De acordo com os estudos existentes, esta descoberta não só lança novas pistas sobre a situação linguística na região, mas revela igualmente aspetos inesperados e híbridos numa tribo aborígene, que tem sido descrita com diferentes nomes, tais como: Jaudjibara, Jawdjibara, Yawidjibaya, que se supõe ter habitado as ilhas Montgomery.*

*Descrever ou dar provas de hibridismo, observado por diversas vezes na região do arquipélago Buccaneer, não é solução para todos os problemas daí advenientes, dado que tal só poderia ser feito com o auxílio da antropologia, da física ou genética.*

*Embora aquela tribo tenha deixado de existir em 1987, pode não ser demasiado tarde para que os peritos com conhecimentos relevantes possam estudar o assunto, falando com descendentes da tribo, estudando fotografias e relatórios, tais como os efetuados pelo professor J. Birdsell em meados da década de 50. Tal esforço concertado poderia atingir o veredito há muito necessário para explicar a natureza híbrida daquela tribo.*

No que concerne à parte linguística descobriram-se, sob detalhado estudo de nomes e de outras referências, a existência de dois grupos tribais miscigenados através de laços matrimoniais: os Yawuji Bara (em crioulo português) ou *Avós de Barra* (em Português) e os Yawuji Baia (em crioulo português) ou *Avós de Baía*. O primeiro significa Antepassados da Barra, ficando esta na região envolvente das ilhas Montgomery. O segundo significa Antepassados de Baía, que bem pode ser a baía de *Collier*, um anglicismo de *Colher*, significando *(re)colher velas para aportar*.

Adiante se descrevem os atores envolvidos na ocupação clandestina dos montes Kimberley:

*Um número indeterminado de pessoal náutico da Armada Portuguesa,  
Um número indeterminado de civis, dentre eles membros do clero, cientistas, artesãos e potenciais residentes ilegais,  
Mais de um milhar de negros africanos, calculados pelo número de cabanas de pedra para albergar trabalhadores e escravos, ainda existente na ilha High Cliff (Altas Escarpas). Eles eram provavelmente utilizados pelos portugueses como escravos das galés, para trabalhos forçados a processar peixe e dugongo fumado e a cortar pedra duma mina de pedras semipreciosas de Calcedónia e duma mina à superfície de minério de ferro na ilha Koolan.*

Segundo anota Pedro A. d’Azevedo (1869-1928), em pequeno estudo de muito valor intitulado “*Os Escravos*”, havia desde meados do século XIV postos de venda de cativos na Rua Nova de Lisboa, onde se comerciavam peças trazidas inclusive de Sevilha, que funcionava como entreposto em Castela. Segundo um documento encontrado pelo pesquisador no Convento de Chelas,

*“Uma das freiras desta casa lá comprara por 150 libras em 1368 a um mercador sevilhano uma jovem moura de pele branca chamada Moreima. Ao lado desse comércio entregue a particulares existia o tráfico de certa forma oficial, uma vez que os corsários necessitavam de autorização real para desempenho da atividade, e essa só era concedida contra a opção de compra, pelos reis, dos cativos apresados (ou filhados, como então se dizia)”.*

*Em livros da Chancelaria de D. Manuel encontrados pelo historiador português Pedro A. D’Azevedo que constam no seu estudo “Os Escravos” publicado em 1903, no Arquivo Histórico Português, o vocábulo preto, para denominar negro africano, surge em documentos escritos por alturas do início do século XVI, não como substantivo, mas - o que diz muito - como adjetivo qualificativo simples: homem preto, escravo preto, mulher preta, escrava preta. Uma declaração do próprio rei D. Manuel I, datada de 22 de Maio de 1501, faz forro, ou seja, livre, um velho escravo recebido por herança de seu pai D. João, que falecera em 1495, aos 77 anos de idade, e na qual dispõe:*

*«” Dom Manuell..*

*A quantos esta Nossa carta virem fazemos saber que avendo nos Respeito ao muito tempo que há que francisco lourenço homem preto da terra de benym nosso escravo serve. E como ficou del Rey, meu senhor, que Deus haja E queremdo lhe fazer a graça e merçee Temos por bem E o forramos ora e avemos por forro e livre pra vsar e fazer de*

*sy todo o que lhe aprover daquy em diamte e pera em todollos dias de sua vida sem lhe per nos nem por nosso mandado ser feito...» evidencia-se, sem intuito depreciativo, essa diferenciação "homem preto".*

*Uma notícia comprovadora desse tipo de atividade seria fornecida pelo documento em que o rei D. Diniz, ao contratar os serviços do almirante genovês Manuel Pesagno (Manuel Pessanha, 1317), o autorizava a usar os seus barcos em sortidas de corso, mas reservando-se o direito de adquirir quantos "mouros aprisionados desejasse, ao preço de 100 libras por cabeça" escreve Tinhorão (Os Negros em Portugal - Uma presença silenciosa, ed. Caminho, Lisboa 1988).*

*"Além do comércio normal de compra e venda de escravos destinados à exploração do trabalho, o intercâmbio de cativos entre a Península Ibérica e o norte de África costumava ser praticado também por razões políticas. É que, como os chamados mouros da costa transformavam em escravos todos os náufragos que arribavam às suas praias (e náufragos devido a lutas entre navios de bandeiras rivais ou por inclemência do mar eram frequentes) e, além disso, os corsários cristãos e muçulmanos se revezavam na redução ao cativo dos contrários vencidos, tornou-se praxe o sistema de resgates para obter a libertação de prisioneiros importantes pela sua condição económica ou social. Tal sistema de trocas contava com os serviços de um tipo especial de emissário para as negociações, o alfaqueque." (Tinhorão, pp. 44,45)*

As bulas *Dum Diversus* e *Divino Amore Communiti*, de 18 de junho de 1452, autorizavam o "direito de filhar pagão e reduzi-lo à escravidão", e haviam sido concedidas pelo Papa Nicolau V em concordância com os argumentos dos portugueses que alegavam despesas com as navegações, o que vinha a dar aos documentos o caráter de apoio da Igreja à implantação do moderno capitalismo, na medida em que, com eles, assegurava a exploração tranquila da mão-de-obra escrava em esquemas de produção agrícola para exportação.

Com o Papa Calisto III a própria Igreja Católica acabou por se tornar parceira do pecaminoso empreendimento de saque, ao reservar para a Ordem de Cristo, pela bula *Inter Coetera*, de 13 de março de 1456, o direito de padroado sobre as regiões conquistadas ou a serem conquistadas pelos portugueses. Inicialmente, o propósito que parecia animar o Infante, ao recorrer ao sequestro de infiéis ou pagãos, era obter "línguas", isto é, intérpretes capazes de fornecerem informações sobre as terras a conquistar ou a demandar...

*"Portugal, aliás, ia revelar-se não apenas o primeiro país a explorar a força de trabalho escravo, dentro de um projeto de economia mista - resultado da coincidência de interesses*

*do Estado, da nobreza fundiária e administrativa e da burguesia comercial -, mas a empregar o serviço de cativos no seu próprio território praticamente em todas as funções já desempenhadas historicamente por escravos desde a Antiguidade.*

*De facto, e principalmente após o predomínio da importação de negros africanos a partir da segunda metade do século XV, os escravos foram usados pelos portugueses como fornecedores de força de trabalho em empresas agroindustriais (fabrico de açúcar nas ilhas atlânticas); trabalhadores em obras públicas (desbravamento de matas, aterro de pântanos e construção de prédios); em serviços de bordo em navios; trabalhos portuários de carga e descarga; remadores de galés e barcos de transporte; vendedores de água (negras do pote) e de peixe; vendedores ambulantes de carvão; serviços públicos municipais (remoção dos detritos domiciliários pelas chamadas negras de canastras); artesãos (mesteirais); como negros de ganho nas ruas (ao serviço de particulares); trabalhadores em lagares de azeite (onde chegavam a mestres); e, ainda, «na cultura do campo e no serviço ordinário», tal como informaria em 1655 o padre Manuel Severim de Faria nas suas Notícias de Portugal, admirado com o número de escravos empregados na «cultura da terra» e nos serviços domésticos (atividade em que realmente predominavam e serviam em maior número nas cidades, principalmente em Lisboa).» (Tinhorão, pp. 82,83)*

A importação de escravos e as primeiras expedições portuguesas à costa noroeste africana datam oficialmente de 1434. A partir de 1450, a maior parte dos escravos veio das regiões ribeirinhas do centro e sul da costa africana ocidental, agora Guiné-Bissau. Por volta de 1500, Angola, o Cabo da Boa Esperança e Moçambique haviam sido anexados e Madagáscar descoberto, e havia escravos retirados desta parte de África. Rapidamente, a maior parte das nações coloniais se apercebeu de que os escravos africanos eram os melhores. Os Portugueses tentaram utilizar escravos malaios em Java, naquilo que se provou ser um grave erro, jamais repetido. Os malaios tinham uma reputação de serem bastante autoritários e mandões e até mesmo de gerirem os negócios dos seus donos. Os índios americanos (*ameríndios*), quer do Norte, quer do Sul, tinham uma reputação de serem inúteis e perigosos. Não havia ninguém melhor do que os Negros da África Ocidental para trabalhar nas plantações de cana do açúcar no Brasil.

*De 1497 a 1527 navegaram para a Índia 320 naus levando cada uma, em média, 250 homens, o que equivalia, no referido período, a uma saída de 80 mil homens do mercado de trabalho português. Desses, apenas 10% regressariam a Portugal.*

*Contudo, a agricultura continuava a crescer, graças ao trabalho escravo dos negros da África. Decorridos 200 anos de utilização incessante dessa mão-de-obra, de meados do século XV até à segunda metade do século XVII, fixou-se e estabilizou-se o trabalho escravo em certas áreas do mundo agrícola lusitano, declinando, porém, no século XVIII, em virtude da gradual redução havida no ritmo da substituição desse tipo específico de trabalho,*

*segundo cálculos feitos por Costa Lobo. Mas, mesmo em declínio, não cessou de existir «alimentado pela circunstância cruel de o filho de escravos herdar a condição dos pais, e, assim, quando em 1761 o Alvará de 19 de setembro, providenciado pelo marquês de Pombal, determina o fim da entrada de escravos em Portugal, apenas nas províncias transtaganas ainda trabalham nos campos nada menos de 4000 a 5000 escravos.»*

Repare-se na passagem de António de Sousa Silva Costa Lobo (1840-1913) "História da sociedade em Portugal no século XVI, Lisboa: Cooperativa Editora, 1979, 807 p.; 21 cm. - (Clássicos da historiografia portuguesa. Estudos) - Edição Fac-Simile da edição de Lisboa, pela Imprensa Nacional em 1903"):

*«O próprio texto do Alvará de Libertação, aliás, servia para demonstrar que, se foram razões de ordem económica as responsáveis pela expansão do trabalho escravo na agricultura portuguesa, ia ser também um motivo económico o que determinaria a sua extinção, 300 anos depois: com a exploração do ouro brasileiro das Minas Gerais a exigir cada vez maior número de escravos, o desvio desse tipo de mão-de-obra para território português constituía um desfalque na conquista da riqueza mais rápida, pela via colonial. E era exatamente isso o que deixava claro o texto do Alvará quando lembrava que, por aquela segunda metade do século XVIII, além de não mais contribuir de forma decisiva para a economia agrícola no continente, o trabalho escravo só servia, em Portugal, para agravar os problemas das cidades.»*

*Destacamos: a exploração do trabalho escravo na agricultura portuguesa continuaria a verificar-se em algumas regiões ainda por muitos anos, embora de forma dissimulada, numa persistente e desrespeitosa rebeldia em relação à resolução pombalina sancionada pelo rei Dom José I.*

*Conforme cita Edmundo Correia Lopes (in "A Escravatura - Subsídios para a Sua História 1944. pp. 208)", referindo-se à Provisão de 16 de junho de 1773, o poder real era obrigado a reiterar o Alvará de 12 anos antes, porque muitos proprietários de escravos, não desejando perder o capital aplicado na compra das suas máquinas de produzir trabalho, continuavam a explorá-las clandestinamente. E de facto, a Provisão de 1773, invocando ainda uma vez mais o Alvará de 1761, dizia haver informação de que «em todo o reino no Algarve e em algumas províncias de Portugal existem ainda pessoas [...] que guardam em suas casas escravas, humas mais brancas qelles com nomes de Pretas e Negras, ou Mestiças, e outras verdadeiramente negras para pela reprehensível prática perpetuarem os Captiveiros.»*

Em poucas décadas, mais de quatro milhões de escravos africanos foram vendidos e enviados para as Américas. Tudo aponta para que os escravos portugueses na Austrália fossem originários da África. Existe outra pista que apoia esta versão: a existência de árvores baobá



nos montes Kimberley, uma espécie de Madagáscar, a *boab*, do tipo *adansonia gregorii* já considerada endémica. A maioria destes escravos africanos terá ficado quando os portugueses abandonaram Kimberley, cerca de 1580, na esperança de poderem regressar um dia. É altamente provável que, antes e depois do período de ocupação, se tenham miscigenado com os aborígenes das ilhas da baía Collier, e a norte desta.

*Durante 470 anos, as duas metades, miscigenadas através do casamento, desenvolveram-se num grupo étnico híbrido, transportando consigo os nomes de origem portuguesa, como Avós de Barra e Avós de Baía, os quais sobreviveram até aos nossos dias. Os escravos na Austrália falavam a língua portuguesa.*

*Os portugueses começaram as suas expedições em busca de escravos, cerca de noventa anos antes de se estabelecerem na Austrália. Por volta de 1520, os seus escravos falavam português há duas ou três gerações. Até 1520, os subsequentes Yawuji Baía não existiram, mas os seus antepassados eram aborígenes puros, talvez relacionados por sangue e língua aos Worrora, vivendo lado a lado na baía de Collier e suas ilhas adjacentes, nunca a mais de vinte quilómetros da costa, que era o limite máximo das suas embarcações.*

*Quando a armada invasora portuguesa aportou à costa dos Kimberley, ao largo da ilha Champagny, de acordo com planos prévios e bem organizados, acostou primeiro na ilha das Altas Escarpas (High Cliff) no grupo das ilhas Montgomery, a seguir na ponta sul da Baía, a que então deram o nome de Baía Colher (“Baía de recolher velas para aportar”).*

*Os portugueses amigaram-se com os aborígenes locais e para ganhar a confiança destes para fins tão distintos como a pesca, a guarda costeira e expedições, forneceram-lhes canoas feitas de madeira, até então deles desconhecidas. Os portugueses chamavam a estas canoas “nau mendí” ou “barcos de mendigo (beggar ship)”. Este termo permaneceu em toda a região costeira dos Kimberley como namandi (Crioulo) ou namindi. A maior mobilidade e velocidade deste tipo de embarcação e o seu mais amplo limite de ação permitiu aos aborígenes adquirirem com este meio de navegação acesso a ilhas mais afastadas.*

*Eles também se miscigenaram com a mão-de-obra africana inicialmente estacionada na ilha MacLeay (em português “Galés irá”, em crioulo “Galij irra”, ou seja, o local para onde os escravos irão). Os seus locais de trabalho eram em High Cliff (Altas Escarpas) e a ilha Koolan. Outra tribo aborígene a ter tido contacto com os portugueses terá sido a dos Nyikina, que vivia a sul da Angra do Rei (King Sound) e na baía de Fitzroy, até à zona de Passagem ou Travessia de Fitzroy. Para além da existência de membros destas tribos com uma*

*aparência física diferente da raça miscigenada, parece existir pouca evidência física deste contacto.*

*Contudo, há alguns termos importados e um deles é extremamente importante, pois dá-nos a saber como a árvore baobá, originária de África, chegou aos Kimberley: o termo em Nyikina largari (baobá) dificilmente pode ser dissociado do seu étimo português [árvore] larga. Da mesma forma conspícua é a presença do termo langurr (marsupial roedor, de cauda anelar ou Ringtail Possum), conhecido pela facilidade com que é capturado, apático e lento, quando se compara tal termo com o étimo português langor, definido como lento ou preguiçoso. Espero que mais termos adotados por empréstimo venham a ser descobertos. Um grupo de tribos aborígenes da Angra do Rei (King Sound) e a oeste da mesma, cujos nomes se perderam desde o impacto da invasão portuguesa, adotaram o nome global de Jauí, Jawí ou Chowie, todos eles sendo uma deturpação do étimo chave, nome bem apropriado para o novo quartel-general nas ilhas Sunday.*

*Provavelmente, os aborígenes ali residentes foram forçados a abandonar as ilhas durante o período de ocupação, tendo regressado depois da partida da Armada. É igualmente possível que os membros do clero tentassem disseminar a fé entre os infieis. Pelo menos sobreviveu a implantação de inferno, enfaticamente substituída por um padre pela exclamação Dor quê!, como seu sinónimo. Este étimo é ainda utilizado pelos Jauí e noutros idiomas da região da Angra do Rei (King Sound) e no dialeto Ngarinyin como dorge, significando inferno.*

*A vasta topologia e toponímia deixada pelos portugueses na região Kimberley provam para além de qualquer dúvida, a existência de uma vasta colónia portuguesa. Para afirmá-lo, as muitas instâncias em que a análise linguística dos étimos é consistente com a realidade geográfica e a possibilidade histórica. Até ao momento, apuraram-se 101 étimos de Português ou Crioulo Português.*

*Adicionaram-se igualmente palavras isoladas, na sua maioria importadas para dialetos locais, dentre um vocabulário português que se cifra, à data, em 260 palavras. A densidade populacional portuguesa na área de colonização europeia teria de ser reduzida e isso prova de forma evidente, que a presença portuguesa terá sido maior do que qualquer descoberta arqueológica - sem proporcionar nomes - poderia provar. Contudo, em ambos os casos, auxiliam a identificar o enigmático caso das cabanas de pedra em High Clifff (Ilha das Altas Escarpas).*

Foi apenas depois da descoberta toponímica portuguesa do professor Brandenstein que houve a possibilidade de fazer pesquisas arqueológicas onde estas jamais haviam sido feitas.

Refiro-me à área de Derby a Yeeda e Willare, dado que o leito do rio Fitzroy de há 470 anos é agora o rio Yeeda.

*Não surpreenderá assim saber que o termo português *Ida* equivale ao termo crioulo *Yida* (significando porto de embarque ou destino, cais) e que a feitoria *Jaula-enga*, ou estação rural de Yeeda, teria sido um ponto de transbordo durante a época dos portugueses, onde as naus poderiam carregar ou descarregar no mesmo cais - consoante as marés - em simultâneo com as barças fluviais. Estas transportavam produtos agrícolas, rio abaixo e rio acima, até *Bruten Hill* na ribeira *Christmas*, para a estação de *Cherrabun* e até *Noonkanbah*, na parte mais meridional que se podia atingir no rio Fitzroy. A evidência para este tráfego fluvial é proporcionada, uma vez mais, pelos nomes acabados de mencionar. No português, brotem [podem flutuar (o barco numa curva depois da colina)], é a terceira pessoa plural do conjuntivo de brotar. *Cherrabun* é o equivalente português de *Cheira a bom*.*

*Noonkanbah era uma estação pastoril cujo passado se desconhece, mas que em 1880 era gerida pelos (irmãos) portugueses Emanuel, de acordo com E. Kolig [1987: 19]: “Surpreendentemente as histórias aborígenes falam numa fase anterior de paz e de harmonia racial.*

*A origem desta tradição oral é algo misteriosa, carecendo ao que parece de substanciação histórica.” Será mesmo assim? A palavra Noonkanbah soa bem ao português Nunca pá, como grito de alívio ou desalento. Será que alguém se fartou de remar rio acima e rio abaixo? Ou todos os remos de uma barça se foram numa manobra errada?*

*Escusado será acrescentar que a estação de Noonkanbah se localiza no rio Fitzroy, e a 12 quilómetros para leste fica a estação pastoril de Kalyeeda. Sete quilómetros a noroeste e sete a nordeste daquela o rio Fitzroy forma duas largas curvas, em cuja margem existe uma pista de gado onde este tem acesso à água. Este tipo de pista para o gado beber corresponde totalmente ao significado português de Calheta, cuja ortografia atual é Kalyeeda.*

*Obtiveram-se, até ao momento, mais 22 nomes de locais habitados na região do rio Fitzroy. Existe ainda, um último étimo, dado ser extremamente comum e ter uma importante relação geográfica para o que foi, em tempos, o proeminente porto de Yeeda. Atualmente, trata-se de importante ponto de paragem ou abastecimento à margem da estrada, mas Willare é claramente o mesmo que em Português Vila à Ré tal como era vista de Yeeda lá atrás, ou vista de cima.*

As análises de acontecimentos históricos e condições no auge do poder colonial português, nas Índias Orientais ou fora delas, não podem ser tomadas como verdade infalível e final. Em

especial no que concerne à retirada da armada da região Kimberley cerca de 1580, as conjeturas podem ser reduzidas a uma pergunta alternativa:

*“Terão, os colonos portugueses e a sua comitiva, partido com a armada, ou ficaram amigavelmente com os aborígenes locais, desenvolvendo estações pastoris cujos nomes ainda hoje se mantêm, e quiçá talvez tenham vivido felizes para sempre, até que Alexander Forrest e os padres, Sir John e Matthew exploraram e adquiriram vastos interesses na área Kimberley a partir de 1879?”*

Como foi dado a entender, as tradições locais aborígenes apoiam a teoria da estadia pacífica dos primeiros colonos europeus (ou seja, os Portugueses). O cuidadoso planeamento de uma estrita invasão clandestina nos Kimberley necessitou de uma palavra de código para todos os que, como parte das suas obrigações de serviço, participaram sob promessa e juramento de não divulgação. Será importante recordar que havia um profundo relacionamento entre causa e efeito de obrigações e deveres por parte das autoridades portuguesas, e pela lealdade e obediência por parte dos seus escravos negros, fundadores da única tribo afro-australiana na História.

A sua fidelidade ininterrupta durou 407 anos, de 1580 a 1987. Esta história contém algumas deduções, as quais demonstram de forma importante os meios de que as autoridades portuguesas da época se serviram para evitar um estado declarado de guerra com os competidores espanhóis nas Filipinas, enquanto simultaneamente distendiam o vasto Império pelos quatro cantos do mundo.

*A operação nos montes Kimberley deve ter sido fruto da brilhante mente de Francisco Rodrigues, o melhor estratega e planeador que à data os Portugueses tinham em Malaca. Foi ele que, mais tarde, preparou a conquista de Macau, na China, em 1557. Para ele, era uma absoluta necessidade a invasão clandestina dos montes Kimberley. Estava cômscio de que se os espanhóis descobrissem que os portugueses estavam a fazer um esforço de descoberta e avanço para sul ou para leste, a guerra era um facto inevitável. Isto tinha de ser evitado a todo o custo, pois resultaria na perda das Malucas e do lucrativo comércio das especiarias obtido em Ternate em 1512, para além de pôr em perigo a conquista de Timor em 1516.*

*A paz aparente e periclitante, assinada em 1529, entre Portugal e Espanha dá-nos uma indicação de que a operação clandestinamente engendrada por Rodrigues surtiu efeito entre 1516 e 1529. A convicção e melhor aposta são de que "tal aconteceu na década de [15]20". A fim de desencorajar explorações de descobrimento no mar de Timor e potenciais informadores aborígenes, todo o pessoal, incluindo escravos e colonos livres a bordo da armada, tiveram de jurar segredo sobre a sua identidade nacional, ou seja, as palavras*

*Portugal e Português foram banidas do vocabulário por uma palavra de código que fosse idêntica em todos os vocabulários dos poderes coloniais que lutavam pela supremacia.*

*Numa mistura de orgulho e prudência a escolha recaiu em Eufonia, do grego clássico Euphonia, significando com boa e forte voz. Recorde-se que naquela época, a pena capital era o castigo imposto a todos os participantes na operação que violassem o juramento sagrado. Assim, a língua portuguesa oficialmente falada nos novos quartéis-gerais da armada em Chave (atualmente a ilha Sunday) era denominada “Eufonia”. Quando os poucos aborígenes autorizados a entrar no local fizessem perguntas ficavam a saber que aquela palavra era o nome dos recém-chegados e do seu idioma. Para os aborígenes, porém, era difícil aprender este étimo estrangeiro Eufonia. Dada a diferente fonologia eles pronunciavam Eufuni'a mantendo apenas E, n, a, e substituíam o estrangeiro som uf por w, o segundo u, por ʊ, deixando de fora a intonação forte de i' a, transferindo-a para o E' inicial. Isto produzia Ewnya, transcrito como Ewanya, a versão crioula do português Eufonia, sobrevivendo os últimos 470 anos, no seu habitat temporário de antanho na ilha Sunday.*

*Por um erro, perfeitamente compreensível dos sucessores dos portugueses da ilha Chave, o seu nome e o do seu idioma derivou para Jauí, do étimo português chave. Alguns Jauí admitiram considerar Ewanya como o nome da sua língua, mas os Jauí deixaram Chave (ilha Sunday) como os portugueses o haviam feito e vivem agora numa região próxima designada “One Arm Point (Ponto de um Braço)” no continente. Foi desta forma que o código secreto Eufonia e o crioulo Ewanya sobreviveram, guardando o seu segredo até aos dias de hoje.*

*O que aconteceu aos escravos negros quando os portugueses deixaram a Austrália em 1580, por ordem do seu novo rei e inimigo, Filipe II de Espanha ficará para já no limbo das conjeturas. Existem boas razões para acreditar que os escravos foram deixados na terra onde viviam e trabalhavam há já sessenta anos.*

*Provavelmente foi-lhes dito que tinham ainda certas obrigações para com os seus donos e ameaçados com punições e nova escravatura, se alguns deles ou seus descendentes falassem com pessoas de outros grupos étnicos, ou divulgassem o nome da sua língua e nacionalidade.*

*Os aborígenes que não fossem de descendência afro-australiana, em especial, eram para ser tratados com desconfiança. Será lógico e realístico admitir que depois da partida dos portugueses do arquipélago Buccaneer tenha havido uma familiarização mais relaxada entre os afro-australianos, resultando numa hibridação nos seus novos locais de residência insular.*

*Um desenvolvimento importante das preferências linguísticas dos parceiros na nova tribo é significativo, derivando do facto de os machos africanos estabelecerem a tradição de manter o Português Puro como sua língua em todas as ocasiões. As suas parceiras aborígenes tinham apenas a lei da inércia a seu favor, contribuindo para um lento crescimento do Português Crioulo, dada a falta de habilidade dos seus parceiros aborígenes dentro da tribo*

*em reproduzirem de forma correta a fonologia portuguesa. Isto era aceite, ou tolerado, pelos africanos dado que eles eram capazes de compreenderem, e é provável, que as crianças - em especial os varões - aprendessem Português através dos seus pais, que nem estariam interessados em aprender as línguas puras aborígenes.*

*Assim, sob a influência africana, durante certo decurso de tempo, toda a tribo - sem mais estrangeiros com quem comunicar - se torna monolíngue, numa mescla de Português Puro e de Português Crioulo.*

*Na parte ocidental do arquipélago Buccaneer a escolha de transmitir às gerações vindouras os nomes Portugueses em Crioulo foi mais ditada pela necessidade de ocultar a sua origem não Yawuji, tais como os Jauí, ou de europeus, como N. B. Tindale. Desta forma mantiveram os seus nomes, mas não o significado dos mesmos.*

*Gostaria de poder discutir aqui dois casos individuais que podem explicar o comportamento dos afro-australianos Yawuji sob pressão para não revelarem a sua verdadeira identidade: No primeiro caso temos uma pessoa cujo Português é o seu idioma nativo e que utilizou este idioma quando, pessoas estranhas tais como antropólogos australianos, missionários ou linguistas começavam a fazer perguntas para as quais não estava preparado para dar uma resposta. J. Birdsell, um antropólogo norte-americano, perguntou a esta pessoa, em 1954, pelo nome real do seu dialeto e tomou nota daquilo que pensou ser um só étimo, obviamente o nome que havia utilizado para perguntar. Tal "nome" que apontou no seu livro de notas era "Bergalgu". Este nome foi mencionado por N. B. Tindale em "As tribos aborígenes da Austrália [pp. 242, 268]". Entretanto em Português coloquial puro: "Perca Algo", uma mescla que significa "perca" (1: pode perder ou, 2: peixe perca), e "algo" (alguma coisa) significando "uma perda qualquer" ou "uma perca pequena" ou seja, uma forma expressiva de comunicar uma meia verdade de forma evasiva. Este homem estava determinado a não deixar que Birdsell soubesse a verdade sobre a sua língua "aborígene". De qualquer modo, manteve-se calmo, arrependido, inconspícuo e bem-comportado.*

*Embora menos diplomática, mas de igual forma não menos determinada é a declaração espontânea que outro informador deu a H. H. J. Coate (data imprecisa), tal como citado no livro "Handbook of Kimberley Languages (1988:97)".*

*Após ter declarado que o nome da tribo era Yawuji Bara acrescentou mais duas palavras, que Coate assumiu tratar-se de um nome alternativo da ilha de Montgomery. Tratava-se de um excesso temperamental da pessoa em questão. Embora a princípio parecesse e soasse tipicamente aborígene, trata-se de uma forma crioula de Português: Winjawindjagu (de acordo com Coate) em vez daquilo que devia ser wynia, winjwegui! Isto é de facto Português vinha, vindico, uma forma causal consecutiva dos verbos vir e vindicar. A nasalação frequente do n antes do d em Português não pode ser repetida pelos aborígenes que falam Crioulo.*

*Em vez disso, em Português ngd passa em Crioulo a ser nyj. A tradução deste segmento é clara: "[como] eu vim dali e quero-o de volta". A súbita raiva do informador aborígene*

*ressalva da sua lembrança de ter sido detido pelos brancos em 1931 e forçado a viver no seio dos Worrora num campo fechado e sobrepovoado numa terra estranha. Durante toda a sua vida tinha aproveitado as delícias da vida, do dugongo à tartaruga, ao peixe e ao caranguejo em abundância, mas agora a sua dieta além de lhe ser estranha era monótona. A mudança de vida, do estilo de vida marinha saudável das suas ilhas para a situação presente, das gentes da sua tribo numa reserva asquerosa em Derby ou na missão lamacenta de Mowanjum deve ter sido profunda: “Quero voltar para donde vim!” Quem seria incapaz de sentir o mesmo? Mas quer aquela personagem quer a tribo não teriam hipóteses de escolha, a não ser manterem-se firmes na sua decisão firme de 1580 de jamais revelarem o segredo da sua origem, frustrando tanto quanto possível os esforços e perguntas inquisitórias de estrangeiros.*

*Estas são as virtudes imprevistas e não recompensadas de uma tribo independente e híbrida afro-australiana, descendente dos Avós de Barra e dos Avós de Baía, de língua e nacionalidade portuguesas, incapazes de respeitarem passivamente as reivindicações britânicas duzentos anos mais tarde. Estes atrasados comentários elegíacos dos Yawuji Bara/Baía podem dar lugar a variadas questões: “Porque é que os australianistas ou missionários que com eles lidaram jamais consideraram o Português como língua de origem dos seus enigmáticos idiomas?”*

*A exceção pertence a J. Urry e M. Walsh (1981:106) que compreenderam que algumas palavras ouvidas por B. Ryder (1936:33), e assumidas como Espanhol ou Latim, eram Portuguesas. Mas negaram o relatório de Ryder, como não substanciado, declarando e, cito: “Os termos portugueses se forem provados podem derivar de termos comerciais malaio”.*

*Como obviamente estavam apenas interessados no idioma e povos de Macassar, foram incapazes de ver os Portugueses como os grandes colonizadores da era moderna, referindo-se a eles apenas como ubíquos negociantes algures no norte da Austrália. Outra pergunta que se poderia pôr é por que é que B. Ryder da Real Sociedade de Geografia de Londres sugeriu Espanhol ou Latim, em vez de Português? Por que é que J. R. B. Love que conhecia e trabalhou entre os Yawuji durante mais de vinte anos deixou a sua crítica nota sobre o seu idioma como sendo dialeticamente discreto?*

*No primeiro caso, quem aconselhou as autoridades da Austrália Ocidental para que a remoção dos habitantes das ilhas Montgomery e a sua reinstalação no continente fosse um tipo desejável de ação? Por que é que eles foram obrigados a aprender uma língua estranha e difícil como a dos Worrora quando já detinham como sua uma língua europeia própria? Ou seria porque alguns dos seus antepassados de há mais de 470 anos poderiam ter dominado o dialeto Worrora? Por que não ensinar-lhes diretamente Inglês, que teria sido bem fácil, considerando as inúmeras similaridades de vocabulário entre o Inglês e Português.*

*Depois do seu desaparecimento em 1987 qual é a utilidade de encontrar uma resposta a todas estas questões? Nem uma única qualquer que seja!*

*Para o caso das atividades dos portugueses na parte oriental do arquipélago Buccaneer temos o apoio de resíduos arqueológicos.*

*Embora nunca tenham sido totalmente explorados ou avaliados (Sue O'Connor 1987:30/39; 1989:25/31), o seu total e localização são equivalentes aos dos maiores centros de atividade dos portugueses na mesma área.*

Nas inúmeras e dispersas ilhas da parte oriental do arquipélago Buccaneer, Sue O'Connor encontrou apenas três locais de relevância:

*Na ilha MacLeay “pequenos artefactos espalhados”;*

*Na ilha High Cliff (Altas Escarpas) “literalmente coberta por restos de ocupação, incluindo estruturas de casas de pedra e largos artefactos espalhados”, e um “abrigo de rocha”;*

*Na ilha Koolan “dois abrigos de rocha”.*

Dentre os nomes portugueses da parte oriental do arquipélago Buccaneer apenas três têm importância histórica:

*A ilha MacLeay pelo nome português de Galés irá, crioulo Galij irra;*

*A ilha Montgomery com a ilha High Cliff para o seu homónimo português de habitantes nativos Avós de Barra, em crioulo Yawuji Bara, aliados iniciais dos Portugueses;*

*A ilha Koolan cujo homónimo português é Colham, em crioulo Koolan [Ko:lan] (arrear velas aqui) que na gíria dos marinheiros significa “Podemos ficar aqui! (não para ver a paisagem, mas para minar à superfície o minério de ferro)”.*

*Os abrigos de rocha ou pedra, atrás referidos, eram parte da área de habitação dos africanos e, as duas pequenas ilhas gémeas “As irmãs (The Sisters)” eram a sua área recreativa ou zona das suas escapadelas. A Armada invasora portuguesa na sua incursão ao flanco sul, através da costa dos montes Kimberley, quando atingiu um grupo de ilhas a cerca de 70 quilómetros a norte do seu paradeiro inicial: ilhas Collier e Montgomery, obviamente decidira prosseguir viagem a partir daí em linha contínua. Deixou unidades singelas em posição, possivelmente anteriores manobras de reconhecimento haviam revelado que não havia nativos nas ilhas a atingir.*

*Tudo isto pode ser deduzido de um simples nome português: o da ilha Champagny ou Champagney. Mas, aprendemo-lo com uma vingança: a forma peculiar da sua ortografia não se refere a uma forma antiquada de Inglês, mas sim à forma portuguesa de champanhe, um francesismo. Se quisermos ir mais profundamente ao segredo do champanhe francês*



*(engarrafado?) - em 1520 numa ilha isolada ao largo da costa dos Kimberley, teremos a recompensa ao analisar o étimo aborígine que lhe foi dado. Não se trata de um termo aborígine, nem de nenhuma língua aborígine. H. H. Coate (W. J. & Lynette F. Oates 1970:47) cita Windjarumi, enquanto W. McGregor (1989, 1-56) cita Winyjarrumi.*

*Para facilitar a compreensão do original em Português, separe-se a palavra composta e desta forma há duas versões possíveis:*

*(Crioulo) Winy(j)u arrumi < (Português) Vinho arrume (O vinho deve ser guardado). Com tal leitura teríamos uma ligação com o nome das ilhas no mapa Champagny/ey =(Port.) Champanhe, derivado do étimo francês Champagne.*

*(Crioulo) Winyja rumi < (Português) Vinda Rume (para a queda ou sorte inesperada, devo decidir o rumo, ou partir sem ele?!)*

*Decerto que se trata de um caso raro em batismo nominal, em que duas palavras alternativas na sua fonologia acabem de facto por representar o mesmo significado: “Se o armário do vinho for encerrado, a queda está iminente.” Quer navegantes quer passageiros saberiam disto. No caso presente, dos três nomes supostos para o grupo de ilhas, situadas na latitude sul 15º 18/19”, longitude leste 124º 14/17”, o assunto de importância real contido no nome “Vinda Rume” foi simultaneamente e, por uma razão bem aceitável, expresso pelo som similar mais mundano e bem-soante de “O vinho que tenho de armazenar em primeiro lugar”, e isto aconteceu nas ilhas Champagny. A história destas ilhas nascida desde os anos 1520 até à sua última impressão nos mapas (1:100000) podia ser viável apenas nas “vinhas”.*

Esta teoria, que inicialmente data da década de 60 mereceu em 1992, a atenção dos principais meios de comunicação social australianos, que postulavam, então, sobre a necessidade de re-escrever a história do país e datá-la em termos quinhentistas. A revelação vai mais longe ao definitivamente identificar nomes próprios de origem portuguesa ancestral, justificando o silêncio dos portugueses com base no Tratado de Tordesilhas e, citando a existência de construções e artefactos que datam de entre 1516 a 1580, aguardando-se apenas a sua verificação científica da sua origem, de acordo com o professor von Brandenstein. Vejamos em mais detalhe esta explicação da presença dos primeiros europeus na Austrália, de acordo com as próprias palavras do professor:

*A descoberta aqui revelada e documentada é um fruto do trabalho de pesquisa linguística, de Brandenstein, liderando uma descoberta arqueológica e prometendo futuras descobertas de arqueologia marítima. Demorou mais de vinte e cinco anos para percorrer os quatro estádios desta descoberta. Entre 1964 e 1967 foi a descoberta do problema linguístico, seguida do reconhecimento e identificação da evidência*

*arqueológica em 1967 e manter a pesquisa não obstante o silêncio de descrédito imposto por colegas entre 1967 e 1976. Finalmente, ao completar vinte e cinco anos de estudo, decidiu, em 1989, tornar públicos os seus estudos.*

*Esperava então que com o apoio do Museu de Marinha da Austrália Ocidental e da Real Marinha [australiana], ou organismos privados, pudessem ser descobertos segredos que jazem no fundo do Oceano Índico e que ajudariam a descobrir a história marítima dos últimos quinhentos anos.*

*Em 1964, assumira um trabalho de pesquisa linguística como Membro Associado do Instituto Australiano de Estudos Aborígenes na Austrália Ocidental, tendo escolhido as áreas tribais dos Ngarluma e dos seus vizinhos Karriera, juntamente com tribos mais interiores tais como os Yindjiparndi, baseado nas características peculiares dos idiomas utilizados por estes grupos.*

*A zona ocupada por estas tribos tem uma área costeira de mais de 120 km entre o arquipélago de Dampier e o rio de Grey, passando por uma cordilheira montanhosa chamada Hammersley. O comportamento linguístico totalmente anómalo destas tribos diz respeito a gramática e conceitos de ação verbal. A maioria das tribos aborígenes australianas dispõe de conceitos ergativos onde a ênfase se concentra na ação verbal sobre o objeto.*

*Contrastando com isto as tribos Ngarluma, Karriera e outras utilizam um conceito verbal europeu, com ênfase na ação nominativa do sujeito e o objeto no acusativo. Isto torna-se ainda mais interessante ao verificarmos que estas tribos utilizam a voz passiva, inexistente em qualquer outra tribo australiana.*

*Outra peculiaridade no triângulo verbal Ngarluma-Karriera é a existência no seu vocabulário de palavras de origem Portuguesa, que já não são consideradas como palavras estrangeiras pelos contemporâneos e, portanto, devem ter sido adquiridas há muito tempo. De uma lista de sessenta (60) palavras idênticas às suas versões portuguesas, selecionaram-se aqui apenas dezasseis (16):*

*(P) tartaruga ->(N, K) thatharuga. O termo português deriva do grego tartarouxos (do diabo), do latim tartarukus, do italiano tartaruga, do espanhol tartuga. Esta palavra foi criada dentro do simbolismo cristão. Curiosamente quer o Português, quer os dialetos Ngarluma e Karriera distinguem dois sons de "r", um rolado e outro dobrado, o que acontece em poucos idiomas no mundo. Uma das razões da aceitação de uma palavra estrangeira pode resultar da importância ecológica da tartaruga ao longo da costa do*

*noroeste. Os portugueses e os aborígenes dependiam dela como meio de obterem comida, encontram-se em inúmeras ilustrações aborígenes em rochas, desde a foz do rio de Grey até à península Burrup. Dado não haver qualquer influência italiana na Austrália de antanho a única origem possível para o termo tem de ser portuguesa.*

*(P)chama, ->(N, K) thama, pronunciado tchama*

*(P)fogo, fogueira ->pugara (pron. fugara) (Y, Yindjiparndi) -> puua/pughara,*

*(P)cinza>(N, K, Y) tynda pron. Cindza,*

*(P)monte>(N, K, Y, Pnj ) monta / manta,*

*(P)fundo>(N, Y) punda pron. Funda,*

*(P)paludismo>(N) paludi significando águas paradas, pântano, poça,*

*(P)mal>(N) malu, significando mal, diabo, cobra má que morde, raia*

*(P)pintura>(K) pintyura significando pintura, desenho,*

*(P)tardar>(N, Y) thardari, significando tornar-se lento, hesitar, demorar,*

*(P)manjouro->(N, K) mandyara, manyara, manya (pron. manjiara, manja), significando caminho ou calha para beber ou comer,*

*(P)caço, caçoila, caçarola>(N) Kadyuri pron. Caçiula*

*(P)perdição>(N, K, M Manduthurnira) perdidya, perdalya, perdadya, significando vingança, morte secreta, combate mortal, perda mortal,*

*(P)bola (esfera para jogar)->(N, K, Y) p/bula significando redonda, bola,*

*(P)teto>(N, K) thatta significando o mesmo que o original em Português,*

*(P)por>(N, K) puru, significando através, atrás, por trás ou sob como aposição (oposto a preposição, ou seja utilizado após e não antes). Em Português “por teto” e em Ngarluma Karriera “Hatta puru”, ambas com o mesmo significado.*

### 31. AS BALAS DE CANHÃO E LISTAGEM DOS NOMES PORTUGUESES DE ILHAS E DE PONTOS GEOGRÁFICOS

Existem várias balas de canhão escondidas em vastas áreas ocupadas pelos Ngarluma-Karriera-Pandjima, e embora a sua força ou valor mágico não possa aqui ser discutido por motivos óbvios, poderemos concentrar-nos no seu valor linguístico. Ngarupungku significa literalmente atirar e esmagar, embora originalmente as tribos aborígenes nada tivessem para projetar as balas de canhão, feitas de material granítico. Uma das pessoas que o ajudava respondeu-lhe em Karriera-Ngarluma que as balas estavam por toda a parte desde tempos imemoriais, ao fundo de uma colina na ilha Depuch num campo sagrado, tal como citado por Robert Churnside, Roeburn em 18/9/67. Gordon Mackay registava em 15/9/1967:

*“As balas foram desde tempos perdidos na memória trazidas de onde estavam junto ao mar. Todos os anciãos respeitáveis respondiam que as balas estavam todas numa certa área da*

*ilha Depuch, que era terreno sagrado. Uma das balas que eu vi tinha 12 centímetros de diâmetro, e segundo testes recentes era de granito.”*

Dada a natureza geológica da região, ou faziam parte do balastro de navios ou eram de facto balas de canhão. Se eram balas, o local onde foram descobertas era o local óbvio de naufrágio de um navio. Dezenas de anos mais tarde as balas de canhão continham ferro e eram de calibre diferente das utilizadas no século XVI.

Os Portugueses ocuparam Goa em 1510, Malaca em 1511 e as Malucas ou Ilhas das Especiarias em 1512. Timor foi descoberto por António de Abreu entre 1511 e 1515, sendo o enclave de Oé-cusse e a capital, Lifau, ocupados em 1516. Uma das razões para os portugueses, sempre tão secretos em assuntos marítimos, se manterem ainda mais silentes a sul das Malucas, era a de ali se situar a linha divisória da metade portuguesa e da metade espanhola do mundo. Esta é uma das razões porque tão poucos mapas portugueses eram publicados.

Em 1529, o francês Jean Parmentier da escola cartográfica de Dieppe rumou com pilotos portugueses para Samatra onde morreria. Dois dos barcos da expedição regressaram e dois mapas portugueses, até então desconhecidos, foram publicados com inúmeros mapas derivados desses.

Já em 1957, O. H. K. Spate, publicava em Melbourne a obra “Terra Australis - cognita?”, na qual dizia que “*não havia dúvidas de que o Mapa Delfim, e versões posteriores tinham por origem fontes portuguesas desconhecidas*”, e que vários estudiosos e académicos haviam já aceiteado a hipótese de a Austrália ter sido descoberta pelos portugueses no século XVI. Num dos mapas aparece um porto, na foz de um rio, a que é dado o nome de Porto do Sul (em francês Havre de Sylla), que parece localizar-se na foz do rio Fitzroy em Vitória.

Dado o potencial marítimo dos portugueses até ao mar de Timor, deve ser assumido que qualquer nau na costa noroeste será portuguesa, e isto é mais evidente, como vimos, pela herança linguística deixada. O cenário possível é o de os portugueses terem naufragado na ilha Depuch e estabelecido contacto com as tribos Ngarluma e Karriera, sem terem tido a oportunidade de construírem novo barco que lhes possibilitasse o regresso. Eventualmente aceites pelos nativos, ter-se-iam acasamentado, daí derivando a razão de as mulheres e filhos reproduzirem termos portugueses utilizados pelos pais, as quais acabariam ao longo do tempo por permear as línguas indígenas, como atrás foi visto. Na opinião do professor von Brandenstein:

*“Este naufrágio terá ocorrido entre 1511 e 1520 na região da ilha Depuch.”*

*Cinquenta anos antes de os holandeses surgirem no oceano Índico, em 1616, 1618, 1619 e 1622 na costa ocidental da Austrália, os portugueses utilizaram a rota de Java, com pilotos indianos de Goa.*

*O livro "História Trágico Marítima", de Bernardo Gomes de Brito, Lisboa, 1735-1732, conta a história de uma segunda viagem à Austrália ocorrida em 1560-1561, que culminou com o naufrágio da nau S. Paulo, tal como narrado pelo sobrevivente, o Apotecário Henrique Dias.*

*De acordo com este, os portugueses conheciam os ventos da região, 50 anos antes da primeira chegada dos holandeses e entre 1557 e 1558 a nau S. Paulo utilizou a rota de sudoeste no regresso à Índia.*

*Na viagem de 1560 - 1561, a S. Paulo foi mais para sul e leste, chegando até 900 milhas para ocidente da costa ocidental da Austrália antes de regressar a Samatra onde naufragou.*

*O piloto de Goa, nesta segunda viagem tinha diretivas do rei de Portugal que parecem levar a concluir a importância desta nova rota.*

*Um outro aspeto socioeconómico particularmente único dos Ngarluma e Karriera é o do método de cultivo e armazenamento, que se não encontra noutras tribos.*

*Sob a supervisão dos "líderes idosos (venerandos anciãos) " toda a tribo utiliza contentores de forma cilíndrica, da mesma altura e diâmetro, para recolher os grãos de spinifex ("Triodia sp."). Os grãos são depois contados e esvaziados em caves secas e frescas, sendo constantemente guardados. O spinifex é um arbusto nativo, tipo relva com espinhas aceradas, que só se encontra em certas regiões da Austrália e que pode chegar a atingir dois metros de altura. A sua distribuição era feita de acordo com as necessidades de justiça social, atribuindo primeiro aos mais velhos e depois aos mais jovens. Isto permitia-lhes nunca depender das faltas sazonais, criadas pela variação climática e isto penso que só poderia ter sido introduzido como um método português.*

A fim de ilustrar os nomes dados pelos Portugueses às novas terras pátrias dos grupos tribais afro-australianos em Avós de Barra e Avós de Baía, no arquipélago Buccaneer, elaborou-se por ordem alfabética a seguinte lista de trinta nomes de ilhas e de pontos geográficos, dados em Português (Port.), Crioulo (Creo), tradução para Inglês (Et.) e nomenclatura inglesa (Em):

(Port.)	Ambí(guo) (e)estreito	-> (Creo) Yambi
(Et.)	Ambiguous Strait = Yampi Sound ( vários acessos e saídas )	
(Port.)	Baía (ver Baía Colher e Ilhas de Baía)	
(Et.)	Bay (vd. Collier Bay Is. e Collier Bay)	
(Port.)	Baía segura	-> (Creo) ?
(Et.)	Secure Bay	(Em) Secure Bay

(Port.)	<i>Baía Maior ideei</i>	-> (Creo) <i>Baia Myridi</i>
(Et.)	<i>(The) Bay I thought (to be) larger</i>	(Em.) <i>Myridi Bay</i>
(Port.)	<i>Barra (Ilhas da Barra)</i>	-> (Creo) <i>Bara</i>
(Et.)	<i>bar, Breakwater, Reef</i>	(Em.) <i>Montgomery Is., Breakwater</i>
(Port.)	<i>Bi lanha</i>	-> (Creo) <i>Bila:nya ver Bilha unha (Port.)</i>
(Et.)	<i>Twin Launch</i>	(Em.) <i>Cockatoo Is.</i>
(Port.)	<i>Bilha Foliam</i>	-> (Creo) <i>Bilya Wuliam</i>
(Et.)	<i>Twin island (where) they fool around =</i>	(Em.) <i>The Sisters, 3 km. East of Koolan Is.</i>
(Port.)	<i>Ilha Colham</i>	-> (Creo) <i>Ilya Ko:lan</i>
(Et.)	<i>island where they should strike sails</i>	(Em.) <i>Koolan Is.</i>
(Port.)	<i>Ilha de Ciciar</i>	-> (Creo) <i>Cissiarr ?</i>
(Et.)	<i>island of Whispering =</i>	(Em.) <i>Cæsar Is. (18 km. NW das ilhas Koolan).</i>
(Port.)	<i>Bilha unha</i>	-> (Creo) <i>Bila:nya (ver Bi lanha )</i>
(Et.)	<i>Twin Is. holding fast =</i>	(Em.) <i>Cockatoo Is.</i>
(Port.)	<i>Ilha costeam</i>	-> (Creo) <i>Ilya Kutjun</i>
(Et.)	<i>(The) island they can coast along by =</i>	(Em.) <i>Rankin Is. até às ilhas da Baía a 400 m. da costa.</i>
(Port.)	<i>Galés irá</i>	-> (Creo) <i>Galij irra</i>
(Et.)	<i>(Island where) the slaves will go =</i>	(Em.) <i>MacLeay Is.</i>
(Port.)	<i>Ilha Meloa mais</i>	-> (Creo) <i>Melomys</i>
(Et.)	<i>(Island where) mostly round melons (are) =</i>	(Em.) <i>Melomys Is. para as ilhas da Baía &gt;(Em.) Wood Is.</i>
(Port.)	<i>Ilha Mel o Mais</i>	-> (Creo) <i>Melomys</i>
(Et.)	<i>(Island) most ( of which ) is honey =</i>	(Em.) <i>Melomys Is., Woods Is.</i>
(Port.)	<i>Nu Monstro</i>	-> (Creo) <i>Numuntju</i>
(Et.)	<i>Naked Monster - uma rocha no farol da ilha Cafarelli.</i>	

É possível que o nome “Naked Monster” seja moderno e dado pelos Yawuji Bara antes de 1931. À falta de melhor comprovativo uma pedra de aspeto e formato peculiar poderá ter levado os portugueses a denominar de Ilha do Nu Monstro.

(Port.)	<i>Ilha do Pó Doido</i>	-> (Creo) <i>Pudu:du</i>
(Et.)	<i>island of the Painful Dust =</i>	(Em.) <i>Bathurst Is.</i>
(Port.)	<i>Ilha Sítio Lancha</i>	-> (Creo) <i>Tjitulanj</i>
(Et.)	<i>island site of a launch</i>	(Em.) <i>Gibbings Is. no canal Goose.</i>
(Port.)	<i>Ilha Travessa</i>	-> (Creo) <i>I'lya trawetja ?</i>
(Et.)	<i>Contrary Winds Is.</i>	(Em.) <i>Traverse Is. as ilhas da Baía.</i>
(Port.)	<i>Ilha Vão Ganir</i>	-> (Creo) <i>Wanga'ni:</i>
(Et.)	<i>(Island) where you shall howl in vain = (Em.) Irvine Is. a mais próxima a este de Cockatoo Is.</i>	
(Port.)	<i>Ilha Vinhei (imperativo dialético obsoleto)</i>	

(Port.)	<i>Ilha Venhi! (imperativo plural)</i>	-> (Creo) ?
(Et.)	<i>Come Back (to this island)</i>	(Em.) <i>Viney Is. às ilhas de Baía.</i>
(Port.)	<i>Ilhas de Baía</i>	-> (Creo) <i>I'lyaji Baia</i>
(Et.)	<i>Islands of (Collier) Bay</i>	(Em.) <i>Collier Bay Is.</i>
(Port.)	<i>Ilhas de Barra</i>	-> (Creo) <i>I'lyaji Bara</i>
(Et.)	<i>Islands of the Bar/Breakwater/Reef</i>	(Em.) <i>Montgomery Is.</i>
(Port.)	<i>Ilhas de Carnagem</i>	-> (Creo) <i>Gar'rrena:t</i>
(Et.)	<i>Islands of Bloodshed / Meat provisions =</i>	(Em.) <i>Bedford Is.</i>
(Port.)	<i>O Canal</i>	-> (Creo) <i>Canal?</i>
(Et.)	<i>The Canal</i>	= (Em.) <i>The Canal, lado sul da ilha Koolan</i>
(Port.)	<i>Onda Maranhá</i>	-> (Creo) <i>Unda Marra</i>
(Et.)	<i>Wave (flood) turbulence =</i>	(Em.) <i>Foam Passage, NW da Baía de Collier.</i>
(Port.)	<i>Ponta Nariz</i>	-> (Creo) <i>Punta Nares</i>
(Et.)	<i>Point Nose =</i>	(Em.) <i>Nares Point, SW da ilha Koolan na Angra de Yampi.</i>
(Port.)	<i>Varar</i>	-> (Creo) <i>Wa'rar tb utilizado em Wunambal</i>
(Et.)	<i>To run her aground (ship) =</i>	(Em.) <i>a noroeste e norte de Kimberley</i>
(Port.)	<i>Vago</i>	->(Creo) <i>Wa:ko [N.B. Tindale 1974:146 mapa]</i>
(Et.)	<i>Empty, unoccupied =</i>	(Em.) <i>um vasto espaço vazio a cerca de 6 km da Angra de Yampi no continente, assinalado por N. B. Tindale com um ponto.</i>

*Sugiro que ele não tenha compreendido a mensagem do seu informador de fala crioula Yawuji Bara, que apenas queria informá-lo que nada havia para buscar. A má interpretação de Tindale de Wa:ko como nome de lugar, marcado com um ponto no mapa, demonstra a existência de um povo com nome português utilizado pelos Yawuji na época contemporânea.*

(Port.)	<i>Vista Encare</i>	-> (Creo) <i>Widzh inka'rri</i>
(Et.)	<i>I/He should keep the view (from here) under strict observation! (Eu/Ele deve manter-se em vigia (daqui))</i>	

Querirá isto dizer de Freshwater Cove, no continente, até sudoeste em High Cliff e para o mar, ou ao contrário de High Cliff Is., para noroeste em Freshwater Cove?

De qualquer forma, o nome demonstra o papel desempenhado pelos Yawuji para os Portugueses.

Sue O'Connor dá o nome crioulo de Widgingarri, mas o nome em português Vista Encare [pronunciado Vishtaencarre] é bem significativo. Ela localiza-o em Freshwater Cove, a 13 km das ilhas High Cliff.

---

### 32. NOTAS FINAIS

Seria desejável acrescentar aqui, outra lista com as regras da conversão fonética de Português Puro para Português Crioulo. A razão pela qual a mesma não é incluída baseia-se na vasta gama de palavras de diferentes regiões, que será necessário subdividir - mais tarde ou mais cedo - sob o nome de Crioulo Português. Pode acontecer que o Crioulo de origem afro-australiana aborígine difira entre o grupo Jai através do vocabulário que eles tomaram de empréstimo. Seria extremamente difícil definir tais variações em função da origem tribal.

*Como exemplo, pode citar-se uma área localizada entre a cordilheira Óscar e o rio Fitzroy onde se falava Punaba. O nome desta área é mantido pelos aborígenes como Mowanban, que é assumido como um nome Punaba.*

*Admitindo, contudo, que esta região foi sempre uma via de tráfego importante para todos os movimentos de aborígenes ou recém-chegados até às duas últimas décadas do século XIX, será importante lembrar o avanço dado pelos colonos portugueses de 1520 e depois de 1580 nesta área.*

*Mowanban não era uma palavra Punaba, mas Português Puro Movam bane, uma ordem significando "se eles se moverem ou ficarem impacientes vejam-se livres deles."*

*É exatamente disto que os poucos contemporâneos Punaba se queixam, com exceção de um pequeno detalhe: desde metade do século passado até metade deste século (o último caso aconteceu em 1940, de acordo com E. Kolig 1987:17) "a polícia do homem branco e os seus "guias" mataram-nos." Os portugueses que ali ficaram tinham-se visto livres deles [Punaba].*

*Este é um caso típico de uma palavra obtida por empréstimo de outra língua que pode trazer à mente - aparte o valor histórico - a necessidade de fazer uma mais detalhada busca linguística de Português na região Kimberley.*

Limitaram-se todas as explicações, até aqui, ao problema dos afro-australianos da tribo Yawuji, ou seja, os Antepassados da Barra e da Baía num período de 470 anos. Espera-se que para fazer o mesmo para o vale do rio Fitzroy e áreas adjacentes, em especial se se tiver o apoio de arqueólogos demore bastante mais, mas poderá inclusive proporcionar resultados mais positivos e quiçá menos trágicos. Falta agora apenas quem possa fazê-lo e seguir as pisadas do professor von Brandenstein. O desafio aqui fica, a herança portuguesa dos AVÓS DE BARRA e AVÓS DE BAÍA assim o exige de todos nós para que a História seja reescrita em toda a sua plenitude e os nossos vindouros saibam.

Desde há mais de 25 anos que JC tenta divulgar estas teorias que deveriam encher de orgulho e justificado interesse em aprofundar tais estudos, todos os que se interessam pela língua, cultura e história portuguesas, mas apenas escutei o silêncio cúmplice dos que se sentem culpados do Tratado de Tordesilhas ter sido violado. Recorde-se, uma vez mais, que



até 1832 a Inglaterra não reconheceu como suas as possessões da Austrália Ocidental aguardando que Portugal as reclamasse.

Quem sabe se hoje não teríamos metade deste enorme continente a falar Português? Decerto que muitos dos cerca de um milhão de aborígenes poderiam não ter sido exterminados como foram e a Austrália poderia ser mais multirracial do que é. Este era o tema do tal documentário ficcionado que apresentara à televisão SBS., e à ABC. Ambas as teses aqui delineadas hoje deviam constar dos programas curriculares portugueses como já constam de muitos dos programas australianos.

*Obs.: "Português" ou "Português Puro" significa neste contexto a língua praticada em pleno século XVI, com a ortografia moderna adotada desde 1947. Crioulo Português é a língua portuguesa, léxica e gramaticalmente Português Puro, mas falada, isto é, pronunciada e acentuada de acordo com a fonologia aborígine. Outras palavras de origem portuguesa são BARRADA, CABRA MARRA, BARRIL, CUCA BARRA, LOMBADINHA, CURA, CULINA, CULUNA, BARANDA, BINGARA.*

---



**CAPÍTULO 5 - TRÊS MORTES. O SONHO DO PRESTES JOÃO: DA ABISSÍNIA, À BIRMÂNIA, À TAILÂNDIA,**

*As mais lindas palavras de amor, são ditas no silêncio de um olhar.*

*Leonardo da Vinci*



### 33. MORREU O NEGRO MAIS BRANCO DO MUNDO. 25 junho 2009

Faleceu o ídolo, o “rei” da música pop, Michael Jackson, 50 anos apenas e uma mudança de pele camaleónica que deixara muitos dos seus fãs atónitos. Que se saiba foi o único “black” a querer tornar-se branco, vá-se lá saber porquê. As televisões deram a notícia como se fosse a pessoa mais importante do mundo.

Os seus grandes êxitos datam do início da década de 1980 e há anos que nada fazia de jeito. Extremamente dotado desde criança, graças ao cinto do pai que se abatia sobre a sua pequena figura se não ensaiasse o suficiente para compensar a falta de talento paternal, iniciara-se com irmãos mais velhos no lendário grupo Jackson 5 em 1966.

O grupo duraria até 1990 já sem Michael que sofria uma transfiguração facial e dérmica radical, com plásticas e a mudança de cor para branco alvar, numa mímica extraterrestre com semelhanças a Elizabeth Taylor e ao próprio ET do filme do mesmo nome.

Pelo meio houve uma *Dreamland* espécie de terra da fantasia que viria a falir com os custos das ações judiciais de alegada pedofilia.

Deixemos a estrela da pop e concentremo-nos na mudança de pele, que cremos ser caso único. Por que pensamento rebuscado iria alguém mudar de cor de pele?

Será que foi por ter levado demasiada pancada do pai em pequenino?

Seria pelos anos difíceis na fase terminal da segregação racial que ajudou a destruir ao tornar-se no primeiro ícone universal da música negra? Antes de Tiger Woods e quatro décadas antes de Obama, Michael Jackson era o negro mais visto e ouvido do mundo.

Sempre houve quem dissesse que era uma criança que se esquecera de crescer. Daí querer estar rodeado de miúdos, ter construído o *Neverland*, mítico terreno de sonhos e fábulas. Diziam que dormia numa câmara hiperbárica e sonhava como só as crianças podem devanear, sem maldade. Há quem atribua a sua cor a uma doença rara de despigmentação, o vitiligo.

Foi uma criança extremamente dotada a quem a sociedade racista norte-americana (do Indiana) e a ambição desmesurada do pai impuseram que não tivesse infância para se tornar num dos maiores ídolos do entretenimento mundial. Morreu, aparentemente duma overdose induzida para reduzir as dores. Que outras dores faltariam calar? Nunca o saberemos. Muitos, em breve, o esquecerão.

Imagine-se o escândalo que seria se JC se decidisse a seguir as pisadas dele ao contrário e de repente aparecesse na Lomba da Maia de pele negra e luzidia. A festa que não iria ser. Os fornecedores deixavam de bater à porta, as pessoas atravessariam a rua ao verem-no sair de casa, o senhorio pediria referências e os filhos seriam os primeiros a deserdarem-no se é que não o internavam.

Que vantagens poderia ter para mudar de cor como o camaleão? Nenhumas, antes pelo contrário, numa Europa xenófoba, num Portugal (cada vez mais) racista. Passaria a sentir na pele a discriminação latente e dissimulada que grassa por essas terras fora. Seria marginalizado pelos seus pares e olhado com receio e desconfiança pelos colegas de cor, que o considerariam um intruso oportunista. Teria de emigrar para outras paragens onde não desse tanto nas vistas. Pensando bem, nem sequer tinha os milhões necessários para as operações imprescindíveis, no caso de serem possíveis. Felizmente gostava de si como era e fora ao longo dos anos para agora não ter de aprender a gostar de si diferente.

Lembrava-se bem de quando estava em Timor, um colega médico lhe pedir para o deixar circuncidar, pois cada operação daquelas dava uns pontos adicionais para a sua progressão na carreira. Claro que JC não iria deixar que fizessem adaptações ao seu segundo cérebro, e muito menos que o artilhassem como se de um carro de corrida se tratasse. Credo, cruces. Bonito ou feio, com mais ou menos prepúcio era aquele com que nascera e seria aquele com que iria morrer, sem mãos de cirurgiões açougueiros ou talhantes a retalharem esse pedaço de si.

Mais tarde, outro cirurgião amigo, que também estivera consigo em Timor, foi chefe de serviços em Macau e fartou-se de operar toda a gente que lhe caía na mesa de operações para aumentar os seus créditos como cirurgião.

Um dia quando JC adoeceu com uma alegada apendicite foi levado de urgência para o hospital para ser operado na manhã seguinte, mas saiu do hospital Conde S. Januário antes das sete da manhã. Além do mais, o quarto particular onde estava ainda tinha as flores do morto que lá fenecera umas horas antes. Mau prenúncio que o perseguira em sonhos toda a noite agitada que ali passou.

Já o dentista Octávio que conhecera no SMO em Timor não precisava de acrescentar uns tracinhos na parede do consultório para o seu currículo de cirurgião dentista, bastava meter-se no avião de Díli para a Maliana ou para qualquer outro lugar recôndito do velho Timor Português.

Ali mesmo, na pista de terra batida, alguém trazia uma cadeira da messe de oficiais onde os pacientes se sentavam, à vez, de boca aberta enquanto extraía um ou outro dente ou raiz, infetada sem anestesia. Sem outros cuidados e sem a ajuda da habitual enfermeira assistente.

Sem bata branca, nem luvas esterilizadas nem instrumentos fervidos. Todos estavam de boca aberta sem um esgar, sem se contorcerem de dor, sem se mexerem, aguardando o fim do procedimento, não creio que algum deles alguma vez tivesse pensado em mudar de cor ou de nacionalidade para não ter dores.

---

#### 34. SOLNADO MORREU 8 agosto 2009

*"A maior prova de coragem é suportar as derrotas sem perder o ânimo." (Robert G. Ingersoll)*

*Raul Solnado morreu aos 80 anos. O ator sucumbiu a um quadro clínico cardiovascular grave. Um génio que conseguiu pôr Portugal a rir de uma guerra sem sentido (com famosa rábula «a guerra de 1908»), numa altura em que a guerra colonial era um assunto tabu.*

*Gargalhadas que fizeram de Raul Solnado um recordista de vendas discográficas com um disco que nem canções tinha.*

*O êxito dos monólogos «a guerra de 1908» e «a história da minha vida» superou as vendas de Amália Rodrigues.*

*Um tipo de humor nunca visto em Portugal e que esgotou bilheteiras. Foi o homem que mais fez divertir os portugueses. Ajudou a minimizar os tempos difíceis da guerra no ultramar com a rábula "É do inimigo?"*

Retiro do volume 1 de ChrónicAçores:

*Nesse ano 1969, em Maio, a "revolução" era feita mesmo em frente às câmaras. Raúl Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, com Luís Andrade na realização, criavam o "Zip-Zip". Um dos programas mais influentes da televisão portuguesa, e na história do país.*

*Nele tomei parte, colaborador da versão radiofónica "Tempo ZIP" (1970: Carlos Cruz, Zé Fialho Gouveia, José Nuno Martins, João Paulo Guerra). Uma grande coroa de glória ter colaborado regularmente naquele programa de atração e popularidade universais. Era a única e saudável voz humorística no cinzentismo marcelista.*

*Marcou-me quase tanto como os Monthy Python na minha veia sarcástica e corrosiva. Alguns dos poemas dessa época refletiam já aquele tipo de humor que o caracterizava numa época de censura pouco inteligente incapaz de abarcar o alcance do seu humor de marca.*

*Público 2009-08-08 ZIP-ZIP: Os sete meses que marcaram a televisão em Portugal (por Adelino Gomes)*

*"E agora, TV? Que monstruoso buraco vai ser o da segunda-feira?" perguntava o papa da crítica televisiva Mário Castrim, já falecido, no vespertino "Diário de Lisboa". Estávamos em 30 de dezembro de 1969. A RTP transmitira a derradeira emissão do Zip-Zip. Carlos Cruz e Fialho Gouveia, locutores da RTP, tinham abandonado o PBX, programa radiofónico de grande impacto do RCP (Rádio Clube Português), a maior emissora privada do país.*

*Amigos de Solnado, tiveram a ideia de "fazer um 'talk-show' com notícias pelo meio", recordava Fialho Gouveia. Os três (a quem se junta, Baptista Rosa, um oficial do Exército ligado à televisão) partem de uma ideia-base, o programa tem que ser diferente do que até aí se tinha feito. Resolveram fazer um programa que levasse a televisão à casa das pessoas. Carlos Cruz e Fialho encarregam José Nuno Martins, um estudante de Letras que com eles se profissionalizara no PBX, de selecionar os novos valores da música popular.*

*O primeiro Zip-Zip é gravado no Teatro Villaret a 24 de Maio, perante amigos e curiosos. Corre tudo bem. A crítica nos jornais do dia seguinte abre-se em elogios.*

*"De súbito prova-se que era possível o humor; ...que era possível a convivência da inteligência e do riso", aplaude Castrim. Os autores têm a noção de que o programa atingiu em cheio o português comum.*

*"Não sabia que havia pessoas tão importantes em Portugal", comenta um taxista, referindo-se a Almada Negreiros, figura meio vetada por razões políticas obscuras que nunca fora à televisão.*

*Uma grande entrevista, uma rábula de Raul Solnado e atuações musicais de cantores ou grupos que o público identifica com o "movimento dos baladeiros" constituem a espinha dorsal de cada programa.*

*Texto no PÚBLICO a 20 de outubro de 2002 "Raul Solnado, a vida não se perdeu"*

*Nascido em Lisboa em 1929, Solnado começou no teatro amador em 1947. Em 53 estreou-se na revista com "Viva o Luxo" e no final da década no cinema com "Sangue Toureiro" e "O Tarzan do Quinto Esquerdo".*

*Foi o ator António Silva que lhe começou a achar piada e a puxar por ele.*

*O grande sucesso surgiu em 1961, com as rábulas e, com "A Guerra de 1908", um texto espanhol adaptado por Solnado sobre um soldado que vai "bater à porta da guerra".*

*Editado em disco em 1962, torna-se um "best-seller". Portugal estava em plena guerra colonial e, mesmo falando sobre outra guerra, "o texto foi como um grito".*

*Solnado achava estranho que a censura o tivesse deixado passar.*

*" Havia nesta história de uma guerra que fechava à hora marcada um lado de "nonsense" "que em Portugal nunca se tinha ouvido.*



*Solnado regressou ao Brasil, onde tinha tido uma experiência falhada em 1958, e desta vez "Entrei pela porta grande". Em 1964 tornou-se empresário, fundando o Teatro Villaret e a fazer tudo como queria "escolhia o tecido, a cor da tinta, até à forma como se fazia a publicidade".*

*Os textos humorísticos continuavam a ser editados em disco: Chamada para Washington (1966), Cabeleireiro de Senhoras (68), e no início de 69 a compilação O Irresistível. É no filme "A Balada da Praia dos Cães" (1987) de Fonseca e Costa, que revela o seu extraordinário talento como ator dramático.*

*Em 1991 publica a biografia, "A Vida Não Se Perdeu", escrita por Leonor Xavier (sua mulher durante 15 anos).*

*Numa homenagem, em 2002, no Festival Internacional de Humor de Lisboa, Carlos Cruz agradeceu ao amigo.*

*"Não temos o direito de lhe exigir nada porque ele nos deu tudo", disse. "Cinquenta anos, Raul, não é nada. É o teu princípio".*

---

### **35. MORREU O LIVREIRO HENRIQUE PERDIGÃO, UM HOMEM QUE AMAVA AS LETRAS**

Morreu o (ex-cunhado e) livreiro Henrique Perdigão, um homem que amava as letras. JC, normalmente pouco parco com estas, opta pelo silêncio comovido e incomodado.

Como era possível?

A doença é sempre tão aleatória que parece marcar os que não merecem morrer antes de muitos que cá andam sem grande utilidade ou proveito para as gerações futuras ou para o bem-estar mundial. Incapaz de ser original e sentido, em simultâneo, decidiu usar as palavras de outros.

Henrique Fonseca Perdigão, o neto homónimo do fundador da Livraria Latina, no Porto, morreu (10/08/2009), aos 51 anos, vítima de tumor cerebral.

Com ele desaparece a terceira geração de livreiros que transformaram a loja da Rua de Santa Catarina, fundada em 1942, numa das mais prestigiadas livrarias e editoras (nos primeiros anos) portuenses.

Sob a sua gerência, o edifício foi restaurado e a loja remodelada, sem perder a matriz afetiva como lugar de tertúlia cultural, o regresso das sessões de lançamento e autógrafos de livros e a realização de exposições.

A outra paixão de Henrique Perdigão foi o basquetebol, sendo atleta e seccionista do Académico Futebol Clube.

JC diz

*Apesar da sua condição de ex-cunhado, jamais deixamos de nos comunicar ao longo de mais de trinta anos, fosse para falar da educação dos filhos, fosse para falar de literatura e de projetos que ambos acalentávamos.*

*Em 1999 estive na Fundação Eng.º António de Almeida no lançamento do meu livro “Timor-Leste o dossiê secreto 1973-1975”, o qual teve honras de estar exposto na montra principal da Latina durante uma semana.*

*Ainda há meses falara com ele para a possibilidade de lá se fazer uma apresentação da “ChrónicaÇores: uma circum-navegação vol. 1”, da próxima vez que estivesse no Porto.*

*Todos os livros mereceram sempre exposição na montra da livraria inclusive o primeiro voluminho de poesia que lançara em maio de 1972 “Crónica do Quotidiano Inútil”.*

*Perdeu-se o escaparate favorito.*

*Não se vislumbram seguidores capazes de manterem aquela Livraria independente, lugar obrigatório de paragem de todos os amantes de livros que se deslocavam à Baixa numa época em que isso era obrigatório e ainda agora em que perdeu muito do seu brilho de outrora.*

*Infelizmente não se vê sucessão para aquela Livraria pois nenhum dos seus sobrinhos (e filhos de JC) mostrou interesse na área, e os filhos do Henrique e outros tíos e sobrinhos não têm idade nem vocação para arcar com tão grandiosa tarefa.*

*Há momentos relevantes da vida que partilhara com o pai Mário Perdigão e com o filho Henrique, e ora vai restar apenas a memória desses instantes,*

25 fev. 2007, Jornal de Notícias

[http://jn.sapo.pt/2007/02/25/cultura/multidao\\_quis\\_vero\\_senhor\\_professor.html](http://jn.sapo.pt/2007/02/25/cultura/multidao_quis_vero_senhor_professor.html)

"Multidão quis ver o 'senhor professor' por Sérgio Almeida

*A popularidade e a proverbial resistência física de José Hermano Saraiva conheceram novos flagrantes exemplos.*

*Ao longo de quatro horas, o mediático historiador transformou uma pacata sessão de autógrafos na Livraria Latina, numa manifestação de carinho que qualquer Nobel, por certo, não desdenharia.*

*«É uma comoção extraordinária. Já perdi a conta ao número de exemplares que assinei», confessou o comunicador, de 87 anos.*

*A sessão teve um significado simbólico adicional.*

*Em 1943, com o curso de História terminado há pouco, venceu o primeiro concurso de contos promovido pela Latina, graças ao livro "Este vento vindo dos montes", baseado nas cartas apaixonadas escritas àquela que viria a ser a sua mulher. Com os três mil escudos ganhos, pôde reunir algum dinheiro que o ajudou "a casar e a mobilar a casa".*

*«Não é bem um regresso, porque, sempre que venho ao Porto faço questão de cá vir, pois sinto-me em casa», sublinhou.*

*H. Perdígão, não ficou surpreendido com a recetividade, porque «é uma figura com um perfil único».*

*A emblemática livraria está a comemorar os 65 anos e, até fim do ano, vai levar por diante um calendário cultural intenso, com mostras e debates em destaque.*

Disse Carlos Romão, 24/11/2006 no blogue "Cidade Surpreendente"

"A livraria que tem Camões como patrono

*Segundo uma crónica de Germano Silva, publicada no Jornal de Notícias (2004), Luís Vaz de Camões nunca terá passado pelo Porto.*

*Era homem de outros percursos, doutras paragens semeadas de aventuras que aqui não encontraria. A cidade, deu-lhe o nome a uma rua, um busto desgrehado, virado ao vento sul na Avenida Brasil, e comemora-o no cunhal da Livraria Latina, casa de letras que o assumiu como patrono.*

*O Camões da Latina, que já vimos, despeitado, a meter conversa com a figura feminina que se encontra na esquina oposta, é, de um dos pintores que melhor retratou o Porto, o aguarelista e escultor António Cruz.*

*Deve-se a Henrique Perdígão, fundador da Latina em 1942, a substituição de Mercúrio pela do nosso maior poeta.*

*Henrique Perdígão era um literato, decidido, inovador, pleno de iniciativa, que dedicou vinte anos da sua vida à elaboração do Dicionário Universal de Literatura, obra prestigiada tanto em Portugal como no Brasil, onde ficou conhecido como Dicionário Perdígão.*

*Para comemorar a inauguração, Henrique Perdígão organizou um concurso literário, o primeiro em Portugal. Abria, de forma inédita, as edições da Coleção Latina que, em menos de três anos, poriam nos escaparates das livrarias quarenta novas obras de autores como António Botto, Teixeira de Pascoaes e João Gaspar Simões, e outros.*

*Henrique Perdígão considerava a Latina «mais moderna organização livreira e editorial do país.» Ali podiam encontrar-se «livros de tudo e para todos, sobre Letras, Filosofia, Artes e Ciências e ainda tratados de Medicina, Cirurgia, Engenharia, Direito, indústrias têxteis metalúrgicas e elétricas, contabilidade comercial, etc.»*

*Vendia, por baixo de mão e com risco não despreciando, livros políticos proibidos pelo regime de Salazar, de autores como Jorge Amado, Raul Rego, Henrique Galvão, Cunha*

*Leal e pasme-se...duas obras de Aquilino Ribeiro, "Quando os Lobos Uivam" e "Príncipes de Portugal".*

*A ele se deve a iniciativa da primeira página literária nos jornais do Porto, publicada em O Primeiro de Janeiro sob a direção do jornalista Jaime Brasil.*

*Mais tarde, O Comércio do Porto e o Jornal de Notícias seguir-lhe-iam as pisadas.*

*Morreria prematuramente, em 1944 no Brasil. Sucedeu-lhe o filho, Mário Perdigão, que manteve a Latina no roteiro bibliográfico portuense durante 53 anos.*

*Uma das características da livraria era o enorme pé-direito, com livros até ao teto, que, fazia a delícia dos turistas.*

Dizia José Carlos Pereira 14 novembro 2005 no blogue "Incursoes" em

[http://incursoes.blogspot.com/2005\\_11\\_01\\_incursoes\\_archive.html](http://incursoes.blogspot.com/2005_11_01_incursoes_archive.html)

*Um novo conceito de livraria já entrou em Portugal a proporcionar tempo de fruição descontraído. A livraria que, encimando o seu frontispício com um busto de Camões, lembra a saga heroica dos latinos.*

*A remodelação imprimiu a ideia de um espaço para, tranquilamente, poder saborear o prazer de folhear e consultar livros. Vai disponibilizar café durante o tempo em que se frui o prazer de "ver" um livro.*

*Num tempo em que as livrarias estão ameaçadas pelos supermercados, a Latina resistiu à tendência e prestou um serviço à cultura. O novo espaço, que conjuga a leveza e a elegância permitidas pela madeira e o aço, mantém a emblemática parede, agora acessível, pejada de livros. A livraria duplicou os títulos e aumentou a aposta nos livros temáticos."*

---

### **36. QUEM ERA O MITOLÓGICO PRESTES JOÃO?**

Um ano se passou (Dez.º 2006) e pouco ou nada verdadeiramente importante ou vital, mudou. Num país de sebastianistas e de sonhadores convém visitar páginas da História. Pode ser que, inspirados, nos fastos do passado tenham o engenho e a arte de arribar a novos mundos e plagas. Visite-se uma figura imaginária que encheu de sonhos muitas gerações. A Abissínia é a Terra Prometida do Prestes João, suposto rei católico de pele tsnada que viveria numa zona alegadamente território da Rainha do Sabá. Tratou-se de um cristão lendário, patriarca e rei, correspondendo, ao Imperador da Etiópia. "Preste" é uma corruptela do francês *Prêtre*, padre. Teria sido um homem virtuoso e um governante generoso do reino cristão monofisista da Abissínia e dos cristãos nestorianos da Ásia Central. Outras lendas afirmam descender de Baltasar, um dos Reis Magos. Dilatava-se a fantasia em redor do seu reino:

monstros vários (entre os quais os homens com cabeça de cão) e paisagens de Éden. O Inferno e o Paraíso num só território.

As primeiras notícias chegaram à Europa em 1145, quando Hugo de Gebel, Bispo numa colónia do Líbano, informou o Papa sobre um reino cristão "para lá da Pérsia e da Arménia", governado por um rei-sacerdote, João, o Presbítero, descendente dos Reis Magos. À data das primeiras notícias, uma tribo turco mongólica, Kara Kitai, chefiada por Ye-liu Ta-che conquistou Samarcanda (1137) numa vitória sobre o sultão seljúcida do Irão Ocidental (1141). Reza a tradição que Ye-liu usava o título de Gur-Khan, em árabe Yuhanan, latinizado para Iohannes. É plausível, que o nome tenha aqui a sua origem. Outra teoria cita que João deriva de Zan-hoy (Meu Senhor), tratamento dado ao imperador da Etiópia.

As notícias do Preste João chegavam à Europa por embaixadores, peregrinos e mercadores, sendo confirmadas pelo infante D. Pedro, que viajara "pelas sete partidas do mundo", e pelo seu inimigo D. Afonso, conde de Barcelos, que peregrinara à Terra Santa. Jorge Manuel Moreira Silva, Primeiro-Tenente escreveu à época: *"O Prestes João teria derrotado os reis dos Medos e dos Persas e avançado com o exército, em auxílio a Jerusalém, ameaçada pelos muçulmanos"*. Em 1487, D. João II envia Afonso de Paiva para investigar o mítico reino e torná-lo aliado na expedição planeada para a Índia. Pêro da Covilhã iria completar a missão. Os relatos a Francisco Álvares permitiram saber muito da história que descreve no seu livro. A notícia causou *entusiasmo na corte papal e nos líderes europeus que, sabendo da queda de Edessa (hoje Şanlıurfa na Turquia) face aos mouros, se preparavam para socorrer os reinos cristãos no Oriente, com a 2ª Cruzada. A expedição acabou num rotundo fracasso e não se ouviu falar no misterioso monarca. A lenda foi acalentada por dois grandes grupos cristãos primitivos, isolados do Ocidente e jamais submetidos à autoridade papal: os coptas, na Abissínia cristianizada desde o século IV, e os nestorianos na Ásia, atingindo zonas da Índia. São os famosos "cristãos de S. Tomé", do Malabar, cujas comunidades teriam sido fundadas por aquele apóstolo. Em todas estas regiões o lendário rei foi procurado, tendo sido encontrado um pouco em todas.*

O mito surgiu quando a Europa se encontrava sitiada desde a Ásia Menor ao Norte de África. Parte da Península Ibérica servia de "ponta de lança" a um avanço dos "infiéis". Era ansiado um aliado que atacasse o inimigo pela retaguarda e aliviasse a pressão. Sendo infrutíferas as buscas do Prestes pela Ásia, as atenções da Europa voltaram-se para a África, mais concretamente para a Abissínia (a "Média Índia"). Evangelizada no século IV, manteve-se cristã mesmo após as invasões árabes no século VII, embora isolada do mundo cristão ocidental.



AS TRÊS LOCALIZAÇÕES DO REINO DO PRESTES JOÃO.

Em 1165, chegou às mãos do Papa e dos imperadores Manuel Comneno (Constantinopla) e Frederico Barba-Ruiva (Alemanha), os três maiores governantes da cristandade, uma carta dirigida aos imperadores romanos do Ocidente e do Oriente, remetida por "João, Presbítero, pela Omnipotência Divina e pelo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor dos Senhores" que se proclamava "Senhor das Três Índias". No conceito medieval, estas subdividiam-se em Próxima Índia, Extrema Índia e Média Índia, ou seja, o Norte e Sul do subcontinente indiano e a Etiópia.

*O soberano vangloriava-se de ser "superior em virtude, riquezas e poder a todos os que caminham sob os Céus", habitando um palácio de ébano e cristal com teto de pedras preciosas e colunas de ouro, servido por reis e bispos. Os seus guerreiros percorriam os céus cavalgando dragões selados e uma fonte da juventude estava acessível a todos os seus súbditos, contando o rei 562 provectoros anos. O reino era povoado por "homens com cornos, homens com um só olho, homens com olhos à frente e atrás, centauros, faunos, sátiros, pigmeus, gigantes de 40 côvados de altura, ciclopes machos e fêmeas, o pássaro chamado Fénix e quase todas as espécies de animais sob o Sol".*

A pretensa carta do Prestes, em 1165, tratava-se de uma mistificação, de carácter extremamente fantasioso, que abusava do pensamento e credulidade do homem medieval. Não se sabe se foi um embuste para erguer o moral cristão, mas alargava a localização do mítico rei-sacerdote, às "Três Índias". Foi à Abissínia que Mestre Filipe se dirigiu, em 1177 com a resposta do Papa. Em 1177 o papa Alexandre III enviou, pelo seu médico, Mestre Filipe, resposta à suposta carta do Prestes, em que respeitosamente lhe reprovava a jactância e o convidava a reconhecer no papa de Roma o único e legítimo sucessor do apóstolo Pedro. O médico partiu para o Oriente, mas nunca regressou. Em 1221, o bispo de Acre escreveu ao Papa acerca de um possível descendente, o rei David, da Índia. Era chamado pelo povo Prestes João, e combatia poderosos exércitos muçulmanos.



PRESTES JOÃO no ATLAS CATALÃO 1376

*Se abriam as cortinas e subitamente vimos o Preste João, ricamente adornado sobre uma plataforma de seis degraus. Tinha em sua cabeça uma grande coroa de ouro e prata. À sua direita, um pajem apoiava uma cruz de prata bordada em forma de pétalas (...)*

*O Preste João usava um belo vestido de seda com bordados de ouro e prata e uma camisa de seda com mangas largas. Era uma bela vestimenta, semelhante a uma batina de um bispo, e ia de seus joelhos até o chão (...). Sua postura e seus modos são inteiramente dignos do poderoso personagem que é. (Francisco Alves, embaixador português na Etiópia, século XVI)*

*Se não era o Prestes João, só poderia ser alguém com uma grandeza equivalente! E era, de facto. Embora tenha existido um rei georgiano chamado David que infligiu uma severa derrota a um numeroso exército muçulmano, as tropas que se aproximavam vindas do Oriente eram conduzidas por outro grande inimigo do Islão, Gêngis Khan, o conquistador mongol cujos domínios acabariam por se estender até às franjas da Europa. Durante as suas viagens (1271-1295), Marco Polo viria a identificar os tártaros como o povo do Prestes João, em franca decadência, pois as reminiscências do seu antigo esplendor eram ofuscadas pela corte de Kublai Khan, a quem prestavam vassalagem.*

Segundo a lenda, forjada para convencer os súbditos da nobreza da sua linhagem, os imperadores da dinastia que se estabeleceu a partir de 1270 eram descendentes do rei Salomão e da rainha de Sabá. A Sabá bíblica situar-se-ia no lémen, do outro lado do Mar Vermelho e usava o título de Leão de Judá. É possível que, na Europa, esta lenda fosse distorcida e a salomónica ascendência transferida para um dos reis magos, adaptando-se à mítica origem do Prestes. O longo isolamento da Abissínia até se libertar do domínio muçulmano, no séc. XIII, terá alimentado fantasias sobre o país misterioso nos confins do mundo conhecido. Houve contactos entre peregrinos europeus e etíopes, que os árabes ocasionalmente autorizavam a deslocar-se à Terra Santa. A primeira embaixada oficial, do papa João XXII, chegaria em 1316.

A partir do sec. XIV, chegaram relatos fascinantes sobre a região, com basílicas chapeadas a ouro e o túmulo do apóstolo Tomé, tradicionalmente localizado em Meliapor, Índia, é assinalado na região correspondente à "Média Índia".

A cartografia medieval era incapaz de representar o Mundo como um todo, recorrendo a justaposições de levantamentos parciais grosseiramente distorcidos devido a imprecisões de distância e direção. Era frequente o engano quanto a pontos cardeais. Ambas ficavam "para as bandas do Oriente", onde se situava o paraíso terreal, e era necessário atravessar um "grande deserto arenoso", fosse ele o Saara, o Árábico, o Negueve ou as grandes estepes asiáticas.

*A Abissínia foi sempre uma grande potência na África subsaariana desde o início da História. Um enorme contingente de judeus emigrados existiu ali desde o sec. VIII AC, depois de atravessar o Egito ou o Mar Vermelho vindo da península Arábica.*

A cristandade desceu até à Abissínia no sec. IV e a Igreja Etíope ficou sob o domínio e autoridade da Igreja Copta do Egito com um Prelado nomeado pelo Patriarca do Cairo.

*O cristianismo viria a tornar-se na principal religião. O avanço islâmico nos séculos VII e VIII, isolara a Etiópia da Cristandade. As Legiões do Profeta estenderam-se ao Egito e à Núbia (atual Sudão), Mar Vermelho e “Corno” de África, mas a escalada muçulmana esbarrou contra as altas montanhas Abissínicas antes de retroceder.*

*Os etíopes são inimigos dos árabes, portanto, amigos da Cristandade e a Etiópia já possuía um santo católico: Lalibela, da dinastia Zagwé, rei piedoso que fundou inúmeras igrejas e mosteiros (Ki-Zerbo, s/d: p. 153).*

Antes do mito passar da Ásia para a África, é necessário mostrar por que mudou geograficamente de posição. Consideramos o testemunho de Marco Polo essencial para delimitar esse marco. É ele que confirma a existência de Preste João na Ásia. Chegando a Karakorum, “*cidade de três milhas de circunferência*” na planície de Tangut, Polo relata que o povo que vivia nessa região, “*os tártaros, não tinham rei, mas pagavam tributo a um senhor (Cã). Era este o Prestes João, de quem falavam todos, no grande Império. Os tártaros davam-lhe uma renda de dez cabeças de gado (o dízimo). Mas o povo multiplicou-se, e, quando isto viu, o Prestes João decidiu dividi-lo por várias regiões, e enviar, para governá-las, alguns dos seus barões.*” (Marco Polo *O Livro das Maravilhas*, p. 92). Os tártaros recusaram-se a obedecer às suas determinações; declararam-se revoltados, emigraram “para outro deserto” e elegeram o seu próprio rei, Gêngis Khan. Quando se sentiu suficientemente fortalecido, Gêngis enviou emissários a Preste João, pedindo-lhe a sua filha como mulher. Este, ofendido, expulsou os mensageiros, dizendo-lhes: “*Dizei ao vosso povo que o condeno à morte por ser traidor e desleal, e por ter a audácia de pedir a filha do seu senhor para mulher, e que eu o farei morrer de morte afrontosa*” (Marco Polo *O Livro das Maravilhas*, p. 93). Preste João considerava Gêngis Khan um vassalo e, portanto, indigno de ser seu genro. Gêngis organizou um exército para o combate “*na grande planície chamada Tangut, que pertencia ao Prestes João, e ali aparelhou os seus cavalos, e eram tantos os homens que não podiam contá-los*” (Marco Polo *O Livro das Maravilhas*, p. 94).

*“Após uma consulta astrológica com dois cristãos, onde Gêngis Khan soube de sua vitória, deu-se o combate. Durante dois dias, as duas hostes inimigas bateram-se duramente. Foi a batalha maior e mais encarniçada que jamais viu o género humano. Houve grandes perdas,*



*duma parte e doutra, mas afinal venceu Gêngis Khan esta batalha, na qual morreu Prestes João (...). Conteí-vos como os tártaros elegeram o seu primeiro grão-senhor e como venceram Prestes João.” (Marco Polo O Livro das Maravilhas, p. 95).*

Sem dor, sem lamentação, Polo narrou a morte do mito, esperança última da Cristandade na luta contra o Islão. Polo é um homem novo num tempo ainda antigo. O mito faz parte do passado, é intransigente e unilateral. Polo representa a multiplicidade. É veneziano... Quando “mata” o mito, está a contribuir para a transposição geográfica. As pessoas desejavam que Preste João existisse. A Europa era pressionada pelo Islão. Preste João era a esperança da abertura de uma segunda frente. Por isso a sua transferência geográfica para a África.



ILUMINURA DO WAPPENBUCH DE CONRAD GRÜNENBERG (CONSTANCE, 1480).  
MÜNCHEN, BAYERISCHE STAATSBIBLIOTHEK, CGM, 145, P. 53).

Ao terminar a era medieval os marinheiros portugueses navegavam por África e pelo Oceano Indico, em busca do fabuloso reino cristão de Prestes João. Ao descobrirem os cristãos etíopes, pensaram que tinham encontrado o que buscavam. Na época, os etíopes estavam sob a constante ameaça das Legiões do Profeta comandadas pelo Sultão do Império Otomano. Pediram o auxílio dos Portugueses que, aliados a europeus e africanos, tomaram parte num grande confronto em 1542. Foram derrotados pelas forças turcas. Em 1543 venceram uma batalha decisiva e os turcos bateram em retirada. Os abissínios praticavam uma forma estranha e aberrante de cristianismo que os portugueses pretendiam corrigir e trazer de volta à autoridade papal em Roma. Contudo, os etíopes não estavam interessados. As relações deterioraram-se. Os missionários jesuítas permaneceram mais algum tempo, primeiramente tolerados, depois indesejados e finalmente expulsos.

A Etiópia permaneceu isolada do mundo cristão até à chegada das forças coloniais europeias no final do sec. XIX. Franceses, italianos e britânicos tentaram colonizar o país sem o conseguirem. Os ingleses invadiram e derrotaram a Abissínia (1868) *sem conseguirem ocupá-la. Os italianos lutaram contra os etíopes em Adowa (1896) mas foram derrotados por um exército nativo com equipamento bélico francês. Mussolini viria a vingá-lo quando invadiu, ocupou e anexou a Etiópia em 1936. Este período, até 1941, foi o único em que esteve sob o*

*jugo estrangeiro. O comunismo foi implantado em 1974 quando o Imperador Hailé Selassié foi derrubado por uma ditadura marxista. Durante dezassete anos de comunismo a economia etíope foi destruída, devastada pela fome e os conflitos alastraram à Eritreia e Somália. A igreja sofreu perseguições sem conta durante o regime comunista, o Patriarca foi assassinado em 1974, mas recuperou com a criação dum governo representativo (1991). Hoje a Etiópia é predominantemente cristã.*

Acreditar no Prestes João foi, para o homem dos séculos XII-XV, a esperança da cruzada, um motivo para permanecer lutando, reconquistando. É esse espírito belicoso que insiste em renascer, mesmo com todo o racionalismo que cresce, século após século. É parte de nós.

*A queda de Edessa na Palestina (1144), após um cerco de vinte e oito dias por Imad ed-Din Zengi, general do sultão Mahmud, foi o principal motivo da pregação da 2ª Cruzada na Europa. O banho de sangue após a conquista causou comoção nos líderes europeus.*

Hugo, bispo de Jabala, foi enviado como embaixador do reino de Jerusalém e do principado de Antioquia ao papa Eugénio III (Pisano, 1145-1153) em Viterbo. Em Viterbo também se encontrava Oto Babenberger, alemão, bispo de Freising e tio de Frederico I Barba-Ruiva, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1152-1190). Oto estava na cúria papal para notificar o papa sobre um potentado cristão na Ásia, na fronteira com a Pérsia, então numa guerra vitoriosa contra o mundo árabe (Runciman, 1973: p. 229). O rei deste reino maravilhoso, que triunfava numa segunda frente de batalha contra o Islão num momento em que todos fracassavam, chamava-se Preste (padre) João. Um aliado, herético, mas cristão, vencendo noutra frente de batalha, minando o inimigo, o “outro”, alimentando as esperanças de uma vitória final da verdadeira fé. O seu exército era imenso: a sua carta, afirma que a milícia levava “*treze grandes e altas cruzes, feitas de ouro e de pedras preciosas (...) e a cada uma delas seguem dez mil soldados e cem mil peões armados*” (Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, 1998: p. 82). Com este exército, Preste João teria conquistado Ectabana, capital persa, dirigindo-se para o norte. Foi dessa forma que o mito de Preste João “entrou” na História, ou seja, pelas mãos de Oto de Freising. O bispo foi mais além: já na corte de Frederico I Barba-Ruiva, provavelmente falsificou uma carta do Prestes João ao imperador bizantino Manuel I Comneno (1143-1180), ao papa e ao próprio Frederico I Barba-Ruiva. A notícia dessa suposta carta que contava as maravilhas do reino de Preste João espalhou-se pela Europa. Até ao século XV foram feitas várias traduções e cópias. As diferentes versões descrevem as maravilhas do seu reino. As joias corriam nos rios, o palácio do Preste João abrigava 30.000 pessoas à mesa, todos os dias “*...não contando com os forasteiros que chegam ou partem. E todos eles recebem em cada dia, da nossa câmara, ajudas de custo quer em cavalos quer em outras espécies*” (Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, 1998: p. 82).

*O Preste João tinha um aspeto jovem, “apesar de ter então 562 anos de idade” (Franco JR., 1992: p. 39-40), porque se banhava na própria Fonte da Juventude. A carta situa a Fonte num bosque, no sopé do monte Olimpo, não muito longe do Paraíso “de onde Adão foi expulso”: “Se alguém beber em jejum três vezes dessa fonte, a partir desse dia nunca mais sofrerá de qualquer doença e será sempre, enquanto viver, como se tivesse trinta e dois anos de idade” (Carta do Preste João das Índias, p. 64-66).*

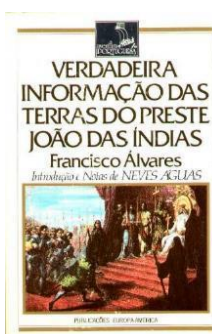
*Quando atingiam os cem anos de idade, os homens rejuvenesciam bebendo da água da Fonte, até completarem 500 anos, quando morrem, e, por tradição, são enterrados juntos de árvores que possuem folhas que nunca caem e são duríssimas. “A sombra dessas folhas é agradabilíssima e os frutos dessas árvores de suavíssimo odor” (Carta do Preste João das Índias, p. 68).*

*No seu reino estava também a Árvore da Vida, que fazia fronteira com o Paraíso, a apenas um dia de distância. “Porém ela era guardada por uma serpente duas vezes maior que um cavalo, tendo ainda nove cabeças e duas asas. Vigilante o tempo todo, ela dormia apenas no dia de São João Batista, quando se podia recolher o bálsamo que a árvore produz e do qual se faz o crisma, o óleo sagrado” (Franco JR., 1992: p. 39-40).*

*Neste reino maravilhoso não havia corrupção, guerras ou violência, o mal inexistia: “Entre nós não existem pobres. Não existe nem roubo nem rapina, nem o adulador ou o avaro têm lugar aqui. Os nossos homens abundam em todas as riquezas.” (Carta do Preste João das Índias, p. 76).*



OS TURCOS CONQUISTAM CONSTANTINOPLA.



OS PRIMEIROS CONTACTOS DOS PORTUGUESES COM O REINO DO PRESTES JOÃO

Preste João proclamava-se imperador de 72 reis na Ásia, o número 72 era uma analogia a Isidoro de Sevilha: “*De facto, segundo a autoridade de Isidoro de Sevilha, o mundo é formado*

por 72 povos (44: IX, 2, 2), e Preste João afirma na sua carta governar 72 províncias, cada uma delas tendo um rei que lhe é tributário (Franco JR., 1992: p. 39-40): “*Setenta e dois reis são nossos tributários (...) Setenta e duas províncias nos prestam vassalagem*” (Carta do Preste João das Índias, p. 54).

Mas qual o interesse do bispo Oto de Freising para divulgar um rei lendário, um reino fantástico e falsificar a carta? Em primeiro lugar, as lutas internas no Império entre *guelfos* e *gibelinos*. Outra questão importante era a disputa entre Frederico e o papa Alexandre III (poder temporal vs espiritual) cujas origens assentavam na *Questão das Investiduras* – crise que assolou as relações entre o Império e o Papado, e, entre a Igreja e as Monarquias europeias de um modo geral, no período de 1075 a 1122.

Todas estas questões faziam do mito de Preste João um importante instrumento político nas mãos de Frederico (Franco JR., 1994) que como imperador, detinha o título de rei da Lombardia e enviara um *podestàs*, representante imperial, para governar em seu nome. O papa Alexandre III, com receio pelos direitos temporais do papado, excomungou-o (1160). Em Legnano (1176), reconcilia-se com o papa e assina um tratado restituindo o governo próprio das cidades italianas (*Tratado de Constança*, de 1183). Os Magos são o “Cristo tripartido”. Nessa “*genealogia mitificada e idealizada*” da tradição oriental, eles são associados a Preste João, que assim descenderia do próprio Cristo (Franco JR., 1994). Frederico insere-se nessa tradição mitológica que vai de Cristo a Preste João, passando pelos três Reis Magos. A sua ligação é de reconhecimento, diplomático, real e imperial. Preste João escreve para ele, para o imperador bizantino e para o papa.

Frederico, através de seu tio Oto de Freising, traz o mito para si, como força espiritual na sua luta por um império à frente dos demais reinos da Europa. Assim, colocava-se na condição de maior representante da Cristandade, único digno de trocar correspondência com o descendente direto de Cristo. Estava dessa maneira acima de Alexandre III ou de qualquer outro que estivesse no cargo de Sumo Pontífice. Frederico também se cercou de provas materiais. Aquando da tomada de Milão, o imperador apossou-se das relíquias dos reis magos, que se encontravam na cidade. Transferiu-as para Colônia, cidade alemã que também possuía muitas relíquias (Franco JR., 1994).

Foi nesse contexto político que “surgiu” historicamente Preste João. A Europa recebeu-o de braços abertos; em pouquíssimo tempo o mito ultrapassou a corte germânica para assumir as mais variadas texturas, até se deslocar para a África.

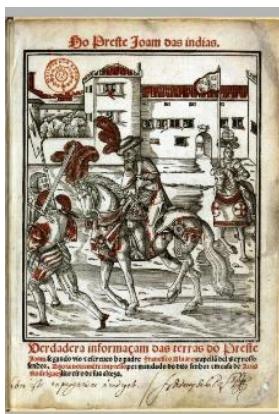
### 37. PONTES PORTUGUESAS E A ARQUITETURA DE PEDRA NA ETIÓPIA

Uma profecia etíope declarava uma nova era para o Cristianismo quando um rei justo estabelecesse a corte num local cujo nome começasse pela letra G. Antes, houve reis que construíram castelos em Gorgora, Gomangué, Guzara e Gânâtâ léssusse. Segundo a lenda da fundação de Gondar pelo rei Fasiladas, o conceito de acampamento real e a vida urbana alteraram-se com a substituição de tendas semi-itinerantes por castelos em pedra e argamassa. Os primeiros castelos em pedra, Dambiá e Gôdjame, foram construídos após o estabelecimento da comunidade portuguesa (1543) e a ocupação da costa da Eritreia pelas forças turcas (1557). As residências reais seguem parâmetros arquitetónicos idênticos. Castelos quadrados, em pedra ou argamassa com cisternas contíguas, rodeados por construções circulares encimadas por torres cilíndricas. É provável que a arquitetura defensiva portuguesa e turca tenham tido especial influência na arquitetura etíope. A torre central do castelo de Fasiladas (meados do séc. XVII) evoca anacronicamente as torres telescópicas da arquitetura portuguesa do início do século XVI.

Há outra influência em Âzâzô que sugere os pavilhões de lazer indianos. As condutas carreavam a água até ao telhado, descendo em ecrã pelas paredes, refrescando o pavilhão. O desenho das igrejas e residências católicas do séc. XVII está intimamente associado à presença de missionários jesuítas de Goa e Diu, com influências e técnicas etíopes, turcas, indianas e portuguesas. Os jesuítas recorriam a dois tipos de planta:

- *O modelo da igreja-salão (Gorgora Nova e Âzâzô), responde a um conceito congregacional da comunidade religiosa;*

- *A igreja cruciforme latina, com o espaço interior organizado de acordo com regras estritas codificadas no Concílio de Trento e iluminado por grandes janelas. A catedral de Dancaze segue o mesmo projeto que a igreja de Jesus em Roma, do arquiteto Vignola. A planta favorece a decoração das paredes interiores e arcos, tal como em Mertula Mariame.*



PÁGINA DE ROSTO DA 1ª EDIÇÃO DA VERDADEIRA INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO, FRANCISCO ÁLVARES.

Não é só nas igrejas que resta a herança arquitetónica portuguesa na Etiópia e que raramente se menciona. Uma secular ponte portuguesa na Etiópia foi recentemente reconstruída. A dita Ponte com 295 anos tinha sido seriamente danificada durante a II Guerra Mundial e era uma das quatro que atravessavam o Nilo. Durante 65 anos gozaram-se todos os esforços de reconstrução. Só se atravessava por uma corda suspensa, entre a província de Gojam e a de Gondar. Perdiam-se cinco vidas, em média, por ano.



Inspirado pela fotografia de um homem naquela perigosa travessia, Ken Frantz, um rotário criou “Pontes para a Prosperidade.” Como dono de uma empresa de construção, usou a sua experiência para ajudar os 375 mil habitantes dos dois lados da Ponte Portuguesa. Com o apoio financeiro dos Rotários americanos iniciou uma empreitada bem mais difícil do que esperava. O vão da ponte tinha um quilómetro de extensão e distava 40 km da cidade mais próxima. Foram necessárias 12 toneladas de aço, cimento e equipamento para a obra. Foi tudo transportado no lombo de mais de 350 burros. Durante duas semanas, (fev. 2002), os voluntários e 250 nativos conseguiram reparar a ponte. Todo o trabalho foi executado à mão. A maior ferramenta usada foi um martelo de pedra. Mais de mil residentes e autoridades estiveram presentes na cerimónia de reinauguração da ponte.





Outra das três pontes portuguesas fica em Debre Libanos, 100 km a norte de Adis-Abeba. Foi construída no séc. XVI ou XVII sendo usados ovos de avestruz na construção, segundo garantem os guias locais.



[HTTP://THUMBS.DREAMSTIME.COM/X/PONTE-PORTUGUESA-50747823.JPG](http://thumbs.dreamstime.com/x/ponte-portuguesa-50747823.jpg)

Fica em frente à grande garganta de Jemma, sobre um tributário do Nilo Azul, perto do mosteiro ortodoxo de Debre Libanos (Monte Líbano), construído no sec. XIII por Tekle Haimanot, um santo etíope. Foi bombardeada pelos Italianos durante a ocupação da Etiópia (1935-1941). É um dos maiores centros de espiritualidade do país.



Outra ponte lusitana fica sobre o Nilo Azul, os Etíopes chamam-lhe Abbay e fica a cerca de 35 km de Bahar Dar e 400 km a norte de Adis-Abeba. Data do séc. XVII e localiza-se perto da cascata de Tississat, literalmente «a água que fumeja», que forma uma cortina de 400 metros

de comprido e 35 de altura. Esta maravilha da natureza ficou seriamente comprometida com a recente construção de uma hidroelétrica pelos chineses (2008) que, insensíveis a obras de arte ocidental, simplesmente desviaram o rio para alimentar a nova central. O preço do progresso...



---

### 38. OS PORTUGUESES E O PRESTES JOÃO

Embora não faça referência direta à figura do rei-sacerdote, Gomes Eanes de Zurara refere, na Crónica da Guiné, que um dos objetivos que nortearam a exploração portuguesa da costa africana foi o de procurar reinos cristãos naquele continente. É provável que, durante a sua infância, o Infante D. Henrique tivesse escutado narrativas sobre o reino do Prestes João. A localização na Abissínia era já a conceção dominante. Tais narrativas foram posteriormente reavivadas, pela conquista de Ceuta (1415), e relatos de mercadores e prisioneiros mouros, falando de grandes reinos negros a Sul do Grande deserto.

Devido à riqueza da costa ocidental africana e às teorias da época, que consideravam a África menos extensa em longitude, criou-se a conjectura de atingir o reino do Prestes. Assim, os navios portugueses poderiam subir os rios africanos e navegarem diretamente para a Índia. Isto tinha em mente D. João II quando enviou Diogo Cão à foz do Congo em 1482. O navegador encontrou, rio acima, indígenas permeáveis à fé cristã, governados por um poderoso rei que residia numa cidade real para o interior navegando ao longo do rio. Ao navegar mais para sul, Diogo Cão pensou atingir o extremo meridional de África. Um erro que lhe valeria cair em desgraça.

Durante as suas viagens, João Afonso de Aveiro regressou de Benim, onde estabelecera uma feitoria comercial e encontrara pimenta de boa qualidade. Relatou que *"a vinte meses de jornada a partir da costa vive um rei venerado pela sua gente de maneira igual à do Papa"*. Seria um percurso de 1800 km diretamente ao reino da Abissínia. Mas D. João II pretendia saber mais acerca do poderio do rei-presbítero e sobre a Índia. Queria saber se o mar da Índia era rodeado



de terra, como julgava Ptolomeu, ou ligado ao Atlântico. Ambicionava saber onde terminava a África. Enviou "espiões" como Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã (1490). De Adén, no Iémen, partiu Paiva, para visitar o Prestes João, enquanto Pêro da Covilhã seguiu para a Índia. Visitou Cananor, Calecute e Goa. Considerando cumprida a missão regressou ao Cairo onde tinham combinado encontrar-se. Ali soube, por mensageiros do rei, que Afonso de Paiva morrera antes de atingir o objetivo.

Era agora sua a missão de visitar o Prestes na Abissínia. Chegando aquele reino em 1493. Pêro da Covilhã, tal como sucedera com vários emissários europeus, ficou detido pelo *Negus* (o soberano), sendo impedido de enviar relatórios. Dir-se-ia que o Prestes João temia que se soubesse que o reino não era tão esplendoroso como se especulava. Foi cumulado de honrarias e gozou de uma grande influência na corte abissínia, tendo sido encontrado vivo pela primeira embaixada oficial portuguesa a chegar àquele território, em 1520.

Entretanto, o caminho marítimo para a Índia era finalmente descoberto por Vasco da Gama. Numa escala em Melinde, na costa oriental africana, os portugueses foram bem recebidos pelo sultão local de porte imponente. Quando os indígenas se inclinaram e rezaram perante um altar num navio, os marinheiros imaginaram-nos como cristãos. Os indígenas devem ter julgado que os portugueses eram hindus. Vasco da Gama foi saudado com os gritos "Krishna! Krishna!", que deve ter soado como "Cristo!". Sinais da existência do Prestes João mais para Sul? Seria o rei de Melinde um vassalo do rei-sacerdote?

As especulações viriam a terminar em 1520. Uma embaixada liderada por D. Rodrigo de Lima, com o Padre Francisco Álvares como cronista, chegou à corte Etíope. Era o fim da lenda e o início das relações diplomáticas com aquele país, sempre acompanhadas de uma forte ação missionária destinada a trazer aquele povo de volta ao seio do catolicismo. Pouco depois, com o ataque somali de Ahmad Al-Ghazi, aliado aos turcos, o *Negus* solicitava auxílio militar aos portugueses. Este foi prontamente prestado por D. Estêvão da Gama, filho de Vasco da Gama e governador da Índia. Ao contrário do esperado pelos monarcas europeus, era a vez do Prestes João pedir ajuda ao mundo ocidental.

No tempo do rei Lebna Denguel (Incenso da Virgem) (1508-1540) (Ki-Zerbo, s/d: p. 57), a regente Helena, princesa muçulmana convertida, mandou um mensageiro a Portugal, Mateo, o Arménio, durante as escaramuças do reino etíope com as potências islâmicas da costa. Uma embaixada portuguesa foi enviada em 1520. Os portugueses foram acolhidos sem entusiasmo, pois o rei teria ficado dececionado com os magros presentes. Quando lhe mostraram num mapa o pequeno Portugal em comparação com o seu reino (cuja extensão era exagerada por causa das técnicas de representação cartográfica), Lebna Denguel encheu-se de orgulho. Aceitou ceder Massawa como base naval a Portugal e prometeu aliança contra os Muçulmanos, pedindo

artesãos e médicos (Ki-Zerbo, s/d: p. 57). Na embaixada portuguesa encontrava-se Francisco Alves, padre e capelão. Devemos-lhe a primeira descrição do Preste João. Ele foi o primeiro cristão a "ver", e, por conseguinte, "matar" o mito:

*Se abriram as cortinas e subitamente vimos o Preste João, ricamente adornado sobre uma plataforma de seis degraus. Tinha em sua cabeça uma grande coroa de ouro e prata. Uma de suas mãos apoiava uma cruz de prata (...). À sua direita, um pajem apoiava uma cruz de prata bordada em forma de pétalas (...)*

*O Preste João usava um belo vestido de seda com bordados de ouro e prata e uma camisa de seda com mangas largas. Era uma bela vestimenta, semelhante a uma batina de um bispo, e ia de seus joelhos até o chão (...)*

*No início desse século, missionários portugueses na Etiópia encontraram antigas espadas e bandeiras cristãs transmitidas de geração em geração, acompanhadas da lenda de terem um dia pertencido a um monarca cristão de aparência divina. Em 1935 o imperador Hailé Selassié que, tal como os seus antecessores usava o título de Leão de Judá, encabeçou a resistência etíope contra os invasores italianos de Mussolini, tendo sido reinstalado no trono com o auxílio britânico. No seu reinado a Etiópia afirmou-se, nas décadas de 50 e 60, como um dos principais estados neutrais africanos. No entanto, devido aos problemas sociais do seu país, aos quais não conseguiu dar resposta, foi deposto por um golpe militar em 1974. Em 1975 morria o último descendente do Prestes João. A crença que considerava aquele imperador uma espécie de messias deu origem ao movimento pan-africanista rastafári (derivado do título Ras Tafari Makonnen atribuído em 1916 a Hailé Selassié). Influenciou muitos africanos e jamaicanos de raça negra (o cantor Bob Marley foi um exemplo marcante), tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos. Talvez não seja descabido afirmar que muitos dos que lerem este artigo terão, de certo modo, sofrido algumas remotas influências do mítico rei-presbítero.*

Em resumo, pode-se afirmar que o mito do Prestes João surgiu em resposta à desesperada necessidade de uma Europa cercada pelas forças do islão encontrar um aliado que pudesse afrouxar a pressão. Esse aliado foi procurado e, de certo modo, encontrado nos vários grupos cristãos primitivos do Oriente isolados do mundo ocidental pelo "império" muçulmano. Esses grupos, por sua vez, deram origem a diferentes localizações do reino do Prestes, a que não foi alheio o contexto histórico de cada momento. Na altura das Cruzadas, por exemplo, predominou a tendência para localizar o mítico reino na Ásia, enquanto durante a época das Descobertas se tornou mais conveniente a localização em África. Mas, tendo sido real ou um mero produto da imaginação medieval, o rei-sacerdote acabou por ser um verdadeiro aliado da cristandade, pois a busca do seu reino foi, sem dúvida, um incentivo e um catalisador da expansão europeia para Oriente.

### 39. PORTUGUESES NA BIRMÂNIA

Em setembro de 1973 a caminho de Dili, Timor, JC rumara a Bangucoque, de ar irrespirável com mais de 40 °C e humidade nos 95%. Na pista ruminavam búfalos de água que era preciso afugentar à chegada de cada avião. Naqueles tempos, a capital da Tailândia, antigo reino do Sião era ainda uma pacata urbe que não sofria das massas de turistas nem de grandes confrontos. Sobre ela escrevera

#### NO REINO DO SIÃO

*é já dia  
os arrozais me espreitam  
verde o país  
castanho é bangucoque  
em plena pista búfalos pachorrentos  
a banhos de lama  
camponeses debruçados  
nos pântanos colhem o arroz  
pequenas árvores dividem o asfalto  
chove lá fora  
sob 42º C de sol  
lufadas de calor húmido nos penetram  
densa respiração no ar por condicionar  
lentas formalidades num inglês arrevesado  
a vida possui aqui uma lenta ritmia  
todo o tempo nos espera  
nas autoestradas camionetas com jovens  
patrulhas militares  
todos os veículos se cruzam dos lados todos  
coloridos templos incrustados de pedrarias  
ouro maciço de budas  
descalços com cintos sagrados  
nos embasbacámos  
este o país do mistério  
igrejas e fortes portuguesas  
memórias de tratados reais siameses e lusitanos  
o mercado flutuante é uma cidade imensa*

*longos canais pútridos nesta veneza oriental  
sente-se o aroma do dólar nas ruas  
por entre golpes de estado adiados  
a cem quilómetros se combate  
é o apelo do futuro  
os thais são simpáticos e ardilosos  
milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus  
os preços função da nacionalidade  
no faustoso erawan hotel  
o luxo grandiloquente oriental  
a sofisticada comodidade do ocidente  
uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos  
para lá das faces mudas  
se encerra  
o mistério  
o convite  
voltarei  
um dia.*

Ali ao lado ficava a Birmânia, hoje Myanmar, onde os Portugueses também andaram, embora poucos o saibam hoje.

Fernão Mendes Pinto voltou para Malaca, onde estava o seu capitão, e ao seu serviço começou uma nova aventura. Tantos caminhos fez, tantas guerras viu e tantos países visitou, que é impossível contá-los. Fora enviado à cidade do Martavão no golfo de Bengala onde foi aprisionado e feito escravo com os companheiros por um general do rei da Birmânia. Subindo o Ganges e o Bramaputra acompanharam este general até à capital do Calaminhão (Tibete?), observando as suas extraordinárias práticas religiosas. Sucedem-se batalhas, cercos, marchas de exércitos em que os soldados se contam às centenas de milhar. Há revoltas, traições, suplícios no país devastado pela Guerra. Um dia, na confusão da batalha, os Portugueses escapam-se. Descendo numa jangada os rios que correm para o golfo de Bengala, encontraram transporte para Goa. As armas, as especiarias, a cruz e o amor são fatores importantes para a fixação do homem luso no Oriente. Assimilou-se a outras etnias com facilidade. Não abandonou os filhos que as mulheres lhe deram, casaram sob os preceitos da Igreja Católica. Formaram comunidades lusodescendentes, que ainda estão vivas, em Malaca e Singapura. Adaptaram-se ao meio que os acolheu. Foram amados pela magia da submissa mulher oriental.

*Fernão Mendes Pinto, regressou a Portugal, pobre como um Job e apelidado de mentiroso. Quando se sentia apouquetado pela nostalgia do Oriente, quase no fim da vida,*

*sentava-se na margem do Tejo. Esperava as caravelas, de velas desfraldadas ao vento, com a Cruz de Cristo, para que as tripulações lhe transmitissem coisas do Oriente. Foi acusado de "aldrabão" e acossado pela censura demolidora da Santa Inquisição, mas reportou a realidade do Oriente como nenhum português até hoje, na sua Obra, em dois volumes "A Peregrinação".*

*Os portugueses no Sudeste Asiático, são humildes, ordeiros, fiéis aos Reis que servem, como soldados mercenários do Sião ou do Pegú (Birmânia), lutaram em campos adversos, embrenhados na poeira provocada pelas bestas de guerra dos elefantes. Os gemidos dos portugueses, feridos na peleja, encontraram o apoio moral e espiritual do irmão, inimigo, no campo de batalha em Lampang. Passados 450 anos da coragem dos soldados portugueses, o feito ainda se encontra na memória dos locais. A seiscentos quilómetros de Bangucoque, os canhões portugueses, estão expostos num jardim público na cidade de Lampang, no templo Budista, "Prakaew Dao Tao". No museu, estão duas armas ligeiras. O templo foi murado e no cimo foram montadas as tradicionais ameias portuguesas que trazidas para o Bangucoque moderno, foram imortalizadas no Grand Palace e na Montanha Dourada. (in Monumentos de Portugal na Tailândia, José Gomes Martins)*

*Das colonizações britânica e holandesa nasceram Estados, mas da portuguesa nasceram comunidades de afeto. Praticamos o monopólio, tentando destruir a concorrência, mas contávamos com fidelidades regionais que extravasavam largamente o interesse diplomático, comercial e político da coroa. A língua portuguesa era língua franca, "portugueses" eram todos os que professassem a fé católica, amigos e aliados todos os que aceitassem, enriquecendo, um quinhão nessa comunidade continental de comércio, favores, acolhimento e proteção. As "lusotopias" não eram da Coroa, mas das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam, na unidade religiosa das igrejas e na entreatura das misericórdias. Estas lusotopias resistiram aos ventos e tempestades da história. Teimosamente, mantiveram a língua, os costumes, a memória da linhagem. Na Birmânia, no Sião, na Malásia, na Indonésia há populações que orgulhosamente afivelam o nome de Portugal. Os outros passaram. Nós ficámos lá, sem apoios e sem estímulo do Portugal distante, abúlico e "europeu", que regrediu para uma visão tardo-medieval da esfera de contactos internacionais: a Bruxelas, a costa da Guiné e pouco mais. Felizmente, a "Ásia Portuguesa" está para além das Portas do Cerco, do bazar de Díli e dos limites de Goa. Pede-se que os decisores de Lisboa abram os olhos e consigam tirar partido da imensa vantagem que foi, é e será, a grandeza em terras da Ásia.*

© Miguel Castelo Branco [http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses\\_oriental.php](http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses_oriental.php)

Miguel Castelo Branco, bolseiro na Tailândia, escrevia:

*O homem português na Ásia nunca esqueceu a pátria. Tomemos o exemplo de Venceslau Moraes, no seu exílio nipónico que tendo escrito e enviado dezenas de cartas e postais ilustrados à sua irmã Francisca Paul, para Nelas (Beira Alta), nunca lhe referiu a intenção de regressar a Portugal. A memória do Cônsul de Portugal em Kobe, no longínquo país do Sol Nascente, ficou nos anais das relações culturais entre Portugal e o Japão.*

Em 1511 a cidade de Malaca era um centro económico transbordante de riqueza do Sudeste Asiático.

O Sultão foi mandado para o exílio depois de Albuquerque a conquistar facilmente. O talentoso e ilustre diplomata, sonha com a fundação do vasto império português na Ásia. Conquista Ormuz, junto ao estreito que liga o Oceano Indico ao Golfo Pérsico (1507) e Goa em 1510. O Mar Vermelho, está na posse da navegação portuguesa com o controlo marítimo em direção ao Mediterrâneo. As embarcações do Império Otomano que transportavam a mercadoria de Malaca pelo Golfo Pérsico e Mar Vermelho, já não assustam Albuquerque. Pretende ir mais além: o senhorio absoluto do comércio da Costa do Coramandel na Baía de Bengala, Reino do Pegú (Birmânia), Malaca, Samatra e Sião. No pensamento do grande português, estavam outras terras no Sul dos mares da China estendendo-se até ao Japão.

Albuquerque não é só um guerreiro indomável, é um diplomata, negociador inteligente que prefere tratar dos assuntos pacificamente que servir-se das armas. Não pretende conquistar países, deseja apoderar-se dos grandes pontos estratégicos de permutas e comércio onde todos vivam na melhor das harmonias. Falta, para a concretização do seu objetivo - a administração do empório de Malaca.

*À península malaia chegam: têxteis da Índia, sedas e cerâmicas da China, cravo das Molucas, noz-moscada de Banda, papel de arroz de Samatra, cânfora do Brunei, madeira de Sândalo de Timor, pau-santo, benjoim, chifres de Rinoceronte, marfim, pérolas, carpetes, adagas, baticues de Java. Os mercadores árabes do Cairo, Meca, Adén, Ormuz e da África Oriental, chegavam a Malaca com embarcações carregadas de armas, tapeçarias, talheres de cobre, ópio, água de rosas e incenso. Corante azul da costa oriental da Índia (Coramandel). Juncos chineses aportavam a Malaca com seda em bruto para manufacturar vestidos brocados, drogas aromáticas, coralina e marfim. Do reino do Sião aportam, todos os anos, 30 barcos com carregamentos de laca, madeira de teca, pedras preciosas, roupas siamesas, pimenta, metais diversos que permutam por escravos ou por mercadorias que não produziam. Da Birmânia arroz, produtos agrícolas, rubis, estanho e prata. De Palembang (Samatra) escravos, ervas medicinais e produtos alimentares conservados. A presença portuguesa foi particularmente forte na região (sec. XVI e XVII*

*sobretudo em Pegú. Entre as grandes feitorias que os portugueses tiveram na região, destaca-se a de Serião (1599-1613). Muitas palavras birmanesas são de origem portuguesa: Lelain (Leilão); Tauliya (Toalha); Natatu (Natal); Balon (Bola, Balão); Waranta (Varanda). In Carlos Fontes <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexOP.html>*

Um interessante guia para a Birmânia, além do sempre útil *Lonely Planet* Myanmar/Burma (ed. 2005) e do *Guide du Routard*, foi o *Further India* de Hugh Clifford (ed. White Lotus Co., Bangkok 1990, 378 pp.).

Publicado pela primeira vez em 1904, o autor, acérrimo defensor do sistema colonial britânico, descreve de um modo isento para a época, a epopeia do desbravamento destes territórios pelos ocidentais, desde a chegada dos árabes aos primeiros conquistadores portugueses como Albuquerque e outros (the Filibusters).

Fala dos primeiros exploradores, nomes desconhecidos para a maioria dos portugueses, António de Faria, António de Miranda, Duarte Fernandes, Ruy de Araújo, Francisco Serrano, António de Abreu, Pedro Afonso de Loroso, e o conhecido Fernão Mendes Pinto, dos franceses Mouhot e Francis Garnier a quem se atribui erradamente a descoberta dos templos de Angkor Vat, dos holandeses e finalmente dos inúmeros ingleses. O termo flibusteiros aplicado aos primeiros exploradores portugueses, tem a sua razão de ser pelo facto de serem, de todos os povos que exploraram o sueste asiático, os únicos que construíram fortes, impuseram a sua religião, e comercializaram pela força.

Até à chegada dos portugueses, eram os árabes os únicos cuja influência se alastrava até ao oriente e nunca se imiscuíam na política local. O posterior sucesso dos holandeses e ingleses deveu-se ao facto de só quererem o comércio, nunca as terras nem as almas das gentes. A colonização veio depois. Essa perspectiva é nova, para os que nasceram e cresceram no mundo paroquial da epopeia quinhentista da História de Portugal de Adolfo Simões Mueller. Muitos sentem-se hoje afrontados ao lerem opiniões sobre Vasco da Gama diferentes das que o ensino da Ditadura inculcou nos jovens portugueses.

Como acontece com a Birmânia, também a religião predominante e o alfabeto tailandês (a religião é a mesma, os alfabetos são distintos, mas de inspiração comum) servem de prova da forte influência cultural indiana durante o primeiro milénio, embora os primeiros relatos históricos só comecem no séc. X.

*No ano de 849 os habitantes criaram um reino cuja capital era Pagan agora Bagan. Tal como os magiares na Hungria vão buscar as suas origens às estepes asiáticas, também o santuário dos Thais fica na China, na província de Iunão, de onde se deslocam para Sul*

*entre os séc. X e XII desalojando e pressionando o reino khmer para sudeste e para o atual Camboja. No séc. XIII surgem os primeiros principados. Em 1350 um príncipe que funda a capital central em Ayuthia acaba por ganhar a supremacia num território que, representa a Tailândia, na época Sião. Tornou-se um reino com elevado grau de sofisticação, como os portugueses descobriram quando se tornaram sua potência vizinha, ao conquistarem Malaca em 1511, altura em que o Sião esteve envolvido numa luta épica com os birmaneses.*

Do contacto ficou a norma, que perdurou por mais de 300 anos, da corte siamesa empregar o português como idioma diplomático, para desconcerto do embaixador norte-americano que ali apresentou credenciais no séc. XIX.

A infiltração europeia acabou por ser bloqueada com a expulsão dos comerciantes europeus da capital e do fecho das feitorias em 1688. Os conflitos entre Thais e birmaneses reacenderam-se no séc. XVIII, com vantagem para os segundos que conquistam e destroem a capital siamesa em 1767. Mas o Sião veio a recompor-se em 1782 com um general que se fez coroar (é o fundador da dinastia atual e de Banguecoque, a nova e atual capital da Tailândia, a pouca distância da anterior). Expulsos os birmaneses para Oeste e dada a fraqueza dos Khmers, o Sião descobriu um novo inimigo histórico nos vietnamitas com quem houve alguns choques durante a primeira metade do séc. XIX. No entanto a área de influência siamesa recuou substancialmente com a chegada dos franceses à Indochina (1859), com as fronteiras orientais a só ficarem definidas em 1910.

No tema da presença portuguesa. Jorge Morbey escreveu, em tempos, ao então Presidente Jorge Sampaio uma longa missiva da qual se extraem excertos:

*Como referiu o Arcebispo Emérito de Mandalay (Birmânia) U Than Aung, descendente de portugueses, onde a maioria do clero católico é de origem portuguesa com origem em Pegú (1600), quem nunca recebeu a mais ténue manifestação de solidariedade de Portugal nada tem a esperar.*

*Que poderão as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente esperar?*

*A incapacidade portuguesa nesta matéria tem sido uma evidência secular, filha da ignorância e do preconceito.*

*A pequena Cristandade Crioula Lusófona de Korlai [Chaul], na Índia, somente em 1982 seria revelada ao Mundo pelo etnólogo romeno Laurentiu Theban. O seu crioulo é designado por Kristi. A Cristandade Crioula Lusófona da Birmânia já não usa a língua crioula e perdeu os nomes e apelidos cristãos, apesar de permanecer fiel à religião católica.*

*As Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente mantidas na ignorância dos conflitos entre Portugal e a Santa Sé lutaram anos sem fim contra as novas autoridades eclesásticas por as considerarem estrangeiras. Clamaram sempre pelo envio de clero. De Portugal, de Goa*



*ou de Macau. Em vão. A transferência de domínios entre países europeus, de Portugal católico para a Holanda protestante, constituiu o pano de fundo em que emergiram as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente.*

*Com a substituição da dominação portuguesa, permanecendo nas terras que as viram nascer, deportadas para outras paragens, ou forçadas à emigração, essas comunidades mestiças talharam a sua identidade que perdurou até aos nossos dias, assente em dois pilares principais: a religião católica e a língua crioula. A religião fora trazida de Portugal ou através de Goa. Convertidos ou nascidos nela, com ela haveriam de morrer, geração após geração. A sua língua, o crioulo, era a língua portuguesa que lhe garantira o estatuto de língua franca no litoral da Ásia e da Oceânia, desde o séc. XVI até à sua substituição pelo inglês, no séc. XIX. Holandeses, ingleses, dinamarqueses e franceses não podiam prescindir de um “língua” [intérprete] a bordo para poderem comerciar nos portos do Oriente, na língua que as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente falavam e, muitas, ainda falam.*

*Tratados, entre países europeus e poderes locais, foram firmados nessa língua, por ser a única a que os europeus podiam recorrer para comunicar no Oriente. Ainda hoje, “Cristão” [Kristang] e “Português” [Portugis] são sinónimos.*

*A profanação e a destruição de igrejas e mosteiros, a expulsão dos padres, a proibição de atos de culto católico, as deportações maciças, a redução de muitos à condição de escravos, compeliram os membros dessas cristandades à clandestinidade e à emigração: Macau, Índia, Insulíndia, Sião e Indochina. Tais irmandades permaneceram até aos nossos dias e conservam determinadas prerrogativas que limitam a autoridade dos párocos.*

*Perdida a confiança que a Santa Sé depositara desde o séc. XV no Rei de Portugal, na sequência do corte de relações diplomáticas do Governo liberal em 1833 e a extinção das ordens religiosas por decreto de 31 de maio de 1834, o Padroado Português do Oriente sofreu um golpe mortal, na Índia, no Ceilão, no Sudeste Asiático, na China e na Oceânia.*

*Os missionários do Padroado não seriam substituídos apesar de o clero secular de Goa, numeroso e bem preparado, acorrer em seu socorro. A língua crioula falava-se nas Cristandades Crioulas da Tailândia (Ayuthia ou Ayutthaya) e, posteriormente, Bangucoque, até aos anos 50 do séc. XX, onde permanecem vocábulos correntes no relacionamento familiar e nas práticas da religião católica.*

*Na Indonésia, Java, Flores [Larantuka e Sikka], ilhas de Ternate e Tidore, em Bali, em Timor [Lifau e Bidau] e no Bangladesh [Chittagong e Dhaka] - até aos anos 20 do séc. XX era muito viva a presença da língua crioula nas Cristandades locais. Em Dacca existe vocabulário crioulo entre os católicos locais. © Jorge Morbey*

Por tudo o que atrás ficou dito recorde-se um grande universalista português. No último canto de “Os Lusíadas”, Vasco da Gama, o almirante herói, é recebido pela deusa Tétis na Ilha dos Amores. Lá, naquele espaço encantado, ela lhe descortinou a Máquina do Mundo, a visão

do Cosmo e dos continentes da terra recém-descoberta pelos lusos, cena que coloca o poeta português como quem por primeiro, no campo das letras europeias, percebeu os efeitos irreversíveis da globalização que então dava os seus primeiros passos.


*"Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
 Etérea elemental, que fabricada  
 Assim foi do Saber, alto e profundo,  
 Quem é sem princípio e mete limitada.  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo e superfície tão limada,  
 É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
 Que a tanto o engenho humano não se estende"*  
 (Canto X, 80)

É então que a deusa, abrindo os braços para enfatizar a amplitude, a magnitude do reino augusto, aponta ao Gama as mais diversas regiões do mundo.

Povoam-na "gente sem lei", a bruta multidão, "bando espesso e negro de estorninhos", do império do Benomotapa (Zimbabué) à Taprobana (Sri-Lanka). Todos à espera da chegada da cruz, desenhada na vela principal da nau dos argonautas lusitanos. Mostra-lhe o Mar Vermelho, o Monte Sinai, a secura dura e arenosa da Arábia, o Tigre, o Eufrates, o planalto dos cavaleiros da Pérsia, o estreito de Ormuz, o Sind, a terra dos Brâmanes onde S. Tomé tentara a conversão dos gentios, o Ganges e o Indo, a terra da Birmânia, o império do Sião, Sumatra, a ponta estreita de Singapura, o Camboja e o rio Mekong (no qual Camões naufragou, mas salvou os versos). Em seguida, margeando com os olhos a costa da Cochinchina (o Vietname), mostrou-lhe a China e mais longe o Japão, de onde vinha a maravilhosa seda e o ouro fino. De tudo se desprendia o aroma do cravo, da noz-moscada, do licor perfumado do benjoim, do coco do mar, do incenso, da mirra e do raro âmbar, de onde se extraem fragrâncias mil. Tétis, voltando-se para o outro lado da Terra, apontou-lhe as partes recentemente conquistadas pelos castelhanos, que lançaram o seu rude colar sobre as gentes cativas do Novo Mundo. Enquanto isso, da Terra de Santa Cruz, do litoral do Brasil, o braço lusitano já carregava o tronco vermelho, o Ibirapitanga dos nativos, para dele extrair as tintas para os panos. Reembarcados os portugueses, partindo da Ilha dos Amores, aos adeuses no convés, velas soltas ao vento em mar tranquilo, manso, carregados de refrescos e iguarias deliciosas, navegaram de volta à boca do Rio Tejo.

De agora em diante estavam todos convencidos de que os fados da Humanidade, desde que Vasco da Gama unira o Ocidente ao Oriente, não se prendiam mais a um só reino, a uma

só nação ou sequer a um só hemisfério. Somente gente surda e endurecida, fechada, teimosa, não reconheceria que, escancarado para sempre o Caminho das Índias, o mundo se globalizaria cada vez mais, tornando-se algo único, entrelaçado para sempre povos e continentes num destino em comum. Ainda hoje estou rodeado dessa gente surda e endurecida.





#### 40. Bibliografia

- Abade de Baçal. Alves, Francisco Manuel. *Enciclopédia "Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança" Tomo V Os Judeus*. Bragança, 1925
- Abrantes na Expansão Ultramarina - Subsídios Históricos (1415
- A Bíblia de Jerusalém. S. Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- Adamman of Bremen. "History of the Archbishops of Hamburg-Bremen", IV, 35- 38, trad. J. F. Tschan (New York: Columbia University Press, 1959).
- Andrade, António Júlio, e Guimarães, M.<sup>a</sup> Fernanda. "Carção capital do Marranismo" editados pela Associação Cultural dos Almoceves de Carção
- Aristóteles. "De mirabilibus auscultationes".
- Azevedo, P. A. "As Ilhas perdidas", *Arquivo Histórico Português*, II, 1904, pp. 53-62
- Azevedo, Pedro A. *Arquivo historico portuguez*, ed. d'Azevedo, Braamcamp Freire et al., 1, 1903
- AA VV, *Arquitetura Popular dos Açores, Ordem dos Arquitetos*, Lisboa, 2000
- Albuquerque, Luís de, *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Publicações Alfa, 1985.
- Arruda, Manuel Monteiro Velho "Ensaio Crítico", in *Coleção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1989, p. LXII.
- Australian Dictionary of National Biography*,
- Avelar, José Cândido da Silveira. *Ilha de S. Jorge (Açores): Apontamentos para a sua História* Minerva Insulana, Horta, 1902, pp. 430
- Azevedo, Pedro de, D. Afonso V e a Ordem de Torre e Espada, Separata do «Boletim de 2ª Classe da Academia das Ciências de Lisboa», vol. XII, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919
- Benedict, R. D. "The Hereford Map and the Legend of St. Brandan", *Bull. American Geographical Society*, vol. 24, 1892, pp. 321-365.
- Biblioteca Mitchell*, Sydney Austrália (mapas)
- Birdsell, Joseph B. *Local Group Composition Among the Australian Aborigines: Critique of the Evidence from Fieldwork Conducted Since 1930*. *Current Anthropology* April, 1970. Vol.11(2):115-142.
- Birdsell, Joseph B. *A Collaborative Genetical Survey of the Human Populations of the Pacific Area* Science 7 July 1950 112: 25-26 [DOI: 10.1126/science.112.2897.25]
- Bluteau, Rafael. *Vocabulário Portuguez e Latino*, vol. 1-4, Coimbra, Colégio das Artes, 1712-1713; vol. 5-8, Lisboa, Pascoal da Sylva, 1716-1721, Suplemento ao *Vocabulário Portuguez e Latino*, 2 vol., Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, 1727, *Patriarcal Officina da Musica*, 1728.
- Bernardo, Hermínio Augusto, "Povoados Castrejos Portugueses e Espanhóis da Bacia do Douro Internacional, 1989
- Birdsell, Joseph B. 1954, *M S Field Notes ( na posse de J. B. B.)*
- Blainey, Geoffrey. "A Land Half Won" Macmillan, South Melbourne, Vic. 1980
- Braga JR. Elói. "Introdução". In: MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*. Porto Alegre: L & PM, 1994.
- Brandenstein, Carl George von 1967 *A situação linguística na região de Pilbara - passada e presente*. *Pacific Linguistics*, Papers in AUSTRALIAN Linguistics #2, Série A, Occasional Papers #11, Camberra, páginas 1 a 20 a.
- Brandenstein, Carl Georg von, *Early history of Australia: the Portuguese colony in the Kimberley exploration - occupation - dissolution -vacation (1512?) - 1520's - 1580 - (1879) / by C.G. von Brandenstein*. Published Albany, W.A.: C.G. von Brandenstein, 1994.
- Brandenstein, Carl Georg von 1989 *Os primeiros Europeus a chegarem à costa ocidental da Austrália*, *Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau* #3, p 169 - 188,
- Brandenstein, Carl Georg Von. 1989 *The First Europeans on Australia's West Coast*, *Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau* #3, páginas 189 - 206.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1967d, *The language situation in the Pilbara - past and present*. *Papers in Australian linguistics* no. 2, *Pacific Linguistics*, A-11: 1-20.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1970e, *Portuguese Loan-Words in Aboriginal languages of North-Western Australia (a problem of Indo-European and Finno-Ugrian comparative linguistics)*. Laycock, D.C. and S.A. Wurm eds, *Pacific linguistic studies in honour of Arthur Capell*. 617-650. Canberra: *Pacific Linguistics*.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1970f, *Some new aspects of Australian Aboriginal language*. *Linguistic trends in Australia*. Wurm, S.A. and D.C. Laycock, eds. *Linguistic trends in Australia* 75-95. Canberra: AIAS.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1973a, *Place names of the north-west*. *WA Naturalist*. 12,5:97-107.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1982, *The secret respect language of the Pilbara*. *Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft* 50:33-52.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1990, *The First Europeans on Australia's West Coast*. *Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau* 3:195-206.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1990, *Os primeiros europeus a chegar à costa ocidental da Australia*. *Boletim do Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau* 3:171-188
- Brandenstein, Carl Georg von, 1968, *Some new aspects of Australian Aboriginal language based on fieldwork in north-west Western Australia, 1964-67*, Paper read at the General Meeting of the Australian Institute of Aboriginal Studies (1968). Typescript.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1969, *The diaries of C. G. von Brandenstein, 1964-1969*. Manuscrito.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1972f, *The Kurruwa balls of Depuch Island: a preliminary report to the Western Australian Museum*. Manuscrito.
- Brandenstein, Carl Georg von, 1989, *The first Europeans on Australia's West Coast*. Datilografado
- Brandenstein, Carl Georg von, 1994, *Early history of Australia: the Portuguese colony in the Kimberley: exploration - occupation - dissolution - vacation*. Datilografado
- Brandenstein, Carl Georg von, n. d.c. [?1990] *The Yawuji-bara and Yawuji-Baia; Two intermarrying groups of an Afro-Australian Islander tribe*. Datilografado

- Bren, Frank. *The Bulletin*, Austrália, janeiro, 1988
- Cahen, Claude. *Oriente Y Occidente en tiempos de las cruzadas*. México: Breviarios, Fondo de Cultura Económica, 1989.
- Campos, Viriato. *Sobre o Descobrimento e Povoamento dos Açores*, Lisboa, Europress, 1983.
- Cardeal Saraiva. *Índice Cronológico das Navegações, etc.* Lisboa. 1841.
- Carta do Prestes João das Índias. *Versões Medievais Latinas* (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- Carsten Wilke *História dos Judeus Portugueses*, Lisboa: Edições Dom Quixote 2009, pp. 60/61
- Centro de Estudos de História do Atlântico. *Guia para a história e investigação das ilhas atlânticas*, Funchal,
- Chrystello, J. Chrys. *Cancioneiro Transmontano 2005*, ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança. 2005
- Chrystello, J. Chrys. *Crónicas Austrais 1977-1997*. Edição eBooks Brasil 2002
- Chrystello, J. Chrys. *Crónica do Quotidiano Inútil*. Ed. Autor, 1972
- Chrystello, J. Chrys. *Timor-Leste, o dossier secreto, 1973-1975*, ed. Contemporânea, Porto 1999 e eBooks Brasil 2000
- Chrystello, J. Chrys *Timor-Leste, historiografia de um repórter*, ed. Colóquios da Lusofonia 2005, CD livro.
- Clauss, R. "Kante das Alternum die Azoren?" in *Petermanns Mitteilungen*, 1962, pp. 43-5
- Clifford, Hugh. *Further India*. Edição White Lotus Co., Bangkok 1990, 378 páginas
- Coate, H. H. J., *The Rai and the Third Eye - north west Australian beliefs*, publicado em 1966, *Oceania*, 37,2:93 - 123, dorge páginas 103 - 104 texto 1.328 sq.
- Coate, H. H. J. & Lynette Oates. *A Grammar of Ngarinjin: Western Australia*. *American Anthropologist* December 1971, Vol. 73, No. 6, pp. 1387-1388
- Colbatch, *The Bulletin*, Austrália, novembro, 1987
- Collingridge, George. C. "The Discovery of Austrália", Sydney, 1895, 1906, *manuscritos da Coleção Dixon*, Biblioteca Mitchell, Sydney, NSW (MS Q243).
- Cook, Cap. James "Journal of the Voyages of the Endeavour", editado por W.J.L. Wharton, Londres, 1893, editado por J.C. Beaglehole (4 vols.), Londres, 1955.
- Cordeiro, Hélio Daniel. *Os primeiros judeus em Portugal: de Jachia ibn Jaisch a Isaac Abravanel publicado na Revista Judaica*
- Cordeiro, P. António. *História Insulana*, Lisboa, 1717.
- Cortesão, Jaime. "Os Descobrimientos Portugueses", Lisboa, 1934.
- Coutinho, Gago. "Descoberta dos Açores", *Seara Nova* (Lisboa), XI (1930), p. 258-71, com mapa;
- Cruzeiro, Maria Manuela e Boaventura Santos. "Melo Antunes o Sonhador Pragmático", ed. Afrontamento. Porto 1997.
- Da Silva Ribeiro, Luís. *Formação histórica do povo dos Açores*, in *Açoriana*, Angra, 1941.
- D'Avezac. "Iles de l'Afrique", p. 28 cita um documento geográfico de 1455 com a inscrição: "Esta ilha é chamada de Antília. Platão assegura que esta ilha era quase tão grande como a África, e diz que neste mar se deram grandes movimentos de correntes sobre esta ilha de areia, de modo que as areias desta ilha desapareceram quase todas pela vontade de Deus, e este mar se chamou de "mer de Batture".
- De Barros, J. "Ásia". *Décadas da Ásia - I, II, III e IV* (1552, 1553, 1563, 1615)
- De Castaneda, Pedro. *Coleção Ternaux-Compans*. vol. X, p. 256- 284. (p. 1-255) "Viagem a Cibola" de 1510.
- De Freitas, Jordão. *As Ilhas do Arquipélago dos Açores na História da Expansão Portuguesa*, Lisboa.
- De la Roncière. Ch. "Découverte de l'Afrique au moyen age", II, 1-2
- Derriman, Philip 1990 *Why Western Australia's Aborigines are speaking Portuguese*, *Jornal Sydney Morning Herald*, 30 julho 1990.
- de Sá, Aires. *Frei Gonçalo Velho*, Lisboa (2 vols).
- de Sá, Daniel. *Santa Maria, Ilha-Mãe, Ponta Delgada*, ed. VerAçor, 2007
- de Sá, Daniel. *O Pastor das Casa Mortas, Ponta Delgada*, ed. VerAçor, 2007
- de Sá, Daniel. *Crónica do despovoamento das Ilhas*. Lisboa: Salamandra, 1995.
- de Sá, Daniel. *Ilha grande fechada*. Lisboa: Salamandra, 1992.
- de Sousa, Miguel. "As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas", *SporPresss*, 2001
- Dicionário de História de Portugal - Direção de Joel Serrão.*
- do Canto, Ernesto, *Biblioteca Açoriana*, Pta. Delgada, 1890.
- Duarte, Teófilo. *Coleção Fórum "Ocupação e Colonização Branca de Timor"* da autoria de Teófilo Duarte, ex-governador de Cabo Verde e de Timor, *Vogal do Conselho do Império Colonial*, da Editora Educação Nacional Lda *Estudos Coloniais* nº 2. 1944.
- Duffy, Eamon. *Santos & Pecadores. História dos Papas*. S. Paulo: Cosac & Naif, 1998.
- Durkheim, Emile. *As Formas elementares da Vida Religiosa*. S. Paulo: ed. Paulinas, 1989.
- Faria e Sousa, Manuel. *Epítome das histórias portuguesas* Madrid, 1628, 2 tomos (Lisboa, 1663; Bruxelas, 1677).
- Faria e Sousa, Manuel. *Historia del Reyno de Portugal*. Bruxelas 1730.
- Faria y Sousa, E. de - *Ásia Portuguesa*, Porto, 1590-1607, traduzido para Inglês por J. Stevens, 1694, Londres.
- Farinha, João Carlos. *Henriques, Pedro Castro. Neves, Renato. Paisagens e Habitats de Portugal*. Editora: Assírio & Alvim, 2000
- Fernandes, José Manuel, "Arquitetura e Urbanismo no Espaço Ultramarino Português", in *História da Expansão Portuguesa*, dir. Francisco Bettencourt e Kirti Chauduri, *Círculo de Leitores*, Lisboa, 1997, vol. 5, pp. 334-383
- Fernandes, José Manuel, *Cidades e Casas da Macaronésia*, FAUP, Porto, 1996
- Fernandez-Armesto, Felipe 1991, *Atlas of World Exploration*, *The Times*, *Times Books*, p 146 (Sobre as atividades de Rodrigues). [C:\Documents and Settings\Owner\My Documents\Literary\Books\autobio novo livro açores\backup copy.doc - ftntref28# ftntref28.\[N. do T.: 1520\]](C:\Documents and Settings\Owner\My Documents\Literary\Books\autobio novo livro açores\backup copy.doc - ftntref28# ftntref28.[N. do T.: 1520])

- Fernandez de Oviedo G., "Historia general y natural de las Indias", Sevilha, 1535. ed. da Biblioteca de Autores Espanhóis, 1959
- Ferreira, Adriano, *Era uma Vez...* Santa Maria, Câmara Municipal de Vila do Porto, 1996
- Ferreira Drumond, F. *Anais da Ilha Terceira, Angra (4 vols.)*.
- Ferreira de Serpa, A.. *O Descobrimento dos Açores*, Porto, 1925.
- Figueiredo, Jaime de, *Ilha de Gonçalo Velho, C. de Oliveira Lda, Lisboa, 1954*
- Franco JR., Hilário. *As utopias medievais*. S. Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- Franco JR., Hilário. *A construção de uma utopia: o império de Prestes João. Conferência proferida em 12-10-94 durante o I Simpósio Internacional de História Antiga e Medieval e VI Simpósio de História Antiga, 10 a 14 de outubro de 1994, Porto Alegre (notas pessoais)*.
- Frutuoso, Gaspar; *Saudades da Terra, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-1987, 6 livros e 8 volumes*
- Gabrieli, Francesco. *Arab historians of the crusades*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984.
- Galvano, Antonio. "The Discoveries of the World from Their First Original unto the Year of Our Lord 1555", *Hakluyst Soc. Publs. 1<sup>st</sup> series, vol. 30, Londres, 1862*.
- Góis, Damião de, 1502-1574. *Crónica de Dom Manuel*. - Lisboa: Off. de Miguel Manescal da Costa, 1749
- Gomes de Brito, Bernardo. "História Trágico Marítima", Lisboa, 1735-1732
- Grande Dicionário da Língua Portuguesa. ed. Porto Editora
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Lda.
- Henty, Carol. *The Bulletin, Austrália, dezembro, 1987*
- Hennessy, Glenn; Salisbury, T.; Gresser, P. J. "Windradin of the WIRADJURI", 1971
- Hinchberger, Bill e Rose Brasil "A Estrada Real, Minas Gerais" ed. ABRIL
- História e Antologia da Literatura Portuguesa - Século XVI - Literatura de Viagens - II" - Fundação Calouste Gulbenkian, Boletim nº 23, dezembro de 2002 - a partir de "Tratado das Coisas da China", Intro., modernização do texto e notas de Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Edições Cotovia, 1997
- Horn. "De originibus americanis", p. 7 "Anno MCCCXLVII Portugallus quidam navigans extra fretum heracleum adversis ventis in remotam insulam occidentem versus abreptus fuit, et in ea invenit septem civitates, quae Portugallorum lingua loquebantur, et interrogabant an Mauri adhuc vexarent Hispaniam, unde amisso Roderico fugati sint
- Humboldt, Alexander von, "Examen critique de l'histoire de la geographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux quinziesme et seiziesme siècles", 5 vols. Paris, 1836-39, vol. 2
- Isidoro de Sevilha. "Etymologiae", XIV, 6, iii, ed. Cora E. Lutz (Cambridge: Clarendon Press, 1911).
- Ki-Zerbo, Joseph. *História da África Negra I*. Viseu: Publicações Europa-América, s/d.
- Kolig, E. 1987, *The Noonkanbah Story*, University of Otago Press, Dunedin, Nova Zelândia
- Las Casas, "Historia de las Indias" lib. i, cap. 13; ed. 1927, I, 70. Ferdinand Colombo segue-o quase exatamente na sua "Historie della vita e dei fatti di Cristoforo Colombo", Cap., ix (pp. 34-35 ed. de Londres, 1867). Ambos os autores atribuem a origem das suas informações ao "Libros de memórias" do almirante, que, infelizmente, se perderam.
- Leiria, Mário Henrique., *Novos Contos do Gin*. ed. Estampa 1973
- Lewis, Bernard. *Os Árabes na História*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.
- Lisboa, Luís João, "Açores", in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 12-15.
- LOBO, António Costa, 1840-1913, *História da sociedade em Portugal no século XV*. Lisboa: Cooperativa Editora, 1979. - 807 p.; 21 cm. - (Clássicos da historiografia portuguesa. Estudos). - Edição Fac-Simile da edição de Lisboa, pela Imprensa Nacional em 1903
- LOBO, Manuel da Costa, *Subsídios para a história de Luanda / Manuel da Costa Lobo*. Lisboa: Edição de Autor, 1967. - 264 p. : Il. ; 22 cm
- Loy, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- Lopes, Edmundo Correia "A Escravatura - Subsídios para a Sua História", Lisboa, Agencia Geral das Colónias, 1944. pp. 208.
- Love, James Robert Beattie. 1936, *Stone Age Bushmen of Today: Life and Adventure among a Tribe of Savages in North Western Austrália*, Blakie, Londres. [curiosamente não citado por Norman B. Tindale em *Tribos Aborígenes da Austrália*, 1974].
- Love, James Robert Beattie. *The grammatical structure of the Worora language of north-western Austrália / J.R.B. Love; edited by R.M.W. Dixon by Love, J. R. B. (James Robert Beattie Published Munchen: Lincom Europa, 2000*
- Love, J. R. B. (James Robert Beattie) *Notes on the Worrora tribe of north-western Austrália Published [1917?]*
- Machado, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. ed. Livros do Horizonte 2003.
- Mackness, George. *Admiral Arthur Phillip, Founder of New South Wales, 1738-1814*. Sydney, Angus and Robertson, 1937
- Major, Henry. *Vida do Infante D. Henrique*, Lisboa, 1876.
- Marchant, Leslie. "France Australe" Artlook Books, Perth, 1982
- Marques, Oliveira, "A Restauração e suas Consequências", in *História de Portugal*, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Ed. Presença, 1998, pp. 176-201).
- Martin, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil - ed. Universitária da UFPE*
- McGregor, W. "Handbook of Kimberley Languages 1988
- McIntyre, Kenneth Gordon. "The Rebello Transcripts, Governor Phillip's Portuguese Prelude" ed. Souvenir Press Ltd, Adelaide, South Austrália,
- McIntyre, Kenneth Gordon. *A Descoberta Secreta da Austrália*. Ed Souvenir Press Ltd Adelaide, South Austrália, 1977
- McIntyre Kenneth Gordon, O.B.E., M.A., LL.B. (Melbourne), Comendador da Ordem do Infante, "The Secret Discovery of Austrália", Souvenir Press, South Austrália, 1977, "Portuguese Discoverers on the Australian Coast", *Victorian Historical Magazine*, Vol. XLV, #4, Melbourne 1974.

- Mees, Jules. "Histoire de la découverte de Iles Açores", Ghent, 1901, mapa desdobrável e tábua de nomes no Apêndice X
- Meier, John P. Um judeu marginal – repensando o JESUS histórico. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.
- Miller, Maynard M. "Floating Islands". "Natural History", LXV (1956), 233-39; 274-76.
- Mollat, Michel. Los Exploradores del siglo XIII al XVI – primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- Monteiro, Jacinto, "Descobrimientos das Flores e Corvo", in Os Açores e as dinâmicas do Atlântico - do Descobrimento à II Guerra Mundial, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1989
- Monteiro Velho Arruda, Manuel. Coleção de Documentos Relativos ao Descobrimento e Povoamento dos Açores, Ponta Delgada, 1932.
- Monterey, Guido de, Santa Maria e S. Miguel. As Duas Ilhas do Oriente, ed. Autor, Porto, 1981
- Mora, José Ferrater. Dicionário de Filosofia. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- Moreira da Silva, Armindo de Melo, Ribeira Grande De ontem até hoje vol. 1, 2000, Ponta Delgada
- Morris, Desmond. A natureza da felicidade, ed. Sinais de Fogo Publicações, 2007
- Moura, Mário. "Andanças dos irmãos Arruda", Edições Macaronésia, Ponta Delgada 2006
- Navarro, L. F. "Nuevas consideraciones sobre el problema de la Atlantis", Madrid, 1917, pp. 6 e 15.
- Nemésio, Vitorino "O Açoriano e os Açores", Sob os Signos de Agora, Coimbra, 1932
- Nordenskiöld, A. E. "Periplus: An Essay on the Early History of Charts and Sailing Directions, transl. by F. A. Bather, Stockholm, 1897, p. 88.
- Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição
- Oates, W. J. & Lynette F. Oates 1970
- Oliveira Marques, A. H. de "A Restauração e suas Consequências", in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Editorial Presença, 1998.
- 
- Ortelius A., "Africae Tabula Nova", in "Theatrum Orbis Terrarum", Anversa, 1570, fol. 4.
- O'Connor, Sue. 30,000 Years of Aboriginal Occupation in the Kimberley, Northwest Austrália. Terra Australis 14, Archaeology and Natural History and Centre for Archaeological Research Publications, Research School of Pacific and Asian Studies, The Australian National University, 1999.
- Orwell, George. O Triunfo dos Porcos) - Animal Farm (1945), ed. Ulisseia, ed. Circulo de Leitores
- Orwell, George. 1984 (Mil Novecentos e Oitenta e Quatro) - Nineteen Eighty-Four (1949) ed. Moraes, ed. Ulisseia.
- Osbiston, Robert. Jornal Sydney Morning Herald, 19 NOV.º 1988
- Peres, Damião. História dos Descobrimentos Portugueses, P. Delgada, 1890.
- Perry, T. M. & Westall, William (1781 - 1850)', Australian Dictionary of Biography, Volume 2, Melbourne University Press, 1967
- Phillip, Hans. "Die Khartager auf den Azoren", in Petermanns Mitteiluges, 1954, pp. 189-193, mapa de Pizzigano e nova luz sobre a origem da lenda do cavaleiro de bronze
- Phillip, Hans. "Das Gift der Kirke", in Gymnasium, 1959, pp. 509-16;
- Planisfério de Henrique II (Atlas Jomard) e a Carta de Mercator de 1569.
- Plutarco: "De facie in orbe lunae", 26.
- Podolin, Johann Frans Göteborgske Wetenskap og Witterhets Samlingar (1778, vol. I, p. 106 ", publicado, em versão alemã, por Henning que apenas o tinha conseguido em fotocópia, juntamente com a tábua original reproduzindo as nove peças oferecidas ao suíço pelo Padre Florez. Sobre a questão dos Açores, além dos dois artigos numismáticos citados por Desanges, vejam-se R. Clauss, "Kante das Alternum die Azoren?", in Petermanns Mitteilungen, 1962, pp. 43-5,
- Polo, Marco. O Livro das Maravilhas. A Descrição do Mundo. Porto Alegre: L & PM, 1994. ISBN: 85-254-0017-3
- Ramos, Manuel João. Carta do Prestes João das Índias. Versões Medievais Latinas, ed. Assírio e Alvim 1998
- Reader's Digest 1988, Illustrated History of South Africa - The real story. About the Malays p. 50
- Rebello, João Correia. Um Arquiteto Moderno nos Açores, coord. João Vieira Caldas, Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2002
- Reinhardt, Dennis. The Bulletin, Austrália, novembro, 1985
- Richardson, W. A. R., "Camões, Vasco da Gama, Portugal & Austrália", Flinders University of South Austrália, 1981
- Rodrigues, Francisco. Carção, suas gentes, usos e tradições, ed. CM Vimioso Abril 2001
- Royal Australian Historic Society (arquivos vários)
- Runciman, Steven. Historia de las Cruzadas II. Madrid: Alianza Universidad, 1973.
- Ryder, Bernard C. 1936, A vida selvagem no extremo noroeste (Wild Life in the far North West), Walkabout, janeiro 1, p. 32/3
- São Brandão, dois manuscritos básicos na "Vita Brendani" e a "Navigatio Brendani".
- SAO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, A herança genética de D. Afonso Henriques Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e Historia da Família da Universidade Moderna, 2002
- Saramago, José. Viagem a Portugal, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1984
- Serpa, Caetano Valadão. A Gente dos Açores. Edição Prelo Editora de julho/agosto 1978
- Shaw, A. G. I. The Story of Austrália ed. Faber & Faber
- Simpson, J. H. Coleção Ternaux-Compans. Tomo IX, p. 349-363 - "Coronado's march in search of the Seven cities of Cibola, and discussion of their probable location." (Smithsonian Institution, 1869, p. 209-340. Vivien de Saint-Martin. "Annee géographique", 1872, p. 239.)
- Soares, Dr. João Teixeira, Jorgense, n.º 6, de 1 de maio de 1871, Archivo dos Açores, vol. V, páginas 437 a 441
- Sousa, João Soares de Albergaria de. Corographia Açorica, página 94
- Spate, O. H. K. "Terra Australis - cognita?", Melbourne 1957
- Stackhouse, John. The Bulletin, Austrália, julho, 1984
- Steiner, George. "Os livros que não escrevi". ed. Gradiva, 2008



- Stokes, Whitley, *Voyage of Maeldun*, XXIX, ed. e trad. Whitley Stokes, in "Revue Celtique", X (1889), 50-95.
- Stokes, Whitley, "Voyage of the Hui Corra", XLVII, ed. e trad. Whitley Stokes, in "Revue Celtique", IX, (1888), 14-25.
- Sylvan, Fernando. In *Cancioneiro Maubere (Hananuknanoik Maubere)*, publicado pela Fundação Austronésia Borja da Costa, Lisboa, 1988.
- Tabucchi, António. *Mulher de Porto Pim e outras histórias*, 1983
- Tavares, Maria José Pimenta Ferro Tavares, "Os Judeus em Portugal no Século XV"
- Taylor, B. *El Libro del conocimiento de todos los reinos (The Book of Knowledge of All Kingdoms)*. The Modern Language Review, Volume 96, Number 3, 1 July 2001, pp. 855-856(2) Modern Humanities Research Association
- The Aborigines of New South Wales", Parks and Wildlife vol. 2, #5, textos de Christine Haigh.
- Thevet. "Cosmographie universelle". 2 vols. Paris, 1575, Volume 2
- Tindale, Norman B. *Aboriginal Tribes of Austrália*, University of California Press, p 153 p 241 Djauí. 242, 268. 1974
- Tindale, Norman B. 'Aboriginal Tribes of Australia', ed. Universidade de Berkeley, L.A., Califórnia;
- Tindale, Norman B. - A South Australian looks at some beginnings of archaeological research in Austrália, vol. 6,
- Tinhorão, José Ramos. *Os Negros em Portugal - Uma presença silenciosa (1.ª edição, 1997) Universitária, n.º 31, Editora Caminho, Lisboa 1988*
- Urry, James e Walsh, Michael 1981, (The lost Macassar language of Northern Austrália, *Aboriginal History (História Aborígene)* vol. 5, 1-2:91-108.
- Valadão Serpa, Caetano. *A Gente dos Açores. Edição Prelo Editora de julho/agosto 1978*
- Velho Arruda. p. 42 ff. (re-edição de Frutuoso, "Saudades da Terra").
- Vasconcelos, Jorge Gamboa El-Rei D. Manuel I e as largas perspectivas urbanas que o seu foral de 1507 abriu à nova cidade da Ribeira Grande. Ponta Delgada, "Insulana", 1984.
- Wallace, Colin. "The Lost Austrália of François Peron" Nottingham Court Press. 1984, First Edition
- Ward, Russell. *Austrália Since the Coming of Man* Lansdowne Press, Sydney 1982
- Westropp, T. J. "Brazil and the Legendary Islands of the North Atlantic; Their History and Fable". Proc. Royal Irish Academy, vol. 30, Section C.
- Westropp, T. J.: "Brazil and the Legendary Islands of the North Atlantic", *Proceedings Royal Irish Academy, 3rd ser., XXX (1912)*,
- Wilken, Patrick. *Império à deriva* ed. Civilização
- Vygotsky, L.S. *A formação social da mente*. 4ª ed. S. Paulo: Martins Fontes, 1991a.
- Vygotsky, L.S. *Pensamento e linguagem*. 3ª ed. S. Paulo: Martins Fontes, 1991b

#### 41. Web bibliografia:

- [http://216.239.59.104/search?q=cache:BqyMUAXYIIQJ:gompt.com/doc/Prestes.pdf+A+queda+da+cidade+de+Edessa,+na+Palestina+\(1144\),+ap%C3%B3s+um+cercor&hl=pt-PT&ct=clnk&cd=13](http://216.239.59.104/search?q=cache:BqyMUAXYIIQJ:gompt.com/doc/Prestes.pdf+A+queda+da+cidade+de+Edessa,+na+Palestina+(1144),+ap%C3%B3s+um+cercor&hl=pt-PT&ct=clnk&cd=13)
- [http://acores.wikia.com/wiki/Vila\\_do\\_Corvo](http://acores.wikia.com/wiki/Vila_do_Corvo)
- <http://acoresdesonho.no.sapo.pt/S%20Miguel.htm>
- <http://aladehistoria.blogspot.com/2008/02/arquiologo-dos-aores.html>
- [http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada\\_07jun1957.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_07jun1957.htm)
- <http://aralfandega.googlepages.com/hist%C3%B3riadealf%C3%A2ndegadaf%C3%A9>
- <http://assisbrasil.org/acores.html>
- [http://blogs.3e.com.pt/resistir.php/2007/10/06/1h1ga\\_1o\\_republica\\_em\\_alfandega\\_da\\_fe\\_br\\_](http://blogs.3e.com.pt/resistir.php/2007/10/06/1h1ga_1o_republica_em_alfandega_da_fe_br_)
- [http://books.google.pt/books?id=YqI2AAAAMAAJ&pg=PP13&lpg=PP13&dq=Dami%C3%A3o+de+G%C3%B3is+Cr%C3%B3nica+do+Seren%C3%ADssimo+Pr%C3%ADncipe+Dom+Jo%C3%A3o+E2%80%9D&source=web&ots=TVYa5ORc9b&sig=WXkrp4YX8iz\\_8c5qSlwUp0LLnh4&hl=ptT&sa=X&oi=book\\_result&resnum=8&ct=result#PPP12,M1](http://books.google.pt/books?id=YqI2AAAAMAAJ&pg=PP13&lpg=PP13&dq=Dami%C3%A3o+de+G%C3%B3is+Cr%C3%B3nica+do+Seren%C3%ADssimo+Pr%C3%ADncipe+Dom+Jo%C3%A3o+E2%80%9D&source=web&ots=TVYa5ORc9b&sig=WXkrp4YX8iz_8c5qSlwUp0LLnh4&hl=ptT&sa=X&oi=book_result&resnum=8&ct=result#PPP12,M1)
- [http://bragancanet.pt/picote/portugues/imprensa/cp\\_sacra\\_azinhoso.htm](http://bragancanet.pt/picote/portugues/imprensa/cp_sacra_azinhoso.htm)
- [http://bragancanet.pt/picote/portugues/imprensa/2001-04/vn\\_carcao\\_gentes.htm](http://bragancanet.pt/picote/portugues/imprensa/2001-04/vn_carcao_gentes.htm)
- [http://bragancanet.pt/picote/portugues/imprensa/pub\\_feira\\_gorazes.htm](http://bragancanet.pt/picote/portugues/imprensa/pub_feira_gorazes.htm)
- <http://brasilavirtual.info/tudo-sobre/judeus-em-portugal/>
- [http://ceha-madeira.net/islas/html/body\\_descobrir.htm](http://ceha-madeira.net/islas/html/body_descobrir.htm)
- <http://ceha-madeira.net/guia/historiografia.html>
- <http://chagorreana.acores.com/>
- <http://cognosco.blogs.sapo.pt/arquivo/836383.html>
- <http://coisasdeabrantes.blogspot.com/2009/05/foral-da-ribeira-grande-acores-dado-em.html>
- <http://concelhos.dodouro.com/jornal/Alfandegadafe.asp>
- <http://concelhos.dodouro.com/jornal/mogadouro.asp>
- <http://duplipensar.net/george-orwell/1984-orwell-resumo.html>
- <http://eira.espigueiro.pt/gac-argoselo/>
- <http://en.wikipedia.org/wiki/Ramayana>
- <http://entramula.blogspot.com/2008/07/portas-do-mar.html>
- <http://forum.trasosmontes.com/viewtopic.php?p=4727&sid=10f11df6c4d3b207f5772c9a28f5697a>
- <http://fotoseimagens.blogs.sapo.pt/8535.html>
- <http://ideiaseideais.blogs.sapo.pt/144500.html>
- <http://ideiaseideais.blogs.sapo.pt/144500.html> )
- <http://instcultportugues.multiply.com/reviews/item/3>
- <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexOP.html>
- <http://members.tripod.com/s.joanico/historia.htm>
- <http://namibianotombua.multiply.com/journal/item/292/292>
- [http://olhares.aeiou.pt/camellia\\_sinensis\\_\\_\\_cha\\_dos\\_acores/foto2046050.html](http://olhares.aeiou.pt/camellia_sinensis___cha_dos_acores/foto2046050.html)
- <http://padremariodalixa.planetaclix.pt>

<http://paranoiasnfm.wordpress.com/2008/07/06/portas-do-mar-brutal/>  
<http://pedradascharco.blogspot.com/2005/11/as-portas-do-mar-ou-megalomania.html>  
<http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php?idconc=166&op=HI&gr=CO>  
<http://portugalweb.net/castelos/trasosmontes/PENAS.asp>  
<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Maida>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha\\_de\\_Santa\\_Maria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_Santa_Maria)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vulc%C3%A3o\\_da\\_Urzelina#cite\\_note-0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vulc%C3%A3o_da_Urzelina#cite_note-0)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha\\_do\\_Faial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_do_Faial)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Judeus\\_em\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Judeus_em_Portugal)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Caled%C3%B3nia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Caled%C3%B3nia)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Romance\\_de\\_Vila\\_Franca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Romance_de_Vila_Franca)  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Subvers%C3%A3o\\_de\\_Vila\\_Franca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Subvers%C3%A3o_de_Vila_Franca)  
<http://pwp.netcabo.pt/big-bang/jornaldogato/rainer.htm>  
<http://pwp.netcabo.pt/soveral/mas/judeusecristaosnovos.htm>  
<http://servicios.elcorreodigital.com/vizcaya/pg060514/prensa/noticias/Sociedad/200605/14/VIZ-SOC-046.html>  
[http://www.uaisites.adm.br/icias/forum\\_ver.php?CdNotici=13](http://www.uaisites.adm.br/icias/forum_ver.php?CdNotici=13)  
<http://wikimapia.org/1729444/es/graciosa>  
<http://ww1.ttp.pt/acoresh/index.php?article=3040&visual=3&layout=10&tm=7>  
<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/sre-drt/textolmagem/2FL.htm>  
[http://www.bibliotecapleyades.net/atlantida\\_mu/atlantida\\_ataw509.htm](http://www.bibliotecapleyades.net/atlantida_mu/atlantida_ataw509.htm)  
<http://www.cartacapital.com.br/app/coluna.jsp?a=2&a2=5&i=855>  
<http://www.cienciaviva.pt/projectos/pulsar/cha.asp>  
[http://www.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM\\_Paginald=12870](http://www.cm-braganca.pt/PageGen.aspx?WMCM_Paginald=12870)  
<http://www.cm-celoricodabeira.pt/concelho/freguesia01.asp>  
<http://www.cvarg.azores.gov.pt/Cvarg/CentroVulcanologia/noticias/NG2.htm>  
<http://www.duplispensar.net/george-orwell/1984-orwell-resumo.html>  
<http://www.eccn.edu.pt/ap/turismo/historia.htm>  
[http://www.encyclopedia.com.pt/readarticle.php?article\\_id=297](http://www.encyclopedia.com.pt/readarticle.php?article_id=297)  
<http://www.guardian.co.uk/world/2008/dec/07/genetics-conversion-catholicism-spain-religion>  
[http://www.horta.uac.pt/species/aves/procelariformes/Calonectris\\_diomedea/Cagarro.htm](http://www.horta.uac.pt/species/aves/procelariformes/Calonectris_diomedea/Cagarro.htm)  
<http://www.lusilinha.com/Lusilinha83.htm>  
<http://www.maplandia.com/portugal/acoresh/acoresh/ribeira-grande/lomba-da-maia/>  
[http://www.marinha.pt/extra/revista/ra\\_mar2000/pag6.html](http://www.marinha.pt/extra/revista/ra_mar2000/pag6.html)  
[http://www.minerva.uevora.pt/eschola/acoresh/calamidades\\_e.htm](http://www.minerva.uevora.pt/eschola/acoresh/calamidades_e.htm)  
<http://www.nuclio.pt/eclipse2005/local.php>  
<http://www.onpedia.com/encyclopedia/Alexander-von-Humboldt>  
<http://www.ricardocosta.com/textos/preste.htm>  
<http://www.rotas.xl.pt/0302/a03-00-00.shtml>  
<http://www.sacred-texts.com/at/ataw/ataw509.htm>  
<http://www.senhoradocaminho.org/BLOGS/tabid/59/EntryID/5/language/pt-PT/Default.aspx>  
<http://www.terrasdohomem.com/visualizar.php?id=3121&Cid=15&Sid=0>  
[http://www.villamaria.com.pt/ilha\\_de\\_sjorge2.htm](http://www.villamaria.com.pt/ilha_de_sjorge2.htm)  
[http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses\\_orientes.php](http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses_orientes.php)  
<http://www.portugal-linha.pt/20080307127/Jose-Gomes-Martins/menu-id-94.html>  
<http://www.portugal-linha.pt/legado/voriente/pinto.html>  
[http://www.jornalnordeste.com/index\\_access.asp?idEdicao=145&id=5558&idSeccao=1325&Action=noticia](http://www.jornalnordeste.com/index_access.asp?idEdicao=145&id=5558&idSeccao=1325&Action=noticia)  
<http://www.portugal-linha.pt/legado/voriente/index.html>  
[www.inag.pt/inag2004/port/a\\_intervencao/planeamento/pra/pdf/relat/2.pdf](http://www.inag.pt/inag2004/port/a_intervencao/planeamento/pra/pdf/relat/2.pdf)

## **Badana 2 biodados**

*Chrys acredita em multiculturalismo, e é um exemplo vivo do mesmo: Nasceu no seio duma família mesclada de Alemão, Galego pré-Português, Brasileiro, Português e marrano. Durante muitos anos na Austrália fez parte das instâncias oficiais que definiram a política multicultural daquele país.*

*Oficial Miliciano no Exército Colonial Português, foi enviado para Timor em 1973 regressando dois anos mais tarde antes da invasão indonésia. Editor-chefe do jornal local em Dili (A Voz de Timor) estava já embrenhado no jornalismo quando a Revolução dos Cravos destronou a ditadura velha de 48 anos. Publicou poesia no livro Crónicas do Quotidiano Inútil (vol. 1, 19721) e escreveu um Ensaio Político sobre Timor (1975), antes de ir desempenhar funções executivas como Economista, CEM - Cia de Eletricidade de Macau (1976). Radicarse-ia em Sydney (e Melbourne) como cidadão australiano.*

*Desde 1967 dedica-se ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa escrita). Correspondente Estrangeiro para as agências noticiosas portuguesas ANOP/NP/ LUSA, TVB (Hong Kong) e RTP, rádios portuguesas RDP, Rádio Comercial, ERM/TDM-RTP (Macau), Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro, sábado, Europeu e Público (foi um fundador). Foi publicado no The Journalist (Associação Australiana de Jornalistas e no The Maritime Union (australiano). Pesquisou e escreveu documentários para as televisões australianas (sobre Timor Leste). De 1976 a 1994, reportou sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo (incluindo a Austrália e Portugal) se recusava a ver essa saga.*

*Na Austrália trabalhou como Jornalista para o Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e para o Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários tendo sido Tradutor e Intérprete para o Ministério da Imigração e Ministério Estadual de Saúde de Nova Gales do Sul.*

*Interessou-se pela linguística ao ouvir mais de 30 dialetos (Timor) e divulgou a descoberta de vestígios da chegada dos Portugueses à Austrália (1521-1525, 250 anos antes do capitão Cook), e a existência de aborígenes falando Crioulo Português.*

*Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators and Interpreters) e Examinador da NAATI (National Authority for the Accreditation of Translators and Interpreters) de 1984 a 2003, Chrys lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes na UTS (Universidade de Tecnologia de Sydney).*

*Tradutor profissional e intérprete há três décadas, especializado em Medicina, Literatura, Linguística, Lei, Engenharia, Política e Relações Internacionais, publicou inúmeros trabalhos científicos e apresentou temas de*

*linguística em conferências na Austrália, Portugal, Espanha, Brasil e Canadá.*

*Durante mais de vinte anos, responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Intérpretes na Austrália (NAATI), foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS, sendo Mentor dos finalistas ACL (Association for Computational Linguistics, Information Tech. Research Institute) University of Brighton, Reino Unido e Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia na Finlândia.*

*Em 1999, editou o Ensaio Político "Timor Leste: o dossier secreto 1973-1975, esgotado ao fim de três dias. Em 2000 publicou (E-book) a monografia "Crónicas Austrais 1976-1996".*

*Em 2005 publicou (ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança) o "Cancioneiro Transmontano 2005", compilando em cerca de 300 páginas, contos, lendas, cantigas e cantilenas, loas, etc. da região. Editou em E-book DVD, o segundo volume da História de Timor "Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter" (mais de 2600 páginas edição de autor).*

*De 2007-2010, traduziu obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente de Daniel de Sá (Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas), "S. Miguel: A Ilha esculpida", "Ilha Terceira", Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dorés "Ilhas do Triângulo, coração dos Açores (numa viagem com Jacques Brel)".*

*Organiza desde 2001-2002 os Colóquios Anuais da Lusofonia (em Bragança,) que tiveram como patrono o Embaixador José Augusto Seabra e atualmente Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara. A partir de 2006 organizou os Encontros Açorianos da Lusofonia (Açores), mantendo interesse no ensino, multiculturalismo, Inglês e tradutologia.*

*O seu último livro foi lançado em março de 2009 com o título "CHRÓNICAÇORES: uma Circum-navegação" volume um (500 páginas) cronicando as suas viagens em volta do mundo e partilhando culturas.*

